

**DIA A DIA, BIT A BIT:
CRÔNICAS DA VIDA DIGITAL**

**O que rolou no universo
digital no Brasil e no
mundo em 2009**

Silvio Lemos Meira

silvio@meira.com

SMEIRA.BLOG.TERRA.COM.BR

todo o material constante deste volume foi publicado no blog [dia a dia, bit a bit](#), no terra magazine, de janeiro a dezembro de 2009.

o copyright deste material pertence ao TERRA e, como descrito no [rodapé da página do blog](#), “é proibida sua reprodução total ou parcial”.

o autor, ao publicar os textos em conjunto, o faz no intuito de tornar o material mais fácil de ser obtido e utilizado para fins não-lucrativos, ao mesmo tempo em que solicitita e agradece que eventuais citações sejam direcionadas ao link... <http://smeira.blog.terra.com.br>.

para reprodução total ou parcial de algum fos textos, favor entrar em contato com silvio@meira.com

ÍNDICE

tag cloud, by wordle.net.....	1
aviso de copyright	2
silvio lemos meira: quem, mesmo?	9
pra começo de conversa.....	10
pra ler no feriado: história da internet... ..	11
a internet em 2020, [1]: mobilidade	13
internet em 2020, [2]: transparência e privacidade.....	15
internet em 2020, [3]: as interfaces	19
internet em 2020 [4]: propriedade intelectual	23
internet em 2020 [5]: o tempo e as realidades.....	28
internet em 2020 [6]: o futuro da infra-estrutura	34
lock-in: a vez de google?.....	38
a grande troca de guarda.....	39
notícias: internet passa jornais [e vai passar TV]	40
“custo brasil”: uma novela sem fim?.....	42
o segredo do sucesso?... falhar. falhar rápido.	45
celulares: em baixa?	47
banda larga pra que [1]?.....	48
fotografia se torna "social"	49
cabra alada: recife já é carnaval.....	51
a guerra santa [nos ônibus do mundo?].....	52
suspeitos, acusados e condenados online.....	54
o dedo diz a idade.....	56
todos copiando todos... ..	57
latidade e privacidade.....	59
crime na internet: um trilhão [de dólares] por ano	63
não vai brincar? leve algo pra [re]ler no carnaval... ..	66
sábado em recife e olinda: mundo pegando fogo!	69
se você pensa que cachaça é.....	70
o começo do fim da confusão digital?... ..	71

o estímulo, o passado e o futuro	75
jornais: evoluindo na web.....	78
células 2.0: de pele a tronco.....	80
grandes desafios da computação no brasil, 2.0	82
anatel começa a dar NOTAS às operadoras.....	83
o fim das secretárias e de muitas outras profissões	84
um novo [e eletrônico] olhar	86
primafusion: [mais um] futuro da busca na web?	88
IDH: um milhão de histórias sobre o brasil.....	90
promoção na operadora: [uma] música a R\$18.....	91
mulheres & informática: por que elas não estão lá?.....	93
seu cérebro, eletrônico?	95
a matemática, na rede.....	98
brasil terá dinheiro celular em 2010: será?	99
em dez anos: mapeamento genético para todos?	101
ressaca pessoal, na rede social?.....	104
um dia na rede, visto lá do meu twitter	106
TEM JUÍZO MAS NÃO USA	109
pirataria: “apenas” mais um “modelo de negócios”?... ..	111
prêmio tela viva móvel: vote!	113
modelo de negócios? reinvente um!.....	114
31/03/2009: operadoras recolhem megaimposto de R\$2,42 bilhões	116
TICs: a crise se instala [1]	118
TICs em crise? software como serviço [2]	121
android+arm contra intel, microsoft e apple.....	123
vida+artificial = besouro-cyborg.....	125
TICs na crise: dá pra inovar? [3]	127
dá pra salvar o bom jornalismo?	130
o futuro e a vitória dos “nômades”	133
qual é o próximo grande sucesso na rede?.....	135
chegou: mac-vírus [em escala].....	137
eleições na web: no brasil, em 2010?.....	138

lei anti-pirataria “mata” metade da internet sueca	140
crise leva sun para os braços da oracle	141
a atenção e as redes sociais.....	142
brasil: república de software?.....	144
computação e conexão para as massas.....	145
terça é dia de alpha	147
o blog, o conteúdo e o estilo	150
redes sociais corporativas.....	153
fontes de informação: você acredita num blog?.....	154
IRPF: hora de inovar, de novo	157
os poderes públicos e seus gastos, na rede: muda o quê?.....	160
banda estreita: brasileiros passam muito tempo na rede.....	162
uma olimpíada... de jogos educacionais online	163
informática: SBC debate a regulamentação das profissões	167
pirataria [digital] chega à literatura [de uma vez por todas]	170
precisamos de uma lei de imprensa. pros blogs, também?	173
barra pesada: celular na cadeia aumenta sentença em 60 anos... ..	177
o software [meio bêbado?] dos bafômetros	178
hélío costa: jovens, vejam mais TV!.....	180
mais gente nos GAMES do que no CINEMA.....	181
mídia social é... social	182
futebol, redes sociais [e violência]	184
carros que fotografam, analisam imagens.....	186
redes sociais nas empresas: hora de aprender	187
bing: muda O QUE no universo de BUSCA?	189
do que se falou aqui, em maio.....	191
bing: no ar!.....	192
novos tempos, novas redes, novos riscos.....	194
TCU: pras teles, é vantagem pagar multas.....	197
caixa eletrônico: depois dos chupa-cabra, os vírus.....	199
redes sociais: a crise dos sete anos	200
AF447: o papel de hardware e software no desastre	202

a internet se torna “normal”	205
CEOs must be... DESIGNERS!	207
irão: a revolução não será.....	208
entrevista: planeta inteligente.....	211
seu[s] próximo[s] celular[es].....	215
bloggers: foi-se o anonimato	217
o caso do jornalismo –e a [des]regulamentação das profissões-meio [1]	219
o caso do jornalismo –e a [des]regulamentação das profissões-meio [2]	221
o caso do jornalismo –e a [des]regulamentação das profissões-meio [3]	224
o caso do jornalismo –e a [des]regulamentação das profissões-meio [4]	226
o caso do jornalismo –e a [des]regulamentação das profissões-meio [final].....	228
entrevista: daniela braun.....	234
as crianças, tomando conta da rede... agora	237
yahoo: indo, indo.....	239
segunda é dia de office.com	240
nelson motta: estrelinhas, constelações e galáxias	241
redes sociais e jogos online	243
cenas da “mídia” brasileira	245
conteúdos e meios: indústria de música vai muito bem	247
TV digital: inconstitucional?.....	250
conectividade: conflito entre poderes é perda de tempo.....	253
imbroglio: TRT aumenta o risco para empresas de TICs	255
robôs [1]: fora de controle? como? quando?	258
robôs [2]: máquinas –autônomas- de guerra?.....	261
robôs [3]: campeões do mundo? de futebol?.....	265
robôs [final]: onipresentes. oniscientes? sob quais regras?.....	269
gamePlay: palestra de abertura	274
BBB: o Y da questão.....	276
na inglaterra, um big brother em 20.000 casas	278
a apple e a CENSURA a aplicações no appStore.....	280
a próxima [?] grande rede.....	282
hologramas + ultrassom = 3D virtual, tátil.....	284

bill gates no conselho da... apple?	287
pronto para o fim de semana?.....	289
profissões, regulamentação: flanelinha, capoeirista.....	291
a ubiquidade, as vantagens e o custo do software	293
comprovado: download é mais ecológico do que CD	297
um terço do país em rede.....	299
hacking: existe uma linha divisória?.....	301
quem tem medo do futuro?	305
a vez dos robôs... de brinquedo	306
banda larga: austrália 10x0 brasil	308
vem aí... as novas regras eleitorais [do século XX]	312
como deveriam ser as regras eleitorais na internet.BR? [1].....	314
como deveriam ser as regras eleitorais na internet.BR? [2].....	319
conteúdo, trabalho, renda, redes sociais, limites e proibições	325
TICs e os problemas da idade [avançada].....	327
FCC: neutralidade é a rede.....	329
PETIÇÃO: auditoria das URNAS eletrônicas através de voto IMPRESSO	331
propaganda “social” mais que duplica em um ano.....	333
o futuro da música... na rede	335
a informática e as eleições.....	338
se o mercado não resolve banda larga, o governo deve estatizar?	341
liberdade de “jornalismo”: brasil não vai muito bem	344
a importância econômica das mídias sociais	346
o que é mesmo um "game"?	348
um [possível] futuro para os jornais: o caso do guardian.....	350
anúncios “banner”: o fim de um modelo de negócios?	355
taperoá e [ou] os espaços para inovar	357
espaços, criatividade, inovação e... gambiarras.....	362
web: cada vez mais sem fio, móvel e em tempo real.....	364
bbc, click, tokyo, cyberdyne e... HAL [e XOS]	366
competir perdendo dinheiro: quem pode, pode.....	369
as relações de trabalho e as redes sociais [abertas]	371

tributo a evandro, ao afroreggae	374
tempo de twitinovação.....	376
telco: plataforma; voz? API.....	377
informaticidade: brasil investe em data centers.....	381
estão pra revogar a convergência digital.....	385
eletrônicos: a crise ainda não acabou e.....	390
jornalismo: diploma articula volta triunfal	393
twitter: uma mesa de bar, 140 caracteres por vez	395
nada [mais] deixado ao acaso, nem namoro?.....	397
todo conteúdo será serviço	400
mobilidade: dez tendências para 2012 [1]	403
mobilidade: dez tendências para 2012 [2]	406
mobilidade: dez tendências para 2012 [3]	408
mobilidade: dez tendências para 2012 [4]	410
mobilidade: dez tendências para 2012 [5]	412
mobilidade: dez tendências para 2012 [6]	416
mobilidade: dez tendências para 2012 [7]	419
mobilidade: dez tendências para 2012 [8]	422
mobilidade: dez tendências para 2012 [9]	425
mobilidade: dez tendências para 2012 [10]	429
convergência, teles e PL29.....	434
mobilidade: as previsões	439
de e-gov para... gov	440
um [novo] olhar eletrônico	442
nicolau, basílio e os armazéns de papai noel.....	444
mídia antiga: anúncios [continuam] sumindo.....	448
a mobilidade que vem por aí, segundo a morgan-stanley	450
kindle: e-books > books	455
seu carro, um hotspot	456
o fim do ano e dos jornais.....	458



[silvio lemos meira](#), nascido em taperoá, paraíba (em '55), é formado em engenharia eletrônica pelo ITA ('77), mestre em informática pela ufpe ('81) e phd em computação pela university of kent at canterbury, uk ('85). casado com kátia betmann, é pai de cecília, diana e pedro. autor de mais de duzentos artigos científicos e tecnológicos publicados em congressos e revistas acadêmicas e de centenas de textos sobre tecnologias da informação e seu impacto na sociedade, publicados na imprensa leiga e de tecnologias da informação, meira já supervisionou (desde 1985) mais de noventa teses e dissertações de doutorado e mestrado em computação.

silvio meira foi pesquisador do cnpq por mais de 15 anos; concebeu e coordenou o programa temático multi-institucional em ciência da computação (protem-cc) do cnpq; criou e coordenou o programa de doutoramento em ciência da computação da ufpe; foi membro do primeiro comitê gestor da internet/Br, da comissão nacional de avaliação da educação superior (conaes), e presidente da sociedade brasileira de computação; foi consultor do world bank (programa infodev) e do united nations development program; foi um dos criadores e primeiro presidente do c.e.s.a.r, [centro de estudos e sistemas avançados do recife](#) e um dos criadores do [porto digital](#), ecossistema urbano de informática no recife antigo. foi colunista do diário de Pernambuco, jornal da tarde, agência estado, da revista eletrônica NO e do G1. meira recebeu, da presidência da república, as comendas da [ordem nacional do mérito científico](#) (1999) e da [ordem de rio branco](#) (2001). em 2006, recebeu do governo de pernambuco a mais alta comenda do estado, a ordem do mérito dos guararapes. em 2008, recebeu a medalha do conhecimento do ministério do desenvolvimento, indústria e comércio.

atualmente, é professor titular de engenharia de software do [centro de informática da ufpe](#), recife, onde leciona disciplinas de engenharia de software e de história e futuro da computação, e cientista-chefe do [c.e.s.a.r](#), onde coordena o grupo de inovação e os esforços de gestão de conhecimento e redes sociais, reuso em engenharia de software ([www.rise.com.br](#)), métricas e estimativas em projetos de software e compartilhamento de informação P2P. meira é presidente do conselho do [portodigital](#), membro do comitê assessor de tecnologias da informação do mct, parceiro da rede [AVINA](#), do conselho editorial da [revista do serviço público](#) e de [inteligência empresarial](#), e colunista do [terramagazine](#), onde escreve quase diariamente sobre tecnologias da informação e comunicação e seu impacto político, econômico e social. meira é comentarista da CBN, no bits da noite, às terças, às 2240.

meira é consultor independente de políticas e estratégias de informação, informática e inovação. em 2005, silvio meira foi eleito, pela revista info, um dos três mais importantes evangelistas de tecnologias da informação do brasil. em 2007, foi eleito um dos 100 mais influentes brasileiros, pela revista época. em 2009, foi uma das entrevistas do “pensamento nacional” da HSM management e entrevistado do mês de janeiro da revista marie claire.

silvio meira é batuqueiro de maracatu: não aceita convites para nenhuma outra coisa, **em janeiro e fevereiro**, que não tenha caixas, abês, alfaias, gonguês e reis, rainhas e damas de passo nas ladeiras de olinda e no bairro do recife antigo, n’acabralada e no maracatu nação pernambuco. **no resto do ano**, brasil e mundo afora, silvio meira faz palestras sobre inovação, criatividade, empreendedorismo, TICs e seus impactos sociais e econômicos, redes sociais, games e educação, sociedade da informação, políticas e estratégias de informação, motivação...

entre em contato com silvio@meira.com, masuki@meira.com ou ligue para auana carvalho no (81) 3425 4714, auana@cesar.org.br.



[pra começo de conversa](#)

este volume guarda o conteúdo do blog dia a dia, bit a bit de janeiro a dezembro de 2009. tudo continua lá, online, no terra, claro [ou por enquanto], é só clicar aqui –smeira.blog.terra.com.br- que você cai lá. mas faz tempo que eu escrevo na rede, desde o fim da década de 80 do século passado, e a maior parte das coisas que eu fiz sumiu. sites morrem, endereços desaparecem, backups deixam de ser feitos, enfim, pense no que pode destruir um texto digital e isso vai acontecer a algum –ou todos- os seus. tenho desde o caso da NO., que sumiu na íntegra [e onde se pode chegar a partir deste volume] ao G1, de onde meu conteúdo sumiu depois de um rearranjo qualquer, passando por vários outros.

aí eu decidi que guardaria, pra minha referência futura, o que ando escrevendo. não é nem que há tanta gente interessada em ler; mas vez por outra me pego pensando onde foi que escrevi isso ou aquilo e não sei mais. e tenho que refazer; depois de feito, descubro o que era e onde está. coisas da idade, talvez. e um ou outro leitor acaba me pedindo um texto disso ou daquilo e, desorganizado que sou, não -nunca- encontro.

é por isso que juntar toda a produção do ano no blog do TERRA serve pelo menos para eu saber o que foi que eu publiquei lá... em 2009. este .pdf vai ser replicado nos meus vários laptops, desktops, servidores, usb drives e no meu dropbox, estando provavelmente fadado a nunca mais desaparecer. esta é a ideia.

nas próximas quatrocentos e sessenta e tantas páginas [e mais de setecentos e oitenta mil caracteres] você vai achar textos sobre a vida digital, do ponto de vista social, econômico, cultural, político, filosófico... de inovação, criatividade, empreendedorismo, modelos de negócio... menos do ponto de vista essencialmente tecnológico. apesar de meu trabalho como professor da UFPE e cientista-chefe do C.E.S.A.R, a ideia do blog é falar para quem não está interessado em discutir os bits da vida digital, mas seu dia a dia.

2009 não foi um ano tão ruim como poderia ter sido. todo mundo -inclusive eu- acha que 2010 vai ser muito melhor. mas eu sou desconfiado e nunca ganhei nada num sorteio, apesar de participar de muitos. pra ser melhor mesmo, inclusive e principalmente no mundo e na vida digitais, onde tudo acontece muito mais rápido do que no resto da vida real, vai ser preciso trabalhar muito.

daqui do meu ponto de vista, é o que desejo a todos. um 2010 de muitas oportunidades e trabalho, pra que cada um possa desenvolver suas competências e encontrar sua sorte. isso: a gente encontra a sorte com uma probabilidade muito maior à medida que se torna mais competente e trabalha muito mais.

taí o tomo. boa leitura.

[pra ler no feriado: história da internet...](#)

01.01.09

aproveitando que o TERRA vai estar de cara nova no próximo dia sete, este blog vai ficar parado daqui até lá, quando daremos início a uma série sobre o futuro da internet. mas você pode querer ler alguma coisa, ao invés de ir pra praia...

pierre lèvy ensina que uma das –senão a mais fundamental das- abstrações que definiram o que hoje chamamos de humanidade foi a linguagem. virtualizando o presente, a linguagem criou o tempo, permitindo que saíssemos do aqui e agora dos outros animais e pudéssemos brincar de futuro [fazer planos] e passado [contar histórias]. e isso tem, não por mero acaso, tudo a ver com a própria internet: o mundo virtual, que às vezes se pensa que foi criado pela internet [ou por hardware e software, conectados] é na verdade uma instituição milenar.

e já que dia sete estaremos falando de futuro da internet, talvez seja interessante olhar o passado antes de irmos em frente. entre abril de 2000 e março de 2002, escrevi exatamente 100 crônicas semanais para a extinta revista eletrônica NO., que desapareceu da rede sem deixar rastro [ou memória digitalmente armazenada: [veja mais sobre este assunto aqui](#)]. reuni estas histórias num único arquivo, que pode ser obtido ao clicar na figura abaixo, que deveria ser a capa do "livro", se ele tivesse sido impresso. não foi. pegue uma "cópia" e sinta-se livre

Computação,
Comunicação e
Controle



**silvio
meira
no NO.**

para imprimir, copiar, distribuir... o material, formalmente, ainda está sob controle do que deve ser, hoje, apenas um CNPJ da NO., perdido numa prateleira de escritório de advocacia. mas tenho uma autorização, de 2004, para distribuir o .PDF, que transfiro para todos os leitores.

em parte do preâmbulo que escrevi para os textos, há cinco anos, se lê:... *Nas páginas que se seguem, estão meus cem artigos em NO. Muitos estão datados, porque os temas, coisas e até companhias que discutiam só faziam sentido dentro de um dado contexto temporal (e tecnológico... e econômico). Resolvi, no entanto, ao invés de fazer uma seleção, deixá-los todos, em seqüência, sem qualquer tratamento adicional em relação à publicação original, a menos de uma correção ortográfica aqui e ali e uma revisão dos links*

dos artigos originais, quando foi possível. Em alguns casos, não somente os links publicados nos

artigos, em NO., desapareceram, mas não há, hoje, nenhum link alternativo que viesse a dar sentido a certas citações. Nestes poucos casos, os links foram simplesmente removidos, sem prejuízo para a leitura do texto.

Os artigos que se seguem são uma espécie de “minha história NO.” Alguma hora, quando e se houver tempo, talvez alguns subconjuntos conceitualmente conexos se tornem parte de um livro –há, talvez, quase um, entre eles, sobre universalização de acesso, um dos temas mais presentes nas colunas semanais- e outros, que o leitor vai distinguir muito facilmente, se tornem contos (mais extensos). Dois deles, em particular, teimam em me pedir, de tempos em tempos, para estendê-los. Peço-lhes paciência, pois, hoje, fazendo tanta coisa, os pequenos contos não teriam a prioridade que eu talvez devesse lhes dar. Um dia, quem sabe, eles tomam conta do meu tempo. De vez. Até lá, deixo esta história das sextas-feiras da NO., registradas em formato integral por deferência especial de Manoel Francisco Brito, que permitiu a publicação dos artigos em bloco e na íntegra.

boa leitura, Feliz Ano Novo, muita sorte e até o dia sete.

[PS: este livro passou a estar disponível em [lulu.com](http://www.lulu.com) para download [US\$6.25] e como livro, das antigas, impresso em papel de boa qualidade com capa colorida [US\$19.75]. vá ver e, se for o caso, compre; a casa agradece: <http://www.lulu.com/content/5554847>.]

[a internet em 2020, \[1\]: mobilidade](#)

07.01.09

[relatório do pew internet project](#) [PIP] sobre o futuro da rede, publicado neste fim de ano, chegou a seis conclusões básicas, depois de consultar muitas centenas de especialistas, desde gente que estava nos times que desenharam a internet até a galera que faz a rede funcionar [e ganha dinheiro com ela] hoje. nós vamos comentar os achados do PIP nos próximos textos, tentando imaginar o cenário equivalente no brasil.

pra começar, o PIP acha que... *The mobile device will be the primary connection tool to the internet for most people in the world in 2020...* ou que dispositivos móveis serão a principal ferramenta de conexão à internet, para a maioria das pessoas, em 2020.



não há como não concordar. quem já está na rede, num celular, sabe o que é, num ponto qualquer da cidade, estar num chat [no [nimbuzz](#), por exemplo], num taxi ou no ônibus, combinando o ponto com a turma e vendo as alternativas direto no [google maps](#) de um telemóvel com GPS. não tem preço.

mas é mais que isso: celular é informática com cada um de nós, computação e

computação comigo e com você. até haver algum tipo de implante que conecte o cérebro diretamente à rede, celulares serão a segunda melhor alternativa para estarmos conectados às pessoas, sistemas, instituições e coisas.

[celulares com tela de alta definição](#), interface direta de toque múltiplo, interfaces abertas pra conectar com quase qualquer coisa, mais captura de áudio e vídeo em alta definição, aliados a uma [capacidade de processamento, memória e conexão muito maior do que hoje](#) serão padrão de mercado. os celulares de amanhã terão [mais capacidade que os netbooks de hoje](#) e deverão ser [a nova forma de interagir](#) com o ambiente e pessoas ao redor, de forma mediada pela internet. tudo isso fará com que uma destas maquininhas esteja nas mãos de quase qualquer um daqui a dez anos, mesmo aqui no brasil.

beleza, diriam vocês, mas no brasil? já estamos perto de 150 milhões de celulares, bem mais do que computadores pessoais e bem melhor distribuídos na população, algo que é sempre um

grande problema no país. até aí, tudo bem... o problema é botar tudo isso na rede até 2020. por outro lado, temos mais doze anos até lá.

o grande problema a resolver será conectividade, ou como fazer com que uma população quase só de pré-pagos [algo entre 80 a 90% do mercado agora e em 2020] esteja na rede. de forma continuada e não esporádica: estar na rede significa que [por exemplo] seu cliente de mensagem [IM, gtalk, fring...] está quase sempre no ar, criando, para você e sua rede de contatos, um verdadeiro efeito "rede".

talvez se deva excluir, de cara, alguma eventual política pública que poderia interferir nisso, pois tal não tem sido nossa tradição. por outro lado, não se vai comprar dados por volume, que ninguém é maluco o suficiente. nem mesmo em lugares com renda maior e mais distribuída do que por aqui. nos estados unidos e na Inglaterra, descobriu-se que [42 \[eua\] a 56% \[uk\] da presença do iPhone, na rede, se dá através de wiFi](#). não chega a ser nenhuma surpresa... mesmo nestes países, a cobertura 3G não é lá estas coisas e os planos de dados, apesar de bem menos predatórios do que no Brasil, tendem a esvaziar a carteira de qualquer um muito rapidamente. ainda mais em tempos de pouco dinheiro livre, como este.

resumo? os celulares vão estar aí [o PIP está certo]; mas a maior parte da população de usuários em potencial não estará na rede com eles [hoje, para o Brasil, o PIP está errado...], a menos que aconteça alguma coisa muito parecida com política pública. ou, se tivermos sorte e formos solidários, talvez [wiFi grátis comece a ser oferecido](#) -em muito larga escala- em bares, restaurantes, supermercados, postos de gasolina, escolas, universidades, shoppings, academias, hospitais, igrejas e em espaços públicos de todos os tipos, como já é o caso em algumas poucas cidades.

conectividade, agora e no futuro, é tão essencial quanto água, luz, esgoto, educação, saúde e segurança. e ainda faltam doze anos até 2020: não é possível que não se consiga acertar o passo, aqui, até lá...

[internet em 2020, \[2\]: transparência e privacidade](#)

09.01.09

[relatório do pew internet project](#) [PIP] sobre o futuro da rede, publicado neste fim de ano, chegou a seis conclusões básicas, depois de consultar muitas centenas de especialistas, desde gente que desenhou a internet até a galera que faz a rede funcionar hoje. este blog está comentando os achados do projeto e tentando imaginar o cenário equivalente no brasil. o primeiro da nossa série foi sobre MOBILIDADE e [você pode encontrá-lo neste link](#).

hoje, vamos falar sobre transparência e privacidade. para 2020, [o PIP prevê que...](#) *The transparency of people and organizations will increase, but that will not necessarily yield more personal integrity, social tolerance, or forgiveness...* a transparência de pessoas e organizações vai aumentar, mas que isso não necessariamente vai produzir mais integridade, tolerância e capacidade de esquecer e perdoar.

a razão fundamental para tal conclusão parece ser muito simples: tecnologia, ou novas formas de conectar pessoas e instituições através dela, não muda as pessoas [e instituições] em prazos curtos [como 12 anos]. o tempo da mudança social é muito mais longo. falando de tolerância, dá pra imaginar, pela mera existência da rede e suas tecnologias, israelenses e palestinos conversando e resolvendo o maior e milenar conflito do oriente médio em uma década? acho que não. uma disputa medida em mortes, invasões, foguetes, guerras, que os lados imaginam escrito nas tábuas das leis de cada parte, talvez não possa ser reescrito simplesmente porque uma nova tecnologia de conectar pessoas está por perto.

mas tolerância não é a única preocupação de quem está na rede. a internet é uma fantástica máquina de publicar, conectar e interagir. pouca gente, especialmente entre os mais jovens, imagina as consequências de botar sua vida inteira numa página, hoje. dia destes achei um e-meio que enviei para uma lista em 1983, armazenado e indexado em um site qualquer. nada de que eu me arrependesse, então não me faz a menor diferença. mas quantos, entre os 13 e os 19 anos [ou mais], estão escrevendo e publicando coisas, hoje, das quais não se orgulharão muito em uns poucos anos? isso sem falar na informação que, mesmo eu e você não querendo, acaba à disposição dos sistemas de informação pelos quais passamos no dia a dia.

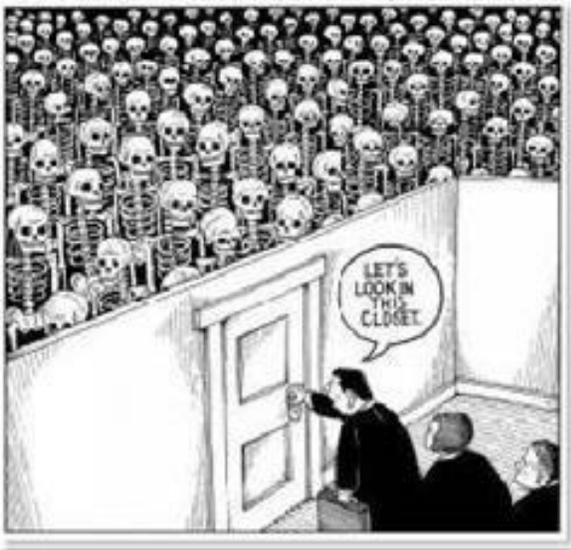
viktor mayer-schönberger [[sobre quem eu escrevi neste link](#), em 2007]... "defende a tese de que os sistemas de informação devem, necessariamente, esquecer. acontece que as tecnologias para captura, publicação, armazenamento, replicação, busca e disseminação de informação, combinadas na rede nos últimos anos, criaram uma nova capacidade: a **incapacidade de esquecer**. nunca, em nenhuma época, ninguém teve tanta informação sobre tantas pessoas e seus hábitos como certas empresas estão começando a ter, na rede".



[segundo mayer-schönberger](#), temos que começar a implementar uma ecologia de informação, onde o sistema legal deveria obrigar quem coleta dados a criar software que esquece com o passar do tempo. ou seja, a menos que determinemos o contrário, uma vez expirado o prazo de validade, por nós definido, dos dados que confiamos à loja, máquina de busca ou site de notícias, nosso rastro por lá deveria ser evaporado. mas este não é o caso hoje: [em dezembro passado](#),

google saiu da lista das 20 companhias mais confiáveis no tratamento da privacidade de seus usuários. google -se conseguir identificar você- guarda tudo o que você faz nos sites da empresa por [nove meses...](#) e pode entregar tudo à justiça, se for requisitado, ou usar os dados para qualquer tipo de transação que ache "razoável", como melhorar a resposta a uma pergunta que você faz, oferecer anúncios, o que for.

pouquíssima gente, na rede, sabe navegar de forma anônima. se você quiser tentar, [veja como neste link](#). não lhe fará mal e pode lhe levar a descobrir coisas, na rede, que você não consegue saber hoje, exatamente porque muitos sites sabem muita coisa sobre você. muitos sabem,



olhando para seu endereço IP, onde é que você está agora e respondem a sua pergunta [ou oferecem serviços] praquele lugar. e você, naquela hora, pode não estar interessado nisso...

mas há mais. um dos argumentos mais falaciosos, usado por muita gente, segue a linha do... "não tenho nada a esconder", para acusar quem defende a privacidade, na rede, de estar fazendo alguma coisa imoral ou ilegal. não tem nada a esconder? então porque não deixa o vizinho tirar fotos suas tomando banho ou na cama, com a mulher, numa daquelas noites quentes, e publicar na internet? imagine o milhar de outras situações que não queremos ver disseminadas, na rede ou em qualquer

outro meio. de repente, temos tudo a esconder. simples assim.

todo mundo tem muito a esconder. a privacidade é um dos princípios essenciais da vida e um dos direitos humanos fundamentais. [daniel solove](#), da george washington university law school, escreveu um paper precioso sobre o assunto [['I've Got Nothing to Hide' and Other Misunderstandings of Privacy](#)], onde o argumento "nada a esconder" é desmontado passo a passo. o artigo está em [primeiro lugar na lista de downloads da SSRN](#) [rede de pesquisa em ciências sociais] há um ano. vale a pena ler. para quem quiser ir mais fundo, o mesmo autor liberou na rede todo o texto de seu livro [The Future of Reputation: gossip, rumor and privacy on the internet](#). o capítulo dois [[How the Free Flow of Information Liberates and Constrains Us](#)] é uma excelente leitura em nosso contexto.

finalmente, transparência. é certo que a rede vem aumentando a transparência de pessoas, instituições e, principalmente, governos em países democráticos. transparência é a base para a boa governança; sem saber o que realmente está acontecendo nos intestinos de uma organização, como garantir que ela está cumprindo sua missão dentro dos preceitos morais, éticos e legais de uma sociedade?

a [falta de transparência é um dos principais insumos para a corrupção](#), e corrupção não se dá apenas nos meios governamentais. as empresas que têm baixos níveis de transparência e governança costumam sofrer do problema com intensidade muito grande. no seu índice de pagadores de propina de 2008, a organização transparência internacional analisou 22 países quanto à [participação de suas empresas privadas em atos de corrupção no comércio internacional](#). os piores da lista não são nenhuma surpresa: em 17o. lugar, estão brasil e itália, empatados; depois, aparecem índia, méxico, china e rússia. os 22 países da pesquisa correspondem a 3/4 do total de exportações e investimentos do planeta em 2009.

e isso com a estando aí, e nela coisas como o portal da transparência da controladoria geral da união, que permite a qualquer um saber, em bom detalhe, para onde está indo o dinheiro público. [vá lá e procure o que está sendo enviado pra sua cidade](#). é um bom começo; mas é preciso fazer muito mais. além de maior e melhor estruturação dos processos de contratação e [acompanhamento dos gastos públicos](#), é preciso trazer a comunidade -as redes sociais de cada lugar- pra dentro da decisão de gastar o dinheiro e, em tempo real, para o acompanhamento do gasto.

conversei dia destes com um analista de tribunal de contas que tem certeza de que, na maior parte das cidades, gente do povo sabe exatamente quem está roubando os recursos públicos, como, pra que e com quem. quando o tribunal chega, normalmente anos depois, inês é morta. segundo o mesmo analista, trazer as redes sociais naturais do lugar para a internet, para acompanhar a execução dos recursos públicos, faria com que as controladorias e tribunais agissem de forma muito mais célere e precisa, e antes do dinheiro desaparecer.

enfim, se um tipo de agente, na sociedade, não parece ter direito ao anonimato e privacidade na internet, é aquele que decide, executa e controla bens públicos, e isso enquanto servidor público. sua vida privada é -e deve continuar sendo- privada, desde que não se misture à sua responsabilidade pública. como nosso representante no governo, pago pelos nossos impostos,

queremos saber de tudo o que faz, com quem faz, pra que faz... e a internet, para tal, pode ser um agente libertador, se soubermos usá-la para tal.

[internet em 2020, \[3\]: as interfaces](#)

12.01.09

[relatório do pew internet project](#) [PIP] sobre o futuro da rede, publicado neste fim de ano, chegou a seis conclusões, depois de consultar mais de mil especialistas, teóricos e práticos das tecnologias e vida na rede. este blog está comentando os achados do projeto e tentando imaginar o cenário equivalente no brasil. o primeiro da nossa série foi sobre [MOBILIDADE](#) e o segundo sobre [PRIVACIDADE e TRANSPARÊNCIA](#).

hoje, vamos falar sobre interfaces. [o PIP prevê que...](#) *Voice recognition and touch user-interfaces with the internet will be more prevalent and accepted by 2020....* reconhecimento de voz e interfaces sensíveis ao toque serão predominantes e aceitas pelo grande público em 2020.

há décadas, o paradigma que guia nossa interação com sistemas de informação é baseado em janelas, ícones, menus e apontadores [o acrônimo do conjunto, em inglês, é WIMP {para windows, icons, menus & pointing devices}, [explicado neste link](#)]. tal conjunto está quase que diretamente associado à metáfora do "[desktop](#)", ou topo de mesa de trabalho, ao redor da qual foram construídos quase todos os mecanismos conhecidos de interação entre os usuários e computadores. daí que vêm acessórios dos sistemas operacionais [como as calculadoras e blocos de notas], as latas de lixo e por aí vai.

se você está sentado em uma mesa de trabalho num escritório, *wimp & desktops* fazem muito sentido. mas e se estamos jogando star wars num console? ou tentando nos entender com um sistema de informação através do telefone?... e se você não pode usar as mãos, por alguma razão [no momento] ou tem dificuldades auditivas, visuais ou motoras, permanentes?... e se você estiver [perguntando alguma coisa ao carro](#)?

imagine-se, pra começar, na chuva, à noite, perdido em algum lugar de são paulo, capital. se um guarda pegar você usando o celular, quase cem paus de multa mais quatro pontos na carteira. mas é mais provável que o risco de usar celular ao dirigir seja menor do que o de interagir com o sistema de navegação por satélite, que aqui terminamos por chamar de GPS. tente. e não diga que eu não avisei.

mas não é só. e se, no futuro [estamos falando de 2020, pelo menos] você estiver interagindo com sua casa? este é o caso, por sinal, no presente. temos que interagir com TVs [algumas têm menus ilegíveis e ininteligíveis], micro-ondas, lavadoras, aquecedores, sem falar em programar o ar-condicionado. tudo isso é interface.

aliás, é muito mais do que interface. o PIP, [ao invés de discutir interfaces](#), talvez devesse ter considerado os próximos tipos de "experiência de uso" ou "de usuário" que gostaríamos de criar e ter.

e você diria: qual a diferença? em [all tomorrow's parties](#), [colin laney](#), um dos caracteres usados por william gibson [na trama](#), está conectado diretamente a um dos pontos centrais da internet de sua época. direto, direto mesmo: a rede direto no seu nervo ótico. a experiência de uso que laney tem da internet não se parece com nada que a gente possa pensar, na prática, hoje. daí que vem parte da diferença: a interface com o usuário é uma parte da experiência de uso. pequena, talvez.

whitney hess criou uma lista do que experiência do usuário [UX, do inglês *user experience*] [não é...](#) onde ela diz que interface é só uma parte do quebra-cabeça de interação; ou que seria, como dizem alguns, "parte do processo". segundo hess, UX é o processo. um pouco mais além, [eric heiss define UX como sendo...](#) *the perception left in someone's mind following a series of interactions between **people, devices, and events** – or any combination thereof...* a percepção deixada na mente depois de uma série de interações envolvendo qualquer combinação de **pessoas, dispositivos e eventos**.

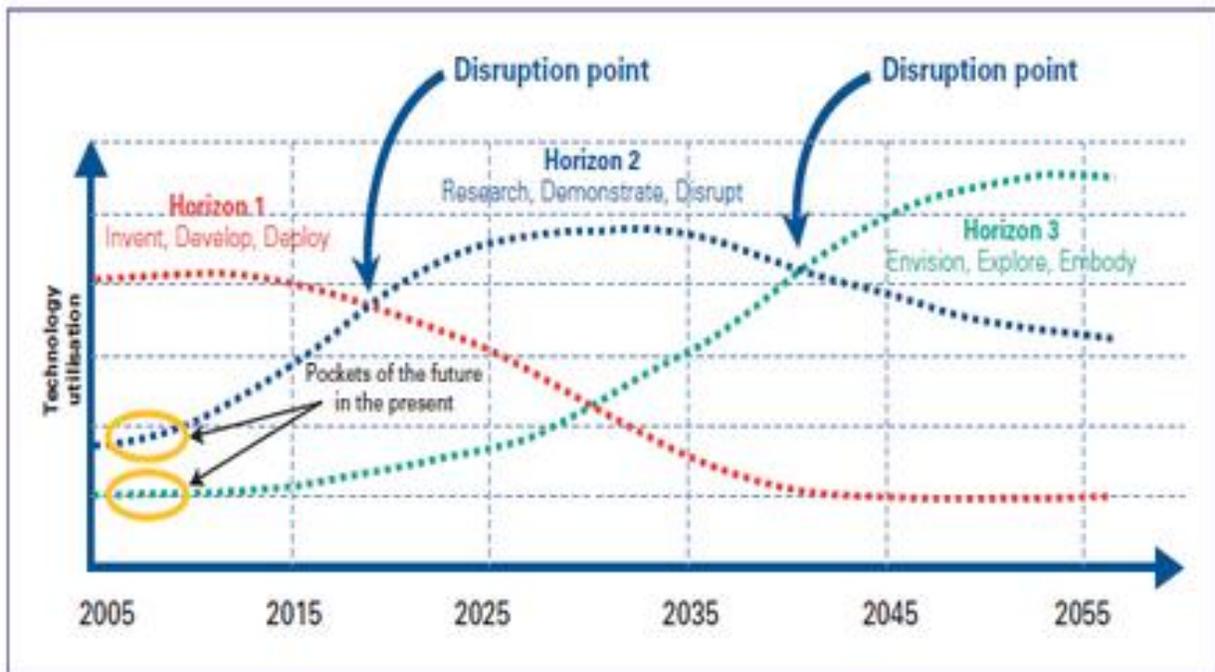
pela definição acima, UX tem a ver com tudo ao nosso redor, gente, coisas e eventos, e não só com PCs, celulares, telas multitoque, voz e [internet](#). isso deveria ter, como consequência, que os desenhistas das coisas todas deveriam estar preocupados em entender as pessoas, coisas e eventos ao seu redor e ter [métodos e processos para tal](#). voltando alguns parágrafos, e face ao passo acelerado em que as tecnologias de comunicação e computação avançam, o PIP deveria ter perguntado sobre as experiências que as pessoas provavelmente estarão tendo em 2020, e não se telas sensíveis ao toque e/ou voz serão preponderantes.

mas o futuro é um tempo-espaço muito esquisito. na maioria das vezes, tendemos a projetar uma combinação de passado recente e descobertas tecnológicas atuais que nos parecem "de futuro" como a solução [ou a visão] do futuro. veja a imagem abaixo...



a gravura acima é uma entre uma dúzia de litografias de villemard, datadas de 1910, imaginando o mundo em 2000 [[cortesia da bibiooteca da França](#): vá ver o resto, vale a pena]. tal tipo de previsão de futuro, a noventa anos de distância, quase nunca acerta o alvo: segundo a visão do artista, o meio de transporte padrão, hoje, seriam aviões pessoais parecidos com a demoiselle [construída em 1908] de [santos dumont](#)... que era considerado herói em paris à época. note que não há trânsito na rua...

porque isso acontece? observe o gráfico a seguir, de [um dos relatórios](#) do projeto [intelligent infrastructure systems](#) do [foresight institute](#) do governo inglês:



em qualquer presente, há bolsões de futuro. as três curvas acima, no presente [2005, na imagem] correspondem a 1] ao que está sendo criado, desenvolvido e usado agora [a linha vermelha; exemplo: telas multitoque, como no iPhone e em todos os net e notebooks que vão aparecer em breve]; 2] ao que está sendo demonstrado, usado em pouca escala e pode vir a assumir o lugar das tecnologias correntes no curto prazo [a linha azul; dentro de 10, 15 anos, que tal papel e caneta, de novo? veja a [liveScribe pulse smartPen](#), por exemplo]; finalmente, 3] o que está sendo pensado, explorado como conceito e incorporado em dispositivos e pode vir a ser usado em 30, 40 anos.

no último caso [a linha verde], poderiam ser as lentes de contato conectadas à internet com as quais os personagens de [rainbows end](#), novela de ficção científica de vernor vingie, se comunicam usando *sming*, ou **silent messaging**. você pensa, seu pensamento busca [na rede], conecta a busca com alguém, chama um taxi, abre a casa... *sming* pra tudo e muito mais. sem falar que as lentes, assumindo o papel de filtro e *displays*, também servem pra lhe mostrar o

mundo através de *skins*: você está na marginal do tietê, mas vê, ao invés, o champs élysées. radical. e vinge datou sua novela como [near future history](#), daqui a poucas décadas.

mas vamos dar razão ao PIP: talvez nada disso role até 2020, que é só daqui a uma década. talvez seja mesmo o caso que, daqui até lá, o que gostaríamos que fosse um conjunto de experiências de uso muito mais sofisticadas e elegantes acabe sendo apenas mais telas multitoque e mais voz como interface. e pior: pode ser que quase tudo, na internet, continue andando segundo a [lei de nielsen para UX na rede](#): segundo ela, *como todo mundo passa muito*



mais tempo nos outros sites do que no seu, todos querem ver seu site como todos os outros sites. daí, fica tudo na mesma e pouca coisa muda. se for só isso, vai ser uma pena, pois estaremos vendo mais do horizonte vermelho do gráfico acima.

mas o futuro vem do futuro e nos reserva muitas surpresas. sempre. eu mesmo vi muita gente, quando apareceu o [primeiro mac](#) lá em 1984, dizer que aquela "coisa" de "interface gráfica" nunca ia pegar. e olha que o mac era o futuro vindo do passado... [assim como UX](#). ao contrário do PIP, prevejo que, no futuro próximo, a experiência, o processo, valerão muito mais do que a interface em si. quem viver verá.

[internet em 2020 \[4\]: propriedade intelectual](#)

15.01.09

[relatório do pew internet project](#) [PIP] sobre o futuro da rede, publicado no fim do ano passado, chegou a seis conclusões. para tal, mais de mil especialistas, teóricos e práticos das tecnologias e vida na rede foram consultados. este blog está comentando os achados do projeto e tentando imaginar o cenário equivalente no brasil. o primeiro da nossa série foi sobre [MOBILIDADE](#), o segundo sobre [PRIVACIDADE e TRANSPARÊNCIA](#) e o terceiro sobre o futuro das [INTERFACES](#).

hoje, vamos falar sobre propriedade intelectual. [o PIP prevê que...](#) *Those working to enforce intellectual property law and copyright protection will remain in a continuing arms race, with the crackers who will find ways to copy and share content without payment...* na próxima década continuará a disputa entre os donos de *copyright* e defensores de propriedade intelectual, de um lado, e *crackers* [e/ou piratas] do outro; a cada nova barreira contra disseminação de conteúdo imposta pelos primeiros, os segundos desenvolverão contra-medidas capazes de desbloquear o "material" e disseminá-lo sem pagamento de direitos, na rede.

em suma, o PIP prevê que o estado de coisas da rede continuará como hoje. eu acho que não. escrevi muitas coisas, no passado recente, sobre a "pirataria", ou sobre o conflito entre o passado e o presente dos modelos de negócio de conteúdo e sua distribuição. vamos dar uma olhada nos últimos quatro textos.



em 05.08.08, saiu [pirataria: chegou pra ficar](#): lá, comentamos que... *agora é oficial: a pirataria chegou pra ficar. estudo que acaba de ser publicado pela [MCPS-PRS](#) [aliança inglesa que representa os donos do copyright de mais de 10 milhões de títulos musicais] e [bigChampagne](#) [de medição de audiência*

online] mostra que, mesmo quando o preço de um bem digital chega perto de zero [caso do último álbum do radiohead, cujo preço podia ser escolhido pelo usuário], a vasta maioria das cópias que circula na rede vem de sites piratas.

dizendo de novo: mesmo quando o preço de um bem digital é ZERO, boa parte de sua distribuição é feita de forma não autorizada pelo proprietário. isso significa, entre várias outras coisas, que as plataformas de distribuição de conteúdo da indústria estão fora de sintonia com os mecanismos de busca, acesso e consumo do público, mesmo que ambos estejam na rede. mas de que adianta seu preço ser zero e seu material não aparecer na busca do limewire ou vuze?

em 12.08.08, saiu [a parceria estúdio-pirataria](#), onde se dava conta que... *estúdios japoneses de anime [mercado de US\$20B por lá] estão testando youTube e outros sites de compartilhamento de conteúdo como forma de ampliar sua interação com espectadores e usuários. kadokawa, a galera que faz [haruhi suzumiya](#), está gastando US\$1M para descobrir como é possível [se é que é] fazer um [mashup](#) de suas operações comerciais com o material gerado por fãs na internet.*

ou seja: será que dá pra diminuir o conflito com meus próprios consumidores e tratá-los como parte da minha [ou da nossa!] ecologia de valor? principalmente quando eles podem estar fazendo coisas que eu nunca 1] pensei; 2] saberia fazer nem 3] distribuir na velocidade e custo que eles fazem?... para trazer os fãs pra "dentro" de casa, tenho que mudar mais do que minha disponibilidade de encontrá-los no meio do caminho entre produção, distribuição, combinação, redistribuição e consumo: tenho que oferecer uma plataforma segura, do ponto de vista de propriedade intelectual e sua gestão, que não exponha fãs e colaboradores bem intencionados ao risco de, de repente, estarem sendo processados por infringir direitos [se o "dono" da coisa não gostar da minha "arte", por exemplo].



pra isso, naquele mesmo texto, se comentava que o... *problema de compartilhamento e recombinação tem solução trivial. é só usar o [modelo de proteção e autorização definido pelo creative commons](#), que permite ao autor estabelecer o nível de proteção que deseja para seu trabalho. quanto mais gente publicar seu material usando um mecanismo transparente como o de creative commons, mais coisas poderão ser feitas de forma inovadora, na rede, sem que seja necessário licenciar todo o material de base primeiro. e permitindo o compartilhamento de receita [se houver] depois.*

ou seja: existe uma proposta prática e fácil de ser aplicada para tratar conhecimento não como ponto de chegada ou produto final, mas como ponto de partida e parte de um processo, para sempre inacabado. mas muito pouco tem sido feito, pela indústria, para discutir o assunto nestas bases. e menos ainda para disponibilizar [excetuando os *indies*, que não são "a" indústria] conteúdo desta maneira.

em 16.10.08, saiu... [pirataria: a guerra, os lados e os dados](#), onde se expunha o muito duvidoso valor dos dados usados mundialmente no combate à pirataria. de acordo com o texto de outubro neste blog... *a indústria [lá nos eua] diz, há anos [décadas!], que o número de empregos perdidos nos setores afetados por pirataria de áudio e vídeo é um mitológico "750.000". julian sanchez descobriu a fonte: trata-se de um chute, radical, feito em -imagine!- 1986 pelo secretário de comércio do governo reagan, malcom baldrige, e publicado pelo christian science monitor. segundo baldrige, o impacto de pirataria em toda a indústria americana [na época] seria... "anywhere from 130,000 to 750,000 [jobs]". e isso era de bolsas louis vuitton falsificadas até vídeos copiados sem autorização. o número foi pro limite e referem-se a ele, agora, como se fosse a quantidade de postos de trabalho afetados pela pirataria sobre a indústria de mídia.*



aqui no brasil, não ficamos atrás na manipulação de dados ou na citação de números sem qualquer credibilidade. no mesmo texto... [segundo o conselho nacional de combate à pirataria]... *o país perde, por ano, com pirataria, R\$30B em arrecadação de impostos [e de acordo com o depoimento de um dos deputados que apóiam o fórum nacional contra a pirataria]... "só no ano passado o prejuízo foi de 700 bilhões de reais, quase um terço do PIB do Brasil"...* um terço do PIB em pirataria? e com uma carga tributária de quase 40%, o imposto perdido não teria sido quase R\$300B?...

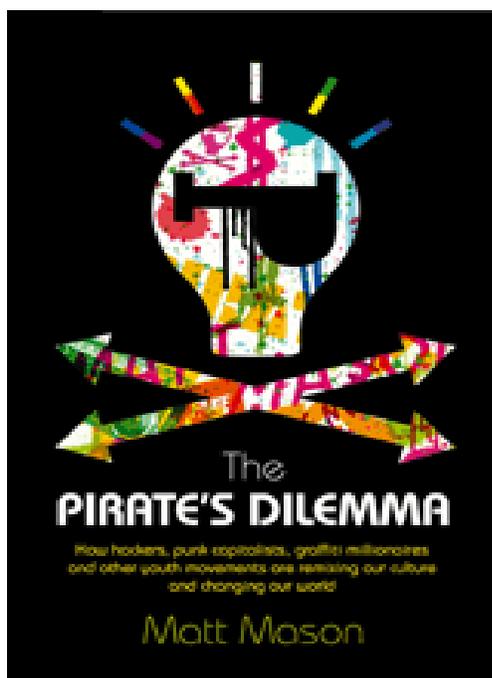
o artigo de 16.10.08 concluía que... *claro que precisamos formalizar muitos dos nossos mercados. mas porque será que na finlândia, um dos países mais educados do planeta, a pirataria de software é de 25%? e porque será que lá mesmo, apesar de apenas 15% das pessoas reconhecer que copia música da internet, 85% do tráfego de saída das universidades corresponde a P2P?...* será que isso tem a ver com os modelos [atuais] de negócio de software e música? aqui, agora, precisamos de uma discussão inteligente [e usando dados reais, confiáveis] sobre o que formalizar, pra que formalizar, pra atender que interesses, quando, e se isso é ou não o melhor para fazer agora. é preciso até entender, de perto, [qual a função da pirataria no mercado](#). além de termos que lembrar, a todos os envolvidos, que em tempos onde as tecnologias de suporte estão mudando muito radical e velozmente, como é o caso dos setores da indústria "de mídia" agora "protegidos" pelo pro-ip americano [e só lá, por enquanto], congelar o passado em legislação e ação federal é suicídio puro. de postos de trabalho, de receitas e impostos, no futuro.

resumindo e olhando pra previsão do PIP, sobre a continuada guerra entre quem tem *copyright* e quer ser remunerado por ele e quem está na rede, em banda larga, e tem acesso a tudo, num click: não se trata do fim da propriedade intelectual e ponto final. se este fosse o caso, não haveria uma outra guerra, a de patentes, no ar. só em 2008, [a IBM registrou 4.186 patentes nos EUA](#), recorde da companhia em todos os tempos e mais de tres vezes o registro da microsoft. no total, foram concedidas quase [160 mil patentes](#) nos EUA em 2008.

a "pirataria" a que todos, inclusive o PIP, se referem com frequência é de música, vídeo e software. e ela existe, em boa parte, hoje, porque seu modelo de negócios ainda está em boa parte baseado no suporte físico para entrega do conteúdo ao comprador. e tal suporte físico foi, literalmente, evaporado. quem entendeu isso não está sendo pirateado... veja o caso de google. tudo o que vem de lá é software como serviço, na rede. mesmo que você instale alguma coisa, como gmail no seu celular, só traz a interface, pois as funcionalidades por trás dela estão na rede.

esta quarta previsão do PIP, caso se confirme, é preocupante. vai significar que, daqui a doze anos, ainda teremos uma boa parte das coisas que deveriam estar na rede circulando por aí sobre suportes físicos falidos. aliás, tem coisa que, mesmo já estando na rede, hoje, não deveria durar muito, como venda de música como "arquivo". música e vídeo [e software] tem que passar a ter um tratamento comercial similar à assinatura de um serviço, temporário ou permanente, ao invés de serem distribuídas como arquivos que podem se perder no seu drive, celular ou onde forem armazenadas. uma vez assinadas, o provedor cuidaria para que o conteúdo pudesse ser usado a seu bel prazer, de acordo com direitos que você adquiriu.

mas isso pode levar tempo. e aí nós chegamos ao último dos quatro artigos recentes que o blog publicou sobre o tema, em 12.11.08: [inovação aprendendo com... pirataria?](#) o texto começava dizendo que... *pode ser, pode ser. quase certamente sim. recentemente, neste blog, tratamos dos números da pirataria no mundo [e no brasil], e vez por outra temos falado de luta entre o lado de lá [do modelo fechado de propriedade intelectual] e o lado de cá [dos modelos flexíveis, ou abertos, de copyright]. desta vez vamos falar do mesmo assunto de uma forma, digamos, mais radical: o que pirataria tem a ensinar pra inovação?... visto por um outro ângulo, lutamos contra os piratas ou aprendemos com eles?*



este texto trata de uma conferência de [matt mason](#), autor de [the pirate's dilemma](#), livro em que ele... tells the story of how youth culture drives innovation and is changing the way the world works. It offers understanding and insight for a time when piracy is just another business model, the remix is our most powerful marketing tool and anyone with a computer is capable of reaching more people than a multi-national corporation... ou seja, onde se historia como uma cultura jovem e de jovens muda os processos de inovação e por onde se muda os modelos de negócio do mundo... e onde se propõe a idéia de que pirataria é só mais um modelo de negócios, onde remix é um dos mais poderosos instrumentos de marketing e onde qualquer um com um computador [nota: computador, hoje, é o mesmo que computador ligado à rede] é uma multinacional.

o resumo da conversa de mason, que eu sugiro fortemente que você vá ler [[tá resumida e comentada em sete parágrafos, no blog](#)], é simples e radical: **pirataria é só mais um modelo de negócios**, com suas próprias noções de mercado, cliente, ecologia de valor e todo o resto. pirataria sempre existiu e existirá sempre. e combatê-la -em áudio, vídeo, software- tem a ver com a melhora da sua oferta, e não com a perseguição aos piratas, especialmente quando eles estão vendendo a mesma coisa que você vende, com a mesma qualidade, por 1/10 ou 1/20 do preço. ou distribuindo de graça. o resto é conversa. e tomara que, neste ponto, o PIP tenha errado muito e todo mundo se mude mesmo pra rede, inclusive -e principalmente- do ponto de vista dos modelos de negócio.

[internet em 2020 \[5\]: o tempo e as realidades](#)

18.01.09

[relatório do pew internet project](#) [PIP] sobre o futuro da rede, publicado no fim do ano passado, chegou a seis conclusões. para tal, mais de mil especialistas, teóricos e práticos das tecnologias e vida na rede foram consultados. este blog está comentando os achados do projeto e tentando imaginar o cenário equivalente no brasil. o primeiro da nossa série foi sobre [MOBILIDADE](#), o segundo sobre [PRIVACIDADE e TRANSPARÊNCIA](#), o terceiro sobre o futuro das [INTERFACES](#) e o quarto sobre [PROPRIEDADE INTELECTUAL](#).

hoje, no penúltimo capítulo desta série, vamos falar das realidades física e virtual [termos do PIP] e sobre o tempo pessoal e do trabalho em tempos de rede. neste contexto, [o PIP prevê que...](#) *The divisions between personal time and work time and between physical and virtual reality will be further erased for everyone who is connected, and the results will be mixed in their impact on basic social relations...* ou seja: as separações entre o tempo pessoal e de trabalho e entre a realidade física e virtual serão ainda mais tênues para quem estiver conectado... e os resultados de tal conjugação de fatores, do ponto de vista de seus impactos nas relações sociais, serão bons por alguns lados e nem tanto assim por muitos outros.

primeiro, o que é o virtual? [este blog andou falando disso no ano passado](#): segundo [pierre lévy](#), *a humanidade se constituiu através de virtuais. na opinião do filósofo, os três virtuais fundamentais seriam a linguagem, que virtualiza o presente, criando o futuro e o passado e, conseqüentemente, o tempo; as técnicas abstraem as ações, estendendo o alcance do corpo humano; finalmente, os contratos abstraem a violência, criando as sociedades.*



estamos cercados por virtuais, alguns muito antigos, como dinheiro [parte dos contratos], que é um virtual de poder de compra: ao invés de levar uma vaca para a loja e trocar por um celular, levamos papéis que representam nosso poder aquisitivo [resultado, talvez, da venda da vaca...]. mais

comumente, pagamos com um plástico que é, em si, um virtual do dinheiro, ou seja, um virtual de segunda ordem.

observando por tal ótica, estamos nos virtualizando há milênios e isso é muito legal: o "virtual" não é nenhum susto que começou ontem; estamos nos acostumando a ele à medida que nós próprios o estamos construindo e nos virtualizando. e vamos nos virtualizar ainda mais. no caso do dinheiro, não é difícil imaginar um futuro onde poder de compra estará completamente virtualizado. é só imaginar que todos os créditos e transações financeiras tenham sido informatizadas e estejam na rede. tipo... ninguém mais tem ou anda com dinheiro "físico", em notas, moedas e cartões de crédito, débito e o que mais. ao invés, pagar por algo significa transferir créditos meus para alguém [isto é, sua "conta"] que me entregou um bem ou me prestou um serviço qualquer.

parte disso já pode ser percebido agora, quando taxis, em alguns lugares, começam a preferir cartões de débito como forma de pagamento. em Brasília, segundo um motorista que ouvi, é muito mais seguro. nada mais óbvio: o assaltante em potencial prefere o motorista que não aceita cartão de débito porque, se este último estiver tendo um sucesso razoável nas suas transações eletrônicas, terá muito menos dinheiro "em caixa". agora generalize isso para toda a economia, da barraca de macaxeira até a loja virtual de música [virtual, também]. resultado?... dinheiro, salário, compras, vendas e empréstimos completamente virtualizados.

vantagens disso? um assaltante pode até forçar alguém a comprar alguma coisa para ou por ele. mas vai ser na rede, virtual, e vai ficar documentado. assaltar pra "pegar" o dinheiro de alguém deixa de ser negócio: o ladrão vai ter que transferir algum valor da minha conta para a dele ou alguma outra. registrado, de novo. pense nas alternativas para tentar extrair dinheiro de alguém sem deixar rastro. vai ser muito mais fácil achar as brechas do sistema e, através delas, tirar do sistema ao invés de alguém em particular.

desvantagens? com as finanças virtualizadas, todos os sistemas de supervisão e controle da sociedade, se quiserem, terão acesso a todas as transações financeiras realizadas por toda e qualquer pessoa, seja pra que for. sem "trocados", mesmo o dinheiro do flanelinha tem que ser transferido através de uma transação em rede, que terá seu local, hora, motivos, valor e envolvidos registrados. para sempre. uma das vantagens da desvantagem é que lavagem de dinheiro se torna quase impossível, se todos os sistemas financeiros estiverem devidamente conectados... [inclusive os dos mundos virtuais](#). olhando para o caos dos sistemas financeiros mundiais, é bem capaz de termos uma parte muito maior deles nesta fora e em rede, em 2020, por razões de controle [sobre as instituições] e sobrevivência [de todos nós].

até aqui tudo bem, você pode dizer, até porque "eu não tenho nada a esconder". já falamos disso nestes textos sobre o futuro da internet e a descoberta -óbvia- é que todo mundo tem muito a esconder [veja texto desta série neste link](#). e a humanidade depende, em boa parte, de assimetria de informação, ainda mais quando tratamos de mercados, custos e preços. virtualizar, informatizando tudo, vai ser muito bom, vai simplificar muita coisa. por outro lado, podemos perder uma parte considerável do que se acha que são, hoje, liberdades e direitos humanos fundamentais. e olhe que, até aqui, só falamos de virtualizar, de forma mais radical, o dinheiro, coisa que já é um virtual há milênios.

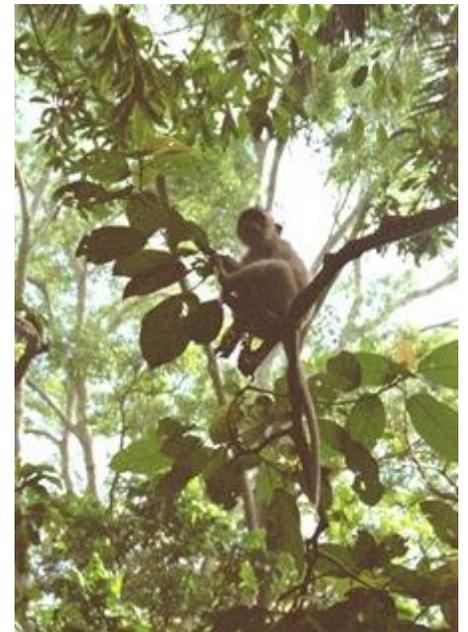
mas vamos olhar também o outro lado da previsão, que tem a ver com a interface cada vez mais difusa entre o tempo pessoal e o do trabalho. para isso, vamos partir do princípio de que estamos e estaremos vivendo em uma sociedade que, cada vez mais, será da informação e do conhecimento. ou seja: no médio prazo, quem ainda tiver alguma função sócio-econômica que convenhamos relacionar às noções atuais de trabalho e emprego [e renda] estará quase que certamente trabalhando em e com conhecimento.



quando seu trabalho é de conhecimento, seu tempo pessoal, já hoje, não se separa de seu tempo de trabalho. você, na prática, não desliga a parte de seu cérebro que resolve os problemas do trabalho quando, por exemplo, está na praia. aliás, é bem provável que na praia, separado do seu "local" de trabalho, pegando onda em maracaípe, lhe venha alguma idéia sobre como tratar um dos "problemas" do trampo.

e o melhor é que isso não deveria ser nenhuma novidade. imagine um nativo, numa selva ideal, intocada por invasores. de quantas fontes de informação depende, a qualquer momento, a sobrevivência daquele indivíduo e seu grupo? ele sai para caçar e, ao contrário do que pensamos, não está absolutamente concentrado no macaco, no topo da árvore, que ao ser acertado por uma flechada será a proteína do almoço de amanhã. há um amplo contexto ao redor do nosso caçador: sua atenção tem que ser dividida entre uma multitude de sinais, desde pássaros agitados por causa de algum predador [a onça que pode estar atrás] até os estalos, à frente, que podem se transformar num bote mortal de serpente em poucos segundos.

o caçador tem que dispensar ao seu alvo o que passamos a chamar, há pouco tempo, de [atenção parcial contínua](#). o alvo e um monte de outras coisas têm que estar no foco, o tempo todo, um pouquinho de cada vez e simultaneamente. isso vem a ser a base do que a revista TIME denominou da "geração multi-tarefa" e que o professor de educação da ufba, [nelson pretto](#), chama da "[geração alt+tab](#)", se referindo ao mecanismo padrão de troca de foco entre as janelas de windows. mão na direção outra na marcha, um ouvido no rádio do carro, juca kfouri -e nós- torcendo pela queda do ricardo teixeira, outro na rua, um olho no trânsito e outro no celular -pra ver quem está chamando- e olha que o sinal vai fechar... nós somos, sempre fomos, multi-tarefa.



mas não é só: a extensão -ou virtualização, usando a rede- dos locais físicos de trabalho, que vai acabar levando à extinção dos locais de trabalho nos casos em que as ferramentas possam ser informatizadas e providas à distância, vai fazer com que o tempo pessoal deixe de ser compartimentalizado em horas "de repouso", versus horas "de trabalho", onde alguém bate ponto e tem sua capacidade de trabalho alugada, por alguma instituição, por hora.

vamos voltar, paulatinamente -e 2020 está antes da metade do caminho- a uma situação em que seremos remunerados por resolver problemas e não por hora de aluguel de nossas capacidades. o trabalho escravo, no passado, obrigava o indivíduo a estar disponível o tempo inteiro, a vida inteira. o trabalho "de ponto" a que nos obriga a legislação trabalhista brasileira em quase todos os casos, reduz tal disponibilidade a cerca de um terço do dia, garantindo férias e mais um bocado de coisas. e, na maioria dos casos, desacopla o empregado do risco e do sucesso do empreendimento.



bater "o ponto" e trabalhar num "local de trabalho" está diretamente associado à escassez das ferramentas com as quais o trabalho é feito e ainda fará sentido, no futuro próximo, para um certo número de profissionais. mesmo quando ambientes são essenciais para o trabalho. olhe para os cirurgiões: a maioria já não "bate ponto", resolve problemas e é remunerado por isso. da mesma forma, não há nenhuma razão para que o professor [sempre] dê aulas "na escola", se houver disponibilidade de ferramentas e infra-estrutura de conexão que integre comunidades de aprendizes,

tenho experimentado, na última meia década, trabalhar de qualquer cidade ou prédio com gente em muitos outros lugares e prédios. às vezes, de um hotel em são paulo, entro em contato, via skype, nimbuzz, emeio, blog, rede social, twitter... com dezenas de pessoas, para resolver problemas, entre 11 da noite de 2 da manhã. e a maioria dos emeios que sai do meu laptop, no hotel, foi composta no vôo recife-guarulhos, que ainda é uma das poucas três horas em que ninguém consegue me encontrar online. por enquanto: vem aí cobertura 3G dentro dos aviões, coisa [antecipada por este blog muitos meses atrás](#).

dá pra notar que os dois temas deste texto estão conectados: quanto mais nos virtualizamos, mais difusa se torna a separação entre os tempos do trabalho e pessoal. isso é bom ou ruim? como tudo na vida, depende...

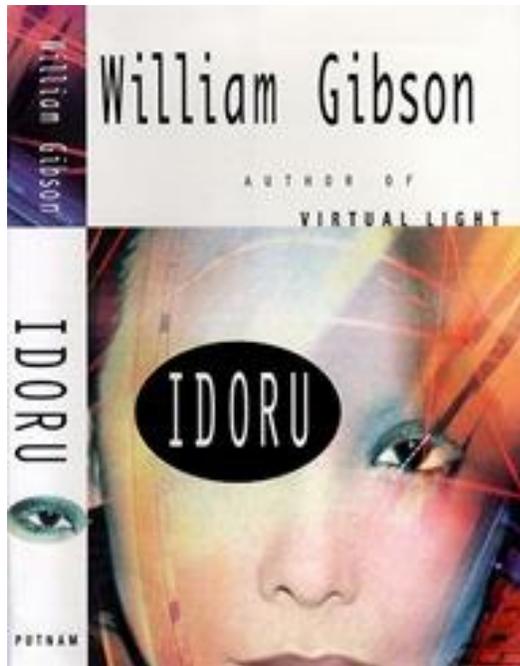
em 2020, as cidades estarão muito mais conectadas entre si e, dentro delas, seus bairros e prédios estarão mais conectados. será muito mais fácil trabalhar sem ir até o local de trabalho... e você e eu não precisaremos jogar fora quatro horas, por dia, no trânsito, para ir até o lugar onde, no passado, estavam as ferramentas necessárias para realizar nossa tarefa. empresas que continuarem insistindo em trazer as pessoas para um local de trabalho singular poderão ser

forçadas a pagar impostos mais altos por isso, para compensar o custo logístico que infligirão à região onde estão situadas.

mas, alguém diria... você pode ficar viciado em trabalho e trabalhar o tempo inteiro, exatamente porque os meios estarão com você [em casa ou perto dela] ou em você [no longo prazo, implantados em você...]. sim, você pode ficar viciado em trabalho. isso pode fazer muito bem à sua empresa, por um tempo, e a você, também por um tempo. mas pode virar um vício radical, uma neurose, daquelas que precisa ser levada a sério e tratada. muita gente pode ficar viciada em trabalho, num cenário como o descrito acima. mas será que isso faria mais mal à sociedade do que as doenças de trabalho causadas pelo trânsito que se enfrenta pra ir trabalhar ou, pior, pelas mazelas pessoais e sociais advindas de práticas de "trabalho" em que uma parte dos empregados bate ponto e não faz nada, gastando o expediente, na sua "repartição", a ver navios e contaminando os companheiros?...



é muito provável que não. mais virtualização, com uma separação bem menor entre o abstrato e o concreto, fundindo ambos em uma [quase] só realidade, tornará possível levar o trabalho às pessoas e não as pessoas ao trabalho. esta é uma parte inevitável do futuro. parte dela já acontece agora e muito mais vai estar rolando daqui a doze anos. neste cenário, e pra quem está começando agora, é bom olhar pro futuro com olhos virtuais e pensar em como se remunerar, num mundo em rede, resolvendo problemas, estejam onde estiverem. este vai ser o jeito do futuro. e já pra muito mais gente e em muito maior parte, daqui a meros doze anos.



pra terminar, uma recomendação de leitura sobre o virtual e os nossos tempos, num futuro mais próximo do que talvez se possa imaginar: [idoru](#), novela escrita por [william gibson](#) em 1996. idoru é o japonês para ídolo, que os americanos acham que veio de *idol*, mas deve ter vindo mesmo de *ídolo*, em português. o ponto alto da história é o casamento de uma estrela de rock, *rez*, com um idoru, *rei toei*, nada mais nada menos do que uma construção virtual, um [ídolo sintético ideal](#) que existe na realidade mas que não é... concreto.

a novela deixa claro que todos os ídolos são construções e que tanto faz, mantida uma certa distância, se são concretos ou abstratos. *rei toei*, um virtual, não separa trabalho e lazer, move montanhas e mundos, tem legiões de fãs e, ainda por cima, vai se casar com alguém de... verdade.

rei toei guarda uma semelhança com as bandas de adolescentes que espocam aqui e ali, onde os participantes saem de uma linha de montagem operada por empresários e produtores [e mídia] e são, quase sempre, vazios. isso não impede que sejam adorados de forma frenética por multidões de outros adolescentes que gostariam muito de estar em seu lugar ou... casar com eles. neste presente, nosso e bem real, já padecemos de uma certa confusão entre estes concretos e abstratos.

o passo à frente de gibson é criar [uma celebridade abstrata](#), idolatrada, capaz de levar um dos maiores roqueiros [digamos] concretos do planeta a querer se casar com ela. ou seria, apenas, uma conjunção de interesses manipulada pelos gestores de ambos os lados? é o futuro, diria um dos personagens, e [não vou revelar](#) aqui... [vá ler o original](#). vale a pena.

[internet em 2020 \[6\]: o futuro da infra-estrutura](#)

22.01.09

[relatório do pew internet project](#) [PIP] sobre o futuro da rede, publicado no fim do ano passado, chegou a seis conclusões. para tal, mais de mil especialistas, teóricos e práticos das tecnologias e vida na rede foram consultados. este blog está comentando os achados do projeto e tentando imaginar o cenário equivalente no brasil. o primeiro da nossa série foi sobre [MOBILIDADE](#), o segundo sobre [PRIVACIDADE e TRANSPARÊNCIA](#), o terceiro sobre o futuro das [INTERFACES](#), o quarto sobre [PROPRIEDADE INTELECTUAL](#) e o quinto sobre as [REALIDADES](#) [física e virtual] e os [TEMPOS](#) [do trabalho e pessoal], em tempos de rede.

este é o último capítulo desta série, onde vamos considerar a previsão do PIP sobre a evolução das tecnologias da rede. [o PIP prevê que...](#) *Next-generation engineering of the network to improve the current internet architecture is more likely than an effort to rebuild the architecture from scratch*: é mais provável que as próximas gerações de engenharia de redes melhorem as bases da internet atual do que reconstruam a rede a partir do zero.

pra entender porque tal previsão faz muito sentido, é preciso considerar qual foi o ponto de partida da internet [em 1968!...] e o que, de lá pra cá, foi feito pra implementar a rede como imaginada pelos visionários de conectividade lá no começo dos tempos. [leonard kleinrock](#), cuja tese de doutoramento no MIT estabeleceu alguns dos fundamentos das modernas redes de comunicação e que foi responsável pela primeira conexão entre computadores numa forma em que hoje reconheceríamos como internet, relembrou, em um artigo publicado em 2003 [[An Internet vision: the invisible global infrastrucutre](#)] que sua visão original da internet envolvia cinco princípios: 1. *The Internet technology will be everywhere*; 2. *It will be always accessible*; 3. *It will be always on*; 4. *Anyone will be able to plug in from any location with any device at any time*; 5. *It will be invisible*.

em bom português, 1. a tecnologia de internet vai estar em todo lugar; 2. o acesso à rede será permanente; 3. a rede vai estar sempre ligada; 4. qualquer um vai poder entrar na rede a partir de qualquer lugar, com qualquer tipo de dispositivo, a qualquer hora e 5. a rede será invisível. segundo o próprio kleinrock [e qualquer um de nós pode comprovar isso] os princípios 1-3 estão sendo implementados paulatinamente, apesar de sua distribuição na sociedade e na geografia não ser exatamente uma beleza. mas os padrões de internet se tornaram universais e a prefeitura de taperoá, se quiser cobrir a cidade com wi-fi, sabe exatamente como fazê-lo. e, bem feito, vai ficar tão bom quanto em san francisco e será "a mesma" internet.

claro que a gente pode reclamar muito, ainda, do "sempre ligada": meus dois provedores de rede não parecem ter lido o artigo de kleinrock e, muito menos, terem ouvido falar em direitos dos usuários ou acordo de nível de serviço. se me fornecem mais banda, tenho que pagar mais; se passam 10% do mês fora do ar, me cobram a mesma coisa...

mas o bicho pega, do ponto de vista da separação entre visão e realidade, quando se considera os itens 4 e 5 da visão de Kleinrock. conectar qualquer coisa, a partir de qualquer lugar, a qualquer hora, décadas atrás, significava conectar terminais e computadores, que estavam dentro de centros de computação, uns aos outros. hoje, usando uma infra-estrutura que herdou muitas características da original, tenta-se conectar literalmente tudo à rede, de brinquedos, geladeiras, fechaduras de portas, automóveis e aviões até sensores implantados em seres humanos. tudo passou a ser tudo mesmo e qualquer lugar e hora passaram a ser tratados literalmente: são qualquer lugar do planeta [e fora dele] e 24x7x365.

isso é muito bom, porque passamos todos a usar, como meio de troca de informação, a mesma plataforma de rede, seu hardware, seus processos, seus protocolos. o problema é que a rede, como pensada originalmente, não previa que um dos seus principais usos seria servir de base para outras redes, como é o caso das comunidades P2P criadas sobre a infra-estrutura de internet. estes "outros usos" forçam os limites da rede até pontos de ruptura, como é o caso quando provedores americanos constroem tráfego de certos tipos [P2P, VOIP...] para garantir serviços que consideram essenciais...

ou pior: sempre se tratou a casa do usuário como sendo um lugar para onde **iam** dados e de onde, com muito menor intensidade, **vinham** dados. na hora em que a audiência, conceitual e praticamente, se transformou em comunidade, os usuários podem ser, em um número cada vez mais frequente de situações, o lugar de onde os dados estão vindo. e aí, como a infra-estrutura não aguenta, começam nossos conflitos com os provedores. quanto mais fora do [centro da rede](#) você está, maior a chance de não haver banda suficiente para você ser parte da comunidade e ter seu papel restrito [se tanto] a audiência.

mas o ideal está ainda mais longe da realidade quando se considera o item 5 da visão de Kleinrock: *a rede será invisível*. disso ainda estamos tão distantes que, quando a rede nos der tal tipo de experiência, vamos achar que estamos usando a "próxima" geração da internet. invisível, neste caso, poderia ser qualificado como, por exemplo, tão invisível como no caso da eletricidade. lá, você transfere toda a complexidade do sistema para a geração e distribuição e na sua casa há nada mais que tomadas e interruptores. se tudo correr bem, você só lembra que vive completamente imerso em eletricidade [água, esgoto, telefone, iluminação, elevador, internet... tudo depende dela] quando falta. e isso ocorre com uma frequência cada vez menor.

a invisibilidade da rede [e da infra-estrutura de informação, como um todo] é parte do que eu [venho chamando, há algum tempo, de informaticidade](#), como no texto que se segue, de 2006:

a era da informação, segundo Peter Drucker, não começou com a internet, mas bem antes, ao fim da segunda guerra mundial. até então, vivíamos a era da energia, ao redor da qual estavam centrados os negócios e a atividade científica, tecnológica e inovadora. as palavras de ordem eram mais forte, mais rápido, mais potente, num universo de pressões, temperaturas e velocidades. o domínio da tecnologia nuclear e a possibilidade de simular processos estelares deu um ar de fim-da-história ao mundo da energia. a partir daí, os processos biológicos

passaram a ser a dominar o cenário e estes, apesar de baseados em energia, estão organizados ao redor de informação e seu processamento.

temos meio século, pois, de era da informação, o que coincide com a idade das máquinas computacionais, digamos, modernas, inauguradas com o eniac em 1946. os primeiros processadores eletrônicos de informação eram tão complexos que as organizações que os tinham em casa foram obrigadas a criar departamentos de tecnologia, populados por gente que entendia de sistemas computacionais -os computadores propriamente ditos e sua infraestrutura de software-, capaz de fazer as “máquinas” produzirem os “resultados” exigidos pelos negócios. da mesma forma como, no princípio dos tempos da energia, as indústrias de sucesso tinham seu próprio departamento de energia [e algumas o têm até hoje], os negócios mais inovadores destes sessenta anos de era da informação foram aqueles que melhor souberam tirar proveito dos computadores, usando para isso a competência tecnológica interna e de tantos parceiros quantos foi possível.

os computadores e seu uso nos negócios foram inovações radicais do século XX, mudando o mundo e criando possibilidades que, processando dados à mão, eram impensáveis. mas toda inovação é incompleta, imperfeita e impermanente, e sempre chega, de novo, a hora de inovar. não que informática tenha se tornado *commodity* e qualquer um, em qualquer lugar, possa provê-la. mas, lá atrás, energia se tornou eletricidade, disponível na tomada, e não queremos saber como nos chega. usamos, pagamos e pronto.

da mesma forma, processamento de informação vira **informaticidade**: interfaces especificadas e entendidas, escondendo funções e procedimentos que queremos, sim, saber o que fazem. suas propriedades são mais complexas do que os fluxos de corrente (da “energia elétrica”) que produzem calor, luz e movimento. mas, uma vez a par dos significados por trás das interfaces e tendo acesso remoto, confiável, de alta performance e barato, não precisamos, para usar tal **informaticidade**, de departamentos de tecnologia do lado de cá da rede.

e isso é uma boa notícia para todos. primeiro, para o pessoal “de tecnologia”, que vai trabalhar onde os problemas “tecnológicos” estão, e onde é mais interessante e divertido estar: lugares como amazon s3 [armazenamento on-line], netvibes.com [ecologia de informação] e salesforce.com [cadeia de valor de processos de automação de negócios]. todos são exemplos de **informaticidade**, atrás do conector, sem que o usuário pense em segurança, performance, updates, backup... problemas lá do pessoal “de tecnologia”.

software-como-serviço é outro nome que se dá a informaticidade; mas esta é bem mais que aquela: inclui hardware-como-serviço, rede-como-serviço e, quase de brincadeira, serviço-como-serviço, quando não temos que fazer o serviço que deveríamos, pois tal poderia ser realizado compondo outros, já disponíveis na rede.

por outro lado, quem ficar do lado de cá do conector terá que se concentrar no que é essencial para o negócio: **informação**. durante muito tempo -quase todos estes sessenta anos- os interesses informacionais dos negócios estiveram subjugados às competências, humores e

modismos de seu pessoal de “tecnologia”. apesar do chefe, lá, atender pelo título de *chief information officer*, que significava, de fato, *chief information technology officer*. com a tecnologia escondida na **informaticidade**, o pessoal “de tecnologia” que restar será o que der conta, enfim, da **informação**.

a agenda dos “novos” **cios**, nos negócios, será pautada na criação, manutenção, implantação e operação de **políticas e estratégias de informação**, cobrindo o ciclo de vida de informação no negócio, de criação ou captura até terminação, passando por processamento, armazenamento, preservação, apresentação... para o que precisarão desenhar **sistemas de informação**, parte da funcionalidade dos quais, breve, será provida pela **informaticidade** da rede, através da composição de funções disponíveis em muitos fornecedores. e o resto, que tivermos que definir e escrever nós mesmos, será em boa parte complementos e conexões de coisas que outros irão nos fornecer como serviço.

em algum lugar, lá atrás, estarão, a suportar tudo, as tecnologias de informação. gozando pela primeira vez, em sua curta história, da imunidade do anonimato. algo me diz que, neste novo mundo, as coisas serão muito mais calmas e que, por isso mesmo, poderemos inovar muito mais.

tal conjunto de conceitos deixa bastante claro que informaticidade é algo bem mais amplo do que computação ubíqua, “*cloud computing*”, software como serviço ou qualquer outro subconjunto do que queremos ver -e ter- como a infra-estrutura prá lá e nós pra cá, usando a máquina de inovar que é a internet como plataforma universal de criatividade e empreendedorismo e não como foco de nossas preocupações e atenções, como se fosse fundamental, para cada um, saber como funciona um *proxy*, o que é um servidor de DNS e coisas do tipo. não, não é.

enquanto for... a quinta e mais importante parte da visão de kleinrock sobre o futuro da internet [visto a partir de 1969!...] não terá sido realizada. e isso vai continuar lembrando que o nosso principal papel, na engenharia e interfaces de rede, será a de continuar transformando nossa infra-estrutura de conexão e interação para que sua implementação e uso venham a ser, no futuro, tão simples como foi pensada lá no começo.

por isso que é mais que claro que nenhuma revolução fundamental vai ocorrer na internet na próxima década, como o PIP descobriu. pode até ser que novos sistemas de computação e comunicação, novos protocolos e novas interfaces se tornem realidade. mas serão apenas meios para se atingir uma visão simples e ao mesmo tempo genial que, depois de quarenta anos, ainda estamos implementando.

lock-in: a vez de google?

25.01.09

do ponto de vista econômico, um consumidor, ou um monte deles, está [locked-in](#) quando um fornecedor criou uma situação em que o custo de trocar seus produtos e serviços de um competidor é tão alto que, na prática, o consumidor é forçado a seguir os ditames do fornecedor. pensou desktop, achou a microsoft, que tem um lock-in acoplando office ao sistema operacional windows, sem falar no internet explorer e windows media player, também colados ao sistema operacional, caso que rendeu à empresa processos e [muitas monumentais](#). parte do negócio e do quase monopólio de redmond nos PCs, diriam os economistas. inevitável, no processo de capitalismo de mercado, diriam os investidores.



google, a companhia que jurou "[do no evil](#)", talvez esteja no caminho de tornar-se um lock-in pra uma boa parte das coisas que acontece na rede. e na sociedade. e isso [não começou a acontecer um dia destes](#). google, que está tentando desenvolver o que se poderia chamar de um "[sistema operacional da rede](#)" e uma grande família de aplicações que funcionam,

como serviço, sobre os fundamentos do tal sistema, está dando passos que levarão, quase sem dúvida, a um novo conjunto de lock-ins.

nos últimos dias de 2008, a companhia resolveu avisar aos usuários de gmail que internet explorer 6 [não é mais suportado](#) pela aplicação online e que os usuários devem mudar para firefox ou chrome, que vem a ser o browser que o próprio google está desenvolvendo. chrome, ao invés de mero browser, é uma plataforma de suporte local para aplicações em rede, ou seja, parte essencial de um processo de lock-in que google já pode ter começado a dar andamento.

até porque a companhia tirou firefox de seu pacote de aplicações e dá claros sinais, por vários outros meios, de que está gostando muito de fazer as coisas "sozinha" ao invés de "em rede". e o browser parece ser [parte essencial da estratégia](#). a pergunta que sobra é: até que ponto criar barreiras para impedir que seus usuários troquem de fornecedor é "[evil](#)"? a resposta é... sempre que alguém muito bem estabelecido está fazendo isso [e, de preferência, é pego fazendo isso] é "[evil](#)" [sim](#). se é um pequeno davi que está lutando contra os grandes golias que usa de tal arma... normalmente se dá um desconto e se acha que é parte do processo de competir.

e desde quando que google é um [pequeno competidor em busca de espaço](#) para crescer? dentro de quanto tempo teremos os governos americano e europeu investigando as práticas de google? um, três ou cinco anos? façam suas apostas.

a grande troca de guarda

26.01.09



a intel acaba de anunciar que craig barrett deve se aposentar como *chairman of the board* da empresa que lidera o mercado mundial de CPUs e muitos outros componentes fundamentais para a construção de sistemas digitais. barrett, 69, é [creditado por muitos](#) como tendo sido o engenheiro que realmente "construiu" a intel como a conhecemos hoje.

se listarmos uma comissão de frente das empresas de tecnologias de informação e comunicação e serviços correlatos mais importantes do planeta, além da intel, certamente estariam a microsoft, amazon, google, yahoo, eBay, apple, ibm, cisco, oracle e mais uma dúzia. entre as que estão aí desde o começo da internet e que afetam diretamente os usuários normais, a lista é bem menor: intel, apple, microsoft, google, eBay, amazon e yahoo.

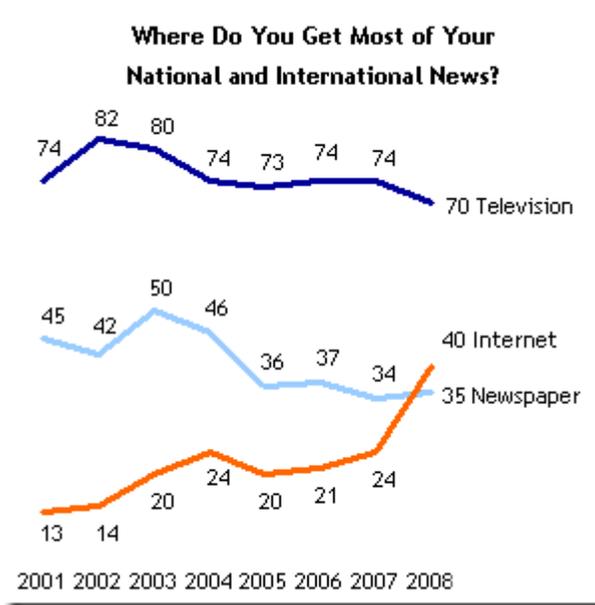
do começo de 2008 pra cá, saíram de cena os líderes da microsoft [bill gates foi tocar sua fundação, [dedicada aos mais pobres e sua saúde](#)], eBay [meg whitman está pensando em ser [governadora da califórnia](#)], intel [barrett deve continuar como presidente da [U.N. Global Alliance for Information and Communications Technology and Development](#)] e apple [steve jobs está de licença para tratamento de saúde e [muitos duvidam que ele volte à empresa](#)]. jerry yang, como se sabe, foi meio que demitido de yahoo e, ao contrário das outras empresas desta lista, [não há muita gente apostando](#) que a companhia vai rever sua antiga glória. pena.

continuam no lugar os CEOs de google, eric schmidt, [que não vai aceitar nenhum cargo no governo dos EUA, muito menos o de CTO](#), e da amazon, jeff bezos, que [está muito bem](#) e confiante [[desde sempre](#)] na próxima geração dos serviços de internet. são os últimos representantes da velha guarda da internet, os últimos CEOs, ainda em atividade, da primeira onda das companhias de rede.

o pico atual é das [companhias de redes sociais](#), mas quase ninguém ainda sabe quem está por trás delas... esta ainda é uma aventura a ser escrita.

notícias: internet passa jornais [e vai passar TV]

28.01.09



as duas primeiras imagens deste texto dão uma idéia do tamanho do problema que a indústria de notícias já enfrenta, hoje, e também a pedreira daqui pra frente. à esquerda, um gráfico do [pew research center for people and the press](#) mostra que os jornais foram superados pela internet, este ano, como fonte de informação nos EUA.

entre 2007 e 2008, as notícias dos jornais ganharam 1% de audiência, as da TV perderam 4% e a internet –como fonte de informação- ganhou 16%. os totais de audiência, somados, passam de 100% porque a resposta é de escolhas múltiplas. de seu pico, em 2002, a TV perdeu 12 pontos; do pico de 2003, o rádio perdeu 15 pontos. por

outro lado, de sua base de 2001, que é quando banda começa a se tornar realmente disponível para a internet nos EUA, a audiência para notícias, na rede, saiu de 13 para 40 pontos. sinal dos tempos.

mas mudança ainda mais radical já é percebida na faixa etária entre 18 a 29 anos. olhe a tabela à direita: nela, a internet já empata com TV como principal fonte de informação, enquanto rádio, jornais e revistas estão muito atrás. para os mais jovens, TV perdeu 11 pontos entre 2007/8 e a internet cresceu 25 pontos. isso pode ser resultado do interesse despertado pela campanha eleitoral americana, com o time vencedor usando a rede ostensivamente e atraindo, para lá, uma grande parcela dos mais jovens... ou vice-versa: o fato dos jovens estarem na rede fez o time de obama levar boa parte da campanha para lá e, com isso, quem já vivia a campanha, na rede, acabou vendo as notícias sobre a eleição e outras por lá mesmo. e pode ser uma combinação –definitiva- dos dois fatores.

Internet Rivals TV as Main News Source for Young People*

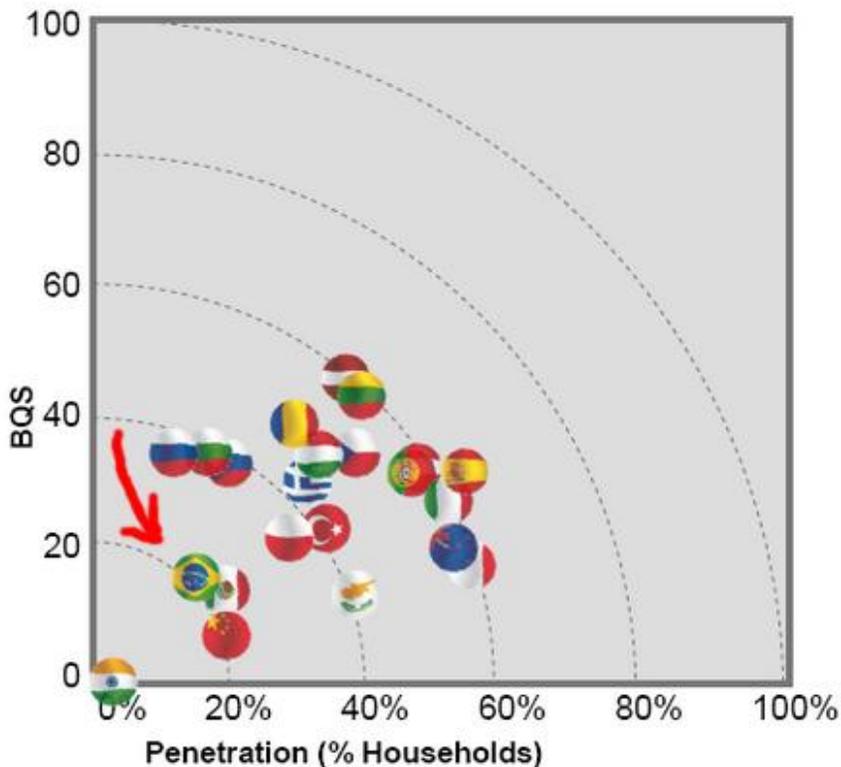
Main source of news	Aug 2006 %	Sept 2007 %	Dec 2008 %	07-08 Change
Television	62	68	59	-11
Internet	32	34	59	+25
Newspapers	29	23	28	+5
Radio	16	13	18	+5
Magazines	1	*	4	+4
Other (Vol.)	3	5	6	+1

* Ages 18 to 29.
Figures add to more than 100% because multiple responses were allowed.

estes resultados estão em linha com dois textos recentes deste blog, um sobre [o destino \[quase certo\] dos jornais de papel](#), de 2 de dezembro passado, quando falávamos de mais de 13 mil jornalistas e pessoal auxiliar demitidos nos EUA, no ano, até então. nos últimos dias de 2008, [mais 2 mil perderam o emprego](#) levando a mais de 15.500 demissões no setor, nos EUA, em um único ano. no primeiro mês de 2009, quase 1.000 jornalistas e e assistentes [já foram demitidos por lá](#). é como se toda uma era, incluindo a dos grandes jornais, estivesse chegando ao fim, com ícones como o new york times e o chicao tribune em vias de passar, também, para a história. o outro texto era sobre o [crescimento da publicidade na internet, no brasil](#), que vem aumentando aí pelos 45% por ano, ritmo no qual deve passar rádio em 2009, depois de já ter empatado, em 2008, com TV por assinatura. e o total do investimento em propaganda, por sinal, deve cair na soma de todos os meios à medida que a internet cresce... como diz [jeff zucker, da NBC](#), **a revolução da informação é a transformação de dólares analógicos em centavos digitais.**

e no brasil, quando é que veremos coisas como o PEW está descobrindo nos EUA? sem contar com mais e melhores pesquisas sobre comportamento na internet, pra começar, precisamos de muito mais banda e universalização. outro texto publicado aqui no blog, em setembro, relatava uma [pesquisa da universidade de oxford](#) onde o brasil aparece no honroso terceiro lugar... de baixo pra cima, em uma lista de 42 países, quando o assunto é qualidade da banda larga. ainda precisamos descobrir, por aqui, que quem não tem banda larga [mesmo] não tem internet.

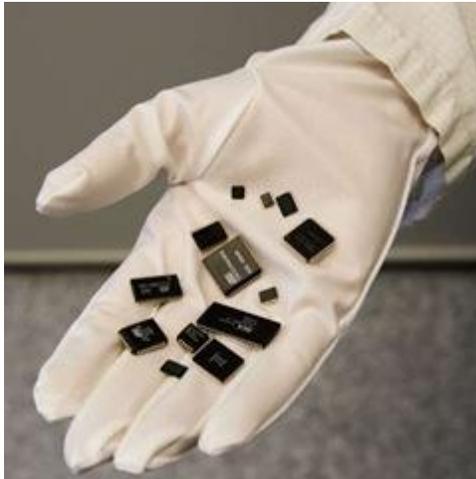
BROADBAND LEADERSHIP MATRIX (21-42)



logo depois, precisamos fazer a tal banda chegar em todos os lugares e à vasta maioria das pessoas no país, especialmente os locais mais remotos e à gente mais necessitada. feito isso, não vai dar outra: vai rolar por aqui o que está ocorrendo no mundo inteiro e iremos todos, e de uma vez por todas, para a internet. inclusive o rádio, jornais e TV, com muito maior contribuição, colaboração e controle do que se chamava de audiência, no passado, e que hoje se torna, onde há banda para todos, uma multitude de comunidades, criativas, participativas...

“custo brasil”: uma novela sem fim?...

29.01.09



em mais uma decisão das que a indústria costuma rotular de "tipicamente brasileira", a secretaria de comércio exterior [secex] decretou no último dia 26 uma [barreira não tarifária](#) sobre a importação de produtos e insumos, inclusive as partes e peças essenciais para a indústria de tecnologias de informação e comunicação continuar funcionando no país.

[pela nova regra](#) [de vida muito curta, veja a seguir], cerca de 60% de tudo o que o país importa iria passar por aprovação federal. ao que consta [e foi amplamente noticiado], nem o planalto nem o

itamaraty foram consultados sobre o assunto... e muito menos, claro, a indústria.

estamos diante do que parece se tratar de mais um capítulo da novela "custo brasil", muito mais longa e complexa do que a interminável [redenção](#), que foi ao ar pela extinta tv excelsior, entre 1966 e 1968, e que chegou a quase 600 episódios. na novela, cada personagem era uma subnovela particular. a licença de importação é um dos mais peculiares e inusitados capítulos do “custo brasil”.

pois bem. no que deveria ser uma política industrial estável para um setor cuja competitividade está quase sempre na corda bamba, o governo também decidiu que a fabricação nacional de laptops deve ter, a partir de agora, [pelo menos 50% dos módulos de memória fabricadas no país](#). antes, a produção local tinha que ser de pelo menos 20% deste subsistema. por aqui, há apenas um fabricante de tais módulos e ninguém sabe de sua capacidade para atender a demanda adicional imposta pelas novas regras ou qual será o impacto de mais esta “nova regra” nos preços para o usuário final.

nos últimos poucos anos, um conjunto coerente de medidas federais acabou com o que indústria e governo chamavam de mercado cinza, na verdade uma ampla e sofisticada rede de valor especializada na importação [ilegal] de componentes, partes e peças para montagem [informal] de computadores e sistemas digitais. restrições como as anunciadas esta semana devem estar assanhando algumas de nossas fronteiras ao sul e muitas ruas e negócios de reputação duvidosa em todo país, pois podem ser um novo ponto de partida para o mercado cinza voltar a dominar a produção e comercialização de PCs e laptops.

para aumentar a atratividade do setor de TICs para contrabandistas, aproveitadores e sonegadores, é só o governo criar mais umas duas ou três “regras”, na ausência de uma política industrial ou de negócios que, ao invés de tornar a indústria nacional mais competitiva no

cenário internacional, tenta proteger o mercado local para uma indústria tornada incompetente pelas estruturas e conjunturas de nossa plataforma de [in]competitividade global. e em nenhum setor isso acontece mais rápido do que em informática. a licença de importação, decretada no dia 26, [já parava fábricas](#) que trabalhavam com suprimentos [just in time](#) no dia 27. ainda bem que foi revogada dia 28. foi só uma piada de muito mau gosto [que ecoou em todo mundo]. mas a “[portaria das memórias](#)” continua vivinha da silva.



para se ter uma idéia de como vale a pena contrabandear memórias caso sua importação seja restrita, sobretaxada, ou o preço da produção local seja alto, um módulo de 2GB [dois bilhões de caracteres, padrão nos laptops] pode ser encontrado por um preço que vai de [US\\$25](#) até [US\\$250](#) no mercado mundial. a plaquinha [veja ao lado] pesa no máximo 50 gramas. a variação de preço está relacionada à quantidade de peças adquiridas e à velocidade, confiabilidade e outras características do módulo e dos chips usados em sua construção. pras nossas contas, vamos assumir que o módulo custa US\$100.

imaginando que nosso contrabandista é “de mala” e não “de container”, numa mala padrão de 30Kg devem caber uns quinhentos módulos e suas embalagens, pois a coisa é muito pequena e estreita. preço da mala no mercado internacional? **US\$50.000**. se a diferença entre os preços local e global for “suficiente” [20% ou mais], já vai ter gente correndo o risco e pagando pra “internar” a mala e seu conteúdo no país.

fontes confiáveis disseram a este blog que a “tabela” para internação de mercadorias está ao redor de US\$25 por quilo [excluindo substâncias tóxicas], o que tornaria possível trazer a tal “mala”, pelos canais informais, pagando meros US\$750. num mercado de PCs e laptops, *commodities* que todo mundo tem e faz... um dos poucos diferenciais é o preço final e as condições de pagamento. tire suas conclusões. e se lembre que a conta acima é pra memórias, que são muito baratas porque produzidas em altíssimo volume. para outros módulos, o modelo cinza “de negócios” se justifica para volumes e diferenças percentuais bem menores.

a licença de importação, como dissemos, [não vingou](#). a indústria articulou uma gritaria tão grande e tão coerente que a coisa durou menos de 48h. legal. mas a regra para as memórias está aí, somando-se à cacofonia de tarifas, impostos, taxas, regras, regulamentos, concessões, planos, aprovações e toda a parafernália da novela “custo brasil” que assombra, dia e noite, há décadas, a indústria nacional de qualquer coisa. aliás, há tantos atores [e seus interesses, contextos e consequências] na trama que uma outra novela, da mesma época que redenção, precisa ser lembrada.



entre junho e dezembro de 1967, a globo levou ao ar [anastácia, a mulher sem destino](#), escrita por emiliano queiroz. sem qualquer experiência em novela, o autor danou-se a adicionar histórias, personagens [e atores amigos] ao folhetim, o que resultou numa tremenda confusão na tela e numa situação na qual o que restou da audiência não entendia bulhufas.

áí pelo capítulo 100, janete clair foi chamada por glória magadan pra dar um jeito na coisa e, num terremoto, eliminou nada menos de 96% dos personagens, ordenando o seriado e chegando, como era de se esperar, a um final feliz, no capítulo 125.

taí uma alternativa pro “custo brasil”. só falta criar coragem, escolher e dar poderes a uma janete clair da hora, pra ela [em rede, conversando com muita gente e olhando para o futuro, agora e bem pra frente] reescrever “custo brasil” e chegar ao

final, trocando inclusive o nome. sugestão do blog? muito simples: “brasil competitivo”.

o segredo do sucesso?... falhar. falhar rápido.

30.01.09



clique na imagem acima e [vá ver um vídeo](#) [em inglês] da honda sobre porque falhar é o grande segredo do sucesso. e porque toda vez que alguém que lhe diz que nunca errou é porque, na verdade, você está à frente de alguém que nunca tentou fazer nada de novo. e nem de velho, talvez.

a filosofia da honda é baseada em aprender tentando, tentativa e erro, aprender errando, errar rápido, errar mais rápido do que a competição e aprender mais rápido do que ela. [ou procurar outra coisa pra fazer](#). [soichiro honda](#), o fundador, sempre exigiu que seu pessoal assumisse riscos e falhasse: segundo ele, você podia errar cem vezes, desde que estivesse aprendendo para acertar uma.

taí uma coisa da qual todos nós precisamos nos lembrar sempre. no vídeo, [takeo fukui](#), presidente mundial da honda, traduz honda-san: **os avanços fantásticos da tecnologia são resultado de um caminho pavimentado por muitas falhas.**

um dos programas mais interessantes da honda é o de desenvolvimento da [família asimo de robos](#), investimento que começou em 1986. um dos primeiros frutos práticos deste aprendizado talvez venha a ser um dispositivo para ajudar pessoas com dificuldades de

locomoção a se abaixar, subir e descer escadas e, claro, andar. clique no vídeo abaixo para ver a coisa funcionando.



provavelmente ainda há muito a fazer antes que a gente possa comprar um deles pela web e usar pra ajudar em casa, no trabalho ou pra um *trekking* rápido. mas dá pra ver que o espírito de soichiro honda –tentar, falhar, aprender- está escrito em cada parte do do "assento ambulante" da honda.

celulares: em baixa?

05.02.09

no brasil, depois de um dezembro que já pode ser contado entre os piores da história, a indústria de mobilidade manda avisar que 2009 não vai ser muito melhor. as projeções de [vendas de aparelhos celulares devem cair mais de 10%](#) em relação a 2008. pela primeira vez em uma década, teremos uma retração no mercado de aparelhos celulares no país.

no mundo não vai ser diferente: as estimativas dos analistas apontam para vendas, no primeiro trimestre de 2009, [18% menores do que no último de 2008](#), com as vendas globais caindo de 305 para perto de 250 milhões de unidades. ao todo, em 2008 foram vendidos 1.2 bilhões de celulares, [um aumento de 5% sobre 2007](#).

em meio ao caos, [tem gente se dando bem?](#) talvez: a nokia [38% das vendas em 2008] pode chegar a pouco mais de 40% do mercado este ano e a turma dos *smart phones* [rim, apple e htc, que têm 4.1% do mercado, em conjunto] pode ganhar espaço de quem vendia para o que se chama de *middle market*, os fones caros demais para terem escala de venda muito alta e não tão bons para servirem às demandas de executivos e corporações. mas isso se a crise não for ainda mais profunda do que [está parecendo agora](#).

banda larga pra que [1]?

06.02.09



pra ligar seu xbox360 na internet e, por US\$9 por mes, ver tantos vídeos quantos conseguir. nos primeiros 90 dias da oferta, nos EUA, [mais de um milhão de clientes se associou ao serviço da netflix](#), em parceria com a microsoft [xbox live] e esta comunidade já assistiu mais de 1.5 bilhões de minutos de vídeo. [mais de 12.000 filmes e vídeos estão disponíveis](#), o serviço é *streaming* em tempo real e, em breve, por poucos dólares a mais, todo HBO vai estar lá.

[quem não tem banda larga não tem internet](#). simples assim.

fotografia se torna "social"

07.02.09

[numa apresentação TED em 2007](#), blaise aguera y arcas apresenta seadragon e [photosynth](#), duas tecnologias da microsoft para processamento de vastas quantidades de informação visual. photosynth é uma máquina virtual de construção de hiperligações entre imagens e de visualização do resultado. a apresentação [18min] de aguera y arcas é em inglês [bem rápido] mas, mesmo se você não entende inglês, o visual da palestra é impressionante. [vá ver](#) e preste atenção na manipulação de imagens [de flickr] ao redor da catedral de notre dame, em paris. fantástico.

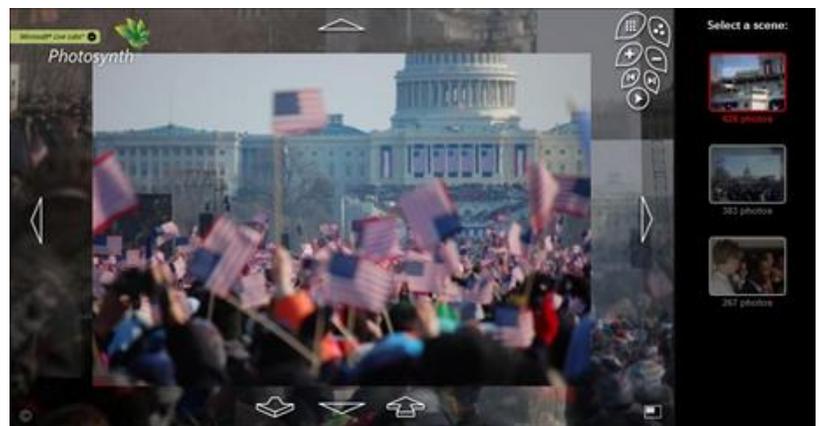


[photosynth](#) trata visuais resultantes de múltiplas e variadas aquisições de imagem de uma cena qualquer, por dispositivos de diferentes características [no caso de fotos, desde máquinas profissionais até celulares de baixa resolução] e constrói uma "[foto social](#)" resultante da composição 3D e interligação das centenas, milhares [ou mais] imagens 2D

disponíveis. o resultado é que o todo é muito maior do que a soma das partes, especialmente se o número de imagens usado for grande.

a posse de obama vista como um [photosynth](#) está na rede [na cnn] em três cenas, de 267, 383 e 628 fotos e o resultado é nada menos que espetacular. clique na imagem abaixo, ponha no modo tela cheia e navegue, pra entender porque há muita gente achando que este é um dos futuros da fotografia.

[no site do sistema](#), você pode ver um conjunto e photosynths e [criar o seu](#). o mais divertido mesmo vai ser juntar centenas ou milhares de fotos que você e sua turma [e mais um monte de desconhecidos] tiraram, do mesmo evento, seja na praia, no campeonato de judo ou no clássico do domingo à tarde, pra ter, literalmente todos os ângulos de um evento qualquer.



com o que se chama de audiência se transformando, cada vez mais rapidamente, em autor, usuário e partícipe integral da comunidade que se interessa por qualquer coisa, imagine as possibilidades de photosynth ou de um imaginado *ideosynth*. e não pense que isso só vai ser possível no seu PC ou mac: a [NEC acaba de lançar um chip](#), pra celulares, capaz de capturar imagens de [12 megapixel](#) e de mostrar vídeo em full HD, [1080p](#).

hoje, quase todos [ou todos?] celulares são máquinas fotográficas que também servem pra outras coisas, como fazer "ligações telefônicas". veja a foto abaixo, [de um dos bailes da posse de obama](#). e a estimativa é de que dentro de dois anos 40% dos celulares terão câmeras com resolução [maior que 5 megapixel](#); melhore as lentes, vá pro futebol, tire fotos direto pra um repositório compartilhado na web, passe por photosynth e imagine as possibilidades...



[cabra alada: recife já é carnaval](#)

08.02.09



meus dedos digitais, acostumados a laptops e celulares de março a dezembro, estão sendo transformados, pelas baquetas que tocam uma caixa de madeira artesanal feita por mestre maureliano, em instrumentos claramente analógicos do carnaval de pernambuco. se quiserem saber, dói. muito. mas o prazer é ainda maior que o sangue e os calos à vista. este vai ser um grande carnaval.

a imagem acima é de um começo de ensaio da cabra alada, cerca de um mês atrás. o último ensaio antes do carnaval é no próximo domingo, no recife antigo, rua da guia, às 17h. pra saber como fica quando a gente sai de verdade, veja o começo do desfile de 2008 no vídeo abaixo. visto de perto, é de arrepiar. pense trinta e tantos tambores de maracatu e cento e tantas damas de passo e cortejo. domingo de carnaval tem mais. venha pra cá. recife já é carnaval.



[a guerra santa \[nos ônibus do mundo?\]](#)

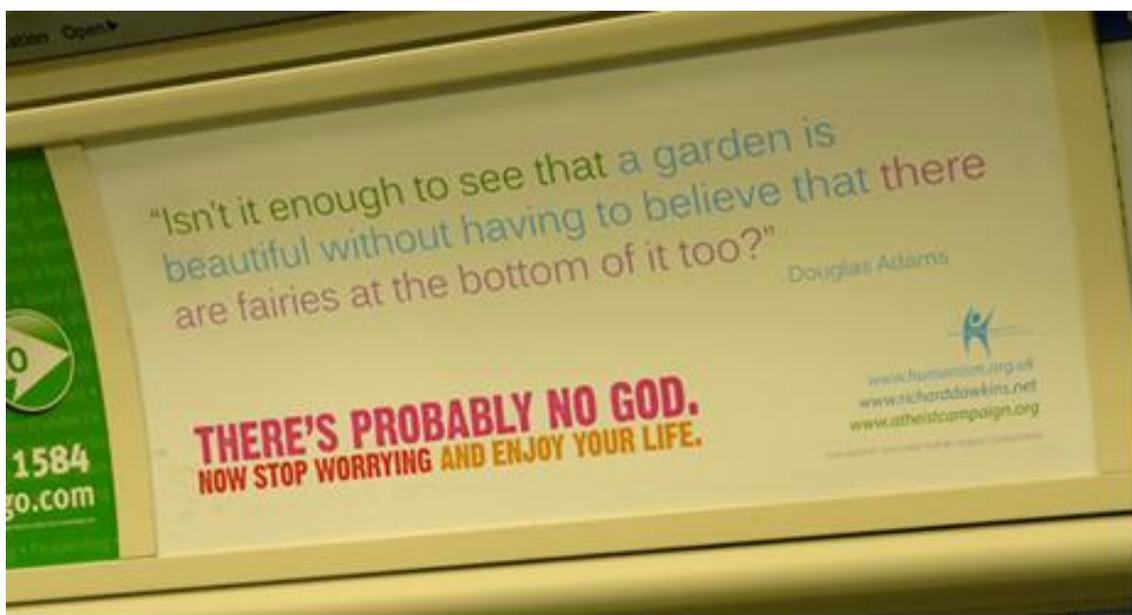
09.02.09



em julho passado, [este blog deu conta de uma campanha](#) de mídia ambulante que estaria nos ônibus de londres [e de muitas outras cidades inglesas] neste janeiro, patrocinada por grupos ateístas, agnósticos e outros. a principal estrela do projeto foi um placar, na lateral dos ônibus londrinos, onde se lia... "[provavelmente, deus não existe. pare de se preocupar e aproveite a vida](#)". você pode ver o resultado na [foto abaixo](#), onde também aparecem [da

esquerda para a direita] a comediante [ariane sherine](#) [que iniciou o movimento] o cientista e escritor [richard dawkins](#) e a escritora e colunista [do guardian] [polly toynbee](#).

agora, a campanha começa a se espalhar pelos vagões do metro de londres, onde foi fotografado o cartaz abaixo, que cita douglas adams, autor do [hitch-hiker's guide to the galaxy](#), ao lado do slogan do movimento: *será que não dá só pra ver que um jardim é bonito sem ter que acreditar que há fadinhas por perto?...*



sherine conseguiu muito mais do que queria, tanto em fundos para o esforço [o plano inicial era levantar US\$8K, já conseguiu US\$220K] como em disseminação mundial: campanhas similares já rodaram em [barcelona](#), madrid e washington, d.c. e, em março, haverá posters em Gênova com os dizeres... [a má notícia é que deus não existe; a boa é que não precisamos dele](#). mais polêmica à vista, nas ruas, metros e ônibus, sem nenhuma dúvida.

até porque, [segundo a revista time](#), os cristãos estão começando a reagir, e por Londres, hoje: três grupos de crentes começam, esta semana, a rodar anúncios em 125 ônibus londrinos apregoando [de várias formas] a existência do divino. um partido religioso vai direto ao ponto... **claro que deus existe; entre no partido cristão e aproveite a vida**. a London's Trinitarian Bible Society entra mais pesado, tentando desqualificar a competição através do salmo 53.1: **diz o néscio no seu coração: não há deus**.

e isso pode ser só o começo. o pessoal da BHA, a British Humanist Association, [parece ter dinheiro de sobra](#), no caixa, pra rodar uma tréplica à campanha da fé. de um e de outro lado, os homens e mulheres de bem, crentes [[veja aqui a aposta de Pascal](#)] ou não [[veja aqui o argumento de Russell](#)] esperam que tudo seja apresentado, como se diria, na mais santa paz.

[suspeitos, acusados e condenados online](#)

12.02.09



o departamento estadual de ordem política e social do estado de são saulo [deops] foi os olhos e ouvidos [e muito mais] do poder paulista entre 1924 e 1983, vigiando, reprimindo e perseguindo as pessoas e movimentos que “ameaçavam” a moral, os bons costumes e, de resto, o poder e seus donos. agora, os arquivos outrora secretos do deops, parte da história e da memória política do brasil, [estão on-line](#). na imagem deste parágrafo, o “fichado” 61.391, monteiro lobato.

a riqueza de informação é impressionante e, ao mesmo tempo assustadora: [segundo a professora maria luiza tucci carneiro...](#) *“No momento em que o cidadão ficava sob suspeita, a polícia abria um prontuário e, após a detenção, produzia a ficha de qualificação, que trazia a fotografia de frente e de perfil... Além da fotografia policial e as fotos confiscadas, temos um amplo universo documental acumulado ao longo dos anos. Alguns cidadãos suspeitos chegaram a ter o cotidiano vigiado por 15 anos consecutivos”.*

e isso sem celulares, câmeras digitais, cartões de crédito deixando rastro por todo canto e, óbvio, sem computadores ou internet.

a versão digitalizada e online dos arquivos do deops, como uma retrospectiva da atuação dos órgãos de repressão décadas atrás, vai ser essencial para o estudo do período e serve-nos de alerta para o futuro. não só porque os órgãos de “segurança” continuam muito vivos, sob outros nomes e disfarces, mas porque as possibilidades à sua disposição, em tempos de internet, são bem mais radicais do que em 1924.

[veja esta notícia aqui:](#) um número cada vez maior de estados americanos começa a disponibilizar, online, todo o seu registro criminal. isso significa que todos os cidadãos que tenham passado pela polícia, seja lá por qual razão, tem sua história “criminal” à disposição do grande público.

em novembro passado, os registros da flórida foram consultados quase 40.000 vezes, e a coisa está apenas começando. por um lado, trata-se de mais informação, anteriormente disponível apenas no sistema judiciário e prisional, a serviço da sociedade. por outro, pode-se condenar pessoas para sempre. se o propósito de um sistema penal é uma combinação de castigo [pelo crime cometido] e reeducação e recuperação [para uma nova vida lá fora], abrir para o mundo

a informação de que alguém perdeu a carteira por dirigir bêbado pode por em risco, para sempre, [as chances da pessoa conseguir um emprego...](#)

na flórida, em particular... *"You get everything we have, except anything ordered sealed or expunged by a court: descriptive data of the person physically, everything about the charge and the arrest, regardless of whether it's dismissed or the charges weren't pursued, the court action, information on incarceration"...* ou seja: basta ter sido acusado ou preso por engano para estar no registro online da flórida. parada dura.

e isso sem contar que pesquisas por nome podem levar a homônimos, que os sistemas [cada estado americano está montando um...] podem ser sabotados para incluir nomes de desafetos e por aí vai.

um número importante de teóricos e ativistas está propondo que uma das mais fundamentais características do ser humano [e da sociedade] a de esquecer, passe a fazer parte da legislação sobre os sistemas de informação que, cada vez mais, apóiam e dominam nossas vidas.

este blog discutiu o assunto [neste post](#), onde se dizia que... *os sistemas de informação devem, necessariamente, esquecer. acontece que as tecnologias para captura, publicação, armazenamento, replicação, busca e disseminação de informação, combinadas na rede nos últimos anos, criaram uma nova capacidade: a **incapacidade de esquecer**. nunca, em nenhuma época, ninguém teve tanta informação sobre tantas pessoas e seus hábitos como certas empresas estão começando a ter, na rede.*

somem às empresas, agora, o estado publicando, cada vez mais, a vida de cada um. isso pode acabar mal...

[ps: mais de um comentarista notou que o texto menciona DEOPS ao invés de DOPS. para resolver tal dúvida a favor de DEOPS, como está no texto, sugiro clicar no primeiro link ou consultar, online, o texto dos professores maria lúcia tucci carneiro e boris kossoy "a imprensa confiscada pelo DEOPS, 1924-1954", [disponível neste link](#).]

o dedo diz a idade...

13.02.09



o que você vai apertar a campainha e usa qual dedo? se for o indicador, você quase certamente tem mais de trinta anos de idade. porque os mais jovens usam o dedão. simples assim. [é isso que diz a evidência informal disponível na rede.](#)

os dedões mais novos, e as porções do cérebro que as controlam, estão se adaptando aos celulares, PSP e DS e controles de consoles há anos. os “novos” dedões e suas funções cerebrais são mais fortes e ágeis, mais precisos, mais capazes. e muito mais úteis do que os velhos dedões...

o que estamos vendo é a tecnologia, e sua ampla disponibilidade na sociedade, moldando a humanidade como acontece desde as ferramentas mais elementares da idade da pedra.

durante muito tempo, pensadores e analistas “mais velhos” teorizaram que ninguém nunca faria nada de útil num celular porque, principalmente, os teclados eram pequenos e as teclas, minúsculas e multifuncionais [demais]. [esqueceram, como sempre, de ler douglas adams](#) [sobre o futuro]... *tudo o que já existia no mundo antes de nascermos é absolutamente natural; as novidades que aparecem enquanto somos jovens são uma grande oportunidade e, com alguma sorte, podem até ser uma carreira a seguir; mas tudo que aparece depois dos trinta é anormal, um fim do mundo que conhecemos, até que tenhamos convivido com a coisa por uns dez ou quinze anos, quando começa a parecer normal.*

o outro nome deste efeito é evoluir para competir e sobreviver; como estamos vivendo numa economia exponencial [onde tudo muda muito, muito rapidamente], os [200 anos do nascimento de charles darwin](#) são homenageados quase todo dia. e agora pela evolução do dedão.

a consagração do dedão vem de todos os lados. [ron arad](#), designer, criou para kenzo um frasco de perfume [desenvolvido pelo perfumista [Aurelien Guichard](#)] cujo spray é liberado com o... dedão. o frasco, desenhado como o símbolo matemático para infinito, é inovador e, ao mesmo tempo, equilibrado. deve ser um dos primeiros, de muitos itens, que será desenhado e produzido especificamente para a geração dedão... e que o pessoal da geração indicador vai ter muito trabalho pra usar...



todos copiando todos...

14.02.09

...a começar pelos gigantes copiando uns aos outros. google vai lançar um [android market](#) semana que vem, pra ir atrás de públicos como o que faz o sucesso do apple store. segundo google, já há mais de 1000 aplicações para android. pra não ficar atrás, a nokia também está criando seu *app store*, que vem a ser a fusão de várias iniciativas desconexas que a companhia já estava tocando. e mais: a samsung e a microsoft devem fazer a mesma coisa e, também, na semana que vem [[veja a história aqui](#)].

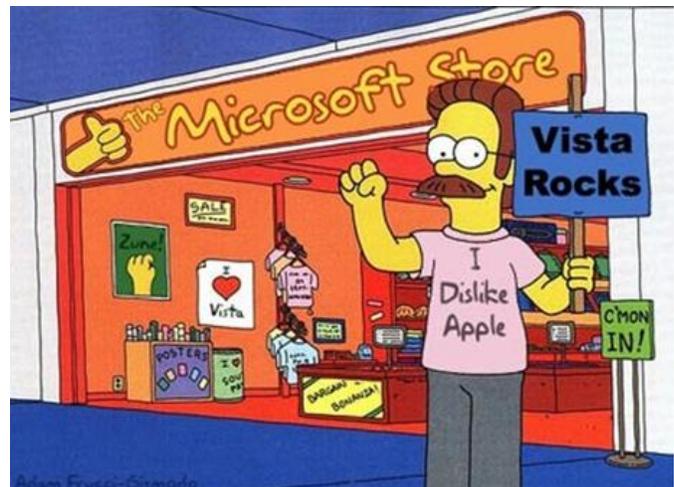
mas não vai ser fácil seguir a apple: o apple store já tem 15.000 aplicações e, desde que foi lançado, há pouco mais de seis meses, já teve mais de 50 milhões de downloads. a apple viu, muito mais cedo do que qualquer outro competidor, uma oportunidade para intermediar software para seu hardware de conectividade, da mesma forma que já fazia com conteúdo para o iPod, no [mesmo modelo fechado e vertical que a companhia usa desde seus promórdios](#). para se ter uma idéia do grau de controle que a apple quer ter sobre seu hardware e o software que roda nele, a empresa não permite que se venda aplicações de navegação no apple store. pra ter uma delas no seu iPhone, só na base do *jailbreaking*...



[a apple, aliás, está lançando uma ampla campanha no melhor estilo FUD](#) [*fear, uncertainty and doubt*, medo, incerteza e dúvida] dizendo que *jailbreaking*, a arte de *hackear* seu iPhone para instalar aplicações que não foram compradas no apple store, é ilegal, pode comprometer a segurança do dispositivo e até detoná-lo para sempre. em estratégias FUD, a apple está copiando a microsoft...

mas a cópia não para por aí. a microsoft, por sua vez, acaba de anunciar um vice-presidente [e montes de dólares] para varejo: david porter, que vem da dreamworks, deve liderar um esforço para lançar uma rede mundial de lojas da microsoft, para competir com as atuais 200 lojas da apple, que tem sido um dos principais pontos de atração de novos consumidores para produtos da empresa.

[venture beat tem uma excelente análise da empreitada](#), e termina dizendo que... *Microsoft really needs to stop playing this odd game of catch up. It's a huge company at the top of the world with many insanely profitable businesses, yet it continues to feel the need to chase the likes of Google in search and online advertising, where it's unlikely ever to win. And it continues to chase*



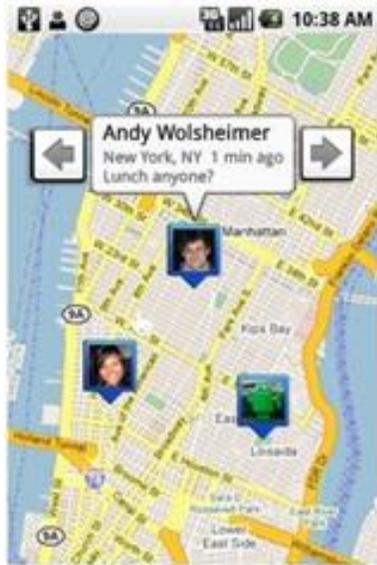
Apple in mp3 players and now retail stores. To borrow a phrase from Apple's marketing in the 1990s, maybe it's time for Microsoft to "think different."

tradução livre? a microsoft precisa parar de brincar de pega. trata-se de uma companhia gigantesca, no topo do mundo, com negócios absurdamente lucrativos... mas continua achando que tem que perseguir negócios como google em busca e anúncios online, onde as suas chances de ser líder são mínimas. a microsoft persegue a apple em players de mp3 e, agora, em lojas de varejo. pra tomar emprestada uma frase do marketing da apple nos anos 90, talvez seja tempo da microsoft "pensar diferente".

e **pensar diferente** vale para todos: google, nokia, samsung, microsoft e... apple. apple e FUD, assim como apple e tudo verticalizado, fechado controlado, e para sempre, não combinam de jeito nenhum.

Latitude e privacidade

16.02.09



Juliana Carpanez, do G1, produziu uma [reportagem muito legal](#) sobre o novo serviço de Google, Latitude, que anuncia para o mundo [se você permitir] onde é que seu celular está.

O esquema tem óbvias vantagens e desvantagens nem tão óbvias assim. Para montar a conversa, Juliana entrevistou André Lemos, Bia Kunze, Ethevaldo Siqueira e o autor deste blog. [Vá lá no G1 ver o trabalho dela](#), que mostra muito bem um apanhado das respostas dos entrevistados.

Abaixo, a partir das perguntas de Juliana, as minhas respostas, na íntegra. Leitores habituais do blog hão de notar que, ao contrário do texto corrente aqui, o material enviado para o G1 usa a grafia normal do português [[como eu escrevia quando estava por lá](#)], com maiúsculas e tudo mais...

Juliana Carpanez, G1: *Com a ferramenta do Google, o usuário tem controle sobre sua privacidade (ele pode optar por não mostrar a determinadas pessoas onde está). Ainda assim, você considera o serviço invasivo? Por quê?*

Silvio Meira: Imagine que empresas -e pessoas- interessadas na sua localização tenham um pouco mais do que apenas interesse, tenham algum tipo de poder, ou capacidade, para impor que sua localização seja conhecida por elas... Daí, de que adianta você "poder" controlar sua privacidade se, de fato, não "poderá"? Isso pode acontecer em casa, nas empresas, na escola, nos relacionamentos...

JC, G1: *Com esse serviço, o usuário só será localizado por pessoas conhecidas (que, teoricamente, não representam uma ameaça à segurança). Dessa forma, acredita que só deve se preocupar com o uso do Google Latitude aquele que tem algo a esconder (por exemplo: mente para o chefe ou para a esposa sobre seu paradeiro)?*

SM: O argumento "só quem tem algo a esconder" é [equivalente a dizer](#) [segundo Daniel Solove, em ['I've Got Nothing to Hide' and Other Misunderstandings of Privacy](#)] que todos têm algo a esconder; quem pensar que não tem que se imagine fotografado nu, na privada, e a foto publicada no G1. Assimetria de informação [nem eu nem ninguém que se relaciona comigo sabe de tudo um do outro] é parte essencial da infraestrutura de relacionamento da humanidade. Privacidade é um assunto muito sério e essencial para todos e devemos nos preocupar -sempre- com ela antes que a perdamos e tenhamos que lutar para recuperá-la.

JC, G1: *Por enquanto, esse tipo de serviço ainda é uma novidade e muitos resistem a ele, principalmente por causa da privacidade. Mas você acredita que, com o tempo, as pessoas se acostumarão com essa forma de monitoramento e se preocuparão menos com a privacidade (assim como aconteceu com as redes sociais, onde os usuários frequentemente expõem muitas informações pessoais a seus conhecidos)?*

SM: Eu acho que muita gente vai se surpreender, no médio e longo prazo, com a volta à tona de suas inconfiáveis juvenis na rede. Há um texto meu no G1, onde cito Viktor Mayer-Schönberger [[este link](#), de 2007], que defende a tese de que os sistemas de informação [como as redes sociais e os bancos de dados do governo sobre nossas histórias e vida] devem, necessariamente, esquecer. Acontece que as tecnologias para captura, publicação, armazenamento, replicação, busca e disseminação de informação, combinadas na rede nos últimos anos, criaram uma nova capacidade: a **incapacidade de esquecer**. Nunca, em nenhuma época, ninguém teve tanta informação sobre tantas pessoas e seus hábitos como certas empresas -e sistemas de governo- estão começando a ter, na rede. Provavelmente mais tarde do que cedo, as pessoas vão se preocupar com sua privacidade.

JC, G1: *Que tipo de utilização esse serviço terá, se ele for além do monitoramento gratuito de amigos? Acha que ele pode ser realmente útil para seus usuários?*

SM: Sim, muita gente vai querer saber por onde andam seus filhos, empresas de transporte [de todos os tipos, inclusive taxi] vão querer saber onde estão seus veículos, vamos querer saber onde estão nossos celulares e laptops, mas isso pode ser feito por serviços de localização vários, e não necessariamente por este, de Google. Localização, em escala e de qualidade industrial, está aí há muito tempo e já é usado por empresas de segurança, transportes, governo... A "novidade" do serviço do Google é tornar uma pequena parte das funcionalidades disponíveis em serviços, digamos, profissionais, com uma precisão de localização bem menor, para um número potencialmente muito maior de pessoas.

JC, G1: *Assim como os usuários aprenderam (ou ainda estão aprendendo) boas práticas no uso de telefones celulares e internet, o mesmo deve acontecer com esse serviço de localização, se ele se popularizar. Por isso, propomos um exercício de futurologia de como será o uso adequado da ferramenta (naquela linha de "netiqueta"). Abaixo, as situações e gostaria que você dissesse qual sua opinião sobre como proceder em cada caso.*

JC, G1: *Em que situações o usuário deve deixar o localizador ativado?*

SM: Quando realmente quiser ser encontrado. Para muitas pessoas e seus grupos, pode ser sempre; para outras, nunca... Eu acho que localização, na verdade, deveria ser um botão de emergência, para ser usado em situações bem particulares.

JC, G1: *Em que situações ele precisa desativá-lo?*

Em todas as situações em que a informação sobre sua localização, disseminada para o conjunto de pessoas que pode ter acesso a ela, for comprometer sua privacidade ou a assimetria de informação que lhe protege e às suas histórias. Imagine que você está atrasado para um compromisso e diz pra alguém, X, que está num engarrafamento; X conhece Y, que tem acesso à sua localização... X liga pra Y e por acaso descobre que você, na verdade, dormiu demais... Você vai precisar desligar a informação sobre sua localização em MUITAS situações.

JC, G1: *Em que casos alguém (familiar, amigo, colega de trabalho) pode efetivamente cobrar que um usuário do Google Latitude deixe o serviço habilitado?*

SM: No meu entender, quase nunca... pelo menos no caso de pessoas emancipadas. Consigo imaginar meu filho de sete anos tendo um localizador ligado... com uma interface não invasiva que me avise se ele sair da rota [onde deveria estar]. Fora isso...

JC, G1: *Se o usuário deixar o localizador desativado e for cobrado por isso (mulher, chefe...), o que deve dizer?*

SM: Que o serviço estava fora do ar, que seu celular estava com problemas... tudo o que já se diz quando alguém liga e você não quer atender. Uma operadora, por aqui, tinha um serviço que avisava, pra quem lhe ligava quando o celular estava fora do ar, quando você entrava na cobertura ou ligava o celular... Popularidade do serviço? Zero. Isso diz muito sobre o que dizer se você não for localizado...

JC, G1: *O localizador do Google permite que o usuário mostre estar em um lugar onde não está. Em que tipos de situação essa ferramenta deve ser usada?*

SM: Isso é tecnologia a serviço da mentira... deve ser usada apenas por gente que precisa esconder sua localização e, por outro lado, tem uma memória muito boa e muita sorte. Mudar de um ponto, em São Paulo, para outro, muito longe, às vistas de quem está lhe observando de longe... vai parecer teletransporte. Por outro lado, chegar em casa e o serviço estar lhe mostrando no trabalho vai dar uma bandeira monumental.

JC, G1: *Um amigo permite que você veja a localização dele, mas você não quer que ele saiba a sua (o equivalente a não aceitar um pedido de "amizade" no Orkut). O que fazer nessa situação? Se explica, aceita ou simplesmente deixa quieto?*

SM: O mesmo que acho que a maioria das pessoas já faz nas redes sociais... Um monte de gente quer se relacionar com você e você... bem, escolhe com quem se relacionar, ficando quieto em boa parte das vezes. O silêncio, na maior parte dos casos, é uma ótima explicação.

JC, G1: *Se o usuário mente sobre sua localização, deve desativar o serviço ou fazer com que o localizador mostre o lugar onde ele disse que estaria (ou seja: o localizador deve "compactuar com a mentira")?*

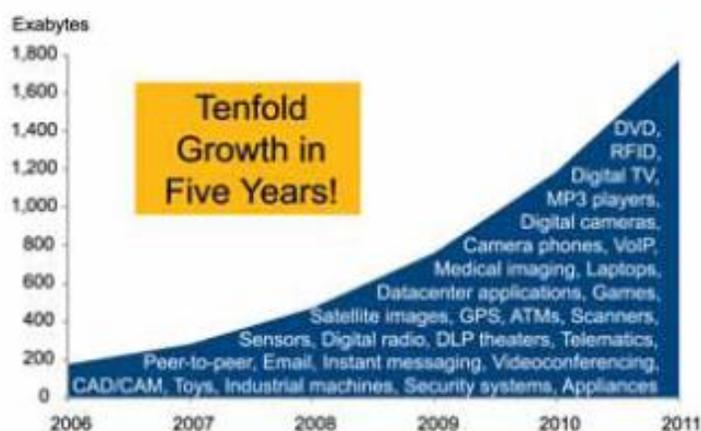
SM: É muito difícil mentir consistentemente, por muito tempo, pra muita gente. Já é muito complexo, por um número de razões, mentir sobre onde se está. Imagine controlar a tecnologia que habilita a mentira de forma consistente. Dia destes eu vi uma pessoa, num banheiro de aeroporto, dizer pra outra que estava no escritório... exatamente quando anunciaram bem alto o embarque de um vôo... pense no problema. Não vai dar muito certo não...

crime na internet: um trilhão [de dólares] por ano

18.02.09

um painel de especialistas reunido em davos precificou o crime, na internet e em todas suas formas, em 2008: a conta, sendo paga por governos, iniciativa privada, terceiro setor e indivíduos, no munto inteiro, chegaria a um trilhão de dólares. se dermos crédito a tal número, seria como ver mais que metade do PIB do brasil, para 2007 [[US\\$1.845B, ppp, segundo the economist](#)] sumindo pelos ralos do roubo na rede. bizarro.

Digital Information Created, Captured, Replicated Worldwide



porque se rouba tanto, na rede? [relatório da idc, financiado pela emc](#) e publicado em março de 2008, aponta que 1] o universo digital, em 2007, era **281 exabytes** [1 exabyte ~ 10^{18} bytes]; o universo digital é tudo que está por aí, em formato digital, de suas fotos no celular às transações de cartão de crédito, vídeos, cds...; 2] o tamanho do universo digital em 2011 [~1.800 exabytes] será cerca de 10 vezes maior que em 2006; 3] em 2007, pela primeira vez, a quantidade de

informação criada, gerada ou replicada excedeu a infraestrutura de armazenamento disponível; 4] em 2011, quase a metade de toda a informação digital será de curta duração, se extinguindo sem deixar rastro logo depois de ser gerada ou usada.

segundo o mesmo relatório, a **sombra digital** de cada um [informação sobre atividades de todos os tipos, *on* e *offline*, de imagens de câmeras de vigilância até traços de transações eletrônicas, residente em algum lugar e fora de nosso controle] se tornou [também em 2007] maior do que a informação que cada um cria e/ou detém sobre si mesmo, seu *digital footprint*. sua “pegada” digital, a informação que você cria e controla, pode ser aproximada por uma calculadora da idc/emc [[faça o download aqui](#)]. se ela estiver correta, meu *digital footprint* é perto de 15GB por ano.

nenhuma novidade até aí, a não ser pela escala. [castells, em 1996](#), já avisava, pelo lado da sociologia, sobre as consequências do que o pessoal de tecnologia estava construindo há décadas: a digitalização dos processos, estruturas de governo e negócios, das coisas como um todo e, por fim, das relações entre instituições, pessoas e coisas. no meio de tal “sociedade em rede” estava e está a internet, sua simplicidade quase óbvia como infraestrutura de conectividade em escala mundial e, mais recentemente, como plataforma de programação e inovação pata tudo e todos.

nada de novo neste quesito, também. e se a economia e as pessoas se mudam pra rede, nada mais natural que o crime faça o mesmo. até porque nossa “sombra digital”, que deveria estar bem guardada e segura nos servidores dos sistemas de crédito, nas escolas e faculdades, em hospitais, nos serviços públicos... parece que não é tão “sombra” assim. por tudo que se sabe, circula tranquilamente pelo submundo, a serviço do crime.

qual foi o maior problema apontado pelo pessoal que se reuniu em davos, a chave da subtração anual de mais de meio PIB do brasil sem que um grande número de criminosos esteja na cadeia?... uma combinação de dois fatores: o aumento significativo do crime virtual organizado, favorecido pela arquitetura [aberta] e serviços [baseados em confiança] da internet.

hoje, vamos tocar no primeiro assunto e, noutro post, da rede e no que pode ser feito [ou não] para torná-la mais segura.

{ crime virtual organizado } os crimes tradicionais, como roubo de identidade e outros dados pessoais, seguidos de invasão de contas bancárias, de compras usando a identidade roubada, deixaram de ser obra de adolescentes escondidos em garagens. trata-se de coisa organizada, profissional, baseada em competência técnica e educação sofisticada, apoiada por infraestrutura de primeiro mundo e por grupos de investidores que sabem, como não poderia deixar de ser, da gravidade de seu “investimento”.

[um dos casos mencionados no painel](#) de davos foi o de um advogado que chegou a reunir, em sua “equipe”, cerca de 300 pessoas, incluindo outros advogados, responsáveis por proteger o pessoal “técnico” encarregado de, efetivamente, cometer os crimes.



um outro caso citado foi o de uma quadrilha que conseguiu desviar os dados de 25 [\[ou 45?\]](#) milhões de transações de cartões de crédito realizadas nos estados unidos para a ucrânia. com tal montanha de informação a seu dispor, a galera do mal comprava produtos no mundo inteiro e revendia na eBay... descobriu-se também que um ucraniano especialista em captura e venda de dados de cartões de crédito, maksym yastremskiy, havia faturado, só com o “negócio” de informação sobre terceiros, US\$11M em três anos. os “cartões”, de acordo com seu crédito, [eram vendidos por](#)

[entre US\\$20 e US\\$100, em lotes de até 10.000.](#) não é à toa que uma [pesquisa recente encomendada pela gemalto](#) mostrou que 74% dos americanos temem ser vítimas de algum tipo de roubo de identidade.

resultado? como este blog discutiu tempos atrás, a segurança [das finanças na internet é muito tênue](#) e coberta por uma capa de sigilo que só faz aumentar a desconfiança de um monte de gente. [em texto de 20.10.08, comentávamos](#) que...

...o inspetor geral americano está dizendo que [a segurança de informação da receita federal de lá não é tão boa como deveria ser](#) para proteger os dados dos contribuintes. hoje, é a vez de notar que, na França, uma [galera conseguiu entrar na conta bancária de ninguém menos do que o presidente nicolas sarkozy](#) e tirou do seu banco "pequenas quantidades de dinheiro" várias vezes. segundo os investigadores, não é coisa de amadores. e o crime na internet cresceu 9% na França, este ano, contra uma queda de mais de 2.3% no crime em geral, mas [em linha com um aumento de 8.9% nas infrações econômicas e financeiras](#). se os números da estatística francesa estiverem corretos, a internet é "só mais um lugar" para se cometer um crime.

mas a justiça, a lei e a polícia também conta com a arrogância e o azar dos criminosos: maksym "maksik" yastremskiy vacilou e resolveu tirar umas férias na Turquia, onde era responsável pelo vazamento de centenas de milhares de cartões de crédito locais. preso, está [condenado a 30 anos de reclusão](#) nas nada agradáveis [acomodações prisionais turcas](#).

no Brasil, não há estimativas razoáveis e, muito menos, estatísticas oficiais sobre quanto estamos perdendo, online, para o crime organizado virtual. diz-se que, [entre 2007 e 2008, o crescimento das fraudes passou de 100%](#), mas não se consegue muito mais do que isso. e as perspectivas não são boas: há quem diga que [quase a totalidade dos crimes financeiros será virtual](#) em pouco tempo. até para os ladrões é mais seguro.



como se fosse pouco, parece ser claro que, mesmo que medidas extremas sejam tomadas, [haverá vazamentos](#). mais cedo ou mais tarde, de dados que vão habilitar alguém, em alguma parte do submundo, a fazer de conta que é outro alguém. ano passado, uma invasão em um sistema de autenticação de transações financeiras, no EUA, [comprometeu todos os cartões de 220 instituições financeiras](#). na Inglaterra, também no ano passado, o [governo perdeu mais de 25 milhões de registros financeiros de seus contribuintes](#), expondo mais da metade dos ingleses a algum tipo de fraude financeira.

nada menos do que [73% dos vazamentos é resultado da ação criminosa de alguém externo](#) à organização que deveria preservar e vigiar os registros. isso dá uma idéia do tamanho do problema de segurança de informação que temos na rede. mas esse vai ser o assunto de outro texto, sobre a arquitetura e segurança da rede, que vai aparecer por aqui depois do carnaval. até lá. e que seus dados permaneçam [só] onde deveriam estar, ao invés de entoarem um muito alegre "vou sair por aí..."

[não vai brincar? leve algo pra \[re\]ler no carnaval...](#)

20.02.09

aqui em pernambuco o carnaval já começou [há umas duas semanas] e vai pelo menos até a quinta ou sexta-feira “de cinzas”. dá pra brincar 24 horas por dia, seja em recife e olinda ou em bezerros [nos papangus], nazaré [nos maracatus rurais], pesqueira, bezerros, triunfo, arcoverde e em muitas dezenas de cidades que têm um carnaval local e, ao mesmo tempo, muito especial, por sua história e manifestações culturais.



eu e cecília vamos estar no batuque da **cabralada**, onde kátia sai nas damas de passo, no domingo às 16h, na rua da guia e na terça às 1430h no bom jesus. a foto acima foi na saída de domingo passado, no bairro do recife. se você nunca viu, não perca uma das saídas do carnaval. tirante a “cabra” estaremos [e diana e pedro também] em outras dezenas de blocos e troças onde não estamos “dentro” mas logo ali do lado. se você quiser saber o que vai acontecer no recife, [entre neste site aqui](#), da prefeitura, que tudo o que foi comunicado à secretaria de cultura está lá. a programação “oficial” deve dar uns –sei lá- 20% do que rola na cidade até a quarta-feira acabar com a brincadeira.

mas pode ser que você não seja um folião... vai ficar em casa ou na praia e prefere ler um texto [em papel!] sobre tecnologias da informação e comunicação. tem gosto pra tudo e, neste caso, o blog tem uma sugestão: em janeiro, fizemos uma série de artigos sobre o futuro da internet, usando 2020 como horizonte de desenvolvimento e uso da rede. o resultado, [que pode ser obtido clicando neste link](#) [ou na imagem abaixo], é um .PDF de 1.8M e 31 páginas, contendo a integra dos seis textos e mais uma pequena apresentação do conjunto, replicada ao fim deste post. faça o download, imprima e leve pra sua praia ou refúgio qualquer, pra onde, se tudo

correr bem, você não vai querer levar um laptop. se o fizer, vai acabar trabalhando e aí o feriado perde toda a graça.

a internet em 2020

cenários, tendências e previsões sobre a internet no futuro próximo, a partir de projeções do [pew internet project](#). série de colunas publicadas no [TERRA MAGAZINE](#) em janeiro de 2009.

silvio meira

da apresentação dos textos, no arquivo...

nas próximas páginas, você vai encontrar um conjunto de textos curtos comentando e estendendo as previsões do [PEW INTERNET PROJECT](#) [PIP] para a internet em 2020 e situando, em alguns casos, os achados do PIP no contexto brasileiro. fazer previsões não é tarefa fácil ou pouco arriscada. [segundo niels bohr](#), *Prediction is very difficult, especially if it's about the future.*

as previsões de que o PIP fala são mais razoáveis do que os simples chutes que vemos, quase sempre, aqui e ali. trata-se de um conjunto de cenários, construídos com algum cuidado, apresentados para mais de mil especialistas, que votaram na possibilidade de um cenário

qualquer ocorrer da maneira apresentada pela pesquisa, ao mesmo tempo em que expressaram, muitos deles, suas opiniões sobre a viabilidade do que estava sendo proposto como futuro possível e as alternativas que cada um imaginava no caso.

seria muito interessante ver um estudo destes feito e apresentado publicamente no Brasil, usando gente daqui e de fora para explicar onde estamos e para onde vamos, partindo de, por exemplo, os [dados da brasscom sobre penetração de internet e inclusão digital no país](#). a construção de políticas, especialmente as de longo prazo para infraestruturas fundamentais como a internet, é coisa séria demais para ser deixada a cargo apenas do governo de plantão. quanto mais gente, de toda parte da sociedade, se envolver em exercícios de imaginação, previsão, proposição e posterior observação, acompanhamento e auditoria das coisas públicas, mais perto elas se tornarão do que queremos ou gostaríamos que fossem.

pra quem não vai pra folia, bom feriado e boa leitura e descanso. pra quem vai, bom carnaval. podem começar pelo DÁ-O-LOUD, o [bloco do c.e.s.a.r](#), hoje às 14h, na praça Tiradentes... e se cuidem. este blog só volta ao ar na quarta de cinzas, a menos de alguma gréia momesca que, em meio a tantos maracatus, bois, troças, grêmios, blocos, caboclinhos... a gente encontre tempo pra publicar. **EVOÉ!...**



sábado em recife e olinda: mundo pegando fogo!

22.02.09



faz tempo que [o carnaval é o dono do recife](#) e adjacências, mas ontem foi o primeiro dia, digamos, oficial. pra bater o centro, a gente foi pro galo da madrugada, imenso e muito animado como sempre...

...depois direto pra [olinda](#), pra ver o mundo pegando fogo, que tava simplesmente espetacular com uma orquestra de pau e corda, entre a maison do bonfim e o sete colinas... coisa pra ver de novo, todo ano...

...depois saímos na CEROULA, a partir do atlântico, com a melhor orquestra de frevo de rua de pernambuco, a do maestro oséas; só vendo pra crer... a saída da ceroula é algo de arrepiar e eu consegui ficar, na saída, onde disputava lugar quando tinha trinta anos a menos: bem à frente do cordão de isolamento da música. ainda aguentei quase uma hora lá; não é brincadeira

de criança. o menor armário que garantia oséas e músicos parecia um hulk turbinado e a multidão não cabia na rua de jeito nenhum. hoje, tô todo quebrado...

por fim, pegamos um pedaço do eu acho é pouco [cecília e diana estavam lá, guila também], logo antes de são pedro ordenar a lavagem das almas e das ruas, pra preparar o carnaval do domingo.

daqui a pouco, em recife, chova ou faça sol [são 11h e tá chovendo], tem quanta ladeira as 15 pras 16h no rec-beat e, das 16 pras 17h sai a cabralada da rua da guia. e eu tô lá...

[se você pensa que cachaça é...](#)

24.02.09

...água, cachaça não é água não... e se você pensa que o carnaval acaba na terça e a quarta é de cinzas, talvez esteja certo, também, que cachaça vem do ribeirão ou não mora perto de onde eu pago IPTU. entre as dezenas de atividades, digamos, [etílico-musicais-greantes-carnavalescas da quarta-feira](#), na programação **oficial** de recifolinda, estão o **acorda urso** [em olinda, no alto da sé, às 6h; não vou nem tentar ir, que é cedo demais e ainda tô acabado de hoje {ontem, terça}], o **bacalhau do batata**, 47 anos de continuidade da folia [em olinda, no alto da sé, às 10h; vou tentar ir, é muuuito bom], a troça carnavalesca mista **coveiros em folia** [no cemitério de guadalupe, em olinda, às 17h, depois do último enterro; essa eu queria muito ir pra ver que diabos é...] e, em olinda, por fim, a troça carnavalesca mista **morreu donzelo**, que sai às 19h na rua guadalupe, provavelmente carregando os restos mortais dos **coveiros em folia**... [na foto abaixo, a saída do "batata" na sé, ano passado, [cortesia do JC](#)]



e o carnaval de recife, neste 2009, acaba bem mais tarde: como houve um dilúvio na segunda-feira à noite, os shows de silvério e lenine, na várzea, tiveram que ser adiados pra [quarta, a partir das 18:30h](#), na pracinha em frente à igreja. quem perder desta vez... saiba que o alambique vai desaparecer por uns tempos e carnaval, no meio da rua... só no ano que vem.

o começo do fim da confusão digital?...

26.02.09

[este post foi provocado pela notícia de que a nokia, depois de ver vários fabricantes de computadores entrarem no mercado de celulares, está pensando seriamente em fabricar... computadores.]

PCs, laptops e celulares são meros instrumentos pra “sintonizar” a internet. sintonizar pra produzir, consumir e relacionar informação e seus produtores e consumidores. isto posto, o que diferencia os três “instrumentos”?

olhando a partir de um referencial mais ou menos padrão, o balcão de uma loja [ou sua mesa, se for em casa], PCs são representantes de computação NO balcão, em relação a que os laptops e celulares ficam DEPOIS do balcão. se o referencial formos eu e você, laptops e, bem mais apropriadamente, celulares, representam computação e comunicação CONOSCO. básico. ninguém sai por aí carregando um PC como se fosse um celular, um celular não parecia com um laptop e até pouco tempo não dava pra fazer num celular quase nada do que era possível em um PC ou MAC.

o problema –ou a solução- começou com os netbooks, laptops que começam a se aproximar de um celular [pelo volume e peso, mais do que qualquer outra coisa] e tomou forma e ganhou nome com a gama de celulares representada pelo iPhone, android e pela [próxima geração de windows mobile](#), cujo propósito final é levar a mesma experiência de uso dos PCs, MACs e laptops para o celular. ou vice versa.



quanto mais rápido isso acontecer –inclusive o vice-versa- mais teremos chegado no que poderíamos chamar, de fato, convergência digital. que não é nada mais do que reduzir todos os processos que tratam informação a **aplicações** sobre a **infraestrutura** e **serviços** da internet. feito isso, SMS, chat, telefonia, web, transferência de arquivos, publicação de fotos... controlar o portão da sua casa, abrir seu carro, sua identidade [pra entrar no estádio]... e mais rádio, TV, vídeo, jornal, cinema e, se você quiser, dinheiro, tudo será aplicações sobre a mesma infraestrutura e serviços. simples assim.

pouco importa se [toshiba](#), dell, hp, lenovo, positivo, acer [e todos os outros fabricantes de PCs] também vão fabricar smartphones, se a apple faz iPhones ou se [a nokia, agora, vai fazer laptops](#). façam o que fizerem, o que nós usuários queremos, do lado de cá, é que as coisas que eles fabriquem “sintonizem” a internet usando padrões mundiais e abertos e que os provedores de infraestrutura e serviços

[as companhias de rede, “telecomunicações”, TVs...] não atrapalhem o que estamos querendo fazer, aleijando os dispositivos às nossas mãos com dificuldades inventadas em seus sistemas.

e o que nos impede de chegar lá mais rápido, ou tão rápido quanto a disponibilidade dos “sintonizadores”? os modelos de negócio legados [ou seja, do passado] da maior parte dos agentes que intermediam nosso acesso à informação. as TVs ainda querem ter espectadores [quando audiência já virou comunidade], as teles querem vender minuto de conexão [quando estão totalmente implementadas em termos de pacotes digitais...], as companhias de infraestrutura de rede querem controlar o tráfego, habilitando mais isso e menos aquilo... ou seja, mesmo tendo uma convergência de dispositivos cada vez mais clara e imediata, ela vale muito pouco se, por trás, onde o bicho pega, o sistema como um todo não levar em conta o que que a população da rede realmente é e quer fazer. somos indivíduos, produtores e consumidores de informação, em rede. simples.

mas muito difícil de se chegar lá. para tal, é preciso muita gente se envolver, incluindo múltiplas instâncias reguladoras... passando [no caso brasileiro] por anatel e congresso, entre outros, pra gente ter uma rede bem... **simples**. e não é de hoje que se discute o problema. a seguir, um texto que publiquei em dezembro de 2006 no G1, chamado [confusão digital](#)... leia com cuidado e note que, de lá prá cá, pouquíssima coisa mudou:

O noticiário mundial anda cheio de notas, reportagens, entrevistas e promessas de convergência digital, com cada empresa prometendo mais do que outra. Teles prometem YouTube em seus celulares, TVs a cabo entregam telefonia como parte do pacote, provedores de acesso querem fornecer TV via protocolo IP e, claro, quando houver, TV digital há de ser, segundo quase todos, interativa. A ponto de o espectador poder receber uma chamada telefônica, pela TV, bem no meio daquele capítulo intenso da novela.

Convergência digital, visto pelo lado da maioria das empresas de mídia ou do que costumava ser chamado de telefonia, parece ser um fazer tudo (todas as formas de mídia e comunicação) sobre sua plataforma física, qualquer que seja, para todos os públicos, desde que eu — a empresa — tenha controle sobre o que eles — os usuários — fazem.

*Mas isso não vai dar certo, em último caso, porque não irá satisfazer justamente o tal do usuário, responsável pela renda e negócio da empresa. Por que não? Primeiro, talvez devêssemos concordar com uma definição de convergência, à qual podemos chegar através de exemplos. O que é um telefone? No passado, era um equipamento com um dial, microfone e fone de ouvido, conectado por fios a uma central telefônica. Bem no passado, era analógico e vez por outra funcionava. Hoje, é uma **aplicação**, responsável pela transferência bidirecional de áudio entre dois pontos, à qual podem ser agregadas funcionalidades de tantos tipos que, em muitos casos, escondem o tal telefone.*

*Esta aplicação, tanto como emeio, transferência de arquivos, interação com páginas web, rádio e TV, é possibilitada porque um conjunto de **serviços** — protocolos específicos para suportar cada tipo de aplicação — construído sobre uma **infra-estrutura** (processadores, roteadores, cabos, redes dem sio, satélites) que, em última análise,*

realmente movimenta os bits que tornam possível nossas conversas. Então, por trás da convergência, está uma rede estruturada em camadas: **infra-estrutura**, lá embaixo, **serviços** essenciais sobre ela e, no topo, as **aplicações** que usamos e pelas quais queremos - eventualmente — pagar. Convergência digital é transformar em infra-estrutura, serviços e aplicações, usando padrões abertos e inter-operáveis, o que antes eram sistemas particulares, fechados, cada um de um operador diferente.

E onde entra a **confusão digital**? Na hora em que uma operadora de celular ([Verizon, nos EUA](#)) avisa que vai prover YouTube a seus usuários, ao invés de convergência, é confusão. Por quê? Se fosse convergência, como o celular é um dispositivo que deveria estar funcionando sobre uma rede aberta, a operadora nunca precisaria dizer que vai — ou não — oferecer uma aplicação na telinha do meu celular. O problema seria somente meu: YouTube é um site, tem um endereço, eu vou lá e vejo o que quero. Como nós fazemos com nossos browsers. A menos que o leitor esteja na China, Irã, Cuba e outros países que censuram a internet, a escolha do que ver é livre. A internet é, por definição, convergente. A rede das teles, ainda pensada como telefonia, não é.

As operadoras, de fato, controlam o padrão de experiência que seus usuários têm na rede, deixando-lhes, na prática, pouca escolha. Para que tivéssemos convergência digital real, lá, era preciso primeiro “abrir” as operadoras para a rede. Em outras palavras, seria preciso que elas se vissem como as provedoras de infra-estrutura que realmente são. Compare, por exemplo, com as empresas de eletricidade: nenhuma delas tem a coragem, hoje, de dizer o que nós podemos ligar ou não nas tomadas. Fazemos o que queremos. Num passado distante, até que tentaram. Mas não deu, como não vai dar, no longo prazo, para as empresas de telecom.

O mesmo acontece com as redes de TV a cabo: apesar de ter alguma escolha dos canais que posso assistir, não tenho (pelo menos aqui em Recife) nenhum canal de Angola ou Senegal. Por quê? O distribuidor controla os sinais (digitais) entram em sua rede... de tal forma que só posso escolher entre os canais que já pré-escolhidos. Haveria uma grande audiência para uma TV do Senegal no Brasil? Provavelmente não. Mas se o mundo fosse mesmo convergente — e não confuso como os operadores o tornam —, um pequeno número de espectadores, poucos milhares, tornariam lucrativo ver o Senegal, via IP, no Brasil.

Olhando para as atuais infra-estruturas e serviços (teles e outros) de entrega de aplicações (de telefone a TV e internet) em nossas casas e empresas, não só cada ator que fazer tudo, mas quer, também, controlar tudo e, especialmente o que, como e quando o usuário vê, ouve ou tem acesso. O mesmo pode acabar acontecendo com TV digital, dependendo do caminho que escolhermos: os “operadores” de TV digital, os canais, podem querer ter o mesmo grau de controle que, hoje, as teles e os operadores de cabo têm, ou gostariam de ter, sobre seus espectadores.

*É bom lembrar, e saber, que os espectadores, clientes e usuários estão fugindo das infra-estruturas e serviços fechados para sistemas **abertos**, onde podem definir, escolher e usar o que querem e bem entendem. As experiências que os usuários querem ter os incluem não só como atores, mas, muitas vezes, como diretores e até como construtores de seus serviços. Foi assim que surgiram Skype, YouTube, blogs e as muitas redes sociais que, hoje, ameaçam a mídia clássica e as velhas redes de telecomunicações.*

Pode ser que a confusão digital continue ainda por muito tempo. Mas ela não há de durar para sempre. Mais hora, menos hora, teremos um mundo convergente sobre a mesma plataforma de computação, comunicação e controle, estruturada em termos de infra-estrutura, serviços e aplicações que podem ser usadas como, quando e por quem queira, sem interferência de “programadores centrais”. Se as teles algum dia pensaram que poderiam ser redes de TVs e vice-versa, cada um e todos controlando os usuários de suas “convergências”, parece que não vai dar.

Se alguém vai programar o futuro do usuário-espectador, é ele mesmo. E cada operador vai achar, breve, seu novo lugar na convergência de negócios que será criada pela convergência tecnológica. Afinal, confusão não é um bom negócio para ninguém.

o estímulo, o passado e o futuro

27.02.09

dias atrás, alguém inventou uma notícia sobre a descoberta de um número inteiro que superaria qualquer outro já conhecido "[por uma porrada](#)". segundo o comitê de cientistas que teria descoberto o novo número, batizado de **estímulo**, ele "cresce continuamente, em composições fatoriais, devorando todos os zeros no seu caminho"...

claro que é brincadeira, mas com uma pitada de realidade: por todo ângulo de que se olha a crise mundial, os números são astronômicos e não param de crescer. nos EUA, depois de aprovar um estímulo de US\$787B [veja a [comparação com o new deal, de roosevelt, neste link](#)] , o governo mandou avisar ao mundo [que o financia há décadas] que o [déficit do orçamento federal para 2009 vai ser de US\\$1.75T](#) [isso mesmo, trilhões], 12.3% do PIB de lá ou [cerca de um PIB do brasil](#). o recorde anterior, um buraco de US\$455B, foi deixado pelo pouco saudoso g. w. bush em 2008. _



pra onde vai todo este dinheiro, que será sugado, em boa parte, de investimentos que noutros tempos seriam realizados no resto do mundo? uma parcela, como diz o orçamento que o congresso americano ainda tem que aprovar, deve ir para grandes projetos de infraestrutura concreta [estradas, aeroportos...] e abstrata [mais e melhor educação, por exemplo]. mas uma parcela muito considerável [mais de US\$250B] será usada para "recuperar" instituições financeiras falidas [por uma combinação

de frouxidão regulatória, ganância e incompetência], outro tanto para indústrias sem futuro [por falta de projetos e produtos competitivos e processos sustentáveis para realizá-los] que sobreviviam apenas porque havia excesso de crédito no mercado, enfim, uma boa parte do dinheiro do "estímulo" será enterrado em um passado de futuro muito, muito questionável. isso sem falar em US\$140B pra "estimular" a guerra do iraquistão só no orçamento de 2009.

até dá pra entender que, para salvar uma parte do presente, o passado não pode colapsar de vez bem à nossa frente. mas onde está o "estímulo" nos EUA e mundo inteiro, que deveria gerar as novas embraer, google, cisco, apple, microsoft, samsung, amazon e huawei?... certamente não virá, de *motu proprio*, dos demitidos do sistema financeiro: [as culturas de startup e de mesa de operações ficam em galáxias diferentes...](#)

nos EUA, já existe um debate muito aquecido sobre como ampliar e acelerar o investimento em novas companhias, nos negócios que hão de criar os empregos do futuro. [thomas l. friedman entrou em cena](#) pedindo um "estímulo" de US\$20B para as empresas de capital de risco apostarem no que sabem fazer melhor, criar novas empresas. mas matt harris diz que entregar US\$1B para cada uma das 20 maiores empresas de risco americanas [não vai levar a mais negócios e mais empregos](#), mas a investimentos maiores nos mesmos startups... e que o governo precisa entender a cadeia de valor de investimento de risco pra saber onde e quando melhor aplicar o dinheiro público. e tem quem ache que os estímulos de washington, por maior que seja a pressão de obama, [terão a velocidade do PAC...](#) em suma, há um grande envolvimento de todos os tipos de agentes, nos EUA, sobre o que fazer agora.

por aqui, o debate sobre o futuro ainda não chegou, muito menos a parte dele que tem a ver com pequenas empresas inovadoras. o país parece que ainda é muito isolado para sentir o impacto das grandes mudanças na economia do planeta, salvo em empresas muito globalizadas como a embraer. mais de quatro mil empregos estão sendo eliminados na empresa de são josé dos campos, sem falar no que pode vir a acontecer nas empresas de sua cadeia de valor.

mas o papel do governo no caso embraer, até agora, foi o de pedir à empresa mais benefícios para os demitidos... sem lembrar que se trata de uma empresa privada, largamente baseada em conhecimento, e que não está demitindo porque quer, mas porque precisa se ajustar rapidamente a um novo tipo e tamanho de mercado, para sobreviver. demitir gente em grande quantidade, em negócios intensivos em conhecimento, é algo que só ocorre quando o risco de insolvência é muito real. nestas empresas, o custo futuro de recuperar o capital humano perdido no passado é sempre muito alto.

no cenário corrente, a embraer seria um caso óbvio para se pensar em estímulo do governo brasileiro, como a europa faz com a airbus, os EUA com a boeing e o Canadá com a bombardier. do ponto de vista social, claro que há de se pensar nos que estão perdendo seus empregos agora. mas, do mesmo ponto de vista, a inércia da política federal pode levar a muito mais desempregados no futuro...

o debate sobre o futuro pode não ter chegado mas a crise chegou. os números dizem que ela está confortavelmente instalada na economia nacional e todos deveriam saber que precisamos reagir. esta reação –se acontecer- terá muito a ver com o entendimento [social, por todos os tipos de agentes] de quais são os futuros possíveis, de onde vai haver trabalho e renda nos mercados mundiais e como melhor podemos nos preparar para tais futuros agora, enquanto é tempo.

mas é difícil imaginar o país agindo apropriadamente frente a uma crise destas proporções quando a grande discussão pós-carnaval gira ao redor de uma tentativa de controlar um fundo de pensão estatal por parte de um partido político que, [como diz o senador jarbas vasconcelos](#), "é corrupto".

precisamos levar a crise mundial mais a sério. para isso, e para enfrentá-la sem medo mas com o devido respeito, precisamos reconhecer que ela existe, é grave e que seu impacto na economia nacional pode ser fatal em muitos setores. isto posto, é preciso agir, e rápido. senão o estímulo não vai chegar a tempo de ter qualquer efeito significativo nos pacientes, que são as empresas e pessoas da economia real.

a ficarmos conversando em gabinetes, criando empregos públicos, adiando investimentos essenciais para o país ou esperando que o PAC [como está] recupere o crescimento da economia... vai valer [também aqui] o cartoon de bennett que você pode ver a seguir...



[jornais: evoluindo na web...](#)

01.03.09

no começo da década de 80, o custo –em telecom- para se ler um jornal online era 50 vezes mais caro do que ter a mesma coisa em casa, em papel. [o pessoal do innoblog achou um vídeo histórico](#) de 1981, no youTube, que mostra como eram as primeiras “edições eletrônicas”. vale a pena ver...

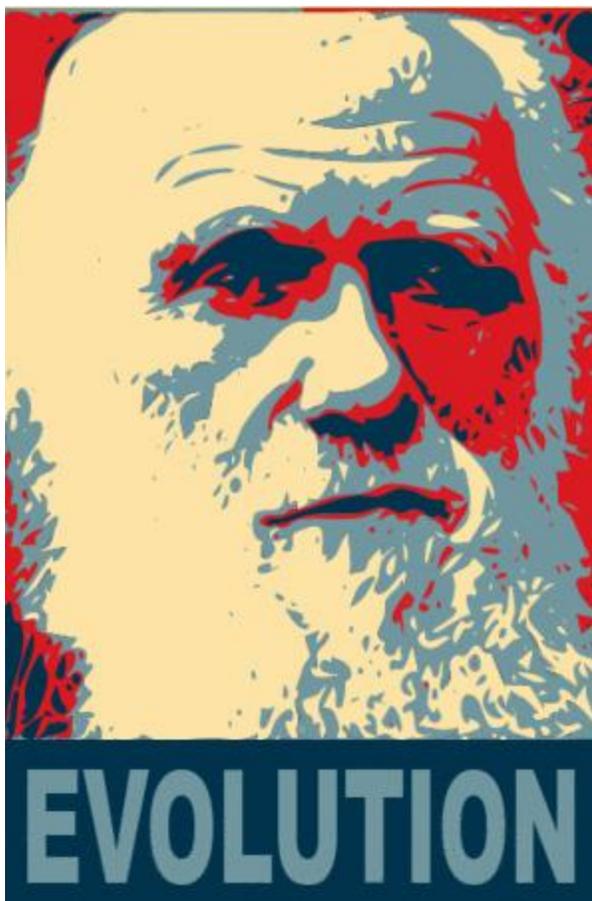


no outro lado da linha, [estudo do bivings group](#) mostra como os jornais [americanos, no caso] estão se adaptando pra ver se sobrevivem à rede, onde o custo de ler/ouvir/ver um jornal na web é marginal.

os principais resultados do estudo são... 1] em 2008, 58% dos jornais aceitava alguma forma de conteúdo gerado pelos “leitores” [agora transformados em usuários, parte de uma ou mais comunidades],

contra 24% em 2007; 2] 75% dos sites dos jornais aceitava comentários dos usuários em 2008, contra 33% em 2007 e 3] apenas 10% dos jornais tinha alguma forma de rede social ao seu redor em 2008, contra 5% em 2007.

o último resultado é surpreendente por duas razões: é um crescimento de 100% sobre o ano anterior mas, mesmo assim, é muito pouco no total. a quantidade de tempo e atenção dedicados a redes sociais, na web, pode acabar fazendo com que apareçam, lá dentro, os jornais do futuro. não é por acaso, aliás, que rupert murdoch comprou mySpace quando ainda era uma penchincha, [meros US\\$580M, ainda em 2005...](#)



a maioria dos jornais [e rádios, e TVs] está precisando entender –e praticar- uma realidade instalada há tempos em seus mercados [ou ecologias] pela internet: o “novo mercado”, a rede, é plano ao invés de piramidal, onde quem estava no topo e acostumado ao controle da audiência, no passado, agora tem que competir como [quase] qualquer agente comunitário. sejam bem-vindos: neste novo mundo, ao invés de newton e sua descrição de um universo perfeito e imutável, [quem dá as regras é darwin...](#) pra quem vale um ambiente de competição e coopetição em rede, onde só os mais aptos e adaptáveis sobrevivem. [nas redes digitais, valem os mesmos princípios.](#)

é capaz de ser mais que mera coincidência estarmos comemorando, por agora, os 200 anos do nascimento do gênio que descobriu como as ecologias funcionam. se você é parte de uma rede de negócios e não sabe o que darwin [depois de muito hesitar] disse sobre evolução e adaptação, [tá na hora de ler...](#)

células 2.0: de pele a tronco, sem vírus

02.03.09

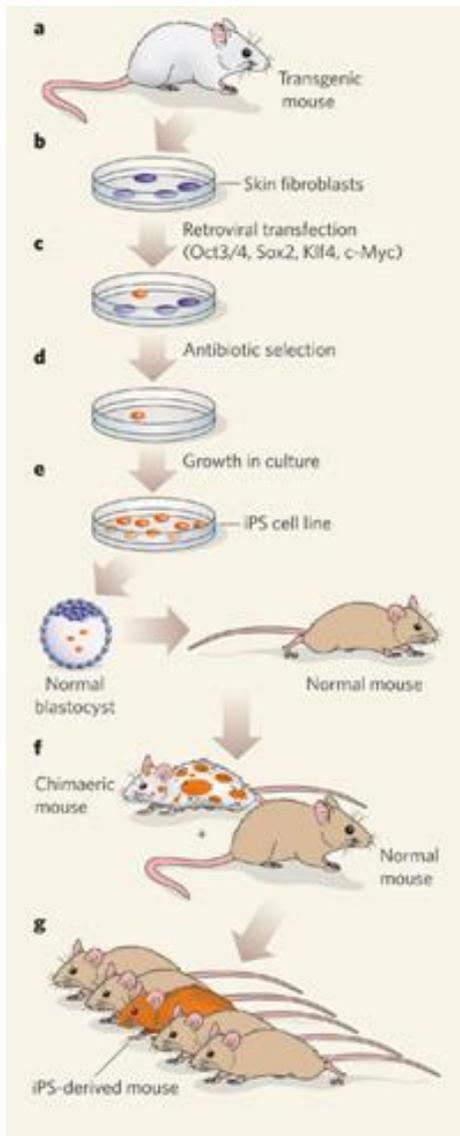
pela primeira vez na história, um time de cientistas conseguiu reprogramar células de pele [de ratos] para células similares a células tronco, sem utilizar vírus no processo. o feito se deve a uma equipe internacional liderada por [andras nagy \[canadá\]](#) e [keisuke kaji \[uk\]](#), reportado na revista nature sexta passada.

o método clássico de se conseguir células tronco para estudos e potenciais tratamentos é a partir de embriões descartados, o que levou a debates muito intensos em vários países. no brasil, o [embate entre as alas pró e contra o uso de células tronco](#) embrionárias chegou ao supremo tribunal federal, que decidiu a favor de seu uso no país.



a descoberta de nagy e kaji é parte de um longo processo para se chegar a reprogramação completa de células. um corpo humano adulto tem centenas de tipos de células especializadas, todas derivadas das células tronco que existem no ponto de partida do processo de criação de um ser vivo. quando se torna, por alguma razão, necessário repor alguma parte de um ser vivo, a única alternativa prática, até agora, é o transplante. a

esperança, no muito longo prazo, é que o domínio da tecnologia de programação celular [ou de engenharia genética ou biológica] possibilite tipos de tratamento [e modificações] até hoje impensadas.



a principal evolução do método de nagy e kaji sobre o trabalho de [shinya yamanaka, de novembro de 2007](#), é que yamanaka usava um vírus para inserir características no dna das células especializadas, tornando-as *induced pluripotent stem (iPS) cells*, ou células tronco induzidas e pluripotentes. o problema do método de yamanaka é que o vetor viral utilizado para injetar código nas células de partida pode se combinar de forma não previsível com o dna hospedeiro, o que é evitado por naky e kaji usando um trecho [ou cassette] de dna.

o time de nagy, depois do sucesso com ratos, está [tentando o mesmo efeito em gatos e cães](#) e não há, no momento, previsão de quando a técnica poderá ser aplicada em humanos. mas é só uma questão de tempo. **vêm aí as células 2.0, agora programáveis e, possivelmente, com bugs...**

[grandes desafios da computação no brasil, 2.0](#)

03.03.09

a segunda edição do seminário sobre os [grandes desafios da computação no brasil](#) está em andamento em manaus. este blog está lá e o resumo da ópera está na rede via twitter em <http://twitter.com/srlm>. vá ver.

[anatel começa a dar NOTAS às operadoras](#)

04.03.09

a anatel resolveu criar um índice, o IDA [**índice de desempenho no atendimento**; [veja a descrição neste link](#)] para expor parte das qualidades e defeitos das operadoras e, se tudo correr bem, para começar um processo de melhoria do que temos hoje no cenário de telecom no brasil.

pra saber o IDA da sua operadora em janeiro, [clique neste link](#). uma operadora –a sercomtel celular- tirou nota 10, duas estão abaixo de 7 e uma ficou com nota abaixo de 5. ou seja, duas companhias foram pra recuperação e uma foi reprovada.



o IDA é bem vindo mas ainda é pouco, pois só trata o atendimento dado às nossas reclamações, dizendo respeito, apenas vagamente, à qualidade dos serviços propriamente dita. [segundo a anatel...](#) o índice tem como finalidade incentivar as prestadoras a aperfeiçoar o tratamento de reclamações, tornando-as mais eficazes na resolução de problemas apontados pelos usuários dos serviços.

tomara. tomara, inclusive, que o IDA não tenha volta. mas bem que poderíamos, objetivamente e de forma inteligível por todos, saber a quantas anda a cobertura, a qualidade das ligações, das conexões de dados móveis e banda larga fixa... e por aí vai. este blog vai

seguir o índice e ver o que acontece com as metas de melhoria de atendimento [algumas na faixa de 50%] que estão sendo impostas às operadoras pela anatel.

até porque nossa experiência em telecom mostra que o estado -ao contrário do que alguns ainda pensam- não é a solução para problemas que o mercado pode resolver. mas o mercado, deixado por conta do diabo e do incentivo aos gestores -como a crise econômica mundial demonstra- não é a solução, sozinho, para todos os nossos males. o papel das agências reguladoras é fundamental e a anatel pode muito bem vir a demonstrar isso no caso brasileiro. de novo, tomara...

o fim das secretárias e de muitas outras profissões

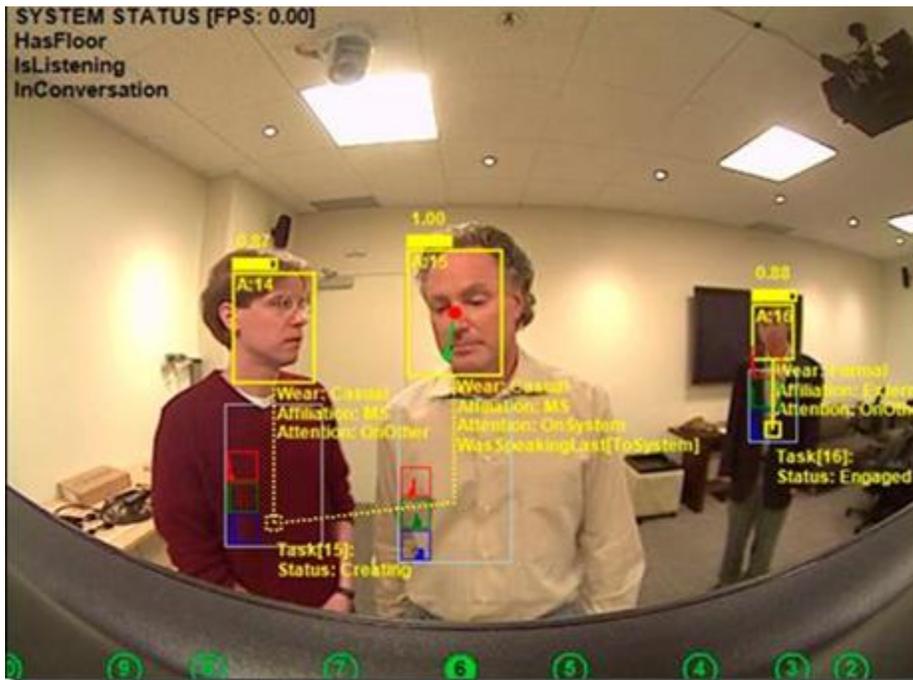
04.03.09

craig mundie, responsável pela pesquisa e estratégia [e pelo futuro] da microsoft, está apostando que sistemas computacionais até 100 vezes mais potentes do que hoje [estarão disponíveis em 2013](#). e estas coisas vão gastar tanta [ou menos] energia do que os chips atuais.

as implicações podem ser espetaculares. reconhecimento de voz, faces e atitudes pela porta da sua casa, feita por um “sistema” que exerceria, no futuro, um papel muito mais sofisticado do que as fechaduras atuais. sem falar nas possibilidades no carro, elevador, fogão, geladeira, cama... enfim, onde houver uma “coisa”, é capaz de em breve ela ser computacional e se comunicar conosco e com outras coisas, pela rede. usando visão, audição e voz.

meu ceticismo sobre tais “avanços”, em tão curto espaço de tempo, é grande. mas pode ser só por causa do tempo. claro que vai ser muito mais confortável e interessante se, no futuro, não precisarmos carregar e usar chaves de nenhum tipo, pois sistemas de acesso suficientemente capazes e ubíquos [espalhados por toda a sociedade] nos reconheceriam e, em função de diretivas e restrições a eles associadas, nos deixaram passar por aqui ou por ali, quando fosse o caso. ou não.

mas os cenários de futuro construídos pela turma de mundie não param por aí. o mesmo tipo de capacidade computacional poderá ser usado, segundo a turma dos laboratórios da microsoft, para transformar o que hoje é seu PC ou laptop num “[assistente pessoal](#)”. ou, como



se costumava dizer no passado, numa secretária. como assim?

o mercado de PCs vai começar a ser cada vez mais de reposição. como crescer vendendo software [ou serviços de software] como windows e office? procurando outras coisas que todo mundo “vai querer” e tornando realidade. e a microsoft acha que muita gente gostaria de ter uma “secretária

eletrônica” que pudesse resolver reuniões, viagens, pagar contas, lembrar do aniversário de casamento, comprar presentes e por aí vai, sem que você tivesse que interagir com uma interface computacional das que temos hoje. se vai pegar ou não, é outra conversa. mas tem uma chance muito grande de estar bem perto de você, num futuro bem próximo.

acima, uma reprodução de como “laura”, o protótipo de secretária eletrônica da microsoft, [vê o mundo](#) hoje. laura é apenas uma das inovações que a microsoft e muitas outras empresas podem trazer ao mercado no futuro próximo. de 1965 até 2005, a capacidade computacional pelo mesmo preço aumentou cerca de um bilhão de vezes. o super-computador do MIT, de 1965, era 1.000 vezes menos potente do que um celular sofisticado de quatro anos atrás. e outro aumento de capacidade da mesma classe, um bilhão de vezes pelo mesmo preço, deve rolar entre 2005 e 2030, encurtando em 15 anos o tempo para tal avanço.

se conseguirmos fazer software que vai usar apropriadamente tal capacidade computacional do futuro próximo, não só sua secretária poderá ser eletrônica, mas o motorista e o cobrador do ônibus, o taxista, o operador de call center... [e, quem sabe, até uma parte dos professores?](#) mesmo hoje, e com todos os problemas que ainda temos que resolver nos programas que nos rodeiam, não é difícil “escrever”, em software, um professor que tira mais que zero num teste de sua própria matéria...

um novo [e eletrônico] olhar

08.03.09

anos atrás, comecei a perguntar a audiências várias, dentro e fora da universidade, quem topava trocar um olho [daqueles bem míopes] por um olho eletrônico [“cheio” de software, claro]. em todos os casos, as pessoas se surpreendem com a pergunta e é muito raro alguém, de primeiro, aceitar a troca.

a provocação continua quando sugiro que o olho “biônico” poderia ter **zoom** e **infravermelho**: com estes opcionais, já se vê uns 20-30% da platéia pensando seriamente em fazer a troca.

o próximo passo da brincadeira é imaginar que o olho poderia ser, também, uma câmera, celular, capaz de pegar tudo que vê e ouve e transferir para um sistema de informação [associado à sua conta, na operadora, principalmente agora que temos portabilidade...]. e que o sistema lá por trás seria capaz de relacionar tudo o que você já viu, ouviu e fez, e por onde passou, com o que você está vendo, ouvindo e fazendo agora e lhe dar sugestões como “...esta pessoa, à sua frente, é fulano de tal, a quem você encontrou pela última vez no teatro e vocês comentaram que...”. sem falar em [que tal?] consultar a wikipedia no *background* pra resolver o que, no passado, eram aquelas difíceis [e completamente idiotas] questões de história, geografia... a esta altura do campeonato, quase toda a sala tá topando ter um olho biônico, mesmo que seja em troca por um olho bom... e as possibilidades são infinitas: faça sua própria lista de desejos.



voltando pro agora, na vida real, rob spence perdeu um olho caçando, quando jovem, e se tornou cineasta quando cresceu. rob tem uma prótese em um dos olhos e, nela, [planeja inserir uma câmera pra sair por aí e filmar o mundo...](#) a câmera não terá qualquer conexão com o sistema visual de spence; trata-se apenas de uma nova forma de ver e filmar o mundo. mas o projeto chama muita atenção pelo que denuncia: estamos começando a chegar perto do tempo em que a prótese –ou o próprio olho– poderá ser uma câmera ligada ao sistema visual de seu hospedeiro, ser celular e ter aquele sistema de informação, lá atrás, estendendo o intelecto do usuário.

“[augmenting human intellect](#)” era o que douglas engelbart, um dos pioneiros do que veio a ser, muito tempo depois, a web, já pensava que seria o papel de hipertexto... em 1962. há visões que levam décadas ou séculos para se transformar em realidade. uma câmera aqui, outra câmera conectada ali, um sistema de informação acolá, um sistema de educação continuada e “à distância” ali e, aos poucos, a visão de engelbart irá se transformando em realidade.

por agora, resta ver o que spence vai realizar de cinema, como diria glauber [rocha](#), com idéias na cabeça e uma câmera no olho. pra saber o que está sendo planejado, [vá ver o site do projeto eyeborg](#), de onde veio a foto abaixo.

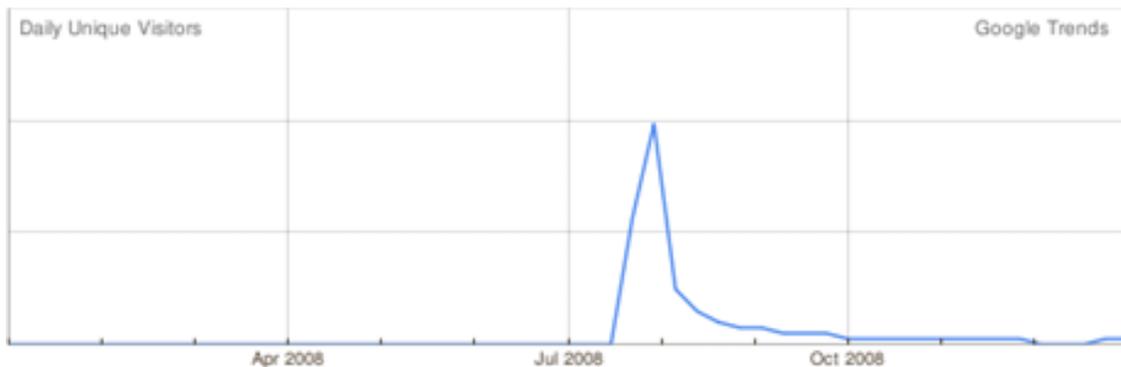


primalfusion: [mais um] futuro da busca na web?

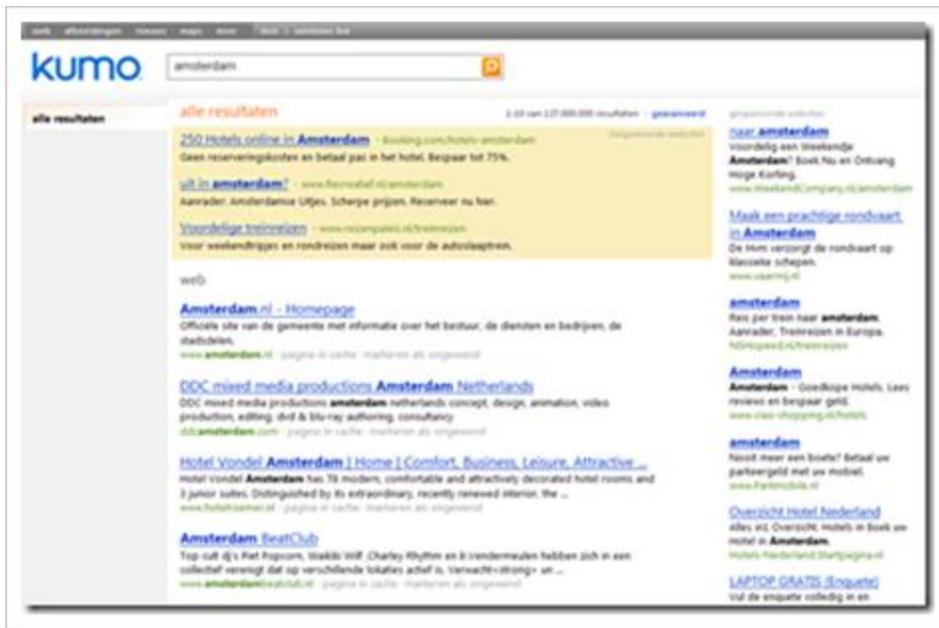
09.03.09

toda vez que aparece um novo engenho de busca, o mundo imediatamente compara a coisa com google. assim foi com cuil, [do qual este blog falou em julho passado](#). cuil [que ainda hoje lidera o ranking de páginas indexadas, cerca de 125 bilhões] não entregou os resultados prometidos e entrou pra história como um dos maiores fracassos da internet em todos os tempos.

e olha que a galera por trás do esforço é de primeira linha, gente que estava liderando times importantes em google e saiu de lá, segundo os próprios, para “revolucionar” o negócio de busca. só que não deu certo e cuil, depois de uma grande fanfarras de lançamento, desapareceu da rede [veja o gráfico abaixo, do [google trends](#)].



mas o negócio de busca é muito bom e nem mesmo a microsoft –que tem estado muito longe



do sucesso, neste caso- desistiu do assunto: [segundo vazamentos vindos de redmond](#), a empresa está [testando KUMO](#), que poderia vir a ser o substituto [ou complemento] da busca atualmente sendo fornecida pela empresa em live.com. há quem já tenha visto o sistema ao vivo, na rede, mas hoje ao

meio dia não havia nada no endereço kumo.com. vamos ver o que sai de lá. no nordeste, vai ter gente sugerindo que o nome da nova busca da MSFT deveria ser *cuma*?... que é como se pede explicações lá no cariri da paraíba, de onde eu venho.

mas há um competidor verdadeiramente novo e que está tratando sua chegada no cenário com muito mais cautela do que cuil. primalfusion, ao invés de se anunciar ao mundo como o maior, quer aparecer como o melhor entre as novidades e vai tentar criar uma categoria própria, a de [thought networking](http://thoughtnetworking), ou rede de pensamentos. a coisa faz sentido e pode ser muito útil para uma classe de buscas bem mais elaboradas do que é possível nas máquinas de busca atuais,



primalfusion está em alfa privado; só vai usar, agora, quem conseguir um convite pra entrar no limitado grupo dos testadores. mas o sistema foi demonstrado recentemente na DEMO 09 [\[veja o vídeo aqui\]](http://veja o vídeo aqui); gostei do que vi] e você pode acompanhar o que está acontecendo no blog do site. pelo que o vídeo de demonstração deixa antever e se a performance de primalfusion for muito boa, ele pode vir a ser um dos mais interessantes sistemas de busca da web. senão, será só mais um cuil...

IDH: um milhão de histórias sobre o brasil

10.03.09

o programa das nações unidas para o desenvolvimento, PNUD, está começando a computar o novo IDH, o índice de desenvolvimento humano do país. o IDH diz, na prática, como estamos como pessoas e, de muitas formas, quão saudável é a sociedade. o retrato nacional descrito pelo IDH desce ao nível de municípios e vilas e, se bem usado, ajuda a definir as políticas, estratégias, práticas e investimentos que mudariam os lugares mais miseráveis do brasil.



o PNUD resolveu perguntar, através do site brasilpontoaponto.org.br, o que é que *precisa mudar no brasil pras nossas vidas melhorarem de verdade*. a consulta é aberta a qualquer interessado em dar sua opinião e vai ajudar a definir o tema do relatório de desenvolvimento humano. ao aliar opiniões qualitativas aos dados quantitativos sobre onde estamos bem e onde precisamos melhorar, a esperança é produzir um retrato mais fiel de um país que, na maioria de suas comunidades, ainda precisa melhorar muito.

a iniciativa é inovadora –poderia ser estendida ao censo e muitas outras

pesquisas- e vale a pena passar lá pra dizer o que pensamos e ver [por estado, o mapa acima – no site- é clicável] o que o povo pensa e está dizendo sobre o que deve melhorar. o PNUD espera que um milhão de pessoas diga o que pode melhorar no país, em texto ou vídeo. se este povo todo aparecer, vai dar muito trabalho pra processar tanto vídeo e texto livre e escolher o tema do relatório a partir daí. mas, ao mesmo tempo, vamos saber muito mais o que queremos que aconteça no país.

poderia ser melhor? sim, se o PNUD tivesse, ao mesmo tempo, pensado em criar uma rede social a partir e ao redor da pesquisa: uma boa parte do que as pessoas dizem que precisa ser feito pode começar por elas próprias, no brasil inteiro, articuladas e fazendo sua parte. e uma rede social seria um instrumento fundamental pra mover e aglutinar tanta gente. poderia vir a ser, em pouco tempo, a rede social [virtual] mais importante do país.

promoção na operadora: [uma] música a R\$18

12.03.09



o mercado de entretenimento móvel, no brasil, quase não existe. um amigo resolveu tentar entender porque. no país, [81.5% dos celulares são pré-pagos](#); o extremo é o pará, que tem 90.8% de pré-pagos. de acordo com a anatel, o país tem [não necessariamente em operação] [151 milhões de celulares](#). em números redondos, são 120 milhões de pré-pagos e 30 milhões de pós-pagos. nesta conversa, estamos falando da vasta maioria, os 120 milhões de pré-pagos, que poderiam ser um grande mercado. mas não são. por causa deles, o ARPU [renda média das operadoras, por mês, por usuário, incluindo os pós-pagos] é [menos de quarenta reais](#).

pois bem. o amigo pega um pré-pago e carrega com R\$25, pra fazer um teste. poderia ter lido um texto do ti inside –[celular no brasil é o mais caro do mundo](#)- e não precisaria testar nada. mas é um cabra prático e vai atrás de ver como as coisas funcionam na vida real. assume que quase todo mundo que tem pré-pago não tem banda larga em casa e, se quiser uma música tocando no celular, vai trazê-la pelo próprio celular.

isso se não souber das consequências... quais? bem, no site da operadora há um grande sucesso à venda por módicos R\$3,99. meu amigo assume que o bom cidadão, cumpridor das leis, não vai copiar a música do celular ao lado. gente boa, ele entra no site da operadora e paga [75% mais caro do que se estivesse comprando a canção no iTunes](#) [US\$0.99], bota fé na transação e confirma o [dá-o-loud](#).

algum tempo depois, o tal sucesso está carregado no pré-pago [emprestado, pro experimento]. vai rolar a festa. antes, pra saber o que mais pode fazer com o celular, meu amigo verifica quanto sobrou de crédito. a surpresa? sobraram R\$7. como sabemos, a música custou R\$3,99. quanto devemos somar a R\$3,99 para, ao subtrairmos o resultado de R\$25, termos R\$7 como resultado?... **QUATORZE REAIS**. a música custou quatro reais e o download custou quatorze, dos quais mais de cinco reais vão para o governo como imposto e a operadora fica “apenas” com uns nove reais, ou pouco mais de duas vezes o preço da música, pra enviá-la pra seu celular.

feitas [e entendidas] as contas não é nenhuma surpresa que, primeiro, o ARPU do brasil seja um dos mais baixos das américas. afinal de contas, ninguém é doido o suficiente pra correr tal tipo de risco com alguma frequência, tipo umas duas vezes na vida inteira. eu mesmo –nem pra

testar- nunca comprei nada do site de nenhuma operadora. eu e quase toda a população móvel do país, pelo visto.

segundo, enquanto o modelo de negócios das operadoras não mudar, radicalmente, para limitação de banda [enquanto houver limitação de infraestrutura] combinado com volume ilimitado [em potencial] de dados, a coisa vai continuar exatamente como está. nem nós participamos dos negócios móveis, nem elas ganham, conosco, o que poderiam estar ganhando. garanto que, com um modelo de negócios que faça sentido para os usuários, todos nós ganharíamos muito mais. simples assim...

mulheres & informática: por que elas não estão lá?...

15.03.09

a proporção de mulheres trabalhando em ciências, matemáticas e engenharias, incluindo informática, é muito menor do que a proporção de mulheres na sociedade. e isso não tem nada a ver com uma maior capacidade dos homens para tais assuntos. mas o fato é que não é incomum, em conferências da área de informática, a audiência ser composta por 70, 80 e até 90% de homens.

um estudo que acaba de ser publicado, analisando os últimos 35 anos de pesquisas sobre o assunto, revela que as diferenças de sexo [cérebro, hormônios...] e institucionais [como discriminação e preconceito] não são fatores primários para explicar porque há muito menos mulheres nas engenharias e ciências exatas do que sua porcentagem na população.

uma das autoras do estudo, susan barnett, diz que as mulheres deveriam representar perto de um terço dos professores sênior de matemática, nos EUA, se fosse levado em conta, para chegar lá, a porcentagem de mulheres que estão entre os 1% melhores em matemática na população como um todo. mas as mulheres em posições de senioridade nos departamentos de matemática dos EUA são menos de 10%...

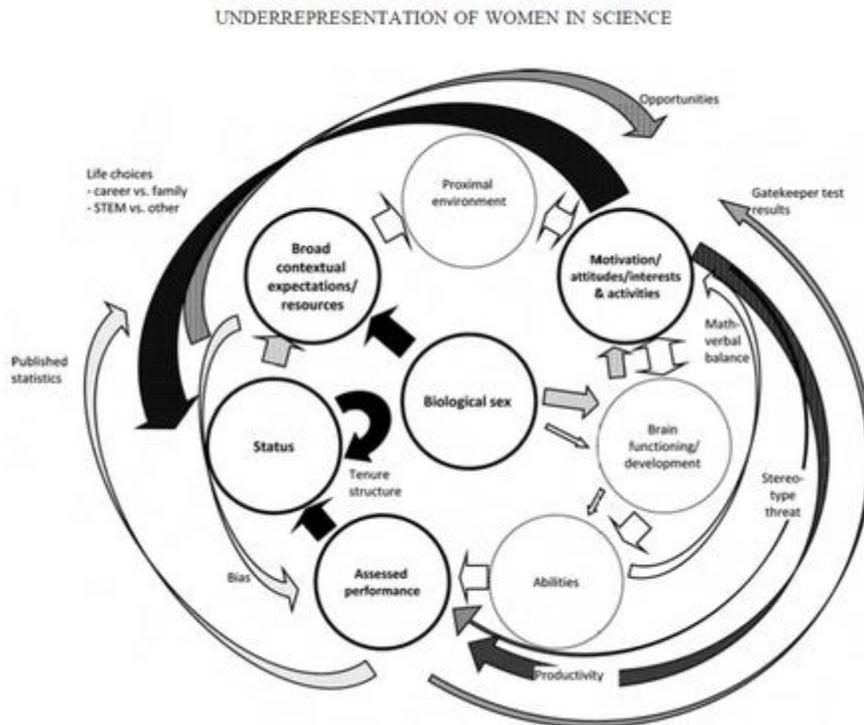


Figure 1. General causal model. STEM = science, technology, engineering, mathematics.

segundo o professor stephen j. ceci, que liderou o estudo, "A major reason explaining why women are underrepresented not only in math-intensive fields but also in senior leadership positions in most fields is that many women choose to have children, and the timing of child

rearing coincides with the most demanding periods of their career, such as trying to get tenure or working exorbitant hours to get promoted"... ou seja, a principal explicação para poucas mulheres em ciências, engenharia e, em geral, cargos de liderança, é que a maior parte das mulheres decide ter filhos, e a época em que isto acontece coincide com os períodos de maior demanda em suas carreiras; aí, os filhos ocupam as horas em que elas deveriam estar trabalhando feito loucas [como os homens o fazem] para se candidatar às promoções e espaços nas universidades e corporações.

tem mais: os autores concluem que não adianta, simplesmente, "atrair" mais mulheres para carreiras de ciências, matemáticas e engenharias; é preciso criar alternativas práticas de carreira para as mulheres, incluindo degraus de progressão, no trabalho, que levem em conta a maternidade e a possibilidade, durante a primeira fase de crescimento dos filhos, de trabalho em casa. coisas a se pensar quando se fala em "oportunidades iguais" no mercado de trabalho e se leva em conta que [pelo menos por enquanto] as mulheres precisam mesmo ter filhos... senão a humanidade não tem futuro.



o artigo, *Women's Underrepresentation in Science: Sociocultural and Biological Considerations*, de stephen j. ceci, wendy m. williams e susan m. barnett, publicado no [psychological bulletin](#), uma das revistas mais importantes do mundo na área, [está disponível neste link](#). boa leitura.

seu cérebro, eletrônico?

18.03.09

cientistas de quinze instituições em sete países europeus estão trabalhando para criar o que chamam de “**cérebro num chip**”, uma máquina –a longo prazo- capaz de reproduzir o funcionamento de um cérebro humano a partir de suas características primárias.

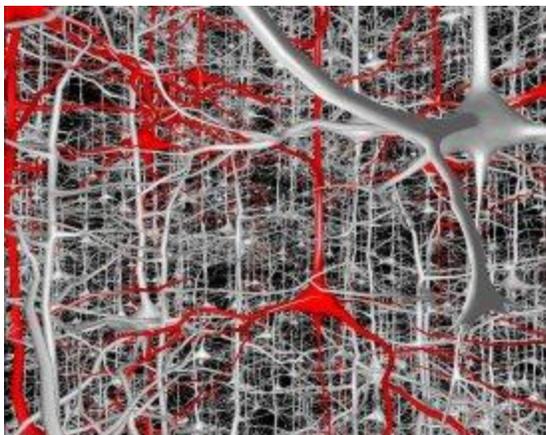
não se trata de um desafio menor. um cérebro humano adulto contém cerca de [100 bilhões de neurônios](#), que podem ser tratados como unidades fundamentais de armazenamento e processamento de informação. e o número de conexões [as sinapses] entre os neurônios é gigantesco: estima-se que [um cérebro humano adulto tenha entre 100 e 500 trilhões](#) delas.

se formos comparar, o supercomputador mais rápido do mundo, o [IBM roadrunner](#), tem “apenas” 129.600 processadores, interligados por míseras 10.000 conexões, intermediadas por quase cem quilômetros de fibra ótica. a máquina, usada pelo governo americano, é capaz de realizar [mais de um quatrilhão de operações de cálculo por segundo](#). se a população da terra, munida de calculadoras, fizesse um cálculo por segundo por pessoa, levaríamos [em conjunto] 46 anos pra fazer as contas que roadrunner faz num único dia.

isso quer dizer que roadrunner é muito rápido pra calcular e que nós somos muito lentos neste particular. mas nosso cérebro é capaz de feitos muito mais radicais do que qualquer computador atual. que tal ouvir música, falar ao telefone, ver e ouvir TV, andar e comer, tudo ao mesmo tempo, sem deixar de admirar a lua na janela... estima-se que aqueles 100 bilhões de neurônios de que falamos sejam, em conjunto, 10.000 vezes mais rápidos do que um roadrunner.

acontece que a capacidade dos supercomputadores vem aumentando a taxas superiores a 1.000 vezes por década, e dá pra prever que o primeiro supercomputador capaz de realizar uma simulação completa de um cérebro humano em tempo real [cada segundo de simulação corresponde a um segundo de realidade] estará por aqui em 2018. se você quiser comprar um,

prepare-se pra desembolsar de [cem a duzentos milhões de dólares](#).

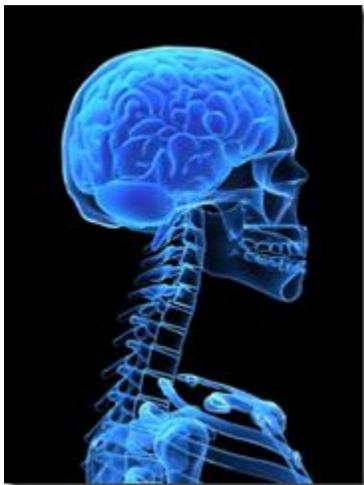


[a rota que uma rede de cientistas europeus está trilhando é outra](#): o projeto [[FACETS](#), *Fast Analog Computing with Emergent Transient States*] almeja construir um cérebro, literalmente, “eletrônico”. a primeira versão, que já está pronta e funcionando, é mero brinquedo: são apenas 300 neurônios e poucas 500.000 sinapses em um único chip. apesar de bastante limitado, os componentes eletrônicos envolvidos são 100.000 vezes mais rápidos do que seus equivalentes

biológicos no cérebro. isso torna possível, em tese, simular um dia inteiro em um segundo.

a próxima fase do projeto FACETS tem por objetivo usar um *wafer* [disco onde são construídos os circuitos integrados] de 20cm de diâmetro para implementar 200.000 neurônios e 50 milhões de sinapses, reunindo todas as recentes descobertas da neurociência em um único pacote. espera-se que os computadores “neurais” estejam no mercado dentro de meia década, mas nem pense –ainda- em trocar seu cérebro por um deles.

o primeiro uso de tal capacidade de processamento talvez seja como co-processador em computadores pessoais, para auxiliar humanos em tarefas outras que não cálculo matemático puro e simples. se o problema é calcular, máquinas como roadrunner podem até continuar imbatíveis. mas nem tudo na vida é cálculo. [computadores neurais](#) –ou, quem sabe, “cérebros eletrônicos”- serão usados para entender e participar –conosco- de situações complexas, como perguntar, entender e explicar [conceitos, lugares,...], participar de conversações, auxiliar na tomada de decisões nos negócios... [tentar controlar nossos medos](#), afinal, fazer o que nossos próprios cérebros fazem. incluindo, claro, escrever e comentar blogs!...



o esforço do projeto FACETS não é único e pouco menos a única forma de tentar resolver o problema de simulação completa de um cérebro humano. para saber como os suíços da EPFL estão tratando o assunto no projeto [blue brain](#), usando um parente distante e bem menos capaz do roadrunner, [clique aqui](#).

para ver como o problema maior, entender o cérebro humano e construir equivalentes artificiais, é importante e relevante, vá ver um post deste blog, de outubro do ano passado, onde se reporta que a darpa, agência americana de projetos de defesa, resolveu colocar, [como primeiro da sua lista de 23 problemas mais importantes do século... desenvolver uma teoria matemática que leve à construção de um modelo do cérebro](#)

[humano] que seja matematicamente consistente e preditivo, ao invés de meramente inspirado em biologia...

para saber mais sobre o cérebro, [veja o post deste link](#), neste blog, onde se concluiu que...

nosso conhecimento sobre a parte do corpo que realmente nos move ainda é extremamente primário; nas próximas décadas, saberemos muito mais sobre como o cérebro, de fato, funciona. e teremos uma capacidade muito maior e mais precisa para resolver seus problemas, quando ocorrerem. e talvez para construir artefatos que se comportem como se tivessem, digamos, um "cérebro" como o nosso.

alguns sistemas nem tão primários já estão sendo testados em laboratório [veja aqui](#) e [aqui](#) e os resultados são muito interessantes. o objetivo último deste tipo de esforço é construir um sistema artificial consciente, o que [gerald edelman](#) considera que seria a notícia mais fantástica

de todos os tempos, talvez perdendo em interesse apenas para mensagens de [ou encontros com] extra-terrestres

ao mesmo tempo, e à medida em que as tecnologias associadas começarem a emergir, vamos poder alterar o cérebro, aqui e ali, para tentar fazer com que ele faça coisas de que não é capaz hoje [e não faça outras que julgarmos "desnecessárias"]. e é aí que moram a oportunidade o perigo: reprogramar cérebros, alterando o pool de proteínas das conexões neuronais, por exemplo, não é algo trivial e de conseqüências triviais. **mas será possível e, sendo possível, será feito. quem viver verá.**

a matemática, na rede

19.03.09

sala de aula lotada de petizes, gente pequena de seus sete e oito anos. a professora de matemática resolve elaborar dois conceitos básicos básicos de aritmética, que as crianças já usam na prática, no dia-a-dia.

- **professora [P]:** muito bem, muito bem, o que é mesmo uma adição?...
- **petiz 1 [p1]:** é assim como adicionar um amigo no orkut!
- **P:** como?
- **classe, ao mesmo tempo [C]:** isso! é adicionar um amigo no orkut!...
- **p2:** é 1 mais 1!...
- **p3:** ôôô, burro! não é só mais um não!...
- **P:** peraí, calma, peraí... certo, adição é adicionar, somar valores, não é?
- **C:** ééé!...
- **P:** bem, muito bem!... e subtrair, o que é?...
- **p4:** fácil! é deletar um amigo no orkut!...
- **C:** ééé!...

a professora, convencida de que seus alunos entenderam e sabem definir e utilizar os conceitos de soma e subtração, desiste, no momento, do que seria uma longa discussão sobre matemática pura e aceita o que seus amados petizes concluíram. afinal, as operações realizadas no orkut são [no domínio de lá] adição e subtração...

pra quem aprendeu a somar e subtrair pensando em bananas e laranjas... bem vindo à sociedade da informação e seus muitos novos significados. ainda por cima, o fato é real e aconteceu em uma boa escola recifense, há alguns dias...



[ps: apesar de escondido na interface, este blog tem **RSS** {[o que é?](#)}. para assinar e receber links pra novos textos sempre que publicados, sem ter que passar por aqui, use o link a seguir em seu leitor ou agregador {[o que é?](#)}: <http://smeira.blog.terra.com.br/feed/>. pra ler a web, eu uso uma *startpage* {[o que é?](#)}, [netvibes](#), que simplifica {muito} minha vida na rede. se você ainda não tem uma, comece a pensar no assunto...].

brasil terá dinheiro celular em 2010: será?

20.03.09

os cento e trinta bancos associados à febraban, gente grande e que sabe que dinheiro é coisa séria, decidiram tratar em conjunto a oportunidade de usar os celulares como meio de pagamento. o banco central foi avisado da intenção e a meta é começar até o fim de 2010.

pra coisa dar certo, algumas constelações têm que se alinhar. além dos bancos todos querendo fazer a mesma coisa, o que parece já ser o caso, pois concordaram em [lançar uma plataforma unificada para transações financeiras móveis até o final de 2010](#), o banco central tem que deixá-los fazer, porque o espaço é regulado. estes dois itens não são maior problema. há coisas mais complicadas.

os bancos resolveram, também, que vão conversar com as teles “depois”. celulares, como se sabe, funcionam sobre a infraestrutura e serviços das operadoras, que têm idéias próprias sobre o assunto. e aí, nesta constelação, é onde mora um dos perigos. pra começar, a **oi** tem seu próprio serviço de m-payment [*mobile payment*], o [paggo](#), para o qual angariou 900 mil usuários e 22 mil lojas [no primeiro ano de operação](#) [2007/2008] e deve ter entre 1.2 e 1.5 milhão de usuários hoje. e a **vivo**, pra não ficar atrás, também vai lançar um m-payment. afinal de contas, nada melhor do que virar um banco, se você não se envolver com empréstimos podres, como alguns dos maiores do mundo.



a ntt/docomo [japonesa] descobriu isso há muito tempo: cartões de crédito que funcionam como os de plástico que carregamos, só que embutidos no celular, [foram lançados em 2006](#). trata-se de muito mais que um paggo, a ponto da operadora ter requerido uma carta patente de banco aos reguladores japoneses. a docomo deu a partida, os outros seguiram. rápido. hoje, [mais de 30 milhões de celulares](#) são [osaifu-keitai](#) [*mobile wallet*, ou carteira móvel], cerca de 30% de penetração entre os celulares japoneses. seria como termos uns 50 milhões de celulares-cartão no brasil. um monte..

os *osaifu-keitai* são usados pra tudo, de pagamento de passagens de ônibus, metrô e ingressos de todos os tipos a supermercados, máquinas de refrigerantes e o que mais você pensar. mas a vida não é tão simples quanto parece. os problemas associados ao uso do celular para

transações financeiras não estão de todo resolvidos, mesmo no japão, país de povo viciado em *keitai*. [pesquisa de outubro de 2008](#) mostra que apenas 15.6% dos japoneses usa seu banco a partir do celular, contra 68.2% de quem tem computadores pessoais na rede. .

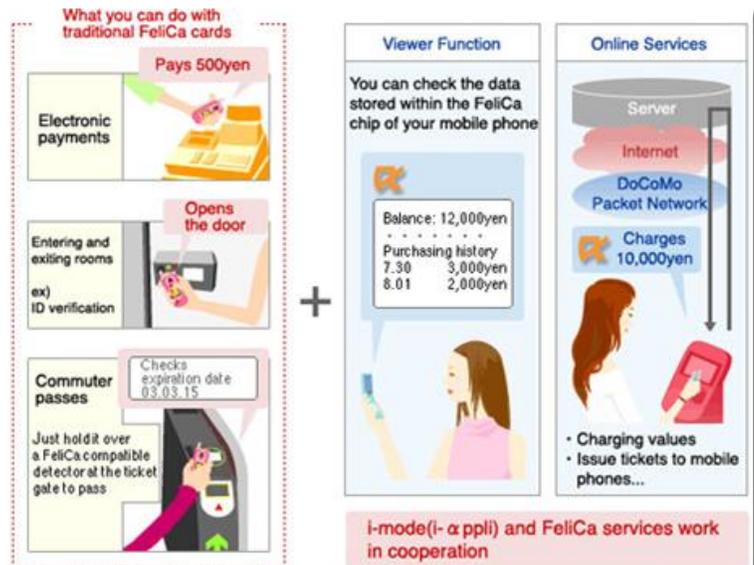


mas nossos bancos podem estar vendo longe, muito longe. ao anunciarem o celular-cartão brasileiro, a pergunta de muitos bilhões de reais é... *será que os bancos vão falar com as operadoras "depois" porque planejam lançar uma operadora virtual deles próprios, combinando os serviços e lucros das duas operações?...*

pelo andar da carruagem, a [anatel pode autorizar](#) operadoras virtuais [MVNOs, *mobile virtual network operators*] antes do fim de 2010. uma MVNO é uma operadora que existe para mim e para você mas que não existe de fato lá na infraestrutura. a marca, o marketing e parte dos serviços vendidos no mercado a diferenciam das operadoras "normais", mas ela usa, lá atrás, infra alugada de uma ou mais operadoras, digamos, clássicas. no brasil, os estudos técnicos estão prontos e sabe-se que a anatel vai decidir entre [duas alternativas](#) de modelo de MVNO para o país.

junte as peças: os bancos vão lançar um celular-cartão brasileiro, com todos eles apoiando [e ganhando dinheiro, muito]. isso é bom. a anatel vai liberar as operadoras móveis virtuais. isso é muito bom, pois vai aumentar a competição e melhorar a vida dos usuários. os bancos vão conversar com as operadoras "depois". os bancos, em conjunto, podem lançar um *osaifu-keitai* na sua própria operadora, se quiserem; têm capitais e competências para tal.

agora pense: se você fosse uma operadora, faria o que?...



em dez anos: mapeamento genético para todos?

23.03.09

sempre que este blog publica algum texto [mesmo que levemente] relacionado à convergência info-bio, ou seja, aos desenvolvimentos da informática que, cada vez mais, influenciam nosso entendimento da vida e dos seres vivos, algumas dezenas de comentários sem sentido são feitos quase imediatamente, contra um ou outro que considera aspectos relevantes do texto. até parece que uma certa classe de indivíduos, que ignora –e quer continuar ignorando- o que está acontecendo no mundo, se especializou em escrever comentários sem entender ou refletir sobre o assunto em pauta, até porque parece, sempre, não ter lido ou entendido o texto.

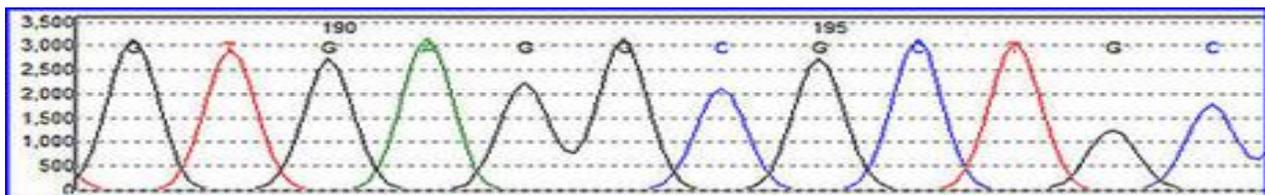
o tipo de assunto que parece atrair uma maioria de comentários despropositados, atirando ao fogo do inferno o responsável pelo blog e seja lá o que ou quem for que ele esteja reportando... é exatamente como os parágrafos abaixo, que tratam a possibilidade, cada vez maior, das

tecnologias genômicas estarem disponíveis em escala social dentro de poucos anos.

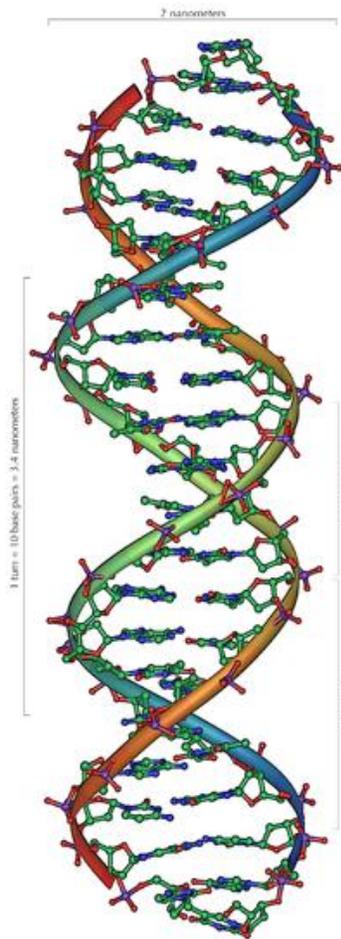
		Second Letter				
		T	C	A	G	
First Letter	T	TTT } Phe TTC } TTA } Leu TTG }	TCT } Ser TCC } TCA } TCG }	TAT } Tyr TAC } TAA } Stop TAG } Stop	TGT } Cys TGC } TGA } Stop TGG } Trp	T C A G
	C	CTT } Leu CTC } CTA } CTG }	CCT } Pro CCC } CCA } CCG }	CAT } His CAC } CAA } Gln CAG }	CGT } Arg CGC } CGA } CGG }	T C A G
	A	ATT } Ile ATC } ATA } ATG } Met	ACT } Thr ACC } ACA } ACG }	AAT } Asn AAC } AAA } Lys AAG }	AGT } Ser AGC } AGA } Arg AGG }	T C A G
	G	GTT } Val GTC } GTA } GTG }	GCT } Ala GCC } GCA } GCG }	GAT } Asp GAC } GAA } Glu GAG }	GGT } Gly GGC } GGA } GGG }	T C A G
		Third Letter				

[segundo declarações de jay flatley](#), da [illumina](#), ao times de londres, uma leitura completa e economicamente viável do genoma de cada recém-nascido será possível dentro de cinco anos. nos países mais ricos, segundo dr. flatley, tal procedimento será tão comum –e obrigatório- como o teste do pezinho, dentro de dez anos. desnecessário dizer que, mesmo em periferias como o brasil, e mesmo que a escala social só venha a estar disponível em 20 anos, os mais abastados terão seus filhos "sequenciados" assim que o

processo estiver disponível por preços que façam sentido. depois, a pressão social vai cuidar para que todos, indistintamente, tenham acesso a tal tecnologia.



o que significa fazer sentido? o esforço de [sequenciamento](#) do dna humano, conduzido pelo [human genome project](#), que publicou seus resultados em 2001, custou astronômicos US\$4 bilhões. quando [craig venter](#), da celera genomics, [publicou seu próprio dna](#) [em 2007], o custo havia caído para US\$1 milhão, ou 4.000 vezes menos em pouco mais de meia década. pra continuar fazendo contas, há serviços de genotipia que podem esquadrihar seu [DNA](#) [dos seis bilhões de letras, fazer uma procura em dois milhões] atrás de pistas para doenças diversas, por meros US\$1.000. se você tem dinheiro e estiver realmente desconfiado de alguma surpresa letal escondida no seu DNA, US\$100.000 pode decodificar o programa que, em muito boa parte, fez seu corpo chegar onde está hoje. e boa sorte.



acontece que a empresa de flatley, a illumina, está para lançar um serviço que promete, daqui a dois anos, decodificar o seu e o meu programa genético completo por US\$10.000 [ou [US\\$5.000, este ano?](#)] e reduzir este custo para US\$1.000 em cinco anos. o que está por trás disso? o aumento exponencial da capacidade de processamento, tanto do lado das tecnologias da informação quanto genéticas, e a convergência das duas, o que faz com que os custos estejam –e continuem– caindo muito rapidamente.

mas ter a tecnologia disponível em 2015 por mil dólares por pessoa, em 2023 por cem dólares e em 2030 por dez dólares ou reais não é o que vai definir, de pronto sua aceitação e uso universal. o próprio flatley diz que... *“The limitations are sociological; when and where people think it can be applied, the concerns people have about misinformation and the background ethics questions”*... claro que as limitações são sociológicas; quando, onde e pra que as pessoas entendem que a tecnologia deve ser usada, a desinformação e as questões éticas é que vão decidir quando teremos, todos, acesso a sequenciamento genético pelo SUS. na inglaterra, EUA e aqui.

além dos preconceitos e [ou por causa da] desinformação, há problemas sérios a tratar: a privacidade do genoma de cada um deve ser uma preocupação fundamental, apesar de ser impossível assegurá-la de todo. por onde passamos, deixamos um rastro genômico e é por causa dele, aliás, que alguns crimes já vêm sendo solucionados há tempos.

mas imagine que o meu e o seu código genético andam por aí e, na prática, denunciam que nós temos um risco muito alto de sofrer de certas doenças de tratamento demorado e caro, digamos, na meia idade. que empresa vai investir num funcionário que pode se tornar indisponível exatamente no que seria o retorno do investimento? que seguradora vai nos

aceitar pelo mesmo prêmio de pessoas "normais", [se não houver uma legislação, regulação e fiscalização severa que as obrigue a tal?](#)

e o que vai acontecer se casais de namorados passarem a saber dos "bugs" [ou, como se diz em programação, os "defeitos"] no código de um e de outro, levando-os a saber, também, das consequências para os filhos que possam vir a ter? [veja o "código" e os "bugs" do craig venter neste link](#); não se sabe o código da parceira dele. no futuro próximo, como os bebês [muito provavelmente] serão sequenciados, o que fará o estado quando eles resolverem ter filhos? desaconselhar certos tipos de acasalamento, em função do que sabe sobre a genética das pessoas, levando a novos e assombrosos tipos de eugenia fomentada pelo poder?



ou será que, ao mesmo tempo em que sabemos do código inteiro de cada vez mais gente e uma capacidade cada vez maior para [reprogramar organismos](#), vamos intervir e resolver os "bugs", no DNA, antes que eles causem danos aos seus portadores? afinal de contas, porque só a soja teria o direito de se tornar [mais resistente](#)? você sabia que mais de 60% da soja, no mundo, [é geneticamente modificada](#)? tanto quanto no caso da soja transgênica, tornada legal no brasil e que já é 64% da produção brasileira [e 85% da argentina], vamos querer que o poder intervenha? em certas condições, o sistema vai intervir de qualquer forma?... como?...

muitas, muitas coisas para discutir nesta fase de transição e de convergência que viveremos neste século. todas estas e muitas outras questões provavelmente estarão resolvidas no séc. XXII. nada que, a partir de onde já chegamos, 100 ou 200 anos de evolução não ajude a desenrolar. lá, no futuro, aquela parte dos comentários desinformados e preconceituosos deste e de muitos outros blogs que tratam deste tipo de assunto talvez seja lembrada e estudada como se nós, hoje, estivéssemos vivendo mais uma idade média, assombrada por fantasmas, bruxas, deuses, igrejas e falta de educação, conhecimento e imaginação que impedem as pessoas de pensar livremente.

ressaca pessoal, na rede social?

24.03.09

juliana carpanez fez mais uma das suas: um texto legal sobre a *ressaca* nas redes sociais e outros tipos de ambientes comunitários em rede, que primeiro dão acesso a alguns *privilegiados* e, depois, ao *resto* do mundo. ocorre que, aparentemente, os primeiros a entrar em tais redes e serviços são, também, os primeiros a sair. a pergunta é... por que?... pra saber, [vá lá ver o que ela descobriu](#). eu fui um dos entrevistados e minhas respostas, na íntegra, estão abaixo.

juliana carpanez: *Que motivos levam os precursores de uma rede social a abandoná-la (mesmo que mantenha seu perfil ativo), quando ela ganha popularidade?*

silvio meira: Não acho que a rede é abandonada porque ela se torna popular ou "craudiada". Ocorre que o pessoal que começa a rede, os *early adopters*, tem acesso à rede em estado alfa e beta, quando os usuários normais ainda não estão lá. E terão acesso às próximas gerações de infraestruturas de redes sociais da mesma forma. Se estas pessoas não estiverem usando as redes das quais participam como parte do que poderiam ser processos essenciais para seu trabalho e vida, não há nenhuma razão para elas permanecerem em uma rede "velha" se nada as prende lá. Ninguém troca seu provedor de emeio de uma hora pra outra. Há um custo relativamente alto envolvido em tal tipo de mudança. Há uma interface lá, os emeios que enviamos e recebemos estão lá e um monte de gente conhece um endereço nosso que tem a ver com o provedor atual. Olhando para uma rede social qualquer, o que de essencial, para nossa vida e trabalho, está tão associado a uma das redes atuais que me prenderia a ela?...

JC: *Por se tratarem de redes sociais, não é lógico pensar que, quanto mais conhecidos/contatos um usuário tiver no ambiente virtual, mais proveitoso para ele?*

SM: Sim, certamente. Mas as pessoas que abandonam a rede -e entre eles os *early adopters*- o fazem porque -provavelmente- nada os prende por lá. O tipo de "contato" que se tem nas redes sociais abertas é muito frouxo e a dinâmica de participação não leva a estabelecer links mais fortes e/ou duradouros... a não ser quando há interesses das partes. Um grupo de bikers - ou um maracatu- que usa uma rede pra se articular vai, quase certamente, continuar lá por muito tempo; a atividade real do grupo será a motivação para o uso da rede social para sua articulação. As pessoas que abandonam um serviço, seja ele qual for, o fazem porque não vêem, ali, agragação de valor que remunere o custo de usá-lo ou, no caso das redes sociais, de se darem ao trabalho de manter um perfil ativo...

JC: *O fenômeno das redes é relativamente novo. Acredita que, com o passar do tempo, essa sede por novos sites de relacionamento vai diminuir? Que o usuário vai aprender como gerenciar seu perfil (selecionando, por exemplo, exatamente o que quer exibir) e então querer se "estabelecer" por lá?*

SM: Sem a menor dúvida. Como a população da rede é finita e a energia das pessoas idem, não há razão para se imaginar que apareçam dezenas de novos sites de relacionamento que sejam economicamente sustentáveis. Vai haver redes sociais limitadas ao redor de operações de mídia como TVs e portais e eu acredito que haverá um uso cada vez mais intenso de redes sociais para gestão de conhecimento nas empresas. Mas tais redes serão limitadas à empresa e parte de sua cadeia de valor e geridas como um bem corporativo, o que lhes dá um caráter, importância e valor completamente diferentes das redes sociais abertas

JC: *Quando se exclui de uma rede social, o usuário perde diversas informações lá postadas e também o contato com quem só encontra naquele ambiente. Seria pertinente então dizer que, mesmo abandonando a atualização de um site, é interessante que o internauta mantenha seu perfil ativo (porque se trata de parte de sua identidade digital)?*

SM: No curto prazo, sim. No médio prazo, acredito que vamos convergir para mecanismos de identificação única dos usuários [da internet] e, ao mesmo tempo, para a interoperabilidade das redes sociais. Isso tornaria possível exportar meu perfil de uma rede pra outra [eventualmente perdendo algumas funcionalidades...] e fazendo com que usuários de uma rede pudessem ter links para usuários e comunidades em outras redes. Não parece uma consequência do estágio atual das redes sociais abertas, porque elas têm modelos de negócio fechados. A idéia é "prender" o usuário na rede para que ele seja usado para remunerar a infraestrutura e serviços providos por ela. Mas o futuro de todos os sistemas de informação é ter algum grau de interoperabilidade, mesmo que seja uma capacidade elementar de exportação e importação de dados. Aconteceu com emeio, acontece com as *startpages* [onde

você exporta seus *feeds*...], Vai acontecer com as redes sociais. É só uma questão de tempo...



aliás, já que estamos falando de redes sociais e ressaca das ditas, há uma, com tecnologia nacional e atualmente em estágio *alfa*, sendo usada principalmente com propósitos educacionais. www.oro-aro.com é um

ambiente de rede social para gestão de conhecimento, centrado na idéia de que, na vida real, todos nós somos **peçoas**, fazemos parte de uma ou mais **comunidades** e, nelas e com outras pessoas que delas fazem parte, contamos **histórias** à medida em que a vida passa. ou enquanto estamos trabalhando e realizando projetos. ou tocando maracatu, ou seja lá o que for. neste estágio, a rede já está sendo usada em um conjunto de disciplinas da ufpe e ufrpe e a entrada é aberta. [vá lá ver](#) e crie um login pra participar do que está rolando.

quem sabe esta será uma das redes sociais que você, que vai entrar no estágio inicial, não abandonará quando um monte de gente estiver por lá. a tecnologia por trás de [oro-aro](#) [*agora só falta você*, em tupi-guarani] é do [c.e.s.a.r](#), onde sou cientista-chefe.

um dia na rede, visto lá do meu twitter

25.03.09

twitter é uma espécie de rede social de funcionalidades muito limitadas onde você, basicamente, tem a capacidade de enviar mensagens de até 140 caracteres [isso mesmo, 140] para o “ambiente”. você tem que ser usuário da rede e outras pessoas também o são. uma das coisas que se pode fazer, lá, é “seguir” alguém. quando você “segue” alguém, e você pode seguir muita [[marcelo tas](#) tem mais de 21 mil *followers*] ou pouca gente [[eu tenho bem menos de mil...](#)], todo mundo que está na sua “escuta” recebe as mensagens curtas [demais, pra muitos] que você joga na rede.



também é possível mandar, pra quem segue você, mensagens que você pegou de quem você segue, assim como mandar mensagens diretas pra alguém. e é quase só isso. parece brincadeira, não? pois bem: há um ano, twitter tinha [4 milhões de usuários](#); hoje, são [oito milhões](#) e o número não para de crescer. há um ano, eram 123.000 visitantes únicos por mês, contra mais de 4 milhões em fevereiro passado. e você diria... como assim? tanta gente mandando um tipo de SMS online uns pros outros? este povo não tem mais o que fazer?

sim. e não. eu, por exemplo, costumo usar twitter pra guardar as coisas interessantes que vi, li, ou vou ver e ler, e sou “seguido” por alunos, colaboradores e por gente que, de resto, parece ter a mesma visão de mundo que tenho. meu fluxo de mensagens, que você pode ver em [twitter.com/srlm](#), tem boa parte do que eu vejo, faço e leio no dia, inclusive coisas que guardo para, depois, escrever aqui no blog.



e cada um usa pro que quer. a microsoft acaba de lançar, com a tecnologia de twitter, um site de micromensagens de altos executivos, que está no ar em www.exectweets.com, onde você vai ler [e votar, e responder] as pequenas pérolas de executivos [americanos, por enquanto] que contribuem para o site. quanto a microsoft está pagando por isso? ninguém sabe. quanto facebook queria pagar por twitter há cinco meses? [US\\$500 milhões](#), por uma companhia que, até este contrato com a microsoft, tinha zero, zerinho de receita. é a crise. imaginem se não fosse...

pra entender direito como funciona, só mesmo usando. [vá lá](#) e crie sua conta. é simples, grátis, faz sentido e vale a pena. logo depois, apareça em twitter.com/srlm e clique em “**follow**” pra assinar meu “**canal**”. num dia anormal, como hoje [tava no computador o dia inteiro e li muita coisa interessante], veja o que você vai ver se me acompanhar... twitter, na lista abaixo, tá acoplado no browser que eu estava usando via [twitterfox](#) e os posts aparecem como no site: os primeiros da lista são os mais recentes

Obama appoints Susan Crawford as the president’s special assistant for science, technology, and innovation policy. <http://tinyurl.com/c83thh>
7 minutes ago from TwitterFox

GENSLER: The Four Workmodes of the Knowledge Economy [isso é legal: vá lá e pegue o report] <http://tinyurl.com/bjggz3>
about 1 hour ago from TwitterFox

Softkinetic’s gesture-based video games: helping people play video games using their bodies as controllers... <http://tinyurl.com/d4tw8x>
about 1 hour ago from TwitterFox

SLIDEMAP: explore the WORLD through geotagged images. this one is GREAT! the link goes right to RECIFE: <http://tinyurl.com/ckkjlg>
about 2 hours ago from TwitterFox

Emanuel Rosen [of The Anatomy of Buzz Revisited: Real-life lessons in Word-of-Mouth Marketing] interviewed. <http://tinyurl.com/b5pct2>
about 2 hours ago from TwitterFox

previous twit is the abstract of Managing FLOW: a PROCESS theory of the knowledge based firm. NONAKA rides AGAIN! <http://tinyurl.com/c5qsa5>
about 2 hours ago from TwitterFox

the knowledge company: community in which people communicate&interact, transforming tacit to explicit knowledge... <http://tinyurl.com/c5qsa5>
about 2 hours ago from TwitterFox

DEVER DE CASA: mande seus filhos ao site do IBGE. vá também. SURPREENDE:
quantidade e qualidade de informação. <http://www.ibge.gov.br>
about 2 hours ago from TwitterFox

MAIS UM PRÉDIO RECUPERADO no PORTO DIGITAL, em Recife. e a OI se mudou pra lá...
<http://tinyurl.com/d2rc8o>
about 5 hours ago from TwitterFox

TAPEROA-PB, 13000hab, TRINTA lanhouses. NÃO é SURPRESA 62 milhões de usuários na
internet no BRASIL. <http://tinyurl.com/cnaphv>
about 5 hours ago from TwitterFox

do meu blog > uma rede social para GESTÃO DE CONHECIMENTO > oro-aro:
<http://www.oro-aro.com> [tô usando pros cursos da informatica/ufpe]
about 8 hours ago from TwitterFox

NO MEU BLOG >> ressaca pessoal, na rede social? << <http://tinyurl.com/dbucjy>
about 8 hours ago from TwitterFox

vá ver, no mapa ALFA do CITIX [breve, no ar, no TERRA], onde vai ser o show de LULA
QUEIROGA: <http://tinyurl.com/cznmoj>
about 14 hours ago from TwitterFox

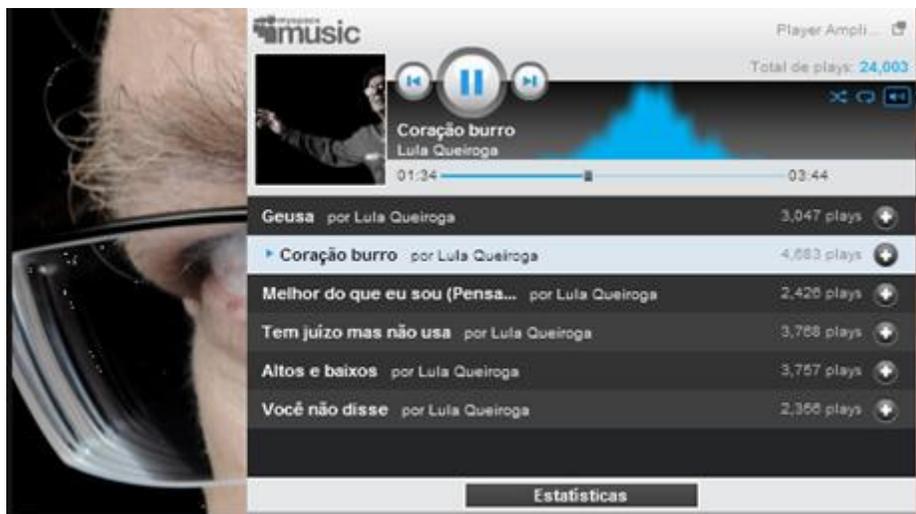
lu de mari postou isto [<http://tinyurl.com/584j5d>] sobre *friends with benefits*. muito
bem feito!...
about 14 hours ago from TwitterFox

TEM JUÍZO MAS NÃO USA

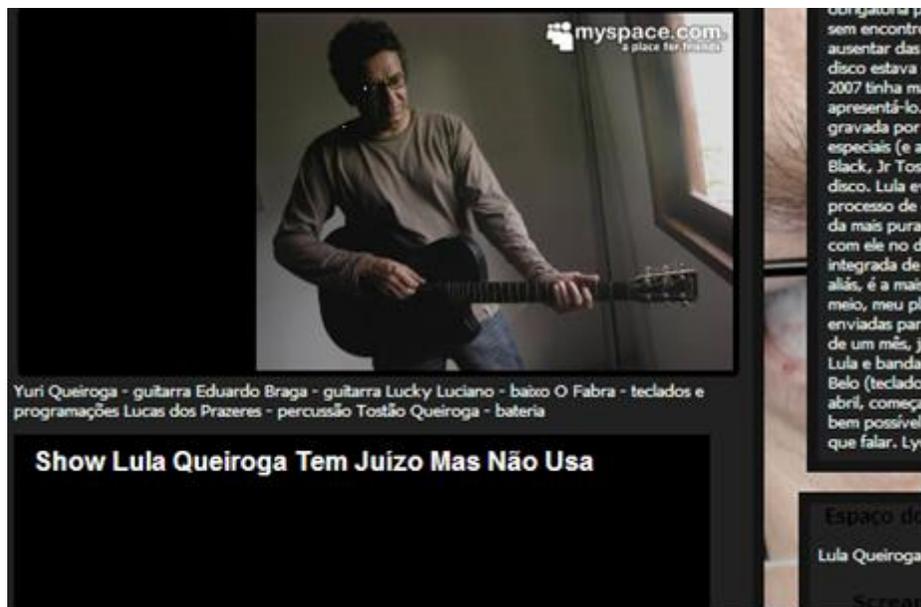
26.03.09



é hoje, no Recife, o lançamento do novo álbum de [lula queiroga](#), TEM JUÍZO MAS NÃO USA. oportunidade imperdível de ver, em ação, uma das cabeças e vozes mais criativas e inovadoras da música brasileira.



parte das músicas do show tá no mySpace: clique na imagem acima e vá ouvir. pra já chegar no show ligado. o álbum tem 15 inéditas na velocidade de lula [tipo "o que não pode ser criado em 15 minutos não vale a pena"] e vai estar na rede amanhã...



eu vou. pra quem não está em recife hoje, é só esperar pra ver e ouvir: a parada já tem datas no rio [17 e 18 de abril] e são paulo [21 de maio]. até lá, e depois, como diz lula, é [não perder o juízo... mas usar, pra que?](#)

*Pode aproximar/ Pode reagir/ Pode admitir/ Ou nem perceber
 Quando ela chegar/ Vai doer no olhar/ Vai modificar/ A luz dessa noite
 Se eu olho pro sol/ É pra cegar o juízo/ Também não tem como fechar o olho pra você/
 Freiou a madrugada/ É só um pouco disso tudo que eu preciso
 Se eu olho para o sol/ É pra cegar o juízo/ Enquanto o gelo derrete a água tá subindo/ O
 chão sacudindo/ **A gente tem juízo mas não usa**
 Não tem como evitar/ Nem pronde correr/ Pode recuar/ Ou entrar no clima
 Quando ela chegar/ Vai te convencer/ Que é melhor ficar/ Aqui essa noite
 Fica no mínimo/ No máximo uma noite*

pirataria: “apenas” mais um “modelo de negócios”?...

26.03.09



tá rolando a maior discussão no babel, excelente blog de ana paula souza aqui neste terra magazine. isso porque [daniel, o cantor, disse que pirataria poderia ajudar a divulgação de seu filme](#), o menino da porteira. nada que a gente não saiba desde tropa de elite, que teve a [maior bilheteria de 2007 entre as produções nacionais](#). daniel, que de bobo não tem nada, quer ver o mesmo acontecendo com seu filme.

mas o sucesso, talvez, não seja repetível. até porque, depois dos incidentes todos envolvendo “tropa”, o auê ao redor daquele filme o tornava muito mais fácil de espalhar do que o “menino”. mas isso é outra história. desta vez, a união brasileira de vídeo [mandou pro babel uma longa carta](#), explicando alto e bom som que... *pirataria não é solução e alternativa para nada. PIRATARIA É CRIME previsto em lei, ela é um câncer que deve ser combatido por toda a sociedade brasileira, mas, principalmente pela classe artística e produtora de obras audiovisuais.*

será mesmo? parece mais que a pirataria que vemos hoje [no caso do audiovisual, não vamos generalizar] se dá pela falência de um modelo de negócios baseado em distribuição de conteúdo sendo remunerado pelo preço do suporte físico. este modelo começou a funcionar lá na era do *gramophone*, começou a falir no tempo dos CDs, piorou nos DVDs e papocou, com calambote e tudo, quando o suporte físico se tornou irrelevante e as redes conectaram o mundo e as fontes de mídia.



no topo disso, a indústria cultural, preocupada em proteger suas fontes históricas de renda e seu legado, do ponto de vista de suporte e modelo de negócios, resolveu partir pra briga. ao invés de tentar entender o mundo. este blog publicou [um número de artigos sobre o assunto](#) nos últimos meses, inclusive um longo texto sobre [propriedade intelectual na internet, daqui até 2020](#), onde tratamos de um livro e conferência de matt mason sobre o tema.

mason é autor de [the pirate's dilemma](#), onde conta a história de como uma cultura jovem e de jovens está mudando os processos de inovação no mundo e por onde se muda os modelos de negócio... e **onde se propõe a idéia de que pirataria é só mais um modelo de negócios**, onde **remix** é um dos mais poderosos instrumentos de

marketing e onde qualquer um com um computador... vá ver, em um post passado deste mesmo blog, [o que mason diz sobre o assunto](#), o que inclui... *quer derrotar a pirataria? copie os piratas. os piratas [jogos "originais" para PS2 a R\$10, com nota e garantia!] estão adicionando valor à clientela, num clássico exemplo de falha no mercado; aprenda com os piratas e faça melhor.*

claro que nem tudo o que mason diz se aplica a tudo o que fazemos. mas uma boa parte faz muito sentido e, entre estas, a que faz sentido mesmo é olhar ao redor e ver quais dos nossos modelos de negócio estão sendo vaporizados porque estamos falhando em um ponto muito simples: agregar valor aos consumidores e usuários, entregando qualidade no ponto de venda ou na casa do camarada. lembrando que a definição de qualidade é o que o cliente quer pelo preço que ele pode pagar. se algum modelo de negócios entregar isso na nossa frente, bate o nosso.

falando nisso, o álbum novo, inteiro, de lula queiroga, que será lançado com um show hoje, em recife, [vai estar na rede pra download amanhã...](#)

bons tempos os do [gramophone](#), hein? mas pra quem?...

[prêmio tela viva móvel: vote!](#)

27.03.09



o [prêmio tela viva móvel](#) tá tentando descobrir as aplicações móveis, brasileiras, que se enquadrem na classe *killer apps*, aqueles produtos e serviços que vão realmente fazer a diferença no meu e no seu celular. e, se tudo correr bem, criar companhias que agreguem um monte de valor, empreguem muita gente, vendam muito, tenham boas margens e, para fechar um ciclo virtuoso, criem milionários que, depois, invistam em novas empresas inovadoras. é exatamente assim que funcionam as coisas, por exemplo, no

silicon valley.

o pessoal do [TVM](#) já selecionou [três finalistas em cada uma das 13 categorias](#), de música até agência [móvel?] do ano. na categoria música, o [c.e.s.a.r](#) [*disclaimer*: eu faço parte desta galera] está na final com [tocaê](#), uma infraestrutura baseada em redes bluetooth para distribuir conteúdo [mídia, marketing...] para celulares. passe no site do prêmio, dê uma olhada no que está rolando e [vote](#). não precisa votar no [tocaê](#) não, mas pelo menos vá lá no [blog do povo](#) e veja o que eles estão fazendo. se pegar...



modelo de negócios? reinvente um!

28.03.09

seja lá qual for seu negócio, de padaria a alta tecnologia, as maiores e mais radicais possibilidades de inovação estão em inovar no **próprio modelo de negócios**, criando novos níveis de alcance, performance, satisfação de usuários, renda e margens. quem sabe, redefinindo o mercado. aí, o exemplo canônico recente é a apple e o iPod, que chegou num mercado que já estava tomado por outros *players*... mas com um modelo de negócios que ligava o *player* às músicas, num ciclo de valor de hardware, software, conteúdo e serviços definido e controlado pela própria apple. o resultado é conhecido: a apple saiu do zero para US\$10B de faturamento em iPod/Tunes em 1000 dias, resultando numa multiplicação do valor de mercado da empresa por um fator de 150 no mesmo período.



quer saber mais? um dos melhores artigos sobre negócios de 2008 foi escrito por um dos maiores especialistas em inovação do planeta [clayton christensen, de harvard] em parceria com henning kagermann, CEO da SAP e mark w. johnson, da [innosight](#). o texto [[Reinventing Your Business Model](#)] está [neste link](#) e vale cada parágrafo. de quebra, ainda há uma curta entrevista de christensen no mesmo link.

mas nem pense em fazer exatamente o que a apple [ou qualquer outra empresa] fez, até porque ela já fez e é dona daquele pedaço. pra ir atrás dela, você teria que inovar sobre o modelo de negócios atual da competição e aparecer com alguma [r]evolução que atraísse, para seu negócio, os clientes dos outros e [mais importante] gente que não é cliente de ninguém... ainda, e vai ser seu. pra inovar no modelo de negócios, você tem que buscar seu próprio caminho e descobrir como revolucionar seu negócio. se der certo [e pra isso você vai ter que correr riscos], você pode estar criando [um negócio bilionário](#). se der errado, comece de novo: afinal de contas, quase ninguém acerta na primeira.

e há, para os pequenos negócios, uma notícia muito boa: menos de 10% do investimento dos grandes, em inovação, tem o modelo de negócios por foco principal. o que significa que você, pequeno empreendedor, tem uma chance muito grande de pegar um grande negócio de surpresa com o seu, inovador e radical, modelo de negócios. pena que, no brasil, a vasta maioria dos novos [e pequenos] negócios seja uma cópia -muito mal feita, na maioria dos

casos- do que já existe lá fora [e vai vir pra cá com marca, reputação e moeda forte...]. leia o artigo de christensen, kagermann, johnson e... arrisque!

PS: várias pessoas pediram auxílio para encontrar o artigo [Reinventing Your Business Model](#) em português. que eu saiba, não existe uma versão gratuita, na web. mas o texto foi [publicado na versão brasileira da HBR em dezembro passado](#). os assinantes têm acesso ao conteúdo online e [você pode ver aqui como conseguir cópias](#) deste e de outros artigos.

em português, o resumo do paper é...

Por que uma empresa estabelecida tem tanta dificuldade para conseguir o crescimento novo que uma inovação no modelo de negócios pode trazer? É simples: essa empresa não entende seu modelo bem o bastante para saber se serviria para explorar uma nova oportunidade ou a asfixiaria. Pior ainda, não sabe como montar um novo modelo quando necessário.

Com base em seu vasto conhecimento de inovações de ruptura e na experiência em ajudar empresas estabelecidas a agarrar oportunidades transformadoras, Johnson, um consultor, Christensen, professor da Harvard Business School, e Kagermann, co-presidente da SAP, apresentam no artigo as ferramentas que um executivo precisa para ambas as tarefas.

Toda empresa de sucesso já segue um modelo de negócios que pode ser dividido em quatro elementos: uma proposta de valor ao cliente que ajuda a clientela a executar um trabalho importante de um jeito melhor do que o permitido por concorrentes; uma fórmula do lucro que define como a empresa ganha dinheiro no ato de proporcionar valor ao cliente; e os principais recursos e os principais processos necessários para que honre essa proposta de valor.

Uma oportunidade revolucionária traz uma proposta de valor ao cliente radicalmente nova: cumprir determinado papel de um jeito muito melhor (como a P&G fez com a vassoura Swiffer), resolver um problema até então sem solução (como fez a Apple com a dobradinha iPod/iTunes) ou contemplar uma base de clientes totalmente ignorada (como faz a Tata Motors com o Nano, o carro de US\$ 2.500 voltado ao indiano que até aqui transportava a família inteira em motonetas). Explorar uma oportunidade dessas nem sempre exige um novo modelo de negócios: na hora de criar a Swiffer, por exemplo, a P&G usou o velho modelo para aproveitar sua força na inovação de produtos.

Muitas vezes, no entanto, é preciso um modelo novo para explorar uma nova tecnologia (caso da Apple), ou quando a oportunidade visa todo um novo grupo de clientes (caso do Nano). E certamente é algo necessário quando uma empresa estabelecida precisa enfrentar um concorrente que causou ruptura no mercado (algo que os rivais do Nano agora precisam fazer).

31/03/2009: operadoras recolhem megaimposto de R\$2,42 bilhões

31.03.09

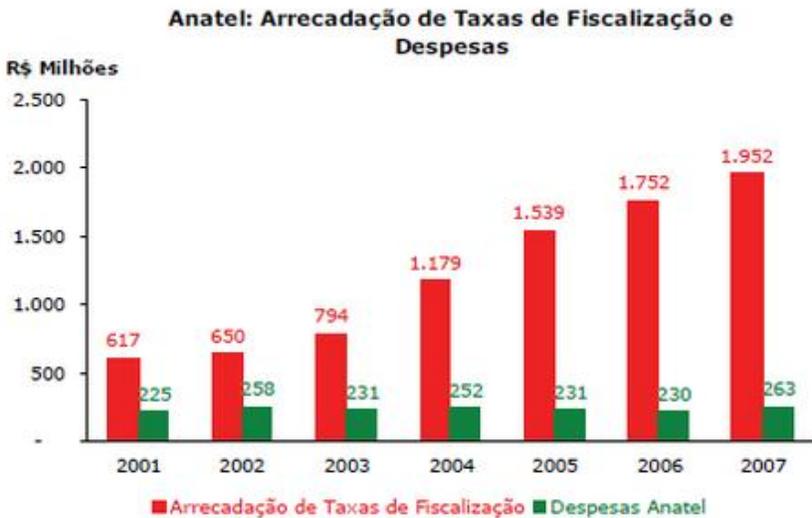
o brasil, [já se disse aqui mais de uma vez](#), tem um dos celulares mais caros do mundo. e boa parte desta conta [vem dos impostos sobre comunicações](#), os mais altos do planeta. parte dos impostos [e taxas] cobrados vai para [três fundos federais](#) de propósito específico: o [FUST](#), que – estatutariamente- deveria financiar a universalização dos serviços de telecomunicações e que – pelo menos teoricamente- tem uns R\$7B em caixa, parados, como se todo mundo tivesse celular e banda larga, inclusive e principalmente as escolas; o [FUNTEL](#), que -da mesma forma- deveria financiar o desenvolvimento tecnológico e inovação nas comunicações e tem, sistematicamente, [4/5 ou mais de seus recursos contingenciados](#); e o [FISTEL](#), que em tese [e lei, como os outros fundos] deveria ter como finalidade o financiamento do agente regulador do mercado, a [ANATEL](#).



no FISTEL, pode-se apreciar o brasil e suas [muitas] peculiaridades. quando o serviço celular é ativado [você contrata uma “linha”, um número] a operadora recolhe R\$26,83 ao fundo. a partir daí, metade deste valor [R\$13,42] deve ser depositado, por ano, por linha ativa. hoje, depois de uma queda de braço perdida com o governo federal, [as operadoras móveis, em conjunto, vão fazer o maior depósito de imposto do ano, de uma só vez](#): R\$2,42B, ou dois bilhões, quatrocentos e vinte milhões e uns detalhes de reais, dinheiro que, se fosse bem usado para os fins a que o

destina a legislação, faria da ANATEL “a” agência reguladora do planeta.

só pra comparar, a [FCC](#), que regula e delibera sobre tudo que entra “no ar” nos EUA, tem um [orçamento de meros US\\$339M](#), menos de um terço do que a ANATEL teria como direito legal. acontece que o governo arrecada o FISTEL e, em português bem claro, descumpra a lei: em 2008, contra uma arrecadação de mais de R\$2B, o orçamento da ANATEL começou em R\$414M, [sofreu um corte de 16% para R\\$373M](#), dos quais [só R\\$269M foram efetivamente gastos](#). comparando estes números com o histograma abaixo [\[deste link\]](#) fica claro que a ANATEL se sustenta com os mesmos recursos anuais há uma década, enquanto uma quantidade cada vez maior de recursos do FISTEL é [destinada aos cofres do tesouro nacional](#).



claro que ninguém é louco o suficiente para defender que todos os recursos arrecadados pelo FISTEL se destinassem à ANATEL; se ela fosse tão grande como a FCC e as despesas tratadas de forma paritária, uns 500 milhões de reais por ano fariam uma agência reguladora muito boa. olhando só para o FISTEL, sobriam uns dois bilhões de reais que o governo coleta de todos nós,

usuários, e que não usa –porque não pode, por lei- para nada. trata-se de simples sequestro de recursos, do mercado, para o caixa do tesouro nacional. dos R\$2.42B pagos hoje, pelas operadoras móveis, cerca de R\$2.1B vão ficar congelados em algum cofre em Brasília.

se as coisas fossem um pouco mais racionais, o que deveria acontecer? no meio de uma megacrise mundial, e sabendo que cada 10% de aumento de penetração [e uso efetivo] de mobilidade correspondem a mais de um ponto percentual de [crescimento adicional da economia](#), pontinho adicional que pode vir a ser muito importante nos próximos meses, talvez anos, será que não faria mais sentido diminuir os impostos e taxas sobre mobilidade, com obrigação de abatimento direto no preço de comunicação para o usuário final, ao invés de estimular [até] a venda de [chuveiros elétricos](#) [pra “[combater](#)” a crise] como o governo está fazendo?

quem foi governo sabe de cor: na oposição, ou do palco de um blog qualquer, é muito fácil reclamar do governo... quando se está lá, por outro lado, lidando com a complexidade caótica da máquina estatal, o tempo é curto, os problemas são muitos e falta quase tudo. mas há muita gente inteligente e interessada em qualquer governo. este caso, dos impostos mais altos do mundo, sobre os celulares mais caros do planeta, ainda por cima sequestrando receitas que são congeladas e, por conseguinte, não servem pra nada, clama por um uso intensivo e imediato de imaginação e inovação para mudar o estado de coisas.

que é possível, é; deve haver gente competente e corajosa o suficiente para fazer. só é preciso tentar. tomara que [algum pequeno grupo de cidadãos, imaginativos e dedicados](#), lá dentro do sistema, resolva mudar o mundo. tomara.

TICs: a crise se instala [1]

01.04.09

a crise mundial chegou –como não poderia deixar de ser- ao setor de tecnologias da informação e comunicação. [segundo os analistas do gartner group](#), o mercado mundial de hardware deve diminuir em quase 15% no ano; o setor de serviços de TICs deve cair 1.7% e o [mercado de software vai ficar estagnado](#), com um crescimento de 0.3%. dependendo da margem de erro da previsão, vai cair também.

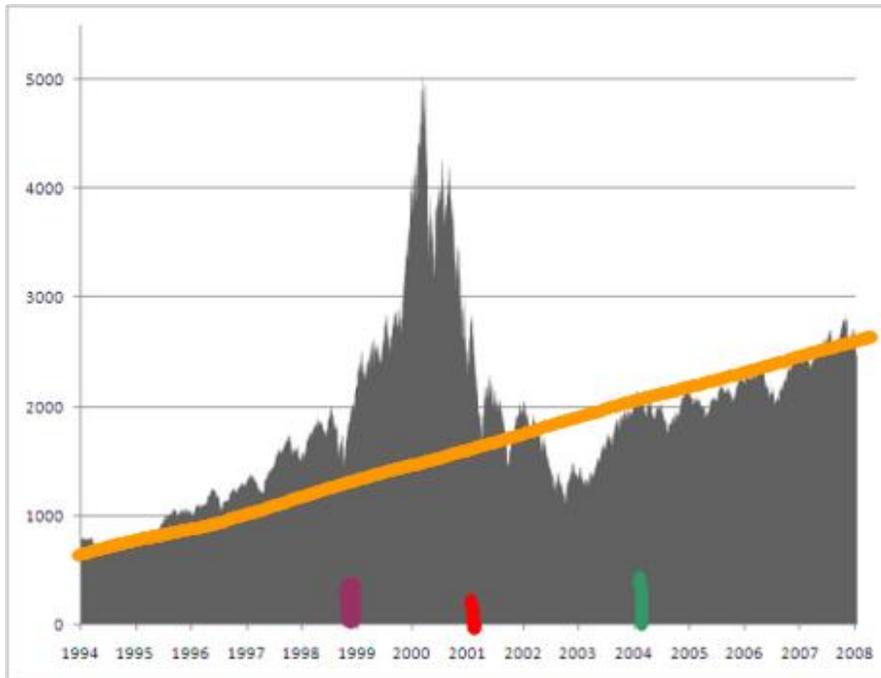
segundo o chefe de previsões globais do gartner group, [a queda nos orçamentos de TICs nas empresas e o controle de gastos dos consumidores...](#) “vai resultar numa forte queda do mercado de TI neste ano, que vai ser pior do que a retração causada pelo estouro da bolha da internet em 2001”. vixe! o gartner group vai além e prevê “muitos” trimestres difíceis no futuro próximo. em resumo, os otimistas acham que vai dar merda e os pessimistas acham que a merda não vai dar pra quem quer...



juntando os dados sobre esta crise e comparando com o estouro da bolha de internet em 2001, quando é que estaríamos saindo do fosso em que o descontrole e a irresponsabilidade de agentes políticos e financeiros globais nos enfiaram?... pois o fosso, agora, é resultado de uma bolha, ainda agora.

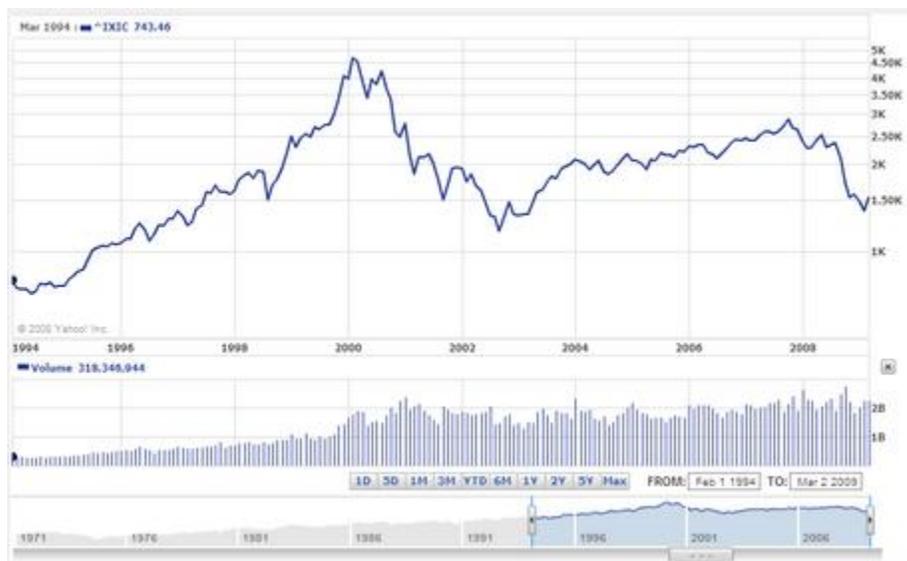
tirante alguma especulação aqui e ali, os mercados financeiros deveriam refletir [mais de perto] o que se chama de “economia real”. mas vez por outra a coisa foge do controle, com expectativas irreais criando especulação generalizada e bem real. isso ocorre quando alguma coisa [potencialmente] revolucionária entra em cena e ameaça mudar tudo de uma hora pra outra, como a internet. quer ver? olhe

o gráfico abaixo, que mostra claramente a “bolha” da internet em 2001, vista da nasdaq, a bolsa eletrônica dos estados unidos, onde são negociadas as ações do setor de tecnologia.

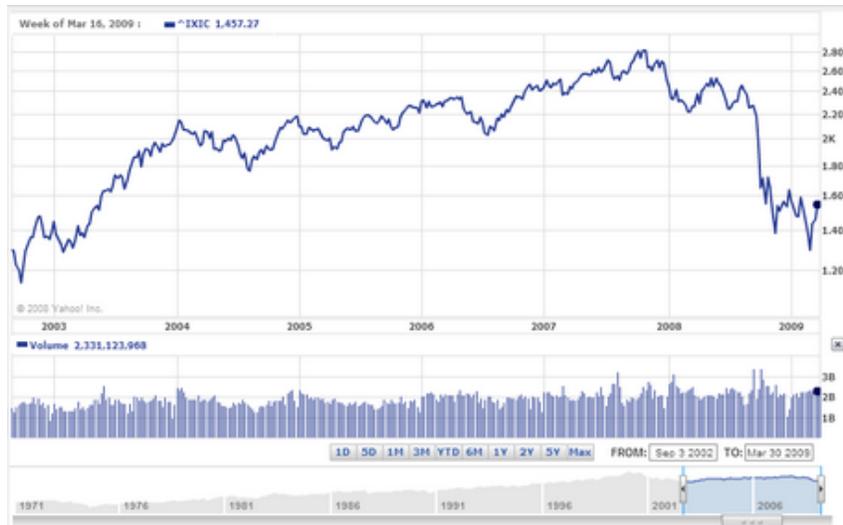


num mundo ideal, a nasdaq andaria ali por perto da linha laranja o tempo inteiro, desde que a economia de tecnologias da informação e comunicação estivesse “crescendo normalmente”. mas, em função das expectativas sobre a internet nos negócios, a bolsa foge do controle, começa a decolar em 1997 e explode de vez em 1999, gerando dois anos de euforia que levam a uma

morte súbita em 2001. resultado? dois anos inteiros pra voltar aos níveis de 1996 e mais um ou dois [dependendo da métrica] pra voltar ao que poderia ser chamado de atividade “normal”. o gráfico acima, da wikipedia, vai só até 2008... olhe pro gráfico abaixo:



na imagem acima dá para ver que o *crash* de 2008, o das hipotecas, gerado por expectativas de receitas [digamos] infinitas sobre rendas finitas [sem falar nas duvidosas], manda a nasdaq, que representa a confiança dos investidores nas empresas [em boa parte, de tecnologia], de volta para os níveis de 2003, quando estávamos nos recuperando do grande baque de 2001. a imagem abaixo mostra a evolução da nasdaq [e das expectativas de mercado] entre 2003 e a semana passada. se você clicar nela, vai direto para um [gráfico interativo no yahoo finance](#).



há uma crise econômica de grande porte, de fato, no mundo inteiro. se o gartner group estiver **errado** e esta crise [[que começou em abril de 2007, clique neste link pra ver os detalhes](#)] for “apenas” tão intensa quanto a de 2001 e levar o mesmo jeito da dita cuja, levaremos uns cinco anos pra chegar onde estávamos, ou seja, [as coisas voltarão ao normal aí por 2011](#).

até aí, é o mesmo lugar comum que todo mundo já sabe, e é o que poderíamos chamar da **problemática**. como diz um grande amigo, a problemática é muito fácil de identificar e descrever; mas... qual é a **solucionática**?

primeiro, no **curtíssimo** prazo, **fazer mais com menos**; segundo, no **muito curto** prazo, **innovar e fazer diferente o que já é feito** agora; terceiro, no **curto** prazo, **innovar de forma radical e fazer outras coisas, que não são feitas hoje, de formas que talvez já façamos e de outras que nem imaginamos**. mas isso é assunto pra uma **série de posts sobre TICs, crise e inovação**, que começa hoje e continua no correr da semana, neste mesmo horário e canal. sintonize.



TICs em crise? software como serviço [2]

03.04.09

o texto a seguir é um *repost* de outro, quase igual, [publicado neste blog em 02/02/09](#), quando começava a ficar claro que iríamos enfrentar uma crise de proporções gigantescas. como estávamos perto do carnaval e o brasil em clima de festa, não acho que chamou qualquer atenção. sugiro uma leitura cuidadosa. software como serviço pode levar sua empresa, no curtíssimo prazo, a fazer muito mais com bem menos, quando você passar boa parte do que tem hoje, dentro de casa, para fora, desde que o serviço prestado pelo seu fornecedor... preste.

por outro lado, se você for uma empresa brasileira de software, a crise e a redução de custos podem ser uma oportunidade de ouro para você passar a oferecer seu software como serviço, pra reduzir os custos de quem vai ter que cortar despesas, mesmo, por pura e simples falta de receitas...

boa leitura.

doug harr é o *chief information officer*, o cara que toma conta da estratégia, processos, métodos e tecnologias de informação da [ingres](#). a ingres é a companhia que faz o sistema de gerenciamento de banco de dados [SGBD] do mesmo nome. SGBDs são infra-estrutura absolutamente essencial da era da informação, pois quase tudo o que diz respeito à nossa vida, negócios e transações passa por um ou mais deles. pense de INSS a imposto de renda, de bancos a carteiras de motorista, de estoques de supermercado a cartões de crédito: quase tudo que tem a ver com armazenamento e recuperação de informação, hoje, tem um SGBD por trás.

[num artigo recente na forbes](#), harr discute a estratégia que vem tocando na ingres para diminuir custos e aumentar a disponibilidade e qualidade da infraestrutura de software que faz a companhia funcionar. como era de se esperar, mesmo sendo [e principalmente porque é] uma empresa de software básico, ingres não faz em casa todo o software de que precisa. a empresa usa uma combinação de software-como-serviço [SaaS] provido por outros negócios [como [salesforce.com](#), onde está o CRM de ingres {e da duPont, AMD e muitos outros}] e software específico, feito em casa. quando tem mesmo que fazer alguma coisa que só serve pra ingres, isso só é feito se não houver nada razoável no mercado, sempre será tão pouco quanto possível e será desenvolvido sobre plataformas abertas.

e isso já diz tudo: **a equação da ingres, para a crise, é deixar software-como-licença e partir para software-como-serviço**, deixando para trás, também, a infra-estrutura, capital humano e custos para rodar seu próprio software, **combinado com o desenvolvimento in-house, ou sob encomenda, de software essencial para seu negócio**, que ninguém mais tem ou vai ter, a partir de software livre.

o resumo da ópera, para harr, é: *Today at Ingres, I've encouraged a strategy that's 100% based on open-source and SaaS models, so that we are not locked in to a proprietary, closed-software model. We have adopted a nearly universal model for variable costs by using leading open-source and SaaS solutions to run our daily business. From database management utilities, reporting and business intelligence tools to content management applications, we have found solid, reputable companies behind our chosen solutions, and we are happy to pay subscription fees for their support services.* **tradução?** harr está tangendo a Ingres para uma estratégia de informação 100% baseada em software aberto e SaaS, de tal forma a não ficar preso em código proprietário e não ter que rodar e manter sistemas universais, que todo mundo tem e roda do mesmo jeito. o dia a dia da Ingres usa SaaS bilhetados por uso e software aberto suportado por companhias que entregam o que prometem. ao invés de sair implementando e rodando tudo internamente, ele tá mais do que contente em pagar para empresas especializadas cuidarem de seu software e sistemas, de inteligência de negócios a gestão de conteúdo na web.

a Ingres, que faz parte do universo de software aberto que outros usam para implementar suas estratégias [internas e de software como serviço] tem um recado adicional: **se você e sua empresa não migraram para SaaS na última crise, esta crise é a hora de mudar de lado.** um grande número de empresas já provê suas soluções, na rede, como serviço. e a rede está ficando mais rápida, mais resiliente e tem, a cada dia, um melhor custo/benefício. daí, um número cada vez maior dos serviços que precisamos prover para nosso público interno, clientes, usuários e parceiros está lá, prontinho, na rede.

esta estratégia vale não só para quem consome software mas, especialmente, para as quase dez mil empresas brasileiras que **produzem** software. a vasta maioria das empresas brasileiras de software é de muito pequeno porte e ainda trata software como licença, um produto a ser instalado no cliente e rodado por ele, em versões locais e peculiarizadas caso a caso. este é um modelo de negócios que dificilmente escala... e que resulta em um mercado de pico- e micro-empresas de software nacionais, com raras exceções. para elas, se continuarem como estão, o futuro não é muito alvissareiro.

precisamos fundir empresas, investir na aceleração de seu crescimento, criar as condições para termos médias e grandes empresas brasileiras de software [como serviço, que é intensivo em capital] na web... senão, muito em breve, haverá muito menos empresas e empregos em software por aqui. software como serviço sobre plataformas abertas não é, apenas, uma estratégia para a recessão, seja ela curta ou longa, rasa ou profunda, mas um modelo de negócios muito promissor. se soubermos chegar nele a tempo...

[android+arm contra intel, microsoft e apple](#)

06.04.09

android, o “sistema operacional” de google, é na verdade uma plataforma para desenvolvimento e uso de aplicações móveis baseada no kernel [a parte essencial] do sistema operacional aberto linux. para saber mais sobre a coisa, [clique aqui](#). durante algum tempo, se pensou que o alvo de android eram os smartphones, os telefones da classe do motorola motoQ, nokia e71 e apple iPhone; google, aliás, a [open handset alliance](#) [OHA], não falava em outra coisa.



isso mudou radicalmente na semana passada. segundo o wall street journal, [a HP está testando android em netbooks](#), mas ainda não decidiu se nem quando lançaria android num deles.

netbooks e *smartphones* são vizinhos próximos no tempo-espaço da convergência digital. os últimos são muito mais que um celular e os primeiros algo menos do que um laptop. mas a coisa pega: inexistente há dois anos, o mercado de netbooks chegou a dez milhões de unidades em 2008 e pode dobrar [ou mais] este ano, até porque quem vai comprar capacidade pessoal de computação e comunicação tem menos recursos para tal.

dos mais de 500 modelos de netbooks no mercado, mais de 90% usam chips da intel, [a mesma porcentagem que usa windows](#). [depois de um começo alvissareiro](#) para linux, a microsoft [quase como sempre] acordou e dominou o mercado. de novo. quase a totalidade destes laptops custa bem mais de US\$200 e é distribuída pelos canais usuais de venda de computadores.

[aí é onde entra a ARM](#) e seus chips da classe a8 e a9, tão capazes quanto os intel ATOM usados nos netbooks, gastando menos energia [bateria dura mais] e custando uma fração do preço [seu bolso sofre menos]. resultado: isso pode trazer o [preço de um netbook para bem menos de US\\$200](#); [há quem fale em perto de US\\$50, ou R\\$100](#), se você conseguir um juntamente com um plano de dados na operadora, ao invés de “comprar” numa loja que vende PCs.



nesta faixa de preço, o que a gente costumava chamar de “computador” sai da classe produto se torna serviço, associado à infraestrutura de acesso à capacidade de computação e comunicação que reside, cada vez mais, na rede.

aí é onde o modelo de negócio de distribuidores, lojas, da intel, da microsoft e da apple passa a ser desafiado por uma dupla que pouca gente viu começar a nascer, pelo menos neste mercado. de um lado, a [ARM](#), ingleses que projetam e licenciam microprocessadores, os chips

no coração de computadores e telefones celulares, [desde 1990](#). de outro, [google](#), à frente da OHA, como proponente do sistema operacional e plataforma de desenvolvimento android, tentando vender um netbook como se fosse um celular. mas não só. google deve levar a disputa para um campo onde a oposição tem dificuldades a resolver, o de computação e software como serviço.

há anos, google vem desenvolvendo e disponibilizando uma plataforma de serviços em rede que atende boa parte das necessidades do cidadão comum. e-mail, chat, agenda, processamento de documentos... quase tudo o que normalmente estaria em seu PC –ou netbook- pode estar em google. agora pense na combinação de banda larga móvel a preço fixo, netbooks a preço de banana [ou grátis] como parte do pacote e boa parte dos programas que costumavam rodar no seu laptop disponíveis na rede, como serviço. esta combinação pode pegar, principalmente onde banda larga a preço fixo pegar mais rápido. no longo prazo, vai estar em todo lugar.

se eu estivesse na oposição –apple ou microsoft- estaria pensando, com muito carinho, nos meus próximos passos.

vida+artificial = besouro-cyborg

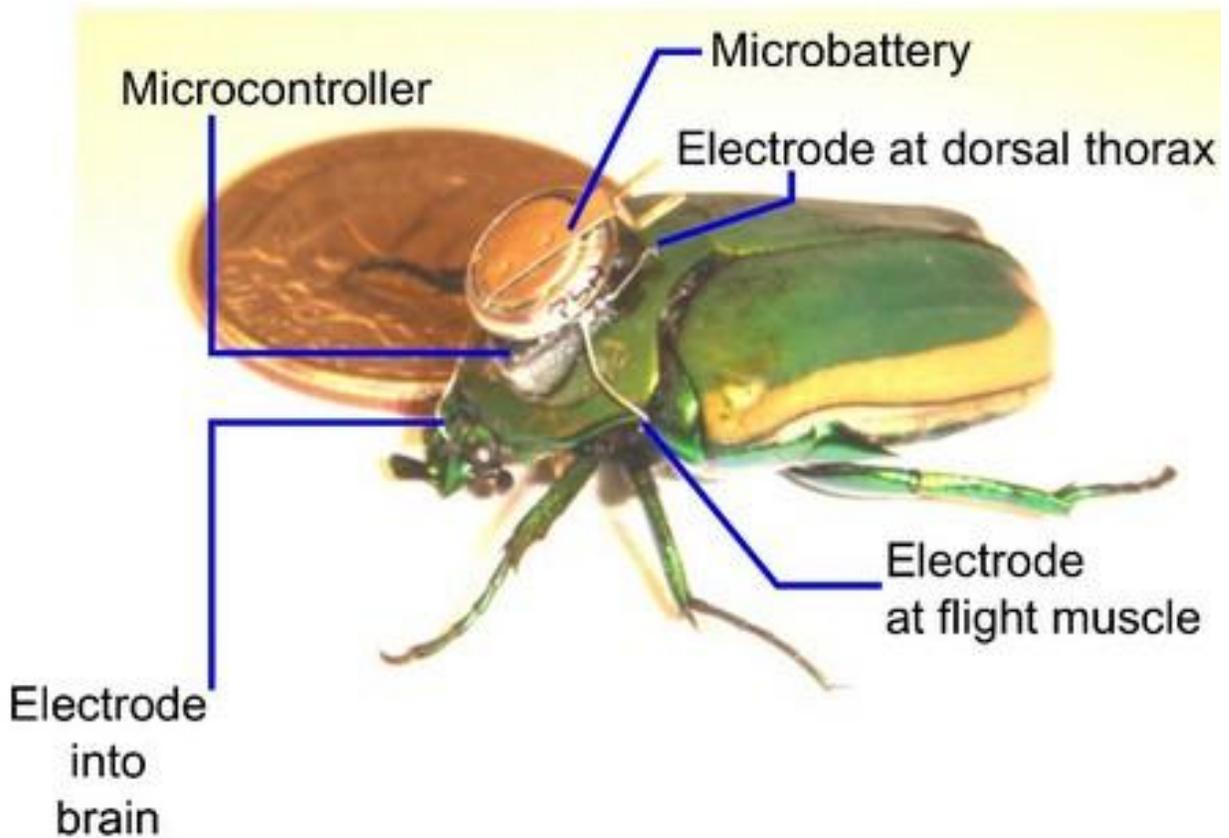
07.04.09



pegue um besouro, daqueles dos quais se diz que todas as leis da aerodinâmica garantem que não deveria voar de jeito nenhum, mas que voa. junte algum hardware, software, imaginação, financiamento da principal agência americana de projetos de defesa e você tem... um besouro cyborg controlado por rádio como o da figura. cada besouro sofreu um implante que contém um receptor, um microcontrolador, microbaterias e seis eletrodos, conectados no cérebro. o rádio captura os comandos enviados por um operador remoto, os comandos são processados pelo computador instalado no besouro, que finalmente os envia aos implantes instalados em partes apropriadas do cérebro do besouro, "controlando" o inseto. [os operadores podem fazer o besouro levantar vôo, fazer curvas e pousar](#). os besouros maiores podem ser vetores de cargas úteis como microcâmeras.

o objetivo atual é controlar um besouro num raio de cem metros, fazendo com que o inseto possa servir para missões de observação. a se acreditar nos [mais alarmados](#), o pentágono pode estar pensando em usar tais tipos de soldados para transportar armas reais, como microcápsulas de agentes bioquímicos. e não vai adiantar usar repelente, nestes casos.

entre 1965 e 2005, a capacidade computacional, pelo mesmo preço, aumentou um bilhão de vezes, com o tamanho dos sistemas de referência diminuindo 100.000 vezes no período. o que só era possível, então, em um gigantesco computador de pesquisa, passou a ser realizável, quarenta anos depois, em um mero celular. e a capacidade computacional, novamente pelo mesmo preço, estará aumentando outro bilhão de vezes entre 2005 e 2030; se levamos 40 anos para aquele primeiro aumento de um bilhão de vezes, levaremos apenas 25 para outra escalada do mesmo porte. as coisas estão ficando muito mais rápidas.



agora pense: se estão conseguindo controlar um besouro por rádio, hoje, transformando o inseto em um avião de controle remoto, porque não seria possível, no curto prazo, criar um besouro-cyborg verdadeiramente autômo, capaz de cumprir missões de guerra e paz sem interferência externa, a não ser receber as ordens a seguir?... e se lembre que, apesar do ciclo de vida dos insetos, hoje, ser muito curto, isso não é nada que não se possa resolver reprogramando a biologia dos bichos. admirável mundo novo...

TICs na crise: dá pra inovar? [3]

09.04.09

este é o terceiro artigo de uma série, neste blog, sobre as tecnologias de informação e comunicação [TICs] e a crise econômica, financeira, industrial e de credibilidade, mundial, que assola de forma cada vez mais intensa o Brasil. no primeiro texto da série [[TICs: a crise se instala](#)] o ponto de partida era que...

a crise mundial chegou; [segundo os analistas do gartner group](#), o mercado mundial de hardware deve diminuir em quase 15% no ano; o setor de serviços de TICs deve cair 1.7% e o [mercado de software vai ficar estagnado](#), com um crescimento de 0.3%. dependendo da margem de erro da previsão, vai cair também. segundo o chefe de previsões globais do gartner group, [a queda nos orçamentos de TICs nas empresas e o controle de gastos dos consumidores...](#) *“vai resultar numa forte queda do mercado de TI neste ano, que vai ser pior do que a retração causada pelo estouro da bolha da internet em 2001”*.

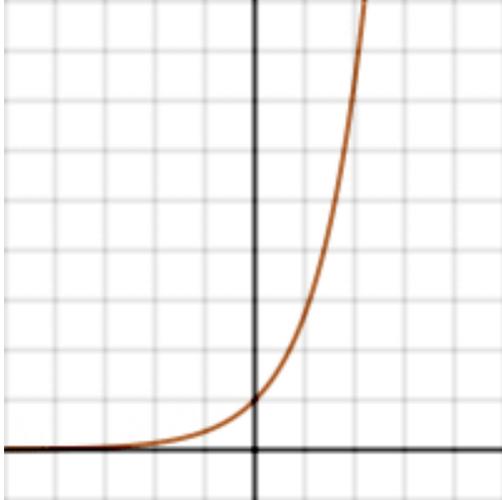
o segundo texto [[TICs em crise? software como serviço](#)], como o próprio título diz, aponta para *software como serviço* como forma de atender, na prática, a um mantra –**fazer mais com menos**- que os diretores financeiros começam a impor aos **CIOs**, os *chief information officers*, a galera que, em última análise, é responsável por informação e seu processamento nas empresas:

se você e sua empresa não migraram para SaaS na última crise, esta crise é a hora de mudar de lado. um grande número de empresas já provê suas soluções, na rede, como serviço. e a rede está ficando mais rápida, mais resiliente e tem, a cada dia, um melhor custo/benefício. daí, um número cada vez maior dos serviços que precisamos prover para nosso público interno, clientes, usuários e parceiros está lá, prontinho, na rede.

ontem, em Recife, participei de um fórum de [perspectivas para CIOs](#), promovido pelo [IDG](#); as palavras-chave da [agenda do evento](#) dizem tudo sobre nosso tempo: crise, riscos, desafios, transformação, oportunidades, inovação, evolução...

minha contribuição ao debate tinha a ver com inovação, TICs e crise. o ponto de partida era a pergunta, singela... *é possível inovar em tempos de crise?* a resposta, imediata, é que **em tempos de crise é preciso inovar e quem não inova não sobrevive**. em TICs e em qualquer outra coisa.

porque?



primeiro, o cenário –digamos assim, mais amplo: todo mundo está competindo numa economia exponencial, [onde todo negócio é de software e em rede. exponencial](#) por que?... porque o preço da **mesma** capacidade de tecnologias de informação cai cerca de 50% por ano.

isso não quer dizer, claro, que eu e você [e as empresas] estejamos pagando cada vez menos pelo hardware e software que usamos: significa que estamos comprando cada vez mais hardware e software pelo mesmo preço. se você, todo ano, dobrar o valor de alguma coisa, o comportamento da coisa parece com o gráfico da figura, uma

exponencial. e exponenciais, num mercado qualquer, sejam de oferta, demanda, capacidade, custos ou preços, resultam na transformação radical de todos os negócios. no nosso caso, significa que os negócios, por causa da queda dos custos, estão se transformando em software e rede.

o que quer dizer, em última análise, que seu [e meu] negócio, sejam lá do que forem, são parte de uma economia exponencial; se a gente errar no uso de algum meio ou forma de TICs, é melhor passar pra próxima geração, pois não teremos tempo de “ir atrás”. se TICs [e as empresas para as quais servem de infraestrutura] fossem uma ecologia, estaríamos falando de um sistema em que o tempo passa muito rápido e onde, ao mesmo tempo, a frequência de queda de grandes meteoros é muito alta. resultado? todo mundo, o tempo todo, é um dinossauro em potencial... de outro ponto de vista... estamos sempre em crise. e isso pode ser um problema ou oportunidade. e quase sempre é alguma combinação dos dois.

[em tempos de crise](#), três fatores adicionais de seleção natural [de empresas e de TICs] entram em ação: **1**] nas crises, há muito mais pressão e incentivos para assumir riscos, porque as práticas estabelecidas não dão o resultado esperado; **2**] sob pressão, numa ecologia qualquer, a lei de darwin [que aponta para a sobrevivência dos mais aptos] é ainda mais relevante e **3**] sob pressão, na crise, investimento é muito mais importante do que crédito porque, nas crises, o crédito para manter o passado é sempre muito mais caro do que o investimento para criar o futuro...

resultado? toda crise é tempo de procurar, em TICs e no resto do seu negócio, oportunidades para evoluir, para inovar. evolução -e inovação- é transformação, permanente e para continuar competitivo, frente a um contexto que pode estar mudando muito rapidamente, e onde, muito antes do que você espera, competidores podem aparecer com novas tecnologias e modelos de negócio que podem destruir o seu. simples assim. nunca tão fácil de fazer quanto falar, mas simples assim.

[meus slides de ontem estão aqui](#), é só [clicar pra pegar](#). domingo, depois do feriado em maragogi [[onde?](#)] vai aparecer, aqui, mais um capítulo desta série. até lá.

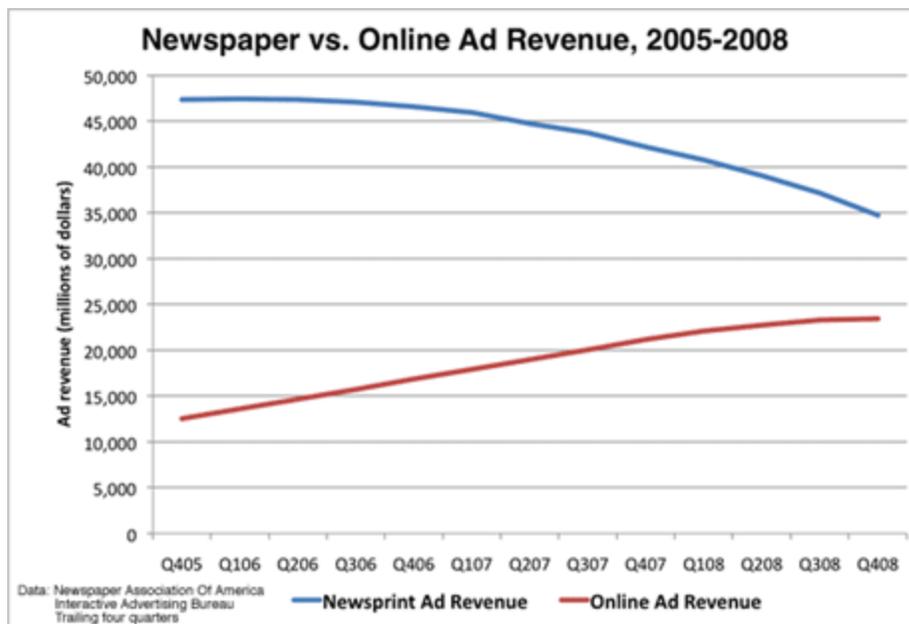


dá pra salvar o bom jornalismo?

12.04.09

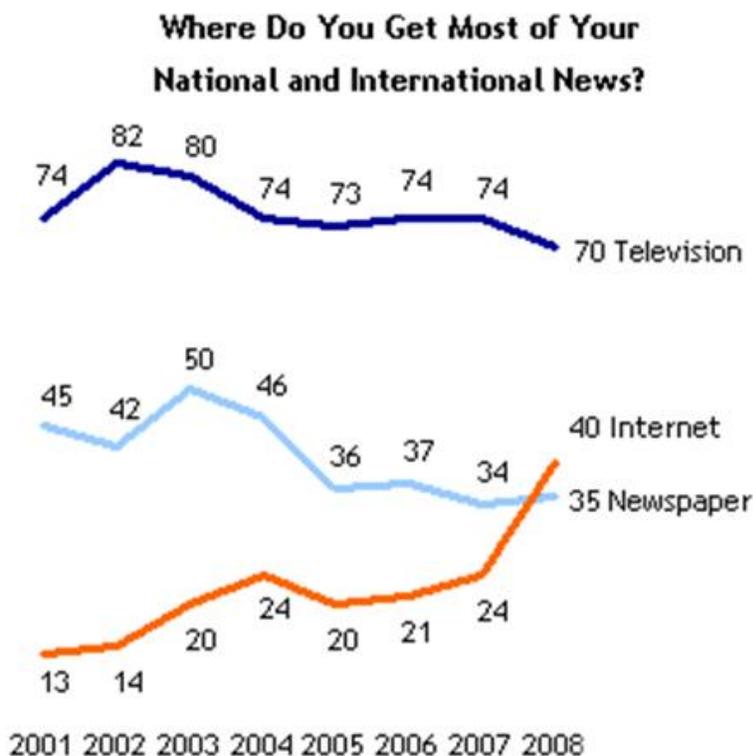


o [boston globe](#), um dos maiores jornais dos estados unidos, deve ter um prejuízo de US\$85M este ano, depois de perder US\$50M ano passado. o globe não é um jornal independente, mas parte do [new york times](#). e o NYT está ameaçando fechar o globe caso os sindicatos não concordem com medidas radicais de corte de custos. e não consiga aumentar receitas: o preço do jornal nas bancas subiu US\$1.50, só pra “[continuar viável](#)”. mesmo assim, [pode fechar no mês que vem](#). o globe foi [comprado pelo NYT em 1993 por US\\$1.1B](#); desde então, a circulação só faz cair. a receita demorou mais um pouco a seguir a circulação, mas está em [queda continuada desde 1999](#).



no dono do globo, o NYT, o período de férias foi estendido, [cem pessoas foram demitidas](#) semana passada e quem sobrou vai ter uma redução de 5% no salário pelo menos durante o resto deste ano. e tem que apelar pra santo muito forte pro jornal continuar existindo –em papel- ano que vem. a pergunta a se responder, no particular e no geral, está na capa do boston globe deste domingo: [o que saiu errado?](#)... a resposta, da própria casa, é que... o globo não viu –e não soube aproveitar- a web. os outros jornais tampouco. e ponto final.

mas a pergunta da hora, [feita por brian solis a walt mossberg](#), talvez fosse... *vale a pena salvar os jornais?*... sabe-se lá, se obama vai salvar a indústria automobilística americana, talvez... mas mossberg pensa rápido e diz que esta é a pergunta errada; a pergunta apropriada seria... ***será que dá pra salvar o bom jornalismo?***... segundo mossberg, só há uns poucos jornais de verdade nos EUA; o resto são alguns jornalistas de qualidade e noticiário nacional e internacional reciclado, pra encher linguiça e imprimir as páginas necessárias para os anúncios. isso quando havia anúncios. quando estes se mudam pra web, porque tais páginas deveriam ser impressas?... o mesmo raciocínio vale para o brasil e qualquer outro país. abra seu jornal local ou regional e constate com seus próprios olhos.



desde janeiro de 2008, mais de 120 jornais americanos fecharam as portas e [mais de 21.000 jornalistas](#) e pessoal auxiliar foram demitidos destes e de outros 67 que continuam no negócio. só em 2009, mais de 8.000 pessoas já perderam o emprego. e a tendência não dá sinais de ser revertida; muito ao contrário. [a internet já é a fonte primária de notícias nos EUA](#) e vai ser, no brasil, assim que houver banda larga [de verdade] por aqui.

mas brian solis acha que um novo desenvolvimento pode salvar o “**bom**” jornalismo: a [statusphere](#), ou *statusfera*, a rede de reputação capaz de fazer com que agentes

individuais, em rede, tenham tanta reputação, reconhecimento e importância –e remuneração- como tinham os grandes jornalistas dos antigos jornais. será? e como e quando?

[segundo solis](#)... *The Statusphere is the new ecosystem for sharing, discovering, and publishing updates and micro-sized content that reverberates throughout social networks and syndicated*

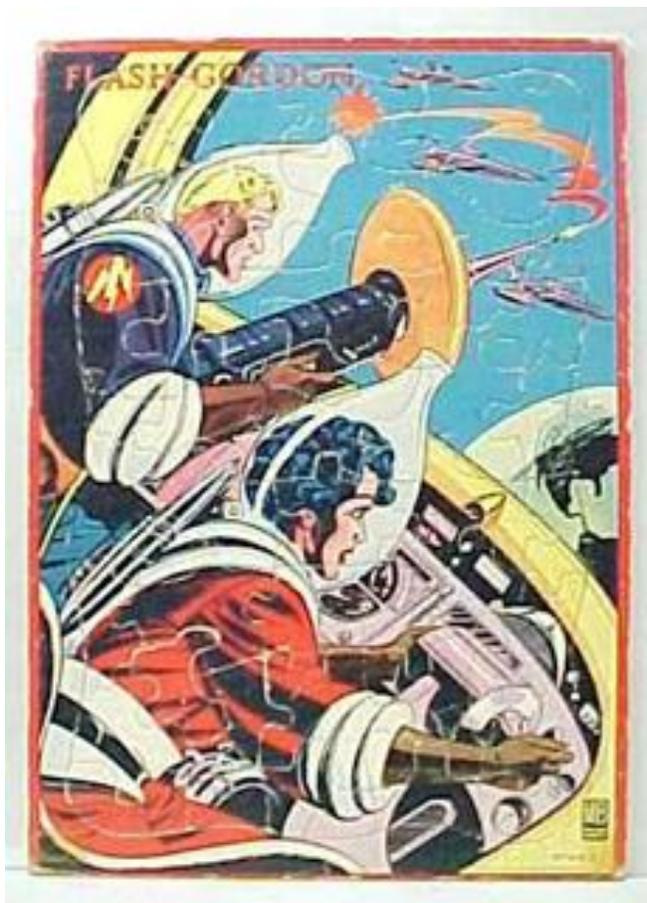
profiles, resulting in a formidable network effect of activity. It is the digital curation of relevant content that binds us contextually to the statusphere, where we can connect directly to existing contacts, reach new people, and also forge new acquaintances through the friends of friends effect (FoFs) in the process.

em português? a *statusfera* é o novo ecossistema para compartilhar, descobrir e publicar atualizações e microconteúdo, reverberando sobre redes sociais e perfis compartilhados, tendo como resultado um espetacular [efeito rede](#) de conexões e atividade. a *statusfera* fará o papel de curadoria digital [e em rede] de conteúdo e conexões relevantes, onde poderemos nos conectar, em contexto e diretamente, a contatos existentes... e onde iremos descobrir e construir novas relações através do efeito FoFs [*friends of friends*, ou AdAs, amigos de amigos].

parece uma tese interessante. talvez a gente –[e quem toca os jornais, no brasil, ainda- devesse ler com muito cuidado](#) e ver como –e se- dá pra fazer aqui, e por quanto e quando, no nosso contexto. a mesma leitura atenciosa, e não por acaso, vale para quem toca serviços online como o TERRA, terraMagazine e tantos outros...

o futuro e a vitória dos “nômades”

14.04.09



quando se olha para o futuro, pode-se estar certo de que uma coisa vai dar errado: as previsões de longo prazo. [roy amara](#), durante muito tempo a inteligência por trás do instituto para o futuro [IFTF], criou uma [quase] lei sobre o assunto: *em se tratando de tecnologia, tendemos a superestimar seus efeitos no curto prazo e subestimá-los no longo*. basta olhar um [flash gordon](#) da década de 30 pra [ver do que estamos falando](#).

[jacques attali](#), fundador e primeiro presidente do *european bank for reconstruction and development*, previa, desde 2006, que os estados unidos iam entrar numa séria bancarrota. o que não faz do francês um adivinho, claro. mas pode ter sido parte do que o levou a escrever [A Brief History of the Future: A Brave and Controversial Look at the Twenty-First Century](#), ou *uma breve história do futuro: um bravo e discutível olhar sobre o séc. XXI*. o livro está

disponível em português como *uma breve história do futuro*, [aqui](#) e uma discussão, na TIME, pode ser encontrada [aqui](#).

olhando para o passado e para o futuro, a partir do presente, podemos estar certos de uma coisa: tecnologia é a plataforma sobre a qual o futuro está sendo construído. no caso de tecnologias de informação e comunicação [TICs], não há nenhuma possibilidade de retorno: teremos mais e mais, e muito mais TICs, no curto, médio e longo prazo, como a infraestrutura essencial da vida na terra. se teremos instrumentos, ferramentas, produtos e serviços que terão menos impacto no ambiente... isso vai depender de nossa própria capacidade de antever o caos que nossa atual plataforma tecnológica, em sua maior parte, está gerando ao redor. se tivermos muita inteligência [ambiental, emocional, espiritual...], vamos acabar encontrando um equilíbrio e, quem sabe, [re]criando tecnologias que reconstruam boa parte da destruição que versões anteriores dos mesmos sistemas, serviços e produtos causaram.

neste contexto essencialmente tecnológico em que vivemos, [uma das previsões de attali é que...](#) *o motor da história não é [e nem será] a luta de classes ou entre os povos, mas o enfrentamento multimilenar entre **nômades** e **sedentários**, onde, historicamente, os nômades [ou o movimento] foram as fontes de progresso.*

pra nos movermos, hoje, já não precisamos mais nos mover tanto; o mundo é, cada vez mais, um ponto; e já nem precisamos de tanta sincronia assim pra interagir, viver e trabalhar em conjunto, como mostram os times de desenvolvimento de software espalhados pelo globo. a internet e seus serviços, responsáveis por uma **deslocalização e dessincronização** de uma parcela cada vez maior da população do planeta, transforma-nos, a quase todos, em nômades locais de impacto global. estamos na rede, em todo lugar, a partir daqui, e aqui pode ser quase qualquer lugar.

o livro de attali está cheio de previsões difíceis de serem tornadas ainda mais extremas do que a visão do escritor. algumas são claramente apocalípticas. mas, no caso particular do conflito entre nômades e sedentários, certamente podemos radicalizá-la de uma forma bem simples: **os nômades [digitais já] venceram.**



qual é o próximo grande sucesso na rede?...

16.04.09

pesquisadores ingleses resolveram montar uma força-tarefa pra [tentar prever qual será a próxima killer app](#) [aplicação que mude tudo e atraia milhões, dezenas ou centenas de milhões de pessoas] na web. [duvido muito do resultado do esforço](#). é provável, por outro lado, que eles só descubram qual será o próximo grande sucesso se construírem um...

ninguém previu twitter, youTube, faceBook ou orkut. estes serviços apareceram porque “estava na hora”: a tecnologia os tornava possíveis, a infraestrutura estava no lugar e o público tinha meios e tempo para usá-las. e isso levando em conta que twitter, por exemplo, não tem [ainda] a menor esperança de ter qualquer remuneração de seus milhões de usuários [ou de alguém que pague por eles]. e que google [veja abaixo] perde mais de três milhões de reais com youTube por dia.

enquanto twitter, pelo menos, está por aí, veja o que rolou no meu [\[twitter.com/srlm\]](#) nas últimas 36 horas. um aviso pros leitores que vão descascar o texto lá nos comentários e não conhecem twitter: cada mini-texto [tweet] só pode ter até 140 caracteres e o estilo é completamente informal, além de abreviado, e ninguém gasta "horas" pra jogar 140 caracteres no ar. se bem que tem gente pensando em escrever uma novela seriada, em diálogos de 140 caracteres, lá...

eBay VENDENDO skype? <http://tinyurl.com/d5ovrh>, about 3 hours ago

NO MEU BLOG >> o futuro e a vitória dos “nômades” [apres jacques attali]...
<http://tinyurl.com/cr4h2n>, about 15 hours ago

INFORMATICIDADE é muito mais do que CLOUD COMPUTING...
<http://tinyurl.com/chw5pj>, about 15 hours ago

o CPE ["chief philanthropic evangelist"] de GOOG sai de cena. será que TODO o \$ de filantropia tá indo pra YouTube? <http://tinyurl.com/dk4uog>, 12:12 AM Apr 15th

o FUNDO do POÇO? google PERDE US\$1.65M POR DIA com youTube. algo entre \$1 e \$2 por visitante... uau! <http://tinyurl.com/d4wsy7>, 12:07 AM Apr 15th

será que dá pra INVADIR e DETONAR a rede de distribuição de energia? nos EUA, dá. e AQUI?... <http://tinyurl.com/d4znl6>, 12:05 AM Apr 15th

Dr Nisar Wani: "This is the first cloned camel in the world". direto de DUBAI.
<http://www.physorg.com/news...>, 12:04AM Apr 15th

em tempos de CRISE... Are Companies Protecting the Wrong R&D Investments?
<http://tinyurl.com/ce8c7x>, 12:02 AM Apr 15th

problema enfrentado pelo SPEEDY... >> "está sendo alisado pela Anatel" ...
<http://tinyurl.com/dd6x4h>, 11:24 PM Apr 14th

twitter search: TWAZZUP >> gostei. muito legal mesmo! ...
<http://tinyurl.com/dmwg3f>, 12:32 PM Apr 14th

alagoas digital: audio da palestra [out of sync] dos slides do ultimo tweet neste link... <http://tinyurl.com/c7pdsk>, 1:52 AM Apr 14th

alagoas digital: slides de uma palestra sobre inovação [em e COM TICs] aqui:
<http://tinyurl.com/c56l5k>, 1:51 AM Apr 14th

Emerging Technology Watch: Implantable Telescope for the Eye... [fixing Macular degeneration?] <http://tinyurl.com/cffvlb>, 7:53 PM Apr 13th

na internet, tv cultura, começa o RODAVIVA com demi getschko... assunto: internet. o que mais poderia ser?... [eu nos entrevistadores...] 6:31 PM Apr 13th

enGENEered viruses assemble into electrodes and make complete rechargeable batteries for the first time [!!!!] <http://tinyurl.com/cbf48n>, 11:09 PM Apr 12th

...most of the really innovative thinking about retail is taking place in Japan [?!?] <http://tinyurl.com/ckuogv>, 10:42 PM

Apple has placed an order for 10-inch touchscreens from a Taiwan distributor for delivery in the third quarter... <http://tinyurl.com/cyc9ap>, 10:40 PM Apr 12th

Under conditions, demand for a product and the cost of the next supplier's capacity determine the market price. <http://tinyurl.com/dm4gem>, 10:39 PM Apr 12th

VISA BLACK CARD. exclusive. to THREE MILLION PEOPLE?... não quero um... <http://tinyurl.com/cnh79y>, 10:37 PM Apr 12th

APPLE is WORKING on a NETBOOK... and steve STEALTH jobs is RIGHT BEHIND it... or so SAYS THE WSJ. <http://tinyurl.com/cyc9ap>, 10:00 PM Apr 12th

[chegou: mac-vírus \[em escala\]](#)

17.04.09

[notícia de hoje na zdNet](#) [em inglês, tradução abaixo]: *Malware hunters at Symantec have discovered a direct link between a malicious file embedded in [pirated copies of Apple's iWork 09 software](#) and what appears to be the first Mac OS X botnet launching denial-of-service attacks.*

antes da tradução, vale a pena explicar alguns termos técnicos: [malware](#) é a palavra resultante da contração de *malicious* e *software*, logo, software malicioso, muito frequentemente presente em um arquivo infectado por algum tipo de vírus, um software que pode criar problemas para seu usuário ou para o computador onde roda; [botnet](#) é um conjunto de computadores rodando de forma autônoma e automática, normalmente controlado por software malicioso que se instalou neles de alguma forma e que, quase sempre, se espalha para outros computadores; cada computador de um botnet é um [zombie](#), ou zumbi: um computador controlado por software malicioso e/ou, externamente, por alguém que não é seu usuário, digamos, normal; [\[distributed\] denial-of-service attacks](#), ou ataque [distribuído] de negação de serviço é o processo de saturação de um alvo [máquina na rede, site] com um número avassalador de pedidos de serviço, caso em que o site [por exemplo] não consegue responder a ninguém e "cai".

agora, a tradução: *especialistas em segurança da informação da symantec descobriram uma ligação direta entre um arquivo infectado embutido em cópias pirata do software iWork 09 da apple e o que parece ser o primeiro botnet capaz de lançar ataques [distribuídos] de negação de serviço a partir de máquinas apple rodando o sistema operacional OS X.*

ah, sim... pra entender apropriadamente o texto, falta uma definição: [mac OS X](#) é a combinação de hardware e sistema operacional que, segundo [as facções mais xiitas de] applemaníacos, não tem, ou não pega, vírus.



eleições na web: no brasil, em 2010?...

18.04.09

quase 75% dos usuários americanos da internet, porcentagem que representa 55% dos eleitores, usou a web para –não só- se informar sobre a eleição e suas opções. [além do noticiário](#), os eleitores blogaram, debateram, se organizaram e participaram de coleta de fundos eleitorais online. o resultado a gente conhece: o candidato da revolução industrial, um herói de guerra, foi derrotado pela galera da sociedade da informação, representada por um cidadão que, em passado bem recente, não poderia nem concorrer ao cargo. o vencedor, não por acaso, parece até agora muito mais razoável do que o perdedor.

[segundo a pesquisa da pew internet](#), 18% dos americanos escreveu [nem que fosse um comentário, num blog] sobre a eleição; 45% viu, online, um vídeo relacionado à eleição; um terço dos eleitores encaminhou, a outros, conteúdo online que achava importante para decidir a eleição; dos 83% dos americanos entre 18 e 24 anos que têm um perfil numa rede social, 66% usaram sua presença online para fazer alguma ação relacionada à eleição. números impressionantes. não é à toa que se diz que esta foi a primeira eleição americana da era da rede.

em pindorama, que tem 52 milhões de pessoas online e um dos mais altos índices, per capita, de horas de participação semanal em [redes sociais](#), o TSE proibiu [\[na prática e na íntegra\]](#) a campanha na rede nas últimas eleições para prefeito. e na próxima eleição, em 2010? será que teremos a internet, de novo, censurada pelo supremo poder eleitoral?...

este debate deveria estar na ordem do dia agora, antes que as candidaturas se estabeleçam e, como é quase sempre o caso no brasil, as regras pra qualquer jogo sejam [pouco] discutidas, decididas e promulgadas na carreira, minutos antes da partida começar.



este blog é a favor do utilização ampla, geral e irrestrita da internet na propaganda e no processo eleitoral. se nós, mesmo levando em conta as diferenças entre quem tem muita, pouca ou nenhuma internet, já temos mais de um quarto do país na rede, as eleições podem muito bem vir a ser um motivo pra trazer boa parte de quem ainda está fora do mundo pra cá. afinal, há alguma coisa de interesse público, importante e/ou relevante, no mundo, que não esteja na rede ou, por outro lado, relatada e discutida, intensamente, na rede? não.

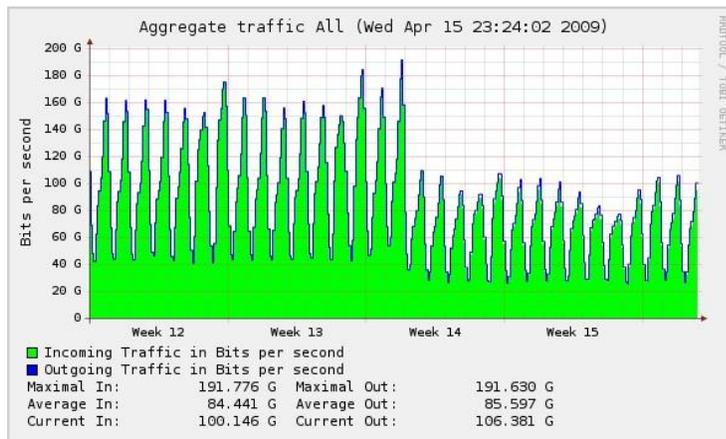
e não há muita coisa mais importante, numa sociedade, do que eleições verdadeiramente democráticas. é hora, pois, de trazê-las pra rede. como se viu na última eleição americana, a

rede pode muito bem influenciar o processo e o resultado. será que alguém teria uma boa justificativa para manter as eleições nacionais fora da rede?... será?... quem?... por que?...

[Lei anti-pirataria “mata” metade da internet sueca](#)

19.04.09

a suécia botou em prática uma lei draconiana contra cópia de material protegido por *copyright*. no dia seguinte, o tráfego internet entre a suécia e o resto do mundo caiu de cerca de 160Gbps para ao redor de 90Gbps e continua nesta média até agora. [cerca de metade da internet sueca, como vista pelo resto do mundo, "desapareceu"](#). é isso que o gráfico abaixo, [cortesia da netnod](#), mostra.



pra apertar ainda mais a grade onde o país quer prender sua rede, [a suécia condenou a galera or trás do pirate bay](#), um dos principais sites de compartilhamento de conteúdo do planeta [mais de 4M de *torrents* por dia] a um ano de cadeia mais o pagamento de US\$3.6M para compensar *royalties* supostamente "perdidos" por seus donos.

para a suécia, por enquanto, [pirataria não é apenas mais um modelo de negócios](#). pra uns, [é assim mesmo que tem que ser](#). pra outros, entre os quais um número de provedores de acesso na suécia, é o [ponto de partida de um controle orwelliano sobre a internet do país](#).

eu acho que esta história de copiar arquivos tá com os dias contados; e isso nada tem a ver com leis e controles de estados como a suécia, ou com o que vai acabar sendo a ["lei da internet" no brasil](#). mas porque "ter" um arquivo com você, seja lá em que dispositivo for, ainda é uma forma de manter o concreto dentro do abstrato, como se a rede fosse desaparecer a qualquer momento. com cada vez mais rede, cada vez mais presente e de cada vez mais qualidade, nós vamos ver, ouvir e participar de **fluxos**... e a localidade, armazenamento e propriedade de arquivos vai se tornar cada vez menos importante.

pense: numa rede onde todo mundo tenha 100Mbps, o tempo todo, a custo fixo [vamos chegar lá, vai levar tempo, mas vamos chegar...] pra que mesmo é preciso ter alguma coisa, arquivo que seja, "local"?... pra que copiar música pro seu HD se você vai poder ouvir [entre tantas muitas outras...] [grooveshark](#)?... ainda mais, se ainda restar alguma inteligência na velha indústria de conteúdo, ao invés de brigar por leis pra manter o passado no futuro, é capaz de - olhando construtivamente para coisas como grooveshark- conseguirem, ao invés, trazer uma boa parte do futuro para o presente... enquanto isso, os suecos, sempre eficazes e eficientes, nada mais fazem, desta vez, do que perder tempo.

crise leva sun para os braços da oracle

21.04.09



a SUN microsystems, que já foi uma das empresas de tecnologia mais importantes da rede [arquitetura sparc, java, openOffice e, mais recentemente, mySql], e do mundo, esteve para ser vendida, poucas semanas atrás, para a IBM. não rolou. [por um número de razões](#), a IBM desistiu em cima do laço. e há quem diga que a IBM, ao comprar a SUN,

estaria comprando algo que pareceria muito com uma parte de si mesma.

enfim, não deu. e aí larry ellison, dono da oracle e uma das figuras mais singulares do silicon valley, resolveu comprar [por US\$7.4B] a companhia que, mais de duas décadas atrás, criou o slogan "[the network is the computer](#)", ou a rede é o computador, antevendo que um dia tudo o que gostaríamos de ter num computador [e muito mais] estaria, na verdade, na rede. a noção de "nuvem", ou "*cloud computing*" já fazia parte do credo da sun antes mesmo da internet a rede que vemos hoje.

diz-se que larry ellison gostaria muito de ser a apple do mercado corporativo. comprando a SUN, ele [pode ter se tornado outra IBM](#), com quem [vai competir diretamente](#), agora, no mercado de servidores. e a oracle comprou um conjunto de problemas, também. a companhia é um dos líderes no mercado mundial de sistemas de gerenciamento de banco de dados [SGBD] e tem muito pouca aproximação com a comunidade de software livre. junto com a SUN, a oracle passou a ser dona do SGBD líder do mercado aberto, mySql, que tem [mais de 11 milhões de instalações no mundo todo](#). em muitas empresas pequenas e médias, no meio desta crise, "trocar oracle por mySql" tem sido uma das formas de salvar recursos preciosos. [qual será, na oracle, o futuro de mySql?](#)...

olhando de longe, parece que a microsoft não tem nada a ver com o assunto, mas tem. ellison nunca deixou de bater em redmond sempre que teve oportunidade. e até procurou as oportunidades quando elas não eram assim tão claras. só que, agora, ele também vende sistemas e isso pode levar empresas como dell e HP a [olharem com outros \[mais carinhosos\] olhos para a microsoft](#), que não tem nem parece querer ter um negócio de hardware para competir com seus principais clientes. tempos de crise são tempos estranhos. sempre...

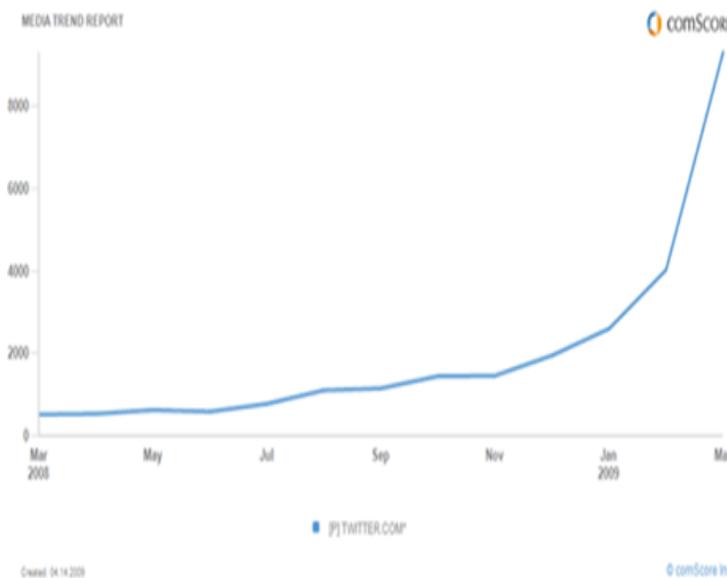


a atenção e as redes sociais

22.04.09

lá no começo da internet se dizia que o negócio de todo e qualquer site estava era relacionado a *eyeballs*, ou olhos. dos olhos com que se via e se vê a rede é de onde vem a atenção que, por sua vez, é de onde vem a renda que transforma sites em negócios. antigamente [há uma meia década...] certamente poder-se-ia dizer que “*no eyeballs, no business*”.

mas o tempo da internet é acelerado; a rede é uma economia exponencial. basta ver as curvas de performance e penetração das tecnologias da rede. escolha a sua e procure um gráfico.



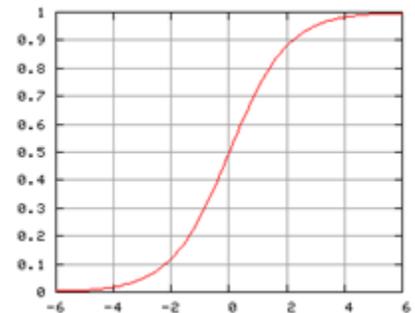
abaixo, o [crescimento do número de visitantes de twitter nos últimos doze meses...](#)

só entre fevereiro e março deste ano, twitter cresceu 131%, pulando de perto de quatro para mais de nove milhões de visitantes por mês. é deste tipo de pegada, e suas prováveis consequências, que negócios estabelecidos como google e microsoft tem medo.

no último ano [e não no último mês] [google cresceu 8%](#). e *eyeballs*, hoje, é um tipo bem diferente de atenção; é a atenção associada à contribuição, à participação pessoal em

comunidades, e não à realização de transações simples como uma busca.

no passado, claro, google teve uma curva de crescimento muito similar ao twitter de hoje. só que, nas economias exponenciais das quais estamos falando, cada sistema ou site não é uma curva exponencial para sempre, mas uma *sigmóide*, uma função que começa como uma exponencial mas que, depois de um tempo, diminui sua velocidade de crescimento até, literalmente, “bater no teto”. twitter tá no começo de sua sigmóide e google está muito mais perto do “teto” do S.



só que google tem, hoje, cerca de 3/4 dos *old eyeballs* da rede, quando o negócio é busca. para todos os efeitos, google é imbatível no “seu” negócio. mas... e se a atenção, se os *new eyeballs*

e todo o resto comecem a se mudar para outras plagas, [tipo blogs](#) e, principalmente, redes sociais como facebook e twitter?...

[leia este texto de joshua porter](#), que termina dizendo que... *in conclusion I see Google's dominance being eroded by the social networks. **It won't be a direct assault on search**, just as Google didn't directly assault Microsoft by trying to build a better OS or a better Office suite. **It will be a direct assault on attention**. You don't kill the incumbent at their own game. You change the game, and then beat them at that one.*

em português?... *você não derrota monopólios no jogo deles. primeiro, você muda o jogo, pra um que eles não sabem ou não conseguem jogar e, aí, você os derrota no seu jogo. o ataque a google não vai ser à busca, mas à atenção que google tem hoje. porter, e muito mais gente, acha que google está começando a perder atenção para os sistemas sociais da rede. façam suas apostas, pois em pouco tempo –menos de meia década- saberemos a resposta.*

brasil: república de software?

24.04.09

[a brasscom, associação das empresas do setor de software, informa](#): em 2008, as exportações brasileiras de serviços de software cresceram 75%, atingindo US\$1.4B, o que levou o país a saltar da décima posição que ocupava em 2007 para a quinta, o que não é feito menor, dado que somos o oitavo mercado de TICs do planeta.

o mercado global, que era de US\$50B em 2007, cresceu 40%, passando a US\$70B em 2008 e pode chegar, [segundo previsões da at kearney](#), a US\$100B em 2010. metade deste crescimento será atendido por uma fonte: a Índia. entre os que competem pela outra metade, estão o brasil, china, argentina, México, Chile e outros países menos votados.

o brasil quer mais que triplicar suas exportações de software nos próximos anos, para US\$5B, o que poderia gerar entre cinquenta e cem mil empregos no setor. parte do dever de casa é aumentar a performance da produção, trazendo [mais e melhor educação e inovação para as empresas e seus colaboradores](#). a outra parte, muito mais complexa, é simplificar o brasil, diminuindo os custos de contratar, aqui, o que hoje vai pra Índia e outros países.

ao contrário do que alguns pensam, não se trata de pagar salário-escravo pra engenheiros e programadores, mas diminuir impostos e custos trabalhistas e operacionais que separam o brasil das nações que estão participando a sério da economia do conhecimento. é possível redesenhar o contexto trabalhista brasileiro para a economia dos processos e do conhecimento? tomara que sim... pois os novos empregos não vão vir da agricultura e da indústria.

e não há melhor hora para fazer tais mudanças do que agora, no meio de uma crise que, por si só, está redesenhando o mundo. se não vamos –e não vamos- trazer muito mais indústria clássica, daquela da revolução industrial, que gerava emprego em massa, para cá, bem que poderíamos nos aplicar para tornar o país, de verdade, mais competitivo em software.

há sinais de mudança no ar: o chanceler brasileiro disse recentemente que o brasil é uma [“república de software, aviões a jato...”](#), se libertando pelo menos em parte de um imaginário que, há meros cinco anos, [o levou a dizer \[em relação à Índia\] que...](#) “nossas economias se complementam. eles têm o software; nós temos a indústria de alimentos mais competitiva do mundo”. bem vinda seja sua mudança, senhor ministro, e mãos à obra. ainda temos muito o que fazer para sermos, de fato, uma república de software.

computação e conexão para as massas

26.04.09

uma das notícias mais quentes no mercado de netbooks é o [anúncio do skytone alpha 680](#), um netbook baseado no chip ARM 11 e no sistema operacional “de google”, android. em seis de abril, [este blog dizia que...](#)

android, o “sistema operacional” de google, é na verdade uma plataforma para desenvolvimento e uso de aplicações móveis baseada no kernel [a parte essencial] do sistema operacional aberto linux. para saber mais sobre a coisa, [clique aqui](#). durante algum tempo, se pensou que o alvo de android eram os smartphones, os telefones da classe do motorola motoQ, nokia e71 e apple iPhone; google, aliás, a [open handset alliance](#) [OHA], não falava em outra coisa.

isso mudou radicalmente na semana passada. segundo o wall street journal, [a HP está testando android em netbooks](#), mas ainda não decidiu se nem quando lançaria android num deles.

a hp, como toda grande companhia, demorou demais. o [primeiro netbook rodando android vem de uma firma... chinesa](#), a guangzhou skytone transmission technologies, cuja especialidade, até agora, era a produção de netbooks pra crianças. pelas imagens alpha 680 [no site da companhia](#), o netbook tem jeito



de tablet, e uma tela sensível ao toque deve estar em suas próximas versões.

o alpha 680 deve custar US\$250 no lançamento, preço que pode cair muito se o volume de vendas for suficientemente alto. segundo nixon wu, ceo da skytone, [numa entrevista à computerworld...](#) *the goal is to bring low-cost computing to the "80% of the world" that can't afford it today. That means villagers in Africa or farmers in China, need access to information on the Web as much as anyone else... o objetivo do 680 é trazer computação de baixo custo aos 80% das pessoas que não têm como pagar por ela hoje, na periferia da África e China. bem que ele poderia ter acrescentado Brasil e o resto da América Latina, onde a necessidade é tão grande quanto.*

quem tiver um alpha 680 no começo do segundo semestre vai trazer suas aplicações direto do [android market](#) [na partida, 20% não devem rodar no alpha, por questões de portabilidade, segundo wu] e talvez [não há nada sobre isso na especificação ou entrevista] haja conexões diretas [e privilegiadas?] aos apps de google na web.

uma coisa: este mercado vai pegar fogo. o alpha 680 vai pesar 700 gramas e tem, como opcional [além de wi-fi e ethernet] conexão GPRS, CDMA, EDGE, WCDMA. ou seja, um plug-in básico transforma a coisa num telefone.

agora pense: mais mil dias de desenvolvimento, teste e uso, no mercado, por dezenas de fabricantes –incluindo os gigantes mundiais e alguns brasileiros- que vão entrar nesta corrida; cpus, memórias e conexões mais rápidas, eficientes, menores e mais baratas; telas maiores, de resolução mais alta e consumindo menos energia; baterias menores e de maior duração; interfaces mais agradáveis e de melhor usabilidade em espaço muito restrito; preços caindo com o tempo, por causa de melhoria na tecnologia e aumento do mercado... e teremos uma convergência celular-PC de fato: cada telefone, na sua e na minha mão, será um smartphone e este smartphone, por sua vez, será um computador muito mais interessante do que os laptops de hoje. muitas vezes menor, mais rápido, mais sofisticado, melhor conectado, mais barato e consumindo muito menos energia. adeus telefone, alô [computação e controle, conectados em rede...](#)

terça é dia de alpha

28.04.09

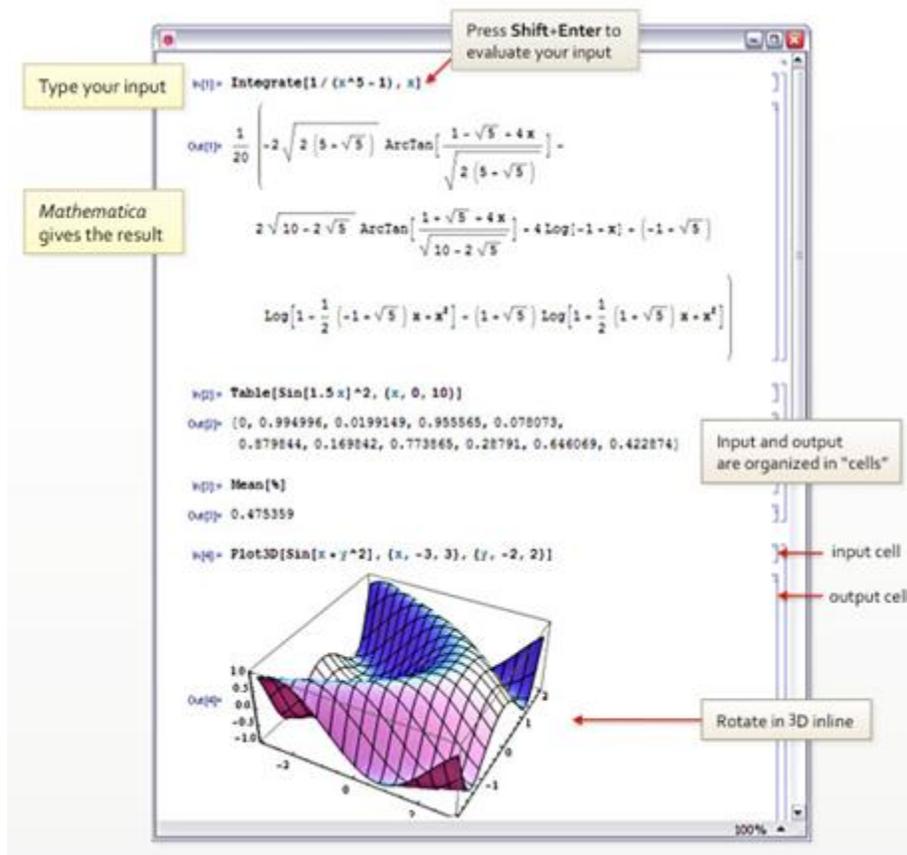
stephen wolfram, o gênio milionário por trás da wolfram research e do software [mathematica](#), vai apresentar sua [máquina de respostas](#) [em oposição a buscas] na web, o [wolfram alpha](#) [ainda em beta fechado], no berkman center de harvard, **às cinco da tarde desta terça**, hora de brásilia. o evento será [webcasted neste link](#).



wolfram descarta a competição entre máquinas de *busca*, como *google* e *live search*, e *alpha*, sua máquina de *respostas*. as primeiras varrem a web e compilam o melhor conjunto de páginas que atende a algum requisito, como [search engines](#), por exemplo. alpha, por outro lado, responde a perguntas diretas e objetivas usando um engenho computacional que entrega respostas [supostamente] ótimas dentro de certas condições. ao invés de busca, a máquina de wolfram é um *computational knowledge engine*, ou uma *máquina de conhecimento computacional*.

vale a pena ver? para ajudar você a decidir, um pouco de história e contexto. em 1988, wolfram publicou um software que viria a revolucionar o estudo, ensino e uso de matemática, que vem a ser o tal [mathematica](#), base de sua fortuna atual. o programa, inicialmente um engenho limitado de cálculo integral e diferencial contínuo, está na versão sete e faz, automaticamente, o que muita gente pensou que seria impossível realizar sem um cérebro humano por trás. além de cálculo contínuo e discreto, mathematica pode ser usado para modelagem, simulação, processamento e visualização de imagens e mais um monte de coisas que deixaram newton e leibniz, inventores do cálculo, verdadeiramente impressionados.

[dê uma olhada neste cálculo integral online](#) e nestas [demonstrações](#), pra ter uma idéia da sofisticação da coisa... abaixo, um exemplo de integral e seu gráfico, computado e visualizado por mathematica.



em 2002, wolfram lançou um livro que deveria mudar a história da computação, chamado [a new kind of science](#), ou simplesmente NKS, cujas quase mil páginas estão [online, na íntegra, neste link](#). NKS não é para os fracos de coração e gerou muita controvérsia por insistir na idéia de que toda a computação –e, em última análise, toda a ciência e natureza ao nosso redor– está fundamentada em máquinas [abstratas] muito simples chamadas [autômatos celulares](#), dos quais o jogo da vida é um exemplo muito simples.

por baixo de alpha está a base de mathematica e uma infraestrutura de autômatos celulares como a descrita em NKS. alpha contém modelos formais de quase tudo que a gente sabe, para tentar construir uma representação –tão fiel quanto possível– de nosso conhecimento sobre o mundo. e isso inclui matemática, computação, física, química, biologia, previsão de tempo, culinária, negócios, viagens, pessoas, música...

a interação com alpha é baseada em linguagem natural [só inglês no lançamento, em maio] e você pode [fazer perguntas diretamente](#), como *"integrate x^3 sin^2 x dx"* ou *"uncle's uncle's brother's son"*. a primeira tem como resposta algo que parece muito com a saída de mathematica para a mesma questão e a segunda vem com uma árvore genealógica completa descrevendo os laços de sangue que levam ao parentesco.

aí tem coisa: alpha pode ser, para conhecimento formal, o que google é para conhecimento informal. no último, a relevância da resposta é decidida por um conjunto de heurísticas que inclui descobrir o quanto outras páginas, na web, acham que uma certa página é relevante para um conjunto de palavras chave. no primeiro, uma pergunta é respondida por um sistema formal que parte de uma ampla gama de respostas pré-computadas, uma quantidade muito grande de dados e fatos e um conjunto integrado de sistemas formais de computação, dedução e inferência. **google** encontra **páginas**; **alpha** [quer] computar **respostas**. [duas classes de sistemas](#), para dois [ou mais] usos distintos. a prática, é claro, decidirá quem vai usar qual deles para quais fins...

alpha, no momento, é um sistema de informação baseado em cinco milhões de linhas de código escrito em mathematica e roda sobre algumas [poucas, pelo que se sabe] dezenas de milhares de cpus [contra muitas centenas de milhares, indo para milhões] de google. vamos ver no que vai dar. [eu vou ver a demo. encontro vocês lá.](#)

o blog, o conteúdo e o estilo

29.04.09

este blog, como quem passa por aqui vez por outra sabe, não tem paciência para usar a tecla “shift”. depois de ponto, nada de maiúsculas, por exemplo. e nomes próprios quase nunca ganham uma capital no princípio; daí que vez por outra brasil aparece com um “b” ao invés de “B”. questão de estilo, diriam uns, inclusive o autor. alguns outros, membros da patrulha ortográfica da língua portuguesa, ficam possessos: ao invés de ler o blog, que trata de tecnologias da informação e comunicação [TICs: algumas siglas aparecem em capitais] e seu impacto na sociedade, os patrulheiros se dirigem direto pros comentários e detonam o autor em gênero, número e grau.

pura perda de tempo: meu contrato com o terraMagazine [com “M” bem no meio] não me sujeita a um manual de estilo que o terra [e o magazine], por sinal, não publicou. escrevo o que quero, quase quando, e certamente como quero. quem quiser ler português perfeito, casto, última flor do lácio inculta e bela... deve procurar outro endereço, que é o que não falta na rede brasileira, com tantos e cultos autores publicando tanta coisa boa todo dia.

se o blog não tá nem aí pra [falta de] regras e pros comentários sobre seu relaxamento, o que é mesmo que este texto está fazendo aqui? ah, bem: [o texto de ontem era sobre alpha](#) [com ph mesmo...], a máquina de respostas da wolfram research; mas boa parte dos comentários [como sempre, quando um assunto qualquer chama atenção] era sobre a tecla “shift” [e não, deve-se observar, sobre “caixa-alta” ...]. como sempre, este tipo e nível de comentário não mereceria nenhuma resposta, mas aí a antonia berlotto, pelo fim da tarde, escreveu:

Silvio Meira:

Vou te fazer uma pergunta e quero resposta: Há mais de um ano quem entra aqui sabe que vc escreve com minúsculas; um direito seu, cada um escreve como quiser, ninguém é obrigado a ler. Entra quem quer, lê até o final quem quer. Quem não quer, ou não entra ou muda a página na primeira linha. Quem se move pra te escrever é movido por alguma coisa; ciúme, ódio, ressentimento... Quem entra e escreve comentário, um ano depois de vc escrever com minúsculas, é óbvio que é algum desafeto ou ex-namorada movido(a) por algo negativo, baixo, mesquinho. **A pergunta, portanto, é: porque você, que tem como mediar, não nos poupa dessas mediocridades** no seu ótimo, híper interessante blog. Porque eu tenho que ler aqui estas manifestações da miséria humana? Busco os comentários como complemento do debate, não há como saltá-los salvo uma linha depois -que faço- mas, por favor, nos poupe. **E responda-me.**

Comentário por Antonia Berlotto — 28.04.09 @ 18:13

como o comentário de antonia já está mesmo publicado, não pedi sua licença para copiá-lo aqui; é apenas a mesma coisa [do texto anterior](#), no seguinte. e a pergunta é importante e merece resposta: **por que este blog não media os comentários e deleta a irrelevância?...**

antonia, eu acho que a resposta é simples e tem duas razões básicas. primeiro, por **tolerância**: tá cheio de gente sem espaço para se expressar e os comentários, em qualquer blog que tenha um mínimo de audiência, são um lugar precioso. servem como terapia pra uma galera que passa aqui uma vez, desfia um rosário de impropérios contra o autor, vai embora e não volta nunca mais. o efeito desta turma é nulo, até porque não consegue organizar uma campanha pelo “bom” português na web, que tenha como ícone [por exemplo] a retirada deste blog do terraMagazine. até que seria interessante uma tentativa destas, pra gente ver no que ia dar.

a segunda razão é **educacional** e também tem a ver com tolerância: estamos em tempos de formação de novos mecanismos de expressão, incluindo a [re]criação da língua, da escrita e dela na rede. e isso não começou a acontecer na internet, [pois no latim antigo já se distinguiam o *sermo quotidianus* \[língua do dia-a-dia\], *sermo urbanus* \[citadina\], *sermo plebeius* \[popular, em oposição aos patrícios\]... ou seja, tantas línguas quantos fossem os grupos sociais, ocupações maiores, distribuição geográfica e por aí vai. a língua “ideal”, referendada pela academia, nunca passou de... um ideal.](#)

claro que este blog não está propondo uma revisão do português e o fim das maiúsculas. mas nada o impede de usar seu próprio estilo, e isto envolve uma certa tolerância, por parte de quem lê, pois tem que sair do seu modo usual de percepção de texto e varrer a página com mais atenção, pelo menos nas primeiras vezes. afinal de contas, onde foi mesmo que o autor colocou o ponto?...

talvez haja uma terceira razão, subliminar, que é afastar um certo tipo de audiência potencial: quem não tolera o estilo vem aqui uma vez, quase que por engano, esculhamba geral e, se tudo correr bem e [nossas preces](#) forem atendidas, não volta nunca mais. [amen](#).

curiosamente, boa parte das pessoas que reclama da ausência de maiúsculas não parece perceber que, no passado distante, o latim só tinha letras capitais e todas as palavras [em muitos contextos] eram separadas por um “ponto”. o estágio onde ainda temos pontos e maiúsculas talvez seja apenas um ponto intermediário no caminho das minúsculas sem nenhuma pontuação [ou acento]. já pensou? talvez não, mas não leve muito a sério, pois pode ser apenas outra provocação.

abaixo, [uma das mais antigas inscrições latinas de que se tem notícia](#) [séc. V a.c.?], encontrada no [lapis niger](#), em roma. pra quem gosta de maiúsculas, boa leitura. e até a próxima...



redes sociais corporativas

01.05.09

o [ITforum](#), maior encontro de gestores de TICs do Brasil, está rolando na praia do Forte, na Bahia, sob um sol abençoado... e foi lá que o blog esteve[ontem], a convite da vivo e telefônica, pra falar sobre inovação em tempos de crise. [veja um texto sobre o assunto aqui](#) e pegue os slides clicando na imagem abaixo.



entre uma palestra e outra, Roberta Prescott, da [ITweb](#), aproveitou pra conversar comigo sobre redes sociais corporativas. e a gente discutiu como as empresas podem criar e manter ambientes de relacionamento e aprendizado para [e/ou com] seus colaboradores, clientes, parceiros e fornecedores... usando redes sociais como infraestrutura para gestão de conhecimento. [o webcast tá bem aqui](#). vá ver.



fontes de informação: você acredita num blog?...

02.05.09

a [tns](#) saiu perguntando, pelo mundo afora [e excluiu o brasil, parte de RoW, *rest of the world*], em quem você confia quando o assunto é informação. [e-marketer reporta a boa notícia](#): fontes online, amigos, jornais e TV estão na mesma classe de equivalência, com cerca de 40% dos pesquisados achando que os quatro são fontes igualmente confiáveis.

Most Trusted* Media According to Internet Users in Select Countries in Canada and the US, 2008 (% of respondents)

	Canada	US
Recommendations by friends	46%	48%
Online news	42%	38%
Newspapers	44%	34%
TV news	43%	33%
Product comparison sites	26%	31%
Industry Websites/expert reviews	32%	29%
Company Websites	29%	27%
Industry magazines	30%	24%
Wikipedia	26%	23%
User forums/reviews	19%	20%
Company brochures	21%	18%
Free papers	22%	15%
Private blogs	7%	9%

*Note: *respondents who ranked the media an 8, 9 or 10 on a scale of 1-10 where 1="don't trust at all" and 10="trust completely"
Source: TNS Media Intelligence, "Digital World, Digital Life," provided to eMarketer, December 15, 2008*

103521

www.eMarketer.com

o “fontes online” exclui os blogs pessoais, como se vê na tabela acima, que tem os dados dos EUA e Canadá. menos de 1/4 de quem da fé ao noticiário online dá crédito, no mesmo grau, aos blogs pessoais. talvez não seja nenhuma surpresa, já que qualquer um, do nada e a custo zero, pode criar um blog, e danar-se a dizer tanta besteira quanto for seu tempo “livre”. o que implica em um certo custo de transação para que se estabeleça em quem, e porque, vale a pena confiar no universo dos blogs.

tempos atrás, este blog visitou este assunto em um texto [[quem matou a blogosfera](#)], e o resultado [nos comentários] foi um monte de blogueiros apopléticos, reclamando que não estavam mortos, que seu tráfego era isso-e-aquilo e coisa e tal. não estávamos sós, o blog ecoava nick carr, uma das fontes mais confiáveis e inteligentes da web:

mas... a blogosfera morreu e o artigo de nick carr começa... *[Blogging seems to have entered its midlife crisis, with much existential gnashing-of-teeth about the state and fate of a literary form that once seemed new and fresh and now seems familiar and tired...]* dizendo que os blogs, outrora inovadoras plataformas de expressão, estão enfrentando uma crise de meia-idade... e acaba dizendo que *[Who killed the blogosphere? No one did. Its death was natural, and foretold]* a blogosfera morreu de morte morrida; seu fim [como forma inovadora, revolucionária, massiva, de mídia] foi natural e previsível. e eu concordo.

a "mídia" [como o [terraMagazine](#)] entendeu o recado, descobriu que é bom [e dá audiência] ter textos soltos, leves, irresponsáveis até, em letras minúsculas, na hora em que querem entrar e sobre o que querem falar, sem editor, com a participação dos leitores, reclamando das minúsculas inclusive, dando opinião sobre tudo e todos, fora do contexto muitas vezes. a "mídia" demorou mas absorveu parte da anarquia da periferia e, ao trazê-la pra dentro de casa e reprocessá-la, continuou sendo, em boa medida, o mesmo centro que sempre foi. esta é a "morte" da blogosfera a que carr se refere. quer ver ou fazer algo de novo? [vá ver meu twitter](#) [e crie um pra você, talvez].

no fundo, como os dados da TNS mostram, nick carr está coberto de razão. blogs pessoais se tornam referência só e somente quando conseguem se estabelecer como fontes críticas – no sentido de crítica e auto-crítica- do universo informacional de que tratam. os blogs “familiares” ou de “amigos”, feitos para uns poucos interessados, ou os “sectários”, que são de interesse de pequenos “imbecis-coletivos”, grupos de pessoas com inteligência, cultura e atividade acima da média, que se reúnem e cooperam para se imbecilizarem mutuamente... não chegam, nunca, muito longe. fora de seu círculo, nunca terão credibilidade. simples assim. ficarão fechados nos seus pequenos universos de crença e interesse e sobreviver, neste caso, já será um ótimo resultado.

há exceções? sim: a TNS descobriu que, na china e na coréia do sul, os blogs pessoais têm duas vezes e meia mais relevância do que na média no resto do mundo.

Most Trusted* Media According to Internet Users in Select Countries in Asia-Pacific, 2008 (% of respondents)

	Australia	China	Japan	South Korea
TV news	33%	50%	45%	43%
Product comparison sites	25%	43%	35%	42%
Recommendations by friends	46%	56%	31%	39%
Online news	36%	47%	43%	37%
User forums/reviews	16%	43%	16%	37%
Newspapers	31%	49%	50%	37%
Industry Websites/expert reviews	28%	49%	20%	35%
Company Websites	23%	34%	33%	24%
Industry magazines	24%	41%	21%	24%
Private blogs	7%	24%	9%	22%
Free papers	20%	19%	17%	20%
Company brochures	19%	22%	25%	16%
Wikipedia	25%	26%	30%	10%

*Note: *respondents who ranked the media an 8, 9 or 10 on a scale of 1-10 where 1="don't trust at all" and 10="trust completely"*

Source: TNS Media Intelligence, "Digital World, Digital Life," provided to eMarketer, December 15, 2008

103520

www.eMarketer.com

como a pesquisa não é qualitativa, não se sabe ao certo porque estes dois países dão tanta reputação aos blogs pessoais. mas se pode imaginar que o caso da china deve ter alguma correlação com o fato do país ter uma das imprensas mais estatais e controladas [para dizer o mínimo] do planeta. qualquer arzinho, no ar, por lá, é um furacão e terá tanta audiência quanto. vai ver que a mesma coisa deve ser verdade em cuba, irã, arábia saudita e quetais. mas estes países também são RoW e a TNS não passou por lá.

quanto à coréia do sul, o resultado pode ter a ver com [OhMyNews](#), site de jornalismo cidadão criado em 2000 por oh yeon-ho, pra combater a imprensa extremamente conservadora e controlada do país. OhMyNews tem dezenas de milhares de colaboradores, [com auxílio de profissionais de primeira linha](#), e não tá pra brincadeira: a primeira entrevista do então presidente-eleito roh moo hyunin foi para OhMyNews e não pra "rede globo" de lá. na coréia do sul, OhMyNews tem status de blog coletivo... e isso faz com que o país, por causa dele e de um número de outros, tenha blogs em conta bem mais alta do que no resto do mundo civilizado.

e no brasil, o que você acha que acontece? para suas observações e críticas, estão abertos os espaços dos nossos comentários. vá lá e crie sua tese, ou deixe –e demonstre- suas evidências.

IRPF: hora de inovar, de novo

04.05.09



semana passada foi o fim da temporada do imposto de renda. o conjunto de infraestruturas e sistemas que permite [mais de 25 milhões](#) de brasileiros declararem, online, seu ajuste de contas com a receita é um dos [mais bem sucedidos exemplos mundiais](#) de governo eletrônico. só os mais velhos, que tinham que enfrentar [além das alíquotas] os formulários de papel e a fila, confusão e carimbos do sistema bancário sabe do que a gente tá falando.

e olhe que governo eletrônico não significa [o fim da burocracia](#). muito pelo contrário: se

quem está do lado de lá –o governo- se confundir, os do lado de cá –cidadãos, contribuintes, empresas- podem ter muito mais problemas do que tinham com o velho sistema papel-caneta-e-carimbo. neste aspecto, o brasil é campeão: o peso da nossa burocracia, nos negócios e na vida das pessoas, é [quase quatro vezes maior do que cingapura](#).

mas, no caso do IRPF, houve competência e sorte do lado do governo. declarar imposto de renda no brasil, hoje, é muito simples, mesmo com a parafernália de regras que temos por aqui. como não simplificaremos as regras, no médio prazo pelo menos, está na hora da receita federal inovar [de novo!] e simplificar, radicalmente, a declaração do imposto.

como? a receita bem que poderia disponibilizar, em seu site, o que ela acha que já sabe sobre nosso passado fiscal recente. de posse do cpf, do recibo da última declaração [fechada] e, caso se ache necessário, de uma assinatura eletrônica [não acho que precisa tanto...] a gente pegaria, no site, o formulário juntamente com os dados que a receita já reuniu, durante o ano, sobre nossa vida fiscal.

de posse desta pré-declaração, tudo o que faríamos seria concordar ou discordar da receita e acrescentar –se fosse o caso- coisas que, por um ou outro motivo, ela ainda não sabe [e vai, não se engane, saber, mais cedo ou mais tarde], ou não confere com o que fizemos. aí a nossa vida, e a da receita, iria ficar **muito** mais fácil.

é possível? sim. é difícil? não. enquanto o ano se desenrola, a receita já acumula dados de empregadores, empresas, profissionais liberais, todo tipo de negócios e pessoas. nestes dados, já estamos nós e nossas receitas e despesas. ainda por cima, não se muda de emprego todo ano, por exemplo; há uma chance muito boa de que o cnpj de sua principal fonte de renda, ano que vem, seja o mesma deste ano. da mesma forma, filhos não mudam de escola como de

camisa; não só a receita poderia deixar no meu arquivo o nome e o cnpj da escola das crianças, se não quisesse me dizer quanto ela acha que eu paguei à escola... mas ela sabe, ao fim do ano, quanto meu cpf transferiu para o cnpj da escola. e eu só teria, se ela me dissesse, que confirmar tal número. ou não.

o mesmo raciocínio vale para um sem número de situações. ninguém se separa e recasa todo ano, troca de médico, de carro, de casa... todo ano. ou seja, a vida das pessoas não sofre uma revolução fiscal em pouco tempo. e todas aquelas que passam por tal alteração caem, como não poderia deixar de ser, na malha fina do leão, até que provem o contrário.

uma parte dos dados, como o endereço, dependentes e bens, já fica armazenada na minha declaração anterior, que é importada para a declaração corrente. mas isso é muito pouco e meu risco é muito alto. quanta gente não perde seu disco, tem o laptop roubado, quantas situações de perda de dados podem ocorrer, entre uma e outra declaração?...mas a receita pode fazer mais, muito mais do que nos entregar, a cada fim de ano, um arquivo contendo o que ela acha que já sabe sobre nós.

pode estar na hora da receita prover, para quem quiser, um **IRPF online, como serviço**. e não só: em tal serviço, eu deveria poder acompanhar, à medida que passam os meses, como estão ficando meus acertos com o fisco. desta forma, a minha declaração de ajuste [que é o que entregamos na semana passada] seria só de ajuste mesmo, final. seria uma operação muito mais simples do que fazemos hoje, quando temos que entrar dezenas [pra quem tem pouca coisa a declarar] de documentos e passá-los todos pelo crivo do software da receita, em uns poucos dias.

ao mesmo tempo, construir a declaração de rendimentos e ajuste no correr do ano seria mais justo, mais democrático, mais eficiente, eficaz e prático para todos... menos para os sonegadores, que passariam a viver em um ambiente fiscalizado mais de perto e em tempo mais real.

parte deste ambiente, por sinal, está sendo construído no país inteiro, pela via de instrumentos como [notas fiscais eletrônicas](#), que acabam com os velhos blocos impressos, aumentam a confiabilidade da nota, a capacidade de fiscalização e diminuem as possibilidades de sonegação. em pouco tempo, todas as empresas terão que, necessariamente, emitir nota fiscal eletrônica. o que significa que, seja lá o que estivermos pagando, a receita [municipal, estadual e federal...] saberá. na hora. no menor detalhe, tipo big brother fiscal.

ora, diríamos eu e você: me contem fora dessa. mas não dá mais. estamos vivendo um processo antigo, continuado e cada vez mais intenso de virtualização da economia. pode haver cada vez mais dinheiro na rua; mas cada vez menos dinheiro circula usando sua representação clássica de papel-moeda. a moeda, que é um virtual, representante do poder de compra, está sendo virtualizada de vez: deixa de ser metal, papel e plástico e passa a ser informação, pura e simples, registro de transação em [muitos, de preferência] sistemas de informação espalhados pela economia.



a receita federal tem competências tecnológicas e humanas para fazer até mais do que se sugere aqui. muito mais. mas já seria muito bom se, na minha declaração de ajuste de 2010, eu e outros vinte e tantos milhões de brasileiros pudéssemos começar a partir do que ela já sabe sobre as nossas contas. tudo muito mais simples e objetivo, governo eletrônico para pagadores de imposto que recolhem [aqui] como os do primeiro mundo e merecem tratamento de primeira classe.

e a história, ou o plano, do IRPF “como serviço”, conferido, preenchido e corrigido online, durante o ano inteiro, todo dia que quiséssemos, poderia ficar para 2011. a receita **sabe** e **pode** fazer. é só querer. e tomara que queira.

os poderes públicos e seus gastos, na rede: muda o quê?

06.05.09

dia destes eu estava em um tribunal de contas de um estado, num debate sobre redes sociais. falávamos sobre fiscalização dos gastos públicos e um analista do tribunal, deste povo que cresceu na internet, sugeriu que, se cada tribunal, em cada estado, estivesse centrado em uma rede social, empoderando pessoas nas cidades sob sua jurisdição a contribuir para um acompanhamento mais efetivo dos gastos públicos, a ação institucional seria muito mais ágil e efetiva. pela simples razão de que, quando o desvio de verbas começa a ocorrer, em algum lugar perdido no interior de algum estado, todo mundo [lá] sabe o que está rolando, quem está roubando e para quem.

mas dois anos depois, quando as contas [a muito custo] são analisadas e os rombos detectados, é quase impossível recuperar o que foi perdido em leitos de hospitais, quilômetros de estradas e bancas em salas de aulas. e, pior, graças ao convolucionado sistema judicial brasileiro, ninguém vai preso, muito menos o prefeito dos tempos do roubo, que comprou uma deputância com o “apurado” e, graças ao mandato, tornou-se intocável.

ontem, em Brasília, a câmara federal, instituição em processo de extinção moral quase tão acelerado quanto os animais mais raros do planeta, [aprovou uma lei](#) que obriga os agentes responsáveis por verbas públicas, inclusive os nobres deputados, a níveis de execução orçamentária bem mais transparentes do que estamos acostumados. pelo novo termo legal, todos os poderes, em todos os níveis, estarão obrigados a divulgar seus gastos na internet, numa ampliação [aparentemente radical] do que já acontece com a demonstração de destino do orçamento federal pelo [portal da transparência](#).

o “transparência” não é feito menor para um país como o Brasil; uma consulta rápida, lá, revela que [taperoá, pb, já recebeu dos cofres federais, este ano](#), nada menos do que 2.713.987,90, detalhados [neste link](#). por aí, a gente sabe quanto dinheiro chegou em Taperoá; mas não consegue saber como, onde, com quem e com que resultados tais recursos foram gastos. vai ser muito interessante se as novas regras para acompanhamento de gastos públicos revelarem não só o que os nossos senadores e deputados andam fazendo com o imposto que recolhemos, mas o que anda rolando – e as evidências apontam para uma farra da mesma intensidade – pelo país afora, apesar da ação de tribunais de contas e ministérios públicos.

mas de pouco vai adiantar ter os gastos na rede se nós, que pagamos impostos, não nos interessarmos pelo que acontece com nosso dinheiro depois que ele entra nos cofres públicos como imposto. é preciso que a população se envolva em todos os níveis e cobre, dos agentes públicos, o retorno para seu investimento. e isso envolve, em um número muito grande de casos [tanto do ponto de vista de cidades e estados como de indivíduos] uma mudança radical de ponto de vista: a transformação do candidato a se apoderar dos recursos públicos em

benefício próprio, sob o manto da desinformação social, em cidadão responsável e preocupado com o bom destino do imposto que paga.

tal mudança tem nada ou pouco a ver com a disponibilidade das contas públicas na web... especialmente quando se leva em conta que, a exemplo do comportamento do “poder”, o país está cheio de gente reclamando de corrupção e dando bola para guarda de trânsito... como se isso fosse um mal menor.

a rede pode, sim, melhorar o grau de controle que a sociedade exerce sobre seus representantes nos três poderes. mas tecnologia nunca é solução, sozinha, para absolutamente nada: no caso dos gastos públicos, precisamos entendermo-nos, cada um e todos, como acionistas de uma sociedade e tomar providências para que passemos a nos tratar como tal e a nossos representantes e gestores não como nossos “senhores”, mas nossos “servidores”.

e mudar comportamento, em escala social, demanda um investimento continuado em educação por décadas a fio, inclusive e principalmente nos princípios éticos e morais que sustentam uma sociedade. em suma, a tecnologia, imposta pela nova lei, sozinha, não vai mudar nada. por outro lado, se muita gente se envolver no processo habilitado pela tecnologia... aí muda tudo. tomara.



banda estreita: brasileiros passam muito tempo na rede

07.05.09

toda vez que são publicados os dados sobre o uso da rede pelos brasileiros, o mesmo pensamento me assalta: será que passamos muito tempo na rede porque queremos realmente ficar lá... ou porque a rede, aqui, é tão lenta que nos obriga a ficar lá?...

a pergunta tem que ser feita porque, trocando o contexto pra trânsito e simplesmente olhando pras estatísticas de trânsito em são paulo, podemos chegar à conclusão que os paulistanos adoram engarrafamentos. pois bem: o megabit por segundo que compro na minha casa, em recife, quase nunca chega a 500kbps. implicação? trazer um vídeo para casa pode levar horas; se eu quiser mesmo ver a coisa “agora”, acabo esperando e fazendo outras coisas, enquanto o tal conteúdo não chega. e ver um vídeo em tempo real é quase sempre impossível.

os dados de março para a web brasileira acabam de ser publicados pelo [ibope/nielsen](#): mais de 38 milhões de pessoas tem banda “larga” em casa, contra uns 3 milhões que usam acesso discado. nossa média de tempo na rede, em março, foi de 26:15h, contra 25h do .UK e 24h do .FR e .DE. banda “larga”, pela definição, significa qualquer outra coisa que não “discada”. isso inclui meu megabit pela metade [no máximo] e coisas ainda mais lentas, às vezes na faixa de 128kbps.

não contem pra ninguém, [mas segundo a OECD](#), a velocidade média de download, no japão, é quase 94 megabit por segundo, na França e na Coreia do Sul, ao redor de 45mbps e, em Portugal, mais de 12mbps. no Brasil, a definição de banda larga tem que ser revisada para *nearly always connected* [ou NAO], ou seja, uma conexão que não é discada, mas é lenta e cai mais vez por outra do que gostaríamos.

pra gente ter uma idéia do que é a banda e larga do futuro bem próximo, a Virgin Media inglesa já começou os testes [em ambiente real, de uso] de [conexões a 200mbps](#), capazes de transmitir IPTV de alta definição e de prover serviços de informação para casas e negócios como se os processadores e armazenamento remotos estivessem na sala ao lado... ou melhor: a rede interna da minha casa é “só” de 100mbps.

agora responda... ao tentar entender as estatísticas de horas de uso de web, no Brasil, devemos concluir que ficamos muito tempo na rede porque **queremos** ou porque somos **obrigados**?...



uma olimpíada... de jogos educacionais online

10.05.09

numa palestra recente para um importante sistema nacional de ensino, meu primeiro slide era uma pergunta quase óbvia nos nossos dias:



será que
nossos alunos
fugiram
pra rede?

o segundo slide tinha a resposta, em uma única palavra, ocupando todo o gigantesco espaço de projeção no auditório:



sim

este é o estado da arte: em todo lugar, em todas as escolas, públicas e privadas, se os alunos tiverem, em casa ou na rua, a menor chance de estarem na rede e não na sala de aula, é online que iremos encontrá-los.

e não é sem motivo: a sala de aula ficou tão pra trás da realidade [virtual] em que vivemos que dá a impressão que só ficaremos lá se não houver nenhuma alternativa à disposição. pra completar, um grande número de iniciativas que deveria ajudar a reverter tal situação acaba levando pra rede uma filosofia, processos e métodos educacionais completamente desconectados do novo mundo, online, onde os alunos vivem. resultado? fracasso total.

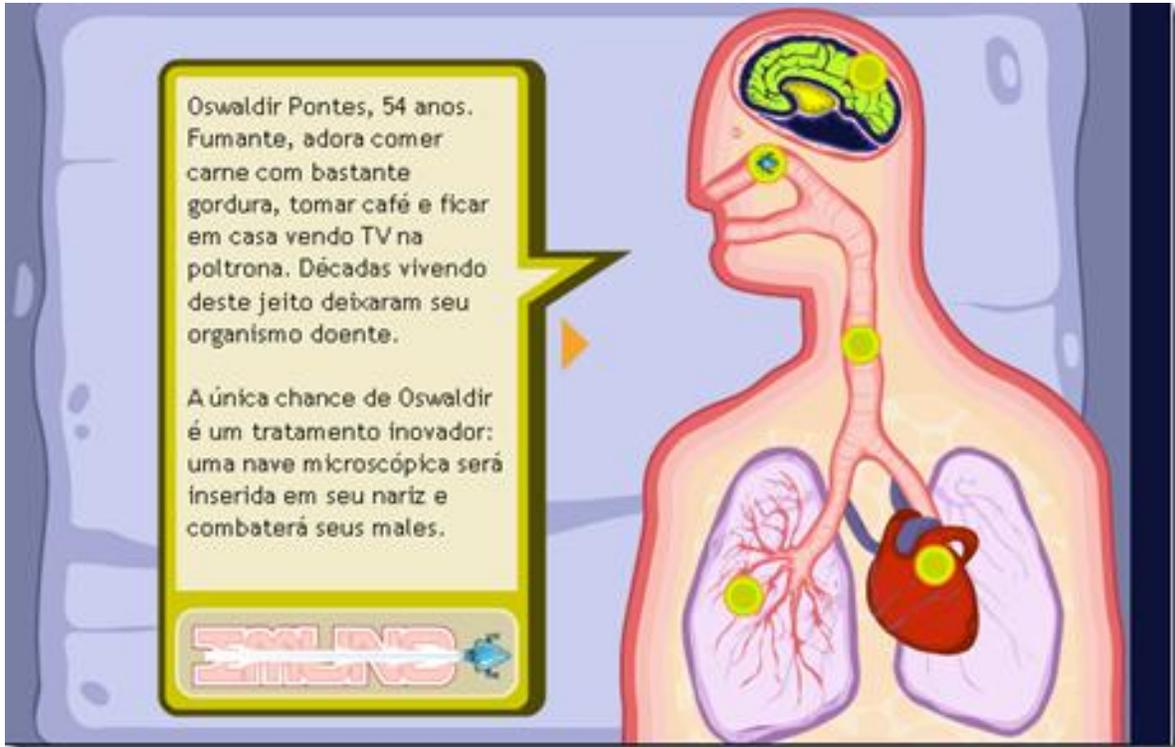
a pergunta da hora é: será que dá pra fazer alguma coisa, online, na escola ou na rede escolar, que atraia alunos e professores para uma experiência lúdica, educacional, sem a chatice que os alunos [principalmente] vêem nos métodos, digamos, clássicos de educação? dá sim. quer ver um exemplo?

o sistema de educação pública de pernambuco está promovendo uma iniciativa pioneira: uma [olimpíada de jogos educacionais](#), uma competição virtual entre [times de estudantes que, apoiados por professores, irão desenvolver um trabalho colaborativo, criando estratégias de jogo e se articulando em atividades de resolução de problemas... participando de uma aventura virtual que levará as melhores equipes a uma competição final concorrendo a prêmios especiais vinculados à cultura digital.](#)



a [olimpíada de jogos educacionais](#) [OJE] é uma maratona de jogos online entre equipes [de seis a dez alunos] de escolas estaduais do ensino fundamental [oitava e nona séries] e médio, onde a diversão “esconde” o aprendizado e, além da motivação educacional, há prêmios para os vencedores. pense: jogue, se divirta, aprenda, apareça, forme rede com seus colegas e ainda ganhe um laptop. não tô nem tão velho assim, mas às vezes fico pensando porque é mesmo que não estou nascendo agora...

um dos jogos da OJE [serão doze, este ano] é **imuno** [veja a tela de entrada na imagem abaixo], onde você comanda uma nave que tenta salvar osvaldyr pontes, cuja vida não é lá muito saudável: nosso anti-herói é fumante, come muita gordura, não pratica exercícios, sofre de bronquite crônica e tem alto risco de ataque cardíaco...



imuno explora biologia, anatomia, imunologia, educação alimentar e comportamento. e é divertido. jogar em time é ainda mais divertido: todos constroem, juntos, a estratégia, os mais habilidosos jogam de fato [e ensinam os outros a jogar], o professor tira as dúvidas e ajuda o time. pena que não dá –ainda- pra você jogar; no momento, apenas os alunos pernambucanos inscritos na OJE vão ter acesso aos jogos da competição.

um outro jogo online da OJE é **machina** [tela do jogo na imagem abaixo], que explora, ao mesmo tempo, princípios de história, geografia e física clássica. pegue uma nave e vá atrás de objetos históricos numa escavação em algum lugar do planeta. e gaste pouco combustível e tempo, pois sua eficácia e eficiência são o que vão levar seu time para o topo da tabela da competição. não é você contra o jogo [[veja o regulamento aqui](#)]: é você e seu time, no jogo, contra todos os outros muitos times. isso pega, pode crer.



ainda estamos a cinco dias do fim das inscrições e mais de 2.200 times, de 337 escolas em 120 das 186 cidades de pernambuco já estão inscritos, atingindo quase 15.000 alunos da rede estadual. e esta é só a primeira rodada; a depender dos resultados e do marketing real e viral desta edição, podemos ter dez vezes mais alunos na OJE de 2010 em pernambuco, 150.000 de um total de 800.000 alunos.

a OJE é uma iniciativa da secretaria de educação do estado, que não está tendo medo de arriscar, cair na rede e tentar atrair a atenção dos alunos para processos de aprendizado que, queiramos ou não, serão cada vez mais digitais e em rede. a secretaria articulou o desenvolvimento e execução da OJE com o [porto digital](#), arranjo produtivo local de TICs de pernambuco, situado no bairro do recife antigo, envolvendo uma rede empresas de jogos digitais, acrescida do [cesar.edu](#) [especialista em conteúdo e processos educacionais], fazendo com que os conceitos e capacidades locais em educação para o futuro e games contribuam para a melhoria do sistema educacional do estado.

mas não só: a iniciativa está sendo essencial para o aumento das competências técnicas e negociais locais em soluções, processos e jogos educacionais, e pelo menos um outro estado da federação e um grupo de escolas privadas já está interessado em ter uma OJE para seus alunos e professores. tomara. os alunos, tenho certeza, vão agradecer.

informática: SBC debate a regulamentação das profissões

12.05.09

debate na revista eletrônica horizontes, da sociedade brasileira de computação [SBC], sobre a regulamentação [ou não] das profissões de informática.

CONTRA A REGULAMENTAÇÃO, ricardo anido, professor da unicamp e diretor de relações profissionais da sbc [**negrito** nosso]:

*...A restrição do exercício da profissão na área de Informática a detentores de diplomas de alguns cursos não condiz com a realidade, nem no Brasil nem no exterior. **Em nenhum país com economia avançada essa restrição existe: Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha, Japão, Itália, Canadá, por exemplo, não restringem a atuação de profissionais da área. Nossos concorrentes diretos na busca por atração de oportunidades na área de informática, em especial Índia, China, Irlanda e Rússia, também não colocam qualquer restrição à atuação na área. Se a profissão fosse regulamentada na Suíça, Tim Berners-Lee não teria inventado e implementado a primeira versão da World Wide Web, já que ele tem um diploma de Física. Raymond Samuel Tomlinson, com diploma de Engenharia Elétrica, fosse a profissão regulamentada nos EUA, não teria construído o primeiro sistema de correio eletrônico. Bill Gates, primeiro programador e fundador da Microsoft, não terminou seu curso de graduação em Harvard e não poderia ter trabalhado na área e iniciado a maior empresa de software do mundo.***

desde sua fundação, a SBC tem lutado contra a regulamentação das profissões [e não da profissão, pois as profissões de informática são dezenas...] de informática. este combate tem tido sucesso até agora, mas um novo alinhamento de forças, no ambiente legislativo, ameaça restringir a atuação, na área, apenas aos diplomados por algum curso “da área”, registrados em um conselho profissional idem. por trás dos panos, há uma intensa atividade de fábricas de diplomas [que tem vagas, mas não alunos] e virtuais donos de conselhos regionais e federais, interessados nas anuidades dos seus futuros tutelados.

A FAVOR da regulamentação, antônio neto, presidente do sindicato dos trabalhadores em processamento de dados de são paulo [**negrito** nosso]:

*...E o Bill Gates? Todos os modelos de regulamentação que temos proposto pressupõem a exigência de capacidade técnica comprovada apenas para os gerentes, líderes e/ou responsáveis pelo projeto. Pelo que nos consta, Bill Gates jamais foi o responsável (nem o principal executivo da empresa ele era) pelos seus projetos, e se fosse poderia contratar um gerente credenciado e continuar trabalhando normalmente. **E os geniozinhos não seriam, em hipótese alguma, excluídos do mercado. Eles seriam,***

como qualquer pessoa de juízo e bom senso iria exigir, supervisionados por alguém que tivesse noções multidisciplinares e que colocasse ordem na casa. E não poderia fazer qualquer coisa que lhe desse na telha, sem a menor responsabilidade, como, com certeza, todos nós gostaríamos que acontecesse no desenvolvimento de algo que afetasse nossa saúde, segurança, dinheiro, governo, etc.

este blog apóia em gênero, número e grau a posição CONTRA A REGULAMENTAÇÃO promovida pela SBC desde o princípio dos tempos; não é porque o país é cartorial e tem suas relações de profissão, trabalho e emprego ainda no séc. XVIII que nós todos temos que cair no fosso comum e suicidar nosso futuro em nome de um carimbo, um conselho e uma “profissão” como tantas outras que só existem, hoje, só porque são “regulamentadas”.

além do mais, ninguém com mais de dois neurônios quer ser tutelado por qualquer outro alguém que bote “ordem na casa” e, por uma módica quantia, assinaturas nos projetos, como no sistema bisonho-cartorial de profissões regulamentadas que temos hoje em pindorama.

regular as profissões de informática –se pegasse- teria todo tipo de efeito colateral, afetando inclusive o desenvolvimento de software livre, uma das mais criativas –e desordenadas- atividades do setor de software... que tem o apoio, em gênero, número e grau, de países emergentes como o brasil. segundo ricardo anido [**negrito** nosso]...

*...E como ficaria o movimento de software livre? O desenvolvimento de software de forma cooperativa e distribuída é um dos exemplos mais interessantes e bem sucedidos do uso da tecnologia da Internet para o bem da sociedade. Pessoas com interesses comuns e conhecimento de programação têm desenvolvido soluções avançadas de software, de alta qualidade, que são utilizadas gratuitamente, tanto por empresas, governos ou indivíduos. Através de mecanismos às vezes complexos de revisão para garantia de qualidade, a comunidade de software livre consegue permitir que qualquer pessoa contribua no desenvolvimento dos aplicativos. **As contribuições são aceitas considerando exclusivamente a qualidade do código produzido, não importando a nacionalidade, formação escolar ou profissão do contribuinte. Muitos médicos, engenheiros, músicos, físicos, biólogos, dentistas, matemáticos e outros profissionais participam ativamente do desenvolvimento de software livre, com o conhecimento em programação adquirido de forma auto-didata.***

pra terminar, anido, em nome da SBC, diz que [**negrito** nosso]...

*...A SBC entende que, para proteger os trabalhadores da área de informática, e lutar por melhores salários e condições de trabalho, **o único caminho é fortalecer os sindicatos e as associações de classe. A proteção artificial que uma regulamentação da profissão baseada na exigência de diploma fornece aos trabalhadores da área de informática, pela restrição à atuação de profissionais competentes que não têm diploma, ou têm diploma em outra especialidade, é prejudicial à sociedade como um todo, além de fazer o país rapidamente perder competitividade, com grande prejuízo para as***

empresas, fechando um círculo vicioso que acabaria por diminuir o número de postos de trabalho na área de informática.

[vá, você mesmo, ler a discussão na íntegra](#). você, eu, nós e nossos representantes no congresso é que vão decidir. tomara, para o brasil e para os brasileiros que trabalham em informática, que –pelo menos neste caso- vença o *status quo*... pois a atual desregulamentação das profissões de informática é uma das poucas atualidades do nosso regime profissional e trabalhista, de resto um arcabouço merecedor de uma completa e radical reescritura, porque fonte de todo tipo de ineficiências e responsável por uma parte considerável do que se costuma chamar de custo brasil.

e tem mais: há uma campanha em andamento para regulamentar uma porrada de outras profissões, incluindo *design* e *dee-jaying*. **já imaginou?** nem botar um som num bailinho você vai poder mais; para isso, será necessário uma graduação em animação & baladas, incluindo, na grade curricular, cadeiras como *o lugar e o tempo do funk na noite carioca* e *lounge & debussy: uma estética lenta e suave para inaugurações e fins de festa*.

e não só: o conselho federal de *dee-jaying* ordenará que só poderá tocar um certo tipo de música quem já tiver pago as cadeiras correspondentes e, claro, pago a anuidade. para garantir o mais estrito cumprimento das regras, será criada uma patrulha musical, responsável por investigar feijoadas, churrascos, buchadas, festas infantis, bares, restaurantes, casas noturnas e garantir que todo mundo perto de um *pick-up* é diplomado em curso reconhecido e tem sua carteirinha em dia. claro que o DJ só vai estar tocando o que o conselho autorizar para cada nível de formação e contexto.

pra garantir a ordem na casa, multas de todos os tipos e tamanhos serão lavradas contra os estabelecimentos que não cumprirem as regras [e não contra os supostos DJs, note bem], como forma de coagir a sociedade a acatar a supervisão dos responsáveis pela nossa diversão. botar um CD, ligar um iPod no amplificador ou sintonizar uma estação qualquer e deixar o som rolar, em lugares com mais de 50 pessoas, será terminantemente proibido e o conselho, para garantir o leite das crianças de quem investiu em uma graduação em *dee-jaying*, passará uma lei federal obrigando tais ambientes a ter um DJ permanente em sua folha, registrado e em dia com suas obrigações profissionais... *vade retro*.

parece exagero? volte pra informática, reescreva o exemplo dos DJs no contexto de software e programadores [por exemplo] e vai parecer com o que teremos rolando por aí se as profissões de informática forem mesmo regulamentadas. afinal de contas, uma profissão regulamentada é um monopólio... e os “donos” dos monopólios, como mostra a história universal, acabam querendo, sempre, dominar o mundo.

[pirataria \[digital\] chega à literatura \[de uma vez por todas\]](#)

13.05.09

que o suporte físico para áudio e vídeo está com os dias contados, não é novidade pra ninguém. a mudança do suporte físico [analógico] para o virtual [em rede, digital] desestruturou uma indústria secular, que havia começado com o gramophone da vovó. em alguns anos, a velha indústria de áudio e vídeo será só história, nada mais.

a pergunta que temos que fazer, agora, é: [será que chegou a vez da mesma transição na literatura?](#) até agora, o suporte físico clássico dos livros, o papel, vinha resistindo bravamente. livros tem um tempo de vida longo, as pessoas carregam de um para outro lugar, leem na cama, no avião e nas praças, emprestam, armazenam em bibliotecas, trocam, vendem pros sebos, enfim, existe uma longa história de uso pessoal e social do livro. os jornais e as revistas, bem... os jornais estão passando desta para a melhor. [apanham até do twitter: twitter.com](#) tinha 19,4 milhões de usuários no final de abril, [nytimes.com](#) tinha 15,5M e [wsj.com](#) estava ali

pelos 12,2M. os jornais que não viraram portais parece que, também, já viraram história.

mas agora pense, no caso dos livros: e o [sony reader](#)? e o [amazon kindle dx](#) [imagem acima], que vem com qualidade “jornal”, tela de quase 10 polegadas, bateria para dias de leitura sem recarga e memória para carregar 3.500 textos, ou quase todos os livros que você leria na vida?... já existem 275.000 livros disponíveis para o kindle, e o número cresce todo dia.





e isso não vai ficar por aí: o kindle ainda é P&B, meros 16 níveis de cinza, mas a philips está para lançar –em escala industrial- um [“papel eletrônico” colorido](#) [imagem ao lado] que vai, de novo e muito em breve, mudar as regras do jogo. o *e-paper* da companhia holandesa tem um brilho três vezes maior do que os atuais monitores de LCD e pode representar, também, o apagar das luzes desta tecnologia, ainda mais porque seu consumo de energia é muito menor.

como se não bastasse, o que dizer dos serviços online de compartilhamento de documentos, como [slideshare.net](#), [wattpad.com](#) e [scribd.com](#)? cada um destes é uma plataforma de gestão de ciclo de vida de informação digital –conteúdo- que começa a ter um efeito cada vez mais global na disseminação de literatura digital, não necessariamente obedecendo os termos do *copyright* impresso [ou codificado] no material, digamos, original.

aí, então, você pode achar, na rede, o “livro proibido” de roberto carlos, a biografia do rei, muito bem pesquisada e escrita por paulo César de Araújo, que foi confiscada das livrarias por ordem judicial. [no scribd.com, ela está neste link](#). quando tirarem de lá, vai estar noutro. só no [scribd.com](#), há dezenas de links com a biografia “proibida”.

o caso da biografia do rei acentua um duplo problema: primeiro, o “livro” está na rede, compartilhado [pirateado?] muito provavelmente sem licença do autor e da editora; depois, descumpre-se uma decisão judicial que retirou a obra de circulação. os leitores agradecem, pois se trata uma obra de primeira, que consegui comprar antes da proibição, mas todo o resto do sistema de suporte literário, inclusive o aparato legal atual, vai pro espaço.



passado o calor da discussão sobre digitalização, rede, áudio e vídeo, é bem possível que o kindle dx, o *e-paper* colorido, flexível, de alta resolução e brilho, e os serviços de

compartilhamento de “livros” e documentos sejam o começo do fim do que conhecemos como a indústria do livro.

e eu tô me inscrevendo na fila pra comprar uma coisa do tipo “kindle” colorido, de alta resolução, em rede, assim que for lançado no brasil. tomara que seja logo. minha coluna, cansada de carregar livros de papel por aí, vai agradecer. muito.



precisamos de uma lei de imprensa. pros blogs, também?

16.05.09

josé paulo cavalcanti filho, 60, é advogado em recife e um dos mais importantes juristas brasileiros. josé paulo tem uma longa história de contribuições ao país e tem se preocupado, há muito, com o arcabouço negocial e legal para a mídia. recentemente, presidiu do conselho de comunicação social do congresso nacional e, atualmente, é membro do conselho da tv brasil. josé paulo escreveu um texto primoroso [[publicado originalmente na folha de são paulo](#)] sobre o “fim” da lei de imprensa no brasil; e o “fim” de qualquer coisa que, mesmo remotamente, estava ligada à ditadura militar é sempre saudado, por aqui, como uma grande –mais uma- vitória da democracia e da modernidade.

pois bem: josé paulo não está, exatamente, comemorando. reproduzimos, abaixo, o texto [*ipsis litteris*, e não o editado e publicado no jornal] “por uma lei de imprensa” ao que se seguem duas perguntas que fizemos a josé paulo sobre o que isso –uma nova lei de imprensa- teria a ver com a internet, seu conteúdo e os blogs. leia, reflita. o futuro da informação em rede passará, daqui a algum tempo, por essa discussão.

POR UMA LEI DE IMPRENSA

Dos 191 países da ONU, só um não tem Lei de Imprensa. O Brasil. Alguma coisa está errada, nesses números. Claro que sofremos, por tempo demais, com a pior Lei de Imprensa do planeta. Mas, pior mesmo, é não ter lei nenhuma. Os jornais dizem que Inglaterra e Estados Unidos também não têm, só que são realidades diferentes. Não apenas por serem países da Common Law, que dão mais valor à jurisprudência; mas sobretudo por não haver lá, sobre o tema, o vazio que agora passamos a ver por aqui. Inglaterra tem um Código de Ética jornalística desde 1938; e a House of Commons, por conta do (Henri) Calcut Report, aprovou um Código de procedimentos para a Press Complaints Commission que vem sendo consensualmente cumprido. Nos Estados Unidos, ao lado da Libel Law do Código Penal Federal, temos vasto conjunto de regras espalhadas em diferentes normativas. O australiano Rupert Murdoch por exemplo, quando quis entrar naquele mercado, teve que se naturalizar americano por exigência dos memoranduns da FCC. Sem contar que, contra todas as tradições, o Congresso chegou a discutir, dez anos atrás, a adoção de algo como uma Lei de Imprensa, em um Libel Reform Act elaborado pelos Annenberg Institute.

De parte essa observação estatística, cumpre ver quem ganha e quem perde, com essa decisão do STF revogando nossa Lei de Imprensa. Jornalistas com certeza perdem. Uma lei de Imprensa democrática lhes garantiria direitos fundamentais, como a “cláusula de consciência” – com a qual poderiam não assinar matérias contra suas crenças ou ideologias, sem ser demitidos por isso; teriam direito à “exceção da verdade” – que os protegeria de processos; ou, dado exercer o ofício de emitir opiniões, teriam tratamento penal diferenciado – em que a pena de privação da liberdade restaria limitada à

reiteração de práticas eticamente reprováveis. Jornais também perdem. Uma lei democrática levaria a que fossem processados apenas onde tenham suas sedes ou sucursais – evitando o que hoje ocorre com a Folha de São Paulo, respondendo a processos dos filiados da Igreja Universal em mais de uma centena de fóruns. E não podem se aproveitar dos benefícios da “retificação espontânea da notícia” – usualmente deferida, nas legislações, com um estímulo a que os próprios jornais expressem a verdade dos fatos, independentemente do direito de resposta – evitando, assim, condenações por indenizações.

Por fim, e sobretudo, perdemos nós cidadãos. Que os jornais relutarão em dar notícias com receio de processos, em casos de oposição entre o direito à informação e o direito à privacidade – quando, segundo as leis de imprensa dos países culturalmente maduros, esses conflitos se resolvem “em favor do interesse coletivo da informação”. Também não haverá obrigatoriedade na identificação de matéria paga, protegendo o leitor. Nem vasto conjunto de exigências do direito de resposta – entre os quais o da gratuidade. À falta de uma legislação específica, sobre esse direito a resposta, vamos sofrer nas ações perante juízes que relutarão em aplicar um direito que, embora formalmente assegurado pela Constituição (art. 5º, V), claramente só ganhará efetividade com a regulamentação que agora deixa de existir. O exemplo dos Estados Unidos, neste caso, não nos serve. Lá, mesmo constando em legislações estaduais, o direito de resposta foi declarado ilegal pela Suprema Corte (em 1974), no case Miami Herald x Tornillo – por ofensa à Primeira Emenda; e, não obstante, os jornais usualmente o concedem, para evitar os riscos de ser condenados em processos com indenização quase sempre severas – como nos case Leonard Ross x N.Y. Times, 5; Richard Sprague x Philadelphia Inquirer, 34; Houston Management x Wall Street Journal, 232 milhões de dólares.

A decisão do Supremo, dadas tantas evidências, permite duas visões. Uma otimista, que se extrai do voto do Ministro Ricardo Lewandowski – segundo o qual esse fato deve servir de estímulo a que o Congresso Nacional aprove uma nova Lei, em substituição à agora revogada. Outra pessimista, que se vê nos discursos aligeirados, ufanistas e lamentavelmente equivocados, segundo os quais a decisão aprimora a democracia brasileira – como uma promessa negra de que tudo vai ficar como está. Seja como for, incorrigíveis otimistas, os brasileiros rogam ao Congresso, o mais rápido possível, a edição de uma nova Lei de Imprensa verdadeiramente democrática. Que garanta o máximo de liberdade na informação, sagrado direito de todos e cada um; mas que também garanta o máximo de responsabilidade, no exercício dessa liberdade.

silvio meira: um "blog", que é um "diário" publicado online, estava no escopo da lei de imprensa? e o "blogueiro"? e qual a diferença, se é que havia ou há alguma, entre um blogueiro independente, que usa ferramentas abertas para publicar seu textos, e um blogueiro que os publica em um "veículo de mídia virtual", como o TERRA MAGAZINE?

josé paulo cavalcanti filho: O “blog”, e a própria internet, não estão no projeto de Lei de Imprensa porque não devem estar em um projeto de Lei de Imprensa. Ao menos por agora. Mas valem, no caso, duas observações. Primeiro, para dizer que textos ou ditos de autoria certa – em “blogs”, jornais ou botequins – já estão sujeitos às penas dos delitos de opinião, no Código

Penal. Só para lembrar, calúnia (imputar fato definido como crime), injúria (ofender a dignidade do cidadão) e difamação (atingir a reputação). Nesse caso, o blogueiro que você denomina “independente” acaba tendo a vantagem de não poder ser encontrado. Nem processado.

Também para compreender que, em algum momento, a internet vai ter que ser regulada. Tem sido sempre assim, em situações semelhantes. O comércio internacional, até começos do século 20, sofria com práticas diferenciadas em cada país. Os argumentos contra uma regulação, em sua matriz, não diferem muito dos que são ardorosamente defendidos pelos que sustentam uma internet “livre”. Então, se dizia que essa regulação feria de morte a independência dos países, sua própria soberania. Como se diz, hoje, que a liberdade é o núcleo fundamental e redentor da internet, algo em que repousa sua como que “soberania”.

Apesar disso, em 1930, os países acabaram unificando essas práticas na Convenção de Genebra, que deu um tratamento uniforme aos títulos de crédito; passando cheque e nota promissória, em todo o planeta, a ter o mesmo tratamento. Um fato épico, para nós, porque ali afinal se reconheceu, sem contestação e pela primeira vez na história, a única contribuição verdadeiramente original, do Brasil, à humanidade – a duplicata mercantil. Com a internet, acontecerá inevitavelmente o mesmo. Que os países, acabarão inevitavelmente, por se reunir e fazer uma “Convenção de Genebra” para internet e meios afins.

SM: se vier a haver uma nova lei de "imprensa", que tratamento deveria, em sua opinião, ser dado à mídia na internet e aos BLOGs, independentes ou não?

JP: *Há dois grupos de situações. Aquelas opiniões com materialidade comprovável, já estão naturalmente em uma Lei de Imprensa – ainda que sem destinação específica para a mídia da internet; por certamente fazerem parte, esses instrumentos – blogs, terras, uols e afins –, do conceito genérico de meios de comunicação.*

Problema é como tratar a massa das opiniões incomprováveis. “Independentes”, assim se diz. Até porque, segundo um argumento recorrente, a regulação restaria ineficaz – no tanto em que a fonte da opinião pode estar aqui ou, indiferentemente, na Bósnia. Ocorre que, em todos os casos, há sempre um provedor; e penso que, por aí, se dará a regulação. Em algum momento, alguma autoridade internacional, que vier de ser criada, estabelecerá requisitos para ser provedor de acesso, exigindo mínimos de idoneidade e recursos econômicos capazes de fazer com que responda por excessos de seus usuários.

Quando? Algum dia, quando for verdadeiramente necessário que isso ocorra. Em algum momento, ainda impreciso no tempo; mais tarde do que desejariam os que querem logo essa regulação; e mais cedo do que aspiram aqueles que lutam por uma internet inteiramente livre. Acabar com os paraísos fiscais, por exemplo, é bem simples. Basta que Estados Unidos, Japão e Comunidade Européia estabeleçam um prazo a partir do qual não admitirão, em suas transações econômicas, recursos sem origem comprovada. Agora, com a crise mundial, afinal se discute isso; e, já sabemos, no futuro não haverá isso. Talvez agora, o que seria bom. Ou mais tarde. Seja como for, algo assim vai também acontecer com a internet.

Apesar de tudo, alguns de nós estarão sempre insatisfeitos. Os que querem uma realidade melhor, e mais rapidamente, para aproveitar enquanto estão vivos. A estes se diga que a imperfeição é companheira inseparável da natureza humana. Ou que pressa, e história, nem sempre andam juntas. Mas também se diga que o mundo se move por conta desses insatisfeitos; dos que aspiram, contra todas as evidências e todas as angústias, que ele um dia seja melhor. E mais bonito.



barra pesada: celular na cadeia aumenta sentença em 60 anos...

18.05.09

...nos estados unidos. no texas, pra ser mais exato. um júri de sete mulheres e cinco homens, presidido pela juíza deborah oakes evans, condenou derrick ross a sessenta anos adicionais de sol quadrado por portar, em uma instituição prisional, um item proibido, que vinha a ser um telefone celular.

[a notícia é do palestine herald-press](#), de palestine, tx, que explica ainda que ross, ao ver os guardas se aproximando, saiu em disparada e jogou o objeto no telhado do presídio, antes de se entregar. mas era tarde: evidência à mão, o júri só gastou 30 minutos pra decidir que o promotor allyson mitchel estava com a razão. segundo mitchell, *"...the jury's verdict will send a message to inmates that still have cell phones and the visitors and unethical officers that provide them cell phones... The message is that the citizens... take this charge seriously and are not afraid to send someone to prison for a long time for violating this law."*

ou seja: a promotoria entende que a sentença vai enviar uma mensagem muito clara a quem tem telefone nos presídios texanos e a quem os fornece aos presidiários: os cidadãos consideraram este um crime sério e não têm medo de aplicar sentenças muito severas para tal tipo de ofensa.



enquanto isso, no brasil... [até pombos-correio são usados](#) para entregar chips e celulares dentro das prisões. e o que é feito sobre isso? punições para quem usa celular na cadeia [passou pelo senado em março de 2007](#) e foi transformado em lei, a de número 11.466, de 28 de março daquele ano.

[na lei](#), a mensagem que estamos mandando ao agente público que deixar... *de cumprir seu dever de vedar ao preso o acesso a aparelho telefônico, de rádio ou similar, que permita a comunicação com outros presos ou com o ambiente externo* é que ele, se condenado, sofrerá... *detenção, de 3 (três) meses a 1 (um) ano*. isso para o funcionário público encarregado de garantir que presos devem se comportar como presos. não se ouviu falar de qualquer processo até agora.

e os presos? [segundo a lei de execuções penais](#), quem for pego com um celular pode, no máximo, ser incluído no regime disciplinar diferenciado. e isso não agrega um dia a mais de pena a quem estiver, no celular e possivelmente na internet móvel, traficando drogas, comprando armas ou combinando assassinatos, em rede, de sua cela, em qualquer prisão do país.

[o software \[meio bêbado?\] dos bafômetros](#)

19.05.09

quando se trata de motoristas alcoolizados, o brasil tem uma das mais radicais legislações do planeta. em algumas cidades, [como recife](#), verdadeiros cercos noturnos estão sendo realizados, à cata de qualquer um que tenha bebido uma taça de vinho que seja. e não deve ser para menos: as dezenas de milhares de mortes por ano, no trânsito brasileiro, têm muito a ver com pé na tábua e álcool no sangue.



descontadas todas as desculpas, inclusive as de quem acha que meia garrafa de vinho nem se leva em conta como álcool, na prática, no chile, argentina, França e Itália, e nem por isso, por lá, morre tanta gente no trânsito... o caso brasileiro talvez seja grave o suficiente pra gente radicalizar e depois, quem sabe, voltar atrás.

bem no centro da guerra contra o álcool na direção estão os bafômetros, aqueles instrumentos “de precisão” capazes de medir o teor de álcool no seu sangue em duas casas decimais. mesmo?

pois bem. um número de casos, nos estados unidos, está pondo em séria dúvida a capacidade dos *breathalyzers* [como são chamados os bafômetros por lá] realmente decidirem quem passou da conta ou não. no caso de uma das marcas de bafômetros, a dräger, [uma revisão sistemática do software usado no aparelho detectou falhas](#) que podem por em sério risco a validade dos diagnósticos do mesmo. [segundo especialistas independentes](#), o software do bafômetro modelo 7110 da dräger... *[shows ample evidence of incomplete design, incomplete verification of design, and incomplete “white box” and “black box” testing]*... tem claras evidências de incompletude de projeto, verificação de projeto e de incompletude de testes. o bafômetro 7110 da dräger [teria mais de dez falhas](#) que comprometeriam, de forma radical, o resultado das análises feitas com o equipamento.

a dräger pode acabar tendo que devolver US\$7M que o estado de new jersey gastou em seus bafômetros, e o [estado pode ter que compensar](#) em muitos milhões a mais as pessoas que

condenou a penas diversas, baseado em evidências produzidas [literalmente] pelo bafômetro. isso se o judiciário de lá levar em conta as análises de software que ele mesmo solicitou.

e não é o caso de um único fabricante ter problemas: em minnesota, a [CMI está toda enrolada com seu modelo intoxilyzer 5000 en](#), cujo software não quer submeter a uma análise independente para certificar se a coisa funciona como deveria e, se não, em que condições dá pau.

resumo? este é um caso bastante claro em que membros da sociedade podem incorrer em graves penalidades decididas, na prática, por um programa de computador. no brasil, [se o bafômetro do policial à sua frente mostrar mais de 0,2g/l de álcool no sangue](#), você está em dificuldades. se a discussão que está rolando nos EUA tiver fundamento, deveríamos exigir uma verificação ampla, pública e transparente, ou de ampla aceitação pública, da funcionalidade e qualidade do software que é, de fato, o bafômetro, para melhorar as garantias de que não estamos sendo analisados por software defeituoso.

e isso é só parte do problema: hoje, é o software do bafômetro. amanhã, pode ser software em muitas outras coisas, tomando decisões sobre se você pode ou não trabalhar, ir ao parque, à escola, votar, procriar e por aí vai. eu e vocês todos vivemos em um mundo cada vez mais instrumentado por software; mas não é por isso que devemos, todos e pura e simplesmente, nos render a ele como se fosse um novo deus todo-poderoso. pois não é. e não deveria chegar a ser, nunca.

falando nisso, quais são as marcas dos bafômetros sendo utilizados no brasil e por quais testes, verificações e validações amplas, gerais e irrestritas eles passaram, em que condições? quantos dräger e CMI [além de outros com os mesmo tipos de problemas] estão nas ruas, por aqui?...



[hélío costa: jovens, vejam mais TV!...](#)

20.05.09

o ministro hélío costa resolveu disparar todas as baterias a favor da TV e rádio, meios de comunicação que tiveram seu auge entre o fim da segunda guerra mundial e a queda do muro de berlim.



[segundo o ministro...](#) ***Essa juventude tem que parar de só ficar pendurada na internet. Tem que assistir mais rádio e televisão. O setor de comunicação fatura R\$ 110 bilhões por ano. Desse total, somente R\$ 1 bilhão é do rádio e R\$ 12 bilhões das TVs. O resto vocês sabem muito bem onde está...***

a defesa do rádio e da TV foram assunto da palestra ministerial na abertura do 25º congresso brasileiro de radiodifusão, promovido pela associação brasileira das

emissoras de rádio e televisão [abert] em Brasília, ontem.

o problema não é que a “juventude” está “pendurada” na internet. a verdade é que a internet, por ser [entre muitas outras coisas] bidirecional, pessoal e de alcance mundial, transforma o que se costumava chamar de público, ou audiência, em usuários, ou comunidades. cada um é seu próprio canal, cada um é e controla, articula, comunica e edita seu próprio fluxo de informação. e, como se não bastasse, sua própria rede [social]. o programador central, das cadeias de rádio e, principalmente, de televisão, não tem qualquer função na internet. ainda mais na internet em tempo real, que começa a aparecer aqui e ali, como no [twitter](#).

a única forma de levar os jovens [e os “velhos”!...] de volta, pelo menos em parte, para o rádio e TV é trazer os dois para a rede [[antes que acabem, como os jornais](#)]. e deve-se notar que quando se fala “rede”, hoje, a interpretação é inequívoca: trata-se da internet. e não da rede de rádio ou TV. e TV digital não muda este cenário em nada, até porque o canal de interação com a TV digital [se rolar, em escala] é a internet.

a frase do ministro, certamente dita num contexto festivo de abertura de um congresso de meios de comunicação em crise, mas no meio de uma crise econômica que afeta todos os meios de comunicação, tinha endereço certo: “animar” o setor. mas é inédita para um ministro de comunicações, sob cuja influência estão os programas nacionais de inclusão digital, de banda larga, de fazer com que a infraestrutura essencial do séc. XXI avance, no país, da forma mais ampla e rápida possível. e quanto mais infra, mais “jovens” pendurados na internet, e menos no sofá, vendo TV. quem viver, verá.

mais gente nos GAMES do que no CINEMA...

21.05.09

...nos EUA. relatório que acaba de sair, [feito pelo npd group](#), dá conta de que 63% dos americanos jogaram algum tipo de game [sim, game mesmo, e não baseball ou futebol real, físico] nos últimos seis meses, enquanto apenas 53% saíram de casa pra ver um filme no mesmo período.

segundo a pesquisa, os jogadores gastam cerca de US\$13 por mês em “todos os tipos de conteúdos associados a jogos”. pouco, para os estados unidos; pelas contas de hoje, pouco mais de R\$26 por mês. [o preço médio de uma entrada de cinema](#) nos EUA é US\$7.18; [nos grandes cinemas das grandes cidades](#), a entrada sai por US\$10, uma pipoca sai por US\$6 e um refri por US\$4. um casal, duas crianças, um filme qualquer, e lá se foram US\$80. caro demais, não?

melhor comprar um nintendo wii, que sai por US\$249 na amazon, um lote de jogos [[mario kart sai por US\\$49](#)] e mandar ver. na vasta maioria dos casos, a família interage e aprende muito mais: você, por exemplo, já jogou mario kart com seu filho pequeno, ele lhe ensinando?... não tem preço. e isso sem falar que, sem ir ao cinema, você ainda pode [mas este blog não aconselha tal comportamento] pegar todo e qualquer filme em alguma torrent por aí, caso em que o cinema em casa sai por um custo, literalmente, marginal.

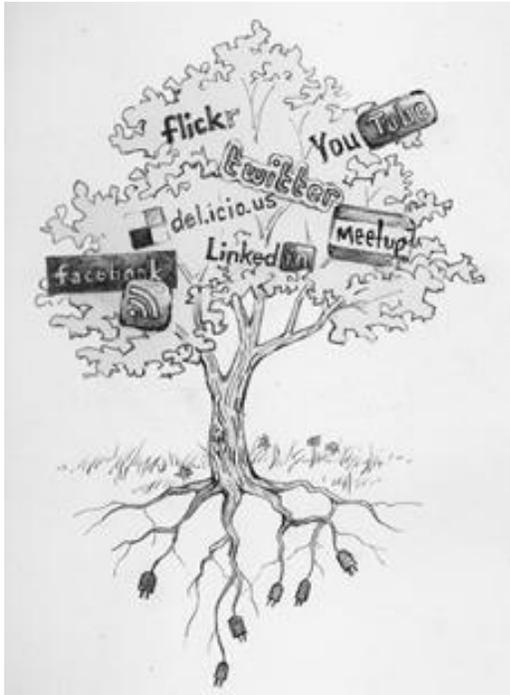
a gente já falou disso aqui muitas vezes: trata-se de uma mudança radical de certos modelos de suporte físico na indústria de mídia. dia destes, falamos sobre coisas como [kindle e literatura](#); tempos atrás, e várias vezes, [sobre a internet, as notícias e os jornais](#) e, vez por outra quase sempre, sobre [música](#), que sempre incendeia o que resta da indústria de “gravação”.

agora pense: e se as pessoas acham, hoje, que o custo vs. benefício de jogar, no computador, console ou web, é muito melhor do que ir ao cinema, fazer o que?... obrigá-las a ir ao cinema? nesse caso, a indústria precisa alistar o ministro hélio costa, que está [em campanha pra tirar os “jovens” da internet e mandá-los de volta à... televisão](#). vai ver ele assume, também, as dores dos cinemas vazios, nos EUA e no mundo.



mídia social é... social

24.05.09



ao invés de comercial, econômica ou financeira, no caso das redes sociais abertas. pelo menos é isso que mostra um estudo que [bem recente da knowledge networks](#). segundo a pesquisa, 83% da população da internet na idade entre 13 e 54 anos usa mídias [ou redes] sociais como [twitter](#), [facebook](#), [digg](#) ou [linkedin](#) e muita gente, 47%, tá lá toda semana. e olhe que estamos falando de algo que não existia há cinco anos: mySpace, facebook, orkut, linkedin e bebo têm, todos, cerca de meia década.

que as pessoas estão de mudança pras redes sociais é inegável: nos últimos 12 meses, [o número de visitantes únicos](#) de google cresceu 1.8%, os de facebook 250% e os de twitter 1.192%. mas... não trate de mudar toda sua publicidade digital pras mídias sociais agora: menos de 5% usa as redes sociais para tomar decisões de compra de produtos ou serviços em nove categorias pesquisadas, de viagens [4%] a remédios [1%].

e tem mais: apenas 16% de todos pesquisados diz que anúncios em redes sociais os tornaria mais predispostos a comprar produtos ou serviços do anunciante. 502 pessoas foram consultadas, como parte de um painel que [em tese] representa toda a população dos EUA. não se conhece estudo semelhante para o brasil. de qualquer forma, ainda é preciso rodar muito pra entender como influenciar pessoas em uma rede social, principalmente se você é uma companhia e ainda acredita no “método direto”: criar uma campanha e botá-la, como se dizia nos tempos da TV, “no ar”. os tempos mudaram. radicalmente.

na época da TV, as pessoas faziam parte de uma coisa chamada **audiência**, que ficava sentada no sofá vendo o que estava rolando na telinha; e pouco mudou com o controle remoto. na rede, e principalmente nas redes sociais, além do controle do browser, cuja barra de endereços e clicks de mouse me levam para onde eu quiser [e não para onde o programador central queria me levar], são as pessoas que criam a “mídia”. por isso mesmo é sites como orkut e youtube são chamados de mídias “sociais”: todo mundo pode contribuir com seu conteúdo e influir na criação e consumo do conteúdo do resto do mundo. e a audiência virou **comunidade**. pra sempre.

resultado? estar conectado à família e amigos [sua “rede social” mais próxima] é o que leva 54% dos consultados pela knowledge networks a fazer parte de redes sociais; e isso deve ter a

ver, também, com o fato de que 60% das pessoas só usa redes sociais a partir de casa. de todos os consultados, 34% disseram que usam as mídias sociais mais intensamente agora do que há um ano, enquanto 18% diminuíram a intensidade de sua participação. o estudo, vale a pena lembrar, foi feito sobre redes sociais públicas, abertas, às quais qualquer um de nós pode ter acesso, bastando criar um par login/senha.

no caso das empresas e seus produtos e serviços, e se elas criassem, para quem os adquire [ou pensa em], redes sociais que pudessem servir como mecanismo de articulação e plataforma de relacionamento, cooperação, colaboração e inovação, tanto para clientes e parceiros como para gestão de seu próprio conhecimento sobre o negócio, “abrindo” as portas de suas casas para seus usuários, que há tempos deixaram de ser mera “audiência”?...

isso –a rede social do “seu” negócio- poderia ser essencial para melhor conectar o dentro [como os projetistas de automóveis] e o fora [os motoristas, fornecedores e compradores em potencial] e estes muitos mundos passariam a fazer parte de uma mesma... rede!

[o estudo da knowledge networks](#) parece dizer que quando se cria uma “rede social” sobre um produto, processo ou empresa em um site “de” redes sociais, agrega-se valor ao site mais que à empresa ou produto. ainda que a empresa vá lá e, de certa forma, patrocine a coisa com seus anúncios. hora, na certa, de repensar como se deveria usar redes sociais nos negócios...



futebol, redes sociais [e violência]

25.05.09

briga de torcida de futebol não é nenhuma novidade, é má notícia. e há muito tempo. e tampouco é novidade, hoje, que as articulações internas [numa “organizada” qualquer] e externas [pra combinar confusão] sejam feitas pela internet. e tem o *day after*: a série de eventos, na rede, que vai levar à próxima confusão.

a rede, como mecanismo essencial da bagunça e violência do futebol, em escala, está aí desde que redes sociais como orkut, há meia década, começaram a invadir o brasil. [clique aqui para ver uma notícia sobre o assunto](#), publicada em 2005, sobre violência de torcidas no rio e [neste link aqui, também de 2005](#), sobre a confusão em são paulo.

e ninguém estava copiando ninguém: os mais jovens, principalmente, aprendem qualquer coisa nova muito rápido e se apoderam de novos meios, de qualquer tipo, desde que sejam eficientes e eficazes, para atingir seus, digamos, objetivos. no caso dos brigões das torcidas organizadas, as redes sociais [e a profusão de lanhouses da periferia] caíram do céu, em termos de eficácia e eficiência, para articular e coordenar os processos, métodos, meios e pessoas que levam à violência que vemos antes, durante e depois dos jogos.

mas parece que muita gente continua se surpreendendo [pelo menos aparentemente] que uma coisa que “poderia ser tão boa...” [sic] para a humanidade, como a rede, seja usada para fomentar a violência. este é o tom do noticiário que, no fim de semana passado, deu conta da pancadaria entre galeras do são paulo e palmeiras, lá no distante itaim paulista. a manchete, aqui mesmo no terra, foi: [Briga entre 400 torcedores foi marcada pela internet, diz PM](#). dos 400 envolvidos, [158 foram parar na delegacia](#) do jardim noêmia, e a foto que ilustra a matéria está logo abaixo.



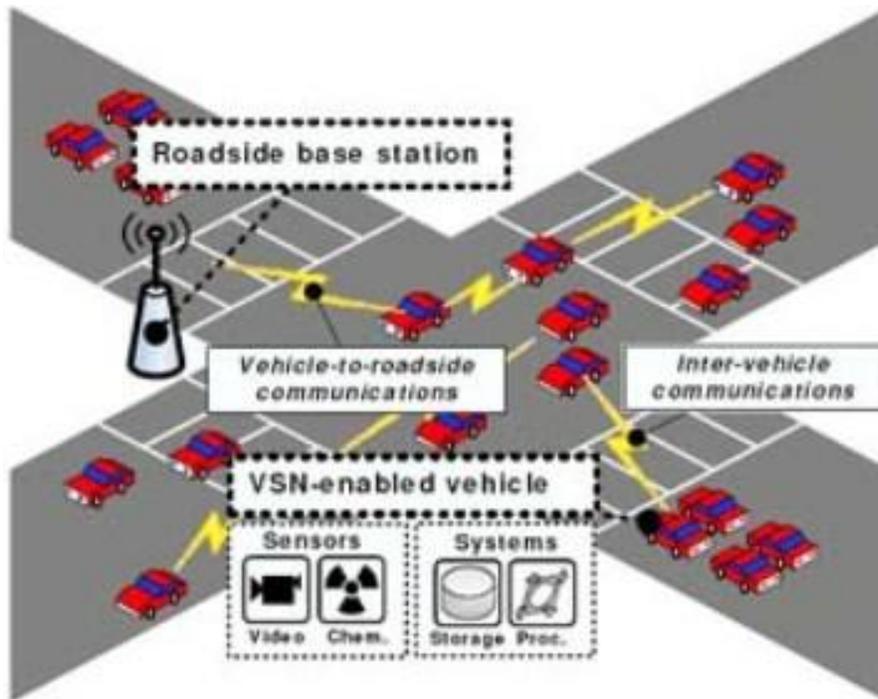
fazer qualquer coisa “pela” ou com “ajuda da” internet não é mais novidade. tudo passou a ser feito tendo a internet como, no mínimo, coadjuvante de primeira grandeza. segundo uma atendente de um motel de Recife que tem [internet em todas as suítes](#), aquelas onde o PC e a rede não estão funcionando só são ocupadas em “noite de fila e quando o casal ‘tá muito precisado’”. e quem quiser pode pedir uma *webcam* à recepção; o que quer dizer que há muita gente, por aí, fazendo sexo “em rede”, na rua, na chuva e no motel, além da [casinha de sapê](#).

pois bem: sabendo que a rede faz parte do cotidiano das torcidas e das “organizadas”, tá mais do que na hora de pararmos de nos surpreender com isso. temos que passar a usar as redes onde as galeras se encontram pra tratar o problema, antecipando ações de prevenção e controle. ao mesmo tempo, redes sociais têm um imenso potencial motivacional e educacional, que deveria estar sendo melhor usado para articular a grande maioria dos torcedores e torcidas que está interessada em times, jogadores, futebol e campeonatos e torneios, e não em violência e quebra-quebra.

carros que fotografam, analisam imagens...

26.05.09

...pra descobrir eventos específicos, como acidentes e infrações de trânsito, trocam informação entre si, com outros sistemas móveis especiais [a polícia, por exemplo]... este é o conteúdo da palestra de mario gerla, que está rolando esta tarde, no [XXVII simpósio brasileiro de redes de computadores](#), em recife.



gerla, da university of california los angeles, está falando sobre sistemas de informação [veicular] móveis, e exemplificando, em particular, o ambiente [mobEyes](#), no qual está diretamente envolvido. as perspectivas são imensas, da mesma forma que os problemas; afinal de contas, você [nem ninguém] quer que seu carro saia por aí, fotografando a tudo e a todos, e depois dedando à polícia.

mas que ia ser massa se os carros ao redor do seu tivessem fotografado, ou melhor, gravado, em áudio e vídeo, aquela batida na qual um sem noção qualquer destruiu sua lateral e quer que você seja o culpado... lá isso ia. até porque o carro do doidão teria gravado a mesma coisa também, no caso dele incluindo velocidade, posição, freio, condição do sinal [que ele cruzou...] etc.

pela proposta de gerla, apenas os metadados [informação sobre a informação real que o carro detém] seria passado a outros carros [e aos "agentes especiais" ...], garantindo que somente em certas condições se teria acesso à informação gerada no [ou pelo] carro. beleza. mas... e os *hackers*?... e os grampos, que haveria, certamente no brasil, nos carros?...

pode ser que, com o tempo, os carros não saiam por aí "gravando" tudo e todos. mas algo me diz que eles vão estar em rede, entre eles e com as ruas [e sinais, e radares...] muito em breve. e que este tipo de pesquisa vai ser fundamental pra isso.

redes sociais nas empresas: hora de aprender

28.05.09

a serviço da deloitte, a [opinion research](#) consultou 2008 pessoas [empregados, na prática e em potencial] e 500 executivos de companhias americanas [sobre redes \[mídias\] sociais e comportamento de cada um](#) e o que é [ou seria] esperado, pelos executivos e pelas empresas, de seus colaboradores. parte dos resultados pode ser vista no histograma abaixo:

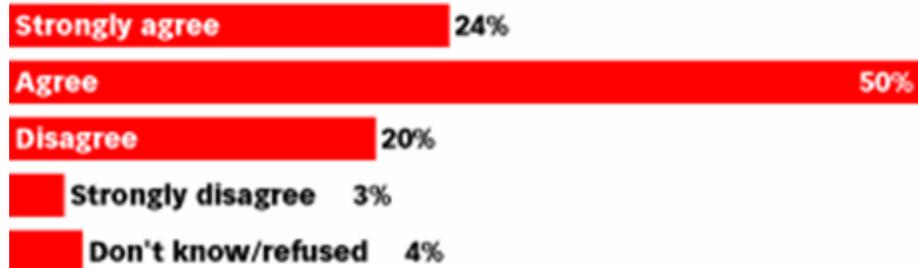


um terço dos executivos está no facebook [que agora, em parte, [tem os russos da DST por trás](#)]; um terço também considera que redes sociais são parte do negócio e de sua estratégia e operações; perto disso usa redes sociais como parte da estratégia de comunicação interna do negócio... 14% dos CEOs tem um [twitter](#), 13% bota algum vídeo corporativo no youtube e 11% tem um grupo, no facebook, ostensivamente patrocinado pela corporação.

no brasil? como sempre, faltam dados. mas não seria surpresa se os números aqui fossem bem mais modestos, devido a um processo mais lento de aculturação e, ao mesmo tempo, ao fato de que a rede social dominante no país, orkut, não tem "tanta cara" de negócio quanto facebook. que, convenhamos, também não é essas coisas todas pros negócios... mas tá lotada de gente e empresas.

mas o histograma acima vem dos 500 CEOs consultados. e os 2008 empregados, acham o que?... 53% têm certeza de que sua atividade online, seja onde e porque for, não é da conta de seus patrões, empresas ou clientes. vivam e deixem-me viver. no topo disso, [mais de 1/3 de todos os empregados...](#) *never consider what their bosses, clients or colleagues think before posting...* não estão nem aí para o que patrões, clientes e colegas pensam antes de dizerem, eles próprios, o que pensam. para o mundo inteiro.

US Employees Who Believe Social Media Usage Can Damage a Company's Reputation, April 2009 (% of respondents)



Note: n=2,008 ages 18+; numbers may not add up to 100% due to rounding

Source: Deloitte, "2009 Ethics & Workplace Survey" conducted by Opinion Research Corporation, May 19, 2009

104030

www.eMarketer.com

resultado? 3/4 dos empregados acham que o uso de mídias sociais pode prejudicar a reputação de suas companhias... e isso enquanto [apenas 17% dos CEOs tem algum tipo de programa ou operação](#) de monitoramento e controle de danos dos efeitos das redes sociais nos seus negócios.

até aí, nada de novo. e o mundo [corporativo] vai se acabar por causa disso? não, certamente que não. pense bem: com toda a mídia negativa, de massa e social, dos últimos anos, o congresso brasileiro não acabou e ainda [há quem se lixe](#). as empresas, principalmente as mais responsáveis, não vão acabar só porque um vídeo de [funcionários trêbados na festa de fim de ano](#) vazou no YouTube.

depois de meios, páginas e blogs, redes sociais são apenas mais um passo na escalada de conectividade –e consequente abertura- por que estamos passando na era da informação, nas nossas vidas e na das empresas [e partes do Estado]. em algum lugar, lá na frente, as coisas vão se equilibrar.

enquanto isso, quem vai perder? na minha opinião, as empresas que, por puro e simples temor do desconhecido [e descontrolado], perderem a oportunidade de aprender como usar [interna e externamente] as redes sociais e a internet em tempo real [coisas como [twitter](#)] para se tornarem mais capazes, enquanto é tempo. lá na frente, depois que muita gente já souber e praticar, vai ser sempre mais difícil e agregará, em relação ao que poderia fazer hoje, muito pouca competitividade adicional.

bing: muda O QUE no universo de BUSCA?

30.05.09

semana que vem a microsoft lança seu "novo" engenho de buscas, [bing](#), que antes iria se chamar kumo e que, na verdade, é uma combinação do que já estava rolando em [live search](#) com tecnologias que a microsoft estava desenvolvendo em casa e outras compradas recentemente [como [powerset](#), por exemplo]. sem falar num redesenho razoável da interface de apresentação e interação.

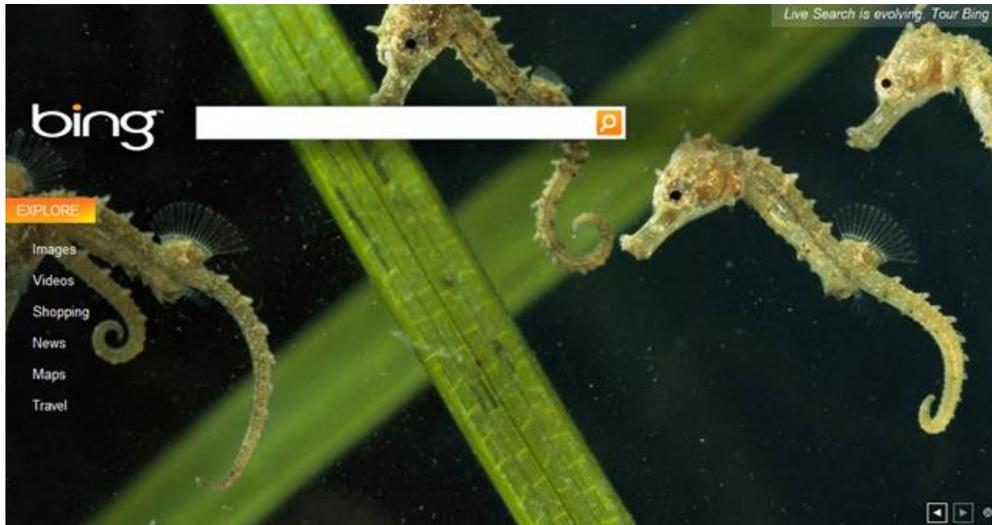
segundo vozes internas da MSFT [[don dodge](#), entre muitos outros] a empresa vai apontar bing para quatro alvos: tomar *decisão* de compra [e comprar de dentro do próprio bing]; planejar uma viagem [*decidindo* para onde ir e onde ficar e, a partir daí, como...]; pesquisar uma condição de saúde [e, quem sabe, *decidir* marcar um médico e comprar um remédio...] e, finalmente, achar um negócio local, perto de onde você está ou mora [e, talvez, *decidir* fazer alguma coisa a respeito]. tudo, óbvio, centrado no mercado americano, que é o maior do planeta [ainda] e onde a empresa de redmond perde de google por 8 a 1 [isto é, a cada oito buscas feitas em google, uma é feita em live search].

a microsoft está dizendo duas coisas básicas sobre bing: 1. ele não é um engenho de busca; ou seja, nada de enfrentar google cara a cara; google é de busca, mas bing é de "*decisão*": a microsoft propõe que as pessoas usem seu serviço como auxiliar no processo de tomada de decisões [vamos ver se "pega"]; 2. não se espera resultados significativos, no mercado, no curto prazo; estão olhando, segundo steve ballmer, [anos à frente](#). isso tira a pressão de cima da turma de bing, que de outra forma teria que enfrentar google [o que vai ocorrer, queiram ou não] e mostrar resultados já. no topo disso, acho que o posicionamento de bing, como um sistema de decisão com a ajuda do qual [e de dentro de sua interface, [veja o vídeo aqui](#)] as pessoas vão poder tomar decisões de compra e realizá-las... muda o modelo SFO. como assim?

SFO é a abreviatura para *search* [faça uma pergunta], *find* [encontre o que você quer] e *obtain* [pegue uma cópia, instância ou exemplar da coisa pra você] que é, digamos, o modo normal de navegar na rede. se você prestar atenção nos demos de bing [[em vídeo, aqui](#)] talvez concorde comigo que uma boa parte do esforço por trás da nova aposta da microsoft é fazer com que o "O" de SFO seja realizado, também, dentro do sistema "de busca". assim, google seria um sistema do tipo SF e bing, SFO; talvez, no começo, com um "o" minúsculo: Sfo. com a microsoft participando do processo, mediando as transações e, conseqüentemente, ganhando dinheiro com isso.

pode pegar, pode não. medida de sucesso? se eu estivesse financiando o esforço, iria querer alguma coisa como passar yahoo [que ganha de live search, no mercado americano, por 2.5 x 1] em 18 meses. ainda iria estar perdendo pra google por 3 x 1, mas aí já dava pra pensar em virar o jogo. quarta-feira a gente vai saber que time, mesmo, tá entrando em campo e em que

condições. em qualquer caso, no começo da partida, eu não esperaria muita precisão e cobertura nos resultados, para conteúdo em português, localizado no brasil. mas tomara que eu esteja errado. na quarta a gente vai saber.



do que se falou aqui, em maio

31.05.09

a [tag cloud](#) abaixo foi construída por [wordle.net](#) [[está neste link](#), em seu tamanho normal], processando todos os textos publicados no blog neste mês de maio.



pra quem não tem familiaridade com *tag clouds*, o tamanho das palavras, na imagem, tem relação direta com a frequência de seu aparecimento no texto; trata-se de uma medida de importância relativa.

podia ser bem mais interessante; clicar em cada palavra poderia mostrar os posts onde a palavra ocorre, pra gente ir direto pra lá. mas não dá, pelo menos não usando esta tecnologia. [wordle](#), aliás, é grátis e online; vá lá e construa umas *clouds* com seus textos. talvez você se surpreenda.

bing: no ar!

01.06.09

prometido para quarta-feira, o novo sistema de busca [ou "de decisão", [veja post anterior sobre o assunto](#)] da microsoft já está no ar. até agora, nas poucas buscas que rodei, não tô vendo muita diferença não. mas eu mesmo disse que não achava que, no começo, iria [haver muita diferença](#) para o brasil ou em pt-br. a coisa tá orientada pros estados unidos, pra ver se encurta a distância entre a microsoft e google no negócio de busca na web.

de qualquer forma, clique na tela abaixo e vá ver o que você acha.



ps: [quem quiser ver o que os americanos estão vendo](#), clique na imagem abaixo, vá na região marcada pela seta 1 e escolha UNITED STATES - ENGLISH; usando esta opção, fiz uma busca em NEWS por [2] *air france paris*, sobre o agora quase certo desastre aéreo envolvendo o voo AF447; o resultado da busca é impressionante e inclui vídeos vários [3], que você pode ver direto na página de bing, passando o mouse sobre o ícone do vídeo.

por fim, como as notícias mencionam que o acidente deve ter ocorrido perto de fernando de noronha, o sistema contextual por trás do processo aponta para noronha [no link marcado 4]. muito bom mesmo. precisamos das mesmas funcionalidades em português...

Web Images Videos Shopping Maps More MSN Windows Live Sign in United States Extras

bing air france paris

ALL RESULTS

News

Local

RELATED SEARCHES

- Atlantic Ocean
- Air France
- Charles De Gaulle
- Air France Flight
- Sao Paulo
- Rio De Janeiro
- Fernando De Noronha
- Brigitte Barrand

LOCATION

- Alabama
- more

CATEGORY

- Word sources
- Top Blogs
- see top stories

NEWS 1 - 12 of 91 results

sort by: relevance | most recent

Air France jet missing over Atlantic, 228 on board

SÃO PAULO, Brazil (AP) - An Air France jet carrying 228 people from Rio de Janeiro to Paris lost contact with air traffic controllers over the Atlantic Ocean, an Air France official said Monday. Brazil immediately began a search mission off...

WTOP Radio - 1 hour ago

Brazil: Air France jet missing over Atlantic - Philly.com

Air France Jet W/ 228 People Missing Over Atlantic - WFTV

more on this story



Houston Chronicle

news multimedia for air france paris mouse over video thumbnails for a preview

videos

-  **Disaster at Atlantic**
CNN Video
-  **Rescue at Atlantic**
CNN Video
-  **France jet missing over Atlantic**
BBC News
-  **Paris in the France**
Fox News

Air France jet carrying 228 people from Rio de Janeiro to...

Air France Flight 447, an Airbus A330, was carrying 215 passengers and 12 crew members, including ambassador Brigitte Barrand said. The flight left Rio de Janeiro...

novos tempos, novas redes, novos riscos

02.06.09

hoje, em são paulo, a bradesco seguros promove um fórum de discussão sobre riscos e eu vou estar, com [raquel rolnik](#), na mesa de debates depois da palestra de [sérgio besserman](#), que vai falar sobre riscos ambientais, inclusive os riscos urbanos aos quais quase todos nós estamos sujeitos.

rudolph giuliani, que era prefeito de nova iorque no 11 de setembro, encerra o dia falando sobre a cidade que dirigiu, e não só sobre catástrofes, mas como tratar um dos maiores riscos das grandes cidades, a violência quase endêmica que as afeta.

as cidades, principalmente as muito grandes, se tornaram caos infernais. tipo são paulo em dia de 266Km de lentidão [\[veja o vídeo aqui\]](#). ou do [vazamento do gás](#) no porão que, ao explodir, pode levar um quarteirão junto. ou [o estouro da adutora](#) que derruba um monte de casas e arrasta dezenas de carros. ou [o buraco do metrô](#) que engole caminhões, carros, vans e gente, [sem falar nos apagões](#), mais frequentes do que os outros desastres e só superados, nas grandes cidades, pelos engarrafamentos.



entre as cidades, os problemas não são menores: navios afundam, trens colidem, ônibus despencam e aviões caem, batem ou, [simplesmente, desaparecem](#).

do ponto de vista mais geral, estamos falando sobre *fenômenos que ocorrem em redes*: redes de água, esgoto, viária, eletricidade, aérea, fluvial, de gás e de tudo o mais que construímos

para servir de infraestrutura para a vida que chamamos de moderna. estas redes suportam, delimitam, simplificam e complicam a vida de todo mundo. é impensável viver, hoje, sem a rede elétrica. todas as outras, aliás, de água a internet, dependem dela para funcionar.

falando de internet, ela é a rede –e o conjunto de riscos- mais recente a servir de infra para quase tudo o que fazemos. desde transações financeiras [os bancos se mudaram pra lá] a cidadania [o governo, também], passando por compras, educação, saúde, trânsito... estamos vendo um conjunto muito grande de processos e funções de suporte a todo tipo de atividade se mudar pra internet.

e isso tem conseqüências do ponto de vista de riscos, a ponto do brasil ter, no DSIC, departamento de segurança da informação e comunicações, [o centro de suas preocupações de segurança da infraestrutura de internet](#). segundo raphael mandarino jr, diretor do DSIC...

"Estamos estudando como proteger a infraestrutura crítica do País, aquilo que se parar traz conseqüências graves para o cidadão como, por exemplo, as telecomunicações, água, energia, transporte. E o que é que eu tenho a ver com a água? Como é que são trocadas as informações? Por meio da informática. A estrutura física da informação permeia todas as outras"



o resumo é este aí mesmo: a infraestrutura de informação permeia todas as outras. quer ver como? em 9 de abril passado, indivíduos não identificados resolveram [tirar a cidade californiana de morgan hill do ar](#): cortaram oito cabos de fibra óptica em entroncamentos-chave da localidade, isolando-a da internet ao seu redor. resultado? 52.000 casas sem telefone em três cidades, serviço 911 [de emergência], banda larga, caixas automáticos e rede de sistemas de alarme [inclusive incêndio] fora do ar, polícia com reduzida capacidade operacional, hospitais sem coordenação por falha nas comunicações...

em suma, um caos considerável e uma parte do silicon valley fora do ar, a ponto do [condado de santa clara ter \[na época\] declarado estado de emergência](#) e da AT&T, empresa cujos cabos foram cortados, haver oferecido US\$100.000 pela possível identificação dos infratores.

tirante a ruptura das comunicações, o incidente de morgan hill não gerou nenhum outro efeito além do caos informacional. mas há quem ache que foi apenas um ensaio, um piloto de prova, pra ver até que ponto uma quebra na infraestrutura de rede de informação afeta todas as outras redes. se tiver sido isso mesmo, os próximos incidentes do tipo podem ter conseqüências bem mais graves.

agora pense: estamos nos tornando cada vez mais dependentes da internet e de todos os sistemas e serviços sobre a rede. quantos pontos da infra de rede, numa cidade como são paulo, precisam ser atacados com sucesso [na calada da noite...] pra tirar a cidade inteira do ar?

mais de oito? talvez não. e isso pode ser feito sem que se invada um prédio sequer, sem qualquer confronto com seguranças ou portas, travas, cadeados ou senhas. é capaz de, tanto quanto em morgan hill, dar pra parar são paulo –parar mesmo- entrando numas bocas-de-lobo e seccionando alguns cabos.

é isso que vai ser debatido hoje no fórum de riscos, e você pode nos seguir pelo twitter, através da tag [#forumderiscos](#), isso se o twitter, que anda caindo o tempo todo por excesso de demanda, estiver no ar e se ninguém resolver sabotar a rede durante o fórum. novos tempos, novas redes, novos riscos...

TCU: pras teles, é vantagem pagar multas...

03.06.09

...ao invés de melhorar a qualidade dos serviços para o consumidor. esta é só uma das conclusões de um trabalho que vem sendo feito pelo TCU há tempos sobre o setor de telecomunicações.



e não é que o TCU está descobrindo a pólvora. o FUST, fundo de universalização dos serviços de telecomunicações, contabiliza nada menos de R\$7 bilhões não aplicados, uma novela que está no ar [ou fora dele, dependendo de seu ponto de vista] desde que as teles começaram a contribuir com parte de seu faturamento para criar o fundo, que deveria servir exatamente para o que seu nome diz: universalizar os serviços de telecomunicações, tipo botar internet banda larga no país inteiro.

[mas o que diz marcelo barros da cunha, do TCU, sobre o assunto?](#)

"Nós constatamos que entre os principais problemas para a aplicação do fundo estão a falta de políticas públicas que orientem os investimentos, a falta de interação entre os ministérios que mantêm projetos na área de telecomunicações e as dificuldades de atuação da Anatel". nada disso é novidade; o novo é o TCU dizendo. e o tribunal tem peso e força para fazer com que as coisas aconteçam, como tem sido demonstrado em casos bem recentes.

tomara que, no caso do FUST, o TCU ordene às partes envolvidas que conversem, interagindo para construir uma política de investimentos de universalização, capaz de ser realizada por quem de dever, sob fiscalização da anatel. parece simples, mas não é. se o TCU não conseguir mover as peças neste tabuleiro, que está travado desde a privatização do setor, não vejo quem consiga.

voltando ao título deste texto, o mesmo estudo do TCU concluiu, segundo declaração de paulo sisnando rodrigues de aráujo, que... *"Para algumas empresas, pode ser mais vantajoso pagar as multas aplicadas pela Anatel que investir na melhoria da qualidade dos serviços"*, face a deficiências na regulamentação do que é qualidade e como teria que ser atingida, da fragilidade nos processos de fiscalização, da falta de prioridade para uma política de educação dos usuários e da falta de efetividade das sanções impostas às prestadoras. [a fonte é o Tlinside, neste link.](#)

o diagnóstico do TCU diz, por outro lado, o que tem que ser feito: melhorar a regulamentação, apertando os crivos que têm que ser atendidos pelas teles; melhorar os processos de fiscalização, para o



que a anatel deveria ter, muito provavelmente, mais estrutura e pessoal; criar e implementar uma política de educação dos usuários, fazendo com que o mercado seja um fiscal, ele próprio, bem mais rápido e mais efetivo do que a agência e, por fim, fazer com que as multas às quais as operadoras estão sujeitas sejam um incentivo real para sua mudança de comportamento.

isso porque não se pode imaginar que estamos vivendo na terra da fantasia; comunicações, de todos os tipos, é parte da economia, onde contas são feitas o tempo inteiro. se faz mais sentido pagar uma multa, do ponto de vista de “retorno de investimento” do que melhorar um serviço, a multa será paga sempre que a percepção de valor, para os usuários, não for muito alterada. com usuários pouco educados, achando que “todas as teles são farinha do mesmo saco”, pagar multas pode, muito bem, fazer mais sentido do que investir em qualidade de serviço.

daí porque a solução do problema passa não só por multas mais altas e mais fiscalização, mas por políticas e ações que incentivem a melhoria da qualidade dos serviços e pela educação do mercado inteiro, fornecedores e consumidores.

caixa eletrônico: depois dos chupa-cabra, os vírus

04.06.09



os bandidos estão se mudando da era industrial, e dos métodos físicos para cometer crimes, em direção à do conhecimento. além das quadrilhas especializadas em roubo de identidade, na web, para assaltar contas bancárias [virtualmente], a turma que usava os “[chupa-cabra](#)”, sistemas de hardware [instalados nos caixas eletrônicos](#) pra [capturar informação](#) e clonar cartões de banco, está começando a usar software para o mesmo efeito.

[o pessoal da trustwave](#) descobriu, em países do leste europeu, alguns caixas eletrônicos rodando windows XP contaminados por um tipo de malware [software malicioso] que... *contains advanced management functionality allowing the attacker to fully control the compromised ATM through a customized user interface built into the malware...* ou seja, que tem funcionalidades avançadas de administração, permitindo o total controle do equipamento através de uma interface customizada.

[segundo a trustwave](#), o *malware* permite copiar todos os dados dos cartões inseridos na máquina, criptografá-los e depois imprimir, analisar o número e tipo das transações realizadas no caixa, ejetar o cassette de dinheiro e, claro, desinstalar o próprio *malware* do equipamento, eliminando rastros.

pelo que se viu, o software encontrado até agora é uma versão tosca e é bem provável que, nos próximos meses [e anos] coisa muito mais sofisticado apareça e se espalhe pelo planeta.

quando se diz que a economia e a sociedade são da informação e do conhecimento, se quer dizer que **toda** a sociedade e economia são da informação e do conhecimento. as partes boas, as mais ou menos e as más. e as muito más também.

é bom a gente deixar a ingenuidade de lado e tratar as ameaças virtuais sempre de forma muito mais séria do que se trata, vez por outra, aqui e ali, um grupo ou outro de *malfeitores* adolescentes *online*, como se fossem heróis. porque não são.

redes sociais: a crise dos sete anos

07.06.09

[gerald mollenhorst](#) é professor de sociologia na universidade de utrecht, na holanda, onde ensina disciplinas como *redes sociais na pesquisa teórica e prática e aspectos sócio-psicológicos das organizações*. mollenhorst terminou sua tese de doutoramento recentemente, como parte de um projeto que estudou onde as pessoas fazem amizades e se e como as mantém.

podia se dizer que mollenhorst é um especialista em redes sociais concretas, ou físicas, como se houvesse tal tipo de rede... o concreto, aqui, estaria sendo usado em oposição a virtual, como nas redes mediadas pela... rede, ou pelas redes sociais da internet. melhor talvez fosse separar as redes sociais nas redes à moda antiga e, do outro lado as redes sociais mediadas por tecnologia.

mas agora veja como tal divisão é difícil: em última análise, linguagem é tecnologia, correio é tecnologia, transportes também... sem falar em telefone, etc. nossas redes sociais são mediadas por tecnologia desde que existe a noção de redes sociais e de tecnologia, até porque usamos tudo o que temos ao alcance para realizar as funções essenciais das nossas vidas. e tecnologia desenha o contexto ao nosso redor há muito tempo.

mas vamos levar em conta, por enquanto, que o trabalho de mollenhorst considera redes “de verdade” e chega a uma conclusão que chama atenção: [metade das nossas redes sociais desaparece a cada sete anos](#).



mollenhorst estudou mais de mil pessoas, seu contexto, suas escolhas, onde conheceram seus amigos, onde se encontram hoje, se ainda se encontram, e onde, sete anos depois... e por aí vai. o que o resultado da pesquisa parece indicar é que as redes sociais pessoais não se formam e se mantêm apenas com base nas escolhas pessoais; tais escolhas são limitadas, e muito, pelo contexto, que pode incentivar ou não os variados tipos de conexão entre as pessoas.

os resultados de mollenhorst dizem que, ao contrário do que muitos sociólogos pensam, os contextos de trabalho, vizinhança e pessoal se confundem em boa parte e que, em um período de sete anos, o tamanho da rede social de cada pessoa se mantêm estável. o que muda é a forma e conteúdo: só 30% das pessoas ocupam a mesma posição [melhor amigo, por exemplo] e 48% das pessoas simplesmente sai da rede.

se contexto é realmente importante para manutenção de relacionamentos, especialmente no longo prazo, será que as redes sociais mediadas pela internet não serão, ao invés do que se costuma pensar nos recantos mais ortodoxos da sociedade, um instrumento essencial para manutenção das redes sociais [reais!] de seus utilizadores? é bem possível que sim...

e o mesmo pode ser verdade nas empresas. um [negócio qualquer pode ser visto como um conjunto de redes sociais](#) que, em larga parte, interferem e interagem entre si. aí estão as muitas redes internas na [e da] empresa, suas interações com as redes sociais dos parceiros, fornecedores, clientes, consumidores e competidores, sem falar na intensa relação, mesmo que informal e quase sempre esquecida, com as múltiplas redes sociais de seus colaboradores, do churrasco no fim de semana à rádio corredor, bem dentro do negócio, todo dia.

tanto no contexto pessoal e familiar como no empresarial, redes sociais “virtuais” serão cada vez mais importantes. porque parece que estamos entendendo que vivemos, todos, num mundo em redes, conectado. em todos os aspectos, do pessoal ao ambiental, passando pelo empresarial: tudo e todos dependendo de todo o resto. e redes sociais, sobre a internet, não são apenas mais uma tecnologia, mas um conjunto de meios muito capazes para criar mais e melhor contexto e espaço para interação em muito maior quantidade e qualidade.

eu e você, entre muitos outros, podemos tentar usar redes sociais para manter nossos melhores amigos de hoje entre nossos melhores amigos daqui a sete anos. porque amigo não é só coisa para se guardar, é pra não se perder, e só não se perde quando se está conectado, em contexto...



AF447: o papel de hardware e software no desastre

09.06.09



antes de mais nada, vamos combinar uma coisa: até agora, ninguém sabe ao certo o que causou o [desastre do vôo AF447](#), com a perda de todas as vidas a bordo. sob qualquer ponto de vista, é uma tragédia sem precedentes, até porque a rota aérea do atlântico sul não tinha acidentes com perda de vidas há décadas.

aviões como o [airbus a330](#) do acidente são verdadeiros feitos de engenharia aeronáutica, mecânica, eletrônica e, mais recentemente,

computacional e de software. um número cada vez maior de funções do avião é controlado por múltiplos e redundantes [se um falha, outro toma seu lugar] sistemas computacionais e por muitas, muitas linhas de código, software que faz com que o avião, se tudo correr bem, se torne muito mais fácil de ser pilotado. ou que, dentro de certas circunstâncias, consiga sair do chão e voe entre pontos A e B quaisquer. ou será que ainda há quem ache que voar às cegas, naquelas neblinas ou tempestades em que nós, passageiros, não vemos absolutamente nada, é um feito realizado por pilotos experientes, sem qualquer auxílio tecnológico?...

um avião de fabricação recente é uma plataforma voadora carregada de software [e hardware que o executa]. trata-se de uma verdadeira rede de sistemas de sensores, atuadores, computação e comunicação, de pilotos automáticos [hardware + software] a sistemas anti-colisão [idem], passando por radares e sistemas de observação [idem]... e sistemas que controlam uma infinidade de funções no avião e seu vôo [idem]... sem os quais a complexidade das máquinas voadoras nas quais viajamos as tornaria incontroláveis por meros operadores humanos, face a nosso limitado poder de observação e controle.

só pra gente ter uma idéia, só o [sistema de alarme](#) de condições de vôo da classe de aviões a330/a340 tem nada menos que 100.000 linhas de código. e o [sistema que controla o vôo do boeing 787](#) tem [mais de 6.000.000 de linhas](#). mesmo cem mil linhas é muito, bem mais do que se poderia esperar que fosse possível provar que funciona sob qualquer condição de vôo.

e é aí onde mora, senão o perigo, mas a dúvida: esta montanha de código não é um só sistema, testado à exaustão, mas um conjunto de sistemas que interage para fazer o avião voar; e, à falta de uma prova formal [e impossível de ser feita, dado o tamanho e complexidade do software] de que este sistema funciona em todos os contextos de uso, será que os testes de certificação fizeram o avião passar por todas as condições de vôo possíveis, na prática?...



a resposta parece ser... não. pelo que se sabe ao certo, até agora, [o AF447 pensava estar em velocidades muito diferentes](#), e ao mesmo tempo. este “bug”, caso se confirme, não seria privilégio dos airbus. pelo menos [um boeing 777 da malaysia airlines passou por situação semelhante há alguns anos](#): o software de controle de voo achava que o avião estava, também ao mesmo tempo, rápido demais e lento demais, o que transformou um voo quase sempre tranquilo numa montanha russa. [a falha estava na interação entre sistemas de software diferentes](#) e só foi possível controlar a situação porque os pilotos do MH124 desligaram todos os sistemas informatizados e passaram, eles mesmos, a “voar” o avião, o que é muito raro hoje em dia.

[se o AF447 reportava velocidades de voo muito diferentes ao mesmo tempo](#), será que estaria na mesma condição que o MH124, com um agravante muito mais moderno e radical? nos boeing de última geração, os sistemas totalmente computadorizados de controle de voo [*fly-by-wire*] tem um *backup* à moda antiga, eletro-hidráulico e, em certos casos, manual: em caso de emergência, o piloto pode “pilotar” o avião, de novo, “no braço”.

nos a330, uma das coisas mais modernas que voa por aí, [a possibilidade não existe](#): a alternativa mecânica ao sistema *fly-by-wire*, neste tipo de avião, [é muito rudimentar e difícil de ser usada mesmo em condições meteorológicas normais](#). em suma, num a330, o piloto não voa o avião: ele dá indicações, a um conjunto de sistemas computacionais, de como quer que o avião voe. se os tais sistemas quiserem –ou acharem que devem, sabe-se lá por que razão– fazer uma coisa completamente diferente, farão. simples assim.

temos alternativa? sim. a cada dia, mais software é embutido em todo tipo de sistemas, de *pods* e geladeiras a carros e aviões. **podemos exigir mais qualidade, ao invés de, pura e simplesmente, mais funcionalidade.** mas a nossa pressa vem nos fazendo conviver com, cada

vez mais, tecnologia como possibilidade. se dá pra fazer, fazemos. tomamos um conjunto de precauções razoáveis –usando nossa intuição- para evitar que grandes desastres aconteçam, ou só muito remotamente tenham chance de ocorrer... e vamos em frente.



de uma certa forma, o AF447 talvez seja o titanic de sua era. o último, maravilha e possibilidade de seu tempo, não viu, nem resistiu, a um iceberg. o primeiro, ápice da possibilidade e tecnologia de nossa geração, pode ter sido destruído por uma mera nuvem que deveria saber que estava no seu caminho.

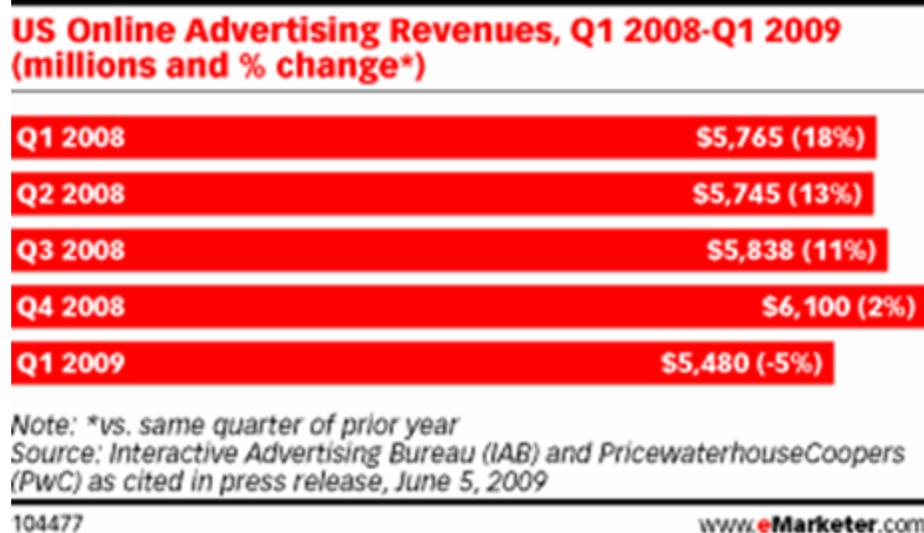
tivéssemos mais cuidado e rigor, talvez os a330 [e aviões de sua classe] ainda estivessem sendo testados e as viagens entre rio e paris fazendo escala em dakar. mas nossa pressa...

[a internet se torna “normal”](#)

10.06.09

no começo de 2008, uma analista do IDC, um dos principais institutos de pesquisa sobre TICs, ao ser perguntada os efeitos de uma possível recessão na propaganda online, [respondeu que...](#) “*We think there will be some effect on advertising spending overall, but online ad spending will almost be unaffected—even if there’s a depression.*” ou seja, que haveria algum efeito da crise na propaganda como um todo, mas os **anúncios online não seriam afetados, mesmo que houvesse uma recessão.**

machado de assis, escrevendo sobre josé de alencar na revista literária, em 1883, concluía seu texto –elogioso- sobre o grande escritor cearense dizendo que... “[o futuro nunca se engana](#)”. o histograma abaixo é o futuro, em relação à conversa da analista do IDC, e ele não se engana:



o histograma nos mostra, de forma muito simples, que em mercados online maduros, como os EUA, a internet, como mídia e veículo para anúncios, também amadureceu. e muito rapidamente. o primeiro trimestre de 2009 teve 5% menos investimento em anúncios online do que o último de 2008 e 10% a menos do que o trimestre correspondente em 2008.

e isso deveria ser óbvio para todo mundo. se os [jornais em papel estão sendo destruídos](#) [lá; aqui ainda terão alguma sobrevida, [mas pouca](#)] por causa da fuga dos leitores e dos anúncios para a rede... e se há uma mega-crise que afeta todas as indústrias e públicos, porque não haveria de afetar a “indústria” de anúncios online?

no brasil, a publicidade na internet já empata com a de tv por assinatura [ao redor de 3.5%] do total e, este ano, passa o rádio, que detém pouco mais de 4.2% do total. à medida em que a rede ganha importância e passa a fazer parte da normalidade –e não da exceção, todas as

agruras que afetam os outros meios e mercados também serão sentidos, e com intensidades muito relevantes, na internet.

ainda bem. a rede, mais rápido do que muita gente pensou que fosse acontecer, passa a fazer parte da nossa normalidade e se torna parte da paisagem.

CEOs must be... DESIGNERS!

11.06.09

o texto que segue este parágrafo foi originalmente publicado há dois anos no meu [“velho” blog](#), que ainda está no ar. mas tenho encontrado com tanta gente que está preocupada com este assunto que resolvi republicá-lo aqui, abaixo, na íntegra, sem nenhuma modificação. todas as palavras ainda estão no lugar. e a palestra de nussbaum, de 2007, ainda é perfeita. [vá ver](#).

[bruce nussbaum](#), na business week desde 1977 [ano em que me graduei...] é um dos principais jornalistas americanos na advocacia de **design como um meio essencial dos negócios**. segundo ele, pra entender isso é so pensar **steve jobs** e **conectar** com o **iphone**. nenhuma outra empresa, hoje, conseguiria o feito que se conseguiu com o iphone: 100 mil celulares por dia na primeira semana. e muitos mais no porvir. e olha que há anti-clones [coisas que já existiam, antes] do iphone, aos montes. mas ninguém, nos outros fabricantes, nenhum **visionário**, **líder**, **polêmico** e **maverick**, com quem seus compradores e usuários se relacionem na intensidade em que isso acontece com jobs.

[vá ler, com atenção, a palestra que nussbaum deu, recentemente, em londres](#), o centro do mundo segundo ele próprio, no royal college of art. uma pérola. eu assino quase cada parágrafo dela... como este aqui: *Innovation is no longer just about new technology per se. It is about new models of organization. Design is no longer just about form anymore but is a method of thinking that can let you to see around corners. **And the high tech breakthroughs that do count today are not about speed and performance but about collaboration, conversation and co-creation.***

[não perca](#). valerá cada pequeno grande segundo do tempo que você dedicar à leitura e reflexão... *there is Design as Peter Drucker or **Design as Management Methodology**. Design is popular today also because **Design Thinking**—the methodology of design taken out of the small industrial design context and applied to business and social process...*

e se você tem ou está montando um negócio de TICs, talvez deva [se chegou até aqui] voltar e ler a palestra de nussbaum todinha [de novo], se perguntando a cada trecho como você pode ser o designer dos desejos de seus clientes, sejam eles gente ou empresas. isso pode ser fundamental pro seu negócio sobreviver...



irá: a revolução não será...

15.06.09



este texto não tem qualquer intenção de avaliar a lisura dos resultados da recente eleição presidencial no irã. não há, longe de lá, quem possa fazê-lo, por pura e simples falta de acesso a dados independentes sobre o processo eleitoral, principalmente sobre a fase de apuração. aliás, é muito provável que, mesmo no irã, pouca gente venha a saber exatamente o que rolou nas últimas eleições, já que o processo, como um todo, parece sofrer de falta de transparência, para dizer o mínimo. mas

isso, como dissemos no começo deste parágrafo, é outra história.

como em qualquer regime ditatorial que se preza, o irã controla conectividade de forma severa. e isso não deixou de acontecer na confusão que se seguiu ao anúncio do resultado das eleições. parece que havia razões de sobra, no regime, para prever que o resultado que foi anunciado não seria aceito, facilmente, por uma boa parcela do eleitorado. o problema, neste tipo de situação, hoje, é que o mundo inteiro –mesmo o irã- está se conectando de uma forma que nunca antes foi possível na história da humanidade. e pessoas muito conectadas, local, regional, nacional e mundialmente, mesmo numa ditadura, podem fazer uma diferença enorme.

[o que o governo iraniano faz para controlar a situação na tarde do 12 de junho?](#) tirou SMS do ar, depois bloqueou o acesso a todas as grandes redes sociais e, por fim, derrubou a rede celular, inteira, tentando controlar a interação entre os descontentes. o papel da TV –que nunca televisa as revoluções- foi o de repetir mensagens gravadas, conclamando todos os iranianos a apoiar o resultado “das urnas”. o líder supremo do país, aiatolá khamenei, [conclamou a população](#): *“In this great event, the vigilant and clear-sighted people of Iran showed that they are still interested in the path and principles of Imam Khomeini and that they still seek to achieve progress and prosperity by treading his path.”* até aí, surpresa zero: líderes totalitários afirmando que os vigilantes e patriotas estão certos e que o seu é o único caminho não é exatamente uma novidade. já vivemos isso no brasil, e não faz muito tempo.

a oposição [informal], sem poderes para bloquear SMS, internet e derrubar a rede de celulares... tirou do ar o [site do próprio khamenei](#) durante algum tempo no domingo. a imagem abaixo é de [iran.twazzup.com](#) às 22:30 do domingo e mostra todo o twitter sobre o irã em tempo real, enviado de dentro e de fora do país [o “bloqueio” da internet não foi tão efetivo assim...].

Real-time tweets for Iran 4870 TPH

wiipigsooie RT **lotfan**
RT @lotfan Khamenie.ir is down (Supreme' leader website is down)
#iranelection
23 sec ago

GREEN REVOLUTION **pejy**
KHAMENEI's WEBSITE GOT HACKED Khamenie.ir !!!! you can add ahmadinejad's website too #iranelection
21 sec ago

kirilana RT **neilhimsel** RT **persiankiwi**
RT @neilhimsel @MitchBenn EVERYBODY RT: @persiankiwi : Im accessing twitter from 148.233.239.24 Port:80 in tehran. u can avoid gov filters
23 sec ago

benjaminbirely RT **iranelection09**
RT @iranelection09 Tehran hospitals surrounded by secret police, refuse 2 let injured through #iranelection #humanrights #CNNFail
23 sec ago

somamoja RT **change_for_iran** RT **ciataich**
RT @Change_for_Iran STUDENTS URGENT NEED MEDICAL CARE I'm calling out all PEOPLE WHO CAN COME HERE HELP US #iranelection RT (via @Ciataich)
23 sec ago

os manifestantes não só conseguiram furar o bloqueio dos aiatolás à rede mas foram às ruas incendiar os carros da polícia e, como mostra a imagem abaixo [clique na imagem para ver o vídeo no youTube] havia bem mais de uma pessoa gravando a cena, quase certamente de seus celulares. daí pra uma montanha de vídeos e relatos quase ao vivo da confusão, de sexta pra cá, parar no youTube e muitos outros sites... [foi um passo](#).



ao redor das 11 da noite, no domingo, [havia alguém](#) [eram umas 4 da manhã da segunda, em tehran] ativo no twitter, aparentemente reportando uma iminente invasão aos dormitórios da

universidade. a imagem abaixo é de [hashtags](#); dependendo de quem estava seguindo este “canal” ele pode ou não ter conseguido ajuda.

according to gooyanews : in whole complex: 15 badly wounded, more than 100 arrested or missing. #iranelection 22 minutes ago

typing as fastest as I can in both English & Farsi, Still we need outside help, I really don't want to be captured by Ansar #iranelection about an hour ago

trying hard to sleep, there are rumors about karoubi's march toward here! if it is true there is still hope for us! #iranelection about 2 hours ago

4:09am from dormitory building of university of Tehran, we will wait for day light and hoping people of amirabad help us out #iranelection about 2 hours ago

<http://bit.ly/4AZ7zw> Tehran Valiasr st 5:30pm after President Potato's speech #iranelection about 5 hours ago

is there any end to police's motorcycles?! how much more we should burn?! #iranelection about 9 hours ago

em suma: o povo, qualquer povo, é uma rede. quando se percebe como tal, age, em rede, para defender o que entende serem seus direitos líquidos e certos. é isso que está acontecendo no irã, e ninguém precisa de líderes para tal. segundo declarações do professor sadegh zibakalam, da universidade de tehran, [à al-jazeera](#), as demonstrações foram reação espontânea aos resultados da eleição: *"No one is giving them commands, no one is ordering them, no one is leading them"*; ninguém está comandando os manifestantes, ninguém lhes dá ordens, ninguém lidera. o povo, em rede, na rede, dentro e fora do irã, mudando o mundo.

a televisão nunca transmitiu a revolução. nem vai. **a rede, sim.** aliás, é muito mais: a rede **faz** a revolução. e nós ainda nem começamos mesmo a nos conectar como deveríamos. imagine uma situação como esta -e muitas outras- daqui a 20, 50 anos. será que ainda haverá, daqui a tanto tempo, governos -e "eleições"- como os do irã?...

entrevista: planeta inteligente

17.06.09

o pessoal do [planeta inteligente](#) me mandou uma lista de perguntas por e-mail para fazer uma entrevista lá pro site, por sinal muito legal e que trata, como o nome diz, de como viver de forma mais inteligente, consciente e equilibrada no planeta. antes que ele acabe, ou melhor, que acabemos com ele.

o contexto da conversa –que parece com a deste blog- [está lá no planeta inteligente; vá ver](#). aqui, vou repetir apenas as perguntas e respostas. prá quem se acostumou com as minúsculas deste blog, o “planeta” é em português “normal”, ao qual aderimos para o resto deste post.

Planeta Inteligente: *A cada dia, nos deparamos com mais e mais inovações tecnológicas. O ritmo desse desenvolvimento de novos bens tecnológicos parece incessante. Aonde chegaremos?*

Silvio Meira: Não chegaremos; inovação não é um destino, é uma rede de processos. É um ideal [!], imperfeito e impermanente. Iremos às estrelas, se não destruímos o planeta antes [e nós todos, ao mesmo tempo], mas não chegaremos a lugar algum, pois sempre haverá muito mais a explorar do que nossa capacidade de fazê-lo. E inovação é cada vez mais baseada em tecnologia, mas inovação não é tecnologia; inovação é a mudança, no mercado, do comportamento de agentes, como fornecedores e consumidores de qualquer coisa. Enquanto houver os tais agentes, haverá mudanças... não há limites teóricos ou práticos para tal.

PI: *A discussão sobre avanços tecnológicos envolve um paradoxo interessante, no que diz respeito ao acesso a essas inovações. Como um país como o Brasil, com imensos abismos de renda e educação, pode resolver esse problema?*

SM: Resolver, acho que não pode, e não vai. Até porque o acesso ou não, a qualquer tipo de bem ou serviço, é limitado por recursos disponíveis. Quando queremos acesso universal a alguma coisa, estamos falando de políticas públicas, daquelas que se forem realmente eficazes [na solução do problema] e eficientes [no uso dos recursos, públicos e privados], resolvem o problema. O Brasil tem dado exemplos de classe mundial como fazer isso, vide a vacinação contra poliomielite e efetiva extinção da doença em território nacional e o programa nacional de AIDS.

Tais sucessos poderiam até ser repetidos no contexto do acesso a banda larga, por exemplo. Mas, como é difícil demonstrar, ainda, que quem não tem banda larga não tem internet e quem não tem internet, hoje, está condenado à uma dose bem acima da aceitável de miséria de conexões, conhecimento e, como consequência, passa a ser um desabilitado econômico... ainda passaremos muito tempo sem que se trate, com a

urgência e profundidade que se deveria tratar, do problema de acesso à internet, por exemplo. Isso só para citar um dos problemas de acesso que temos...

PI: *O Nordeste do Brasil sofre com índices sociais alarmantes, com ênfase nas questões de educação e saúde. Qual é a saída para essa situação?*

SM: Educação de qualidade em todos os níveis, aliada a um processo de criação de oportunidades para todos, que seja também perceptível para todos. As pessoas têm que ter esperança: têm que ver, claramente, que se fizerem sua parte, estarão em condições de participar de forma mais competente de um universo de oportunidades, de trabalho, benefícios, recompensas, crescimento... sem o que não adianta, simplesmente, tentar educar. Ou conter a violência.

Se eu não conseguir me projetar nas coisas boas do mundo ao meu redor, porque eu haveria de me preocupar com meu futuro? OU, de mais de uma forma, com o futuro dos outros? Nós temos que chegar a um ponto, na sociedade brasileira como um todo, em que as pessoas percebam que a marginalidade e o crime, principalmente no degrau de violência que ocorre na periferia das grandes cidades, não é uma alternativa de vida. Para tal, é preciso criar esperança... e eu não vejo nenhuma outra saída a não ser combinar educação de qualidade, prática, para a vida, com a criação de oportunidades. Para fazer isso, é preciso mudar muita coisa no Brasil e, principalmente o entendimento social da exclusão educacional e a direção e forma de funcionamento do Estado...

PI: *Em entrevista ao Planeta Inteligente, Rodrigo Baggio, do Comitê para a Democratização da Informática (CDI), disse que [as lan houses são subestimadas pelo Estado](#). Você concorda com essa afirmação?*

SM: Sim, e muito. Mas elas são um bom sinal de que a comunidade e seus empreendedores não estão esperando pelo Estado. E isso é muito bom. Estive recentemente em cidades remotas do interior do Brasil, com dez, doze mil habitantes, onde há trinta lanhouses. Aqui no Recife, no bairro da Bomba do Hemetério, há algo como trinta lanhouses também, para cerca de 12.000 pessoas. Pode ser que haja uma solução empreendedora natural, por aí, que leve cada 300, 400 pessoas, nas pequenas cidades e na periferia, a sustentar uma lanhouse. O que o governo poderia fazer a mais? Que tal ajudar a formalizar estes pequenos negócios [oferecendo subsídio para seus custos de telecom, em troca?...], melhorar a formação de seus empreendedores, articular suas demandas [e ofertas],... e por aí vai?

O Brasil cobra os mais altos impostos sobre telecom do planeta. Conectividade, aqui, não é tratada como artigo de primeira necessidade. Até parece mais com cigarro e bebida, tal o montante de impostos e taxas cobrados dos prestadores do serviço. Ao mesmo tempo, como não há competição real, o preço dos serviços oferecidos à população em geral, mesmo se os impostos fossem zerados, é muito mais alto do que

poderia ser se o ambiente de negócios fosse mais competitivo. Nos dois casos, parece haver um conjunto de coisas cuja melhoria depende do Estado e seus agentes.

O Estado, em função disso tudo e muito mais, pode fazer muito em prol das lanhouses; mas, para fazê-lo, talvez tenha que redesenhar o espaço econômico de telecom e internet no país. E seria mesmo muito bom que o fizesse.

PI: *O problema da exclusão digital lhe parece tão grave quanto os já 'tradicionais' enfrentados pelo Brasil?*

SM: Sim e não. Sim porque, como foi dito antes, exclusão digital é a causa direta da segregação informacional e conseqüente limitação de acesso a oportunidades de desenvolvimento pessoal e comunitário. E, por outro lado, não: não ter internet ainda não é a mesma coisa que não ter saúde ou viver em ambientes onde o grau de violência letal contra a pessoa ultrapassa 100 mortos por 100 mil habitantes por ano, que encontramos em muitas regiões das grandes cidades, e principalmente na faixa etária entre 15 e 24 anos.

Inclusão digital poderia ser um instrumento essencial para tratar estas outras exclusões, algumas delas verdadeiramente letais? Sim, sem dúvida. Por que não é este o caso? Aí voltamos ao ponto de partida... e a resposta é, talvez "porque o devido senso de urgência do problema ainda não faça parte das preocupações da sociedade". Quem acabou com a pólio não foi o Estado ou o governo, mas a sociedade, forçando os agentes públicos a tratar o problema com a urgência e profundidade que deveria ser tratado. No caso da inclusão [ou exclusão] digital... qual é que tem sido, mesmo, o grau de preocupação de quem tem com quem não tem?

Pólio tinha que ser resolvido para todos porque, por razões óbvias, resolver só para as camadas mais aquinhoadas da sociedade não resolvia o problema. No dia em que a vasta maioria da população se convencer que as exclusões digital e educacional, por exemplo, são tão ou mais danosas à sociedade do que doenças endêmicas com as quais nos apavoramos e exigimos uma solução universal, resolveremos o problema. Até lá, haverá paliativos de toda sorte, acompanhados de discursos de mudança, mas nenhuma mudança ou solução de fato.

PI: *Vemos alguns governos desenvolvendo programas de inclusão digital. Qual seria a política certa para aumentar o acesso a esses bens de informação?*

SM: Não acho que há "uma" política para tratar o problema, muito menos que há alguma "mais certa" do que qualquer outra. Somos um país diverso, esparso, complexo, temos cidades que são, sozinhas, maiores em renda, população e desigualdade do que muitos países. São Paulo é um tal exemplo, onde parecem conviver Manhattan e Zimbábwe. Acho que temos que instrumentar e empoderar as comunidades para que um processo de evolução natural, incentivado, ocorra dentro do contexto, demandas e

velocidade possíveis em cada lugar. Não acredito em grandes programas federais monolíticos que, qual mágica de circo, resolvem problemas muito complexos. Até porque mágica, como se sabe, é de circo mesmo.

PI: A PNAD 2007 mostra que um quinto das residências brasileiras têm acesso à internet. De que maneira você analisa esse dado?

SM: Com muito otimismo. Fico ainda mais otimista quando vejo que há mais de 150 milhões de celulares no país. Celular também é inclusão digital, econômica e social. De uma forma bem mais rudimentar do que acesso à internet em banda larga, mas é. Eu acho que, se acertarmos na universalização de cobertura de 3G país a fora, a convergência dos celulares [smartphones] com os computadores [netbooks], combinada com um tratamento fiscal de comunicações que a considere como insumo ao desenvolvimento, educação, saúde e entretenimento da população, ao invés de um vício... vai conectar –e muito bem- quase todo mundo.

Nesse assunto de conectividade, entre muitos outros, sou patologicamente otimista. Não acredito que haja mais um único adolescente no Brasil pensando que não precisa de internet. Pode até não ter e nunca ter usado, mas há uma percepção universal de internet similar à que se tem de conhecimento, hoje: quem não tem sabe que, se tivesse, estaria vivendo melhor e, ainda mais, criando possibilidades de viver cada vez melhor no futuro.

Mais cedo do que tarde, na minha opinião, vamos universalizar acesso à internet, seja pela via comunitária –como é o caso de lanhouses e outros núcleos de acesso comunitário à rede- ou privada, quer por computadores ou celulares. E isso vai ocorrer num tempo bem menor do que o tempo que levou –digamos- energia elétrica que, note-se bem, ainda há quem não tenha, mesmo no Brasil, sem falar do resto da América Latina ou África. E vai ser mais rápido do que TV, que levou meio século. Internet, na prática, tem dez anos no país. Posso estar [muito] errado, mas acho que dentro de mais quinze, no máximo, vai estar universalizada.

seu[s] próximo[s] celular[es]

19.06.09



stuart henshall acaba de publicar um texto interessante sobre as mudanças –muito rápidas- [no uso dos nossos celulares](#).

primeiro, no começo dos anos 90, os celulares eram telefones, pura e simplesmente. depois, foi a vez de trazer entretenimento para o dispositivo: vimos chegar, um após o outro, foto, áudio e vídeo; mais recentemente, de boa qualidade e em grande quantidade, em todos os casos, resultado da miniaturização cada vez mais radical das memórias e sistemas de captura de informação, combinados com processadores mais capazes e mais eficientes no uso de energia.

hoje, sem abrir mão de nada conquistado antes, o que costumava ser um celular multimídia se tornou dispositivo essencial para conectividade, para mediar nossas relações com tudo o que está na ou vem da rede. o que implica, quase que necessariamente, se conectar com coisas que

não têm nada [e isso existe?] a ver com a rede, como o rádio do seu carro. claro, óbvio: se peguei uma música online, pelo wi-fi do celular, como que vou tocar no trânsito? só pelos fones do celular?... deveria ser pelo bluetooth do rádio do carro...

a análise de henshall vale para quem tem um celular do tipo “smart”, que tem uma tela “grande” [para um celular], como um iPhone, BlackBerry e PalmPre... e que tem uma conta com razoável [que tal ilimitado em volume, limitado –mas não muito- em velocidade e a custo mensal fixo?] acesso à internet. você poderia dizer... sim, mas quem tem acesso a isso? no mundo inteiro, cada vez mais gente. num futuro próximo, quase todo mundo. inclusive no Brasil. cobertura nacional 3G, novos celulares e novos e mais competitivos modelos de negócio vão mudar tudo o que pensamos de celulares e como eles são usados para mudar nossas vidas. de novo.

segundo henshall, há sete razões pelas quais os celulares estão mudando tudo, de novo. as razões e os comentários originais estão lá [no texto dele](#). vou reduzir sete pra três, derivados do meu uso [atua] de celulares:

1. leitura: celulares se tornam, porque disponíveis o tempo todo, em todo lugar, telas para ler. para os mais velhos, as telas são pequenas; diziam o mesmo dos teclados. mas e daí? se você viajou para São Paulo e as páginas do guia da cidade estão na telinha na sua mão, com busca,

mapas, endereços e telefones, fazer o que? aprender a usar telas pequenas, e rápido, para sobreviver.

2. internet [conectividade e aplicações]: o guia do parágrafo anterior era um .pdf que você montou [eu já montei muitos]; mas o barato dos celulares, mesmo, é sintonizar a internet. e ninguém está na internet pela internet; a rede é só um meio pra conectar pessoas, sistemas, serviços, instituições. alguma hora talvez passemos a chamar de internet só a infra-estrutura e os serviços que tornam todo o resto, as aplicações, possível. e são as aplicações, de meio a twitter, que nos dão conectividade. meu celular carrega operaMini pra navegar, nimbuzz pra chat & VOIP, gravity pra twitter e googleMaps com myLocation preu dizer pro taxi, em qualquer lugar do mundo, pra onde ele tem que ir. essencial, mas nem sempre dá certo: dia destes, em são paulo, a coisa insistia que eu estava em bangcoc...

3. mídia: seu celular fotografa, filma, grava, [reproduz](#) tudo o que captura e é enviado pra ele. mas poucos –não achei os apps ideais pra isso, pelo menos- conseguem integrar, de uma forma transparente, a imagem que acabei de captar, na rua, a um texto e, no próximo click, fazer a coisa aparecer aqui no blog, direto, sem sofrimento. integrar imagens a aplicações e sistemas, em rede, está se tornando muito mais importante do que uma camera de 12 megapixel e terabytes de memória. afinal de contas, o destino de suas fotos não é seu celular, mas um repositório [abetro ou não] em rede. mas isso é só uma questão de tempo, e pouco; os celulares vão se transformar em instrumentos revolucionários e universais de conectividade pessoal e institucional, bem como em ferramentas para capturar, processar e apresentar informação, de forma integrada e em todos os sentidos, em rede.

e você e eu trocamos de celular o tempo todo, tipo uma vez a cada dois anos, por aí. pra sua próxima troca, faça a lista de características e, seja quais forem, bote internet [incluindo wiFi e conexões tipo blueTooth, parte essencial de sua “rede local”], uma plataforma móvel para qual haja [ou vá haver] muitas aplicações [fora do controle do fabricante], uma tela boa o suficiente para ler [livros, se for o caso!] e capacidades variadas de tratar, de forma integrada com as aplicações e a internet, todos os tipos de mídia. seu celular, afinal de contas, não é um celular: usá-lo como telefone é tão séc. XX...

bloggers: foi-se o anonimato

21.06.09



pelo menos na Inglaterra. a justiça de lá, ao decidir sobre o polêmico caso de um policial que mantinha, anonimamente, um blog sobre a polícia, suas ações, erros e omissões, julgou que Richard Horton, detetive do Lancashire Constabulary, não podia ter, ao começar seu blog, “nenhuma expectativa razoável” de anonimato.

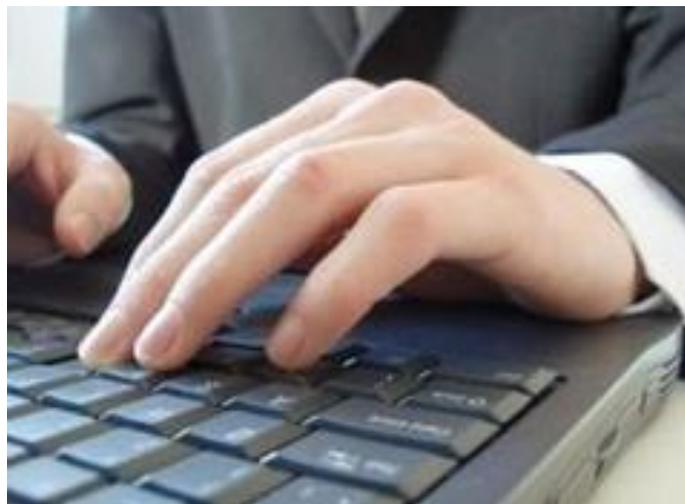
[a decisão é quase final, pois vem da high court:](#) na

Inglaterra, o número de textos legais é pequeno e uma parte significativa da legislação é criada quando as cortes mais altas do país julgam casos como este.

uma sentença da High Court inglesa dizendo que um blogger não pode ter “nenhuma expectativa razoável” de anonimato porque “blogging é uma atividade essencialmente pública”, adicionando que *o interesse público, em situações semelhantes, sempre estaria acima de qualquer arguição em prol do anonimato de um indivíduo*, cria uma norma legal que vale como se fosse lei. a menos que a Court of Appeals e/ou a House of Lords revertam a decisão, o que [parece muito remoto neste caso.](#)

mas isso não significa que deu um azevedo básico no sistema legal inglês e que, a partir daí, todos os candidatos a blogueiro têm que se registrar, provando sua identidade de forma irrefutável. fosse no Brasil, era capaz de criarem uma rede de cartórios [hereditários] das varas virtuais só para identificar blogueiros. lá, não.

continua sendo possível escrever, no anonimato e com toda a simplicidade do mundo e de sempre, um blog, inclusive pra falar mal de quem você quiser. mas, agora, ninguém mais pode arguir –ao ser descoberto por um jornal, como foi o caso de Horton– que seu blog é publicado no anonimato. cada um que cuide de se esconder atrás de sua presença online como melhor puder; ao ser descoberto, daqui pra frente, não terá qualquer amparo legal.



um repórter do times fez um trabalho [básico] de detetive para descobrir que um detetive era o anônimo atrás de um blog sobre a polícia, que chegou a ter meio milhão de leitores por semana. ao responder como chegou lá, patrick foster quase soltou um “[elementar, meu caro watson](#)”.



o caso do jornalismo –e a [des]regulamentação das profissões-meio [1]

23.06.09

aproveitando a decisão do supremo sobre a inexigibilidade de diploma para exercício das profissões de jornalismo, este blog publica uma série de textos sobre o tema, tratando o problema mais geral: que profissões deveriam ser regulamentadas? e que outras, especialmente no caso brasileiro, deveriam ser desregulamentadas? a seguir, nosso primeiro capítulo. vários outros vão aparecer aqui nos próximos dias: sintonize.

uma semana depois do supremo garantir a inexigibilidade do diploma para o exercício das profissões associadas às formações de jornalismo, os lados envolvidos na disputa deveriam estar começando a se preparar, como o caso exige, para enxergar o futuro.

uma semana depois, estamos no tempo da missa de sétimo dia dedicada a parente querido, mas que sofria –muito- de doença terminal e a quem todos consideram que “descansou”, depois de longa e tenebrosa enfermidade. talvez seja este o estágio atual da discussões sobre o finado diploma como requisito para se exercer a profissão de jornalista..

até porque nunca –até a ditadura- se exigiu diploma para que alguém estivesse jornalista no brasil. jornalismo, no passado, era tratado como um “estar” e não como, depois da ditadura, um “ser” regulamentado, alguém que passa por um processo de “diplomação” que o torna jornalista.

imagina-se que a lei que regulamentou a profissão foi repelida com veemência pelos que, à época, praticavam jornalismo; pois que era uma intromissão do regime em um sistema que estava estabelecido e há tempos articulado pelos seus próprios meios e o governo – especialmente o militar, interessado em tutelar tudo o que tivesse a ver com informação- não tinha que meter seu indesejável bedelho no assunto.

o *status quo* da época levou um choque e reagiu bravamente. mas algumas décadas de vigência das novas –agora velhas- regras foram suficientes para criar um novo *status quo*, [que reage](#), hoje, ao fim da exigência do diploma para o exercício da profissão. claro que a reação contra as novas regras –ou a falta delas- não é homogênea. jornalistas como juca kfourri [[veja declaração de juca aqui](#)] e luís nassif [[que fala sobre o assunto aqui](#)], só para citar dois expoentes da profissão, nunca viram sentido em diploma ou formação específica em jornalismo como requisito essencial para ser um profissional da área. muito menos pra ser um bom profissional da área.

mas há uma linha de argumentação a favor da exigência do diploma que revela uma sociedade majoritariamente sintática [de aparência, símbolos], gente que parecia estar fazendo jornalismo “pelo” diploma e porque o diploma [e não o conhecimento...] garantia uma “reserva

de mercado” para o exercício profissional e a renda correspondente. isso ao contrário do que seria de se esperar de um regime semântico [de valores, significados] embutido numa economia do conhecimento, onde estamos agora, e onde vale quem sabe e faz, na prática, na hora, sob demanda. que nem cantador em desafio.

no caso de jornalismo, [por força de liminares](#), os diplomas já não eram exigidos há muito tempo; a decisão do supremo só, [aparentemente](#), pôs uma lápide sobre o assunto. mesmo assim, muita gente que queria a continuidade do “diploma” está em estados que variam de revolta a desamparo, com alguns insinuando que, ao mudar suas **expectativas de retorno de investimento no “diploma”**... [deveria o Estado indenizá-los pelo desperdício](#). fosse esse o caso, o dos direitos [naturais] *ad aeternum*, congelar-se-ia a sociedade, definitivamente, e nada mais mudaria.

imagine que tal imutabilidade estivesse conosco há 200 anos: hoje, como resultado, haveria um rei no brasil, portugal seria um departamento ultramarino, teríamos escravos por todo lado, açoitados e negociados em público, e as mulheres [e de resto quase toda a população] estariam excluídas dos processos sociais... situações que foram mudadas, em boa parte, graças a jornalistas [sem diploma] libertadores e abolicionistas... que foram parte essencial do processo de mudança das regras e renovação do tecido social.

mas é muito difícil raciocinar claramente sobre mudanças, principalmente em termos do cenário mais amplo, quando nos sentimos atingidos em direitos que achamos nossos e fundamentais. mudar, inovar, evoluir, é a essência do humano; assim nos parece a todos. e isto parece ser ainda mais verdade quando somos os agentes da mudança e os “mudados” são terceiros, de preferência quartos, com os quais não tenhamos qualquer relação. eles, afinal de contas, estavam no tempo e lugares errados. quando nós somos *os mudados*... aí é o fim do mundo. e nossos “direitos”, afinal?

breve, neste mesmo blog e comentários, a sequência desta discussão. aguarde. e [assine nosso RSS](#) pra estar a par do que vai acontecer aqui.

[o caso do jornalismo –e a \[des\]regulamentação das profissões-meio \[2\]](#)

25.06.09

aproveitando a decisão do supremo sobre a inexigibilidade de diploma para exercício das profissões de jornalismo, este blog está publicando uma série de textos sobre o tema, tratando o problema mais geral: que profissões deveriam ser regulamentadas? e que outras, especialmente no caso brasileiro, deveriam ser desregulamentadas? [o primeiro texto da série está neste link](#); hoje, publicamos o segundo; outros vão aparecer nos próximos dias: sintonize.

o supremo tribunal federal, em sessão histórica, com voto de ampla maioria e repercussão num grande número de profissões ainda regulamentadas, eliminou a exigência de diploma para exercício das profissões de jornalismo. no supremo, os ministros entenderam que o diploma estava cerceando as garantias constitucionais de liberdade de expressão e informação.

[segundo o ministro ayres britto](#), "*Nesse campo, a salvaguarda das salvaguardas da sociedade é não restringir nada. Quem quiser se profissionalizar como jornalista é livre para fazê-lo, porém esses profissionais não exaurem a atividade jornalística. Ela se disponibiliza para os vocacionados, para os que têm intimidade com a palavra*".

mas há uma razão ainda mais básica –e não constitucional- para que as profissões de jornalismo não precisem de diploma ou formação superior específica para seu exercício: **jornalismo é uma** –e não a única- **profissão-meio**. isso quer dizer que, excetuando umas poucas publicações que tratam jornalismo como fim, toda a “imprensa” [falada, escrita, televisada, blogada, tuitada...] trata do mundo, da vida, sociedade, economia, física, informática, medicina e saúde... das coisas que sentimos, fazemos, sofremos, e sobre as quais expressamos nossos pensamentos e preocupações. e jornalismo, ou as competências associadas ao jornalismo, são os meios de expressão que usamos para tratar, em público, nos veículos midiáticos, os assuntos relativos a todos estes nossos interesses.

não é difícil arguir que um bom economista está melhor preparado para falar sobre a crise financeira mundial, suas razões e possíveis futuros, do que um bom jornalista [que ainda não seja um especialista em economia devido a outras formações]. isso no sentido em que é mais eficaz e eficiente preparar um economista para usar os meios de expressão para disseminar o conhecimento que detém sobre o assunto e as análises que pode fazer a partir daí do que preparar um jornalista nos fundamentos e aplicações da economia.

o mesmo argumento vale, *mutatis mutandis*, para qualquer outro campo de atividade humana. basta fazer a pergunta: X [uma habilidade, formação, competência ou capacitação...] pode [ou deve] ser usado para exercício de alguma outra habilidade, Y, de uma forma tal que cercear o exercício da habilidade X prejudica não só Y mas a sociedade como um todo? faça esse teste para a sua atual profissão e/ou formação e veja no que dá.

veja o caso de matemática: as competências de matemática, e em muitos casos em níveis muito sofisticados, são usadas em dezenas, centenas de profissões. o que aconteceria se só formados em matemática pudessem exercer papéis que dependem de um conhecimento profundo da área? pra começar, um número muito considerável de engenheiros, cientistas de todos os tipos, sociólogos, economistas, gestores... gente que faz uso intenso de habilidades de matemática, não poderia exercer suas profissões atuais. pelo menos uma parte do seu trabalho [qual, e principalmente, como?] teria que ser realizada somente por matemáticos.

por outro lado, para os matemáticos, o mundo não se acabou: eles nunca se tornaram matemáticos porque a profissão era regulamentada. [ela não é](#), nunca foi. mesmo assim, no mundo inteiro, o sistema financeiro e instituições de pesquisa [e só para citar dois casos] empregam todos os matemáticos que conseguem encontrar, sem que para isso tenham que ser forçados, por uma imposição legal qualquer, a contratá-los.

[segundo joão lucas barbosa, presidente da sociedade brasileira de matemática](#), não há motivo para que a profissão de matemático dependa de diploma ou tenha um órgão fiscalizador. *“A regulamentação também engessa a profissão. Com isto quero dizer que, com o evoluir da ciência e da tecnologia, outros mercados se abrem para uma determinada profissão, mas que não podem ser alcançados porque não estavam previstos na legislação que a regulamentava. Se algum profissional, de qualquer área, alcançar o domínio do conhecimento matemático ao ponto de poder fazer pesquisa em matemática no padrão internacional, ele será recebido de braços abertos pelos matemáticos e exercerá a profissão”.*

matemática, assim como jornalismo, são linguagens, meios de expressão de conhecimento para muitas outras áreas. no caso de matemática, trata-se de fundamento e meio para todas as outras. como meio, corpos de conhecimento não podem e não devem ser objeto de reserva de mercado para diplomados na “área”.

e deve ser óbvio para qualquer um que a área de matemática [em particular], não conseguiria formar profissionais competentes em todas as outras áreas que usam matemática de forma intensiva, pois teria que se transformar numa universidade. de resto, o tempo de formação seria infinito. e o mesmo vale para todas as áreas-meio. no caso de jornalismo, vale o mesmo raciocínio.

agora pense numa profissão –ou diploma- atual e faça o teste. se for uma área “fim”, como cirurgia, as chances dela ser –e continuar sendo- regulada são muito altas; se for uma área “meio”, ela não deverá estar regulada por diploma e, se estiver, no momento, tal regra vai cair dentro de algum tempo.

quando se tratar de “meio” fundamental, como matemática, a área será parte da formação básica associada ao exercício de muitas habilidades, como já acontece. quando for “meio” instrumental, como jornalismo, a área poderá ser uma especialização, não mandatária, que se associará a muitas outras formações.

sábado, neste mesmo blog e comentários, a sequência desta discussão. aguarde. e [assine nosso RSS](#) pra estar a par do que vai acontecer aqui.

[o caso do jornalismo -e a \[des\]regulamentação das profissões-meio \[3\]](#)

27.06.09

aproveitando a decisão do supremo sobre a inexigibilidade de diploma para exercício das profissões de jornalismo, este blog está publicando uma série de textos sobre o tema, tratando o problema mais geral: *que profissões deveriam ser regulamentadas? e que outras, especialmente no caso brasileiro, deveriam ser desregulamentadas?* [o primeiro texto da série está neste link](#); [o segundo está aqui](#) e, hoje, publicamos o terceiro; a série termina na semana que vem: [sintonize](#).

a decisão do supremo é muito mais ampla do que parece. não só porque a regulamentação de certas profissões agredia liberdades constitucionais básicas, mas porque abre uma ampla discussão, no país, sobre o que é mesmo uma profissão e quais delas deveriam ser regulamentadas. e porque. num universo de conhecimento abundante e cada vez mais disponível de forma aberta e livre, reservas de mercado devem ser restritas às práticas profissionais que atendam a pelo menos dois requisitos, mesmo levando em conta que uma parte significativa da decisão é influenciada por pressões e política.

primeiro, a reserva de mercado só deveria ser considerada para profissões “fim”, que exijam o domínio de corpos de conhecimento específicos e bem estabelecidos. segundo, o exercício de tais profissões deve estar associado a riscos para seres humanos que sejam [eventualmente] objeto do exercício profissional ou riscos sociais bastante claros.

seguindo esta ótica, o exercício da medicina deve ser regulado, assim como o da engenharia civil. ambas são profissões-fim, que podem resultar em graves riscos para humanos que usam, compram e moram em prédios [por exemplo] ou são operados por neurocirurgiões. e deve estar claro, para todos, que neurocirurgia [por exemplo] não é um meio através do qual alguém pode exercer sua liberdade de expressão.

no extremo oposto, nenhuma atividade associada à música, literatura, matemática, estatística [e muitas outras áreas] deveria sofrer qualquer tipo de regulação. cada um ouve e lê o que quer, escrito ou tocado pelo seu artista preferido, que pode ser autodidata, passar no teste da melhor sinfônica do planeta e ser contratado no ato. ou ganhar o prêmio nobel sem nunca ter ido à escola. ou fundar “a” banda de uma década: os criadores do nação zumbi, ao que me consta, nunca tinham ido a um conservatório ou passado no exame da ordem dos músicos. e deu no que deu.

sem falar que a quase totalidade dos compositores formados nas universidades do mundo inteiro não chega nem perto do que mozart estava fazendo aos [digamos] doze anos [de idade, não de exercício da profissão].

mas estamos no brasil, terra dos direitos e dos cartórios. matemática não é uma profissão regulamentada. mas estatística, que também é uma daquelas áreas-meio de que falamos, é, [obra da lei 4.738, de 1965](#), baixada pelo então presidente castelo branco. outro general, costa e silva, foi quem determinou a agora defunta obrigatoriedade do diploma para jornalismo.

como há muitas profissões-meio reguladas, há uma vontade [de certa forma justificada], em muitos quadrantes, para regular outras tantas. para citar poucos exemplos, os [geógrafos querem regulamentar uma profissão](#); mas, nos EUA, [harvard fechou seu curso de geografia em 1948](#) e dartmouth é a única das universidades da ivy league que oferece uma formação na área. os [musicoterapeutas](#) também querem uma profissão só sua, assim como os [conservadores-restauradores de bens culturais móveis ou integrados](#), que tiveram sua regulamentação aprovada na comissão de assuntos sociais do senado em 2008: segundo o PLS 370/07, *a profissão deve ser exercida, exclusivamente, por diplomados em curso superior, no Brasil ou no exterior, na restauração de bens de valor histórico, documental ou artístico, sejam eles tombados ou não, aos quais também estão reservadas as atividades de magistério nessa especialidade.*

muitos [designers também](#) acham que sua profissão deve ser regulamentada e há quem sustente que se trata de atividade de alto risco. design, no entanto, é uma linguagem, geral, de amplo uso social: *designer é todo aquele que muda o curso dos acontecimentos para transformar uma situação atual numa desejada.* políticos, por exemplo, usam design de forma intensiva para tratar dos assuntos de um país. ainda bem que eles, os políticos, ainda não estão tentando regulamentar sua própria atividade, excluindo os mortais comuns. pelas nossas regras, de novo, não poderiam: política é uma linguagem. e das universais.

e, falando em políticos, a profissão de turismólogo passou pela [câmara e senado em 2005](#), mas foi [vetada na íntegra pela presidência da república](#). no senado, a causa era apoiada pelo senador eduardo azeredo, que conduziu [com sucesso] a regulamentação de biblioteconomia e que está, agora, tentando aprovar a regulamentação de uma das profissões de informática, a de analista de sistemas.

nenhuma destas profissões precisa ser regulada, pelas regras simples e diretas de que já falamos antes. mas a pressão é muito grande e há toda uma economia que se movimenta ao redor das profissões regulamentadas. isso apesar da regulamentação, no caso das áreas-meio, não ter efeito comprovado na melhoria da qualidade do exercício profissional ou na renda auferida pelos bons profissionais, os únicos, aliás, que deveriam estar exercendo a profissão, meio ou fim, regulamentada ou não.

segunda, neste mesmo blog e comentários, a sequência desta discussão. aguarde. e [assine nosso RSS](#) pra estar a par do que vai acontecer aqui.

[o caso do jornalismo -e a \[des\]regulamentação das profissões-meio \[4\]](#)

29.06.09

aproveitando a decisão do supremo sobre a inexigibilidade de diploma para exercício das profissões de jornalismo, este blog está publicando uma série de textos sobre o tema, tratando o problema mais geral: *que profissões deveriam ser regulamentadas? e que outras, especialmente no caso brasileiro, deveriam ser desregulamentadas?* [o primeiro texto da série está neste link](#); [o segundo está aqui](#), [clcando aqui você chega no terceiro](#) e, hoje, publicamos o penúltimo; a série termina na quarta-feira que vem: [sintonize](#).

já que estamos falando de regulamentação de profissões e que isso, no brasil, se liga quase que diretamente à reserva de mercado para portadores de diploma de curso superior, que tal ver de perto o caso da estatística, que conseguiu sua carta de acesso ao rol das profissões com reserva de mercado há 45 anos? vamos compará-la com a matemática –que não é regulamentada, em um item fundamental para qualquer área, a atração de alunos para os cursos universitários [de graduação].

há 42 cursos de graduação em estatística no brasil, segundo os últimos [dados oficiais publicados pelo inep, relativos a 2007](#) [clique no link para pegar um .xls sobre todos os cursos]. matemática, pelo mesmo relatório oficial, tem 82 cursos. em 2007, estatística ofereceu 2.276 vagas no país inteiro, para 5.674 candidatos, mas apenas 1.407 se matricularam no primeiro ano. o número de matriculados em todos os anos do curso, em 2007, era 6.172.

em 2007, os cursos de matemática ofereciam 5.984 vagas para 13.338 candidatos, dos quais 3.571 se matricularam no primeiro ano. o número total de matriculados, em 2007, era 14.529.

ainda em 2007, estatística graduou 719 alunos, ao tempo em que 2.217 se formaram em matemática. a razão formados/matriculados, em estatística, é 11.6%. esta taxa é uma medida essencial da atratividade do curso e do diploma em profissões reguladas e, num curso de quatro anos, o ideal seria 25%: a cada ano, 1/4 dos alunos se forma. em matemática, também um curso de quatro anos, a razão f/m é 15.3%, 32% superior à de estatística.

a conclusão [parcial] dos dados e cálculos acima é que depois de 45 anos de profissão de estatística regulada e exigindo diploma, a área 1] tem a metade do número de cursos de matemática; 2] estes cursos têm 42% do número de alunos de matemática e, mesmo com estatística regulamentada, 3] matemática, não regulamentada, tem uma performance de diplomação, sobre o corpo de alunos, 32% maior.

parte da explicação é que estatística é uma linguagem, assim como matemática. e tá cheio de gente fazendo estatística, em todo canto, sem “ser” estatístico. entre os que “estão” estatísticos ora sim, ora não, aqui e ali, há engenheiros, sociólogos, médicos, nutricionistas,

economistas , personal trainers... em suma, todo mundo que precisa fazer [por exemplo] experimentos e análise de dados [entre muitos outros usos das habilidades da área]. o general castelo branco regulou a profissão de estatístico mas a lei 4.738/65, na prática, “não pegou”.

estatística, como já se disse, é uma formação-meio, assim como matemática. mas isso não quer dizer que não deva haver profissões diretamente associadas à formação de estatístico ou matemático. muito ao contrário. quer dizer que estatística teria muito mais a ganhar se, da mesma forma que matemática, deixasse de exigir diploma para o exercício da profissão. e o mesmo é verdade para todas as formações-meio.

agora pense: se isso tudo faz sentido, porque é que a câmara federal acabou de aprovar [e enviou para o senado] a profissão de repentista? [se a coisa vingar](#)... *cantadores e violeiros improvisadores, os emboladores e cantadores de coco, os poetas repentistas e os contadores e declamadores de causas da cultura popular, e, finalmente, os escritores da literatura de cordel...* terão que se registrar num órgão de classe e estar sujeitos a regras similares aos músicos. como estes têm que fazer exames... é capaz de haver vestibular de rima para os cantadores, com taxas a pagar e tudo, porque haverá uma “entidade” a ser sustentada.

o brasil, do ponto de vista das profissões e do trabalho, está preso a princípios, conceitos, práticas e legislação que parecem estar fundeados no séc. XIX, ao invés de preparados para nos tornar mais competitivos no séc. XXI. e isso faz com que a lógica de regulamentar profissões funcione assim: *mas... a profissão de fulano não é regulamentada?... então a minha também tem que ser!*. sem que se pense, antes, que a profissão de fulano, pra começar, talvez devesse ser desregulamentada, como foi o caso de jornalismo.

ocorre que há um grande número de parlamentares à procura de projetos [e votos] e a regulamentação de uma nova profissão não passa pelo plenário, mas por apenas duas comissões. isso faz com que as casas legislativas se tornem um terreno fértil para plantar e colher profissões como a de repentista ou [entre muitas outras, em andamento na câmara] [grafólogo](#), [ecólogo](#), [capoeirista](#), [cuidador de pessoa](#), [garçom](#), [sommelier](#), [cerimonialista](#), [depilador](#), [modelo](#), [fotógrafo](#), [pedagogo](#), [psicopedagogo](#), [instrutor de trânsito](#), [geofísico](#) e... [astrólogo](#). esta última, [se aprovada](#), precisará de diploma e registro sindical pra exercer o ofício [[definido aqui](#)]. próxima vez que consultar uma [mãe dinah](#), o leitor deve lembrar de pedir diploma, carteirinha e anuidade em dia.

muito bem. este blog é relacionado a tecnologia; e esta discussão, o que tem a ver com informática? muito. e é exatamente isso que vamos discutir, pelas nossas previsões, no último capítulo da série, na próxima quarta-feira, aqui neste espaço-tempo.

até lá. aguarde. e [assine nosso RSS](#) pra estar a par do que vai acontecer aqui.

[o caso do jornalismo -e a \[des\]regulamentação das profissões-meio \[final\]](#)

01.07.09

aproveitando a decisão do supremo sobre a inexigibilidade de diploma para exercício das profissões de jornalismo, este blog está publicando uma série de textos sobre o tema, tratando o problema mais geral: *que profissões deveriam ser regulamentadas? e que outras, especialmente no caso brasileiro, deveriam ser desregulamentadas?* [o primeiro texto da série está neste link](#); [o segundo está aqui](#), [clikando aqui você chega no terceiro](#), este aqui é o [link do quarto texto](#) e, hoje, publicamos o último texto da série, abaixo

há pouco mais de dois anos, escrevi um texto sobre trabalho e [ele começava mais ou menos assim](#):

passamos a maior parte de nossas vidas úteis trabalhando, como se tivéssemos nascido só para isso. a cidade moderna, necessidade da revolução industrial para aglomerar trabalhadores –no passado, a mão-de-obra- perto das fábricas, nos acostumou a trabalhar em “locais de trabalho”, onde se encontravam, via de regra, as ferramentas necessárias para realizar a nossa parte.

mas os tempos mudaram. dos tempos modernos de chaplin prá cá, muito mais gente passou a processar informação, como trabalho, ao invés de manipular objetos físicos, atividade cada vez mais primária e passível de ser realizada por máquinas, robôs que tomam -devidamente- nosso lugar no esforço “manual”.

*afinal, temos mais o que fazer: o trabalho repetitivo e impensado, pouco criativo, que exija “apenas” visão, audição, processamento básico de alguma informação [como o tráfego de automóveis e pedestres ao redor e os sinais de trânsito da rua] e a ação física de controlar alguns dispositivos, como freios, aceleradores e direções será realizado, em breve, por autômatos. não precisaremos de humanos para [dirigir automóveis](#), mesmo em situações extremas. e, mais cedo do que tarde, é bem possível que um número muito grande de cirurgias mais complexas tenha que ser –obrigatoriamente- realizado por robôs, supervisionados e **programados** por cirurgiões... humanos.*

a palavra-chave do último parágrafo é “programados”, não por acaso mostrada em negrito. por que? olhe para a frente, anos à frente. e pense: que trabalho e que funções essenciais, em cada um destes trabalhos, será privilégio de humanos?... estranha, tal reflexão, numa discussão sobre regulamentação de profissões, não?

não. porque ao invés de discutirmos profissões em termos de congelamento do passado, como quase sempre é o caso no brasil, deveríamos refletir sobre o assunto considerando os possíveis

futuros do trabalho e das competências, habilidades e formações necessárias para exercê-lo. senão vamos acabar regulando profissões –e diploma obrigatório- de taxidermista e taquígrafo.

muito tempo atrás, poderíamos ter regulado a “profissão” de alfabetizado: fosse este o caso, só poderia ler e escrever quem tivesse uma formação e diploma específico, registro e autorização de um conselho “da área”. lá no começo da escrita, a coisa levava jeito: os escribas eram especialistas raros e regiamente remunerados. em muitos lugares, somente reis e nobres podiam se dar ao luxo de ter um ou outro deles a seu serviço. imagine o impacto da alfabetização em massa, percebida como um bem social, direito universal e dever do estado, na vida dos escribas. dançaram.

e tinham mesmo que dançar: proteger escribas era parar o tempo, impedir o livre intercâmbio de informação entre pessoas, instituições e regiões, em suma, manter o futuro à distância. ainda bem alfabetização em massa era inevitável. pra quem imaginava o futuro, aqui e agora, a extinção da obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista também estava na classe das favas contadas; de mais de uma forma, tratava-se uma reserva de mercado para um dos tipos de “escribas” da nossa era.

olhando de frente para o futuro, *o que -mesmo- é inevitável*, visto a partir d’agora, numa sociedade de abundância de informação e conhecimento, onde até o papel da universidade [como principal centro de formação de elites de conhecimento] começa a ser questionado sob vários ângulos? [segundo dan tapscott...](#)

Universities are finally losing their monopoly on higher learning. There is fundamental challenge to the foundational modus operandi of the University -the model of pedagogy. Specifically, there is a widening gap between the model of learning offered by many big universities and the natural way that young people who have grown up digital best learn.

The old-style lecture, with the professor standing at the podium in front of a large group of students, is still a fixture of university life on many campuses. It’s a model that is teacher-focused, one-way, one-size-fits-all and the student is isolated in the learning process. Yet the students, who have grown up in an interactive digital world, learn differently. Schooled on Google and Wikipedia, they want to inquire, not rely on the professor for a detailed roadmap.

They want an animated conversation, not a lecture. They want an interactive education, not a broadcast one that might have been perfectly fine for the Industrial Age, or even for boomers. These students are making new demands of universities, and if the universities try to ignore them, they will do so at their peril.

as universidades, especialmente na periferia, porque ainda estão tentando chegar [na maior parte das vezes pela via da simples –e pobre, porque com menos recursos- imitação] no patamar de suas matrizes de classe mundial, estão ignorando tais demandas, no meu entender,

há mais tempo do que deveriam. mas não é só nos métodos e processos, como muito bem questiona tapscott, que as universidades estão se perdendo.

mark taylor, da columbia university, escreveu em abril passado um polêmico editorial do new york times [["The End of the University as We Know It"](#)], atirando de frente no atual sistema universitário americano, modelo onde se espelha o mundo, inclusive o nosso:

***Graduate education is the Detroit of higher learning.** Most graduate programs in American universities produce a product for which there is no market (candidates for teaching positions that do not exist) and develop skills for which there is diminishing demand (research in subfields within subfields and publication in journals read by no one other than a few like-minded colleagues), all at a rapidly rising cost (sometimes well over \$100,000 in student loans).*

segundo taylor, a fonte do problema é antiga e pode ser datada de 1798, com a assinatura de ninguém menos que kant [em "The Conflict of the Faculties"]. segundo o filósofo alemão, as universidades deveriam...

...handle the entire content of learning by mass production, so to speak, by a division of labor, so that for every branch of the sciences there would be a public teacher or professor appointed as its trustee.

juntando os três textos, acima... as universidades atuais são sistemas de ensino que funcionam como fábricas da era industrial, onde cada ramo do conhecimento tem um departamento [ou um grupo de professores tentando criar um...], e **um ou mais cursos e diplomas...** e salas de aula funcionando exatamente como... na idade média. isso quando os estudantes chegando à universidade [pelo menos no mundo civilizado] nasceram na internet e já entenderam, há muito, que conhecimento –conteúdo, se quiserem- é o que importa. diploma é um mero efeito colateral.

aqui na periferia, porém, sem muitas alternativas de trabalho –porque ainda se vive, em um bom número de áreas de formação, em tempos de escassez, diploma tem outras interpretações. e em país de bacharéis, é documento multiuso: entre outras, serve como garantia de lugar especial na cadeia, separado do populacho [até quando?] e como passaporte para reserva de mercado para exercício da “profissão” que se consegue, aqui e ali, atribuir a certificados específicos.

dito isto, vamos perguntar de novo: quais são as profissões [humanas] do futuro? só e somente aquelas que exigirem, para seu exercício, processos mentais cuja sofisticação for essencialmente humana. ou seja, qualquer coisa que não exija níveis de pensamento mais altos e sofisticados será exercida por sistemas que haveremos de **programar** para tal. sistemas de todos os tipos, de pilotos automáticos a secretárias.

para programar tais sistemas, agora e no futuro, será preciso deter competências nos meios [informática] e nos fins, nas aplicações. excetuando os tipos de sistemas que são informática como um fim em si mesmo [compiladores, por exemplo], em todos os outros contextos em que usarmos informática ela será meio para se chegar em um certo conjunto de fins. o que discutiremos a seguir.

o núcleo central das profissões de informática [e são [dezenas](#)] está no ato de programar. tanto em computação, como em comunicação e controle, seja em hardware ou em software, informática é programa. um autômato é um programa; pode ser realizado em software ou hardware, mas é, na prática e nos fundamentos, programa. e um programa, um “software”, como se diz vulgarmente, é obviamente um programa. como programa, é [máquina e] linguagem, é meio para se fazer alguma coisa. seja um driver inteligente para uma broca de dentista ou o sistema de gestão de um banco, software e hardware são [quase sempre, como já dissemos] meio e não fim.

por esta lógica, exposta nos textos desta série, as profissões de informática não poderiam e não deveriam ser reservadas, como mercado, para os possuidores de diploma na área. afinal de contas, como você iria querer que seu cérebro fosse operado? por um sistema desenvolvido por neurocirurgiões que [juntamente com todas as profissões de informática envolvidas] criaram um robô de alta precisão [[veja exemplo aqui](#)] ou por uns engenheiros da computação que aprenderam neurocirurgia? eu tô com o primeiro grupo e não abro.

informática é [vista de longe] o espaço delimitado por computação, comunicação, controle e as aplicações dos tres. peter denning classifica informática e suas profissões [em níveis de entendimento](#), que correspondem a perguntas e respostas essenciais para que se “entenda” a profissão.

no **primeiro** [e mais fundamental, “mechanics”] nível, a pergunta é *o que as máquinas informacionais [concretas e abstratas] fazem, como e por que?* máquinas são linguagens e mesmo aqui, na base, informática é meio e não deveria ser regulamentada, tal como matemática, lógica e filosofia. de resto, se você encontrar alguém [com qualquer formação] que consiga discutir a *otimização de combinadores de curry-turner para execução de linguagens funcionais*, pode trazer pra profissão que tá valendo, com qualquer ou nenhum diploma.

no **segundo** nível [“design”], a pergunta é... *como organizar o pensamento [e a nós mesmos] quando estamos desenhando [“designing”, no sentido de projetando] computações [mais amplamente, informática, no sentido de computação, comunicação e controle]?* organização e administração de times e processos é *design*, como tal é meio e não deveria depender de diploma; e o processo de desenhar [*design*, daqui pra frente], claramente uma linguagem, um meio, não deveria ser restrito apenas àqueles que têm um diploma em design, porque há design em tudo.

no **terceiro** dos quatro níveis de denning [“core technologies”], temos que nos perguntar... *como é que fazemos o design da informática que suporta elementos comuns a múltiplas*

aplicações?... de novo, *design*; no topo disso, arquitetura, processos, complexidade,... partes significativas da ciência e engenharia da computação e de software. as “*core technologies*” dependem radicalmente do domínio de linguagens e infraestruturas muito complexas, que nos levam a escrever, por exemplo, sistemas de gerenciamento de bases de dados [SGBD] ou sistemas operacionais [SO].

em condições normais de temperatura e pressão, tal conhecimento está nas graduações em informática e não é nada que profissionais “formados” em medicina ou botânica aprendam de um dia para o outro. se o fizerem, também são muito bem-vindos à profissão, pois tal tipo de capital humano é extremamente escasso em qualquer lugar e tempo. aqui, regular pra que?... se a vasta maioria dos formados em qualquer curso de informática não sabe escrever um SGBD, um SO ou um compilador?...

finalmente, no **quarto** nível de denning [“*application domains*”], a pergunta é... *como trabalhamos com outras pessoas, de outras formações, competências e habilidades, para desenhar a informática que lhes serve?...* aqui é onde informática é meio mesmo; aqui é onde estão os sistemas de informação, o software que move a sociedade de forma mais ampla, exatamente o que se tem tentado regular no brasil, sem sucesso, há quase tres décadas. e logo aqui, no nível quatro de denning, onde informática é mais claramente meio, de forma simples e definitiva, e não poderia ser regulada [no sentido brasileiro, de reserva de mercado para diplomas] sob nenhuma ótica.

por que? neste último nível, temos desde os grandes sistemas de ERP até os pequenos programas em excel, feitos por times multidisciplinares, integrados à estratégia dos negócios, resolvendo problemas [e não trabalhando em áreas] das empresas, numa dinâmica de mercado, no espaço-tempo, que faz com que o programador de hoje seja o engenheiro de amanhã, o arquiteto na semana que vem, e o gerente daqui a um mês. e passe por atendimento, vendas, finanças e se transforme no principal administrador da empresa em pouco tempo.

muitos dos que apóiam a regulamentação da “profissão” de analista de sistemas, claramente um meio, o fazem porque reclamam do papel de alguns conselhos regionais de administração, que tentam puxar para seus tutelados os atributos de analistas de sistemas.

mas a solução, aqui, **não é regulamentar “analistas”**, que são meio, e sim **desregulamentar “administradores”**, que também fazem parte de uma profissão meio. e indubitavelmente “mais meio” do que analistas: as competências para administrar estão distribuídas em todos os tipos de formação, habilidades e práticas de negócios. graduação em administração, para negócios, é o mesmo que jornalismo, para informação. e deveria entrar na grande lista de profissões a se tornarem independentes de diploma, na lei, tornando a letra igual à prática, como já acontecia em jornalismo antes da decisão do supremo.

quase pra finalizar nossa conversa, [visite este link](#) para entender a posição da sociedade brasileira da computação CONTRA a regulamentação das profissões de informática. vale a pena.

e [vá neste texto](#), desta série, pra testar se sua formação e profissão deveriam ser regulamentadas. lembre-se que *porque sim* não é uma boa razão nem resposta; e você ter “perdido” anos para conseguir um diploma também passa longe. pense no interesse e benefícios para a sociedade e no longo prazo.

criar reservas de mercados para proteger interesses de uns poucos tem sido justamente uma das razões pelas quais as potencialidades do brasil são desenvolvidas de forma tão convolucionada. e o danado é ver, o tempo todo, gente que defende a regulamentação das mais estranhas profissões [[que tal DJ?...](#)] reclamando que o país é burocrático e cartorial.

se o congresso tivesse algo mais a fazer a não ser se debater em suas próprias mazelas e tentar legislar sobre causas confusas e de escasso interesse e valor para a sociedade [[como a regulamentação da profissão de analista de sistemas “e suas correlatas”, proposta do senador azeredo](#)], bem que poderia lançar um grande debate, estudo e revisão das profissões no país, botando no pacote a legislação trabalhista e sua institucionalidade, para ver se trazia nossa sociedade e economia do século XVIII para, pelo menos, o XX. quem sabe. a esperança é a última que morre. mesmo no congresso nacional.

entrevista: daniela braun

04.07.09



daniela braun é uma das mais bem informadas, conectadas e ouvidas jornalistas que cobrem o setor de TICs no brasil.

este blog resolveu passar dani pro lado de lá e fazer algumas perguntas pra nossa entrevistada de hoje. a concisão da jornalista começa pela resposta à primeira:

quem é daniela braun, em dois parágrafos? a resposta veio em apenas um: [Daniela Louise Braun](#) é editora executiva do IDG Now!, o maior site de tecnologia da informação do País. Jornalista formada pela Fundação Cásper Líbero em 1995, especializou-se na área de tecnologia há dez anos e ingressou no Now! Digital Business em 2000, como repórter do jornal Computerworld. Em agosto de 2005 estreou no quadro diário CBN Tecnologia da Informação, com Carlos Alberto Sardenberg, na rádio CBN.

a seguir, a entrevista, que dani respondeu por e meio:

SM: desde que você começou a reportar tecnologias da informação e comunicação, no brasil, mudou o que? do que você sente falta, do que passou, e do que ainda não chegou?

DB: *Na verdade eu já comecei a trabalhar como repórter de tecnologia na onda da internet. No meu primeiro dia de trabalho como repórter do Computerworld, em 2000, foi apurar algumas notícias para o site, já que a equipe estava pautada para o jornal (para o “papel” como costumávamos dizer). A agilidade do online e os desafios de trabalhar com um assunto diferente a cada hora, de correr contra o tempo para entregar uma informação com qualidade ao leitor me conquistaram e isso não mudou.*

O que mudou muito e ainda veremos evoluir é a quebra das barreiras tecnológicas. Antes você tinha o telefone – hoje você tem dispositivos móveis conectados em banda larga – embora o serviço não seja 100% ainda – que acabam com diversas limitações de trabalho.

Me lembro da primeira coletiva de imprensa que fui cobrir quando vi os jornalistas com os press release nas mãos sacando seus celulares e indo para os cantos passar as informações prévias à redação. Levei um susto e logo liguei para o meu chefe.

Hoje o jornalista pode descobrir uma informação, apurar, pesquisar, escrever e publicar a notícia de um bom smartphone, de onde estiver, a qualquer hora. A questão é a relevância e o senso de urgência sobre determinado conteúdo. O veículo e o jornalista devem decidir como tratar a informação que o leitor deseja. Devo esperar e escrever com mais calma como recomendou meu chefe naquela primeira coletiva, ligar e passar uma prévia do anúncio, ou

interromper o happy hour com os amigos para escrever uma notícia que acabei de ver no iPhone? Você é o limite.

A limitação de hoje é ficar sem acesso à internet. Panes em serviços de banda larga mostram o quanto eles são essenciais e merecem ser tratados de tal forma. Hoje, quando uso um buscador para entender um assunto ou localizar uma fonte, ou quando jogamos uma pergunta diretamente ao leitor no Twitter e em 30 minutos tenho centenas de depoimentos relevantes para uma matéria, me recordo, com pouca saudade, de como era difícil fazer tudo isso só com o telefone, com o gravador na rua ou em arquivos e bibliotecas. Hoje, um jornalista desconectado é capaz de congelar na cadeira, como se faltasse energia na redação.

SM: quais são as suas principais fontes de informação? no que você acha que elas diferem do jornalismo "do passado"?...

DB: *No dia-a-dia navego muito por sites (internacionais e locais) de tecnologia, de jornais de grande circulação, agências, institutos de pesquisas e órgãos do governo, além de blogs e do Twitter, que já foi fonte de informação para muitas notícias. Do “passado” para hoje houve uma enorme pulverização do conteúdo – o que chamamos de ‘ronda’ atrás de informações não se limita a uma dúzia de sites ou aos jornais do dia. Este é outro desafio do trabalho jornalístico: encontrar a informação, agora descentralizada, em blogs, redes sociais e agora em microblogs e, sobretudo, checar. Na minha avaliação, as principais fontes serão sempre pessoas, não páginas de textos. Isso faz diferença.*

SM: pra onde você acha que a mídia [toda ela, de jornais a twitter] tá indo? nesse futuro, qual será o papel dos jornalismo e dos jornalistas profissionais, agora que diploma -e a formação universitária de jornalismo- não é requerido para exercer a profissão?

DB: *[Como cientista eu sou boa jornalista então prever o futuro é com as fontes]. Acredito que nunca houve um meio que disseminasse nossas idéias e opiniões de forma tão rápida e ampla como o que temos hoje na internet – mesmo com toda pressão na China e no Irã. O fato de um cidadão ser repórter ou de blogs darem furos de reportagem, por exemplo, balançou a ‘grande mídia’ e deve ser encarado de forma positiva, na minha visão. Somando estes fatores ao fim da necessidade de um registro e de um diploma, é hora de sair da zona de conforto, sem dúvida. Aqui cito dois artigos interessantes sobre a avaliação de blogs e dos modelos de negócios do jornalismo online.*

Minha conclusão é que a diferença está no conteúdo – e não na ‘cara de conteúdo’. De nada adianta o diploma se você não arregaçar as mangas para entender o que o seu leitor quer, para pesquisar o que é buffer overflow e explicar para ele, ou ainda para interagir com este leitor em uma rede social ou para permitir que ele escolha se quer ler, ouvir ou ver o seu conteúdo.

Aqui falamos de tecnologia, mas como [você mesmo disse após o podcast que gravamos recentemente para o IDG Now!](#), a tecnologia é um meio não um fim. Pois há dez anos eu trabalho neste assunto - tenho um blog sobre gastronomia há três como hobby - e sou da turma

que acredita que **jornalistas escrevem sobre qualquer tema, desde que se envolvam, se aprofundem e contem uma boa história**. A tecnologia, é claro, tem ajudado bastante!

Sobre este tema recomendo três artigos rápidos aos leitores: "[The rebirth of news](#)" da The Economist; [Blogging vs. print: Some journalists don't get it](#) –CNET onde se lê...

"But the news business is not about print, it's about information. It doesn't really matter whether you read the news on paper, on a computer screen, on a mobile phone, on a Kindle, or on an as-yet unavailable technology. However the news is consumed, what's important is that there remains a cadre of talented, honest, and enterprising journalists to dig up facts, dispel myths, and keep powerful people in check."

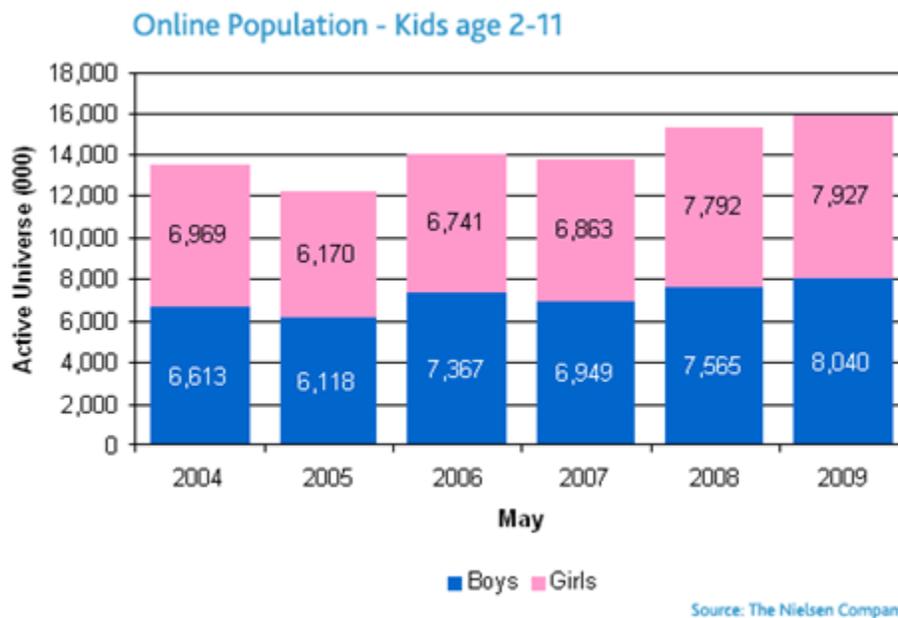
e "[Making Old Media New Again](#)" –The Wall Street Journal.

as crianças, tomando conta da rede... agora

06.07.09

depois de uma série de posts [muito] longos sobre [profissões e sua regulamentação](#), o blog vai receitar, por um tempo, pílulas sobre o mundo digital.

a primeira, hoje: [pesquisa da nielsen, nos EUA](#), mostra que as crianças estão na rede e em peso. o número de pessoas de 2 a 11 anos de idade na rede cresceu 18% entre maio/09 e maio/04, contra um crescimento de 10% do total de pessoas na rede. veja o gráfico abaixo:



e isso não é nada: o número de horas na rede, entre a garotada [de novo, gente de 2 a 11 anos de idade] cresceu 63% nos últimos cinco anos, de sete horas online em maio/04 para mais de onze horas em maio/09. no mesmo período, o aumento do número de horas online da população online, como um todo, foi de 36%. não há nenhuma razão pra ser diferente no brasil, especialmente quando um número cada vez maior de residências começa a ter computadores e internet a preço fixo [conexão do tipo *nearly always on*, e não *banda larga*, como costuma ser o caso por aqui].

e isso quer dizer o que? primeiro, que as crianças estão usando a rede como parte essencial de suas redes, como extensão da escola, conexão com familiares distantes, diversão, gréia e por aí vai. segundo, quem nasce em rede vive em rede; é como aprender a ler: tirante raros e graves casos, nunca vi ninguém desaprender. no futuro, todo mundo –mesmo- estará em rede.

mas isso também quer dizer que muitas pessoas “do séc. XIX”, que conseguiram passar quase incólumes pelo séc. XX, vão achar que crianças na rede, no séc. XXI, esse tempo todo [menos de uma hora por dia...] é um absurdo. capaz desse pensamento ter alguma correlação com quem

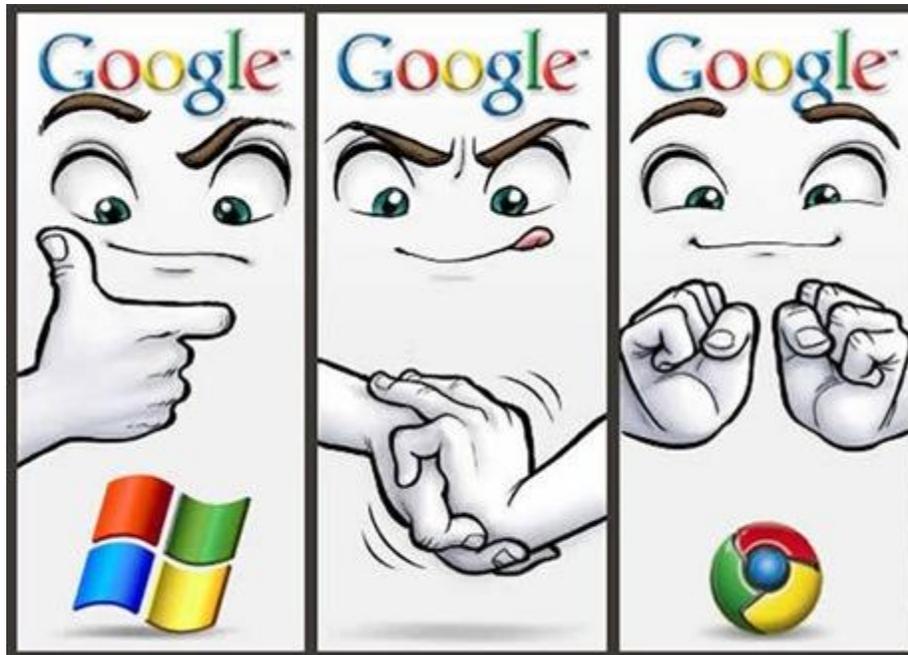
achava que mulheres não deveriam votar, que voto, de resto, era só pra quem tinha posses e, de resto, pra que ler e escrever, que era coisa de literatos e desocupados?...

o futuro das crianças –e dos adultos- é estar online 24h por dia. simples assim. o mundo muda, e rápido. no séc. XXI, se você existe, existe em rede e na rede, em tempo real e o tempo todo. se você já está aqui, lendo este texto, e sabe de alguém que não está, torne-se um missionário: traga esta alma perdida para o convívio da rede. antes que seja tarde. demais.

[yahoo: indo, indo...](#)

08.07.09

todas as análises que vi, nos últimos dias, sobre o [lançamento do google OS](#), neste semestre, são precipitadas. inclusive a do cartoon abaixo, que me chegou por e-meio, sem identificação do autor...



vamos ter que esperar muito, ainda, pra ver que rumo a coisa vai tomar. isso porque, em inovação, quem decide é o mercado e não a tecnologia e seu dono. e nem sempre a melhor tecnologia “ganha”, seja de quem for.

por ora, a única coisa que eu dou por certa é a seguinte: **dos três grandes do negócio de informação na web, yahoo é o único que só tem... informação na web.** não tem browser, não tem sistema operacional, não tem aplicações.

depois eu volto em mais detalhe a este assunto mas, por enquanto uma coisa é certa: [yahoo é o novo altavista](#). não lembra de altavista? era o sistema de busca que dominava a web até google aparecer com um conjunto de algoritmos muito mais sofisticado e dar as cartas...

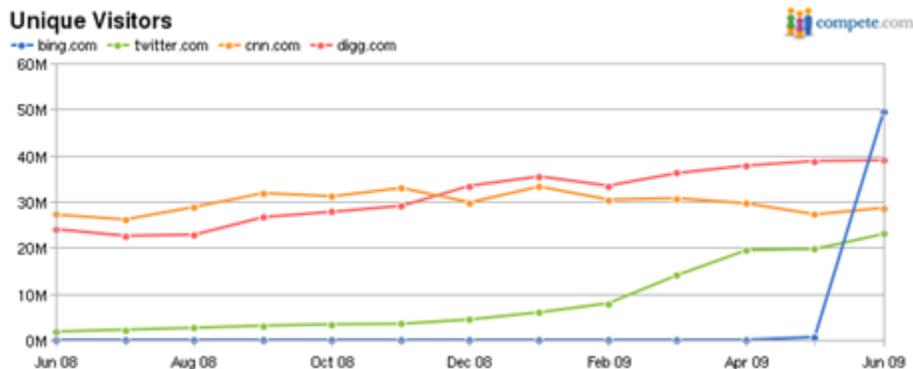
[segunda é dia de office.com](#)

09.07.09

google anunciou que vai lançar um sistema operacional. [isso todo mundo já sabe](#). o anúncio é meio sem sentido porque é *um anúncio de que alguma coisa será anunciada em alguma data no segundo semestre...*

mas ele passa a fazer todo sentido do mundo quando se descobre que a microsoft deve anunciar, segunda que vem, [a plataforma office na rede](#). há [rumores por toda a web](#) e google, pra não ser pego com as calças na mão depois de segunda feira, resolveu jogar suas cartas antes. até porque pequenos segredos, como a troca de dono do domínio [office.com](#), estão circulando há alguns dias. segundo gente bem informada, office.com seria o endereço por trás do office online; ninguém sabe quanto a microsoft pagou aos antigos donos para ter o domínio.

esta competição é boa pra todo mundo aqui fora. parece que, afinal, teremos pelo menos dois competidores sérios no negócio de *ciclo de vida de informação [pessoal ou não] online*, até porque a máquina de busca da microsoft, bing, parece estar [a caminho de desafiar google](#) no modelo de negócios SFO [ou *search, find, obtain*], de forma mais séria do que qualquer outro competidor até agora. veja a linha azul, na figura abaixo, de [um mês de bing na web](#). [bing](#) já é o 13o. site mais visitado na rede, bem acima de digg, twitter e da CNN.



e a microsoft, que há décadas sempre espera que alguém faça primeiro pra fazer, muito maior, depois, pode até acertar de novo desta vez. parece que parte dos US\$14B do faturamento da divisão de business da empresa está sendo gasto neste esforço e devemos esperar, a partir da semana que vem, a presença de um competidor muito sério entre as plataformas de produtividade pessoal e de escritório online.

segunda a gente começa a descobrir. te cuida, google...

[nelson motta: estrelinhas, constelações e galáxias](#)

10.07.09

nelson motta não nasceu ontem, nem viveu pouco. uma parte muito significativa da música brasileira contemporânea [e de sua história] passa por nelsinho, seus companheiros, colegas, parceiros, intérpretes e amigos. não é nem preciso a gente tentar uma biografia aqui, pois a vida de nelsinho [está online aqui](#). de resto, se você não sabia dele, provavelmente ainda não nasceu e não sabe. [pois vá saber](#).

nelsinho escreveu um texto primoroso sobre o fim da era dos popstars planetários, ao tempo do desaparecimento de michael jackson; com sua licença, taí, abaixo, a crônica, na íntegra. leia. e imagine o que ainda está por vir. os grifos são nossos.

A morte de Michael Jackson é um dos signos mais evidentes e dolorosos do fim da era dos popstars planetários. Até os anos 90, o poder de comunicação e difusão estava nas mãos das grandes gravadoras multinacionais. Só elas tinham o dinheiro, a tecnologia e a organização para divulgar, promover e vender seus artistas no mundo inteiro. Estratégia vitoriosa: as filiais internacionais dividiam os custos, e multiplicavam os lucros. Tão vitoriosa que logo os orçamentos de promoção e marketing superavam de longe os de produção e desenvolvimento.

*Na era da internet, da tecnologia da informação, da democratização dos meios de comunicação, **o efeito é a multiplicação de estrelas locais, regionais, nacionais**, e cada vez menos popstars globais como Michael Jackson, Madonna ou os Rolling Stones. Esses, são história viva.*

*Hoje, os pretendentes ao estrelato mundial competem com todos os anônimos, ou quase, com todas as pequenas e médias estrelas em ascensão em todos os cantos do mundo, que cantam na língua que as pessoas entendem, que falam de coisas que eles sentem, que têm redes de fãs na internet. **Produzir é fácil, difícil é chamar a atenção do público**. Está dura a vida de popstar hoje em dia.*

Nos anos 70 e 80, não só da ditadura, mas do nacionalismo e do protecionismo, a música angloamericana dominava os grandes mercados e os periféricos, inclusive o Brasil, apesar de nossa fabulosa produção musical da época. Com a globalização e a internet, as previsões nacionalistas e antiimperialistas eram de que a música angloamericana, o som do Império, tomaria conta do mundo de vez, era tudo uma conspiração tecnológica para dominar o planeta.

Pura paranóia do perfeito idiota latinoamericano.** Na era da informação globalizada, o jogo virou: as músicas nacionais passaram a dominar as vendas de discos. **No Brasil, mais de 75% do mercado são de produto nacional, bruto ou fino.** E também na China, na Índia, na Espanha, no Japão, os artistas nacionais dominam o mercado. **A internet

pulverizou a informação e transformou um céu de poucas estrelas muito brilhantes em novas constelações e galáxias.

falou e disse. grande nelsinho.

redes sociais e jogos online

12.07.09



a lista dos jogos mais populares de facebook mostra que cada um dos cinco primeiros tem mais de dez milhões de usuários. o primeiro de todos é um *online poker* onde estão 14 milhões de jogadores, mas que só cresceu pouco mais de 10% entre maio e junho. pode perder o lugar, rápido, para o quarto colocado [*restaurant city*, ao lado], que saiu de 6.5 para 10.6 milhões de usuários em junho. [a lista está neste link](#).

faz dois anos que facebook abriu sua API, ou *application programming interface*, a interface web para desenvolvedores externos estenderem a rede social com suas próprias idéias e código. de lá pra cá, três jogos "de facebook" alcançaram audiência maior do que o veterano WoW, [world of warcraft](#), que tem quatro anos e está perto dos doze milhões de jogadores. e que é uma [impressora de dinheiro](#), com margens operacionais acima de 75%. coisa de gente grande, que pode muito bem ser repetida, em breve, sobre a plataforma de alguma rede social.

e a tal rede pode ser facebook, que tem uns 200 milhões de usuários ativos. isso é muita gente. qualquer coisa que seja usada por cinco, dez por cento dos usuários de facebook pode se tornar um sucesso sem precedentes. pense dez por cento dos usuários de facebook a um dólar por mês de resultado líquido...

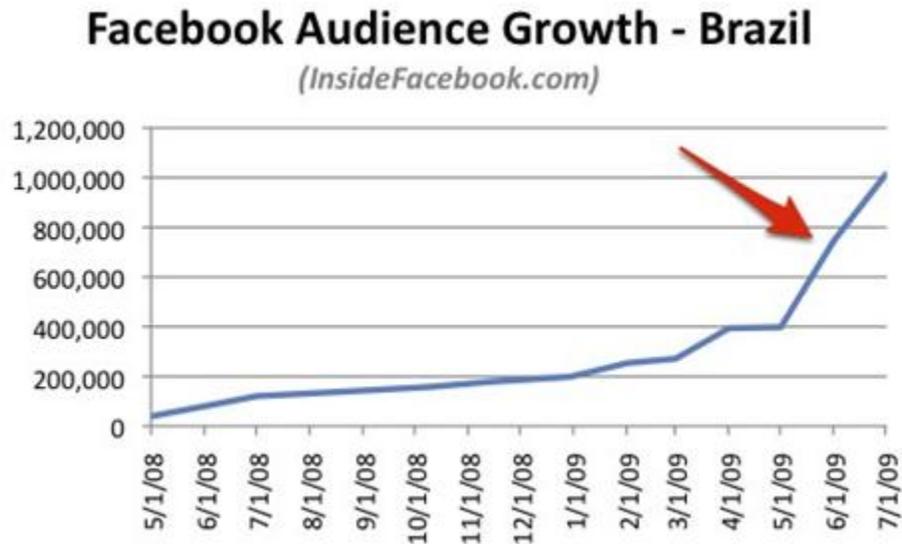
o assunto é importante o suficiente para gamasutra ter entrevistado gareth davis, o responsável pela plataforma de facebook, e pintar a pergunta básica, feita pelo próprio davis: [facebook é um jogo?](#) a resposta: ...

I think there are many elements in Facebook that are game-like in behavior that make it so compelling and why we have 50 percent of our audience come back every single day. So, over a hundred million users every single day, and they're coming back to hang out with their friends and engage with them...

ou seja, segundo davis, muitos elementos de facebook têm um comportamento parecido com um jogo, e eles atraem, todo dia, 50% da audiência de volta, cem milhões de pessoas voltando todo dia para se encontrar com seus amigos.

não é preciso discutir, aqui, o fenômeno das redes sociais. no caso das redes sociais e jogos online, uma das coisas que você deveria fazer, se tiver interesse, é ler a [longa...] [entrevista de davis ao gamasutra](#). facebook está colando no xbox, no nintendo DS, tem uma API entendida por muitas companhias e dezenas de milhares de desenvolvedores e, como se não bastasse,

[parece que vai vaporizar orkut no brasil](#), onde começou a dobrar a audiência a cada dois meses.



junte gente, em volumes *facebookianos* [ou mesmo *orkutianos*, enquanto dure], pense que quase tudo na vida é um jogo ou pode ser visto como algo muito parecido com um jogo e ouça a receita de davis:

*...as the traditional games industry gets more comfortable with social experiences and **designs games around social experiences**, and I think as the social gaming companies really move their games across multiple devices **and think about how you have a game that spans the three screens** — the **Xbox**, the **computer screen on Facebook**, and the **mobile device** — I think you can see both parties looking at this and going, "That's really cool." And the intersections are going to be really appealing.*

do meu lado, no [c.e.s.a.r](#), a gente tá achando que [twitter](#) pode exercer o mesmo papel de facebook como infraestrutura de *social gaming*, especialmente pra jogos que tenham características de interação curta, aberta e em tempo quase real, criando ambientes do tipo *flash mob*.

a gente não ficou parado e está prototipando um bolão de palpeets sobre o campeonato brasileiro usando a API do twitter como máquina de jogar. você pode ver o resultado do esforço, até agora, em [www.futweet.com.br](#). capaz até de você resolver jogar conosco. só é preciso ter um login no twitter e aprender duas ou três regras muito básicas. seja bem vindo.

cenar da “mídia” brasileira

14.07.09

domingo de muito sol. um pai está saindo de um grande restaurante numa cidade brasileira qualquer, e há, na calçada, um display [quase um shopping] de centenas de DVDs na [permanente] liquidação “um é 5, três é 10”. o adulto, [des]avisado, compra três musicais por “10”. o blogueiro observa a normalidade do “shopping”, adultos, jovens e crianças, todos, escolhendo sua diversão matinal. e noturna. nisso, um adolescente entra em cena e admoesta: “pai, já disse pra você não fazer mais isso!...”

aí eu penso: vixe! um jovem que aderiu ao discurso do fórum antipirataria... e me preparo pra fazer uma entrevista ali, ao vivo, que é desmontada na frase seguinte: “pare de comprar estes DVDs!... me diga o que você quer que eu pego num torrent!”

fecha o pano. a cena é real. e deve se repetir aos montes pelo país afora. pelo mundo afora.

esta semana, deu-se nota de um “[report](#)” escrito por um adolescente inglês [matthew robson, 15 anos] e publicado por ninguém menos que a morgan stanley [[pegue o .pdf neste link](#)], onde o jovem *expert* no comportamento de sua geração sintetiza...



Teenagers listen to a lot of music, mostly whilst doing something else (like travelling or using a computer). This makes it hard to get an idea of the proportion of their time that is spent listening to music.

*They are **very reluctant to pay for it (most never having bought a CD) and a large majority (8/10) downloading it illegally from file sharing sites.** Legal ways to get free music that teenagers use are to listen to the radio, watch music TV channels (not very popular, as these usually play music at certain times, which is not always when teenagers are watching) and use music streaming websites (as I mentioned previously). Almost all teenagers like to have a ‘hard copy’ of the song (a file of the song that they can keep on their computer and use at will) so that they can transfer it to portable music players **and share it with friends.***

How teenagers play their music while on the go varies, and usually dependent on wealth –with teenagers from higher income families using iPods and those from lower income families using mobile phones. Some teenagers use both to listen to music, and there are always exceptions to the rule.

*A number of people use the music service iTunes (usually in conjunction with iPods) to acquire their music (legally) but again **this is unpopular with many teenagers because of the 'high price'** (79p per song). Some teenagers use a combination of sources to obtain music, because sometimes the sound quality is better on streaming sites but they cannot use these sites whilst offline, so they would download a song then listen to it on music streaming sites (separate from the file).*

[pra traduzir o texto para o português, clique aqui.](#)

matthew robson sabe o que está falando. e leva jeito pra analista. quem dera houvesse muitos robsons no mundo, aqui inclusive, com tal capacidade de análise e síntese. e a morgan stanley tá por dentro do lance: publicar em escala mundial um *report* de um estagiário de 15 anos de idade é um golpe mais que de mestre. é de aprendiz, de engenheiro do futuro, das coisas que não estão feitas, que ninguém sabe como vão ser. mas que se sabe, e muito bem, que não serão como eram. nunca mais.

este blog tem uma teoria sobre o que vai rolar. vamos falar dela aqui, amanhã.

conteúdos e meios: indústria de música vai muito bem

16.07.09

[esta semana](#), este blog tocou mais uma vez no tema conteúdo [música e vídeo] e seu consumo. como todos sabemos, o negócio de conteúdo está em fase de transição, devido ao colapso do suporte físico. isso não é nenhuma novidade.

a digitalização [fenômeno que já tem mais de 25 anos] e a internet [15 anos] são parte do processo, mas ainda estamos longe de chegar a um novo e resolvido patamar, onde as coisas se estabilizem e se possa falar, sem muita discussão, de uma nova “indústria”. e isso se, algum dia, formos ter alguma indústria que pareça com a que tínhamos no passado. eu duvido.

[no post anterior](#), alguém comentou que... *“só não sei como vai ficar a produção de cultura com tanta troca “livre” se oferecendo no mercado”*; este é, certamente, um lado importante da questão. que é resolvido em parte por um texto de nelson motta, [publicado aqui mesmo no blog](#), onde nelsinho diz que o *“star system”* de outrora, o sistema das grandes estrelas e grandes gravadoras [e grandes lucros para uns poucos] deu lugar a constelações e galáxias inteiras, de pequenas estrelas instantâneas, que têm milhões, dezenas de milhões de audições em um par de semanas e depois desaparecem. nada mais normal: excesso de produção e diversidade, um *flash* de celebridade na frigideira das atenções e estamos prontos para um novo experimento.

durante muito tempo, talvez pra sempre, o novo vai ser muito mais relevante do que o bom. no passado, tempo de escassez –de meios de produção e distribuição- havia uma oportunidade muito grande de criação de renda ao se escolher, entre muitas possibilidades, o “bom”. ou de impingir o que se achava ser bom a quem não tinha meios e participava do mercado apenas como comprador ou audiência. que era, de resto, quase todo mundo.

no presente, tempo de abundância, onde qualquer um tem à mão os mesmos meios das “gravadoras”, do software que cria os efeitos antes só disponíveis para os tais poucos até a rede inteira para distribuir o resultado, qualquer um pode –e muitos querem- ser o próximo astro. e os indivíduos, sem as amarras do que pode ou não ser feito numa corporação, podem se dar bem melhor na rede, na partida, do que um candidato a “astro” oriundo e promovido por algum grande cnpj.

num mercado de oferta abundante –excessiva, alguns dizem e eu discordo- o problema da escolha recai sobre o que outrora era audiência [para quem os editores escolhiam, a priori, a oferta limitada] e que, hoje, se tornou comunidade. a diferença é que a primeira tinha muito menos poder do que a segunda, que interfere diretamente nas escolhas e, em muitos casos, escolhe a si própria.

e o problema do meu comentarista? será que *tanta troca “livre” se oferecendo no mercado* vai ter um impacto negativo na produção cultural? a pergunta é muito relevante a a resposta

parece ser... **não**, as trocas livres, o compartilhamento de conteúdo na rede, não diminuiu os incentivos para que artistas e empresas criem, distribuam e comercializem novos trabalhos. é isso que diz [um estudo \[File Sharing and Copyright, .pdf\]](#) da harvard business school, publicado em maio deste ano.

o estudo usa dados do mercado mundial e mostra que, de 2000 [quando a internet “pega” mesmo] a 2007, o número de álbuns [música] publicados dobrou; de 2003 até agora, a produção de filmes subiu mais de 30% e, de 2002 a 2007, o número de livros publicados aumentou 66%. não parecem, exatamente, mercados em crise de criatividade; são, sim, mercados em crise de suporte, de infraestrutura. e tal crise deve chegar, em breve, ao mercado de livros, [como este blog discutiu recentemente](#), com a troca do suporte em papel para o suporte eletrônico à literatura.

o estudo de harvard merece ser lido, por quem é a favor e contra o compartilhamento de conteúdo. porque organiza e cita pérolas como o trabalho de lamere [de 2006] sobre hábitos de compra e audição de música:

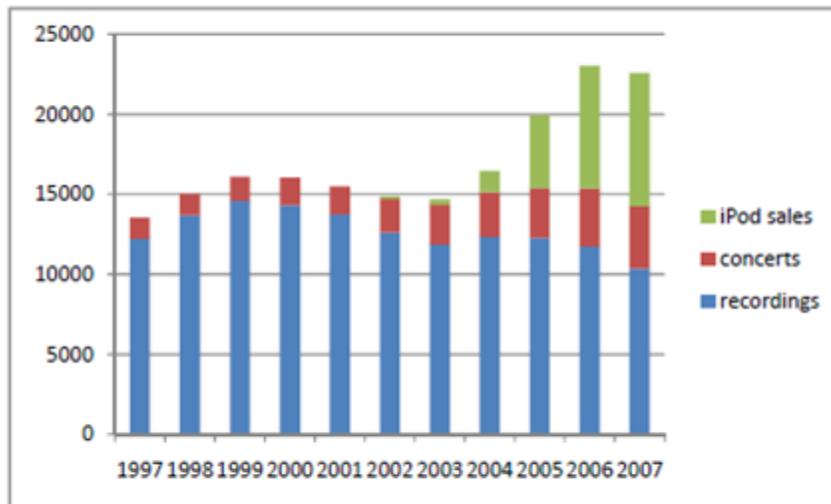
*In a sample of 5,600 consumers who were willing to share their iPod listening statistics, the average player held a collection of over 3,500 songs. **A full 64% of these songs had never been played**, making it unlikely that these consumers would have paid much for a good portion of the music they owned.*

em 2006, quando o iPod médio tinha um terço da memória de hoje, a coleção de música de cada usuário tinha 3.500 obras, **64% das quais nunca tinha sido tocada**. por que é mesmo que se acha que estes usuários pagariam por elas, por exemplo?...

de resto, quem está reclamando do estado do mercado de conteúdo é a indústria “do disco”. segundo [o estudo](#), considerando o mercado americano,

The decline in music sales – they fell by 15% from 1997 to 2007 – is the focus of much discussion. However, adding in concerts alone shows the industry has grown by 5% over this period. If we also consider the sale of iPods as a revenue stream, the industry is now 66% larger than in 1997.

U.S. MUSIC INDUSTRY SALES TRENDS



Sources: Recording Industry Association of America, "2007 Year-End Shipment Statistics" (www.riaa.com), Pollstar (www.pollstar.com), Apple, Inc. Annual Reports (www.apple.com), accessed 18 March 2008.

é isso o que nos diz o histograma acima. nos dez anos entre 1997 e 2007, as vendas de música caíram 15% mas, quando se agrega os shows, a indústria como um todo cresceu 5%; jogando os iPods no bolo, o total cresceu 66% na década. por isso que a apple está disposta a perder dinheiro vendendo música: o lucro do hardware mais que compensa o prejuízo do conteúdo, tornando a plataforma altamente rentável. e esta é a mesma razão pela qual a empresa de steve jobs [bloqueou o acesso do palm PRE ao iTunes](#): não ganha nada com isso; aliás, perde.

ou seja: quem está chorando é porque não viu pra onde ia o mercado, a nova infraestrutura para conteúdo, as comunidades, os consumidores e, mesmo depois de ter visto, pouco ou nada fez pra acompanhar. pena. vão continuar chorando. o mercado de conteúdo, visto como um todo, vai muito bem, obrigado. e continuará bem, *ad aeternum*, pois somos, todos, conteúdo. os sistemas e dispositivos vão continuar mudando, muito, principalmente os modelos de negócio e renda. e isso faz parte da evolução do mercado, das pessoas, das companhias, isso é o tempo passando.

pra muitas empresas e pessoas, o tempo passa mesmo. e elas ficam. quem diria, há dez anos, que a companhia de mídia mais lucrativa de nossos dias seria uma "fábrica de radiolas"?...

TV digital: inconstitucional?

19.07.09

em agosto de 2007, o PSOL protocolou no STF uma ação direta de inconstitucionalidade [ADI] arguindo que a legislação federal que criou o sistema brasileiro de TV digital terrestre [SBTVD-T] era inconstitucional.

no preâmbulo da ADI, o PSOL cita uma decisão do ministro celso mello, de 2000, reproduzida abaixo:



"O desprezo pela Constituição faz instaurar um perigoso estado de insegurança jurídica, além de subverter, de modo inaceitável, os parâmetros que devem reger a atuação legítima das autoridades constituídas" MINISTRO CELSO DE MELLO, ADI 2.105-DF, julgamento em 20.03.2000.

[a petição do PSOL se estende por trinta páginas](#) e pede que os artigos sete a dez do [decreto 5.820/2006](#) sejam declarados inconstitucionais e seus efeitos considerados nulos. no artigo sete, o decreto diz que:

Art. 7º Será consignado, às concessionárias e autorizadas de serviço de radiodifusão de sons e imagens, para cada canal outorgado, canal de radiofrequência com largura de banda de seis megahertz, a fim de permitir a transição para a tecnologia digital sem interrupção da transmissão de sinais analógicos...

*§ 1º O canal referido no **caput** somente será consignado às concessionárias e autorizadas cuja exploração do serviço esteja em regularidade com a outorga, observado o estabelecido no Plano Básico de Distribuição de Canais de Televisão Digital - PBTVD.*

§ 2º A consignação de canais para as autorizadas e permissionárias do serviço de retransmissão de televisão obedecerá aos mesmos critérios referidos no § 1º e, ainda, às condições estabelecidas em norma e cronograma específicos.

aqui está o cerne da questão, segundo parecer da procuradoria geral da república [PGR]. em um parecer enviado ao supremo há cerca de um mês, o procurador-geral, em cento e quatro parágrafos e trinta e quatro páginas, [declara que o pedido do PSOL procede, e dá razões:](#)

*"O artigo 223 da Constituição foi violado de duas formas. A primeira, com a utilização no texto do Decreto, do termo 'consignação' para o que é, na verdade, uma concessão. Ou seja, o Decreto, **atropelando a competência do Congresso Nacional**, concede às emissoras atuais um canal inteiro de 6 megahertz"...*

...A tecnologia digital, como dito, é uma nova tecnologia. Se ela não acrescentasse uma capacidade maior de produzir informações e programas, tal 'consignação', em tese, poderia ser aceita, sob o argumento de que se trataria de uma mera modificação de natureza técnica. Mas trata-se de uma tecnologia que concede, e a palavra é significativa, um espaço ou espectro maior de atuação às emissoras atuais... ainda que se considere que a nova tecnologia não implicaria nova concessão, estaríamos, no mínimo, falando em renovação das concessões existentes...

*...Num canal de 6 megahertz, várias programações podem ser transmitidas simultaneamente, no que se convencionou denominar multiprogramação. Ao 'consignar' às emissoras um canal com tamanha capacidade, **está-se, paralelamente, impedindo a entrada de outros atores na programação...***

*...O que provavelmente ocorrerá é o que a norma constitucional visa a impedir: o oligopólio, ou, melhor dizendo, um aprofundamento do oligopólio já existente. **A adoção da migração 'decretada', portanto, agrava a realidade inconstitucional em vigor**".*

[o imbroglio todo pode ser consultado na página do STF, neste link.](#)

e agora? bem, alguma hora o STF terá que se pronunciar sobre o assunto, e o peso do parecer da PGR não é trivial. o STF pode dizer que não, o decreto do SBTVD-T não é inconstitucional e tudo fica com está. beleza, a vida continua.

mas o STF pode decidir que sim, o SBTVD-T é inconstitucional. e aí?

redes, emissoras e produtores estão investindo na migração para TVD; em muitos casos, trata-se de recursos muito significativos. os consumidores, a audiência em potencial do SBTVD, nem tanto, até porque não se achou ainda, do ponto de vista do usuário, um conjunto de razões suficientemente boas para se investir em novos equipamentos de recepção digital. mas há um esforço considerável, do executivo federal, para não só consolidar e aprofundar a TVD no brasil mas para transformar o padrão nipo-brasileiro [sobre o qual o procurador-geral diz que o executivo não fez esforço suficiente para publicizar as razões da escolha] no padrão de outros países latino-americanos.

será que o STF, a esta altura do campeonato, vai decidir que o SBTVD-T é inconstitucional? o apreço pelos valores democráticos e o respeito à mais alta corte do país diz que sim, se o supremo entender que a atuação do governo, no caso, foi inconstitucional, é isso mesmo que ele vai dizer.

mas... se for este o caso, e o que já foi feito? quem vai pagar a conta? se tudo –ou parte- voltar a estaca zero, não há nenhuma razão para que os prejudicados, pessoas físicas e jurídicas, não queiram ser ressarcidos pelo dinheiro público, isto é, o meu, o seu, o nosso imposto.

é nisso que dá um país que tem constituição, poderes independentes com atribuições diferentes e onde um deles, o legislativo, tem tido uma atuação muito abaixo da crítica. o resultado é que a necessidade de fazer, realizar, acaba levando o executivo a assumir atribuições que, pelo que diz a PGR, não são suas. pois segundo a PGR, no fim das contas, o SBTVD-T não poderia ser decretado, e sim uma legislação, atribuição exclusiva do congresso nacional.

agora é esperar pra ver. quanto mais tempo o supremo levar para se pronunciar, mais difícil será, de fato e na prática, mudar o *status quo*, se esta for a decisão que, de forma justa, tivesse que ser tomada. até lá, [o parecer do procurador-geral é uma boa leitura](#); abaixo, mais um trecho.

30. Além do mais, é insustentável o argumento de que o Decreto nº 5.820/2006 seria ato de efeitos concretos, cuja disciplina refletir-se-ia apenas nas relações com os concessionários do serviço de radiodifusão. Ora, conforme exaustivamente alegado por todas as partes no processo, a implantação do sistema digital representa um grande instrumento de inclusão social e democratização da informação.

31. A primazia do interesse público é, ou pelo menos deveria ser, o grande princípio norteador da mudança de padrão tecnológico pretendida. Nos dizeres de Celso Antônio Bandeira de Mello¹, tal princípio “é pressuposto de uma ordem social estável, em que todos e cada um possam sentir-se garantidos e resguardados”.

32. A implantação do sistema televisivo digital atingirá cada cidadão, na medida em que trará não apenas a melhoria e interatividade televisiva, mas também o ônus de adequação técnica e instrumental para o recebimento dessa nova tecnologia.

33. Além do mais, o interesse público não é vislumbrado apenas nos benefícios e no ônus que o sistema trará aos cidadãos (sua dimensão subjetiva), mas ainda na rigorosa constitucionalidade com a qual os atos públicos devem se pautar, havendo de respeitar os mandamentos positivados que disciplinam os sistema de radiodifusão nacional, além dos princípios norteadores da Administração Pública (dimensão objetiva do interesse público). Eis o ponto em que se abre a discussão em torno do descompasso entre o Decreto impugnado e o Texto Constitucional.

conectividade: conflito entre poderes é perda de tempo

22.07.09

pra começar a conversa, uma definição: a antiga indústria de telecom, que costumava ficar sob as asas das teles, se transformou, na última década e meia, no negócio de conectividade.

viver no mundo em rede significa viver conectado. eu e vocês nas nossas variadas redes sociais, nós e nossos bancos, nós e os serviços públicos, nós e as lojas, escolas, bibliotecas, usando a rede como infraestrutura. a rede, no sentido de internet, começa a deixar de ter papel colateral e passa a ser o centro da mais importante das economias correntes, a de trocas de informação e conhecimento.

lá no começo da internet no brasil, tomou-se uma decisão sábia: as empresas de telecom podiam fazer tudo, menos internet. a rede foi definida como um serviço de valor agregado e, como tal, estava fora do espaço regulatório “de telecomunicações”.

isso foi muito bom para dar uma partida criativa, inovadora e nacionalmente distribuída ao que veio, muito tempo depois, ser a internet.br. pra quem não tem idade ou memória, deve-se lembrar que uma das estatais da época tinha o pleito –e os meios- de querer ser o único provedor de acesso do país: queria ser a internetobrás. ainda bem que não rolou, senão estaríamos ainda mais atrasados do que estamos no que se trata de conectar o país.

muito bem: a internet se tornou [junto com água, esgoto, eletricidade, gás, rodovias...] uma das redes essenciais da economia e da sociedade. e falhas no provimento de serviços de internet, vasta maioria dos quais é hoje prestada pelas empresas de telecom, passaram a fazer parte do rol de problemas tratados pela [ANATEL](#) que, como todos sabem, vem a ser a agência reguladora do setor, assim como a [ANP](#) regula petróleo, gás natural e biocombustíveis e a [ANEEL](#) a energia elétrica.

quando se cria agências reguladoras, a idéia –em todos os países onde há uma separação e equilíbrio entre poderes- é deixar o processo político do setor a cargo do governo [no brasil, do minicom] e as coisas e causas do mercado e seu provimento [a cargo da agência reguladora](#). isso deveria ser o caso por aqui, inclusive e talvez principalmente no assunto conectividade.

mas não é. parece que ainda não amadurecemos o suficiente para tal. não se trata só do



executivo se metendo em assuntos de competência exclusiva do legislativo, como diz a procuradoria geral da república sobre o caso da TV digital, [assunto recente deste blog](#). a imaturidade das relações entre as [muito] jovens instituições nacionais continua causando todo tipo de problema e constrangimento.

a mais recente tem a ver com o [caso speedy](#), cujas falhas motivaram uma intervenção da ANATEL –para proteger os consumidores- no

provimento do serviço da telefônica, no interesse do mercado e da própria empresa. agências reguladoras existem para isso, também: para proteger as empresas delas próprias.

todos sabem que a anatel proibiu a venda do speedy até que a telefônica regularizasse o provimento do serviço. feito isso, [a telefônica fez um plano](#) para estabilizar sua rede, anunciou publicamente suas ações nesta direção e, recentemente, anunciou que [concluiu a execução da primeira etapa](#) do plano. ao mesmo tempo, a empresa quer voltar a vender o serviço, seu direito líquido e certo, desde que cumpridas as exigências do órgão regulador.

ai é onde entra o ministro hélio costa, ultrapassando suas competências institucionais, [para dizer que...](#) *O efeito da pena que foi imposta já foi sentido. Houve uma repercussão nacional, a empresa está consciente de que precisa modernizar e investir, melhorar o atendimento.* certo, ministro. mas o senhor não precisa intervir nesta conversa. a anatel é uma agência independente, está lutando desesperadamente para ordenar a conectividade ao nosso redor e tal tipo de comentário só adiciona pressão –indevida- para que a agência faça o que –tendo a telefônica cumprindo suas exigências- já iria mesmo fazer: liberar a venda do speedy para usuários desta vez, tomara, satisfeitos.



[o argumento ministerial de que...](#) *O castigo foi merecido, foi cumprido, mas não pode prejudicar o consumidor...* como justificativa para a retomada imediata da venda do speedy não faz o menor sentido, porque há de se avaliar se as medidas impostas pelo regulador foram cumpridas, exatamente para proteger os atuais e novos usuários. e a ANATEL sabe, e não precisa de nenhuma pressão adicional, que tem que se pautar por equanimidade de tratamento para todos os lados: uma vez cumpridas suas determinações, a empresa não pode continuar tendo suas ações restringidas pela agência um dia sequer.

para o brasil, para o setor, para o equilíbrio entre a formulação da política nacional de conectividade e sua execução e regulação, é uma pena que o senhor ministro tenha perdido tamanha oportunidade de ficar calado. até porque a ANATEL, pelo que se sabe, vai tratar outros provedores que [têm problemas muito parecidos com os do speedy](#). tomara que o próximo seja o meu...

imbroglio: TRT aumenta o risco para empresas de TICs

24.07.09

imagine-se uma fábrica de software. um dia, você tem contratos, no outro não. uma das formas de gerenciar seu risco é, ao ganhar um projeto, só aumentar sua força de trabalho numa proporção que você acha que vai ser sustentável ao fim do contrato. esta é uma realidade óbvia em empresas que dependem de projetos, que por sua vez dependem dos humores da economia.

você tinha 200 colaboradores, ganhou um negócio que vai precisar de mais 100 pessoas para executar, mas sua noção de risco lhe diz que seria muito prudente aumentar o tamanho de sua galera em apenas 20%, ou quarenta engenheiros de software. a solução natural, mundial, é terceirizar os outros 60. você não fica com o lucro inteiro, mas diminui muito o seu risco, irriga os cofres de seus parceiros, gera empregos e diversidade, e todo mundo cresce junto.

ainda mais, pode ser que, no projeto, uma boa parte das competências “de software” necessárias para realizar o projeto não sejam específicas de sua empresa ou, mesmo que correlacionadas, você não queira tornar-se competente nelas, pois isso tiraria sua empresa de foco, dispersando energia, em última análise perdendo competitividade.

como se disse, é assim que o mundo funciona. o mundo, mas não o brasil. aqui, cada vez mais, são os TRTs que definem como as empresas têm que funcionar. são os TRTs que definem o que é e o que não é competência essencial das empresas, o que pode ser subcontratado a outros negócios ou não.

uma das principais competências da índia, em TICs e serviços intensivos em TICs, é o que se chama, por aqui, de *call center*, a galera especializada em –pelo menos em tese- resolver os problemas dos usuários de uma instituição qualquer. ligue pra uma grande empresa americana e, se a [ou o] telefonista atender... será alguém na índia. atender o telefone [mas não só], como terceirizado, agrega renda e valor na índia, onde se criou uma economia de serviços altamente especializada que, juntamente com a de desenvolvimento e manutenção de software, soma US\$47B à economia do país e emprega dois milhões de pessoas. muitas milhares das quais [principalmente em software] trabalham para empresas brasileiras: no brasil, terceirizar para o brasil é um grande risco; para a índia, não. isto é incrível.

e isso ocorre nas empresas médias, grandes, gigantescas e diminutas: dia destes conversei com um *startup* que, vacinado pelos custos e riscos trabalhistas de outras criações de seus empreendedores, tem todo o seu desenvolvimento de software na... polônia. tudo pela web, por encomenda, tudo andando bem, mas nenhum emprego gerado no brasil. à medida que mais empresas descubram como é simples e efetivo fazer isso, perderemos cada vez mais bons empregos... e isso pode não estar muito longe.

a indústria de TICs e serviços habilitados por TICs, na Índia, [pensa muito mais alto](#): em 2020, quer ser 6% do PIB do país e 28% de suas receitas externas, empregando de forma direta e indireta 30 milhões de pessoas. e pode pensar em muitas dezenas –ou centenas- de milhares trabalhando para empresas brasileiras, em empregos que poderiam –e talvez deveriam- estar aqui.

mas terceirizar o que você acha, pelo seu entendimento do negócio, pela sua capacidade de tocá-lo, pode ser muito complexo nestas nossas terras. sem nem entrar no mérito da decisão [dado que o autor não tem a competência], [veja esta notícia](#): o TRT das minas gerais decidiu que todos os 4.000 profissionais de atendimento que trabalham para a TIM por lá devem, a partir d’agora, ser contratados diretamente pela empresa. a TIM deve ter um plano de negócios, sem a menor dúvida; se entendesse que o atendimento era uma função necessariamente interna, assim ela seria. mas não, no Brasil quem decide o que é ou não essencial ao funcionamento das empresas são os TRTs.

além de ter que contratar os quatro mil, a TIM está condenada a pagar uma multa de R\$6M por “danos à coletividade” e multas de adicionais de R\$2M para **cada** caso de descumprimento da decisão do TRT. o imbroglho deve parar no TST e deve servir de exemplo, na decisão final, para o setor. a indústria de *call centers*, responsável por muitas centenas de milhares de empregos em todo o país, vai aguardar ansiosamente o resultado.

mude o cenário e, agora, imagine a APPLE. a empresa de Steve Jobs deve lançar uma megaoperação no Brasil, em agosto, vendendo **tudo**. como é bem sabido, a APPLE não fabrica **nada**, e há muito tempo. como vai importar para vender aqui, o que e como ela faz está fora da jurisdição local, indiscutivelmente. mas... e se resolvessem fabricar o iPhone ou o “[novo tablet](#)” aqui, ao invés de Taiwan?... será que algum TRT iria se meter no plano de negócios da empresa e exigir que ela contratasse funcionários próprios para fabricar seus modelos no país? a usar o mesmo raciocínio deste caso dos *call centers* da TIM, é muito provável. até porque a contribuição dos fabricantes, para os negócios da APPLE, é bem maior do que a dos atendentes ao negócio da TIM. exemplo? a Foxconn teve um [papel muito relevante no design e engenharia](#) do iPhone, além de ser o fabricante. usando as regras do caso que estamos discutindo, o trabalho não poderia ser terceirizado, no Brasil, pois desenhar e realizar a engenharia do sistema seria uma competência essencial da APPLE.

no mundo, o que é uma competência essencial? é o que eu sei fazer, ou consigo aprender a fazer, no tempo que eu tenho para fazer, se conseguir fazer a custos competitivos, que mantenha a minha empresa no mercado, gerando receita, renda, trabalho, empregos e impostos. não é o que pensam os TRTs. talvez nós estejamos usando, por aqui, os conceitos do trabalho do começo da revolução industrial, onde o empregado era sempre [e na maioria dos casos era mesmo] explorado pelo empregador e foi necessária [e essencial] um ordenamento das relações entre o capital e o trabalho, para garantir uma sociedade sustentável.

um número de tais regras centenárias continua sendo essencial ao trabalho nos nossos dias [pense férias!]. mas o mundo mudou, muda cada vez mais rapidamente e o Brasil, ao

continuar com o estado tutelando, em excessos gritantes, não só as relações de trabalho e emprego mas também as decisões –em casos como este- de negócio das empresas, aumenta muito significativamente o risco de se empreender no brasil e, em última análise, age contra o interesse to trabalhador.

se o estado imagina que, quanto mais microgerenciado, mais emprego o mercado vai gerar, se engana redondamente. todas as evidências apontam para o contrário.

no caso dos *call centers*, é só esperar angola e moçambique se conectarem à internet, de verdade e em larga escala, e começar e mandar pra lá os empregos que [parece que] não queremos aqui. aliás, se há uma coisa que não dá pra entender é como estes dois países, pobres e empenhados em gerar empregos em massa, não entenderam como podem ser a índia... do brasil.

robôs [1]: fora de controle? como? quando?

26.07.09



a imagem à esquerda não é exatamente um robô; trata-se de um [predator](#), um “avião” do tipo UAV [*unmanned aerial vehicle*, ou VANT, veículo aéreo não tripulado, em português], disparando um míssil [hellfire](#), ou fogo do inferno, em algum lugar do planeta. de acordo com seus alvos prediletos, o taliban e a al-qaeda, o “sistema” [e não veículo] predator é muito

mais preocupante do que tanques, aviões normais ou qualquer outra coisa que mata, no ar, na terra no mar. o predator é o irmão menor do [reaper](#); somando um e outro, há pelo menos 210 deles em operação nas forças armadas dos EUA. abaixo, outra foto do predator, cortesia do [timesOnline](#).



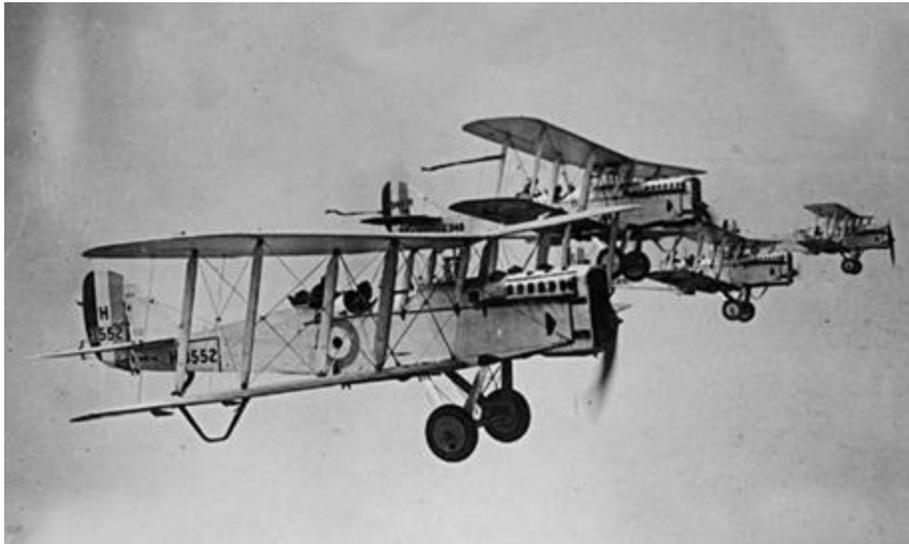
segundo o [timesOnline](#), dois dias depois de sua [posse](#) o presidente obama já estava dando ordens para que suas forças no afeganistão usassem os UAV contra alvos no paquistão, onde, teoricamente pelo menos, não há uma guerra contra os EUA e na direção de onde, também em tese, não se poderia atirar. os hellfire disparados por predators já mataram, com sua carga explosiva de fragmentação de 4kg, [centenas de pessoas](#) no paquistão.

[segundo fontes paquistanesas...](#) *687 civilians have been killed along with 14 Al Qaeda leaders in some 60 drone strikes since January 2008 — just over 50 civilians killed for every Al Qaeda leader.* nossa atenção, na frase, deve ser para o “just”, que quer indicar, ao que parece, que “só” cerca de 50 civis foram mortos para *cada* líder da al qaeda, como se isso desse um ar de normalidade ao quase certo assassinato, à distância, de seres humanos como eu e você.

por enquanto, veículos como os predators são comandados por seres humanos. numa reportagem recente [de 24/jul] a [cnn explica](#), no detalhe que é possível para sistemas e operações do tipo, como a coisa funciona. os “pilotos” dos predator que “lutam” no oriente estão em bases continentais nos EUA, como [creech](#), nevada, para onde vai, nos seus dias de trabalho, o major morgan andrews. segundo a cnn, depois de beijar a mulher e dirigir uma hora de carro... *within minutes [he] could be killing insurgents on the other side of the world*. você pode ver vídeos das ações dos pilotos de creech, detonando o outro lado do mundo, [neste link](#).

tudo remoto, limpo, impessoal, matando *insurgentes* e não *pessoas*, sem qualquer risco [a não ser a perda do predator], do ar condicionado de uma sala em nevada, no expediente... e depois é só dirigir de volta pra casa, beijar a mulher, ajudar os filhos nas tarefas da escola... que amanhã tem, de novo, tudo igual. só mais uns *alvos* a *eliminar* ali e acolá.

os [UAV](#) como o predator têm se mostrado tão eficazes que o secretário de defesa dos estados unidos, robert gates, [anda dizendo](#) que os F35, a próxima geração de aviões de caça dos EUA, serão, também, suas últimas máquinas tripuladas. segundo um alto comandante da inteligência da força aérea americana, o que nós estamos vendo hoje, comparado com o que está por vir nos próximos 30 anos, “[são os anos 1920](#)”... pra comparar, veja a imagem abaixo: são [de havilland DH9A](#), da royal air force, nos anos 1920. talvez a gente devesse estar mais preocupado...



segundo o [tenente-general david deptula](#), sistemas deste tipo estão... *destined to work with decreasing human input*. em bom português, sistemas como o predator e seu irmão maior, o reaper, estão destinados a depender, cada vez menos, de decisões e controles humanos. até que ponto? ao ponto de serem **completamente independentes**? e quais seriam as possíveis consequências? em que prazo e para quem? e se eles “fugirem do nosso controle”?...

é isso que vamos discutir durante a semana. você pode acompanhar as pílulas da discussão [entre outras muitas coisas] em [twitter.com/srlm](#).

enquanto o próximo texto não vem, veja o vídeo abaixo, do **bigDog**, um “cão-robô” que está sendo desenvolvido para o exército americano. vá até o fim do vídeo; a coisa é capaz de carregar 150kg em inclinações de até 35 graus. e a idéia é que ele seja o “melhor amigo” dos soldados...



robôs [2]: máquinas -autônomas- de guerra?

27.07.09

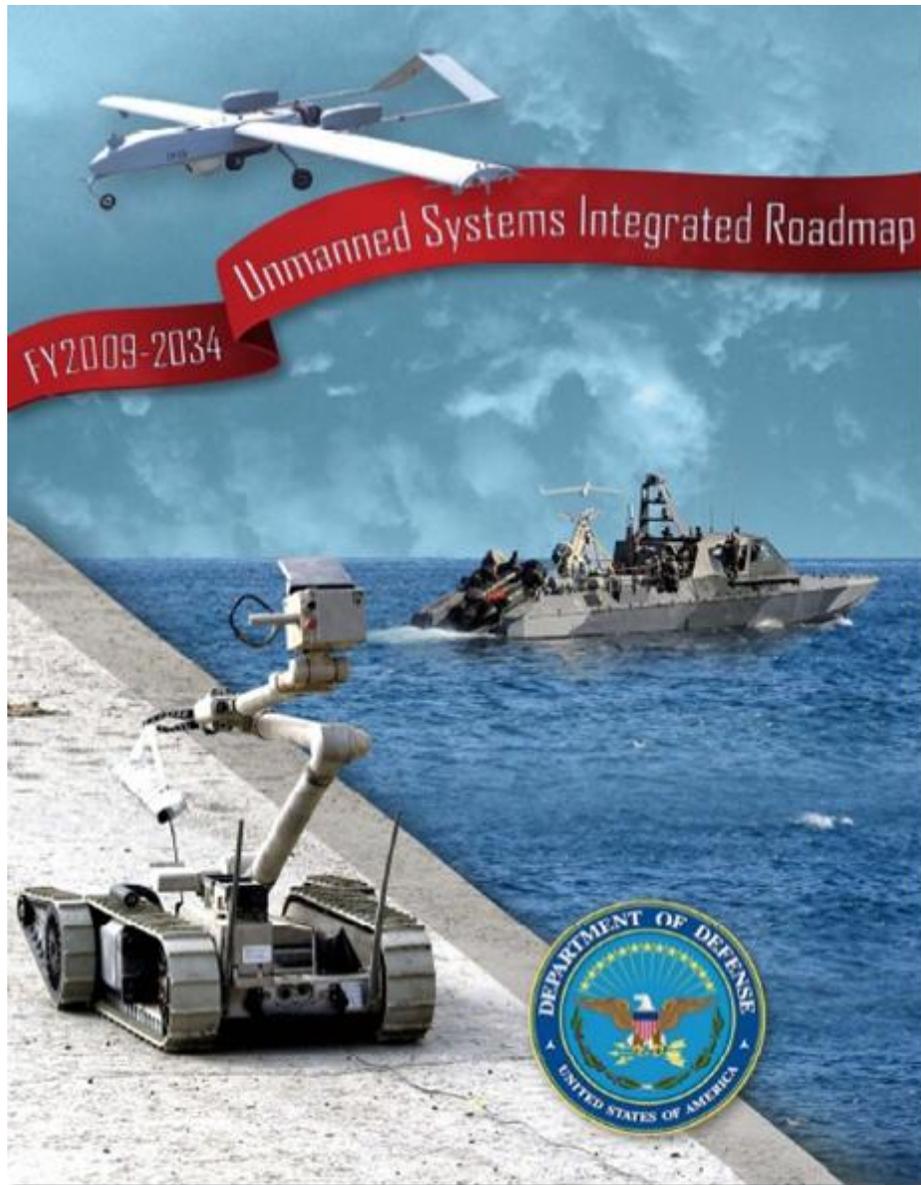
asilomar, califórnia, fevereiro de 2009: um seminário de alto nível, reunindo alguns dos principais especialistas em inteligência artificial do planeta, discute se deveríamos impor limites às pesquisas que podem levar à perda de controle humano sobre sistemas computacionais autônomos. estamos falando de sistemas que começam a realizar um conjunto cada vez maior de funções que nos acostumamos a pensar privativas de pessoas como nós, tipo conversar ao telefone, dirigir veículos, realizar funções sofisticadas como acompanhante, assistente ou secretária e... ir à guerra.

neste último quesito, [o grupo de asilomar concluiu que...](#) ***robots that can kill autonomously are either already here or will be soon***: já existem ou existirão, muito em breve, robôs que capazes matar de forma autônoma. isso significa, em português bem claro, máquinas capazes de selecionar um alvo que atenda seus objetivos [supostamente definidos por humanos] e eliminá-lo, sem que para isso seja preciso intervenção humana.

no fim de 2007, o departamento de defesa dos estados unidos publicou um documento [[Unmanned Systems Roadmap: 2007-2032](#)] que define a estratégia americana para “guerra sem gente”, que não é pura e simples aventura dos generais no campo de tecnologia. a lei 106-398, [aprovada pelo congresso em 2001](#), define na seção 220 que, a partir de 2010, um terço das aeronaves em operações “deep strike” [sem cobertura, em território hostil] sejam não tripuladas e, para 2015, determina que um terço de todos os veículos de combate terrestre sejam não tripulados.

em 2007, uma nova lei [a 109-364] passou a exigir [na seção 941.2] que os comandantes militares, ao contratar o desenvolvimento de um sistema tripulado, se certifiquem que as demandas do programa correspondente não podem ser atingidas por sistemas não tripulados. o plano de longo prazo para sistemas militares não tripulados é uma exigência legal que, talvez nos EUA mais do que por aqui, mandada pelo legislativo, deve ser cumprida pelo executivo.

algum problema nisso? o “roadmap” original e sua revisão, de 2009 [cuja capa você vê na figura abaixo] não mencionam a palavra **ética** uma vez sequer. mas, você diria, guerra tem ética? tem sim. a guerra tem [leis e regras](#) de engajamento, e deixar de cumpri-las torna os marginais criminosos de guerra, como foi o caso de [slobodan milošević](#).



um estudo da calPoly [[Autonomous Military Robotics: Risk, Ethics, and Design](#)], preparado para a marinha americana, começa...

Imagine the face of warfare with autonomous robotics: Instead of our soldiers returning home in flag-draped caskets to heartbroken families, autonomous robots—mobile machines that can make decisions, such as to fire upon a target, without human intervention—can replace the human soldier in an increasing range of dangerous missions: from tunneling through dark caves in search of terrorists, to securing urban streets rife with sniper fire, to patrolling the skies and waterways where there is little cover from attacks, to clearing roads and seas of improvised explosive devices (IEDs), to surveying damage from biochemical weapons, to guarding borders and buildings, to controlling potentially-hostile crowds, and even as the infantry frontlines.

...criando um cenário de guerra cada vez mais sem seres humanos e, em parte, sem intervenção humana em sua condução. um pouco mais na frente, o relatório alerta para os problemas embutidos no cenário...

Technology, however, is a double-edge sword with both benefits and risks, critics and advocates; and autonomous military robotics is no exception, no matter how compelling the case may be to pursue such research. The worries include: where responsibility would fall in cases of unintended or unlawful harm, which could range from the manufacturer to the field commander to even the machine itself; the possibility of serious malfunction and robots gone wild; capturing and hacking of military robots that are then unleashed against us; lowering the threshold for entering conflicts and wars, since fewer US military lives would then be at stake; the effect of such robots on squad cohesion, e.g., if robots recorded and reported back the soldier's every action; refusing an otherwise-legitimate order; and other possible harms.

...incluindo responsabilidades das partes envolvidas [inclusive as das máquinas, claro], captura e *hacking* de robôs, possivelmente convertidos em inimigos de seus donos originais, o efeito de robôs em grupos de batalha mistos [humanos e máquinas] e a maior “facilidade” de entrar em guerra, devido ao menor número de vidas [e risco, inclusive político] envolvido.

o estudo da calPoly não é mero exercício acadêmico. as máquinas estão indo à guerra: não estamos discutindo se deveríamos usar robôs em conflitos, qual santos dumont refletindo sobre usos militares de uma de suas invenções. precisamos discutir e avaliar, rápida e profundamente, quais são as consequências dos sistemas autônomos e robôs na guerra, realidade que nos afeta agora.

o orçamento americano para sistemas de defesa “não tripulados” é de pelo menos US\$20B para o [período 2009-2013](#). os americanos têm centenas de UAV e milhares de outras [máquinas de todos os tipos](#). mas, se o orçamento americano é, disparado, o maior do mundo para tais sistemas, estima-se que outros quarenta países e organizações [[como o hezbollah, há anos](#)] tenham acesso, hoje, a UAVs, veículos aéreos de ataque não tripulados como os que mostramos no [primeiro texto da série](#).

ao contrário de artefatos nucleares, de difícilima obtenção e alvo de severa fiscalização e controle, sistemas autônomos e inteligentes podem ser construídos e programados por muita gente, em qualquer lugar e para quase qualquer tipo de situação. o conhecimento correspondente está publicado em livros, jornais e revistas, existe em muito larga escala na internet e os sub-sistemas e componentes necessários para construir um UAV de ataque podem ser adquiridos com facilidade. exagerando, é como construir um aeromodelo [muito] sofisticado. qualquer dia destes, pode esperar, vamos vê-los em ação no maior conflito urbano brasileiro, a guerra pelo controle do tráfico no rio de janeiro. e nas mãos de vários lados.

voltando a asilomar, e se máquinas capazes de matar estiverem mesmo soltas por aí... e não forem maluquices situadas em distopias datadas em um futuro remoto?... você já ouviu falar de

um certo [robô \[fixo\] de patrulha de fronteira](#) da coréia do sul? o país gasta [120.000 homens-ano para patrulhar sua fronteira](#) com a belicosa coréia do norte e a taxa de natalidade local está caindo. daí pra [alguém](#) pensar em automatizar o processo, foi um pulo. veja o vídeo abaixo.



pelo que se [sabia](#), o robô seria produzido pela samsung e já [deveria estar sendo usado](#) na fronteira entre as coréias. mas, de repente, não se falou mais disso e a informação sobre o "[produto](#)" deixou de constar [da página](#) da subsidiária da samsung que, em tese, o produz. será que este é um daqueles sistemas que o grupo de asilomar diz que "já existe"?...

[robôs \[3\]: campeões do mundo? de futebol?](#)

28.07.09

[robocup](#) é o nome da família de campeonatos mundiais de futebol de robôs. por enquanto, é jogado entre eles e os melhores lances das partidas decisivas são, no mínimo, risíveis. quer ver? clique no vídeo abaixo.



se você viu o *show*, deve ter notado que, na abertura, uma galera chega ao estádio num carro dirigido por um... robô. trata-se de [junior](#), segundo lugar no [darpa urban challenge](#) de 2007, cujo desafio era fazer um carro autônomo atravessar uma cidade [imaginária].

breve, nas rotas da sua vida, ônibus e táxis sem motoristas e, mais longe, já que motoristas amadores são tão perigosos, podem acabar proibindo você de dirigir seu próprio carro, que será um robô. enquanto não rola, veja alguns outros vídeos da última copa mundial em graz, na áustria, [neste link](#).

a rede mundial de instituições de ensino, pesquisa e desenvolvimento, inovação e empresas, de dezenas de países [incluindo o brasil] tem um objetivo muito imodesto: em 2050 [ano de copa do mundo!] ter criado um time de robôs humanóides completamente autônomos capaz de vencer a seleção [humana] campeã mundial. não é pouca coisa. mas, daqui pra lá, são mais de quarenta anos. a favor dos robôs.

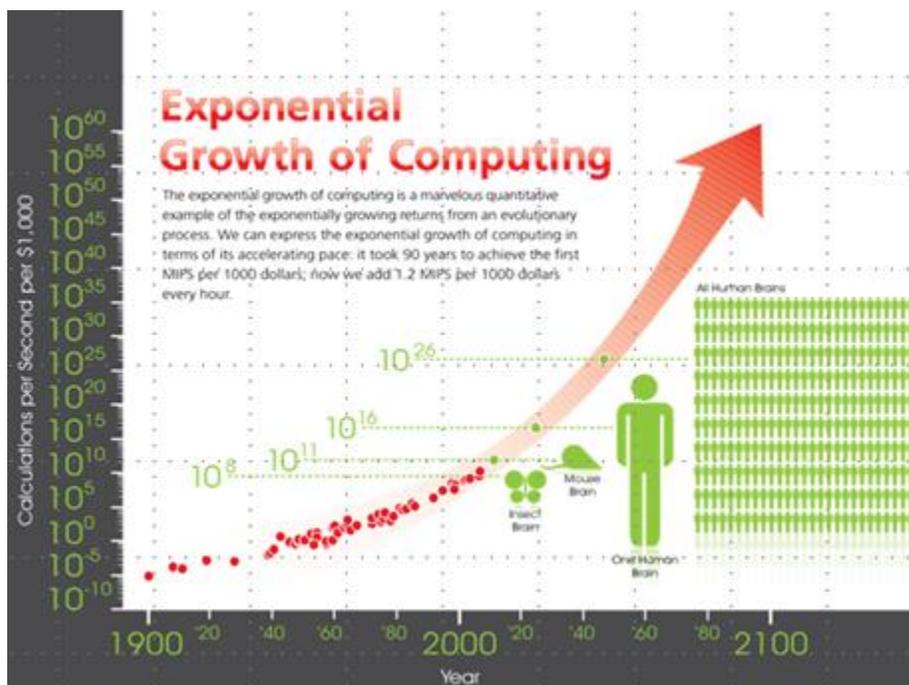
By the year 2050, develop a team of fully autonomous humanoid robots that can win against the human world soccer champion team.



em se tratando deles, vamos lembrar o que disse um dos comandantes responsáveis pelo programa de sistemas autônomos das forças armadas americanas, citado no [primeiro texto desta série](#): segundo o [tenente-general david deptula](#), o que nós estamos vendo hoje, comparado com o que está por vir nos próximos 30 anos, “[são os anos 1920](#)”...

e tempo, aqui, faz uma grande diferença. quando se compara os quarenta anos entre 1965 e 2005, a evolução exponencial das capacidades de processamento, armazenamento e comunicação fez com que, pelo mesmo dinheiro da década de 60, se comprasse um sistema um bilhão de vezes mais poderoso quarenta anos depois.

considerando os avanços atuais, quando se dobra a capacidade de processamento pelo mesmo preço a cada treze meses, e medindo a partir do mesmo 2005, em quanto tempo compraríamos, pelo mesmo preço da metade desta década, um sistema um bilhão de vezes mais capaz? meros 25 anos; em 2030 será possível comprar, por dois mil reais de hoje, um laptop cuja capacidade de processamento [e não, note bem, a “inteligência”] será [igual à de um cérebro humano](#).



ao redor de 2050, ano do possível embate futebolístico entre humanos e robôs, os mesmos dois mil reais serão capazes de comprar uma capacidade de processamento igual à de todos os humanos vivos, juntos. onze craques robóticos, a dois mil reais por cérebro, mais estrutura, sensores e atuadores... vamos imaginar astronômicos duzentos mil reais por “jogador”. no brasil de hoje, é o preço de pebolistas da série C do brasileirão. dois milhões daria pra montar um time inteiro de máquinas. pra ganhar da seleção campeã mundial?... que teria, entre muitos outros um kaká de cento e cinquenta milhões de reais?

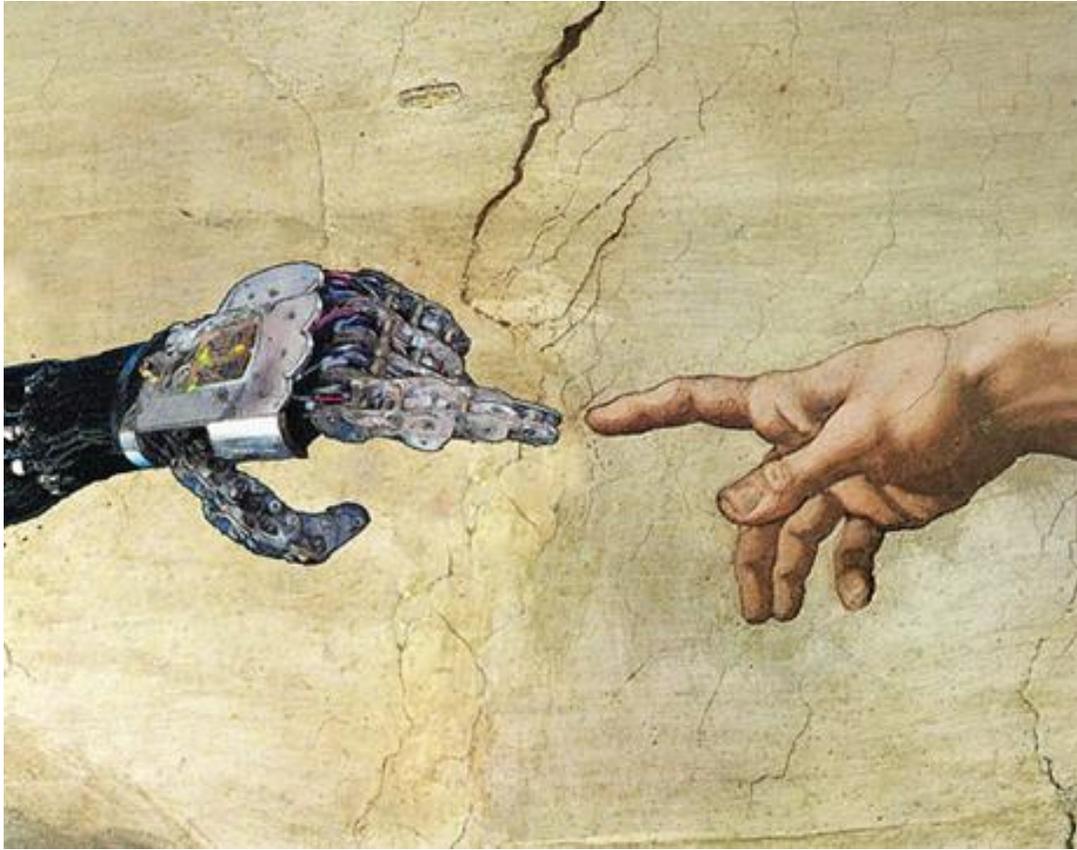
das duas, uma: não vai haver, nunca, um robô jogando como um kaká ou cristiano ronaldo e craques como eles vão comandar valores astronômicos em seus contratos para sempre. ou [vai haver](#), algum dia [julho de 2050?], robôs jogando como kaká e o futebol [e a vida] terá mudado para sempre. incluindo os salários dos jogadores humanos...

e hoje, onde estamos? o prêmio de [vídeo mais inovador](#) da última [ijcai](#), uma das mais reputadas conferências mundiais de inteligência artificial, foi para um robô, ACE [[autonomous city explorer](#), explorador autônomo de cidades] capaz de andar [ou melhor, rodar] sozinho, por cerca de 1.5km, atravessando uma parte do centro de munique. veja o vídeo.



há um detalhe não trivial a observar: [ACE](#) não tem acesso a mapas da cidade, dados de GPS, falhas do pavimento... e tem que interagir com pessoas que lhe indicam, com sinais, como se movimentar para chegar a seu destino. no experimento que gerou o vídeo, ACE está imerso em um ambiente essencialmente humano e interage com gente o tempo todo. e chega onde queria chegar.

é um bom começo. tem mais quatro décadas pra parecer gente e fazer o mesmo e mais, realmente sozinho, se possível driblando que nem os melhores humanos do mundo. se chegar lá, vamos precisar das [regras](#) que você poderá ler ao clicar na imagem abaixo.



robôs [final]: onipresentes. oniscientes? sob quais regras?

29.07.09

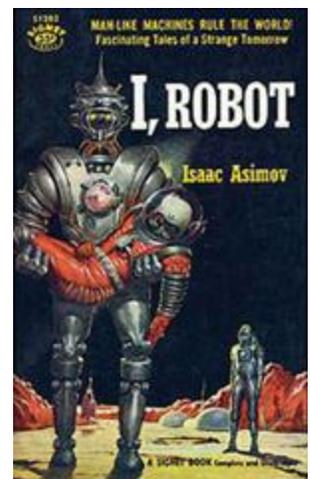


os tres primeiros textos desta série descreveram alguns cenários, de guerra a futebol, onde há evidências consideráveis de que robôs terão uma participação no futuro. menos em futebol do que em guerra, talvez infelizmente. mais em trânsito do que na sala de aula, talvez felizmente. qualquer que seja o campo, toda discussão informal sobre robótica inteligente [inteligente mesmo, bem mais do que máquinas de solda em montadoras] passa pelas chamadas “leis” da robótica, primeiro formuladas por [isaac asimov](#).

asimov foi um dos mais prolíficos e sofisticados autores de ficção científica de todos os tempos. como parte de sua produção, há um grande número de textos que gira ao redor dos problemas práticos [e psicológicos] de robôs ideais, construídos para operar segundo regras românticas, as tais “três leis”, publicadas pela primeira vez em "[run around](#)", de [1942](#).

as leis são muito simples, e representam uma certa hierarquia de valores [antropocêntricos]: **1ª lei:** *um robô não pode ferir um ser humano ou, por omissão, permitir que um ser humano sofra algum mal;* **2ª lei:** *um robô deve obedecer as ordens que lhe sejam dadas por seres humanos, exceto nos casos em que tais ordens contrariem a primeira lei;* **3ª lei:** *um robô deve proteger sua própria existência desde que tal proteção não entre em conflito com a primeira e segunda leis.*

as leis dizem que os robôs [ideais, ou “de asimov”] estão sujeitos às nossas vontades, desde que estas não impliquem em causar mal a outros humanos e que, garantidas estas condições, os robôs devem cuidar de sua própria subsistência. há um grande número de variações das leis, parte delas de autoria do próprio asimov, que tempos depois incluiu um lei “zero”, determinando que *robôs não podem agir no interesse de humanos como indivíduos; devem agir no interesse de toda a humanidade.*



a idéia, aqui, era elevar o interesse coletivo acima do individual, tornando os robôs um bem universal e não um benefício pessoal para um ou outro humano.

porque tais leis podem ser consideradas *ingênuas*? porque alguém poderia construir um robô armado e... burro. o exemplo da [torre de vigia robotizada](#) que supostamente está sendo usada na fronteira entre as coreias é claro: trata-se de uma máquina de matar gente, que pode –ou não– ter humanos no processo de tomada de decisão. veja o caso [desta máquina de paintball](#): no jogo, é mortífera. sem humanos no controle. somos simples e puros alvos. nada mais.

o [primeiro](#) e [segundo](#) texto desta série trataram cenários em que robôs autônomos podem ter a capacidade de eliminação de seres humanos [sem humanos para tomar a decisão...] e, pior, onde estas coisas podem fugir de nosso controle e passar a tomar decisões que estejam fora dos planos originais [por mais violentos que tenham sido] de seus construtores e donos.

na série, até agora, muitos comentaram que os engenheiros trabalhando em tais projetos deveriam procurar algo mais interessante para fazer, como minorar a fome do mundo. o comentário deve ser levado em conta, mas é primário e ingênuo. tecnologia é, quase sempre, o possível, agora. se for possível fazer robôs [armados] que vigiam lojas, casas, prédios, bases e fronteiras, eles serão feitos. e usados.

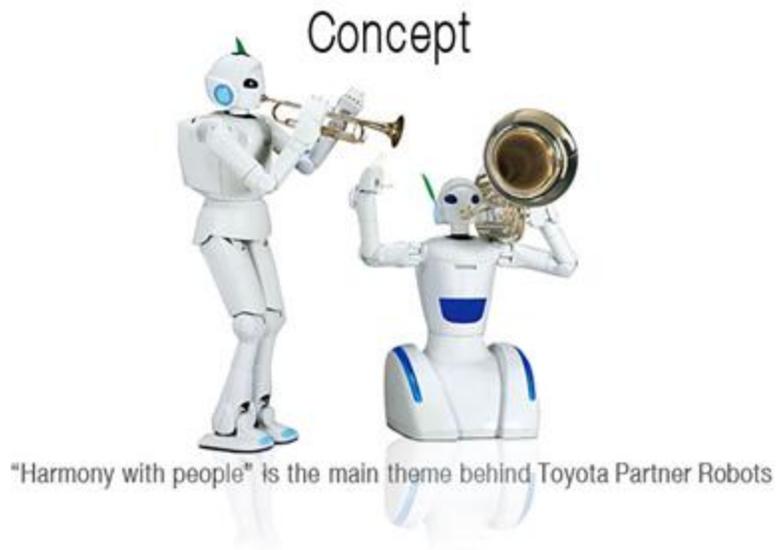
nosso problema é outro. assumindo que tais sistemas começam a aparecer, quais são as regras às quais eles, seus donos, projetistas e fabricantes deveriam estar sujeitos?... dentro de tais regras, quem é responsável pelo que, em que termos? se um bug no software de um robô levá-lo a atirar em alguém, de quem será a culpa? principalmente se o robô for completamente autônomo? se for, será que é possível impedir que uma máquina seja hackeada para se comportar de uma forma não prevista anteriormente? como? nesta discussão, temos que necessariamente descer ao ponto de discutir se um robô [autônomo] deveria ter “porte de arma” ou não.

neste contexto, que por sinal é o atual, as leis de asimov não servem para nada. as mudanças feitas no conjunto original de leis por roger clarke também não resolvem o caso, pois clarke continua assumindo [\[em seu texto de 1993/94\]](#) que os robôs são necessariamente “do bem”. não são. e olha que clarke tem uma lei que considera que robôs podem projetar e construir outros robôs...

[num artigo bem recente](#), yueh-hsuan weng, chien-hsun chen e chuen-tsai sun propuseram, no topo das “inteligências” que robôs muito sofisticados [autônomos, conscientes] poderiam vir a ter, uma inteligência de “segurança”, que tornaria tais máquinas seguras num ambiente majoritariamente humano e, claro, antropocêntrico [onde as prioridades, a ética, a moral, os meios e métodos... e tudo mais são estabelecidos ao redor de demandas e satisfação humanas].

de forma muito clara, os robôs que a [toyota](#) e muitos outros vão tentar vender para nossas casas hão de se guiar por [regras parecidas](#) com as de weng et al. os robôs da toyota são baseados em “harmonia com as pessoas” que, apesar de não garantir que tudo vai dar certo e

nunca haverá um acidente fatal envolvendo um robô da marca, pelo menos nos dizem que a marca japonesa vai tentar, no limite da sua competência, cumprir a promessa.



no lado oposto, há robôs sendo feitos para tratar humanos como alvo. sobre estes, é urgente impor regras como as de [john canning](#), da marinha americana, que propõe que os robôs podem entrar em combate autônomo entre eles mas, quando o alvo for humano, têm que solicitar a ajuda de um humano para tomar a decisão de atirar ou não. um diagrama explicando o básico das regras de canning é mostrado a seguir.

		People	
		Not a Military Objective	Valid Military Objective
Things	Not a Military Objective	Can't Target	Won't Target
	Valid Military Objective	Target Things	Target Things, but Not People

a [matriz de canning](#) baliza o comportamento de robôs autônomos armados em situações onde haja pessoas e "coisas" [inclusive outros robôs]. se, no ambiente, só há coisas que são objetivos

militares válidos, sinal verde e o pau canta, literalmente. se há pessoas e coisas que são objetivos válidos, os robôs devem mirar as coisas e pedir autorização superior para detonar as pessoas. em qualquer outra situação, os robôs não devem fazer nada, exceto se defender caso estejam sendo atacados.

não se sabe, ao certo, que conjunto de algoritmos implementariam tal capacidade de decisão e como eles seriam provados corretos na prática e em todas as situações.

tenho minhas dúvidas, face ao tamanho do esforço, [se isso será possível algum dia](#). independentemente disso, sistemas robóticos armados continuarão sendo construídos de forma acelerada pelos países mais ricos, até porque diminuem o risco humano e político da guerra. mau sinal.

certo mesmo é que vamos enfrentar uma ampla discussão sobre [ética robótica](#) nas próximas décadas, inclusive porque poderemos, no médio prazo, construir máquinas capazes de raciocinar e tomar decisões de forma mais “esperta” [no sentido humano] [do que nós próprios](#).

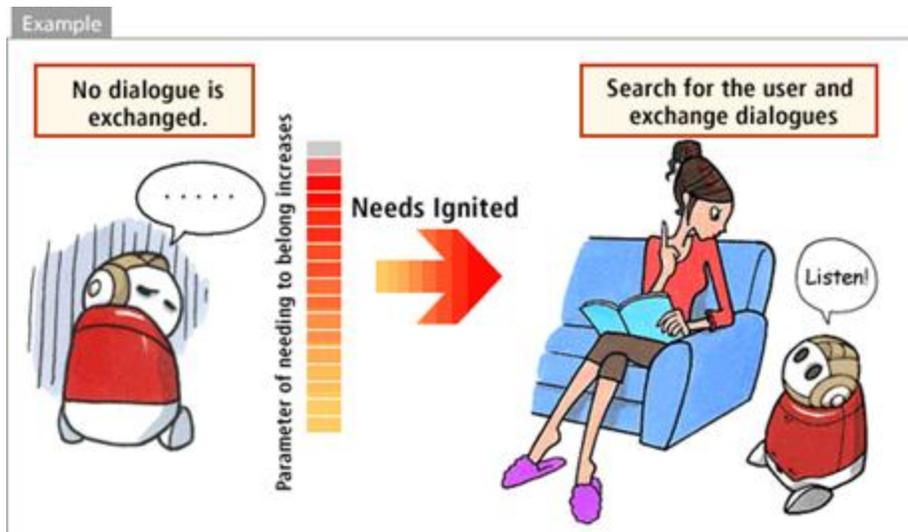
uma das atitudes subdesenvolvidas mais clássicas, em casos como este, é fingir que o assunto – de tão ameaçador ou complexo- não é conosco; dá-se uma de avestruz, a enfiar a minúscula cabeça na terra e deixar de fora e bem visível um traseiro –um alvo- centenas de vezes maior. nunca dá certo.

ao contrário, a associação americana de inteligência artificial encomendou a um [painel de cientistas](#), mencionado no [segundo texto desta série](#), um estudo [sobre... expectations and uncertainties about the development of increasingly competent machine intelligences, including the prospect that computational systems will achieve “human-level” abilities along a variety of dimensions, or surpass human intelligence in a variety of ways](#).

se existe a possibilidade de sistemas computacionais poderem, em futuro próximo, atingir níveis de performance igual ou superior aos humanos em um número de áreas, talvez se deva – todos nós, em todo o mundo- ajudar a escrever o livro de regras de baixo dos quais tais inteligências artificiais vão se comportar. na escola e na estrada, na casa e no escritório, na brincadeira, no hospital, no jogo, na guerra e na paz.

antes que elas próprias queiram escrever o livro de regras. talvez todas as regras.

	Five Levels of Needs by Dr. Maslow	Five Levels of Needs for PaPeRo	Factors that Change PaPeRo Needs Level	Actions of PaPeRo
High Priority to Satisfy Needs Low	Physiological Needs	Appetite	Up: Reduced battery charge left Down: Increased battery charge left	Request to charge the battery
	Safety Needs	Urge for Activity	Up: PaPeRo is not operating. Down: PaPeRo is operating.	Activate PaPeRo operation
	Need to Belong	Need to Belong	Up: No dialogue is exchanged. Down: Dialogue is being exchanged.	Search for the user and exchange dialogues
	Esteem Needs	Desire for Knowledge	Up: Time passes without doing anything. Down: A question is asked to the user.	Ask questions to the user
	Self-Actualization Needs	Self-Actualization	Up: Time passes without doing anything. Down: An action to represent the character is performed.	Express the character by singing or performing a dance



[acima, níveis de necessidade humanos {de acordo com maslow}, níveis correspondentes para um [robô de pesquisa da nec](#) e exemplo de atitude do robô quando seu nível de satisfação é baixo e ele realiza uma ação para aumentá-lo.]

[gamePlay: palestra de abertura](#)

01.08.09

quinta passada rolou a abertura do [gamePlay](#), simpósio/exposição sobre interatividade e games, no itaú cultural, em são paulo. tive o prazer de fazer a palestra inaugural, que tomara tenha sido gravada e vá pra rede alguma hora. quando for, anuncio o link aqui no blog.



enquanto isso, republico abaixo o comentário que [guilherme kujawski escreveu](#) no [blog do itauLab](#) sobre minha contribuição ao evento. os slides estarão disponíveis neste fim de semana e o link pra eles vai aparecer num PS deste texto e [no meu twitter](#). inté.

Ele dorme pouco. Suas olheiras, porém, não revelam cansaço; muito pelo contrário. Sua postura é enérgica, vibrante; suas ações são vigorosas. Seu raciocínio é aguçado. Ele sabe que não há tempo para o sono no colo do gigante adormecido chamado Brasil. Há muito por se fazer contra a mediocridade que grassa, seja no congresso nacional ou nos congressos estudantis.

Esse incansável lutador lembra um pouco a energia infinda de [Gordon Pask](#), o cientista britânico que, durante suas longas horas de vigília, propôs uma teoria da conversação que abarcasse humanos e máquinas. Mas tratamos de [Silvio Meira](#), cientista-chefe do Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife, que realizou a palestra inaugural do Simpósio GamePlay, ontem, dia 30 de julho.

E que palestra! Em sua preleção, associou os processos de interação – substância da exposição [GamePlay](#) – com o devir existencial, com o “ser-aí” (dasein) de Martin

Heidegger, a potencialidade do ente em disparada, em constante atualização, em sua busca constante por uma tensão dinâmica que lhe proporcione recursos contra a entropia, o fluxo bêbado do mundo exterior.

Após algumas contextualizações filosóficas, Meira se desculpou por supostas imposturas intelectuais, e seguiu em frente em sua análise sobre o papel dos jogos eletrônicos na sociedade contemporânea. Se hoje eles espelham simulacros, é porque nos distanciamos por demais das percepções imediatas, da presença do real (a realidade propriamente dita) e do Real (a única realidade possível, segundo Lacan, a saber, a morte). Se os videogames tornaram-se hiperreais – a ponto de incluírem em seus ambientes sofisticadas simulações de leis de física – é porque, de certa maneira, nos tornamos escravos das formas puras platônicas, independentes dos mecanismos de percepção imediata.

*No futuro, de acordo com as previsões do filósofo pernambucano, “**game is over**”. Sim, pois ao invés de fingirmos tocar a guitarra de George Harrison no videogame musical [The Beatles: Rock Band](#), vamos literalmente reproduzir os acordes, sem o recurso da simulação. A coisa real será o apelo.*

Logo, os personagens virtuais dos videogames serão materializados em robôs autônomos ou semi-autônomos que sentarão com humanos para redigir uma nova legislação de robótica, menos antropocêntrica que as [três leis de Asimov](#). A lógica das percepções transformadas em emoções, hoje restrita ao universo dos humanos, fará parte de uma população de máquinas inteligentes não elaboradas para serem escravas ou assassinas de aluguel, mas simplesmente parceiras de jogos para a raça humana.

Ao final, Meira contou sobre o que parece ser a solução para os aborrecidos videogames educacionais: competições em redes sociais. Tal é o fundamento do projeto [OJE](#) (Olimpíada de Jogos Digitais e Educação), iniciativa de vários players tecnológicos de Recife. Ao invés de coibir a fuga de alunos para as lan houses, por que não trazê-las para o pátio dos colégios? O ensino não deveria ser um jogo de conhecimento?

Silvio Meira quer mais que um estado de bem-estar; quer um Welfare State of Mind. Conte conosco, caro filósofo das técnicas!

PS: para chegar nos slides usados nesta palestra, [clique aqui](#) [32MB, .pptx].

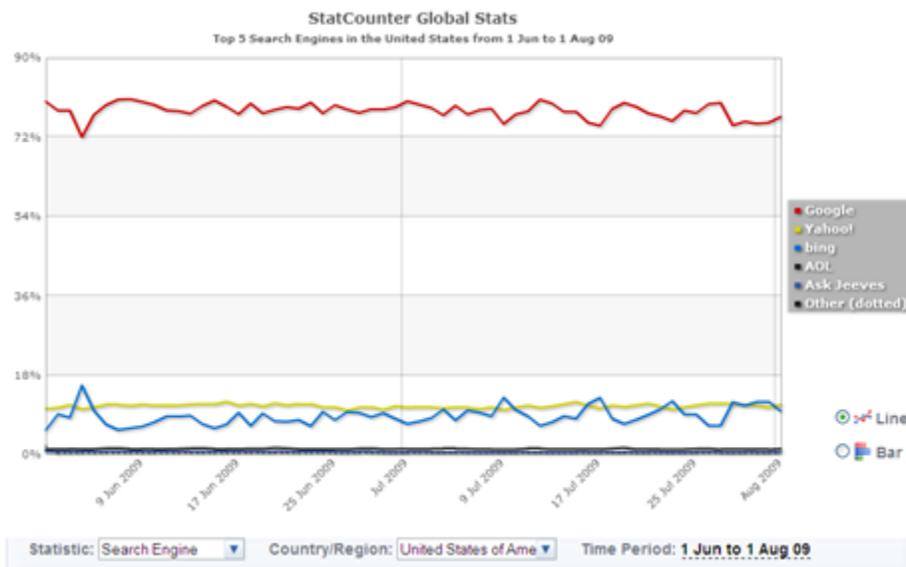
BBB: o Y da questão

03.08.09

como todo mundo já sabe, carol bartz e steve ballmer, os dois primeiros B's de nosso comentário, se sentaram dia destes e decidiram que yahoo e bing [e não yahoo e a microsoft, note bem] iam se [casar](#). bing é nosso terceiro B, e você pode clicar no link a seguir para ler uma [detalhada análise do assunto](#), feita pela AP e publicada no chicago tribune.

a noiva, yahoo, estava há tempos no caritó, como se diz em pernambuco [antigo] das moças que estão quase passando do ponto. yahoo não podia mais deixar passar qualquer oportunidade, sob o risco de não ter mais nenhuma mesmo. os antecessores de bartz, terry semel e jeff yang, não tinham planos de casar com ninguém e fizeram tudo pro noivado com ballmer não dar certo. enquanto mandavam no pedaço, não deu mesmo.

o noivo, ânimo e roupa renovadas, depois de uma [reestruturação](#) que lhe deu, pra começar, [mais audiência em busca](#) [no mercado americano, em certos dias...] que o próprio yahoo, precisava de uma parceira pra acompanhá-lo em sua longa batalha contra o quase monopólio de google, alvo de todo mundo no mercado.



e não é pra menos. veja [e clique n]o gráfico acima, de statcounter. hoje, google tem cerca de 75% do mercado; olhando para os dois últimos meses, google somou mais de 80% de todas as buscas nos EUA e Canadá, contra pouco mais de 17% de yahoo e bing [[clique aqui pra ver em detalhe](#)]. o monopólio virtual de google em busca tem um porte similar ao da microsoft em sistemas operacionais e suites de programas de escritório.

o contrato de casamento assinado por bartz e ballmer é simples: yahoo vai “vender” busca e bing vai passar a ser a “busca de yahoo”, além de ser sua própria, claro. yahoo vai, muito

provavelmente, demitir toda sua engenharia de busca [e talvez todo o resto da tecnologia] e ficar nas mãos da microsoft [leia “bing”] para tudo o que quiser fazer. de uma vez por todas. porque dez anos [do contrato], na rede, é infinito.

tudo bem que já fazia um tempo que não se via muita coisa de inovadora vinda de yahoo. a companhia não sabia se era mídia ou tecnologia, serviços ou o que. e estava tão longe de google, e tão sem forças para tentar alcançar o líder... que talvez a única alternativa fosse o casamento BBB –sem Y- acertado recentemente. e aí yahoo virou um portal, sem conteúdo original. como qualquer outro. os acionistas não gostaram, como mostra o gráfico abaixo; a seta vermelha indica o dia do anúncio do acordo BBB, com YHOO em azul, GOOG em verde e a MSFT em vermelho; clique no gráfico para ver o detalhe... no site de finanças de yahoo!



o efeito colateral do acordo vai ser [na minha opinião e de [mais um bocado de gente](#)] matar yahoo. que talvez já fosse morrer de morte morrida mesmo, dentro de uns mil dias. e talvez carol bartz tenha conseguido o quase impossível: extrair de steve ballmer um dote de meio bilhão de dólares por uma noiva que... nunca iria sair do caritó de outro jeito.

o Y da questão está resolvido. a briga [mais uma] é entre microsoft e google; e yahoo, depois de ter escrito uma das mais belas páginas da internet, vai começar a descansar. para sempre.

na inglaterra, um big brother em 20.000 casas

04.08.09

o governo inglês decidiu que tem que fazer alguma coisa sobre as 20.000 famílias mais problemáticas do país, algumas das quais parecem fazer parte de quadros sobre adolescentes difíceis na TV do mundo inteiro.

e esta “alguma coisa” pode ser um dos projetos mais polêmicos de todos os tempos na ilha e no mundo: [o governo anunciou](#) um esquema para instalar [CFTV](#) [circuito fechado de TV] nas casas das tais 20.000 famílias-problema e mantê-las sob supervisão 24h por dia. o custo por casa vai de £5.000 a £20.000 [entre quinze e sessenta mil reais] pelos próximos dois anos, o que custaria aos cofres de sua majestade a bagatela de um bilhão e duzentos milhões de reais.



a inglaterra deve ser o país mais vigiado do mundo. consta que tem o maior número de [câmeras de segurança por habitante](#) do planeta. sempre que estou por lá, tenho a estranha sensação de há alguém me olhando o tempo todo. na praça [acima, CFTV em trafalgar sq.], rua, restaurante, hotel, estrada... todo lugar. sem falar em lugares que eles consideram de alguma “segurança”, como prédios públicos, universidades, aeroportos, estações de trem e lugares de concentração

popular. nas escolas da ilha, a novidade são [câmeras nas salas de aula](#), para supervisionar alunos e professores. coisa de louco.

a novidade neste projeto de vigiar as pessoas dentro de casa é a escala da operação, pois cerca de 2.000 famílias já são vigiadas desta forma, numa tentativa de fazer com que os pais tomem conta de seus filhos, afastando-os dos “caminhos do mal”. um dos papéis das câmeras [e das pessoas que, por trás delas, vigiam as famílias], imagine, é observar se a garotada está fazendo a tarefa da escola...

há algo ao mesmo tempo novo e bizarro nesta forma de controle social, que tomara não se espalhe pelo resto do planeta. o novo é um governo achar que pode realmente sequestrar a privacidade das famílias e indivíduos para, em troca, livrá-los de um “mal maior”, como a cadeia para seus filhos. o bizarro é as pessoas aceitarem, qual cordeiros, serem tangidas qual manada, por funcionários públicos que lhes dão conselhos e ordens pela rede, em função do que vêem ou deixam de ver em áudio e vídeo, em tempo real.

tempos atrás, [neste blog](#), dizíamos que... *uma das principais defesas da sociedade é justamente o direito à privacidade. revoluções inteiras têm sido feitas por sua causa. e talvez seja bom lembrar que regimes totalitários têm, como habitual primeiro ato, a suspensão dos direitos e garantias individuais, começando pela privacidade.*

mas algo me diz que uma série de argumentos pode ser usada a favor de esquemas de supervisão da população, como o proposto pelo governo inglês, na linha do “quem não deve não teme”. sobre este assunto, [já dissemos que...](#) *um dos argumentos mais falaciosos, usado por muita gente, segue a linha do... "não tenho nada a esconder", para acusar quem defende a privacidade, na rede, de estar fazendo alguma coisa imoral ou ilegal. não tem nada a esconder? então porque não deixa o vizinho tirar fotos suas tomando banho ou na cama, com a mulher, numa daquelas noites quentes, e publicar na internet? imagine o milhar de outras situações que não queremos ver disseminadas, na rede ou em qualquer outro meio. de repente, temos tudo a esconder. simples assim.*

de resto, é sempre bom reler [pelo menos um resumo](#) de 1984, clássico de george orwell [inglês, sabia do que estava falando] que tem [passagens como...](#)

The telescreen received and transmitted simultaneously. Any sound that Winston made, above the level of a very low whisper, would be picked up by it, moreover, so long as he remained within the field of vision which the metal plaque commanded, he could be seen as well as heard. There was of course no way of knowing whether you were being watched at any given moment. How often, or on what system, the Thought Police plugged in on any individual wire was guesswork. It was even conceivable that they watched everybody all the time. But at any rate they could plug in your wire whenever they wanted to. You had to live — did live, from habit that became instinct — in the assumption that every sound you made was overheard, and, except in darkness, every movement scrutinized.

...e se indignar, logo e alto, que haja alguém em qualquer governo, com poder e recursos suficientes, para pensar e propor tais esquemas. mesmo que seja bem longe de nossas casas. porque não falta quem esteja atrás de “boas práticas” pra transplantar, sem pensar, de um pra outro lugar.



[a apple e a CENSURA a aplicações no appStore](#)

06.08.09

no post anterior, falamos da [iniciativa do governo inglês](#) de vigiar, muito de perto, as piores [por qual crivo?] 20.000 famílias da Inglaterra, como se houvesse uma relação causal e direta entre o que acontece dentro das casas, o comportamento na rua e a melhoria do mesmo caso haja uma supervisão e intervenção nos lares, por agentes do governo, em tempo real.

nada mais orwelliano do que isso. e teve muita gente, nos comentários, que achou o projeto inglês muito legal. o mundo deve estar mesmo pra se acabar.

hoje, a conversa é sobre o mesmo tema, controle social, e sobre uma empresa que parece estar –cada vez mais- rezando pela cartilha do controle absoluto: a apple.



o incidente é bizarro: envolve a apple, seu appStore, o repositório de aplicações para o iPhone, a matchstick software e uma aplicação escrita pela companhia, o dicionário ninjaWords da língua inglesa. a apple resolveu “limpar” a coisa: mandou a matchstick retirar do dicionário palavras como [screw](#), [cock](#), [snatch](#), [tits](#)... que tinham, por sinal, significados canônicos encontrados em qualquer dicionário on ou off line e, [mesmo depois do processo de sanitização](#), manteve a classificação da aplicação na categoria 17+, ou seja, apenas para pessoas acima de 17 anos.

[segundo john gruber](#), a... *Apple requires you to be 17 years or older to purchase a censored dictionary that omits half the words Steve Jobs uses every day...* [a apple requer que você tenha pelo menos 17 anos pra comprar um dicionário censurado que omite metade das palavras que steve jobs usa todo dia].

o incidente é bizarro, mas [não é o único](#). a inquisição não poderia fazer melhor. à medida que a apple se envolve em mais coisas, que têm impacto cada vez maior sobre a sociedade, a veia controladora da empresa, que mantém uma religião fundamentalista de hardware e software, se espalha –ou quer se espalhar- por toda sua cadeia de valor.

mas censurar um dicionário, convenhamos, passa muito da conta. se você quiser saber o significado das palavras que a apple tirou do iPhone, vá por exemplo ao [merriam-webster](#). tá tudo lá. publicado por uma companhia centenária, respeitável e presente nas casas de dezenas de milhões de pessoas.

no appStore, por outro lado, agora só se pode falar *appSpeak*, uma língua muito, mas muito parecida com o [newSpeak](#) de 1984, cuja definição, na wikipedia, começa assim:

*Newspeak is a [fictional language](#) in [George Orwell's](#) novel [Nineteen Eighty-Four](#). In the novel, it is described as being "**the only language in the world whose vocabulary gets smaller every year**". Orwell included an essay about it in the form of an appendix^[1] in which the basic principles of the language are explained. Newspeak is closely based on [English](#) but has a greatly reduced and simplified [vocabulary](#) and [grammar](#). This suits the [totalitarian](#) regime of the [Party](#), whose aim is to make any alternative thinking — "[thoughtcrime](#)", or "crimethink" in the newest edition of Newspeak — impossible by removing any words or possible constructs which describe the ideas of freedom, rebellion and so on. One character says admiringly of the shrinking volume of the new dictionary: "**It's a beautiful thing, the destruction of words.**"*

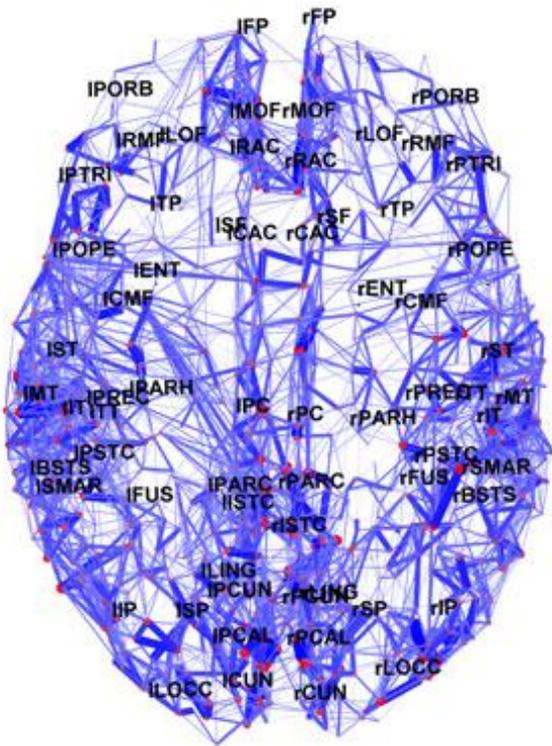
tem gente achando que os censores da apple são apenas meros idiotas. mas tem gente que acha que eles têm um plano... e não acreditam que a informação, como todos estamos cansados de saber quer ser —e ultimamente é- livre.

[a próxima \[?\] grande rede...](#)

10.08.09

estou lendo [year million, \[science at the far edge of knowledge\]](#), coletânea de textos sobre o que pode vir a ser a ciência –e seus resultados e aplicações- num futuro muito distante. tipo daqui a um milhão de anos.

o livro, editado por damien broderick, tem 14 capítulos, varrendo desde os hominídeos [como foi, mesmo, que tudo começou?] até, literalmente, o fim do mundo [do universo, de uma vez por todas], daqui a uns [10 decilhões de anos](#).



o capítulo três, escrito por steven b. harris, *a million years of evolution*, é especialmente interessante. harris considera o que pode vir a acontecer com os cérebros, em função de tudo o que ainda vamos aprender sobre o principal componente do corpo humano.

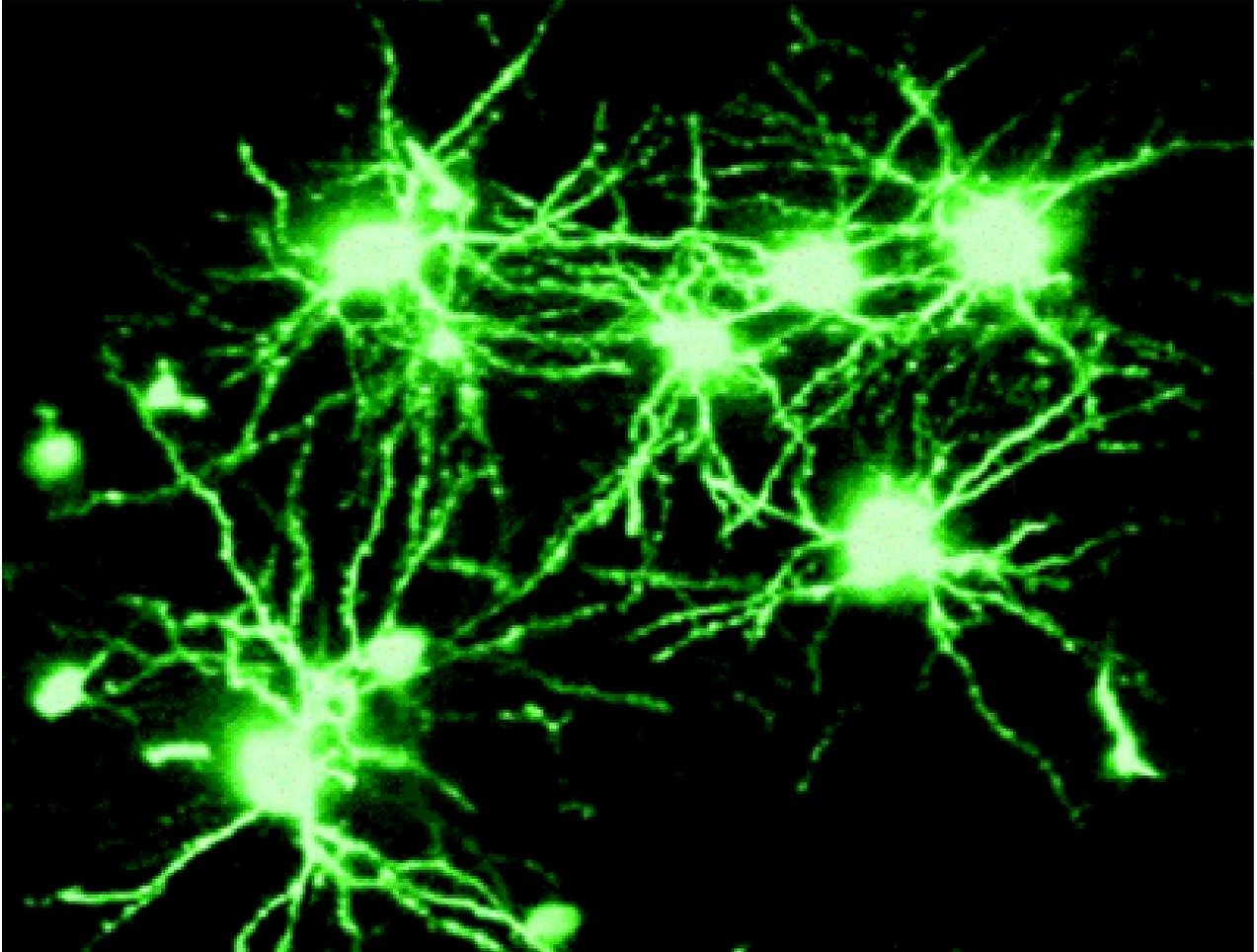
segundo harris, se tudo correr bem, vamos aprender a conectar cérebros uns aos outros. de verdade e de tal forma que a expressão “vamos pensar juntos” vai ser muito mais que metáfora. e a próxima rede a mudar o mundo, de vez, seremos nós próprios.

pra isso, precisaremos de conexões muito mais sofisticadas do que se consegue, hoje, espetando eletrodos e usando conexões frankensteinianas [a “alta tecnologia” de muitos labs de neuroX de hoje...] pra ligar cérebros através de uma internet rudimentar.

se –ou quando- rolar, as consequências serão fantásticas. se compartilharmos, verdadeiramente, parte do ocorre no cérebro de nossos parceiros [amigos, colegas de trabalho...] será que vamos ficar “contaminados” pelas suas memórias, experiências, intuições e emoções, por exemplo? será que vamos [ainda] poder guardar qualquer tipo de segredo?...

harris supõe que, antes que seja possível entrarmos no estágio “**mentanet**” de nossas vidas em rede, teremos que aprender muito mais sobre o cérebro e os usos que fazemos e faremos dele. ou deles. no futuro, muito mais do que mentes compostas [a nossa, em contexto] ou estendidas pelo ambiente, poderemos vir a ter mentes que resultam de muitos cérebros verdadeiramente em rede.

e vai ser muito difícil –pelo menos com os mecanismos de que dispomos hoje- saber quem é seu verdadeiro eu. ou se, quando você fez alguma coisa, era você mesmo que estava em controle. a vida vai ficar muito mais complicada do que já é. mas que vai ser muito mais interessante, isso vai...



hologramas + ultrassom = 3D virtual, tátil

11.08.09

tem dias que a gente acorda em um lugar qualquer do planeta [recife, por exemplo], sai disparado de casa pra um aeroporto, pega um avião e voa algumas horas, chega em algum outro aeroporto [como guarulhos], atravessa uma cidade já engarrafada, só pra estar numa reunião. de poucas horas. ao fim do dia, faz o caminho de volta, tanto ou mais apressado, atrasado e engarrafado. e estressado. muito.

vez por outra, e nunca de livre e espontânea vontade, tal conjunto de eventos desaba sobre minha já complicada existência. em tempo corrido, é acordar em recife às quatro e meia da manhã, ir e voltar a são paulo e chegar em casa, de volta, perto ou depois da meia noite, coisa de 20 horas de correria. muitas vezes, por causa de duas, três horas de reunião.

do ponto de vista pessoal, estamos falando de pelo menos um dia de ressaca depois. ambientalmente, é insustentabilidade pura. mover um corpo de ida e volta entre dois lugares distantes tem uma pegada monstruosa. só quando é impossível evitar o movimento é que, no meu caso, aceito tal tipo de viagem. e, tanto quanto posso, ando plantando minhas árvores, muitas, pra compensar minhas andanças.

só que o mundo inteiro funciona assim. uma boa parte da população dos aviões, em qualquer lugar, é de executivos em viagens curtas, tipo bateu-voltou. a pergunta é: há alternativas, agora? a resposta é: de qualidade, não. sabemos do estado da arte [ou do desastre] que é a nossa infraestutura de rede. garantir conectividade, de boa qualidade, numa reunião de gente de vários cantos do país e do planeta... é uma temeridade. isso usando as interfaces que temos hoje, bidimensionais, todo mundo embutido na tela.

mas e no médio prazo? bom, algum dia a rede vai ser resolvida. a internet parece, hoje, com a eletricidade em taperoá-PB, na década de 50, provida pelo que se chamava de um “motor”, na verdade um gerador. agora como na época da “luz e força” de taperoá, a rede tá *quase sempre ligada*. se podemos ou não usá-la como queremos –ou melhor, como nos é vendida e pela qual pagamos- é outra história.

mas uma coisa é certa: a rede será ubíqua [presente em todos os lugares e o tempo inteiro] e de qualidade. é só uma questão de tempo. foi assim com eletricidade, vai ser assim com a internet. porque tudo o que fazemos, hoje e daqui pra frente, depende destas duas redes funcionarem devidamente. e isso significa que elas irão funcionar.

resolvido [!] este detalhe nem tão pequeno assim, o problema se desloca para as interfaces: será que vamos usar, pra sempre, os modelos e sistemas de interação bidimensionais e limitados que temos hoje? ou evoluções deles?

a resposta é não. quer imaginar por que? clique no vídeo abaixo [[vindo deste link](#)], demonstração de um sistema experimental da universidade de tóquio, denominado *airborne ultrasound tactile display*, um tipo de interface que combina um holograma [projeção em terceira dimensão] e um fenômeno de ultrassom [*ultrasound acoustic radiation pressure*] capaz de criar uma sensação de pressão no usuário sem diminuição da qualidade do holograma. observe, perto do fim do vídeo, os pingos de chuva virtual “batendo” na mão do observador... muito legal.



resultado em potencial? no caso das nossas reuniões de trabalho [ou aulas e o que mais precisar juntar gente no mesmo lugar] cada um fica em sua cidade, cada um é projetado no lugar onde cada outro está, todos e cada um são simulações tridimensionais com grau de verossimilhança muito alto e... poderíamos, por exemplo, apertar as mãos uns dos outros, a distâncias quaisquer. e aí, de fato, teríamos encontros verdadeiramente virtuais e de boa qualidade, sem ir, de verdade, pra lugar nenhum.

isso sem falar nos outros tipos de aplicações óbvias para tais interfaces, como jogos. imagine seu game predileto, de hoje, holográfico, reativo e tátil, dentro de alguns anos. tomara que não seja preciso esperar muito.

vai acontecer? deste jeito? ninguém sabe, claro. ainda estamos bem no começo da pesquisa e do desenvolvimento científico e tecnológico nesse campo. mas a pressão ambiental vai exigir soluções sustentáveis para os encontros de negócios e, mais cedo ou mais tarde, além de reuniões, haverá férias e passeios virtuais. é só uma questão de tempo.

e ninguém precisa se apavorar [como sempre é o caso] e achar que o mundo vai ficar mais frio, que as pessoas irão se isolar cada vez mais quando tais sistemas e serviços estiverem disponíveis. não. mas que ia ser muito legal, a um pequeno custo adicional, dar uma voltinha de alguns minutos, sempre que desse na telha, por londres, lisboa, san francisco, paris e taperoá, sem sair de casa, isso ia.

sem falar, no mais longo prazo [ponha muitas décadas ou séculos na conta], de sistemas com esta inspiração [muito mais capazes e sofisticados] virem a ser a única forma de mortais comuns, como eu e você, leitor, darmos uma voltinha em marte, vênus ou algum planeta em [beta canum venaticorum](#). mesmo porque, numa lata de sardinha espacial, eu não tô muito afim de ir nem um pouco perto disso.

bill gates no conselho da... apple?

13.08.09

todo mundo sabe que a internet é o mais fértil dos terrenos quando o assunto é mentiras, rumores e boatos, inclusive o que se convencionou chamar de *trumor*, ou boato com fundo de verdade. além, claro, dos fatos verídicos que acontecem e aparecem na rede, um número incomensurável de drops de informação cuja autenticidade e veracidade não pode ser verificada circula todos os dias.

e isso não tem nada de mal, se você souber ler. saber ler, aqui, não significa ser alfabetizado, mas saber interpretar o que se leu e saber, também, o que fazer com o que acabou de ser entendido. no longo prazo, todo mundo –ou quase- vai ficar esperto o suficiente para não cair nos contos e mentiras mais básicos e, depois, nos mais elaborados. alguma hora todo mundo vai saber que seu banco não manda um emeio pedindo seus dados. e os mentirosos [e golpistas] vão ter que se especializar, atingir novos níveis de competência e criatividade. a fila, como se sabe, anda. pra todos.

essa conversa mole foi só pra chamar atenção para um *[t]rumor* que está circulando na rede há alguns dias, veiculado inicialmente pelo blog coletivo [internet evolution](#), que por sinal é uma rede de gente muito bem relacionada e informada.

andrew keen [pegou um fato](#) [a saída de eric schmidt, ceo de google, do conselho da apple], considerou um cenário [google é a “nova” microsoft; a microsoft propriamente dita e a apple têm que correr atrás dele], um ambiente de competição feroz dentro deste cenário [todo mundo é móvel, mobilidade é o que importa, google vai competir com a apple e a microsoft neste ambiente; e mais com a symbian e talvez com palm pre, pelo menos] e uma constatação histórica: não vai dar pra todo mundo.

não há cinco infraestruturas competindo de igual pra igual em lugar nenhum da economia de informação. ou em qualquer outra economia de escala. alguém lidera por muito, lá longe há uns dois outros e depois vem “o resto”. pense windows, OS X e linux. pior: pense office, que nem competidor tem. pense [em busca] google: 80% do mercado. e por aí vai. pense no que android pode vir a fazer com o mercado que talvez seja o mais importante e lucrativo dos próximos tempos. não vai dar pra todo mundo mesmo.

se não vai dar pra todo mundo, a pergunta de keen é... será que os inimigos de sempre, apple e microsoft, não deveriam se unir contra o inimigo da vez, google? e será que isso não poderia começar com bill gates assumindo o lugar de eric schmidt no conselho da apple?...



todas as peças do quebra-cabeças estão quase no lugar. é só juntar... depois de esquecer, é claro, que as duas companhias estão em campos mais [aparentemente] opostos do que Inglaterra e França estavam quando viviam em guerra permanente e por qualquer motivo.

trate a [pergunta de Keen](#) como quiser: opinião, pressentimento, rumor, *trumor*, [desejo?], o que for. mas, se vier a ser verdade, em qualquer época, terá sido um dos mais originais e interessantes boatos já criados na rede.

pronto para o fim de semana?

14.08.09

não vá pra casa, hoje, sem ter visto como calvin harris e seu time montaram e usaram, para tocar o hit [ready for trhe weekend](#), um sintetizador feito, em parte, por seres humanos. pra saber como o " instrumento" foi montado, clique no video a seguir.



para fazer o seu, use algumas pessoas pintadas com um novo tipo de tinta condutora, um bocado de pads interligados, e conectados a sequenciadores e sintetizadores de verdade e.... haja ensaio. pra ver a coisa tocando [sendo tocada], clique no vídeo abaixo.



moral da história? que tudo é cada vez mais mediado por tecnologia não é novidade. a novidade são os usos cada vez mais criativos e sofisticados que se faz das possibilidades tecnológicas. o detalhe, que não aparece em nenhum dos dois vídeos, é que quase qualquer um pode fazer coisa muito parecida em casa, com um console de jogos e um conjunto de pads. e muito software pra controlar a coisa toda.

caso você nunca tenha visto alguém jogando DDR [[dance dance revolution](#)], dê uma olhada no garotinho do vídeo a seguir.



o que harris fez foi elevar isso ao nível de performance coletiva, executando a música de fato, no processo. mas a idéia básica está todinha no sistema e performance do vídeo acima. agora, no fim de semana, tente fazer pelo menos 10% do que o garoto faz...

[profissões, regulamentação: flanelinha, capoeirista...](#)

17.08.09

aproveitando a decisão do supremo, em junho, sobre a inexigibilidade de diploma para exercício das profissões de jornalismo, este blog publicou uma série de textos sobre o tema, tratando o problema mais geral: *que profissões deveriam ser regulamentadas? e que outras, especialmente no caso brasileiro, deveriam ser desregulamentadas?*

[neste link](#) você vai encontrar os textos que publicamos tratando da regulamentação das profissões no brasil, um problema complexo e polêmico. ainda mais porque a tal da regulamentação, aqui, quase sempre tem como pedra de toque a reserva de mercado para exercício de uma profissão para portadores de algum diploma universitário. e isso torna o debate acalorado e, por vezes, irracional.

a coletânea não pretendem encerrar o assunto; primeiro, seria muita arrogância deste autor pretendê-lo. segundo, o tema tem uma dinâmica muito própria, associada à evolução da economia e sociedade e à interferência da tecnologia nas funções exercidas por humanos.

exemplo? meras duas décadas atrás, o processamento de dados das empresas dependia –e muito- de digitadores; montes de seres humanos em grandes galpões, com a função de transferir o que viam, em registros diversos, para meio digital. os digitadores eram tantos e tão importantes, no ciclo de vida da informação nas empresas, que lideraram o sindicato da área, o dos profissionais de processamento de dados, por muito tempo, em vários estados.

também eram pessoas fadadas a sofrer lesão de esforço repetitivo e a ver, em pouco tempo, sua profissão desaparecer. um conjunto de tecnologias, de código de barras a leitores a laser, mais sistemas de entendimento e processamento de documentos, transformou os digitadores em história. hoje, anos depois deles terem desaparecido, ninguém tem saudade do tempo, nem mesmo os digitadores da época.

no brasil, em muitos quadrantes da sociedade, há tentativas continuadas, e com variados graus de sucesso, de abocanhar um pedaço do estado –ou da economia, com beneplácito do estado- para benefício próprio. este tipo de aparelhamento da sociedade atravanca um sem número de processos e impede que o tempo corra, por aqui, tão ou mais rápido do que em outros países emergentes com os quais competimos diretamente.

um dos resultados diretos do *imbroglío* profissional-trabalhista onde o país está metido é a perda de postos de trabalho, e conseqüente renda, para dizer o mínimo, para outros países. por outro lado, os agentes econômicos internacionais ainda não perceberam [nem as agências de classificação de risco o fizeram, tampouco] qual é o risco brasil no que tange às profissões, o trabalho, sua legislação e institucionalidade e as ameaças estruturais –praticamente incomensuráveis- que estão a correr as empresas e investidores que criam trabalho, emprego e renda em território e debaixo das leis brasileiras.

não são poucos os casos em que empresas brasileiras [de software, para citar uma área] fazem *outsourcing* de trabalho para o leste europeu, china e Índia, sem falar em outros países da América Latina, como forma de mitigar os riscos trabalhistas do Brasil, que chegaram a um ponto em que mesmo advogados de nomeada dizem, à boca pequena, que “trata-se de uma loucura”, como este autor ouviu, em semanas recentes, de bem mais de um especialista de renome nacional.

seria muito interessante ver um estudo amplo, feito e apresentado publicamente no Brasil, usando gente daqui e de fora para explicar onde estamos e para onde vamos, no que tange às formações, regulamentações, profissões e regimes de trabalho, especialmente àqueles associados à economia do conhecimento, dos processos e serviços, de software, do trabalho intelectual.

a série, publicada aqui no blog entre 23 de junho e primeiro de julho de 2009, foi transformada em um .pdf de vinte e poucas páginas e [está disponível para download neste link](#). talvez seja mesmo uma boa hora pra ler tudo de novo.

na época em que publicávamos os textos, se dizia muito sobre a necessidade e a renovada, então, possibilidade de desatramar o mercado de trabalho brasileiro, simplificando as coisas e desregulamentando mais profissões-meio como jornalismo.

não só isso não aconteceu, [mas é capaz de voltarem a regulamentar jornalismo](#) e do país continuar em sua desabalada carreira pra regulamentar quase qualquer atividade humana, como é o caso das recentes [só neste mês de agosto!] discussões e proposições para regulamentar profissões como [leiloeiro público](#), [flanelinha \[na Paraíba\]](#), [capoeirista](#)... e, daqui a pouco, blogueiro.

[boa leitura](#).

[a ubiquidade, as vantagens e o custo do software](#)

18.08.09

pra começar, vamos especificar as palavras do título no sentido em que queremos usá-las neste texto. **ubiquidade**: estar em todo lugar e coisas, ao mesmo tempo, o tempo todo. **vantagem**: algo que se tem, a mais ou melhor do que se tinha antes, face a uma inovação [ou sorte]. **custo**: gastos [em todos os sentidos] em que se incorre para realizar e manter algum produto ou serviço. **software**: vamos limitar nosso interesse, aqui, à definição de software como programa [de computador], uma ou mais sequências de instruções que, executadas por um processador, criam um comportamento.

claro que cada um destes termos tem dezenas de outras interpretações, mas as dadas acima nos bastam para comentar uma notícia que circulou em toda a mídia ontem, inclusive aqui no TERRA: [Volks anuncia recall de 268 mil carros Novo Gol, Voyage e Fox](#). a chamada de tantos carros de volta às concessionárias é para... *atualização do software de gerenciamento do sistema auxiliar de partida a frio...* [porque] *os motoristas podem ter dificuldades de dar partida dos carros, em condições de baixa temperatura...* [e, segundo a Volks] *essa condição pode produzir a perda de sincronismo da queima da mistura de ar e combustível e provocar a ruptura do coletor de admissão e, eventualmente, causar o surgimento de chamas no local*.

se você ainda não sabia, passe a ficar sabendo que quase tudo que faz seu carro funcionar é movido a software. o carro flex, em particular, é software: o sistema que permite consumir proporções quaisquer de álcool e gasolina é gerenciado por software, sendo parte do que se costuma chamar de sistema embarcado, conjunto de processador, programas, sensores e atuadores que monitoram e controlam as principais funções do motor. e foi exatamente aí que se descobriu o problema que está levando a volks a fazer um recall tão amplo.

ao contrário de hardware [como uma pá, uma porta, uma mesa] software é imaterial e, até certo ponto, invisível. isso porque você olha para o que está escrito na tela ou no papel e, muitas vezes, não faz a menor idéia que um certo comportamento está ali, implícito, invisível para você e seus pares. e que vai levar a correções quando, em campo, o “defeito” aparecer. falhas de segurança em sistemas de informação, por exemplo, fazem parte deste conjunto de “invisibilidades problemáticas”.

```

public class Ackermann {

    public static long ackermann(long m, long n) {
        if (m == 0) return n + 1;
        if (n == 0) return ackermann(m - 1, 1);
        return ackermann(m - 1, ackermann(m, n - 1));
    }

    public static void main(String[] args) {
        long M = Long.parseLong(args[0]);
        long N = Long.parseLong(args[1]);
        System.out.println(ackermann(M, N));
    }
}

```

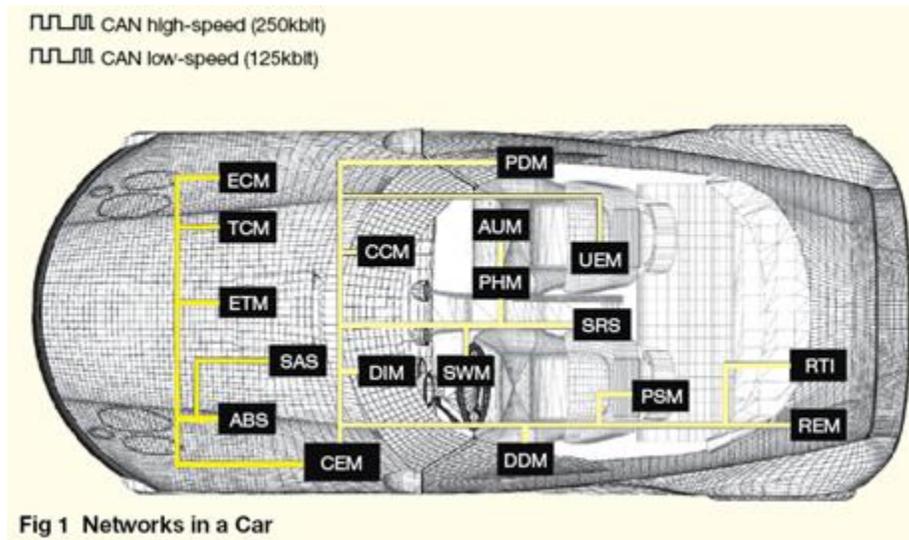
software crítico, que está ou vai ser embutido em aviões, automóveis e equipamentos hospitalares, por exemplo, passa por um processo mais rigoroso de desenho, programação, teste, verificação e validação do que a maioria dos programas que usamos em nossos laptops. mas este esforço adicional, apesar de remover a vasta maioria dos erros, não garante que o software que roda em algum sistema, na vida real, está isento de falhas.

para aumentar radicalmente o nível das garantias, seria necessário ir além do rigor; seria preciso um processo formal, envolvendo especificações, modelos, transformação e provas de correteude que tornariam o processo de desenvolvimento de software muito mais lento, muito mais caro, o que levaria a resultados bem mais limitados, do ponto de vista de funcionalidades disponíveis, do que os que já usamos hoje em todo tipo de dispositivo e equipamento.

o software que roda em seu computador [e, cada vez mais, em seu celular] é constantemente atualizado pelo seu “fabricante” ou provedor para resolver problemas ou mudar e aumentar funcionalidade. isso é tão comum que você nem nota que está acontecendo. no caso do software-como-serviço [pense gMail], as funções que usamos dentro de um browser, na rede, a atualização ou modificação é transparente: quem provê o serviço pode inserir, remover ou modificar características sem que o usuário precise se preocupar ou intervir em qualquer parte do processo. isso porque, como dissemos, estamos usando um serviço habilitado pelo software [e não o software, diretamente, sob nosso controle]. toda vez que tal tipo de sistema é usado, parte do software é carregado no browser e o resto fica sabe-se lá onde [e não interessa, para a maioria dos efeitos, saber], em servidores do provedor. e, cada vez, pode-se carregar uma coisa nova.

mas no carro é outra história, e por várias razões. a mais importante de todas talvez seja segurança: imagine que a volks, ao invés de chamar os carros de volta às oficinas, publicasse em sua página a nova versão do sistema de gerenciamento de partida a frio e convocasse os proprietários a fazer um download, botar a atualização num [flash drive](#), inserir a coisa numa porta USB [do carro] e dar um [boot](#) [no carro]. isso se, para o consumidor, tal feito fosse

possível hoje. algo parecido será feito na oficina, no recall: quando sair de lá, seu carro vai estar rodando uma nova versão do software que apresentou problemas.



mais cedo ou mais tarde, vai dar pra fazer a mesma coisa na garagem da sua casa e, em mais algum tempo, transparentemente, sem que você saiba, a fábrica vai poder trocar o software do seu carro sem chegar perto dele. internet sem fio vai servir pra muito mais do que a maioria das pessoas, hoje, acha que vai.

mas aí, pense nas consequências: e se começassem a circular, por aí, versões piratas e modificadas [e não exatamente para seu bem] de um subsistema qualquer [pense freios...], o que este [malware](#) iria fazer ao carro, seu bolso e, talvez, sua vida? os riscos, por algum tempo, ainda serão grandes o suficiente para que as montadoras chamem os carros cujo software precisa ser modificado de volta à concessionária. fisicamente.

mas, como dissemos, software é ubíquo, faz as coisas funcionarem, tem vantagens muito grandes sobre hardware [“puro”] e tem, como não poderia deixar de ser, custos associados a isso tudo... inclusive porque, como o exemplo mostra, precisa ser “atualizado”. e, em muitos casos, isso acontece muitas vezes no ciclo de vida de um sistema qualquer. veja seu computador, por exemplo...

este blog conversou com um especialista em manutenção automobilística e a estimativa dele é que, neste recall, a volks vai gastar pelo menos quinze milhões de reais só em horas de oficina. e isso será o “custo mínimo” para a empresa que, quando fizer a conta toda, terá que incluir desde o aumento de carga no call center até o desgaste de imagem, sem falar no quanto se gastou para resolver os problemas do software propriamente dito. e nas horas perdidas, no processo, por todos os proprietários envolvidos.

é quase impossível escapar dos efeitos de software, onde você está, mora ou passa. o carro e o ônibus é software, os sinais de trânsito também, assim como o metrô, o elevador, o supermercado e o hospital, a eletricidade e a água.

software é, cada vez mais, ubíquo e vamos ver vantagens cada vez maiores de seu uso intensivo em muitas –quase todas- facetas das nossas vidas. e, enquanto os processos de produção de software forem parecidos com os que temos e usamos hoje, haverá imprevistos e seus custos. como o de um megarecall para trocar um software que lhe dá tantas vantagens e que, vez por outra, como diz um amigo meu, *papoca com calambote e tudo*.

comprovado: download é mais ecológico do que CD

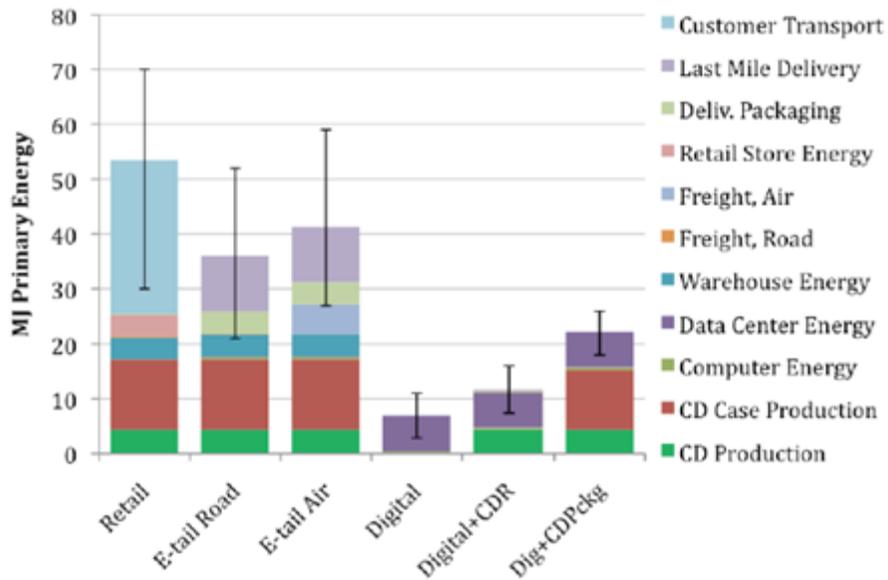
20.08.09

relatório que acaba de ser publicado por cientistas americanos, sob encomenda da intel e microsoft, mostra que trazer música pra casa ou para seu celular, pela rede, tem um impacto energético e de CO2 bem menor do que comprar um CD numa loja.

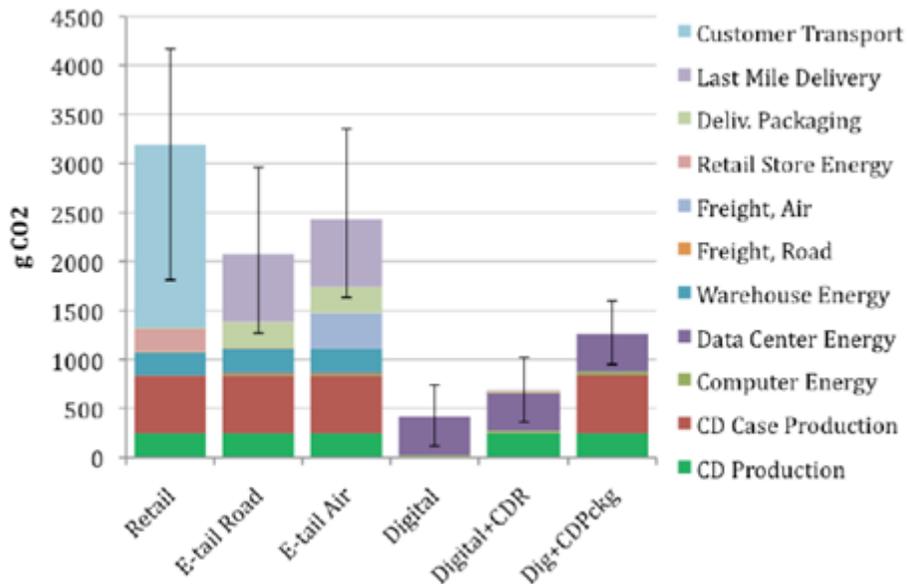
segundo o estudo... *despite the increased energy and emissions associated with Internet data flows, purchasing music digitally reduces the energy and carbon dioxide (CO2) emissions associated with delivering music to customers by between 40 and 80% from the best-case physical CD delivery, depending on whether a customer then burns the files to CD or not.*

resumindo, os cientistas dizem que apesar do aumento das emissões e do consumo de energia associados ao uso da rede, as transações de música digital online reduzem o gasto total de energia e a emissão de CO2 entre 40 a 80%, dependendo do consumidor gravar sua música em um CD virgem ou não.

a figura abaixo mostra o gasto de energia para cada um dos casos estudados...



e a figura seguinte as emissões de CO2 correspondentes:



e isso nos estados unidos, onde a matriz de geração de energia elétrica envolve 50% de carvão, 20% de gás e 3% de petróleo. no brasil, a coisa é certamente bem melhor: aqui, [as hidroelétricas respondem por mais de 75% da energia da rede](#), fazendo com que as transações online, no brasil, sejam bem mais limpas do que nos EUA e na europa.

como se já não bastasse tudo o que se sabe sobre CDs e a sua indústria, agora podemos ter certeza do que imaginávamos mas que ninguém havia medido com tanto cuidado: **música digital online, pura, na rede, é muito mais ecologicamente correta do que o formato físico do CD que a suportou durante décadas.**

comprar um CD na loja pode estar fazendo você, ouvinte, gerar mais de tres quilos [sim, tres quilos ou mais] de CO2, contra perto de quatrocentos gramas de CO2 para o mesmo conteúdo, digital, na rede. pense nisso antes de comprar ou queimar um CD... e passe a ouvir música, ao invés de aquecimento global.

um terço do país em rede

24.08.09

[dados do ibope](#) para julho dão conta de que um terço dos brasileiros têm acesso a alguma forma de internet, seja de casa, escola, trabalho ou lanhouse. pense numa notícia boa. são quase 65 milhões de pessoas, com 16 anos ou mais, que estão na rede de alguma forma. e mais de 40 milhões de pessoas moram em casas que têm algum tipo de conexão à rede.

mas no ano, de julho passado a este, o número de pessoas que efetivamente usou a rede, durante o mês, subiu 10%, de 33 para 36 milhões de pessoas. esta notícia já não é tão boa assim: indica que só um pouco mais da metade de quem poderia estar usando a rede está, de fato, na rede. por que?

não há dúvida alguma que a rede é essencial para tudo o que ocorre na sociedade moderna. se você está lendo este blog, provavelmente depende da rede quase que, digamos, para viver. como se explica que 160 milhões de brasileiros não tenham passado pela rede, minutos que sejam, no mês passado?

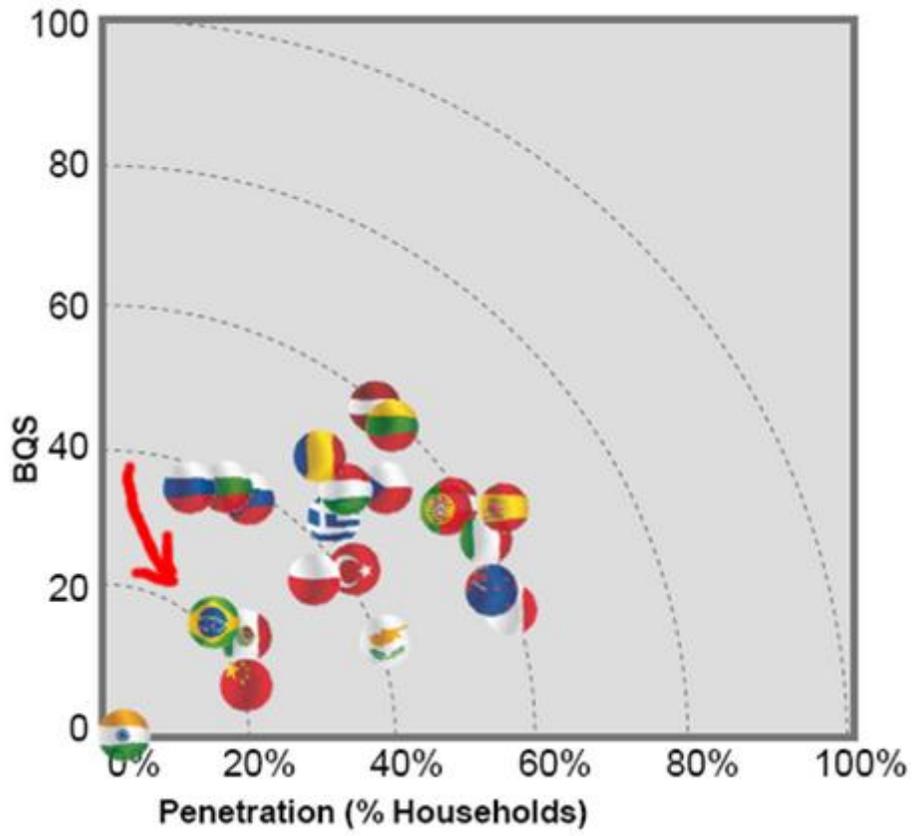
aí é onde entra a explicação de augusto gadelha, secretário de política de informática do ministério de ciência e tecnologia, [em entrevista ao tele.síntese](#): *Há uma pobreza de conectividade no Brasil, mesmo nas grandes cidades. A Austrália está falando em 100 Mbps, isto já é uma realidade em Tóquio, na Coréia do Sul e em outros lugares. No Brasil, nós estamos sonhando com uma velocidade de 2Mbps, que é muito inferior. Além do que, a velocidade acima de 1 Mbps ainda é muito pouca aqui. Se pensarmos no campo, então ela se torna inexistente. Temos muitas ligações de baixas velocidades. E as próprias ligações que são vendidas como de alta velocidade, na realidade, efetivamente, são de velocidades abaixo de 300 a 400 Kbps.*

não é preciso agregar mais nada ao depoimento do secretário. talvez seja necessário, então, perguntar: **quando e como, mesmo, é que nós vamos ter, o brasil e os brasileiros, e de verdade, acesso à internet?**

enquanto o atual estado de coisas perdurar, vamos continuar sendo campeões em número de horas navegadas: em julho, o brasileiro médio que usou a rede [passou 48 horas e 26 minutos online](#). este blog, há tempos, defende a tese de que isso não ocorre porque queremos, de livre e espontânea vontade, passar tanto tempo na rede, mas acabamos passando porque levamos muito, muito tempo pra fazer, na rede, o que queremos.

clique na figura abaixo para ver um texto deste blog, de um ano atrás, exatamente sobre este assunto. a imagem é de um estudo da universidade de oxford que mostra o brasil no fim de uma lista de 42 países quando o assunto é quantidade, disponibilidade, cobertura e qualidade do acesso à internet em banda larga. e fica a pergunta: quem é que não está fazendo o que deveria fazer, onde, pra que possamos estar, todos, na rede, de verdade?

BROADBAND LEADERSHIP MATRIX (21-42)



hacking: existe uma linha divisória?

25.08.09

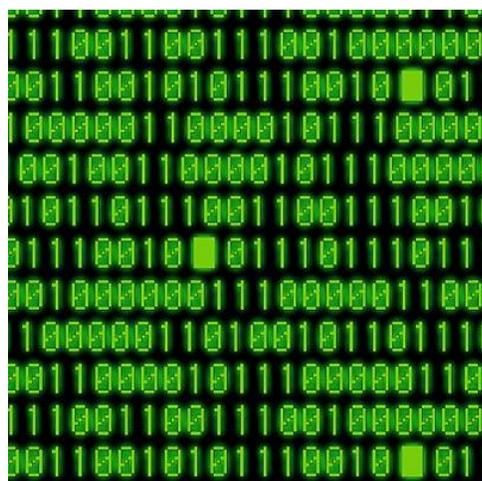
acho que faz uns dez anos. num dia qualquer da semana, um aluno me chegou com uma revelação nem tão única assim: tinha, em sua posse, os dados pessoais de centenas de milhares de usuários de um dos maiores provedores de acesso do país. a falta de segurança dos sistemas de informação em rede, ao contrário do que deveria ser o caso de plataformas que passaram a ser parte essencial de nossas vidas, é endêmica. e antiga.

as falhas de segurança de processos e informação, na maioria dos sistemas, são tantas e tão diversificadas que pode-se dizer, sem medo de errar, que os *hackers* que assumem controle de certas instalações, sites e sistemas não são os grandes gênios da informática que eles próprios e muitos ingênuos pensam que eles são.

atacar um sistema qualquer, hoje, é brincadeira de criança em boa parte dos casos. e a aritmética da coisa é simples, demais até: 80% dos *exploits* [formas de atacar falhas de segurança de sistemas] é publicada em larga escala menos de 10 dias depois de sua descoberta. tal arsenal se torna imediatamente disponível para quem quer que seja e, no contra-ataque, as medidas preventivas que tornarão o *exploit* inútil demoram pelo menos 30 dias para se tornarem disponíveis. e isso não é nada: 40% dos problemas levam mais ou bem mais de 30 dias para serem corrigidos... e parte deles **nunca** é corrigida.

você deve estar se perguntando: e o meu banco? os bancos são melhores. em média, levam 21 dias para resolver um problema de segurança de sistemas [depois de identificado]. mas faça as contas: na média, há pelo menos 11 dias entre um *exploit* publicado na rede e um banco seguro, de novo. o meu –e o seu- banco vão garantir o contrário, mas a luta contra os invasores rola 24 horas por dia. e o banco não ganha todas. milhões de reais –quantos?, ninguém sabe- desaparecem, pelo ralo da web, todo dia.

lembra da versão original do projeto azeredo, aquele que quer regular e criminalizar a internet? pois bem: debaixo de um disfarce bem montado, havia um conjunto de ordenamentos para dar



mais poderes aos bancos e distribuir a responsabilidade pelos prejuízos decorrentes das falhas nos sistemas de segurança de informação. se tem uma coisa na qual banco é bom, é não perder dinheiro. na versão atual, essa história caiu, mas é cedo pra comemorar, melhor esperar a derrota final da moção do senador.

e porque esta conversa toda, aqui, hoje? porque alguém invadiu a base de assinantes do speedy, usando uma falha de segurança e, como se não bastasse, resolveu publicar parte dos dados na internet. e isso o tornou passível de reclusão, segundo a polícia, com base no

código penal: Art. 153 - Divulgar alguém, sem justa causa, conteúdo de documento particular ou de correspondência confidencial, de que é destinatário ou detentor, e cuja divulgação possa produzir dano a outrem... § 1º-A. Divulgar, sem justa causa, informações sigilosas ou reservadas, assim definidas em lei, contidas ou não nos sistemas de informações ou banco de dados da Administração Pública: Pena – detenção, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa.

pra entender a cena, falamos com evandro curvelo hora, sócio-fundador e diretor de consultoria e projetos da [tempest security intelligence](#). a tempest, como é conhecida, é especializada nos aspectos de inteligência, doutrinários, estratégicos e de planejamento tático de segurança da informação. a seguir, a conversa com evandro, um dos maiores especialistas em segurança de informação do país.

* * *

silvio meira: quais as motivações de quem invade um site como o do speedy?

evandro curvelo hora: *Pelo que se conhece, no fim das contas, a motivação aparenta ser sempre algum ganho, tangível ou não. Quanto ao primeiro, pode ser o furto de informações com objetivo de ganhar dinheiro (espionagem corporativa, por exemplo). Quanto ao último, a motivação nem sempre é bem definida (uma vez que usualmente envolve juízo pessoal de valor), o que inclui: diversão (e por que não?), curiosidade, desafio tecnológico ou mesmo pessoal, entre outros. Há quem afirme que a própria vítima pode fazer surgir, ou mesmo potencializar, a motivação no atacante (declarando ser a invasão uma tarefa “impossível”, por exemplo).*

SM: qual deve ser a atitude da empresa que tem seu site invadido, principalmente em relação aos clientes eventualmente prejudicados pela invasão?

ECH: *Tecnicamente, a primeira e mais importante atitude deve ser sempre um esforço imediato, e absolutamente focado, no esclarecimento técnico do incidente, uma vez que é a **única** maneira de encontrar e resolver o problema, **protegendo assim seus clientes de incidentes posteriores**. Obviamente que notificar as autoridades é um processo que pode ser disparado simultaneamente, mas não se deve esquecer que a notificação à autoridade, em si, **não** protege a informação e que, adicionalmente, o esclarecimento técnico pode vir a ajudar as autoridades. A alegação comum de que encontrando-se o autor elimina-se a ameaça **não se sustenta**, uma vez que pode haver (e usualmente há) muitos autores potenciais, também motivados, e a vulnerabilidade que permitiu o incidente persistirá disponível a qualquer um deles. Daí, esclarecer tecnicamente o incidente é fundamental para a privacidade da informação dos clientes.*

SM: e do ponto de vista das medidas corretivas e preventivas contra novos incidentes, o que é recomendável?

ECH: A doutrina recomenda atuar em três pilares fundamentais: prevenção, detecção e resposta. A história demonstra que o risco só diminui a níveis controláveis caso as três vertentes sejam atacadas com energia e simultaneamente. Assim, também na segurança da informação vale a máxima da segurança em geral: a força das medidas está no **conjunto** delas, e não **em uma medida em particular**.

SM: no brasil, na sua opinião, qual é o status da segurança de informação na web, nas empresas? e como estamos no cenário mundial?

ECH: O Brasil aparece em lugar de certo destaque no cenário mundial no quesito ameaça, uma vez que é notória a grande atividade e expertise do atacante tupiniquim. No quesito vulnerabilidade, no entanto, ainda há muito o que fazer. Os investimentos minimamente adequados em segurança da informação (como prática sistemática) se concentram, principalmente, no setor financeiro e nas empresas que implementam práticas de governança corporativa, o que inclui a governança em TI.

SM: no caso de uma invasão de um sistema como o do speedy, dá pra estabelecer uma linha divisória que, ao ser cruzada, transforma a brincadeira num potencial enquadramento no código penal?

ECH: Ainda há muita desinformação e até controvérsias, na comunidade, sobre os aspectos legais vigentes. A legislação, afirmam alguns, aparenta se apoiar fortemente no conceito de segurança por obscuridade. Caso alguém descubra, por qualquer meio ou motivo, uma vulnerabilidade, reportar a mesma à vítima seria assinar uma confissão de um crime. Ou seja, seria crime apenas **tentar** encontrar a vulnerabilidade em sistemas de terceiros, **não sendo necessário fazer uso dela**, seja ele qual for. Para a comunidade hacker, a lei aparenta ser **antinatural**, uma vez que haveria benefícios para a segurança em geral, caso houvesse um canal legal que o permitisse reportar, mesmo que com certas condições para evitar o vazamento a terceiros.

SM: olhando para o monte de gente competente que na rede, no brasil, está fazendo ou pensa em fazer coisa parecida, o que você recomendaria?... há trabalho e renda para tal tipo de competência, no brasil? e qual é o tamanho da demanda?

ECH: Nem toda competência tem interesse na profissionalização e isso é verdade em muitas áreas. Há astrônomos amadores, por exemplo. A diferença aparenta, portanto, no fato de que observar o cosmos não é ato regulado por nenhuma lei, uma vez que tal ato em si não é visto, ainda, como ameaça a um patrimônio caracteristicamente econômico de terceiros. O mercado é grande o suficiente, e continua a crescer para absorver os bons profissionais, organizados em iniciativas econômicas formais. No entanto, não se deve esquecer que nem todos se motivam para tais iniciativas, o que aparenta indicar que os incidentes, a despeito da lei, irão persistir.

SM: onde se aprende, na teoria e na prática, a trabalhar com segurança de informação? de onde vêm os profissionais que empresas como a sua contratam?

***ECH:** Pessoalmente creio de que o hacking é, caracteristicamente, meio-talento e meio-formação. O primeiro é um componente **congênito** e ponto final. O segundo é um componente **adquirido**, e é exatamente neste que a escola e a literatura colaboram, uma vez que podem **lapidar, desenvolver e sistematizar** o primeiro. Assim, uma boa tática para encontrar profissionais é **procurar nas escolas quem apresenta, inequivocamente, tal talento**, e que se satisfaçam na perspectiva de profissionalização (afinal não se pode descuidar do necessário aspecto ético).*

* * *

e meu aluno, lá do começo da conversa? a primeira pergunta que lhe fiz foi... e onde está tudo isso? *bem guardado*. verdade? *sim, professor*. como você conseguiu isso? *explorando uma falha de segurança trivial*. qual? *esta, assim, assim*. pretendem fazer alguma coisa com os dados? *não, pegamos só para mostrar que era mesmo possível*. disse-lhes para destruir tudo, o que me confirmaram pouco depois. peguei o celular e liguei pra alguém na direção do portal, contei sobre o incidente e a solução. o portal agradeceu, não perguntou nomes, nem eu diria, e ninguém falou mais nisso.

moral da história? a linha divisória entre uma confusão dos diabos, naquele caso, fui eu. e a situação, pelo menos com os mesmos atores, nunca mais se repetiu. a linha divisória poderia ter sido outra, claro: descobrir a falha e não invadir o sistema de fato; descobrir, invadir e não dizer nada a ninguém, muito menos fazer qualquer coisa com os dados do vazamento. ou encontrar outra pessoa de confiança que pudesse servir de ponte entre o carinha e o site.

se você está “procurando”, na boa e pro bem, sem querer fazer mal a ninguém, alguma falha de segurança por aí, leia os diplomas legais que podem se aplicar à sua “atividade”, não faça nenhuma besteira, como ser pego em flagrante, e encontre, ao invés de sair por aí propagando seus feitos, sua linha divisória. e boa sorte.

quem tem medo do futuro?

26.08.09

dia oito de setembro às 20h, na casa do saber rio, vai começar a série de palestras [tecnologia, um manual para os novos tempos: reflexões sobre a sociedade na era do conhecimento](#).

este blog vai estar logo no primeiro debate, introduzido assim lá no site da casa do saber rio:

08 SET, 20h | 1. QUEM TEM MEDO DO FUTURO?

*Com raras exceções que justificam a regra, somos conservadores e reagimos às mudanças. Nas últimas décadas, no entanto, a tecnologia digital vem imprimindo uma velocidade vertiginosa nas transformações da vida individual e coletiva. Hoje, se é possível ter alguma certeza, é de que tudo irá mudar ainda mais. Internet, telefones celulares, games: como a tecnologia e os modos de produção e relacionamento em rede estão modificando nosso cotidiano? O que esperar do futuro: teremos mais tempo livre ou seremos escravos das máquinas e da informação? São essas as perguntas que o cientista **Sílvio Meira** irá discutir neste encontro, em uma verdadeira viagem em direção aos horizontes que se descortinam para nossas vidas nas próximas décadas.*

[mais informação neste link](#). galera que vai estar no rio, simhora. pessoal que não estará por lá, o beto largman [curador e animador da série] tem mais info sobre a coisa, o tempo todo, no [twitter dele](#).



[a vez dos robôs... de brinquedo](#)

28.08.09

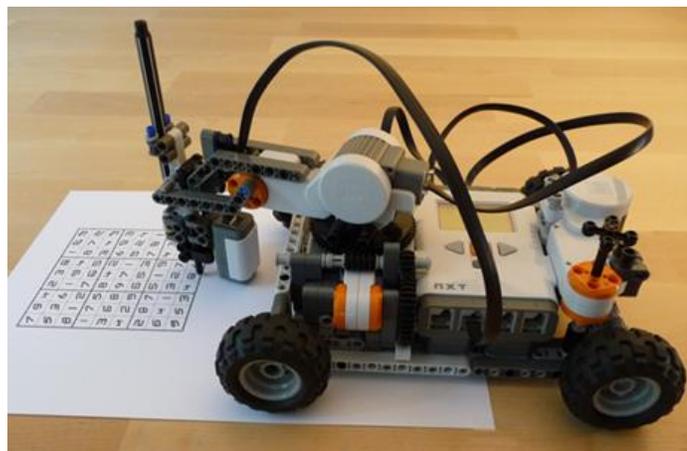
toda vez que se fala de robôs, e das possibilidades deles substituírem uma boa parte das funções burras e repetitivas hoje realizadas por humanos, há uma grita geral, liderada por gente que nem desconfia que tecnologia, no correr dos séculos, vem substituindo funções humanas o tempo todo. pense no que os [aquedutos](#) fizeram, há milhares de anos: foi ou não, e com muitas vantagens, substituir a lata-d'água-na-cabeça?...

abaixo, [o aqueduto de pont du gard](#), em nîmes, França, construído há vinte séculos e que tinha quase cinquenta quilômetros de comprimento. tecnologia [da época] a serviço das pessoas e cidades.



o robô de hoje, aqui no blog, é de brincadeira. [hans andersson](#) pegou um lego mindstorms comprado inicialmente para seus filhos [o conjunto custa menos de US\$300] e construiu uma maquininha que resolve, sozinha, o jogo matemático de **sudoku**.

quer ver como é fácil? [jogue aqui](#).



no vídeo abaixo, você pode ver o brinquedo resolvendo um sudoku básico. pra fazê-lo, a coisa lê e entende o desafio, usa um algoritmo para resolver a dificuldade matemática e escreve, quadro a quadro, a solução.



este robô está longe de ser ciência profunda ou tecnologia alta e exótica; é parte de um ambiente onde cada vez mais gente sabe programar coisas que têm uma capacidade de processamento cada vez maior. por preços que, em breve todos poderão pagar.

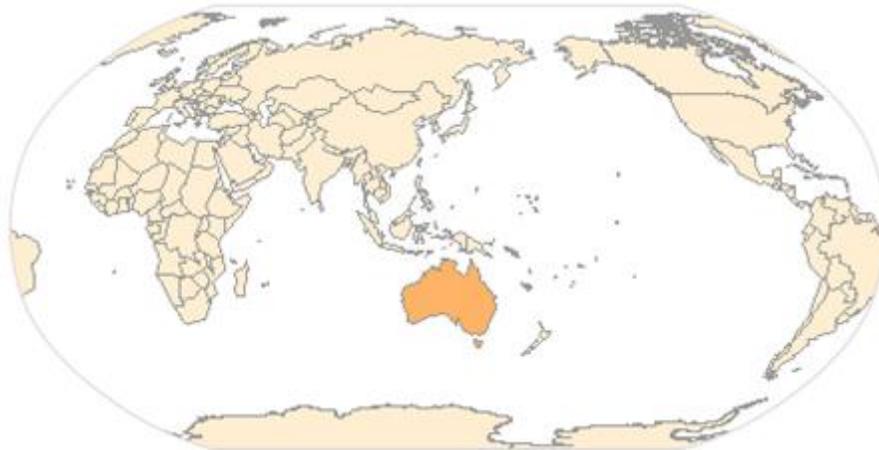
o limite? superior, ainda vamos ver. inferior, e no curto prazo, é mais ou menos o seguinte: se você trabalha fazendo alguma coisa que não demanda funções mentais superiores, é bom se preparar, porque, antes do que você imagina, suas atividades estarão sendo realizadas por um robô.

alguma novidade nisso? não. tecnologia vem substituindo esforço humano desde o princípio dos tempos. e nós, humanos, ao mesmo tempo, vamos ficando cada vez mais sofisticados. o problema é que nem todo mundo está tendo acesso aos níveis e qualidade de educação que nos torna aptos a sair do patamar de atividades que serão realizadas, em breve, por robôs, para outros, muito mais desafiadores, interessantes, sofisticados e, por enquanto, fora do alcance das máquinas. por enquanto...

[banda larga: austrália 10×0 brasil](#)

31.08.09

a área da [austrália](#) é da ordem de grandeza do espaço ocupado pelo brasil, aí pelos oito milhões de quilômetros quadrados. o pib de lá é [parecido com o nosso](#), ao redor do trihão de dólares por ano. as populações são muito diferentes: a nossa é nove vezes maior, o que os torna muito mais dispersos. clique na figura abaixo para ver como [wolfram alpha nos compara](#).



o governo da austrália resolveu que banda larga é uma das infraestruturas essenciais da economia e da sociedade, assim como água, esgoto e energia elétrica. e decidiu investir A\$43B [cerca de sessenta e oito bilhões de reais] para construir uma [rede nacional de fibra ótica](#) conectando pelo menos 90% de todas as casas e pontos de trabalho do país, com velocidade de download mínima de 100 megabit por segundo. os 10% muito remotos ou em regiões de muito baixa densidade demográfica serão conectados por novas gerações de tecnologias de satélite e sem fio [3G+]. coisa de gente grande. como o brasil. e a austrália, claro.

a diferença é que eles estão fazendo. e nós não. a rede deles, que está sendo implementada e será operada por uma PPP [parceria público-privada] começou a ser implantada na tasmânia em julho passado e vai começar a entrar no ar aí pelo meio de 2010.

os principais analistas de tecnologias de informação e comunicação da austrália, consultados sobre a relação entre o custo e os benefícios do projeto, chegaram à conclusão de que [os benefícios ultrapassarão, em muito, os custos](#). óbvio. rede de qualidade é como educação e, cada vez mais, funciona como uma das [infraestruturas essenciais](#) para educar: custa caro; mas experimente o custo de não tê-la.

aqui em pindorama, continuamos sem rumo quando o assunto é uma verdadeira política, nacional, de banda larga. já concluímos, há tempos, que [precisamos de muito mais banda, para muito mais gente](#). mas a verdade é que não há uma política pública do porte da australiana

para resolver o problema. por causa disso, ficaremos, por ainda muito tempo, neste lero-lero. quando o tema é rede, a austrália tá dando na gente de dez a zero.

rede de bits, no brasil, deveria ser tratada como uma prioridade nacional, aliás, juntamente com rede de esgoto, isso porque só 44% das famílias brasileiras tem seu esgoto coletado. e só 30% do que é coletado é tratado. [dos 32 milhões de metros cúbicos de esgoto diários que o país produz, 18 milhões vão direto para os cursos d'água.](#) e o orçamento federal com isso? em 2007, apenas 0,04% do PIB do país foi gasto com isso. e tome dinheiro no SUS, para pagar uma conta que vem, em boa parte, da falta de esgotos... sem falar no impacto ambiental.

e olha que a gente poderia pensar –seriamente- em, a partir da universalização da rede de esgotos, levar banda larga junto, pra todos os lugares pra onde ela ainda não chegou, o que quer dizer, na prática, todos os lugares. quer ver como? leia o texto abaixo, [publicado no meu velho blog](#), há dois anos, exatamente:



o [british medical journal](#) começou a ser publicado em 1840. é o que poderia se chamar um venerando jornal científico. coincidentemente, foi nos anos 1840 que edwin chadwick [e outros] começou a propagar, na inglaterra, a noção de usar canos para trazer água para as casas, e em outros [espera-se, sem vazamentos para os primeiros] levar dali seu esgoto. pois bem: o jornal perguntou a seus leitores, comunidade majoritariamente de médicos, qual foi o maior marco da história da medicina nos 167 anos de sua publicação. [não deu outra: esgoto](#), com [antibióticos em segundo lugar](#).

no brasil, [apenas a metade dos municípios tem "algum tipo" de tratamento sanitário](#); no nordeste, 30% coletam o esgoto e uns 13% coletam e tratam. esta é uma das razões pelas quais temos que gastar verdadeiras fortunas em "saúde", sem os resultados esperados, porque a maioria das doenças continua aí. imagine na amazônia, onde menos de 7% dos municípios tem algum tipo de coleta e/ou tratamento. se a população aumentar, você já sabe o que vai [o]correr no rio amazonas...

*e o que esta história está fazendo aqui? saneamento é uma rede de [infra-estrutura básica da sociedade](#), como água, eletricidade, telefone. esgoto é [assunto de interesse social](#) há milhares de anos. os primeiros têm mais de 5.000 anos. vez por outra este blog dá uma dura na falta de políticas públicas reais, do tamanho do brasil, para incluir o povo inteiro na internet, que representa numa só infra as bibliotecas, enciclopédias, os jornais, diários, arquivos, TVs... do presente e do futuro, muitos deles escritos por nós mesmos. **mas internet é, no máximo, tão importante como... saneamento.** se não conseguimos controlar o fluxo de efluentes danosos à saúde e ao ambiente em terrenos, lagos, rios e mares, de pouco adiantará termos internet. pois o mundo não vai estar aí mesmo pra gente -e, principalmente, as gerações depois da nossa- viver nele.*

a mega-crise de água que o planeta vai atravessar por causa do aquecimento global certamente aumentará a pressão, em países como o brasil, para o aumento da penetração da rede de saneamento, principalmente de esgoto tratado. não seria demais pensar que qualquer governo minimamente interessado no real futuro [e não em votos] estaria, nos estados e municípios, instalando esgotos a mil por hora. questão de saúde, de segurança pública, pois de sobrevivência.

que tal, pra aumentar nossas chances de futuro, universalizar o esgoto em todos os domicílios em 10 anos? considerando que eletricidade já chegou em quase todos os domicílios, assim como água, e isso aconteceu antes da possibilidade [e baixo custo] de levarmos, juntamente com alguma outra infra, a internet [e de fibra ótica?], a hora de universalizar a internet nas casas brasileiras [ou a possibilidade dela] é quando tomarmos a decisão de universalizar o esgoto...

o custo de instalação [cairia pra perto de zero](#), pois já temos que levar o esgotamento sanitário para o país inteiro mesmo. e o problema seria localizado, cidade a cidade, cada uma decidindo o que fazer no seu espaço e com seu dinheiro. claro que muitos vão optar por redes aéreas como wi-max. mas isso não é banda larga de verdade... banda larga mesmo, por casa, no futuro, é algo na região de 100 megabit por segundo. instalando a fibra certa, agora, é só trocar as pontas, depois.

sonho? pode ser. mas que parece razoável, aqui no blog, como idéia, parece. só falta os prefeitos entenderem que banda larga é tão necessária como esgoto e um insumo fundamental para o desenvolvimento econômico. pensando bem, ainda falta mesmo é os prefeitos chegarem em 1840 e entenderem que esgoto universal é um item essencial da cidadania e até da humanidade como a entendemos hoje.



enquanto tal racionalidade e planejamento não chegam, pelo menos podemos contemplar as fotos da mega rede de esgotos de águas pluviais de tokyo [[rios naka](#), [ayase](#), [edogawa](#)], onde enchentes, tufões, furacões, maremotos e banda larga são

levados muito a sério. clique na foto; há um monte na seqüência. sim, elas parecem tiradas de um vídeo game. mas são absolutamente reais...

[vem aí... as novas regras eleitorais \[do século XX\]](#)

03.09.09

como não é nenhuma novidade, muito da legislação recente do país tem sido feita pelo judiciário, como foi o caso recente da desregulamentação das profissões de jornalismo e, há tempos, do processo eleitoral, regulado por um tribunal e não pela câmara e senado.

sem falar que, com a bagunça instalada nas duas instituições, o executivo nada de braçada e, na prática, governa sem congresso, como se as casas estivessem fechadas. apesar do executivo independer do legislativo para a maioria das causas e coisas, manter as casas abertas, sem nada fazer, tinge o país de um certo verniz civilizado. trata-se, por assim dizer, do custo congressional da democracia.

e aí, de repente, o congresso acorda e resolve legislar sobre o processo eleitoral, coisa de sumo interesse dos... congressistas. em particular, os legisladores resolvem criar regras sobre a internet nas eleições. segundo um de meus comentaristas, a quase totalidade dos parlamentares ainda lê emeio impresso pela secretária, responde com um rabisco em cima da cópia física e sua auxiliar, de volta ao computador, digita o texto e envia ao destinatário. sei não... sobre a quase totalidade; pelas minhas contas, uns três quartos deles fazem isso.

dá vontade de chorar. ou então morrer de rir. e isso porque a legislação que [aparentemente, pois o processo ainda não terminou] vai sair de lá é pré-twitter, pré-redes sociais, pré-... bem, pré- qualquer coisa que a gente, que vive na rede, está acostumado a ver, ouvir e usar. a legislação, de mais de uma forma, exclui a participação popular [e dos próprios candidatos!] nas ações na rede.

quer ver? olhe só este pedacinho aqui, [relatado pelo tilinside](#): *...os senadores decidiram que os sites noticiosos, cujo conteúdo se assemelhe aos jornais impressos, poderão publicar propagandas pagas de candidatos. Mas, ao contrário dos jornais de papel, somente veicularão anúncios de candidatos a presidente da República. A regra é a mesma que vale para os jornais: no máximo dez anúncios, em datas diferentes, até dois dias antes da eleição, no formato de até um oitavo de página de um jornal formato standard.* como assim, regras de jornais?!?...

veja uma das consequências: o site [taperoa.com](#) [e, note bem, não taperoa.com.br...] lá de taperoá, que é um *site noticioso, cujo conteúdo se assemelha aos jornais impressos*, só vai poder veicular propaganda dos candidatos a presidente, e não de quem está concorrendo, lá na paraíba, a governador ou deputado. e, claro, vai haver um monte de presidenciáveis fazendo fila para anunciar lá em taperoá.

vou sugerir ao pessoal do taperoa.com a criação de uma empresa nos EUA [cria-se uma em 72h] e a hospedagem do site lá mesmo, fora do alcance da legislação brasileira [para jornais, que está sendo aplicada à internet], pra ver o que eles acham. e aí vão poder publicar anúncios de lá mesmo, da paraíba, legalmente, nos EUA.

com regras como esta, que querem obrigar os candidatos a fazer campanha só no domínio “.can.br” e, mesmo assim, tirar o site do ar dois dias antes da eleição, a legislação que está sendo criada no congresso será motivo de piada no mundo inteiro e, como se não bastasse, não será efetiva. atenção, parlamentares: o site do candidato, retirado do “.can.br”, continuará vivo na cache de google, por exemplo. que tal inserir um artigo, na lei, ordenando o comportamento do cache do google, também?

nem todo mundo, lá entre os legisladores, compartilha das mesmas preocupações do senador mercadante, para quem... *seria impossível liberar a campanha nos portais noticiosos da internet para os cerca de 20 mil candidatos que disputarão a próxima eleição*. segundo o [senador inácio arruda](#), *“Querem publicidade paga até na internet, o único instrumento que tem alguma equidade. Um absurdo! Só os milionários poderão fazer campanha”*.

pois é: são os **mesmos** que estão escrevendo a regulamentação e, pelo visto, uma das grandes idéias por trás das regras é limitar a participação popular no processo eleitoral. povo, afinal, é um coletivo muito perigoso, especialmente se puder fazer parte de qualquer coisa fora do controle dos **mesmos**.

pra quem conhece a firmeza das declarações do senador mercadante, é capaz de ouvirmos coisa muito diferente, vinda dele mesmo, hoje ou amanhã. mude de idéia, senador; desta vez, a gente vai aplaudir...

nos próximos dias, este blog publicará uma série de comentários ao projeto de lei que regulamenta as próximas eleições, cortesia dos professores ronaldo lemos e bruno magrani, da escola de direito da fundação getúlio vargas, no rio de janeiro.

como nós, eles são eleitores, participam de redes sociais, usam skype, twitter e do youtube, lêem e escrevem seus próprios e-mails. mas eles são, também, especialistas em direito digital e da internet, parte de um grupo de competências brasileiras que deveria ter sido consultado e ouvido para escrever uma legislação deste e não do século passado, mas que, como nós, simples eleitores e usuários da rede, estão excusados do processo eleitoral.

como deveriam ser as regras eleitorais na internet.BR?

[1]

06.09.09

a partir de hoje, e pelos próximos dias, o blog passa a serializar um documento produzido pelos professores ronaldo lemos e bruno magrani, da escola de direito da fundação getúlio vargas do rio de janeiro, sobre o que deveria –e no caso do brasil bem que poderia- ser o regulamento [ou, em boa parte, a falta dele] para a condução de um processo eleitoral aberto, democrático, colaborativo, centrado na participação do eleitor em todas suas fases e, em particular, no uso amplo, geral, irrestrito –e responsável- da internet na campanha.

o texto abaixo, gentilmente cedido por ronaldo e bruno a este blog, vai desde as considerações gerais dos porquês de uma eleição aberta na rede, passando por exemplos da campanha americana recente, até os pontos e vírgulas das mudanças que teriam que ser realizadas no projeto que veio da câmara [e que para lá terá que voltar] para que a nossa eleição próxima fosse, de verdade, na rede e no século XXI.

há razões variadas para que se faça menos do que ronaldo e bruno sugerem. nenhuma das razões que ouvi é boa o suficiente para que não se modifique o projeto da câmara de tal forma que o resultado seja fiel ao uso que já se faz da rede. e isso porque, a se aprovar alguma coisa muito diferente do que os hábitos e práticas em amplo uso na internet, teremos uma desobediência civil em escala nacional, impossível de ser controlada, e mais uma daquelas leis brasileiras que “não pegam”.

a urgência do tema diz que a votação no plenário do senado terá que ser feita na semana da pátria. este blog aproveita o fim de semana da independência para chamar suas excelências, os senadores, à sua responsabilidade de legislar em nome do, pelo e para o povo e, nesta semana, abrir a rede ao processo eleitoral.

abaixo, a primeira parte do texto de ronaldo lemos e bruno magrani, escrito de tal forma que o senado bem que poderia usá-lo, como está, para mudar o que hoje está quase a caminho de ser aprovado por lá. parte do que bruno e ronaldo consideram no texto está de certa forma tratado no senado, mas de forma, em alguns casos, barroca, como tratar propaganda na internet como se portais fossem jornais, e excluindo quase a totalidade dos candidatos. por isso é que é importante ler o texto até o fim, para saber o que e como deve –ou deveria...- ser mudado na atual proposta de legislação eleitoral para a rede.

boa leitura. amanhã tem mais.

Proposta de Modificação e Comentários Sobre o Projeto de Lei de Regulamentação de Campanha Eleitoral pela Internet

Ronaldo Lemos

*Professor-titular da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, RJ
Mestre em Direito pela Universidade de Harvard
Doutor em Direito pela Universidade de São Paulo*

Bruno Magrani

*Professor da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, RJ
Mestrando em Direito pela Universidade de Harvard*

Introdução

A Câmara dos Deputados aprovou o projeto de lei (PL) [\[1\]](#) que tem por objetivo expandir as possibilidades de campanha eleitoral na Internet. O projeto é um importante avanço, mas traz ainda problemas significativos. Neste texto pretendemos tecer alguns comentários gerais sobre o atual projeto, apontando oportunidades e sugerindo alternativas que possibilitem aproveitar a Internet para promover participação ativa e difusa no debate eleitoral.

Alteração do Projeto Lei e Processo Legislativo

A alteração de um projeto de lei por outra casa do Congresso acarreta a sua reapreciação pela casa de origem. Isso significa que a incorporação pelo Senado de qualquer das alterações aqui sugeridas implicaria a sua necessária reapreciação pela Câmara. A única exceção a esta regra encontra-se na hipótese da emenda que "não importou em mudança substancial do texto", conforme entendimento firmado pelo Supremo Tribunal Federal [\[2\]](#). Em outros termos, dado o curto prazo para aprovação das regras do processo eleitoral que começará a valer em 2010, qualquer das alterações aqui sugeridas precisa de mobilização das duas casas para a rápida aprovação do projeto.

Participação voluntária individual em campanha eleitoral e o princípio da legalidade

*A atual legislação eleitoral brasileira permite a campanha eleitoral na Internet somente quando realizada pelo candidato em seu próprio website. Ao fazer isso, deixa de fora o ator mais importante do processo: o eleitor. Se perante a mídia tradicional seu papel era de espectador passivo, na Internet a equação se inverte e qualquer indivíduo pode alcançar uma audiência tão alta quanto qualquer grande empresa de mídia. O PL remedia este problema possibilitando que pessoas naturais façam campanha eleitoral na Internet **“por meio de mensagem eletrônica para endereços cadastrados gratuitamente pelo candidato, partido ou coligação...”** e **“por meio de blogs, redes sociais, sítios de mensagens instantâneas e assemelhados, cujo conteúdo seja gerado ou editado por candidatos, partidos ou coligações ou de iniciativa de qualquer pessoa natural”** [\[3\]](#).*

Essa ampliação é extremamente positiva e desejável para o processo eleitoral, mas a premissa de participação sobre a qual o PL se baseia parece estar equivocada. Ao tentar delimitar o espaço de atuação na web, o projeto inverte regra básica da legalidade. Se por este princípio o indivíduo é livre para fazer tudo o que a lei não lhe proibir, ao estabelecer um limite relativamente fechado através do qual ele pode atuar na campanha online, o PL acaba por impor restrição deletéria. Em termos práticos: produzir um vídeo ou compor um jingle voluntariamente para promover um candidato e postá-los online constituiria um meio assemelhado àqueles mencionados na lei? Independentemente da resposta, a mera inversão do princípio da legalidade combinado com esta indefinição já seriam suficientes para gerar dois efeitos: um desestímulo à participação ativa do cidadão na campanha eleitoral online e/ou uma potencial avalanche de processos na Justiça eleitoral, cuja eficácia limitar-se-ia apenas àqueles serviços que possuam representação no país.

A regulação atual dos meios de comunicação tradicional de massa é fortemente influenciada por duas características básicas de sua arquitetura tecnológica: unidirecionalidade e centralidade. Rádio e TV são unidirecionais por só permitirem que a comunicação ocorra em um sentido – da emissora para os aparelhos receptores – e centralidade, pois sua essência é a comunicação de um para muitos. A lei atua para equalizar e neutralizar as influências negativas que esta configuração importa no processo de campanha eleitoral. A Internet modificou essa dinâmica transformando a comunicação de massa em multidirecional - de espectador o indivíduo vira ator do processo de comunicação - e descentralizada - a comunicação ocorre de muitos para muitos. Além disso, a internet ignora limites jurisdicionais. Há muitos serviços estrangeiros populares entre brasileiros, que por sua vez não possuem representação no país, o que praticamente inviabiliza o exercício da jurisdição sobre os mesmos. Nesse sentido, a regulação precisa adequar-se a esta nova arquitetura. Outrossim, a regulação da propaganda eleitoral não pode atingir o espaço legítimo de discussão e informação dos indivíduos que atuam voluntariamente em prol de seu candidato, ou de sua causa.

Por fim, um outro ponto que merece destaque é o da possibilidade de contribuição com cartão de crédito para a campanha. Quanto mais fácil, amplo e transparente for o processo de doações de campanha maior será a pluralidade de forças no processo eleitoral. Para atingir este objetivo a identificação das fontes das doações é crucial, pois possibilita limitar as quantias repassadas por cada indivíduo ou organização. Esta tarefa pode ser facilmente realizada estabelecendo-se que o doador utilize cartão de crédito próprio para tal - o que pode ser inclusive instituído através de resolução do TSE. O PL poderia ampliar ainda mais o mecanismo de doações, desde que sejam assegurados mecanismos eficazes de identificação do doador, tal qual por pequenas doações realizadas através do telefone e mediante débito na fatura da linha, via celular, dentre outros meios.

Remixes, Colagens e Mashups e Propaganda Paga: a nova campanha eleitoral na Internet

Um dos vídeos mais famosos da campanha de Barack Obama foi produzido sem nenhum envolvimento do candidato ou de sua equipe. Em 2 de fevereiro de 2008 o cantor Will.i.am da banda Black Eyed Peas publicou no Youtube um vídeo que consistia em uma bem elaborada colagem de um discurso realizado por Obama em New Hampshire e sobre o qual foi sobreposta melodia gravada por diversos artistas. O vídeo foi visto mais de 26 milhões de vezes [4] e se destacou na campanha presidencial americana. Tal fenômeno dificilmente se repetiria no Brasil. Não pela falta de criatividade, mas pela atual redação do projeto de lei em tela.

Se por um lado o projeto contempla a possibilidade de que emissoras de TV publiquem em seus websites vídeos de debates entre candidatos [5], por outro, zonas cinzentas do projeto levantam dúvidas sobre a legalidade da produção e disponibilização na Internet de remixes, colagens e mashups com vídeos, jingles e imagens dos candidatos. Isso ocorre primeiramente pela restritividade do art. 57-B do PL, que não deixa claro a margem de atuação do indivíduo na campanha eleitoral online. Segundo, se considerarmos que tais práticas estão abrangidas pelo artigo 57-B do PL, ainda restaria dúvida sobre a incidência por analogia das regras sobre trucagem [6] e montagem [7] à Internet. De uma forma ou de outra, as transformações criativas, que já fazem parte da cultura moderna permaneceriam com a legalidade duvidosa, eventualmente levando ao desestímulo e/ou violação em massa do texto da lei. A sugestão para contornar tal problema seria permitir a realização de tais práticas como legítima forma de atuação dos indivíduos nas campanhas eleitorais, tal como ocorre em outras jurisdições, como nos Estados Unidos.

Outro ponto importante do projeto é a proibição de propaganda paga através da internet, conforme o artigo 57-C. Considerando o caráter global da internet e o fato de que muitos dos serviços utilizados no Brasil não possuem sequer sede ou representação no país, a eficácia dessa regra torna-se reduzida. Tal normativa incentiva a —exportação— da campanha eleitoral para fora do país. Em vez de se promover o investimento em publicidade eleitoral no país, a regra acaba estimulando o investimento em sites e serviços da internet que sejam acessados por brasileiros, mas que possuam sua administração exclusivamente fora do país. Vale lembrar que o custo da publicidade na internet, ao contrário da mídia tradicional, pode ser bastante acessível até mesmo para pessoas físicas. Com isso, a contratação de propaganda pode ser feita tanto por candidatos como por particulares, o que dificulta ainda mais seu controle e origem. Nesse sentido, uma regra mais eficaz e com efeitos positivos para a internet brasileira seria a permissão do uso publicitário da internet, evitando-se assim a —exportação— da campanha para serviços estrangeiros e valorizando os serviços locais, que por sua vez sujeitam-se à jurisdição da Justiça Eleitoral, permitindo inclusive a coibição de abusos.

[1] Projeto de Lei nº 5.498 de 2009 de iniciativa da Câmara dos Deputados.

[2] Neste sentido, veja STF – Pleno Adin nº 2.666-6/DF Rel. Min Ellen Gracie, *Diário da Justiça, Seção 1*, 6 dez. 2002, p. 51; STF – Pleno – Adin nº 2.238-5 – Rel. Min. Ilmar Galvão, *Diário da Justiça, Seção I*, 21 de maio de 2002, p. 65.

[3] Artigo 57-B, incisos III e IV do Projeto de Lei nº 9.548 de 2009.

[4] De acordo com informações constantes do site <http://dipdive.com/about/>. Acessado em 17 de julho de 2009.

[5] Art. 57-D §1º do PL 9.548 de 2009 - “Os conteúdos próprios das empresas de comunicação social e dos provedores de internet devem observar o disposto no art. 45. § 1º: É facultada às empresas de comunicação social e aos provedores a veiculação na Internet de debates sobre eleições, observado o disposto no art. 46.”

[6] Art. 45, §4º do PL 9.548 de 2009 – “Entende-se por trucagem tudo e qualquer efeito realizado em áudio ou vídeo que degradar ou ridicularizar candidato, partido político ou coligação, ou que desvirtuar a realidade e beneficiar ou prejudicar qualquer candidato, partido político ou coligação.”

[7] Art. 45. § 5º “Entende-se por montagem toda e qualquer junção de registros de áudio ou vídeo que degradar ou ridicularizar candidato, partido político ou coligação, ou que desvirtuar a realidade e beneficiar ou prejudicar qualquer candidato, partido político ou coligação.

como deveriam ser as regras eleitorais na internet.BR?

[2]

07.09.09

ontem, [o blog publicou a primeira parte de um documento produzido pelos professores ronaldo lemos e bruno magrani](#), da escola de direito da fundação getúlio vargas do rio de janeiro, versando sobre o regulamento para a condução de um processo eleitoral aberto, democrático, colaborativo, centrado na participação do eleitor em todas suas fases e, em particular, no uso amplo, geral, irrestrito –e responsável- da internet na campanha.

o texto a seguir, gentilmente cedido por ronaldo e bruno a este blog, é a **segunda parte** do argumento e entra, em detalhe, nas modificações que deveriam ser feitas no projeto que veio da câmara para o senado. como dissemos antes, há razões variadas para que se faça menos do que ronaldo e bruno sugerem; mas nenhuma das dificuldades que os senadores alegam é boa o suficiente para que não se modifique o projeto da câmara de tal forma que o resultado seja fiel ao uso que já se faz da rede.

e isso porque, a se aprovar alguma coisa muito diferente do que os hábitos e práticas em amplo uso na internet, teremos uma desobediência civil em escala nacional, impossível de ser controlada, e mais uma daquelas leis brasileiras que “não pegam”.

a urgência do tema diz que a votação no plenário do senado terá que ser feita na semana da pátria. este blog aproveita o fim de semana da independência para chamar suas excelências, os senadores, à sua responsabilidade de legislar em nome do, pelo e para o povo e, nesta semana, abrir a rede ao processo eleitoral.

abaixo, a segunda parte do texto de ronaldo lemos e bruno magrani, escrito de tal forma que o senado bem que poderia usá-lo, como está, para mudar o que hoje está quase a caminho de ser aprovado por lá. [a primeira parte está neste link](#).

boa leitura. amanhã, quando o senado talvez vote a proposição, a gente fala de novo sobre o assunto, comentando o que pode acontecer se o congresso deixar de aproveitar esta oportunidade para fazer uma lei moderna, representativa do uso que sessenta e quatro milhões de brasileiros já fazem da internet.

Proposta de Modificação e Comentários Sobre o Projeto de Lei de Regulamentação de Campanha Eleitoral pela Internet [PARTE 2]

Ronaldo Lemos

Professor-titular da Escola de Direito da Fundação Getulio Vargas, RJ

Mestre em Direito pela Universidade de Harvard

Doutor em Direito pela Universidade de São Paulo

Bruno Magrani

Professor da Escola de Direito da Fundação Getúlio Vargas, RJ
Mestrando em Direito pela Universidade de Harvard

[continuação: [primeira parte neste link](#)]

Suspensão do Acesso a Websites

*O art. 57-I do PL é particularmente preocupante. Segundo este artigo, "[a] requerimento de candidato, partido ou coligação, observado o rito previsto no art. 96, a Justiça Eleitoral poderá determinar a suspensão, por vinte e quatro horas, do acesso a todo conteúdo informativo dos sítios da internet que deixarem de cumprir as disposições desta Lei." Como as informações postadas em sites colaborativos e redes sociais são de difícil rastreamento e podem ser facilmente replicadas por diversos usuários, **tal regra poderia ocasionar não somente a remoção de conteúdos específicos em um determinado website, mas também a sua completa suspensão.***

*A penalidade proposta neste artigo é desproporcional, pois penaliza de forma drástica terceiros de boa-fé, tais como donos e usuários de redes sociais e sites colaborativos e, por isso, deve ser rejeitada. Situação similar aconteceu em janeiro de 2006, quando o Tribunal de Justiça de São Paulo ordenou a suspensão integral do site YouTube em razão de vídeo divulgado contendo imagens com suposta violação de privacidade da modelo Daniela Cicarelli. A decisão, que acabou sendo repelida em análise posterior pelo Tribunal de Justiça, provocou a suspensão integral do site em razão de apenas um único vídeo, **levando a significativos danos colaterais, além de furor de opinião pública.***

Limitação temporal da Propaganda Eleitoral na Internet

*Um bom motivo para que seja modificada a limitação temporal da propaganda eleitoral na Internet é a impossibilidade de eficácia no que tange à efetivação do texto da lei. Nesse sentido, é inviável conter manifestações de apoio por parte dos eleitores feitas de forma descentralizada ou **fora da jurisdição da justiça eleitoral.** Manifestações de apoio, frise-se, podem tanto ser simples mensagens demonstrando uma intenção de voto, até mixagens extremamente elaboradas envolvendo conteúdo audiovisual, muito mais próximos daquilo que se costuma caracterizar como propaganda eleitoral. Em meio a esses extremos, existe um espectro que admite múltiplas configurações de exercício da atividade criativa pelos próprios eleitores, que demandam, como afirmado, regime diferenciado para sua regulação. **Em outras palavras, o limite temporal estabelecido pela lei faz sentido para propaganda eleitoral oficial, mas tem pouca eficácia com relação ao cidadão comum.***

Oportunidades para fraude devem ser consideradas, como o denominado "astroturfing", termo que faz referência a um tipo de gramado artificial, e é utilizado nos EUA em contraposição à expressão "grassroots movement" ou seja, movimentos populares

artificialmente engendrados, em oposição àqueles que nascem espontaneamente. Não se deve, entretanto, deixar que esse fato se coloque como motivo para justificar um regime inadequado à campanha eleitoral quando organizada, concebida, produzida e distribuída pelos próprios eleitores.

Se essas iniciativas, como o exemplo americano permite ilustrar, atingirem escala considerável, a letra da lei se aprovada como tal irá gerar violações em massa, em que um contingente muito grande de pessoas estará em direto descumprimento das prescrições legais, sem qualquer possibilidade de eficácia da restrição legal. Essa situação gera o perigo do “bode expiatório”, em que na impossibilidade de se aplicar a legislação de modo uniforme a todos que a descumprem, seleciona-se um ou poucos “culpados” com base em critérios arbitrários a quem interessa punir, situação que a todo custo deve ser evitada pela mudança no texto da lei.

Sugestões de Modificação

*Em face do exposto acima, apresentamos abaixo nossa sugestão de redação para os artigos do PL. **As mudanças seguem listadas em vermelho.***

Alterações Sugeridas no PL 5.498/09

Art. 23. Pessoas físicas poderão fazer doações em dinheiro ou estimáveis em dinheiro para campanhas eleitorais, obedecido o disposto nesta Lei.

§ 2º Toda doação a candidato específico ou a partido deverá ser feita mediante recibo, em formulário impresso ou em formulário eletrônico, no caso de doação via internet, em que constem os dados do modelo constante do Anexo, dispensada a assinatura do doador.

§ 4º As doações de recursos financeiros somente poderão ser depositadas na[s] conta[s] mencionada[s] no art. 22 desta Lei por meio de: [modificado]

III - mecanismo disponível em sítio do candidato, partido ou coligação na internet, permitindo inclusive o uso de cartão de crédito, e que deverá atender aos seguintes requisitos:

- a) identificação do doador;*
- b) emissão obrigatória de recibo eleitoral para cada doação realizada.*

IV - serviço telefônico específico contratado pelo candidato ou partido que possibilite realizar doações mediante débito na fatura telefônica do doador, respeitados os requisitos do inciso anterior. [incluído]

§ 6º Na hipótese de doações realizadas por meio da internet, **ou serviço telefônico**, as fraudes ou erros cometidos pelo doador sem conhecimento dos candidatos, partidos ou coligações não ensejarão a responsabilidade destes nem a rejeição de suas contas eleitorais. **[modificado]**

Art. 45.

§ 3º (Revogado).

~~§ 4º Entende-se por trucagem todo e qualquer efeito realizado em áudio ou vídeo que degradar ou ridicularizar candidato, partido político ou coligação, ou que desvirtuar a realidade e beneficiar ou prejudicar qualquer candidato, partido político ou coligação. [excluído]~~

~~§ 5º Entende-se por montagem toda e qualquer junção de registros de áudio ou vídeo que degradar ou ridicularizar candidato, partido político ou coligação, ou que desvirtuar a realidade e beneficiar ou prejudicar qualquer candidato, partido político ou coligação. [excluído]~~

Art. 57-A. É permitida a propaganda eleitoral na internet, nos termos desta Lei, após o dia 5 de julho do ano da eleição.

§ 1º O prazo do caput não se aplica à propaganda eleitoral na internet realizada por pessoas naturais e pessoas jurídicas sem fins lucrativos, desde que atuem sem o percebimento ou pagamento de qualquer tipo de remuneração direta ou indireta para tal. [incluído]

Art. 57-B. A propaganda eleitoral na internet poderá ser realizada nas seguintes formas:

I - em sítio do candidato, com endereço eletrônico comunicado à Justiça Eleitoral e hospedado, direta ou indiretamente, em provedor de serviço de internet estabelecido no País;

II - em sítio do partido ou da coligação, com endereço eletrônico comunicado à Justiça Eleitoral e hospedado, direta ou indiretamente, em provedor de serviço de internet estabelecido no País;

III - por meio de mensagem eletrônica para endereços cadastrados gratuitamente pelo candidato, partido ou coligação;

IV - por meio de blogs, redes sociais, sítios de hospedagem de áudio e vídeo, ferramentas de mensagens instantâneas e quaisquer outros meios e serviços existentes ou que venham a ser criados na Internet, cujo conteúdo seja gerado ou

editado por candidatos, partidos ou coligações ou de iniciativa de qualquer pessoa natural. [modificado]

“Art. 57-C. É permitida a veiculação de propaganda eleitoral paga na internet, aplicando-se as restrições da legislação eleitoral no que couber. [modificado]

§ 1º É vedada, ainda que gratuitamente, a veiculação de propaganda eleitoral na internet, em sítios:

~~*I – de pessoas jurídicas com ou sem fins lucrativos; [excluído]*~~

II - oficiais ou hospedados por órgãos ou entidades da administração pública direta ou indireta da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 2º A violação do disposto neste artigo sujeita o responsável pela divulgação da propaganda e, quando comprovado seu prévio conhecimento, o beneficiário à multa no valor de R\$ 5.000,00 (cinco mil reais) a R\$ 30.000,00 (trinta mil reais).

Art. 57-F. Aplicam-se ao provedor de conteúdo e de serviços multimídia que hospeda a divulgação da propaganda eleitoral de candidato, partido ou coligação, as penalidades previstas nesta Lei, se, em vinte e quatro horas após a notificação de decisão da Justiça Eleitoral sobre a existência de propaganda irregular, não tomar providências para a cessação dessa divulgação.

§ Único - A notificação da Justiça Eleitoral deverá conter os seguintes dados, que devem ser fornecidos obrigatoriamente pelo autor da demanda: identificação do conteúdo, sua descrição, o endereço eletrônico onde se encontra hospedado (URI) e o relato de uma data e horário em que o conteúdo encontrava-se disponível para acesso. [incluído]

~~*Art. 57-I. A requerimento de candidato, partido ou coligação, observado o rito previsto no art. 96, a Justiça Eleitoral poderá determinar a suspensão, por vinte e quatro horas, do acesso a todo conteúdo informativo dos sítios da internet que deixarem de cumprir as disposições desta Lei. [excluído]*~~

~~*§ 1º A cada reiteração de conduta, será duplicado o período de suspensão. [excluído]*~~

~~*§ 2º No período de suspensão a que se refere este artigo, a empresa informará, a todos os usuários que tentarem acessar seus serviços, que se encontra temporariamente inoperante por desobediência à legislação eleitoral. [excluído]*~~

Art. 58.

§ 3º

IV - em propaganda eleitoral na internet:

a) deferido o pedido, a divulgação da resposta dar-se-á no mesmo veículo, espaço, local, horário, página eletrônica, tamanho, caracteres e outros elementos de realce usados na ofensa, em até quarenta e oito horas após a entrega da ~~mídia física com a~~ resposta do ofendido; **[modificado]**

* * * * *

é isso. e basta olhar para esta última modificação proposta pelos professores da FGV direito/rio para ver o que se está tentando atingir nesta versão do projeto: enquanto o original fala de resposta *entregue em mídia física*, ronaldo e bruno propõem, simplesmente “*entrega da resposta*”. se a origem da resposta puder ser estabelecida, o material pode vir do jeito que for, de [pombo correio](#) a twitter, que tanto faz.

leis que regulam demais ou especificam detalhes demais sempre têm um resultado emburrecedor, quando não cruel, na sociedade. [é o efeito lúcifer](#): sempre que o “sistema” cria conjunturas propícias, pessoas –e, muitas vezes, o coletivo- degeneram para [comportamentos](#) que são uma combinação de obediência burra e desobediência feroz, potencialmente destrutiva. foi exatamente isso que ocorreu com o anjo predileto de deus, que ao ser mandado para o inferno como forma de castigo, se tornou o diabo em pessoa.

é isso que deveríamos evitar ao legislar. no brasil, temos exemplos demais de leis que induzem a comportamentos burros e anti-sociais. e, dada a oportunidade de fazer um conjunto de regras verdadeiramente sociais para a internet no processo eleitoral, perdê-lo por pressa, “excesso de zelo” ou qualquer outra razão seria o mesmo que mandar partidos, candidatos e eleitores, de castigo, para o inferno.

conteúdo, trabalho, renda, redes sociais, limites e proibições

11.09.09



a globo tem, sob contrato, a maioria dos artistas mais rentáveis, como audiência –e propaganda- do país. e todos eles assinam um contrato que transforma sua “produção” em propriedade da empresa. o que é normal, pois o mesmo ocorre na record, na folha, no estado... ou qualquer outro lugar onde pessoas trabalham, arrendadas, para produzir performance ou conteúdo. faz parte do jogo.

ocorre que todo mundo que assina os contratos está, também no twitter, facebook, youTube..., não só de livre e espontânea vontade mas porque, de certa forma, tem que estar lá. afinal, artistas são pontos focais de redes sociais; e

as redes sociais reais, daqui de fora, estão todas lá, na rede...

a globo [entre muitas outras empresas “de conteúdo”] está incomodada com essa, digamos, dispersão de conteúdo supostamente sob seu controle e [baixou uma norma proibindo, a seus contratados...](#) *“a divulgação ou comentários sobre temas direta ou indiretamente relacionados às atividades ligadas à emissora, ao mercado de mídia ou qualquer outra informação e conteúdo obtidos em razão do relacionamento com a Globo”*. segundo a empresa, a razão é proteger seus... *“conteúdos da exploração indevida por terceiros, assim como preservar seus princípios e valores”*.

por que a globo está fazendo isso? porque boa parte da “audiência” de seus contratados está fora de seu controle, em redes como twitter e facebook. porque as redes sociais são uma ameaça de fato à hegemonia da TV sobre o que costumava ser chamado de “audiência” e, lá nas redes, é de fato “comunidade”. e porque a globo, entre muitos outros, bem que poderia ter criado as suas próprias redes sociais, mas não o fez.

o bonde da inovação passa, muitas vezes, rápido como um foguete. e a janela de oportunidade, quando você fica apenas esperando, é quase sempre invisível. mas não neste caso. a globo sabe, há muitos anos, que eventos marcantes em sua programação [incidentes no BBB, brigas e descobertas nas novelas...] correspondem a picos de atividade no orkut [por exemplo].

quando descobriu, já era quase muito tarde pra se fazer alguma coisa em redes sociais, porque o grande público já estava no orkut, e não em uma rede social da globo [que não existia e não existe até agora]. mas não se procurou alternativas, não se tentou descobrir o que poderia vir depois do orkut, não se fez experimentos para tentar transformar, paulatinamente, o que era “audiência” no que poderia ser “comunidade” da emissora.

o resultado é o que estamos vendo. a empresa, entre muitas outras, tentando controlar a presença de seus artistas em redes sociais sobre as quais não tem o menor controle ou influência. é mais ou menos como dizer que seus colaboradores não podem ir a campo participar de uma rede social chamada “torcida”, especialmente se a globo não estiver transmitindo a partida. acho que não vai dar certo.

e pode acabar de uma forma abrupta: alguém pode arguir, na justiça, que o grau de controle que a globo [e outras empresas] está querendo exercer sobre seus contratados é excessivo e indevido. e que participar de uma comunidade que discute [entre muitas coisas] seu trabalho, qualquer que seja, é um direito de todos e qualquer um, desde que não se ultrapasse certos limites óbvios, como oferecer, à concorrência, detalhes dos negócios da empresa que lhe contrata. essa regra vale em todo lugar, inclusive numa mesa de bar.



e o twitter parece uma grande mesa de bar, 140 caracteres por vez. com dois problemas, do ponto de vista dos empregadores da moçada que está “na mesa”... primeiro, a mesa pode ser muito grande, centenas de milhares de pessoas ao redor de uma conversa. segundo, ao contrário do bar, onde ninguém escreve o que os outros dizem, tudo fica escrito e pode ser replicado *ad infinitum*. com as devidas consequências.

claro que todo mundo pode ir ao bar; e vai, e diz o que quer. às vezes, ouve o que não quer. no twitter, idem. algo me diz que o bom senso, ao invés da justiça, deveria resolver isso de uma forma muito mais simples.

TICs e os problemas da idade [avançada]

14.09.09

há uma década, havia pouco mais de 600 milhões de pessoas de sessenta anos ou mais no planeta. dentro de quarenta anos, [haverá mais de dois bilhões de pessoas na mesma faixa etária](#), fazendo com que a população de idosos [se ainda qualificada como sessenta anos ou mais] seja maior do que a de pessoas com 14 anos ou menos pela primeira vez na história.

assim começou a palestra de joe butler [do TRIL, [technology research for independent living centre](#)] na abertura do [CRIWG.09](#) em peso-da-régua, portugal. na conversa dos corredores, marcos borges [da ufrj, mas no momento em valência, espanha] falava da gravidade do problema na europa: um dos principais jornais da TV espanhola deu, em cadeia nacional, o nascimento do primeiro bebê em mais de três décadas em uma pequena cidade do país. nas astúrias, a população de menos de 15 anos representa 10% do total, e [os maiores de 64 já são quase 22%](#). a região já passou, há muito, de 2050... quando o assunto é idade.

o desafio é óbvio: à medida que envelhecemos, diminui nossa capacidade de realizar as tarefas do dia-a-dia, de ler, aprender e trabalhar até tomar banho sem cair. [quase um terço da população](#) de mais de 65 anos de idade sofre uma queda de alguma gravidade pelo menos uma vez por ano; mais de 10% sofre quedas não triviais mais de uma vez por ano, taxa que sobe para quase a metade dos que têm mais de 80 anos.

se há dificuldades graves de mobilidade à medida que envelhecemos, [os problemas cognitivos não são menores](#): 5% da população acima de 65 anos tem sintomas severos de demência, que atinge 20% da população aos 80.

e por aí vai. [enquanto não conseguimos reprogramar a máquina da vida](#) para impedir [será que conseguiremos?...] a degeneração de nossas mais elementares funções, teremos que trabalhar no desenvolvimento de paliativos que compensem a perda paulatina de nossas habilidades.



e as tecnologias de informação e comunicação [TICs] parecem ser essenciais na criação de tais mecanismos de compensação.

de robôs para auxiliar nas tarefas caseiras e na mobilidade [[veja aqui um texto sobre o exoesqueleto ao lado](#)], incluindo novas e muito mais inteligentes cadeiras de roda [[veja uma aqui](#)], passando por novos modelos de entender [[do ponto de vista da tecnologia](#)] o comportamento das pessoas, novos ambientes para desenvolvimento de tecnologias assistivas, como [bioMobius](#), processos muito mais sofisticados [para criar soluções mais simples] de [interação humano-máquina](#)...

até a intervenção direta de tecnologia no corpo [incluindo o cérebro], como é o caso de [tratamentos computacionais para aliviar os sintomas do mal de parkinson](#).

os limites da intervenção de TICs para ajudar as pessoas a conviver com os efeitos da idade? praticamente inexistentes. quer ver? [veja aqui um chip](#) que pode vir a substituir bem mais do que os tratamentos químicos da classe do viagra...

FCC: neutralidade é a rede

21.09.09

a FCC é a equivalente americana da ANATEL e cuida, lá, de tudo o que tem a ver com telecom, internet inclusive. como faz a nossa, aqui.

o superintendente da FCC, julius genachowski, acaba de propor que a neutralidade da rede, o princípio segundo o qual nenhum provedor, de nenhum tipo, pode discriminar qualquer aplicação ou tráfego, é inegociável.



segundo genachowski, a **não-discriminação de aplicações e tráfego** só vai ser possível se for obedecido um outro princípio, o da **transparência**, ou seja, além de serem **justos** com as aplicações e o tráfego, os provedores devem ser **transparentes** do ponto de vista de suas práticas de gestão de rede.

o discurso do chairman da FCC, proferido hoje na brookings institution, em washington, [está neste link](#) e merece uma leitura cuidadosa por parte de todos os que estão interessados na gestão da internet, especialmente no médio e longo prazo.

claro que todos os provedores **ideais** são justos e transparentes. mas há uma certa, vez por outra muito grande, distância entre o ideal e a prática, e o que separa os dois são os detalhes. e o diabo, como se sabe, está exatamente nos detalhes.

detalhes que permitem aos provedores vender X, de banda, e entregar apenas 10% de X. detalhes que tornam tal tipo de contrato “legal”. detalhes que não nos deixam ver, de forma transparente, como é que a rede do provedor A está tratando fluxos de dados que vêm de sites que estão no provedor B.

detalhes que infernizam nossas vidas, como usuários da rede, o dia todo. e nos fazem perder muito mais tempo na rede do que o normal, e usá-la pra bem menos coisas do que gostaríamos. detalhes, detalhes.

os dois princípios enunciados hoje por genachowski vão ser a base sobre a qual a FCC vai tratar as relações entre provedores e usuários da internet nos EUA. eles se juntam a outros quatro princípios [as **liberdades** de acesso a conteúdo, de usar aplicações, de conectar qualquer dispositivo à rede, e de acesso aos termos dos planos de serviço] [lançados por michael powell em 2004](#).

a rede não precisa de muitas regras. mas precisa de algumas, que deixem claro que os usuários têm liberdades e responsabilidades essenciais e os provedores deveres inegociáveis e direitos correspondentes.

com a palavra, a ANATEL.

PETIÇÃO: auditoria das URNAS eletrônicas através de voto IMPRESSO

23.09.09

as eleições de 2010 já começaram. só se fala nisso em todos os quadrantes, como se o país fosse mesmo mudar por causa de alguma eleição. se mudar, como outros mudaram, terá sido por uma evolução radical na cultura do pensar e fazer as coisas. e isso não se consegue numa eleição, ou mesmo em muitas.

mas o fato é que haverá eleições e que muita gente vai votar. e todo mundo vai votar em urnas eletrônicas, daquelas sobre as quais de duvida da segurança. este blog fez uma longa série de considerações sobre o problema antes das últimas eleições, em agosto e setembro de 2008, que você pode ver [pela ordem] [aqui](#), [aqui](#), [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#).

o TSE nos deu, depois da série, [uma entrevista-resposta](#) sobre o assunto da segurança das urnas, asseverando que sim, as urnas eram seguras. e aí, pra fechar o assunto, um dos fabricantes das urnas [sim, um dos fabricantes] declarou que [sim, as urnas eram inseguras](#).

boa parte, quase tudo o que se disse nos textos de 2008 ainda está valendo hoje. mas uma mudança, e das grandes, está em curso: a reforma eleitoral aprovada pelo legislativo, que está para ser sancionada pelo presidente da república, estabeleceu que haverá uma auditoria do resultado das urnas pela via da recontagem do voto impresso em 2% delas. isso não retarda, complica ou bagunça o processo eleitoral, ao contrário: aumenta a confiança de todos em um sistema que é muito eficiente e, por esta via, se tornaria mais eficaz.

uma petição está coletando assinaturas para pedir ao presidente da república que não vete, no todo ou em parte o artigo que estabelece este procedimento mínimo de auditoria do processo eleitoral. o texto completo está abaixo. [a petição está online neste link](#). a subscrição vai até o dia 30 de setembro.

se você quer mesmo ajudar a garantir que seu voto irá, realmente, para quem você votou, taí uma boa ação eleitoral: [ajude a garantir que as urnas eletrônicas serão auditadas](#). isso é tão importante que... tem um monte de gente querendo exatamente o contrário. por que será?...

Excelentíssimo Sr. Presidente Luiz Inácio Lula da Silva:

Solicita-se que o ARTIGO 5º da Minirreforma Eleitoral, que introduz a AUDITORIA INDEPENDENTE DO SOFTWARE nas urnas eletrônicas brasileiras, seja sancionado na íntegra SEM VETO TOTAL OU PARCIAL.

O Brasil já foi pioneiro em tecnologia eleitoral mas, passados 13 anos da chegada das urnas eletrônicas, estamos ficando para trás. Nossas urnas eletrônicas foram rejeitadas

por mais de 50 países que vieram conhecê-las porque não permite ao eleitor comum e nem aos candidatos poderem conferir a apuração dos votos de uma forma simples.

O Art. 5º da minirreforma eleitoral alinha o Brasil com todos os demais países que estão modernizando suas eleições com a adoção do conceito de AUDITORIA INDEPENDENTE DO SOFTWARE das urnas eletrônicas por meio da recontagem do VOTO IMPRESSO CONFERIDO PELO ELEITOR em 2% delas.

Nenhum país mais aceita máquinas eletrônicas de votar sem materialização do voto e sem auditoria independente.

O voto impresso tem sido usado em eleições por todo o mundo sem maiores problemas desde 2004. A tecnologia de impressão evoluiu e está consistente. A impressão de documentos é largamente usada 24 horas por dia sem restrições nos caixas eletrônicos.

Os recursos de segurança atuais nas urnas eletrônicas, como assinaturas digitais e registros digital do voto, são TOTALMENTE DEPENDENTES DO PRÓPRIO SOFTWARE DA URNA e não defendem o eleitor de um ataque interno que o adultere.

Assim, para que o cidadão comum tenha uma forma de controlar o destino do seu voto, pede-se que o Artigo 5º da Minirreforma Eleitoral seja sancionado na íntegra SEM VETO TOTAL OU PARCIAL.

Os signatários

propaganda “social” mais que duplica em um ano

27.09.09



os gastos americanos em publicidade “social”, na internet, [já passam dos 100 milhões de dólares por mês](#). em agosto, foram US\$108 milhões, 119% mais que no agosto de 2008. a explicação? 17% de todo o tempo gasto online, nos EUA, é investido em redes sociais. quase tres vezes mais, em agosto, do que há um ano.

não resta nenhuma dúvida: as redes sociais “virtuais”, na internet, capturaram o que nós já sabemos que somos, e há muito tempo. somos gregários, dependentes de contexto, especialmente de cenários, articulações, conversações e situações criadas por mais gente como nós.

daí pra mídia, propaganda e negócios virem atrás, é –foi- um passo. e o mesmo vai acontecer no brasil.

em agosto, orkut teve 27.9 milhões de usuários [[segundo os critérios do ibope](#)] só perdendo pra google [34.1 milhões] e superando os sites da microsoft e seus 27.7 milhões de usuários. detalhe: mesmo com seis milhões de usuários únicos a menos, [a turma do orkut viu quase quatro bilhões de páginas a mais](#) e praticamente empatou com google no tempo de uso. sem falar que esteve na rede social duas vezes e meia mais tempo do que o mesmo número de usuários dos sites da microsoft. rede social, relacionamento, construção coletiva de conhecimento... essa coisa pega. mesmo.

Painel de residências e local de trabalho – 10 marcas, excluindo aplicativos – agosto de 2009

e não é pouca coisa não. é o tipo de coisa que faz com que [investidores aportem US\\$100 milhões no twitter](#), elevando o valor da rede social de *microblogging* para nada menos que US\$1 bilhão, mesmo que não haja, até agora, receita à vista.

mas [twitter](#), com seus mais de quarenta milhões de usuários, e sem nenhum competidor em sua classe, pode muito bem ser uma das plataformas que serão usadas, no curto e médio prazos,

Brand	Audiência Única (000)	Total de Minutos (000)	Páginas Vistas (000)
Google	34.137	6.163.339	14.893.938
Orkut	27.893	6.068.968	18.531.372
MSN/WindowsLive/Bing	27.707	2.300.908	4.453.464
UOL	27.685	2.797.363	4.075.192
iG	23.999	1.255.794	2.210.055
Globo.com	22.918	1.688.541	2.609.028
Terra	22.776	1.134.449	1.933.440
YouTube	22.434	1.309.488	1.779.542
Yahoo!	21.781	1.050.861	2.239.515
Blogger	19.134	484.623	889.230

Fonte: IBOPE Nielsen Online

para um grande número de serviços pessoais, comunitários e corporativos. daí o interesse dos investidores. e do mundo de gente que já está lá. e que [faz com que a rede tenha mais audiência](#) [e, em certos casos relevância...] do que muito jornal antigo e, outrora, grande.

o futuro da música... na rede

28.09.09

diego assis, do G1, me mandou três perguntas por e-meio, dia destes, para [uma reportagem que estava fazendo](#) [juntamente com lígia nogueira e amaury stamboroski] sobre o estado da “arte” dos negócios de conteúdo, em particular sobre um certo conjunto de posições de muitos artistas que, no passado, eram “a favor” da rede [leia-se: não estavam muito aí pras cópias de suas músicas circulando] e agora parecem ser “contra” [leia-se: estão se sentindo “prejudicados” pela web].

este blog tem falado sobre o assunto em muitas ocasiões [confira [cenas da “mídia” brasileira; pirataria: chegou para ficar; pirataria: a guerra, os lados e os dados; conteúdos e meios: indústria de música vai muito bem](#) e [pirataria \[digital\] chega à literatura \[de uma vez por todas\]](#), entre [muitos outros](#) posts].

e os artistas que reclamam do atual estado de coisas têm toda razão de reclamar, claro; mas sua arenga vai servir de muito pouco, porque não se trata mais nem de ordenar o “modelo mp3” de conteúdo. mp3 ficou velho, vai morrer de morte morrida e o que vamos ter, na rede [na minha opinião] é conteúdo como serviço. parte grátis, parte pago. e pra isso só está faltando infraestrutura: é só termos mais banda larga, mais barata, em muito mais lugares, e música, vídeo, literatura, imagens... e tudo vira serviço. questão de tempo. pouco, tomara.

abaixo, a entrevista que dei pra diego, por e-meio, semana passada. se faltar contexto, aqui, pra entender a conversa, leia meus links acima e também [o bom trabalho de diego, amaury e lígia lá no G1](#).

Diego Assis: Nas últimas semanas, duas importantes decisões foram tomadas em favor dos detentores de direitos autorais contra usuários que trocam arquivos protegidos pela internet – uma no Paraná, outra na França. Também recentemente, grandes hubs de p2p como PirateBay e Mininova foram atingidos pela justiça. Nesta briga de pelo menos 10 anos (desde o surgimento do Napster), qual é a importância dessas decisões?

Silvio Meira: *as decisões são importantes porque representam uma espécie de “começo do fim” do embate entre o modelo de negócios de mídia que já passou [o das “gravadoras”] e o que está por vir, o de entretenimento como serviço. é curioso, em plena era da internet, que as pessoas ainda tenham que “baixar” arquivos. isso porque este é outro modelo falido. imagine comunicação verdadeiramente banda larga [pense dezenas de megabit/s no seu celular, centenas de megabit/s no fixo]... porque você iria querer “ter”, possuir, arquivos? pra que?*

o futuro do entretenimento digital pode vir a ser o de serviço, onde se assina uma programação tão ampla quanto se queira, que você decide qual é... e não algum tipo de programador central, que é do tempo das gravadoras... da TV aberta, do rádio FM.

até que este novo modo de entretenimento aconteça de verdade, viveremos, decerto, um embate entre um passado que morreu de velho e um presente que se torna obsoleto à medida em que a rede vai ficando realmente larga, universal, ubíqua.

DA: Não muito tempo atrás, uma fatia significativa dos artistas e músicos estava pregando o discurso da independência, não raro liberando faixas ou álbuns na íntegra para download em seus sites –alegando que a promoção possibilitada pela web era mais importante do que fazer dinheiro vendendo disquinhos de plástico. Agora, alguns desses mesmos artistas – como Lily Allen, que se tornou conhecida no mundo por ter liberado faixas (muitas sampleadas) graças ao MySpace, estão dizendo o contrário. Que é preciso frear a pirataria na rede, caso contrário os músicos não sobreviverão. Como vê essa mudança de discurso?

SM: *acho que sob a ótica da resposta anterior... um número muito grande de artistas se acha sacaneado pela quantidade de faixas suas que circula por aí, tecnicamente pirateada. no contexto atual, estes mesmos artistas têm uma certa dificuldade de entender que artista [médio] nunca ganhou dinheiro com disco, mas com performance. é assim desde que o mundo é mundo. se eu tivesse um monte de coisas minhas na rede, pirateadas e circulando aos montes, iria ter a certeza de que muito mais gente estaria disposta a comprar o ingresso de um show pra me ver cantando os hits da rede.*

mas é claro que nem todo mundo pensa assim e ainda há quem pense em "vender" coletâneas [que a gente costumava chamar de "disco", ou "cd"...], onde eu, que comprava tais coisas nas décadas de 60 a 90, nunca vi uma que tivesse metade de suas músicas [por exemplo, no caso de um cd] que valesse a pena comprar. metade ou mais era enchimento de linguiça... porque havia um certo espaço a preencher. a bolacha tinha que sair inteira, os formatos eram padrão, tipo simples, duplo, long play, EP. hoje, não mais. o espaço, agora, é infinito. o problema é o tempo, e um seu correlato, a atenção.

com tanta oferta e tão pouco tempo e atenção, cada música, vídeo, qualquer coisa, corre o risco -e a vasta maioria é só isso- de ser um "flash in the pan"... um momento em que todo mundo se concentra naquilo, que fica irrelevante logo depois, porque a atenção simplesmente se volta para outro flash, e por aí vai.

aberta a caixa de pandora, não há como fechar. as viúvas das gravadoras, da escassez, têm que começar a construir o próximo modelo, um que depende de muita banda, muito barata, em todo canto, com serviços baseados em micropagamentos, para estarem disponíveis para muita gente, para que eles, os autores e intérpretes, sejam remunerados por sua participação percentual no fluxo de atenção.

até lá... vai ser uma longa e penosa batalha para se ganhar... nada, tentando enfiar a rede de volta na caixa, de onde na verdade ela nunca veio. muita tensão, sofrimento, lamentos... para nada. deveríamos gastar nosso tempo construindo, agora, os modelos de negócio para quando tivermos rede, de verdade.

DA: Posso estar engando, e ainda vamos falar com ele [[veja a entrevista de fred 04 neste link](#)], mas outro que parece ter mudado significativamente de discurso foi o Fred Zero Quatro. De entusiasta das possibilidades da rede livre ("Dogville" disponibilizada de graça no site; incentivo à criação dos "videoclipes genéricos" da banda), o cantor defendeu em entrevista à Folha semana passada que a "web tem desestruturado quase todas as cadeias", que se não fosse a Sony "o manguebeat teria se limitado a uma coisa de gueto" etc. Sente que está havendo uma mudança de postura aí também?

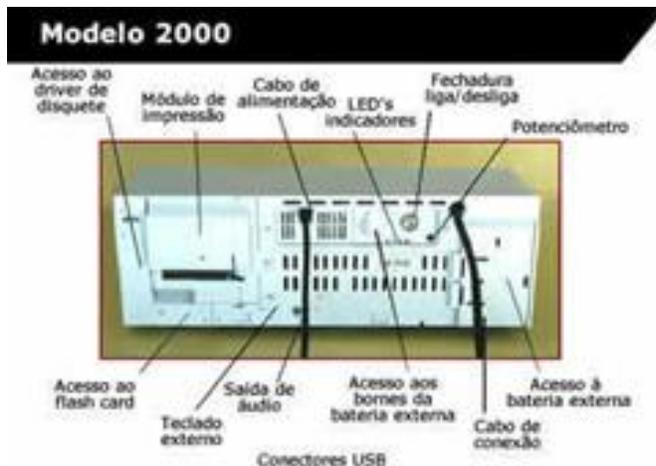
SM: *sim, sim. é o mesmo efeito, em quase qualquer coisa e em todo lugar. claro que a web desestruturou as cadeias de valor. e é claro, também, que outras cadeias de valor vão se reestruturar pela e na web. mas a velha cadeia da sony, que editou, paginou e mundializou o manguebeat... ela não vai se repetir do mesmo jeito, de jeito nenhum. não tem como, porque a arquitetura e as estruturas de criação, produção, distribuição e consumo mudaram para sempre.*

as lágrimas choradas por quem veio do passado -das gravadoras- e tem que viver este doloroso presente encherão rios, que correrão todos para o mar da história, com muito pouco efeito prático no presente e no futuro. nós, mesmo os mais inovadores entre nós, temos muita saudade de quando as coisas eram... como eram. no equilíbrio que nossa revolução criou, uma vez revolucionários, quase todos nós queremos manter a "nossa" revolução exatamente como a desenhamos, sem perceber que outros revolucionários estão, o tempo todo, assumindo o papel, no nosso tempo, que no passado foi nosso.

e isso não é uma teoria ou constatação para o agora. é a mais pura e simples história dos tempos, a história da criação humana, das invenções, da inovação, da revolução... de todas as revoluções. pode ser até que a gente não queira, mas o fato é que, a qualquer momento, está começando uma nova revolução, muitas das quais vão dar em nada, mas algumas delas vão mesmo mudar tudo, desestruturar tudo. e criar outras estruturas. como sempre, desde sempre. e ainda bem que este "novo" nunca é "para sempre"...

a informática e as eleições

01.10.09



depois de intensa articulação nos bastidores e ministros disso e daquilo chamados às pressas, o presidente da república sancionou, sem vetos importantes, a nova lei eleitoral. dois temas principais da reforma, do ponto de vista de informática, vão mudar o estado das coisas, talvez de vez.

primeiro, ao contrário do que queriam os defensores da suposta segurança das atuais urnas eletrônicas, [o voto vai ser auditado](#): uma porcentagem das urnas

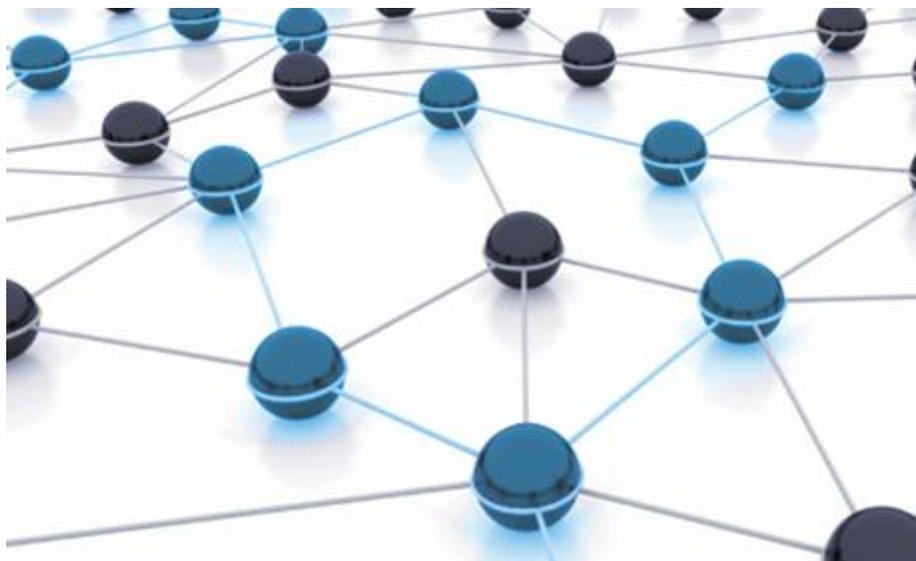
terá o voto impresso para posterior conferência. isso vai aumentar a transparência do processo de votação, senão do sistema eleitoral.

o sistema eleitoral brasileiro tem um problema radical, a [concentração de poderes e execução do processo em uma única instituição, o TSE](#), que define a política, o processo, executa a eleição, dirime dúvidas e, do primeiro ao último caso, é o tribunal de si mesmo.

este blog fez uma longa série de considerações sobre o processo eleitoral antes das últimas eleições, em agosto e setembro de 2008, que você pode ver [pela ordem] [aqui](#), [aqui](#), [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#).

deixando o sistema eleitoral, como um todo, para lá [e por enquanto], começar a auditar as urnas pode ser parte do processo de mudança, da mesma forma que liberar a web, segunda parte da reforma no que diz respeito à informática, redefine o campo e parte das regras do jogo eleitoral.

isso porque revogamos parte do bisonho regulamento onde os candidatos só podiam usar, nas campanhas, o domínio “.can.br”, e onde a rede era tratada como se fosse, simplesmente, um amontoado de jornais eletrônicos. do jeito que ficou, candidatos e seus apoiadores [e opositores] podem usar do twitter ao facebook, do jeito que quiserem e até quando quiserem, para propagar seus planos e projetos. isso é muito bom.



mas o efeito desta “abertura” do processo eleitoral na web é bem menor do que poderia ser, porque apenas uma parcela do país está na rede, e em sua maior parte [acho eu] aquela que não será muito afetada pelos argumentos de um ou outro lado da política [se é que a política brasileira tem lados e não só interesses].

mas é claro que as novas regras para a rede, na próxima campanha, vão aumentar a transparência das eleições brasileiras. vamos todos poder dizer o que pensamos e queremos de candidatos, nossos e dos outros. haverá um aumento significativo do espaço e tempo ocupado por política na web. mas a mudança verdadeira não será na eleição que vem, e sim à medida em que muito mais gente, de todas as classes e lugares, **se tornar cidadão de primeira classe**, na rede.

pra isso, precisamos de mais e melhor rede, em todos os recantos do país, e este é um problema político, como sempre. assim como educação: estamos cansados de saber quais são os problemas essenciais do processo e sistema educacionais do país. por que, então, ainda não temos soluções verdadeiramente nacionais? por que ainda não temos nem o equivalente de um SUS para educação? será que interessa, para algum [ou muitos] grupo[s] manter uma grande maioria da população na ignorância?...

as respostas a estes ingênuos dilemas são conhecidas. quanto mais ignorantes, mais manipuláveis os indivíduos. quanto mais desinformados, menos educadas, mais ignorantes as pessoas. quanto mais fora da rede, quanto mais isoladas dos grandes fluxos nacionais e mundiais de conhecimento, das redes sociais de todos os tipos que são, o tempo todo, habilitadas pela internet, mais as pessoas estão sujeitas ao cabresto político que toma conta de boa parte do Brasil, desde sempre.

a verdadeira eleição em rede só vai rolar quando quase cada um for capaz de, na mais ampla rede possível, discutir, sem preconceitos e ofensas, as propostas de todos os lados da eleição,

refletindo e sintetizando premissas, princípios, valores, políticas, estratégias, ações, resultados e possíveis consequências das opções de representação democrática.

a maior contribuição da informática para as eleições, que se inicia de forma histórica, no brasil, na próxima eleição, é aumentar a transparência do processo eleitoral. tanto antes, na discussão na web, quanto durante, na auditoria da urna. é um grande passo.

mas ainda falta muito. a falta de transparência é o maior problema de lugares pouco civilizados como o nosso. a opacidade dos sistemas [que tal “atos secretos”?...], processos e instituições permite, o tempo todo, que indivíduos e instituições se apossam do bem público, das coisas públicas, quando não do imaginário público, em benefício único de suas obscuras causas, metas e, por que não dizer, profundos bolsos.

precisamos incluir o ESTADO inteiro, aquele com “E” maiúsculo, de forma transparente, na rede. do processo eleitoral às decisões [e razões] dos tribunais. quando isso começar de fato a acontecer, os representantes do povo, que hoje são quase donos do povo, serão apenas... representantes do povo, mediadores da discussão e decisão democráticas. em qualquer poder. como nunca deveriam ter deixado de ser.

vai demorar. mas vai acontecer. quando chegarmos lá, daqui a muitas décadas, nossos tempos serão lembrados como uma espécie de idade média [moderna]. e as eleições “em rede”, começando pela de barack hussein obama II, serão comparadas a uma espécie de prensa de gutenberg da democracia. espere. e verá.

se o mercado não resolve banda larga, o governo deve estatizar?

02.10.09

o seminário "a universalização do acesso à informação pelo uso das telecomunicações", do conselho de altos estudos e avaliação tecnológica da câmara dos deputados, dia 29/09, foi palco para uma declaração radical do secretário de logística e tecnologia da informação do ministério do planejamento, rogerio santanna: "**as operadoras não são parceiras. se eles são parceiras em algum momento, é para atrasar**".

[santanna estava falando do programa PC conectado](#) e de muito mais. e sabe do que está falando. as operadoras vêm jogando um jogo perigoso há tempos, quando se trata de banda, universalização, atendimento e, de resto, qualquer coisa que envolve clientes [como nós] e regras [de concessão, que elas deveriam cumprir]. no topo disso [e pra contar só uma das histórias] o programa do PC conectado teve que ser renomeado para "computador para todos"... porque o governo e as operadoras não conseguiram acertar as bases do negócio. imagine o tamanho do sapo que o governo teve que engolir. como se verá, tudo tem seu preço.

por um problema estrutural que se estendeu por todo o governo lula e que não dá sinais de ser resolvido no médio prazo, a agência reguladora do setor, tratada por boa parte do executivo como um apêndice "entreguista", não teve banda [de atuação] nem força, muito menos orçamento e sintonia com o executivo para por ordem no mercado.

e isso não aconteceu por causa ou culpa da anatel. há quem diga que o governo, deliberadamente, desestruturou as agências –principalmente a anatel– para que fosse possível uma intervenção estatal cada vez maior no mercado. especialmente se o mercado "não dá conta" do recado, como o secretário declara que é o caso na banda larga. se ele perguntar aos usuários, não vai achar muita gente satisfeita a ponto de

Milhares	2006	2007	2008	2009
Janeiro	12.036	14.034	21.100	24.467
Fevereiro	13.241	14.068	22.043	24.806
Março	14.107	16.257	22.742	25.457
Abril	13.431	15.867	22.419	25.460
Maio	13.246	17.933	23.141	25.566
Junho	13.397	18.047	22.910	25.600
Julho	13.393	18.523	23.715	27.500
Agosto	13.641	19.302	24.331	28.977
Setembro	13.639	20.100	24.407	-
Outubro	13.313	19.881	23.676	-
Novembro	14.448	21.536	24.419	-
Dezembro	14.419	21.393	24.545	-

Fonte: IBOPE NetRatings

defender as operadoras, e isso apesar da tabela ao lado, que mostra um crescimento de 150% dos usuários domiciliares de banda larga, no país, em três anos e meio.

mas e se a gente comparar com o resto do mundo? [em período equivalente](#), o acesso a banda larga [por 100 hab.] no México e na Turquia cresceu sete vezes; na Grécia, foram quinze vezes. Normalizado por população, nós crescemos duas vezes e meia em três anos e meio. Não é exatamente uma performance de quem está acompanhando o mundo como deveria.

O resultado desta “evolução”, em boa parte causada pela inexistência de uma política pública para banda larga [do governo, que entregou o FUST ao superávit primário] e por uma intervenção tardia da Anatel na regulação do setor [como no caso do Speedy] está levando setores do executivo a pensar seriamente em estatizar parte do mercado.

O padrão é conhecido: decreta-se a falência do livre comércio de bens e/ou serviços [por causas variadas, provocadas ou não pelo setor público] e postula-se que somente a intervenção estatal pode botar a casa em ordem. E aí, ou e aqui, parte-se para criar [ou reviver] uma estatal que dará conta do recado, no caso a Telebrás, que está a poucos passos de entrar em cena para ser a provedora de infraestrutura de informação para o .gov e os programas estatais de inclusão [de escolas, hospitais, e quem sabe o que mais]. A Telebrás, talvez se deva lembrar, era a Telerj, no Rio, e a Telpel, em Pernambuco, duas das piores operadoras de telecom do mundo em suas épocas.

agora, [segundo Santanna](#), a nova... *telebrás terá uma função de operadora da rede... alternativa à rede das grandes concessionárias... para os pequenos provedores. "o maior problema para que as pessoas tenham banda larga é o preço e a falta de oferta. e isso as empresas não resolveram"... "o estado pode ser esse backbone neutro capaz de permitir que todos concorram em pé de igualdade"*.

Mesmo que se concorde com toda a argumentação do secretário, a conclusão [criar uma estatal para o setor] não é necessariamente derivável das premissas. Até porque temos problemas similares em muitos outros setores, talvez tão ou mais críticos, onde o estado já está envolvido até o talo... e não resolve muita coisa.

Exemplo? que tal esgoto, que é quase só estado no Brasil inteiro? em 15 anos, de 1992 a 2007, o percentual de casas atendidas pela rede saiu de 39 para 52%. Se o estado resolvesse todo tipo de problema, este, que é um dos mais graves da infraestrutura brasileira, deveria estar resolvido, não?

outro exemplo?
alfabetização. [o nordeste continua com mais de 30% de analfabetos funcionais](#), gente que, em plena



economia de conhecimento, é candidata a uma única vaga, a da fila da bolsa família. no brasil, a porcentagem de analfabetos está parada há tempos, ao redor de 10%, 19 milhões de pessoas que, nem com banda larga [ou qualquer outra] vão ler este texto. exemplos não faltam, é só procurar que você vai achar um atrás do outro, de estradas e aeroportos [e controle do tráfego aéreo] a segurança pública e sistema prisional.

a sociedade e economia, aqui e em todos os países do mundo, dão provas inequívocas de que nem sempre a solução “estatal” é ideal, ou mesmo boa, para qualquer que seja o caso. talvez fosse melhor, no caso da banda larga e em muitos outros, estabelecer parâmetros políticos, sociais, econômicos, deveres e haveres, controles e avaliações do que se quer fazer para se ter o que, e quando, e seguir fazendo o combinado por um bom tempo, exatamente como não foi feito no setor de telecom...

talvez se pudesse ordenar, de verdade, o setor. como talvez nunca tenha sido feito. talvez isso, talvez aquilo... são muitos talvezes...mas isso tudo é história ou futuro, quando olhamos para as urgências do presente.

agora, as teles têm mesmo que se preocupar, pois santanna não está pra brincadeira e tem eco no resto do governo. andré barbosa, da casa civil, noutro evento um dia depois do desabafo de santanna, disse que [até concorda em continuar negociando com as teles](#): "*Não vejo nenhum problema de conversar com a iniciativa privada*"... **mas emendou**: "*É verdade o que o Rogério Santanna apresentou, de que as empresas ainda não são parceiras do governo. Mas acho que elas estão mais com medo de uma estatização do que de qualquer outra coisa. E nós já deixamos claro [que] é isso que pretendemos fazer*".

pelo visto, parece mesmo que o governo cansou de esperar. alô, teles: hora de acordar pra jesus!...

liberdade de “jornalismo”: brasil não vai muito bem

04.10.09

todo outubro, o RSF, [reporters sans frontières](#), publica um índice comparado da liberdade informacional, que eles ainda chamam, por tradição, “de imprensa”. três longos anos atrás, em outubro 2006, sobre o índice daquele ano, [escrevi um texto que passava por...](#)

*...de 2002 [quando o índice começou a ser compilado] para cá **o brasil perdeu 21 posições** e a bolívia avançou 31 lugares. vai ser muito interessante ouvir as explicações da propaganda governamental, que está tomando ares cada vez mais parecidos com a década de setenta. o que talvez seja uma das razões para estarmos em queda livre no índice do RSF;... capaz de se tentar explicar, também, que a [disneylândia de uma certa intelectualidade brasileira](#) [além das perseguições usuais, 24 jornalistas são presos políticos na ilha] está no rabo-da-gata porque o RSF é uma conspiração elitista, de direita, contra o progresso dos povos.*



em 2006, o brasil estava no 75o. lugar do ranking [e ainda não havia nada parecido com o esforço de mídia estatal que vemos hoje...]. em 2007, [a coisa piorou](#) e o país foi para o 84o. lugar, se arrastando de volta para um ainda pouco confortável 82o. lugar em 2008, 28 posições abaixo de 2002.

a bolívia, que estava em 16o. lugar em 2006 [era o melhor, em liberdade informacional, dos países em desenvolvimento], amarga, no último ranking publicado, um mísero 115o. lugar. não é feito pequeno, cair tão rápido. diz alguma coisa sobre [o governo de lá \[e seus parceiros\]](#). nós, pelo menos, estamos sistemática e estavelmente ruins.

estamos a algumas semanas da publicação do índice correspondente a 2009. devemos aparecer melhor colocados, porque o supremo detonou a famigerada “lei de imprensa” do regime militar. mas a avaliação do RSF sobre o estado de informação, no brasil, [não é das boas](#):

Brazilian journalists are exposed to serious risks in some regions, particularly when they report on sensitive issues such as trafficking, corruption or environmental questions. Attacks that can go as far as murder still plague the northern and north-eastern states, or further south, at the Paraguayan border, the hub of the drug trade.

e é verdade: tratar de tráfico, corrupção e questões ambientais, na mídia brasileira e particulamente nas regiões norte e nordeste, é risco de vida [ou de morte], dos altos. dia

destes, [o jornalista rafael dias foi agredido](#) em pleno centro do Recife, por causa de uma reportagem sobre o [falecimento](#) de um vereador.

o fim dos jornais – e da imprensa- como nós conhecíamos não significa o fim do jornalismo. na web, nos blogs, nas redes sociais, a liberdade de informar e ser informado continua sendo um item essencial da democracia. reed hundert, que foi chairman da FCC [a anatel dos EUA] [disse semana passada que...](#) *as liberdades fundamentais de uma internet aberta [e neutra] são a plataforma do novo jornalismo*. conseqüentemente, qualquer tentativa de manipular a rede, informação ou profissionais e amadores da notícia e da informação [uns em rede, outros em jornais e revistas, rádios e TVs] deve ser tratada como uma agressão ao estado de direito e aos ideais democráticos.

falando nisso, a tal disneylândia, que em 2006 estava no 165o. lugar da lista do RSF, caiu mais quatro lugares e, em 2008, está acompanhada, no fim da lista, por burma, [turcomenistão](#), coréia do norte e eritréia. diz-me com quem andas...



a importância econômica das mídias sociais

07.10.09

uma das práticas que mais divide a opinião dos blogueiros [e tuiteiros, e membros de redes sociais...] é a de receber [dinheiro, produtos, serviços] para escrever sobre empresas, marcas, casos de sucesso, produtos e serviços. no jornalismo, tal prática sempre existiu e sempre foi condenada; os praticantes eram –e são- vulgarmente chamados de “penas-de-aluguel”, que é o mesmo que ser lançado ao fogo do inferno das redações em plena vida. não queira nem pensar o que é ser apontado como tal.

a regulação deste [digamos assim] mercado de influências, interesses e remuneração sempre foi interna: as melhores redações nunca deixaram a coisa passar dos limites; e os limites eram [por exemplo] receber uma passagem de uma empresa para ir a um evento e aparecer, no topo da matéria, que a “reportagem viajou a convite de...”. daí pra frente, se descoberto, o pena-de-aluguel ia pra rua. propaganda tinha seu lugar e não era dentro do texto noticioso.

ou pelo menos a gente sempre acreditou nisso. claro que há redações [[como é relatado neste caso aqui](#)] que, *in totum*, não têm limites. para um público leitor com um mínimo de inteligência e senso, no entanto, elas perdem a credibilidade rapidamente e têm, como destino, a lata de lixo da história.

no caso dos blogs [e [twitter](#), e redes sociais], não há uma redação na maioria dos casos. aqui no [terraMagazine](#), por acaso, há: [bob fernandes](#) toca a operação, mas não intervém no que seus “blogueiros” fazem, pensam, dizem ou como escrevem [como este aqui, em minúsculas, [veja aqui porque](#)]... o que é uma permanente fonte de irritação para uma certa classe de leitores.



"Hold everything! The P.R. department just sent over this chart."

mas o fato é que a mídia social é cada vez mais importante. há blogs com audiência maior do que portais e jornais; redes sociais nos primeiros lugares de atenção e uso em todos os países; e coisas muito novas, como twitter, se transformando em fonte de informação essencial para uma ampla gama de pessoas.

o impacto das mídias sociais no mercado, nos negócios, o efeito nas comunidades já é importante a ponto da FTC [federal trade commission, o CADE dos EUA] ter decidido que [vai multar blogueiros que escrevem "a soldo" em até US\\$16.000,](#)

caso não fique explícito, no texto para o qual estão sendo remunerados, as conexões materiais com o produto [serviço, etc.] do qual estão falando. ou seja, há que se diferenciar, mesmo num blog, o que é opinião isenta do autor e o que é paga, seja lá como for, por um anunciante. estes, aliás, estão sujeitos a multa, também, caso tentem se esconder por trás, por exemplo, de um blogueiro...

claro que as regras vão ser muito difíceis de aplicar. mas, na internet, que regra de uso é fácil de implementar? do ponto de vista mais amplo, as recomendações da FTC não são novas, mas uma [modificação da regulação das interações entre anunciantes e o público](#) que, revisadas pela última vez em 1980, ficaram quase trinta anos esperando que alguma coisa nova desse as caras. a novidade, como se vê, são as mídias sociais. mais hora, menos hora, vamos ter que pensar em algo parecido para o espaço midiático [virtual] nacional, que anda bem confuso aqui e ali, vez por outra...

quase pra terminar, taí o [contexto usado pela FTC para enquadrar a mídia social americana](#):

*The recent creation of consumer-generated media means that in many instances, endorsements are now disseminated by the endorser, rather than by the sponsoring advertiser. In these contexts, **the Commission believes that the endorser is the party primarily responsible for disclosing material connections with the advertiser.** However, advertisers who sponsor these endorsers (either by providing free products – directly or through a middleman – or otherwise) in order to generate positive word of mouth and spur sales **should establish procedures to advise endorsers that they should make the necessary disclosures and to monitor the conduct of those endorsers.***

a recomendação, como se vê, é simples e óbvia. faz parte do bom senso que deve regular a vida de anunciantes, veículos e mercado, em qualquer lugar e ambiente, dos jornais do séc. XIX à última geração de redes sociais.



"Must dash ... I want to spend some time on my social-networking websites."

o que é mesmo um "game"?

10.10.09

fui ver, hoje, um debate entre giordano cabral e h. d. mabuse na torre malakoff, em recife, parte do [projeto observa & toca](#), que tá rolando por aqui no feriado. a conversa era sobre arte & games e a influência de um em outro.



por obra do apresentador ter desaparecido, acabei na mesa, como mediador de uma muito interessante conversa entre um dos maiores especialistas em música e games do brasil [giordano é doutor em computação, músico e sócio do startup do porto digital [musigames](#) que, óbvio, faz jogos musicais] e um dos mais instigantes *designers* nacionais [[mabuse](#), diretor de design do [c.e.s.a.r.](#), tá sempre pensando de alguma forma ortogonal ao que todo mundo está fazendo]. o resultado da minha presença por lá [é um conjunto de tweets da conversa dos dois](#) [vá lá ver]. e este post aqui.

isso porque a conversa me lembrou de um debate de dois anos atrás, [citado no meu "velho" blog...](#)

aleks krotoski [do guardian] [aponta para ren reynolds](#) [do terranova], numa [animada e muito comentada discussão](#) sobre o que, afinal, é um jogo "eletrônico" [ou computer game]. definição de reynolds...

A computer game is a game where at least some of the bounds of game-acts are essentially controlled by information technology.

*não gostou? dê, então, a **sua** definição.*

e a pergunta volta, hoje, ainda com mais força, quando estamos migrando de wii para jogos portáteis cada vez mais sofisticados, para interfaces como o projeto natal, para realidade aumentada... levando a jogos que vão parecer a vida. a vida real, claro.

lá, neste mundo imersivo que já estamos construindo agora, onde a separação entre a realidade e simulação é e será cada vez menor, o que vai ser mesmo, um "game", um jogo computacional?...

porque jogo, natural, a vida já é.

ah, sim: se você não gostou da definição de reynolds [minha tradução: *um jogo computacional é um jogo no qual pelo menos alguns dos processos e interações são realizados por meio de tecnologias da informação e comunicação*], por que não dá uma definição, sua, nos comentários?...

clikando na figura abaixo, você vai para a página do throat detonator, um dos jogos da musigames... que tem uma versão grátis para o iPhone. bom jogo.



um [possível] futuro para os jornais: o caso do guardian

16.10.09



no passado, os jornais tiveram o papel de dar relevância e sincronicidade às notícias. as coisas que aconteciam, de fato, eram apenas aquelas que se tornavam notícia nos grandes jornais. tais “bons tempos” eram também aqueles que, ao sincronizar um país [ou o estado, região...], um grande jornal era capaz de formar a opinião da massa e derrubar [ou manter] um governo.

faz algum tempo que não é assim. de mais de uma forma, a sociedade e economia se dessincronizaram. isso porque, na rede, não há mais quase nenhum agente capaz de monopolizar a atenção de uma quase totalidade das pessoas por um longo tempo. as três maiores audiências de internet, no brasil, são uma máquina de busca, uma rede social e um conjunto de aplicações. nenhum dos três tem opinião, ou é formador de opinião; são infraestruturas que usamos para criar nossa presença em rede. sem editor, sem horário, independente de geografia ou de quaisquer grandes temas [impostos pelos outros] do momento. é o fim do “programador” central.

mas os jornais ou, se quisermos, os “noticiosos”, com profissionais ou amadores competentes, possivelmente remunerados, no levantamento, redação e edição, não deixaram de ter um papel na economia. ao fazer seu trabalho de levantar, filtrar, qualificar, editar e sintetizar informação, os jornais criam bancos de dados que contêm, se sua largura e profundidade de análise for boa o suficiente, a história de uma sociedade. quer seja de um interior como taperoá ou de um país como a inglaterra, no último caso possivelmente incluindo uma visão de mundo a partir dali.

este é o caso do jornal inglês [the guardian](#), fundado em manchester [por john edward taylor em 1821](#). quase bicentenário, o jornal enfrenta, como todos os outros, a internet, a maior mudança de plataforma de gestão de ciclo de vida da informação desde gutenberg. com uma diferença fundamental em relação à maioria: resolveu entender o desafio e arriscar, digamos, tudo o que tem numa perigosa travessia para o futuro.

até porque ficar parado do lado de cá, tentando sobreviver no passado, não é bom pro negócio, como se



vê no grande cemitério dos jornais. em 2008 e 2009 [até agora] quase 30.000 pessoas perderam o emprego [só em jornais americanos](#).

este blog vem comentando o “fim” dos jornais de papel há algum tempo; veja, por exemplo, [este texto](#) [sobre o fim de um dos fins do papel], [este outro](#) [sobre a internet, como fonte de notícias, passando os jornais], [este aqui](#) [sobre a evolução dos jornais, na rede] e, por fim... [dá pra salvar o bom jornalismo?...](#) sobre exatamente o que o título diz: vão-se os jornais mas fica o jornalismo, pelo menos o que vale a pena salvar?

o guardian faz parte da seleta classe do jornalismo que vale a pena tentar salvar. eles, aliás, também acham isso e estão tentando se salvar. para isso, estão transformando radicalmente o que poderíamos chamar de jornal.

um jornal é, principalmente, sua história. as posições que assumiu e defendeu, sua trilha de informação. [e o guardian publicou os últimos dez anos de sua história, mais de um milhão de artigos, na rede](#). e na íntegra. abertos. pra todo mundo. segundo a direção, a competição pode usar como quiser mas, para [qualquer um] usar de forma sistemática, deve fazer um acordo com o jornal.

um jornal é, também, sua máquina de formatação, impressão e distribuição de informação. lembro ter visto rotativas desfilando por cidades, em carretas, como se fosse o futuro do lugar chegando de alguma parte da alemanha. isso era o mundo físico. na web, estamos falando de laptops, bancos de dados, web servers... estamos falando de plataformas de programação e distribuição de informação.



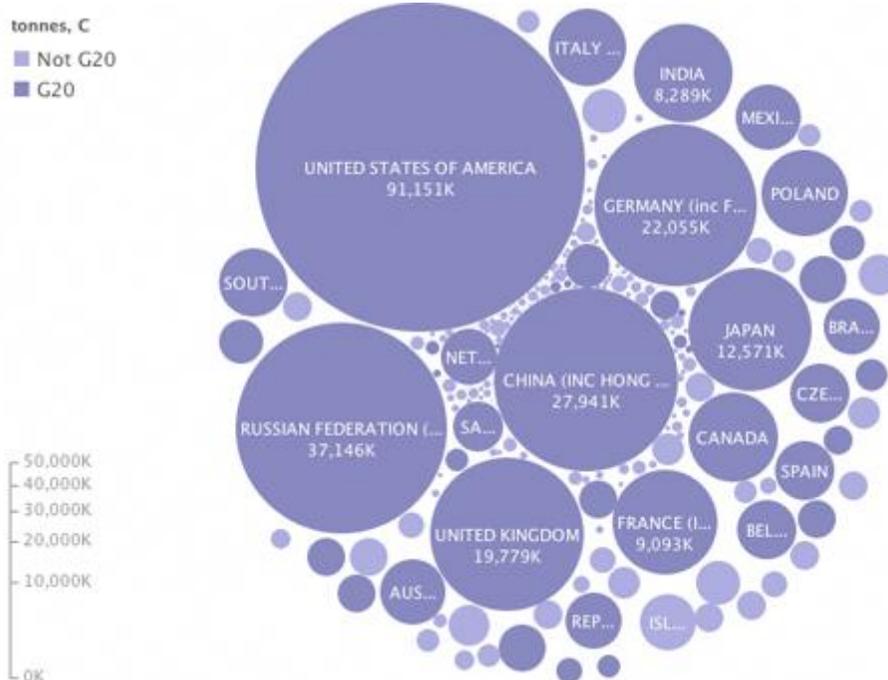
[o guardian resolveu se tornar uma tal plataforma](#): publicou uma API [*application programming interface*, uma interface de programação, na rede] que torna possível manipular tudo o que existe nos bancos de dados do jornal, agora transformado em plataforma de informação na web. isso significa o que, exatamente? quer dizer que qualquer um que entenda a interface de

programação do jornal [[mudança: jornal como plataforma de programação](#)] pode manipular tudo o que está no sistema [o guardian], utilizando-o como meio para seus fins, construindo aplicações que, por uma ou outra razão, usem a funcionalidade ou a vasta base de dados do jornal. [como estas aqui, da galeria...](#)

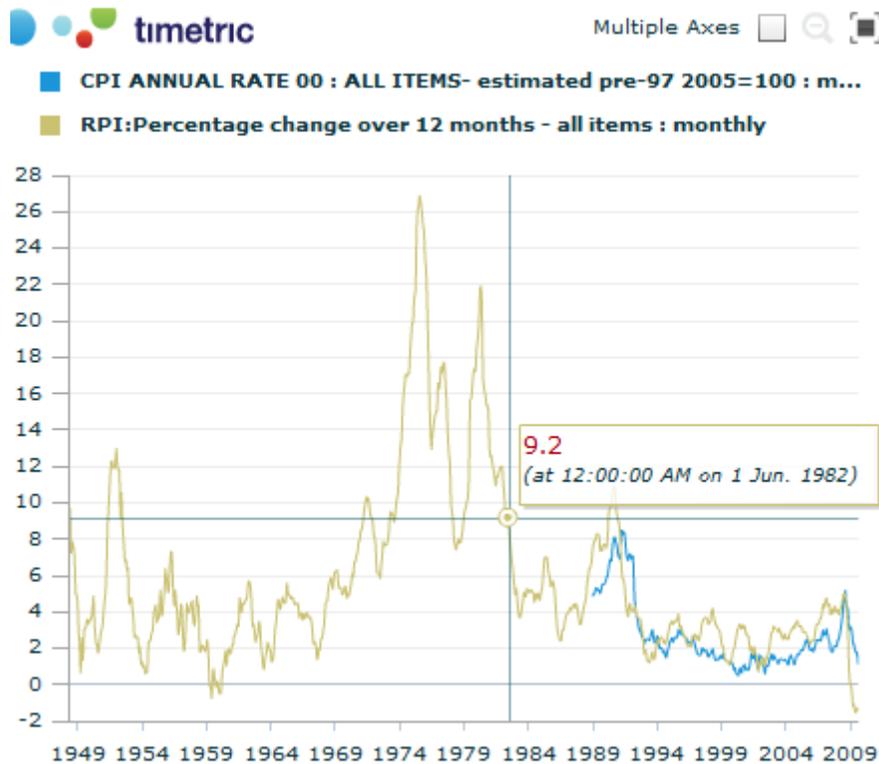
tal tipo de mudança vai ser cada vez mais comum, em jornais [[o NYT está tentando movimento semelhante](#)] e redes sociais [twitter tem uma API que torna possível um monte de operações sobre o que está armazenado no sistema, como [um jogo de palpites sobre futebol...](#)], de empresas a bancos, de governo a sites de comércio e muito mais. dá pra fazer um monte de coisas usando [por exemplo] a plataforma da amazon, [amazon web services](#), inclusive escrever o twitter nela, o que é, aliás, o caso.

deixar de ser um “jornal” e passar a ser uma “plataforma programável, na rede, intensiva em conteúdo” dá dinheiro? [ninguém sabe. nem o guardian](#). mas pelo menos eles estão, entre poucos outros jornais, experimentando, até porque o futuro do negócio de jornais, como jornal clássico, daquele que embrulhava peixe depois... é certo. e nada bom. nem peixe se embrulha com jornal, mais...

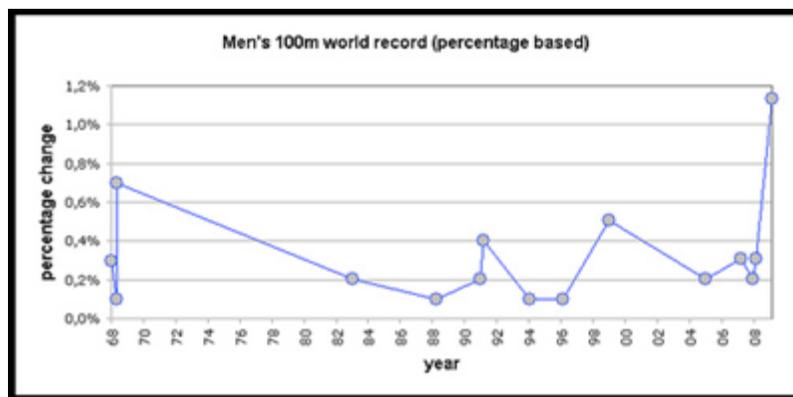
se você tem alguma curiosidade sobre o que é uma plataforma de programação intensiva em informação “curada”, editada, revisada, na rede, vá dar uma olhada no que os “novos leitores”, ou melhor os “programadores” do guardian estão fazendo, [do ponto de vista de visualização de dados](#), uma das oito categorias de aplicações que qualquer um pode programar no jornal. abaixo, o resultado de uma delas, as emissões de carbono de um número de países desde 1751.



o próprio guardian [[em um de seus twitter](#)] passou a produzir uma sequência muito interessante de dados e gráficos sobre um monte de coisas, como a inflação da Inglaterra desde 1948... clique abaixo e vá ver; lá, a visualização é interativa...



...ou efeito usain bolt no recorde mundial dos 100m rasos, mostrada no último ponto do gráfico abaixo, em 2010, baixando o tempo do recorde em quase 1.2%.



agora imagine o dever de casa de um grupo de estudantes do fundamental daqui a alguns anos: descobrir as fontes de dados geográficos, de população, de índices financeiros e econômicos variados e produzir um mapa do Brasil, interativo, sobre a inflação e crescimento, incluindo sua distribuição regional e per capita, para todo o país. no fundamental, e não como dissertação de

mestrado. e, ao invés de pegar tal gráfico em algum lugar [hoje, ele não existe] descobrir como programá-lo. no fundamental.

o guardian está participando de uma tendência de abertura dos negócios na e para a web, e não só dos negócios de informação como jornais e portais. para estes, vai ser obrigatório abrir suas bases de informação e criar uma API que torne possível disponibilizar, a partir de lá, novas formas de ver, ouvir, filtrar, compor e interagir [e faturar] com informação, a partir de múltiplas interfaces, sistemas, dispositivos e redes.

as outras empresas? estão no mesmo caminho, e muito mais longe. mas delas a gente fala depois. até lá.

anúncios “banner”: o fim de um modelo de negócios?

18.10.09

[estudo recente](#) da [comscore](#), especialista em análise da web, mostra que o número de pessoas que clica em anúncios do tipo *display* [ou *banner*, como a gente diz no brasil e como o que está lá no topo desta página] caiu mais de 50% nos EUA. a porcentagem de pessoas que clica um *display* despencou de 32 para 16% de quem vê uma página com um deles na web. e isso nos últimos 20 meses. como se não bastasse, meros 8% dos usuários responde por 85% dos clicks... deve ser algum tipo de vício, talvez doença, *bannerite* crônica.

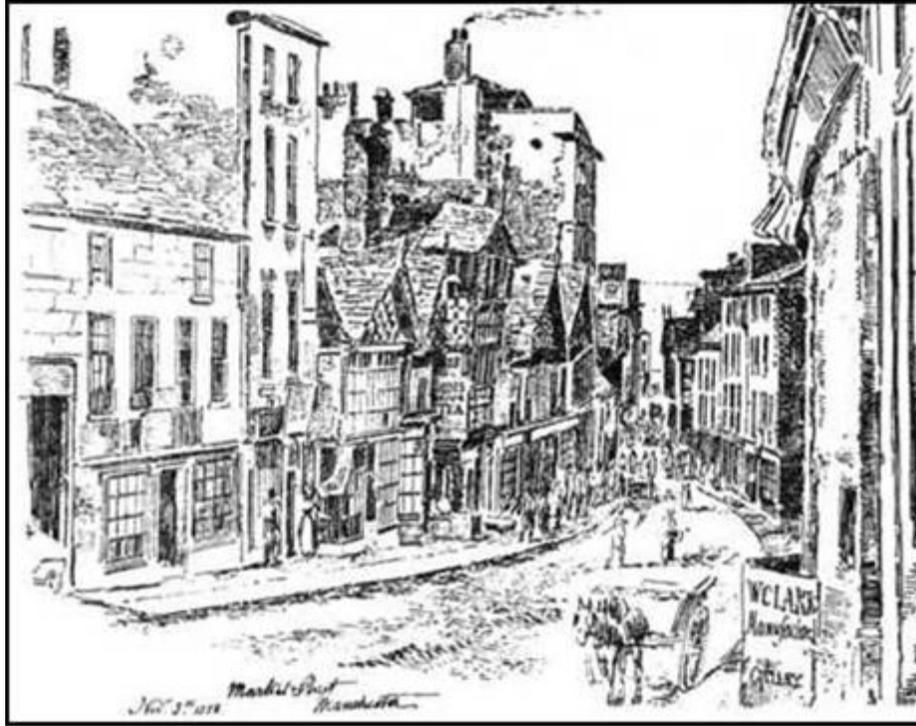
este tipo de estudo e dado é muito mais raro no brasil, mas pode-se assumir [sem muito medo de errar] que os padrões de uso e consumo de rede, aqui, não demoram muito a se tornarem similares aos dos EUA.

e isso tem implicações não triviais para modelos de negócios dependentes de propaganda online, especialmente na forma de banner e usando a medição padrão de banners impressos vs. clicados. isso porque, na maioria dos casos, o custo de manter coisas como este blog é suportado pelos tais banners, como se vê acima. se os leitores não estão nem aí para anúncios, vai ser preciso ir atrás de outras fontes de renda e modelos de negócio para manter uma boa parte do conteúdo que se vê na web. isso porque a quase totalidade dos leitores [inclusive o locutor que vos fala] está [pouco disposto a pagar por conteúdo na rede](#).

máquinas de busca como google e bing são bem menos afetadas por tal tipo de comportamento, porque o anúncio que veiculam é muito mais dirigido; afinal, sabem exatamente qual é o interesse do usuário.

já para outros tipos de sites, a coisa é mais complicada. [twitter](#), por exemplo, nem pensou em botar anúncio em sua página. e nem adiantaria, já que mais de 80% dos usuários não vai ao site [twitter.com](#). eu mesmo nunca vou lá; uso um número de ferramentas [como [seismic](#)] que tratam, de longe, a minha interface com a rede social.

esta conversa tem a ver com um [texto que este blog acabou de publicar](#), sobre como um dos maiores jornais ingleses, [the guardian](#), está se reescrevendo [na web 3.0] para tentar criar um novo tipo de ecologia de negócios ao seu redor. [vá ver](#). o [exemplo do guardian](#) é [muito interessante](#), porque representa um caminho alternativo para um negócio de informação na rede. e a busca por novos modelos de negócio para financiar conteúdo na web, hoje, não é só importante. é, também, relevante e urgente.



[acima, a rua do mercado, em manchester, onde ficava a primeira redação do guardian, no séc. XIX.]

taperoá e [ou] os espaços para inovar

20.10.09

pra inovar, é preciso liberdade. é preciso tentar. errar, às vezes muito, e aprender com os erros. porque erros haverá. de preferência, têm que ser erros rasos, rápidos e muitos, pra tornar mais suave o **tentar-errar-aprender**. sem espaço, sem território para errar e, quem sabe, depois acertar, não se inova nunca. por medo. ou por amarras. abaixo, um espaço, aberto, livre e, de certa forma, desimpedido.



acima, a rua XV de novembro, em taperoá, PB, sábado passado, em pleno dia de feira na cidade, a três quarteirões desta foto. clique na imagem pra ver outra, de maior resolução, onde você vai descobrir que o pessoal nas motos não usa capacete. isso não é inovação, claro, é falta dela.

e não é a falta do produto no mercado, porque inovação tem a ver com o produto mas não é o produto. **inovação é a mudança de comportamento de agentes, no mercado, como fornecedores e consumidores (de qualquer coisa)**. simples assim. inovação não é idéia ou invenção, ciência, tecnologia, pesquisa ou desenvolvimento. muito menos inovação é algo

essencialmente tecnológico. algumas das maiores e mais importantes inovações de nossos tempos são mudanças de modelos de negócio. e nas mudanças dos costumes, como proteger a cabeça com um capacete. em muitos lugares, tal costume não chegou, até porque não há, por lá, um sistema [outra inovação] para esclarecer, educar, incentivar e cobrar seu uso.

em taperoá, algumas regras do trânsito ainda não pegaram. isso significa que há um espaço para tentar, errar, aprender e acertar, por lá, muito mais amplo do que em outras partes do brasil. o que nos leva à imagem abaixo, com a feira atrás da foto:



à esquerda, um motoqueiro, de boné [clique na imagem pra ver os detalhes]. nada de capacetes por aqui. à direita, depois de ter passado célere pelo fotógrafo, um bólido até esta altura não identificado, mas que tinha jeitão de *moto transformer*, como se partes de várias delas tivessem entrado em acordo operacional para fazer outra coisa.

que coisa?... abaixo, o JIL2009, seu projetista, construtor e único piloto de testes [e um curioso tentando entender “o que é que é isso, mesmo”?]:



josé júnior luísa, nosso personagem, pegou um motor de 125cc muito usado, desenvolveu um chasis “tubular”, acoplou quatro rodas de moto [com calotas de auto], um sistema de tração traseiro a corrente...



...painel, pedais, bancos, chave de ignição e alavanca de câmbio como se fosse carro e, segundo o próprio, depois de três anos de experimentação, testes, acertos e desacertos e muita labuta, hoje já dá pra usar seu veículo no dia a dia de ida-e-volta ao trabalho, que fica a quase 10km de casa. além de servir como confortável meio de transporte, o JIL2009 serve para puxar um reboque que transporta leite da fazenda para a cooperativa.

claro que o JIL2009 não passa em nenhum dos testes pelos quais os carros que estão certificados para rodar por aí são obrigados a passar. nem o blog acha que deveria passar; nem este texto, apesar de ilustrado pelo carro de júnior, é sobre automóveis.

estamos falando de espaço para inovar, nas empresas, no governo, na sociedade. e a metáfora [bastante real] de taperoá, suas “leis” de trânsito e o JIL2009 servem para refletirmos sobre os espaços em que vivemos nos negócios, por exemplo. no seu, ou no que você trabalha, há espaços como taperoá, onde dá pra experimentar com um JIL ou algo parecido para tentar inovar? não de brincadeira, mas num serviço, performance ou produto real, como o JIL2009, usado muito a sério, por júnior, para trabalhar?...



se não houver, há duas coisas a fazer. primeiro, descubra se dá pra criar um espaço de inovação como as ruas de taperoá. isso pode gastar um bom número de perguntas a vários dos poderes que comandam e controlam seu negócio e muita criatividade sua e de muitos mais. se der, crie, ou ajude a criar, mesmo que limitado seja e, todo dia, lute para manter, porque vai haver sempre uma galera tentando enquadrar o espaço criativo, assim como num futuro nem tão distante assim, as leis do trânsito, com força total, chegarão a todos os taperoás que há no brasil.

se não houver e não der para criar um espaço de e para inovação, há uma lembrança essencial a considerar. nem todo negócio precisa ser inovador, mesmo em mercados que demandam inovação, às vezes o tempo todo. empresas ortodoxas e pouco adaptáveis podem sobreviver por anos a fio, até um dia tomarem o caminho, quase nunca indolor, do grande cemitério dos CNPJs, destino ao qual lhes terá levado a falta de competitividade. justamente porque eram ortodoxas, muito pouco inovadoras

sabendo disso, pense em que tipo de empresa você está. se ela não tiver pelo menos um taperoá pra inovar... prepare-se para ver em breve, por lá, um por-do-sol como o da rua XV, lá do meu taperoá, em pleno outubro de primavera parecendo janeiro de verão. tomara que não seja, também, seu por-do-sol pessoal. e boa sorte.



espaços, criatividade, inovação e... gambiarras

22.10.09

[o texto anterior deste blog](#) tratou de espaços para inovação [e criatividade], usando como exemplo um “veículo” desenvolvido em taperoá, no interior da paraíba. e isso levou a uma discussão [\[via twitter\]](#) com [marcelo tas](#) sobre criatividade, inovação, o brasil, suas periferias e as condições, lá longe, de desenvolvimento de novos produtos e serviços.

o que, por sua vez, levou à procura de referências brasileiras sobre o assunto e à dissertação de mestrado de rodrigo boufleur, [a questão da gambiarra: formas alternativas de desenvolver artefatos e suas relações com o design de produtos](#), onde se desenha, logo na abertura, uma definição e contextualização do tema:

*Dentre diversos significados relacionados, o termo **gambiarra** vem sendo freqüentemente usado de maneira informal para identificar formas de improvisação: adaptações, adequações, ajustes, consertos, reparos, encaixes, emendas, remendos, inventos inteiros, engenhocas, geringonças.*

A despeito das depreciações que se costumam atribuir a alguns destes tipos de procedimentos – em muitos casos com total fundamento, na qualidade de “precário”, “feito”, “malandro”, “tosco”, o termo gambiarra recebe também conotações positivas. Acompanhando um momento de mudança na maneira como alguns pensadores e a própria população brasileira têm enxergado sua cultura e identidade, o termo gambiarra tem sido remetido à idéia do pronunciado “jeitinho brasileiro”, numa visão que busca enfatizar em seu próprio povo, uma propensão ao espírito criativo, à capacidade inventiva e inovadora, à inteligência e dinâmica da cultura popular; levando em consideração a conjuntura de adversidades e vicissitudes às quais todos nós (muitos evidentemente mais) estamos expostos; entendendo-a como uma prática que se aproxima de conceitos como reutilização/reciclagem ou bricolagem.

Independentemente de questões vernaculares, o termo gambiarra é usado por muitos para definir qualquer procedimento necessário para a constituição de um artefato ou objeto utilitário improvisado. Neste sentido, sob a ótica da cultura material, o termo gambiarra pode ser entendido como uma forma alternativa de design: Gambiarra é uma forma heteróclita de desenvolver uma solução funcional / aplicada. Ou seja, um processo baseado no raciocínio projetivo imediato, elaborado a partir de uma necessidade particular ou algum recurso material disponível - os quais proporcionam a constituição de um artefato de maneira improvisada. Esta relação nos leva a compreender a gambiarra como um paradigma paralelo, o qual surge a partir dos limites e dos impactos proporcionados pelo modelo industrial de produção e consumo. Se a atividade do design de produtos se define, não pelo estilismo, mas principalmente

pelos desenvolvimentos de artefatos (sejam eles industriais ou não), então na essência, **design e gambiarra são procedimentos similares.**

O que tende a ser diferente, são alguns fatores relacionados a cada contexto que podem variar, como por exemplo, a tecnologia empregada, os métodos, a infra-estrutura envolvida (fábrica, pessoas, equipamentos, matéria-prima, etc), o processo industrial, seus propósitos políticos e alguns objetivos corporativos, como por exemplo, para quem, porquê e para quê se produz.

O intuito de relacionar os termos design e gambiarra nos induz a uma reflexão sobre valores, mitos e significados, as contribuições e conseqüências dos objetos na configuração da cultura e no desenvolvimento da sociedade pós-moderna. A questão da gambiarra envolve temas como o desenho de artefatos, o resgate da função social do design, a problemática do lixo, o contexto da indiossincrasia e das necessidades específicas, bem como a identidade da cultura material brasileira.

lá no meio da conversa, rodrigo chega no ponto: **design e gambiarra são a mesma coisa.**

gambiarra é design limitado por restrições de conhecimento, ambiente, meios... **a gambiarra é design na periferia.** o diagrama ao lado [também da dissertação] dá uma idéia geral da conversa.

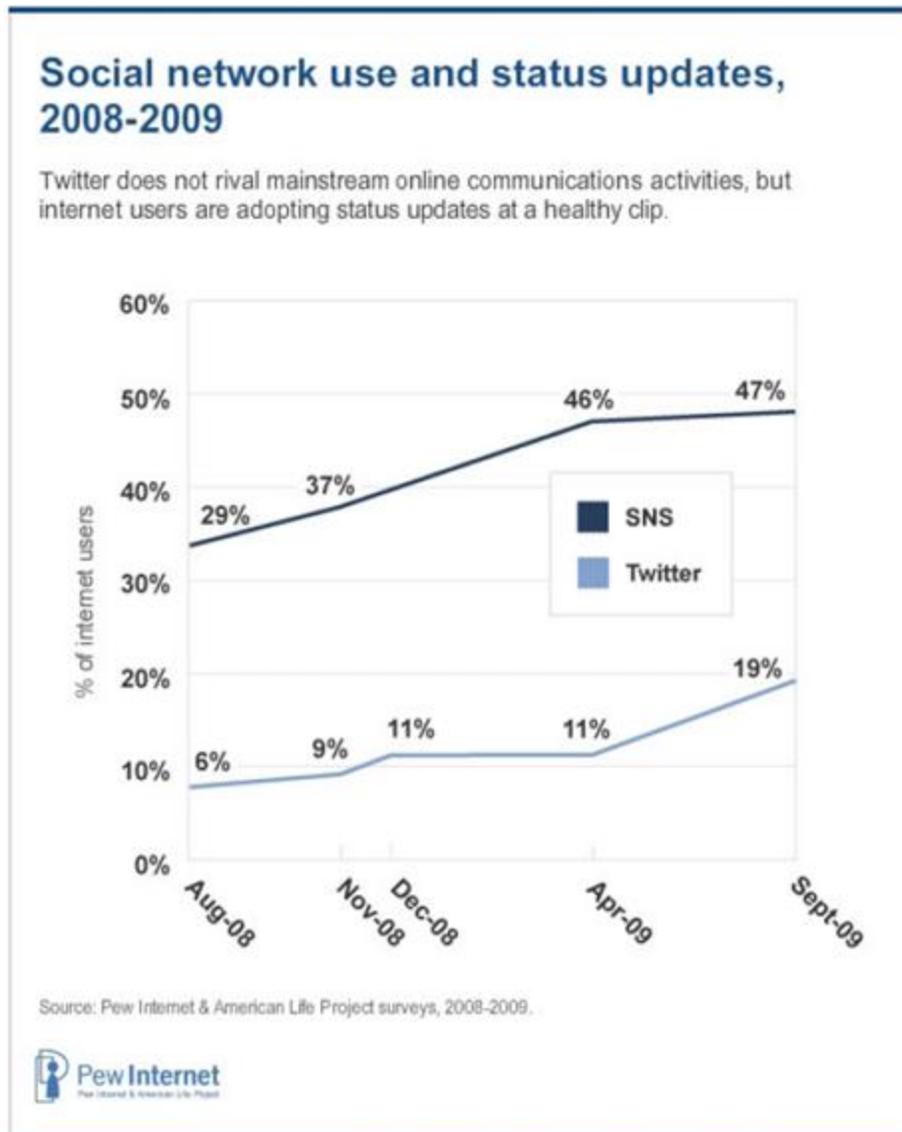
pra quem estiver interessado, a dissertação, com muitas imagens legais, [está neste link](#). boa leitura.



web: cada vez mais sem fio, móvel e em tempo real

23.10.09

em pouco mais de um ano, de agosto do ano passado a setembro último, o número de usuários da internet [nos EUA] que usa [de alguma forma] [twitter](#) pouco mais que triplicou, de 6 para 19%, como mostra o gráfico abaixo.

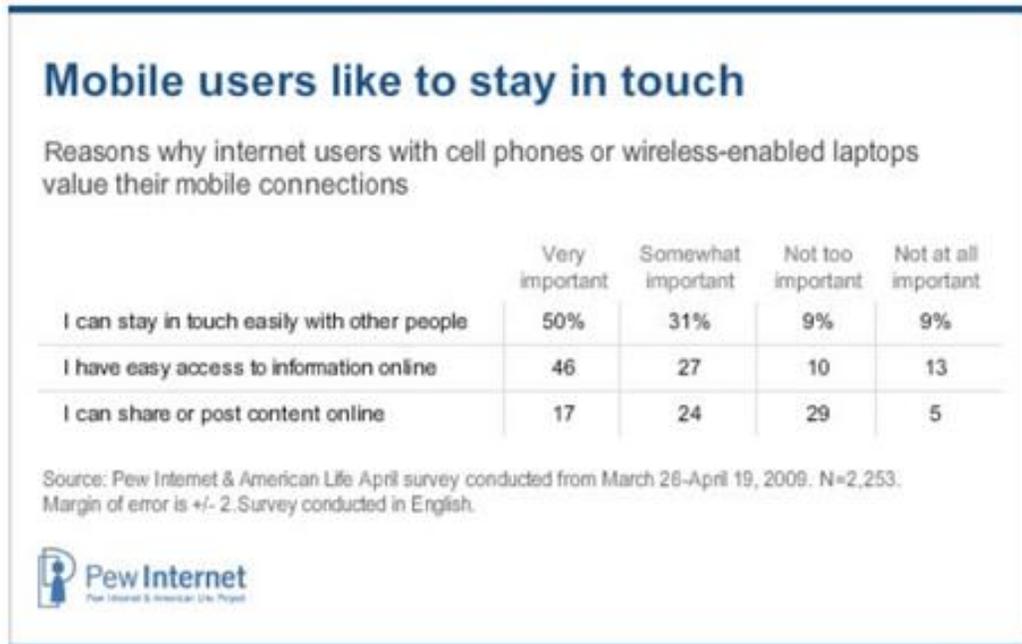


e isso tem que ser comparado com 47% [em setembro, contra 29% em agosto de 2008] dos americanos [usuários da rede] que mantêm seu *status*, online, atualizado e disponível para seus pares e, às vezes, para o mundo todo.

tem mais: numa tendência que é mundial, 54% dos americanos têm conexão sem fio com a internet através de algum tipo de dispositivo, de consoles a celulares. destes, 25% usa twitter, contra apenas 8% do povo que está, literalmente, ligado à rede apenas por um fio qualquer.

um número muito grande de pessoas considera [gráfico

abaixo] que estar conectado enquanto móvel é muito [ou de alguma forma] importante [81%] porque as conexões com outras pessoas se mantêm; 73% dá importância às conexões móveis porque podem acessar informação em movimento e 41% porque querem, de alguma forma, compartilhar informação enquanto fora de suas bases.



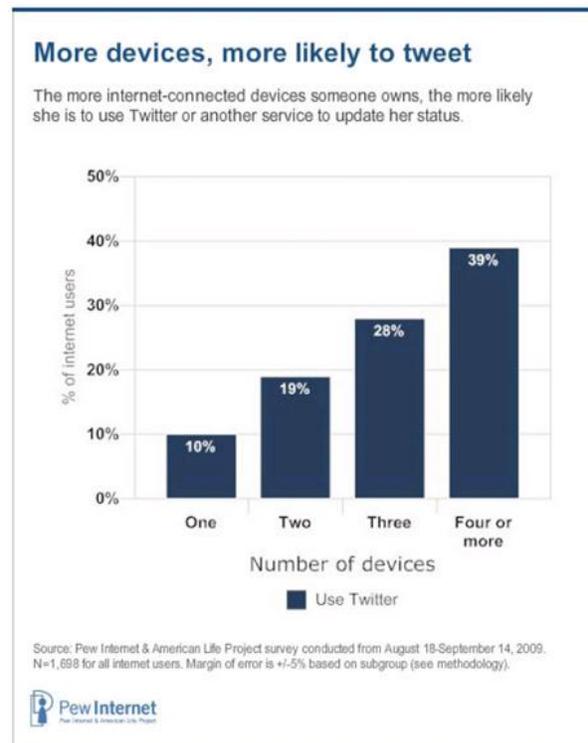
pra terminar, quanto mais dispositivos conectados se usa, mais se “tuita” [vai estar no próximo aurélio...], como mostra o gráfico abaixo.

resumo da ópera: *quanto mais sem fio, móvel e com mais dispositivos à mão*, mais as pessoas estão dispostas a usar e compartilhar informação com os outros

os dados são de um relatório do [pew internet project](#), publicado em 21/10, [twitter and status updating, fall 2009](#), e mostram o óbvio: *somos gregários, mesmo [e especialmente] em movimento, temos raízes [mesmo em movimento] e, para onde vamos, levamos todo [ou boa parte d]o nosso contexto.*

e nosso contexto, hoje [para quem já está na rede], são nossas conexões. as virtuais, em boa parte representando, online, as reais. daí, nada mais normal que... haja atualizações e leituras de status, em tempo real, móveis e cada vez mais intensas.

taí uma demografia pra quem estiver pensando em novos negócios na web. em breve, também e com muita intensidade, no .BR.



[bbc, click, tokyo, cyberdyne e... HAL \[e XOS\]](#)

25.10.09

a galera do programa [click](#), da bbc inglesa, esteve andando por tokyo recentemente e produziu um [vídeo de quase seis minutos](#), cujo resumo é... *gente, muita gente, trens e metrô, e-wallets [carteiras eletrônicas] para pagar tudo, akihabara [e como a santa efigênia é de brincadeira], games, hordas de jogadores de dragonQuest nos nintendo ds, ambientes hi-tech para doação de sangue e... idosos, muito idosos e muitos idosos e a [cyberdyne](#) [de verdade].*



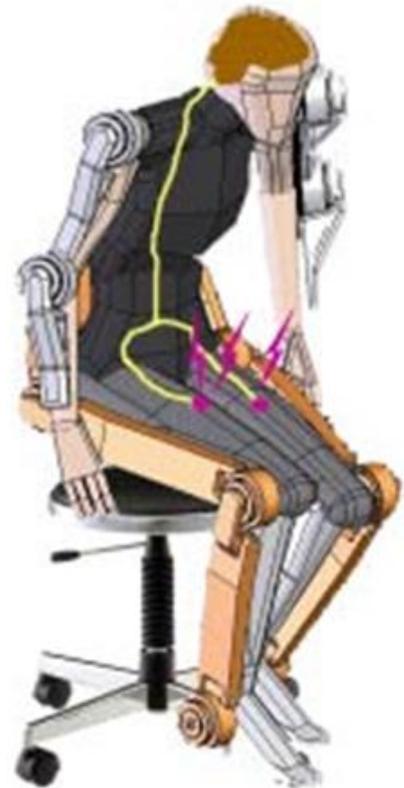
a [cyberdyne \[de brincadeira\]](#) é a companhia que, na ficção, domina o planeta com a [skynet](#) e constrói os robôs [terminator](#), popularizados nos filmes de schwarznegger. no cinema, a companhia é a mais pura e simples encarnação do fim do mundo.

na vida real, o estranho senso de humor japonês batizou com o mesmo nome uma empresa que vai fabricar um robô de vestir, [HAL \[hybrid assistive limb\]](#), ou *membros híbridos assistidos*. a coisa é um exoesqueleto inteligente capaz de [veja figuras ao lado] auxiliar o movimento de quem o veste, mais ou menos assim...

1] quando tentamos nos movimentar, o cérebro envia estímulos elétricos aos músculos; como resultado, sinais bioelétricos muito fracos aparecem na pele;

2] para HAL funcionar, sensores bioelétricos colados à pele capturam os sinais enviados pelo cérebro aos músculos;

3] estes sinais são enviados aos sistemas computacionais de HAL, que interpretam o movimento se deseja fazer e qual sua intensidade;



4] em sequência, sinais de controle são enviados para as partes desejadas do exoesqueleto, determinando que movimento deve ser feito e qual o torque a ser usado;

5] em função disso, as unidades de potência geram o torque necessário e põem o exoesqueleto em movimento;

6] toda esta sequência de ações se dá em frações de segundo e, segundo os proponentes da “máquina”, vai resultar em um conjunto de movimentos muito natural.

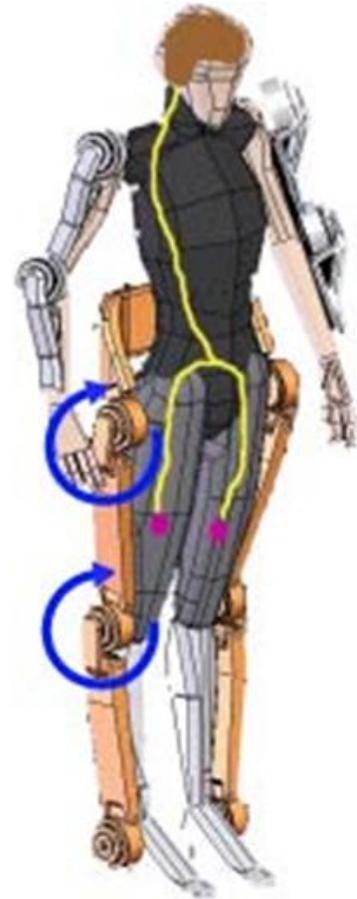
HAL tem um vasto banco de dados de sinais bioelétricos e seus possíveis encadeamentos e isso o torna, em tese, capaz de responder aos estímulos cerebrais com a naturalidade desejadas pelos seus projetistas e construtores.



se não é possível capturar sinais bioelétricos, o que pode ser o caso em algumas circunstâncias, o exoesqueleto pode ser dirigido por um controle remoto, o que certamente torna o processo muito mais complexo, mas oferece uma alternativa para casos muito mais difíceis do que idosos com problemas de mobilidade.

as tecnologias por trás de HAL vêm sendo desenvolvidas [há muito tempo](#) pelos [laboratórios do prof. yoshiyuki sankai](#), na universidade de tsukuba, e podem ser um grande passo na assistência a pessoas com problemas de mobilidade causados por condições de idade ou acidentes.

mas o mesmo tipo de tecnologia, que está sendo desenvolvido em várias partes do planeta, muitas delas bem menos pacíficas do que o [atual] japão, pode ser usado para bem mais do que auxiliar idosos a se movimentar.



este é o caso de XOS, um [exoesqueleto de uso militar](#) que está sendo [desenvolvido pela raytheon](#) para o governo dos EUA e que pode ser visto [em ação neste vídeo aqui](#).



os dois projetos são candidatos a se tornarem inovações radicais, capazes de mudar a vida de seus usuários. alguns vão poder voltar andar. outros vão poder andar muito mais, por muito mais tempo, carregados de armas e munições. resultados de HAL certamente servirão de base para projetos militares e tecnologias oriundas de XOS serão vistas em produtos parecidos com HAL. a tecnologia, por si própria, não tem moral ou caráter. vai caber a quem a usa decidir o que fazer com ela. como sempre, desde sempre.

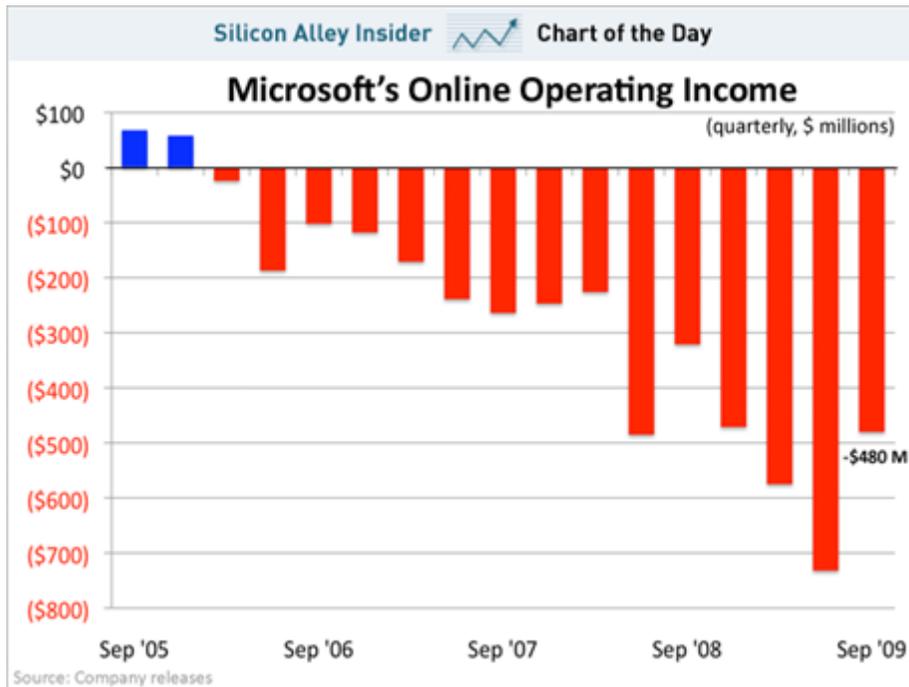
vamos esperar que nenhum dos projetos seja a base para transformar a [cyberdyne](#) de hoje na de amanhã...



competir perdendo dinheiro: quem pode, pode...

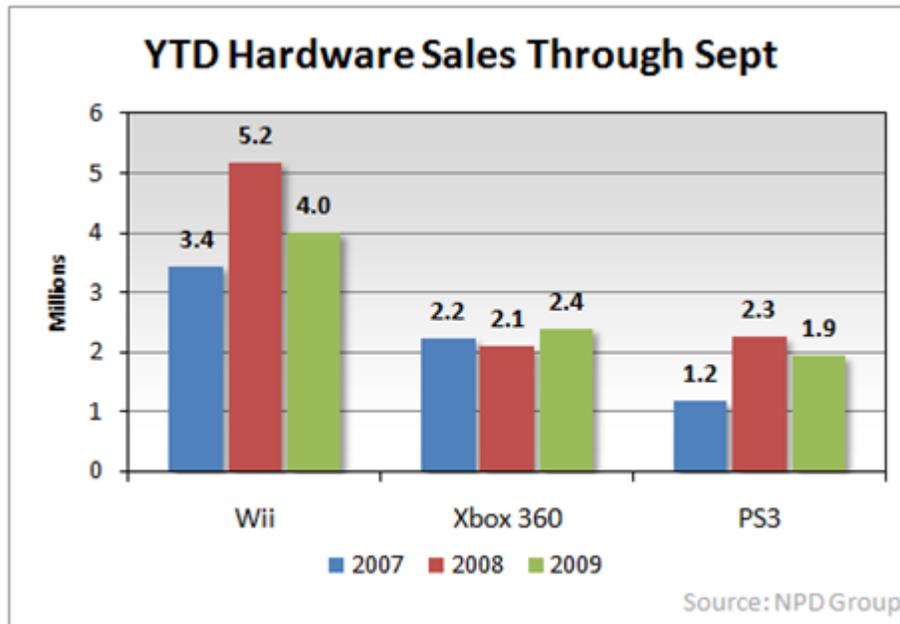
27.10.09

há quarenta e cinco meses a microsoft perde dinheiro em suas operações online. só nos últimos três meses foram US\$480 milhões. no último ano, muito mais de US\$2B. coisa de gente grande.



a microsoft, obviamente, tem caixa [[perto de US\\$30B](#)], resultante de suas operações offline, para bancar tamanho prejuízo. e o faz —e não desiste do online- porque sabe que o futuro de tudo o que tem a ver com tecnologias de informação e comunicação está na rede. é por isso que a microsoft não desiste de suas operações deficitárias de internet e web, nem que pra isso tenha que gastar muito mais dinheiro do que está investindo hoje. mas o caminho é longo e a subida, muito difícil.

mas a empresa já fez isso em outros departamentos, e por muito tempo. em 2001, cada xbox vendido dava US\$125 de prejuízo. pra redmond, isso era apenas uma parte da estratégia contra sony e nintendo; anos depois, em 2005, redmond perdia [coincidência?] [US\\$125 por xbox360 vendido](#), como parte da mesma e renovada estratégia. e os resultados nem sempre são os esperados, como mostra o gráfico abaixo:



a estratégia de vender por preço abaixo do custo nem sempre dá certo: o PS3 [em setembro] vendeu mais, nos EUA, do que o wii e o xbox360 [[492 mil vs.462 mil vs.352 mil](#)], pode pegar vapor e ser o console mais vendido nas festas de fim de ano. nos três últimos trimestres, a EDD, divisão da MSFT onde está o xbox360, [perdeu dinheiro em dois](#).

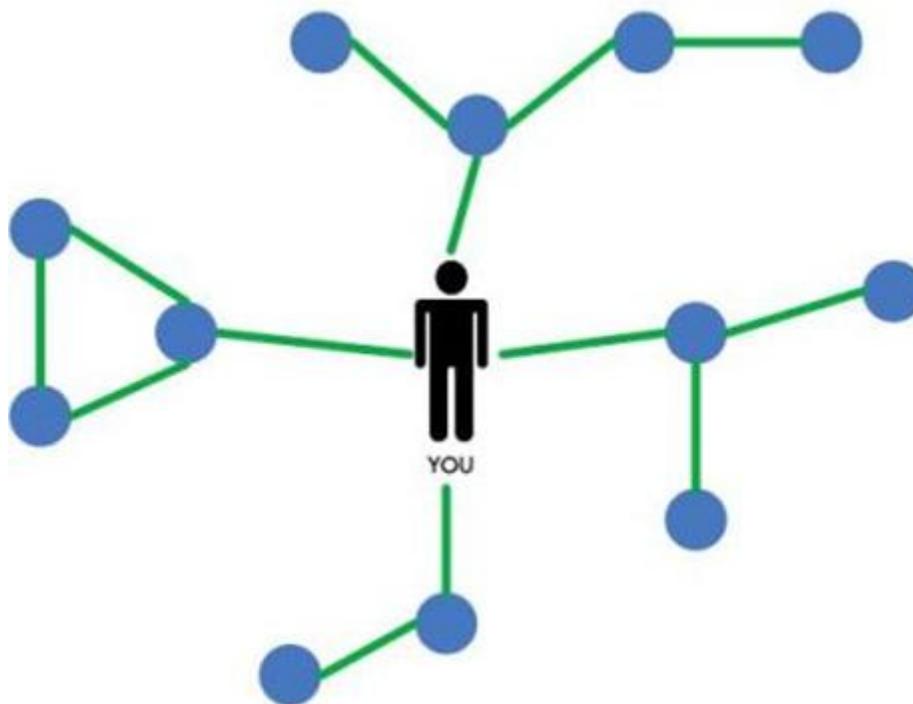
mas nem todos os números são ruins: em 2009, [a EDD lucrou US\\$319M](#), e a porção online do negócio é cada vez mais importante; no último trimestre, a [receita do xbox live cresceu mais de 50%](#). sinal de que o futuro de todas as divisões de qualquer empresa, inclusive a microsoft, é online.

e pra isso vai ser preciso, ainda, muito investimento nos negócios baseados em internet e web. e não será só a microsoft que estará fazendo isso. quem não o fizer vai estar fora do jogo, e de uma vez por todas. no caso da microsoft, em particular, competir está dando muito trabalho e gastando dinheiro. e muito. mas quem pode, pode...

as relações de trabalho e as redes sociais [abertas]

29.10.09

o [national law journal](#) publicou recentemente um texto que, se não tivesse fundo de verdade —e real possibilidade de acontecer— seria pura história de trancoso. [segundo o journal](#), as consequências não intencionais de se tornar “amigo” de alguém em uma rede social, se você é o empregador ou superior, no trabalho, deste alguém, podem causar ou exacerbar processos judiciais que começam em demissão sem justa causa, passam por favorecimento indevido e discriminação e acabam em assédio, sexual inclusive.



segundo o jornal legal americano, ser amigo de alguém em uma rede social [aberta, como facebook] pode levar um dos lados a saber coisas [do outro] que não se saberia no ambiente de trabalho... levando a consequências, desejadas ou não, nas relações e litigação trabalhistas.

nas redes sociais abertas, as pessoas estão contando suas vidas ao mundo. no caso de muita gente, talvez a maioria, sem qualquer crivo que separe o pessoal do profissional. a participação de gerentes e empregados, patrões e funcionários, nas mesmas redes, pode elevar o potencial de conflito nas relações de trabalho e emprego a níveis impensados, especialmente no cenário americano, onde a história do litígio, por qualquer coisa ou causa, é muito antiga e cara.

e olhe o histograma abaixo, [publicado neste blog em maio passado](#):



um terço das empresas americanas tem seu CEO em facebook, tem redes sociais como parte de sua estratégia de negócios e mais de 20% usa uma rede social como parte de seu processo interno de comunicação. o risco anunciado pelo national law jornal pode ser bem real. e alto.

um segredo que só a rádio corredor sabe, numa empresa [como um alguém que só trabalha bicado toda segunda e sexta], pode ser fato amplamente conhecido numa rede social e, ouvido por quem não deveria [o "chefe"], pode ter consequências funestas. para todos os lados. uns perderiam o emprego, outros seriam processados. pelo menos, nos EUA, este é o alerta do [national law jornal](#): se você é o empregador, nem pense em fuçar a vida de seus empregados

em redes sociais abertas; a acusação poderá passar, em muito, de invasão de privacidade. será?

e no brasil? podemos degradingolar, aqui, e em que escala, para os níveis de conflito dos EUA? algo que me diz que a advocacia trabalhista nacional, cada vez mais criativa e litigiosa, não tardará a arguir, aqui, as mesmas causas de lá. daí, talvez e pra todos, de um lado e de outro das relações trabalhistas, todo cuidado seja pouco com as relações nas redes sociais abertas.



tributo a evandro, ao afroreggae

30.10.09

como muitos brasileiros admiradores do [afroreggae](#), recebi por e-meio uma carta aberta do coordenador do grupo, meu amigo José Júnior. Este blog, solidário com o [movimento](#), os amigos e a família de [evandro](#), republica a carta de Júnior na esperança sincera, renovada, de que a luta por uma sociedade muito mais equilibrada signifique, num futuro cada vez mais próximo, cada vez menos mártires como Evandro.

Daqui até lá, que a luta de Evandro, relatada por Júnior de forma tão singela e objetiva abaixo, sirva de exemplo para todos nós. Porque a luta por uma sociedade mais justa, mais limpa, menos violenta, mais capaz de lidar com as desigualdades, injustiças e com a impunidade é de todos nós.

Quanto mais medo tivermos, como indivíduos e grupos, de lutar contra as mazelas do Estado e, ao mesmo tempo, seu aparelhamento por forças que, ao fim e ao cabo, destroem as bases da sociedade que queremos, mais mártires teremos.

Temos Evandro por mártir da luta por um Brasil mais justo. Ao mesmo tempo, temos todos que nos unir para que não precise haver mais Evandros para que tenhamos, todos, o Brasil que queremos. E que podemos ter se muitos mais, verdadeiramente, quiserem ter.

tá na carta aberta de Júnior: evandro é mártir, e mártir não morre. vira inspiração, transforma indignação em força; força que um dia, mais dia menos dia, vai acabar a guerra.

A carta
que eu nunca
queria
ter escrito.

Há 9 anos, Evandro João Silva entrou
no AfroReggae como professor de informática.
Há 7 anos, virou coordenador do núcleo
de Parada de Lucas.

Há 4 anos, Evandro criou uma oficina
de música clássica em Parada de Lucas.
Há 8 meses, iniciou um projeto social
no sistema prisional carioca.
Há 7 meses, discutimos dezenas de novos projetos.

Há 13 dias, Evandro me deu um abraço
e me disse até amanhã.
Há 12, virou um mártir.

Desde então, nosso único alento
é que mártir não morre. Vira inspiração,
transforma indignação em força.

Força para que continuemos a nossa guerra.
Uma guerra da qual ele, orgulhosa e intensamente,
fazia parte.
Uma guerra em que lutaremos sempre.

Mas sempre torcendo para que um dia ela acabe.

AfroReggae.
Grupo Cultural



José Junior

tempo de twitinovação

31.10.09

[com a palavra, evan williams, CEO de twitter](#), talvez o negócio mais inusitado, improvável, querido e, quem sabe, do ponto de vista de retorno sobre investimento... entre os mais lucrativos do futuro próximo:

"Most companies or services on the Web start with wrong assumptions about what they are and what they're for. Twitter struck an interesting balance of flexibility and malleability that allowed users to invent uses for it that weren't anticipated."

...a maioria das companhias e serviços na web parte de pressupostos falsos sobre o que são e pra que servem. twitter atingiu um equilíbrio interessante entre flexibilidade e maleabilidade que permite inventar usos [do site, sistema] que não haviam sido antecipados.

[agora ouça](#) o que diz [eric von hippel](#), autor de [democratizing innovation](#), ninguém menos do que o líder do grupo de inovação e empreendedorismo da sloan school of management do MIT...

"Twitter's smart enough, or lucky enough, to say, 'Gee, let's not try to compete with our users in designing this stuff, let's outsource design to them' "...

...twitter é inteligente ou sortudo [ou esperto] o suficiente para dizer... "perai, não vamos competir com nossos usuários no desenho deste negócio, vamos deixar que eles o façam, vamos terceirizar nossa inovação para nossa comunidade".



resumo? inove **com** seu público, seus usuários e clientes. mais: permita, crie espaços, entradas, infraestruturas para que sua **comunidade** se torne o **motor de inovação** do negócio. ela é parte essencial de sua empresa e cadeia de valor e sabe, ou vai descobrir, com você [se tiver chance e meios], o que é bom pra todos. e isso acaba sendo bom pra você, seu negócio e renda também.

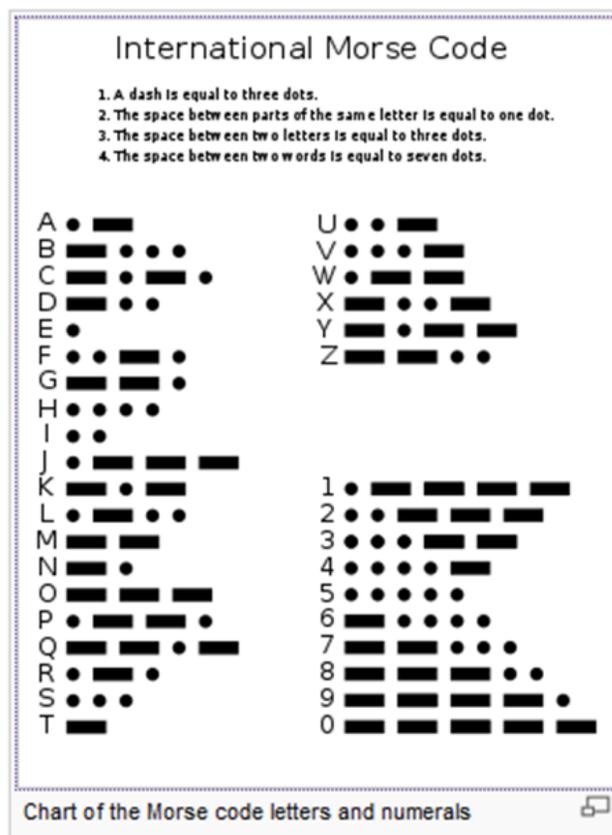
caso contrário? todos se tornarão seus ex-usuários, serão parte de outra comunidade onde seja possível ser mais do que simples parte da audiência.

na web, aliás, audiência já era. pra sempre, aliás. ainda bem.

telco: plataforma; voz? API.

03.11.09

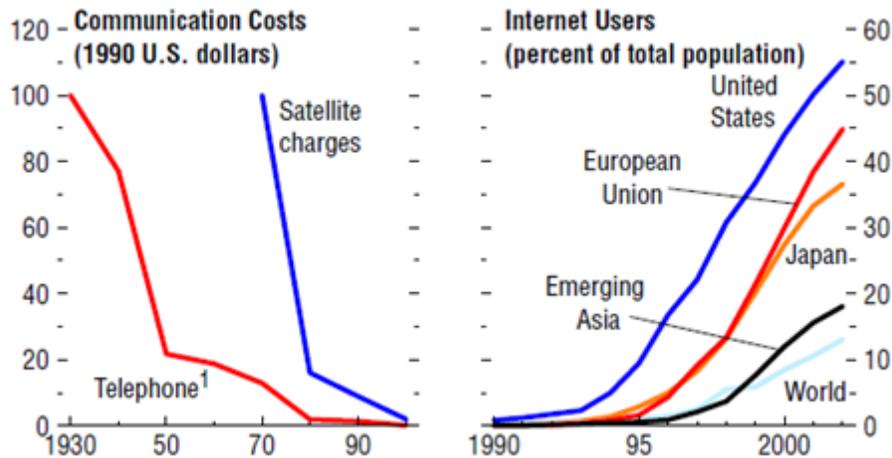
em algum lugar do passado, junto com telégrafo, telex e radioamadores, havia um tipo de companhia conhecido como “telefônica”. e as companhias telefônicas faziam, bem ou mal, o que dizia o nome: conectavam pessoas, quando era possível, através do telefone. e o faziam transportando voz entre um ponto e outro. isso, como já dissemos, se tudo desse certo. meu pai, há quatro, cinco décadas, cansou de esperar dois, três dias por uma “ligação”. só não era pior porque, na época, era um grande avanço sobre, por exemplo, os mecanismos de comunicação associados aos códigos [morse](#) e [baudot](#).



desde que samuel morse criou o código da tabela acima, há mais de 160 anos, aconteceu muita coisa. inclusive a invenção do [telephone](#) [com “ph”, também no brasil, à época] por alexander graham bell ao redor de 1875: bell estava tentando criar um “telégrafo falante” e acabou montando o sistema de conhecimento e negócios [na época, sem que ele soubesse, uma “cadeia de valor”] que originou, até 1904, [mais de seis mil compahias “telefônicas” só nos estados unidos](#).

pense num negócio que foi muito bom, por muito tempo. mas transportar voz, como negócio, só resiste graças ao monopólio das operadoras e à indisposição dos governos para promover

banda larga universal. veja os gráficos abaixo: à esquerda, o custo de uma ligação de três minutos entre londres e nova iorque; à direita, a penetração de internet em algumas regiões e no mundo.



em 1930, três minutos entre londres e nova iorque [custavam cerca de US\\$300](#), a dinheiro de hoje; a mesma ligação, hoje, se ainda feita por telefone, sai por US\$0.20. usando voz sobre IP, podemos assumir, para todos os efeitos, que é um pouco acima de zero. mas só um pouco.

isso significa que voz e as “telefônicas” vão acabar? a velha voz e as velhas telefônicas, sim. e já não era sem tempo. afinal, estão aí há mais de 100 anos. que outra indústria ou serviço, pense, existe há tanto tempo, fazendo a mesma coisa, do mesmo jeito?... não são muitas.

mas há uma nova “telefônica” surgindo. ouça alec saunders, da [iotum](#), *mudando a conversa...*

Let's instead change the conversation — acknowledge that the carrier network is a platform, and that the carrier has a need for an application community, and begin the dialog between network partners and developers about the ability for those operators to help us get to market.

... e urgindo as teles a reconhecerem que são plataformas e, como todas as plataformas, precisam de uma comunidade de desenvolvedores [assim como salesforce, facebook, amazon aws e twitter, entre tantos], para que seja possível um diálogo construtivo entre quem tem rede e que sabe e pode desenvolver aplicações sobre sua plataforma, para que clientes e usuários tenham produtos e serviços, no mercado, a seu dispor.

fácil de dizer. mas muito difícil de fazer. do outro lado da linha, literalmente, entrincheiram-se monopólios guiados por gestores mais afeitos a cortes e margens do que adeptos de desenvolvimento e risco.

mesmo assim, cambaleando, a coisa começa a mudar. veja o [exemplo de ribbit](#), startup comprado pela BT [por US\\$100+M](#) há pouco mais de um ano, cujo CEO acaba de ser nomeado para [liderar a galera de tecnologia do negócio BT VOICE](#). ribbit trata voz como mais uma API, como mais uma interface de programação. os exemplos mais comuns são [ribbit+salesforce](#) [fazendo seu software ou plataforma de relacionamento “falarem”] e ribbit+oracle.



quando se considera a arquitetura “para voz” proposta por ribbit é que se entende porque o operador inglês comprou o startup californiano de, como eles dizem “[telefonia programável](#)”. na figura abaixo, a rede telefônica clássica é apenas a caixinha [PSTN](#) lá embaixo, à esquerda. o resto tem a ver com novas formas de processar, armazenar, recuperar e distribuir voz sobre a rede, voz e rede sendo programáveis pela comunidade.



a BT está se movendo. a maioria das outras operadoras, não. para as que ficarem paradas, deve sobrar o papel de, cedo ou tarde, se verem apenas como fornecedores de uma facilidade de comunicação básica, comoditizada, à qual muitos outros estarão agregando valor.

aqui na periferia, o risco é ainda maior. estamos acostumados a só ter, nestes confins, parte do que tem o mundo, muito tempo depois e bem mais caro. mas a infraestrutura de redes de computação, comunicação e controle [ou “informaticidade”, [veja o porque do nome aqui](#)] é parte essencial da base para o desenvolvimento econômico, social e humano, como mostra a discussão em torno do [plano nacional de banda larga](#).

e não se pode pensar, depois de perdermos tanto tempo sem fazer nada sobre [informaticidade](#), de verdade, no brasil, ter como próximo passo apenas o estabelecimento de canais de dados cobrindo uma boa parte do território nacional. temos que ir mais longe, mais rápido: temos que passar a tratar as redes das operadoras como plataformas abertas e programáveis [por um preço, claro] e a infraestrutura secular de voz, renovada, não mais como “telefonia”, e sim como uma interface de programação para variadas famílias de serviços e produtos.

ou então esperar mais uma década ou mais para que coisas como ribbit apareçam por aqui, quando vai ser tarde demais para agregarmos valor em mercados similares ou mesmo fazer uso da tecnologia para aumentar, de forma significativa, a competitividade das nossas empresas e economia.

é tudo uma questão de fazer escolhas. e de entender, antes, quais são as alternativas. o resto é perda de tempo. talvez ao telefone...

informaticidade: brasil investe em data centers

05.11.09

quase tudo o que existe, na economia [pelo menos], está sendo informatizado. montanhas de software e hardware são parte essencial da infraestrutura capaz de fazer com que apenas um dos grandes bancos [brasileiros] chegue a tratar até trezentos milhões de transações por dia.

pra entender o significado de “montanha”, um dos pisos do *data center* [centro computacional] que a microsoft está abrindo em des moines, perto de chicago, EUA, tem 56 containers, cada um com algo entre 1.800 e 2.500 servidores. arredondando, são 100.000 servidores. e isso num dos pisos. a instalação inteira tem perto de setenta mil metros quadrados e, quando estiver completamente funcional, terá entre trezentos e quinhentos mil servidores. abaixo, a imagem do interior de um dos containers instalados no centro computacional.



para ter uma idéia da complexidade do projeto, construção e operação de um centro computacional deste porte, [vá ler este link](#), onde a microsoft explica a estratégia de centros computacionais da empresa. e onde há diagramas como o mostrado abaixo, explicitando a idéia de instalações modulares, onde se pode inserir e retirar containers sob demanda, para atender picos e vales de utilização à medida em que aconteçam.



centros como estes serão o suporte para o que todo mundo está chamando de “nuvem” computacional. na microsoft, quer dizer rodar [pelo menos parcialmente] “na rede” tudo o que a empresa já faz no seu desktop e serviços como MSN [que já estão na rede de uma forma ou de outra], mais dar suporte ao sistema operacional “em rede” [azure](#), que se quer tornar, a partir de 2010, uma base para o desenvolvimento de aplicações [windows “na nuvem”](#), ou seja, que são desenvolvidas para rodar distribuídas na internet, de forma escalável.

azure, para a microsoft, será o que [AWS já é para a amazon](#), que já tem um número muito grande de aplicações rodando sobre sua plataforma [[inclusive twitter](#)]. dia destes eu dei uma palestra sobre este assunto, na UPE, em caruaru, e os [slides estão neste link](#). tá cheio de imagens e conceitos lá, talvez valha a pena [dar uma olhada](#). e há um ano, mais ou menos, [este blog publicou um texto sobre informaticidade](#) que citava a construção da instalação de des moines; à época, se estimava que a coisa poderia suportar até um milhão de servidores.

o conceito de [informaticidade](#) é muito simples: trata-se, ou tratar-se-á, quando houver de vera e amplamente, de informática provida [do ponto de vista do usuário] de forma tão simples quanto [hoje é o caso de] eletricidade:

os computadores e seu uso nos negócios foram inovações radicais do século XX, mudando o mundo e criando possibilidades que, processando dados à mão, eram impensáveis. mas toda inovação é incompleta, imperfeita e impermanente, e sempre chega, de novo, a hora de inovar. não que informática tenha se tornado commodity e qualquer um, em qualquer lugar, possa provê-la. mas, lá atrás, energia se tornou eletricidade, disponível na tomada, e não queremos saber como nos chega. usamos, pagamos e pronto.

*da mesma forma, processamento de informação vira **informaticidade**: interfaces especificadas e entendidas, escondendo funções e procedimentos que queremos, sim, saber o que fazem. suas propriedades são mais complexas do que os fluxos de corrente [da “energia elétrica”] que produzem calor, luz e movimento. mas, uma vez a par dos significados por trás das interfaces e tendo acesso remoto, confiável, de alta performance e barato, não precisamos, para usar tal **informaticidade**, de departamentos de tecnologia do lado de cá da rede.*

*e isso é uma boa notícia para todos. primeiro, para o pessoal “de tecnologia”, que vai trabalhar onde os problemas “tecnológicos” estão, e onde é mais interessante e divertido estar: lugares como amazon s3 [armazenamento online], netvibes.com [ecologia de informação] e salesforce.com [cadeia de valor de processos de automação de negócios]. todos são exemplos de **informaticidade**, atrás do conector, sem que o usuário pense em segurança, performance, updates, backup... problemas lá do pessoal “de tecnologia”.*

uma boa notícia é que tudo o que nós usamos como infraestrutura de informação vai, mais cedo ou tarde, migrar pra “nuvem”. e outra boa notícia é que, também no brasil, um número de empresas está investindo no estabelecimento de centros computacionais para provimento de serviços de informaticidade. [reportagem do valor de ontem](#) identifica mais de R\$500 milhões sendo investidos em centros computacionais em apenas quatro projetos, e dá conta de que já há dificuldade de se encontrar terrenos, nas principais cidades, para instalação de tais centros. isso é de mais de uma forma, um bom problema para gestores públicos e privados.

[segundo a reportagem](#), pesquisa da itData com mil empresas de médio e grande portes revela que 39% delas já terceirizam total ou parcialmente seus centros de dados e, segundo a IDC, com o mercado aquecido, é um grande desafio para as empresas encontrarem locais financeiramente atrativos e que atendam a todos os requisitos de infraestrutura.

os tais requisitos passam por disponibilidade e qualidade das infraestruturas de comunicação, elétrica e água, além de acesso. como os centros vão se “descentralizar”, inclusive pela necessidade de replicar serviços para obter maior confiabilidade, taí uma boa oportunidade

para cidades que ainda não estão muito bem no mapa digital do país se tornarem, com o tempo, endereço dos centros computacionais da “nuvem” brasileira.

abaixo, [mais uma foto](#) do centro de des moines; para manter os sistemas em temperatura de operação, há cerca de doze quilômetros de tubos de água gelada. informaticidade, do lado de lá da tomada, é isso aí.



estão pra revogar a convergência digital...

09.11.09

uma estória datada, que se conta em qualquer interior que se preze, é que um ex-prefeito [nunca o atual] menos letrado, ao ser informado que os recursos do erário público não seriam suficientes para construir a caixa d'água monumental que fecharia seu mandato com chave de ouro, indaga ao seu interlocutor a razão... e recebe como resposta que o problema é [a lei da gravidade](#). impávido, o alcaide diz que isso é coisa pouca, pois enviará à câmara, de imediato, um projeto mandando a tal da lei da gravidade para o espaço.

numa versão mais longa da mesma conversa, o líder do governo, vereador pouco mais instruído, informa ao prefeito que não vai adiantar... porque a lei da gravidade “é federal”.



federal mesmo vai ser –quando, ou depois que se tornar lei- o [PL29/2007](#), ou simplesmente [PL29](#), que “*dispõe sobre a organização e exploração das atividades de comunicação social eletrônica e dá outras providências*” e que está transitando pela [CCTI](#), a comissão de ciência e tecnologia, comunicação e informática da câmara dos deputados.

o projeto, tornando-se lei, vai regulamentar desde a quantidade de comerciais nos intervalos das TVs pagas até [quem pode contratar talentos artísticos de qualquer natureza](#) para veiculação em meios de comunicação, passando pelo que se pode ou não fazer na internet. e deve [transformar a ancine em uma superagência reguladora de tudo o que for conteúdo](#) que passe por aqui, nacional ou não. e criar, como não poderia deixar de ser, um bom número de conflitos entre ela e a anatel.

e como papel –ou editor de texto- ajudado por vontade política aceita absolutamente tudo, inclusive a revogação das [equações mais elementares de newton](#), [o deputado josé rocha, \[pr/ba\] está propondo](#) a proibição de empresas cujo objeto social não a enquadre como prestadora de serviços de comunicação social, constituída sob as leis brasileiras, de adquirir eventos de interesse nacional e contratar talentos artísticos nacionais.

isso quer dizer que um portal como o **TERRA** não poderia veicular uma olimpíada, copa do mundo ou campeonato nacional de coisa alguma. e a definição do que é interesse nacional, se a emenda acima passar, terá que ser regulamentada e provavelmente será decidida, caso a caso, por mais um conselho ou comitê, como se no país tivéssemos poucos. em resumo, o deputado está propondo que se revogue a convergência digital, que vem a ser uma espécie de lei da gravidade de nossos tempos. não é preciso tecer considerações, aqui, sobre a desnecessidade de tal tipo controle; trata-se, simplesmente, de uma tentativa de aprisionar possíveis futuros no passado.



Foto DIP / Empresa Bras. de Notícias

mas talvez valha a pena dizer que, lá no passado, o país já viveu ditaduras de controle da mídia e conteúdo. o caso mais notório é o do departamento de imprensa e propaganda, o [DIP da era vargas](#), criador da “hora do brasil” e da agência nacional, que até hoje nos acompanham. para quem quiser entender um pouco mais do DIP e de seu tempo, [há um texto simples e direto neste link](#); para um conjunto mais amplo de textos e links, consulte a [página do CPDOC/FGV sobre o assunto](#) e, para começar a estudar o tema e entender as possíveis consequências de um PL29 “mal aplicado” ou controlado por “certos interesses”, leia [estratégias de controle da mídia: o caso da radiodifusão no estado novo – 1937/1942](#), de othon jameiro et al.

mas o representante da bahia não é um lutador solitário pelo aumento do controle da mídia, seja ela qual for. para não ficar muito atrás, o [deputado paulo roberto pereira \[ptb/rs\] quer](#)

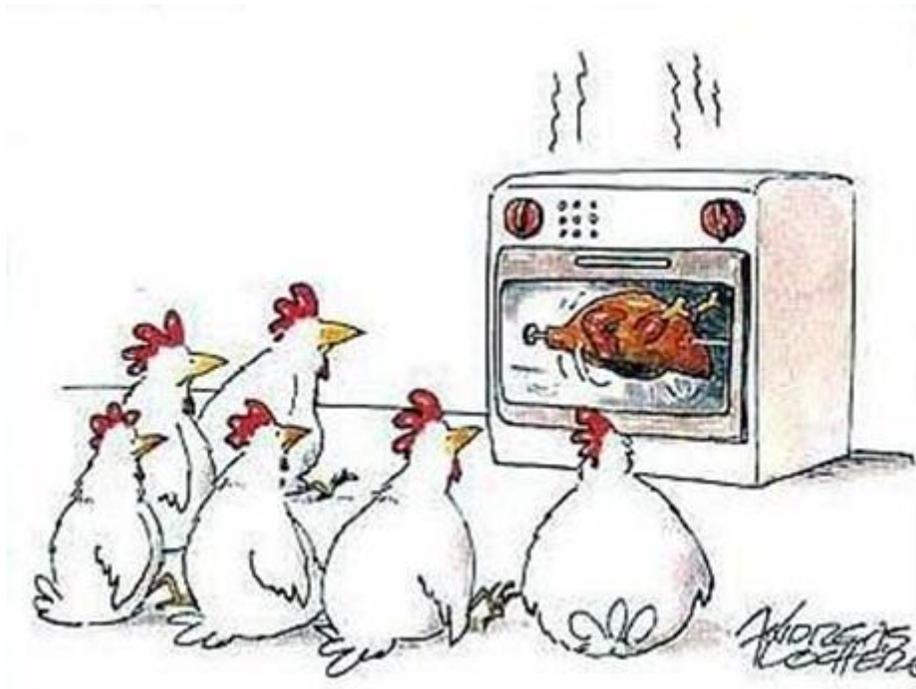
[obrigar as TVs pagas...](#) a veicular a propaganda eleitoral e partidária gratuita, prevista na legislação brasileira, nos mesmos parâmetros das regras que regulam a propaganda eleitoral e partidária no rádio e televisão, inclusive quanto ao benefício fiscal.

segundo o nobre deputado, seu objetivo é... *manter o eleitor brasileiro próximo aos políticos e atualizado quanto aos assuntos e evolução da política nacional.* o deputado deve estar de posse de algum levantamento que indica haver brasileiros que só têm acesso a TV paga e estão ávidos por propaganda eleitoral e partidária, *para ficarem próximo[s] aos políticos e atualizado[s] quanto aos assuntos e evolução da política nacional...*

deve ser. deve haver muita gente interessada inclusive no andar, quase que literalmente, da carruagem do PL29 na CCTI. mas não, não há. não consigo imaginar quem quer que seja, com a provável exceção de uma certa parcela da nobre classe política, assinando uma petição por propaganda eleitoral e partidária, boa parte da qual sandices de legendas de aluguel, nas TVs fechadas ou, de resto, em qualquer TV, rádio, ou jornal.

o que deveria ser feito, isso sim, era liberar o precioso tempo do espectro de rádio e tv ocupado pela propaganda eleitoral e levar toda ela para a internet, onde a audiência se tornou comunidade e escolhe o que vai ver, ouvir e do que vai participar. a audiência seria fantástica. e bem perto de zero, creio eu.

espera-se não só que tais propostas não passem pelo crivo da CCTI mas que os nobres deputados da comissão consigam refrear sua criatividade, dado que ainda podem apresentar emendas ao texto do substitutivo ao projeto até a próxima quarta, dia 11.



claro que o debate sobre conteúdo, conteúdo nacional e infraestruturas de e para mídia não é trivial; para ter uma idéia do cenário, [leia este texto de sayonara leal e laura haje](#), onde as pesquisadoras fazem um mapa das... *lógicas e interesses que perpassam as atuais propostas dos projetos de lei para regulamentação do processo de convergência tecnológica no setor das*

comunicações no brasil. conteúdo nacional é importante, sim, e o assunto tem que ser pensado, em toda sua [amplitude e complexidade](#), e amplamente [debatido dentro de contextos nacionais](#), dado que cada país é naturalmente diferente de qualquer outro e se encontra em seu particular estágio de desenvolvimento. mas daí para querer aprisionar a nação em estruturas vencidas pelo tempo não só é demais, mas é aumentar, em muito, o custo brasil. por que?

porque aqui temos o vício de nos sentir vencidos por uma “modernidade”, sempre criada por outros. e sempre queremos preservar, para o futuro, um passado que, noutras plagas [[plagas?](#)], já não tem mais lugar no presente. tais tentativas são um sinal muito claro de nosso subdesenvolvimento no que tange às capacidades de inovar, empreender, pensar, planejar e, de resto, olhar para o mundo como o nosso quintal, e não de nos olharmos [como sempre é o caso] como o quintal do mundo.

além do mais, parece que o bom senso [e a [boa teoria](#)], no assunto, diz que a economia das comunicações –infraestrutura e conteúdo- depende da forma através da qual se regula o conteúdo. como consequência, criar uma competição entre agências regulatórias [como será fatalmente o caso aqui, depois do PL29 transformado em lei] não será bom para os negócios, [para as pessoas](#), como cidadãos e consumidores, para o país.

a inglaterra, desde 2003, fez tal descoberta e [unificou suas agências regulatórias](#) relacionadas a mídias através da OFCOM. os resultados da fusão se revelam, até agora, muito acima da média dos países onde os conflitos regulatórios continuam.

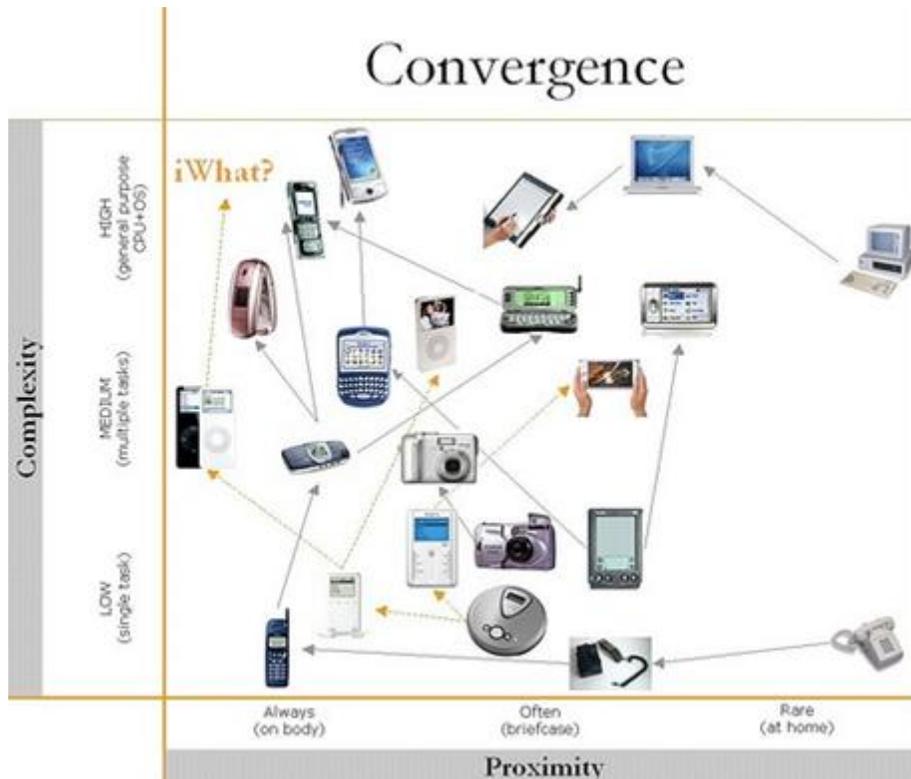
de resto, e pra terminar, querer regular o passado, como é o caso de boa parte do PL29, nos levará ao... passado [como querem, ainda mais objetivamente, os nobres deputados rocha & pereira]. também em 2003, [cees hamelink](#), da universidade de amsterdam, na [graham spry memorial lecture da universidade de montreal](#), já dizia que...

Current international human rights standards cover mainly the dissemination of information, the consultation of information, and the registration of information. Practically all human rights provisions refer to communication as the "transfer of messages." This reflects an outdated conception of communication as "distribution." Communication is interaction: a process of personal and public dialogue! The shift from distribution to interaction requires the adaptation of human rights standards to the new reality of global interactive technologies and the emergence of networking in many social domains.

*...os atuais padrões internacionais de direitos humanos tratam principalmente do registro, consulta e disseminação de informação. na prática, todas as provisões de direitos humanos tratam comunicação como “transferência de mensagens”. e isso reflete uma concepção datada de **comunicação como distribuição**. mas **comunicação é interação**, um conjunto de processos de diálogo pessoal e público! **a mudança de comunicação para interação requer uma***

adaptação dos padrões de direitos humanos para a [nem tão] nova realidade de tecnologias interativas globais e a emergência de redes [de todos os tipos] em muitos domínios sociais.

a mensagem não poderia ser mais clara: **deveríamos estar tratando de conectividade e interação, e não de comunicação e disseminação.** e isso há pelo menos uma década. o que constrói o futuro é tratarmos dele, o tempo todo, no presente. e não o contrário, que é, no caso, tentar carregar o passado para o futuro. ainda mais porque, felizmente, não vai dar certo.



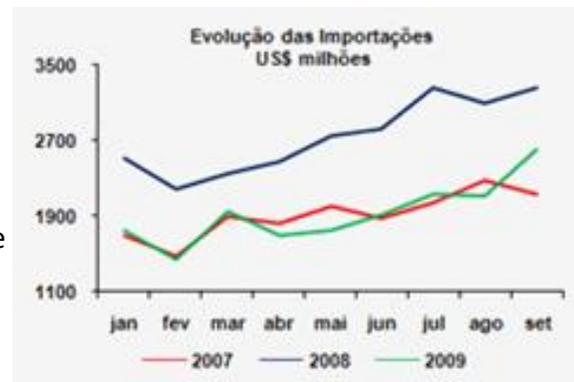
eletrônicos: a crise ainda não acabou e...

12.11.09



dados recentes da abinee, associação da indústria do setor eletroeletrônico, mostram que a crise continua por aí, e em variados setores da economia. clique no gráfico ao lado, que mostra as exportações do setor nos últimos três anos [2009 em verde, bem abaixo de 2007, em vermelho, e do azul de 2009], que você vai direto para o balanço feito pela abinee até setembro deste ano.

a crise neste mercado tem vários componentes, incluindo o *day after* da crise de crédito e a valorização do real. e o real forte não causou, por exemplo, um aumento excessivo das importações, como mostra o gráfico à direita, onde se vê que a entrada de eletrônicos, em 2009 [verde], voltou aos níveis de 2007 [vermelho]. mas a valorização da moeda brasileira pode ter tido um efeito negativo muito sério na competitividade de produtos brasileiros lá fora: só a exportação de celulares, no ano e em valor, caiu 38% em relação ao mesmo período de 2008.



a única consequência benigna do atual estado de coisas [?] é que o déficit do setor, eterna preocupação dos formuladores de política para a área, caiu, e caiu muito, como mostra o histograma ao lado. em relação a 2008, estamos economizando mais de cinco bilhões de dólares até agora. a previsão para 2009 é de US\$22B de compras e US\$7B de vendas, o que vai causar um rombo de US\$15B nas contas do país. grande, muito grande, [mas bem menor do que os US\\$22B do ano passado.](#)

pra se ter uma idéia comparada do tamanho do problema, a tonelada de soja [[este mês](#); veja os [dados históricos aqui](#)] está cotada ao redor de US\$400 e o brasil deve exportar cerca de 25 milhões de toneladas de soja este ano o que vai resultar em US\$10B do lado positivo da

balança: por estas contas, precisamos de safra e meia de soja [exportada] só para cobrir o déficit de eletrônicos.

segundo a abinee, o mercado de 2009 será de 5 a 7% menor do que 2008, e a indústria deve voltar a crescer no ano que vem, [mas...](#) "Não há um futuro muito promissor... A tendência é que o déficit volte a aumentar em 2010". talvez voltemos aos níveis de 2008, e aí será necessário exportar **duas** safras de soja [no ano] pra pagar a conta: haja desmatamento.

a pergunta que talvez devêssemos fazer, sobre a crise da balança de pagamentos de eletrônicos, é... quais são as causas estruturais do déficit ou, talvez, qual é a **principal causa estrutural** do déficit? a indústria tem sua lista, ela é longa e passa pelos onipresentes e reais juros altos, parte do ubíquo custo brasil.

do lado de cá do blog, meus botões e muitos especialistas acham que o problema é mais profundo. o fato é que nós não somos competitivos no mercado internacional porque não temos o custo da china [e parece que nunca teremos] e, ao mesmo tempo, não somos inovadores como a finlândia [por exemplo]. e a consequência é que, no negócio de eletrônica em geral, informática inclusive, continuamos [majoritariamente] produzindo *commodities* para o mercado nacional.

precisamos de muito, mas muito mais empresas e empreendimentos que, ao invés de se pensarem num quintal de mundo e aceitarem como uma espécie de dádiva divina o quinhão que lhes sobra, quase que por definição e exclusão, passem a pensar no mundo como um quintal de suas operações. claro que é um quintal complexo e difícil, cheio de gente, parte da qual muito competente. mas competir em mercados internacionais nunca foi fácil e sem riscos.

para competir, de verdade, é preciso inovar. e a receita é conhecida: vamos ver o que pensa [paulo tigre, presidente da fiergs](#): *a inovação é a chave para a competitividade das empresas e o desenvolvimento do país e, conseqüentemente, determinante para o aumento da produtividade e da renda real*. quase todo ator de primeira grandeza do cenário industrial e de negócios brasileiro, se provocado, daria uma declaração similar.

mas enquanto as empresas brasileiras de eletrônica e informática, inclusive muitas que se acham inovadoras, continuarem pensando em cópias rápidas e rasteiras de produtos existentes no mercado internacional, criadas para substituir importações para o mercado nacional, sempre num espírito rasteiro de "precisamos correr atrás"... continuaremos, sim, atrás e muito pouco competitivos no mercado internacional. e a balança comercial do setor continuará desbalanceada.

e os sinais de que ela pode se tornar ainda mais negativa são muitos, incluindo o significativo número de empresas brasileiras [de hardware] planejando a terceirização de sua produção para o sudeste da ásia. quando isso acontecer [é só o dólar cair um pouco mais...] o governo certamente reagirá com barreiras à importação, reinstalando com toda força o mercado cinza

do setor, pelos caminhos desastrosos, do ponto de vista de trabalho, renda e impostos, que todos nós já conhecemos.

a crise da balança comercial dos eletrônicos e da informática não é superficial e tampouco conjuntural; ela é profunda, estrutural e nunca [na história deste país...] foi tratada com a atenção, dedicação, conhecimento e investimento que deveria, tanto do ponto de vista das empresas como das políticas públicas. enquanto isso não for feito, a crise não será resolvida, pois não se resolverá sozinha.

e o resto é economia de elevador, publicada todo mês como se fora tábua de marés, com números dançando para cima e para baixo, sobre discursos vazios e ouvidos ociosos.

[jornalismo: diploma articula volta triunfal](#)

13.11.09

está em curso uma tentativa acelerada de restaurar o diploma para o exercício da profissão de jornalismo. a via escolhida é o senado, onde transita, na comissão de constituição e justiça, uma proposta de emenda constitucional [[PEC 33-2009](#)] que, se aprovada, vai inserir direto na carta magna a exigência de diploma para o exercício da profissão de jornalista.

a PEC do jornalismo vem cercada de pouco surpreendente apoio da casa, pois bateu o centro subscrita por 50 senadores, quando apenas 27 seriam necessários para dar andamento a uma proposição do tipo. apoiada por tanta gente, a 33-2009 progride célere e já está a ponto de ser votada pela CCJC, a comissão de constituição, justiça e cidadania, onde estão paradas outras emendas constitucionais submetidas [há uma década inteira](#).

este autor discorreu extensamente sobre o tema em junho passado, quando defendemos a tese da desregulamentação de todas as profissões-meio, entre as quais se encontra jornalismo. ao contrário, por exemplo, de neurocirurgia, atividade que está associada a uma profissão-fim. os textos deste blog sobre o assunto [estão neste link](#) e uma versão comentada, em .pdf, [está aqui](#).

no senado, no entanto, as considerações são mais, digamos, utilitárias, não passam por teorias de profissão ou análises comparadas da profissão em países diferentes e, face à exigibilidade ou não do diploma, a qualidade do jornalismo praticado aqui e algures. tampouco se discute a oportunidade e necessidade de criar, ou não, reservas de mercado para exercício profissional por portadores de diplomas específicos. é tudo muito mais básico. sem qualquer consideração preliminar, o [relatório do senador cearense inácio arruda dispara](#): *...nada impede que os meios de comunicação tenham outros partícipes e colaboradores, mas jornalista é profissão de quem tem diploma*. ponto final.

tangida por interesses pessoais, corporativos, sindicais e de fábricas de diplomas, entre outros, e à revelia de uma discussão maior do que é melhor ou pior para o país, a PEC vai galgando os degraus da escada da aprovação no congresso, revertendo um dos poucos sopros recentes de modernidade. mesmo por razões dúbias, a desregulamentação da profissão de jornalismo abriu uma discussão sobre a desregulamentação de outras tantas e a suspensão dos processos de regulamentação de ainda muitas outras, ora em curso no congresso nacional.

se o senado tivesse algo mais a fazer a não ser se debater em suas próprias mazelas e tentar legislar sobre causas confusas e de escasso interesse e valor para a sociedade [[como a regulamentação da profissão de analista de sistemas “e suas correlatas”, proposta do senador azeredo](#)], bem que poderia ter lançado um grande debate, estudo e revisão das profissões no país, botando no pacote a legislação trabalhista e sua institucionalidade, para ver se trazia nossa sociedade e economia do século XVIII para, pelo menos, o XX.

mas não. tudo o que faz é produzir preciosidades inexplicadas como a do relatório do senador arruda: *jornalista é profissão de quem tem diploma*. e afinal de contas, pra que discutir o futuro das profissões e sua legislação, na era do conhecimento, se é possível -e fácil- manter o passado vivo, no presente, com a sociedade pagando a conta das ineficiências das reservas de mercado e cartórios?...

[twitter: uma mesa de bar, 140 caracteres por vez](#)

15.11.09

a edição de [hsm management](#) que está nas bancas trata de redes sociais e tem um box daqui do blog sobre as redes sociais virtuais e seu impacto nas corporações. [adriana salles gomes](#) está por trás de uma boa parte da conversa e, a seu pedido, mandamos o texto abaixo. que rola aqui, também, como parte do nosso domingo:

O que os textos sobre redes sociais desta edição da HSM Management nos dizem é que empresas são abstrações usadas, comercialmente, para representar a ação coletiva de sua cadeia de valor e, cada vez mais, de seus colaboradores. E isso tem consequências muito profundas. Vamos pegar um exemplo de rede social, o que ele tem a ver com sua empresa e um caso brasileiro, recente. Twitter parece uma grande mesa de bar, 140 caracteres por vez. Com dois problemas, do ponto de vista da empresa de quem está “na mesa”: primeiro, a mesa pode ser muito grande, centenas de milhares de pessoas ao redor de uma conversa. Segundo, ao contrário do bar, onde ninguém escreve o que os outros dizem, tudo fica escrito e pode ser replicado ad infinitum. Com as devidas consequências, criadas pela mediação tecnológica da “mesa de bar” online, na web 3.0.

Recentemente, algumas empresas brasileiras de mídia determinaram que seus colaboradores devem cumprir seus contratos ao pé da letra, significando que todo seu “conteúdo” estaria a serviço do negócio. Mas... e a mesa do bar? Muitas delas, como o twitter, mediadas por tecnologia e transformadas em redes sociais, são conteúdo, podem (mas ainda não são) ser negócio e servem como mecanismo de relacionamento que transcende, em muito, as fronteiras de todas, e não só de algumas, empresas de pedra e cal.

E o que as empresas deveriam fazer? Este é um eterno dilema, que assombra executivos todas as vezes que a base tecnológica de seus negócios é renovada muito profunda e rapidamente. Como é, aliás, o caso das redes sociais. E a resposta é darwinianamente simples: as empresas devem se adaptar, o mais rápido possível, aos novos tempos. Numa economia em rede, numa sociedade do conhecimento, onde tudo são processos, tentar prender o tempo e os relacionamentos nas amarras do segredo como alma do negócio, que foi um fundamento da revolução industrial há mais de dois séculos... é perda de energia. Total.

Porque as pessoas sempre foram suas redes. Nós vivemos em contextos comunitários bem mais amplos do que nossas empresas, com muita gente pegando no “trampo” para, numa outra hora e cenário, fazer o que realmente gosta e para o que vive. Redes sociais (virtuais, habilitadas pela web) podem ser justamente a infraestrutura dos nossos tempos para fundir estes ambientes, hoje quase sempre sem conexão, de tal maneira

que o que se faz “porque tem que ser feito” comece a ficar inseparável do que se faz “porque se quer fazer”.

Imagine as consequências, para seu negócio, de só ter gente fazendo o que quer fazer... Se não me engano, boa parte dos problemas da maioria dos negócios vem da falta de sincronia entre o que se tem que e o que se quer fazer, o que leva, quase sempre, a coisas mal feitas. Redes sociais, até porque são mecanismos poderosos de construção de imaginário coletivo, e portanto comum, podem ser um instrumento fundamental para a criação e manutenção das empresas na sociedade em rede. Sua competição, agorinha mesmo, está pensando nisso.

nada [mais] deixado ao acaso, nem namoro?...

16.11.09

uma tese de quase meio século atrás, proposta por konrad zuse [[rechnender raum, 1967](#)] e secundada por muita gente boa, inclusive stephen wolfram [veja entrada na wikipedia para [a new kind of science](#)], diz que **tudo são computações** e que, por conseguinte, **tudo é programável**.

onde você leu **tudo**, leia **tudo mesmo**: animais, plantas, coisas, o universo inteiro. [ouça seth lloyd, do mit](#):

It is absolutely obvious that the universe is performing a computation. Every physical system registers information, and just by evolving in time, by doing its thing, it changes that information, transforms that information, or, if you like, processes that information. Since I've been building quantum computers I've come around to thinking about the world in terms of how it processes information.

...é óbvio que o universo está realizando uma computação. todo sistema físico registra informação e, evoluindo no tempo, fazendo seja lá o que for, muda aquela informação, a transforma ou, se você quiser, processa a informação. desde que comecei a construir computadores quânticos que comecei a pensar sobre o mundo em termos de como ele processa informação.

computacionalidade, a tese, está longe de ser universalmente aceita, especialmente por quem defende um grande número de resultados da física [por exemplo] que depende de continuidade do espaço-tempo, [ao invés do caráter discreto da computacionalidade](#).

mas deixe isso prá lá [pelo menos por enquanto] e [olhe esta notícia aqui](#), que dá conta de um site de encontros onde você pode escolher parceiros também pelo DNA, baseado na idéia de que as pessoas sentem atração por quem tem os genes HLA diferentes dos seus. [HLA é parte do complexo imunológico](#) e pode estar relacionado aos odores pessoais envolvidos da seleção ou rejeição de pares entre humanos e animais, já que HLA é a versão humana de um sistema que ocorre em todos os vertebrados.

então, em tese, você entra num site, se registra, passa por um teste de saliva e pronto, dentre um grande número de alternativas aparece sua alma gêmea? não, os proponentes do teste que compara uma parte de seu programa [computacionalidade implica em você e eu somos programas, HLA é um trecho dele...] com a de outros dizem que isso é parte do processo; valores e preferências pessoas também são levados em conta.

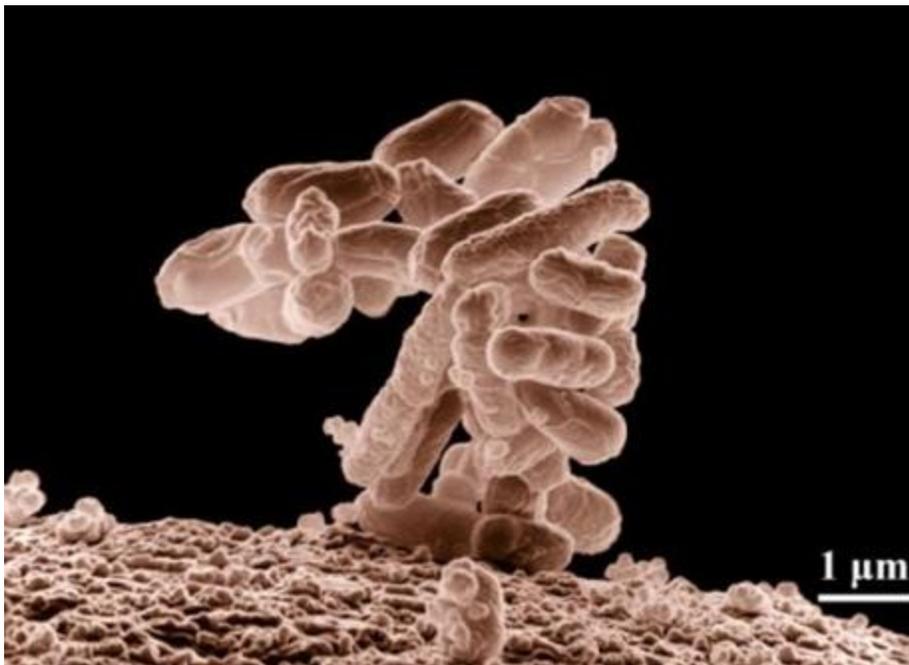
será que funciona? se funcionar, será que entregar a sorte conjugal a um exame de partes de nosso programa não nos torna mais parecidos com milho transgênico? e que implicações isso terá, ou teria, se fosse usado em escala, na vida das pessoas e na sociedade como um todo?

será que processos de [seleção artificial](#) como os baseados em redes sociais de relacionamento são mais ou menos naturais do que aqueles que nos levam a relacionamentos ao vivo? será, num mundo que está cada vez mais conectado por redes sociais virtuais, isso vai fazer alguma diferença? se sim, quanta? para melhor ou para pior? e o que é, ou seria, neste caso, melhor ou pior?...

falando nisso, [a programação de coisas vivas avança a largos passos no brasil](#): 19% do milho brasileiro veio de sementes reprogramadas [ou transgênicas] em 2008; em 2009, a safra de verão será 30% transgênica e a de inverno terá 53% de procedência reprogramada. e a safra de soja já é mais de 70% transgênica.

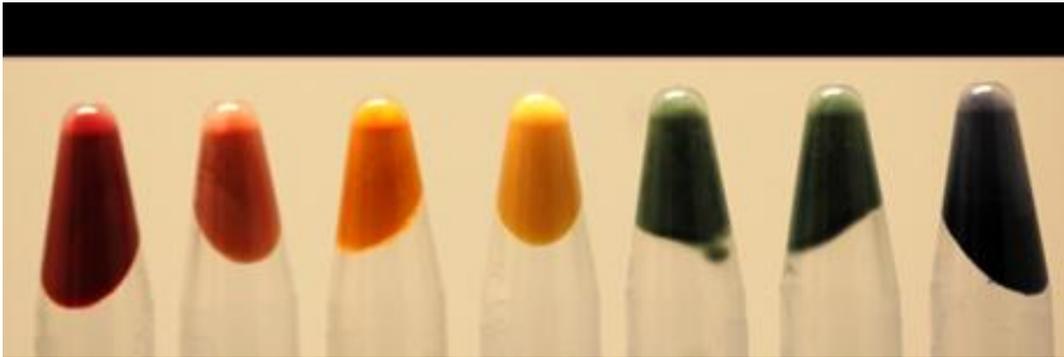
levando em conta a computacionalidade como base para tudo e voltando ao seu próximo namoro, não só é possível analisar seu DNA para descobrir um HLA compatível com o seu, mas dá pra reprogramar [partes do] seu DNA pra fazer você, por exemplo, brilhar no escuro ou [ficar verde na luz azul](#). vai ver, isso tem algum apelo sexual. os “serás” do parágrafo lá atrás vão ficar cada vez mais interessantes, disputados e discutidos nos próximos anos, quando a tese computacionalidade poderá vir a ser testada e usada em larga escala, na prática, senão no processo de reprogramação do que já existe [como nós, que já estamos aqui], mas na construção dos vivos que ainda estão por vir.

mas o acaso lá do título não vai desaparecer. é impossível garantir a corretude de “todos” os programas. e a própria noção de corretude, no caso de programação de coisas vivas, que necessariamente evoluem dentro de um contexto diverso e mutante, não se aplica no mundo real da mesma forma em que se pode aplicar aos programas de computador “normais”.



de qualquer maneira, pra quem achava que já viu tudo em matéria de computação e programação, [pode esquecer](#): o melhor e muito mais interessante [ainda está por vir](#). e este negócio de testar e comparar trechos de DNA é [coisa de criança](#), comparando com o que vai [ser possível](#) fazer dentro de [20, 50 anos](#). e com uma comunidade de [biological hacking](#) no processo, [como não poderia deixar de ser](#).

o leitor pode até estar pensando que isso pode levar muito tempo pra acontecer. mas não, já existe uma [competição internacional de “máquinas” construídas através de engenharia genética](#); este ano, 110 times do mundo inteiro estavam atrás do primeiro prêmio, inclusive um brasileiro, [da unicamp](#). os [ingleses de cambridge foram os campeões](#), com dois projetos, um dos quais domina a arte de expressar uma [gama de cores na bacteria e. coli](#), como mostra a figura abaixo [veja a cor normal da coisa [neste link](#)].

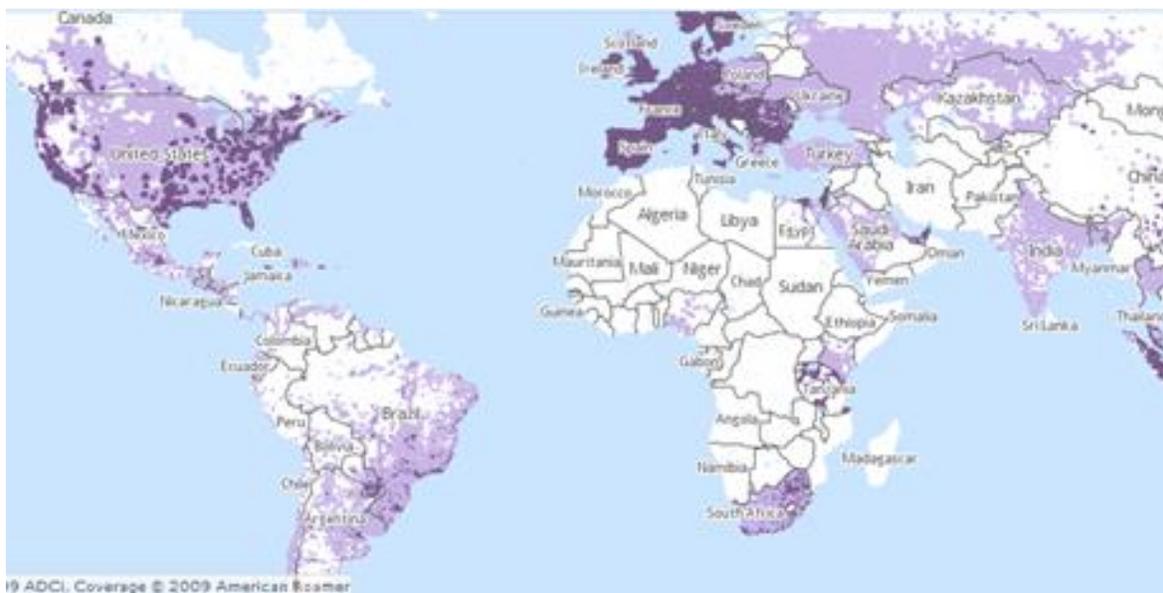


é só esperar mais um pouco e qualquer um vai poder programar a cor dos olhos, por exemplo. nem que seja de seus descendentes, pra começar. o resto, com todos os riscos, a gente tenta depois. incluindo reprogramação pra namorar. mas nem pense que o acaso nos abandonará, pois uma coisa é certa: sua [re]programação vai ter “bugs”...

todo conteúdo será serviço

18.11.09

a figura abaixo é o mapa parcial da cobertura do [kindle, da amazon](#), para entrega global de livros eletrônicos sem custo adicional de transporte de bits. parte do brasil profundo, onde nunca houve ou haverá uma livraria, está no mapa da amazon. breve, por lá, kindles, ou coisa parecida. e livros entregues quase na hora. no caso da amazon, o problema pra maior parte dos brasileiros é que o conteúdo todo, ainda, é em inglês.



mas isso vai ser remediado com o tempo. a mudança que vamos a viver, agora, é a transformação do que chamamos de livro, e que sempre foi identificado como uma embalagem física para conteúdo textual, de produto em serviço. e começando pela descoberta de que o “leitor eletrônico” do livro, algo como o *kindle*, também não é produto, é serviço.

aqui, mais uma vez, vamos ver os incumbentes [a indústria do livro “físico”, de papel] serem reescritos por inovadores sem compromisso com o passado, enquanto editores e impressores ficarão tentando, por todos os meios, se proteger. é sempre difícil saltar para o futuro; o risco é alto, o medo é muito, especialmente quando se tem a impressão de que o presente pode ser estendido para sempre.

mas há gente dando saltos, e aqui no brasil, o que é uma boa nova: a mix tecnologia, de recife, em parceria com a carpe diem produções, [anunciou há algum tempo](#) o leitor-d, que aparece na imagem ao lado



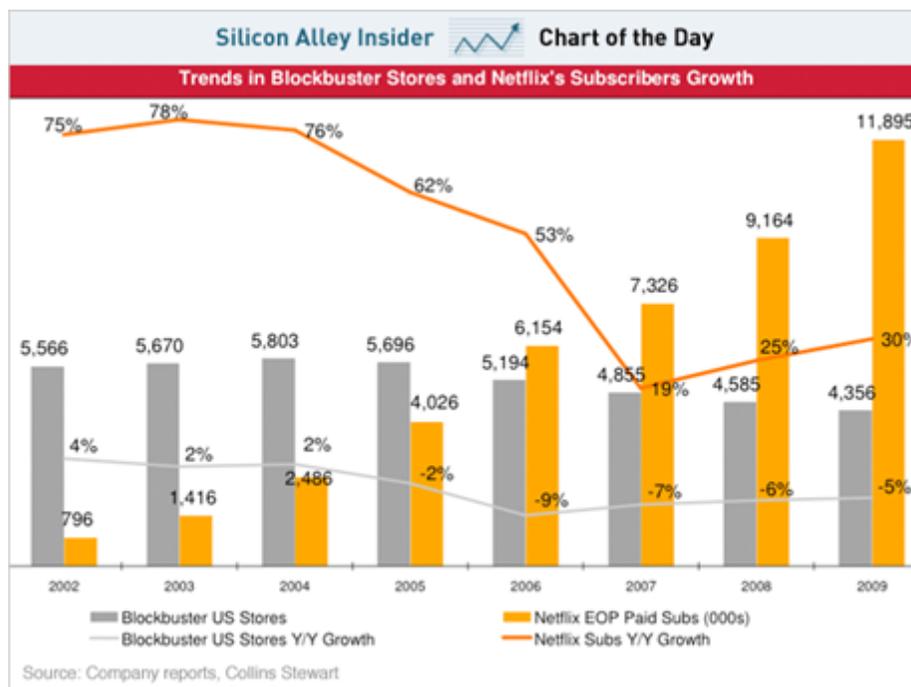
e que você pode ver em detalhe [neste link](#).

falando em brasil, o perigo por aqui é a transição do livro analógico para o digital ir pro congresso e terminar em discussões sobre reserva de mercado e sesmarias culturais, como sempre ocorre em tantas outras áreas.

mesmo quando a tecnologia for socializada, o risco é ser criada algum tipo de obrigação de compra de livros em papel. e talvez de bicos-de-pena, além de um grande estoque de pergaminho para aulas de caligrafia nas escolas públicas. como esta conversa é sobre conteúdo, espera-se que o pessoal do PL29 [\[veja discussão sobre o assunto, neste blog, neste link\]](#) não descubra, nem tão cedo, o que está rolando nesta dimensão...

mas o futuro nunca se engana. e, do jeito que as coisas andam, demora menos a chegar do que era o caso no passado. pra ajudar, temos que ter mais banda larga, larga mesmo, e mais em conta para o bolso de todos. é muito provável que o programa cultural e educacional mais importante para a periferia, para países como o brasil, seja banda verdadeiramente larga. pra todos.

[abaixo](#), mais uma imagem do começo do fim do suporte físico. trata-se da comparação, nos EUA, entre a netflix [DVD em casa, pelo correio, reservado na web, com um sistema de informação e modelo de negócios inovador, onde ao invés do tempo de retorno se define quantos vídeos se pode ter ao mesmo tempo...] e a blockbuster [dirija até a loja e não ache seu vídeo, demore a retornar e pague multa...].



enquanto a [netflix](#), que está começando a entregar vídeos pela web pra quem tem banda mesmo [e os EUA são ruins nisso: só 1/12 avos da banda média do japão, por exemplo], saiu de menos de um milhão [em 2002] para quase doze milhões de assinantes este ano, a blockbuster fechou 1200 lojas. a primeira continua crescendo a taxas de 30% a.a. e a segunda, fechando lojas a taxas de 5% a.a..

entregar vídeos pelo correio [mais de dois milhões deles por dia] é virtualização de primeira ordem das lojas e estoques reais, na rua, esperando pelo usuário. a netflix de hoje ainda é majoritariamente um negócio de logística física, transacionando suportes para mídia em grande escala. o negócio atual é um passo intermediário para a logística virtual do conteúdo, *just in time*: escolho, faz parte da minha assinatura, vejo na hora ou quase. inclusive no celular.

vídeo locadora, muito breve, só na história. e dvds pelo correio também, resultado? melhor serviço, menores custos de transação, menor pegada ambiental. a [comunidade](#) [e não a audiência] e o planeta agradecem. como efeito colateral, depois que virarem serviço, adeus pirataria. pelo menos na forma que conhecemos hoje. vem aí, quem sabe, pirataria-como-serviço...

[mobilidade: dez tendências para 2012 \[1\]](#)

21.11.09

o grupo gartner, casa que tem tradição em previsões para o futuro do planeta digital, publicou uma [lista das coisas mais interessantes do mundo móvel em 2012](#). como o ano que vem já está aí mesmo, quase passado, jingoubéus a tocar em todo shopping, previsões para 2012 são até mais fáceis de discutir.

nos próximos dez dias, dia a dia, vamos falar sobre cada um dos [exercícios de futurologia do gartner](#), acrescentando a visão deste blog.

pra começar, olhe o que o garter acha sobre... *transferência de dinheiro*:

1: Money Transfer

This service allows people to send money to others using Short Message Service (SMS). Its lower costs, faster speed and convenience compared with traditional transfer services have strong appeal to users in developing markets, and most services signed up several million users within their first year. However, challenges do exist in both regulatory and operational risks. Because of the fast growth of mobile money transfer, regulators in many markets are piling in to investigate the impact on consumer costs, security, fraud and money laundering. On the operational side, market conditions vary, as do the local resources of service providers, so providers need different market strategies when entering a new territory.



o número um da lista é a transferência de dinheiro usando SMS, descrita acima; não se trata da mesma coisa que o [oi paggo](#) e o [redecard payPass](#), que usam SMS como meio de pagamento entre um cliente e lojista credenciado, apenas. mas de uma forma generalizada de moeda eletrônica, que pode ser negociada entre quaisquer dois atores. como é o caso do sistema m-PESA que funciona, por exemplo, no quênia e [na tanzânia](#), onde apenas 5% da população tem uma conta bancária.

na áfrica, o sistema [bancário] de transações eletrônicas está na idade da pedra quando comparado ao brasil; é possível fazer transferências bancárias sim, mas apenas entre uma parcela ínfima da população, e a custos que tornam a coisa inviável para quase todo mundo. solução? deposite dinheiro na sua conta celular e use-o como se moeda fosse; e é. zebra [quase] zero.



dos quinze milhões de celulares do quênia, metade está registrada no sistema m-PESA, o que resulta em 250.000 transações por dia, de R\$70 cada, na média. no quênia e em outros países africanos, os serviços financeiros móveis estão avançando rapidamente e os ladrões e golpistas de todos os tipos estão, também, [fazendo a festa](#). o que leva os [operadores de cartões de crédito](#) a pensar em novos serviços, com custos de transação muito menores, para chegar a tais populações.

pra gente saber o tamanho das operações, o quênia tinha [15.000 celulares há dez anos](#); hoje, tem 17.5 milhões. o serviço m-PESA, da safariCOM, cresceu 94% de 2008 para 2009 e já representa 18% de toda a receita da companhia.

no brasil, temos mais de dez mil lotéricas em cerca de 3500 das 5500]cidades, 15 mil agências bancárias [[eram quase 20 mil em 1990](#)], algo ao redor de 200 mil caixas eletrônicos [somando todos os bancos] e os custos de transação para movimentação financeira, comparados à áfrica, são pequenos. dito isto [o que não é pouco...], temos [45 milhões de desbancarizados](#), pessoas que não têm nenhum negócio, produto ou contato com um banco.

em tese, portanto, o gartner está certo e há um mercado de vários “quênias” pra se atender aqui, inclusive. a pergunta, óbvia, é: cadê os serviços [como m-PESA] que deveriam estar aqui mas não estão?...

o leitor pode escolher suas respostas prediletas. o blog deixa como sugestão pesquisar nos departamentos de... excesso de regulamentação e custo brasil, impedimentos quase que permanentes para que se faça qualquer coisa de novo por aqui... e, do outro lado, tentar entender se nossas operadoras móveis realmente sofrem de falta de criatividade e estratégia, inovação e investimento, sentadas que estão nos berços esplêndidos de seus quase monopólios.

e ainda resta perguntar se o regulador do setor, a anatel, não está muito distante dos problemas reais do mercado e seus usuários [neste caso, dos não usuários] e já não deveria ter proposto, há tempos, serviços como os que qualquer queniano pode ter há anos.

quase que certamente, estamos tratando da combinação dos três fatores. e ainda temos que lamentar que não é só nas corridas de longa distância que os quenianos nos deixam lá atrás, na poeira...



[mobilidade: dez tendências para 2012 \[2\]](#)

23.11.09

enquanto o [primeiro post desta série](#) deu conta de um negócio móvel que difícil ver em escala aqui no brasil, o de celulares como dinheiro, de forma generalizada, tratamos hoje da segunda previsão do gartner, que já começa a ser encontrada por aqui. segundo a galera [que trata de futuros, por lá](#), depois de dinheiro, **localização** vai ser a maior oportunidade de negócios de 2012:

2: Location-Based Services

Location-based services (LBS) form part of context-aware services, a service that Gartner expects will be one of the most disruptive in the next few years. Gartner predicts that the LBS user base will grow globally from 96 million in 2009 to more than 526 million in 2012. LBS is ranked No. 2 in Gartner's top 10 because of its perceived high user value and its influence on user loyalty. Its high user value is the result of its ability to meet a range of needs, ranging from productivity and goal fulfillment to social networking and entertainment.



o gartner está prevendo que os serviços baseados em localização devem explodir; a base de usuários deve crescer de 96 milhões de usuários, este ano, para mais de meio bilhão até 2012. se rolar mesmo, LBS [*location-based services*, ou serviços baseados em localização] vai ser a “nova” câmera dos celulares.

lá atrás, houve quem achasse que celulares e câmeras não iam dar certo

juntos mas, pouco tempo depois do encontro dos dois, estava claro que ia ser um sucesso, e não só, não ia haver celular sem câmera. era um caso típico de feitos um para o outro.

LBS vai na mesma direção, e por razões que variam de aumento de produtividade a redes sociais e entretenimento. pouca gente tem algum tiupo de LBS nos celulares, mas quem tem sabe o que é estar num táxi, num lugar desconhecido, e “ensinar” ao motorista, com o mapa do celular, como ir pra onde se quer chegar. não precisa nem ter GPS; para muitas coisas basta google maps e a localização imprecisa pelas torres celulares. eu mesmo já me livreí de umas poucas exatamente assim.

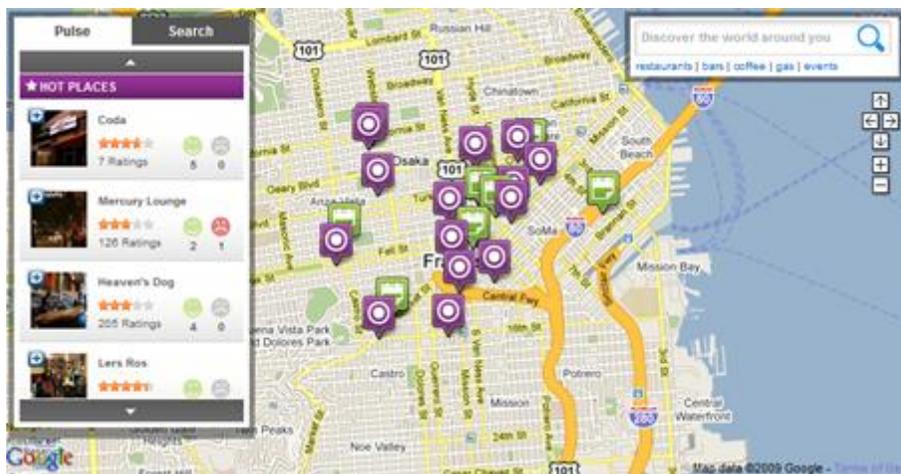
mas LBS vai mudar também o modo de se buscar, encontrar e obter coisas, de pizza a postos de gasolina. isso porque o relacionamento com os sistemas de informação da web pode ganhar [se você deixar eles usarem sua posição...] uma precisão que nunca se pensou: de máquinas de

busca ao sistema de gestão de trânsito, todo mundo vai querer saber exatamente onde você está. e aí é que o bicho pode pegar mesmo.

isso porque há um claro conflito entre querer um melhor serviço em função de onde se está e entregar sua localização ao primeiro sistema que lhe pergunta onde você está. sistema que pode, por sua vez, passar sua localização para um próximo, e deste para outro, outro... e você terminar soterrado por todo tipo de spam, muito bem localizado, oriundo do restaurante da esquina, da loja em promoção e de todo mundo que enxergar uma possibilidade obter um pedaço de sua carteira porque você está logo ali, pertinho.

deixando de lado –por enquanto- as preocupações com privacidade [mas sabendo que elas são primordiais e que estarão sob ataque...] é bom dizer que em 2012 [previsões da IBM] deve haver cerca de um trilhão de dispositivos na web. um trilhão, você sabe, é mil vezes um bilhão. e o número de celulares é algo perto de três bilhões, um para cada dois habitantes do planeta. isso quer dizer que a vasta maioria das coisas na rede –e na rede móvel- não estará nas mãos de humanos e nem serão, todas, computadores ou celulares. isso quer dizer que estamos começando a entrar na era da **internet das coisas**, muitas das quais queremos saber **exatamente** onde estão, como o carro, uma encomenda, um animal de estimação [que não é uma coisa, mas que terá uma coisa, um identificador com LBS no seu pescoço...], animais de criação, aviões, trens, bicicletas, motos... e por aí vai.

LBS está só começando mesmo. pode ser que o gartner esteja errado sobre 2012, que em três anos não tenhamos meio bilhão de pessoas na base usuária de LBS. mas será uma questão de tempo, pouco tempo, para que haja bilhões, dezenas de bilhões de coisas, entre tudo o que se move por aí, na base de LBS. vai ser uma oportunidade de negócios, literalmente, gigantesca. pode apostar.



[mobilidade: dez tendências para 2012 \[3\]](#)

25.11.09

o [segundo texto desta série](#) tratou da previsão do gartner group de que localização em mobilidade vai ser o segundo mais importante entre os serviços móveis em 2012. o primeiro, [de que tratamos no primeiro post da série](#), é celular-como-dinheiro, a transferência generalizada de valores entre quaisquer celulares e não só de pessoas físicas [nós] para jurídicas [lojas, etc.].

[segundo a galera do gartner](#), a terceira oportunidade de negócios móveis lá [ali] por 2012 vai ser...

3: Mobile Search

The ultimate purpose of mobile search is to drive sales and marketing opportunities on the mobile phone. To achieve this, the industry first needs to improve the user experience of mobile search so that people will come back again. Mobile search is ranked No. 3 because of its high impact on technology innovation and industry revenue. Consumers will stay loyal to some search services, but instead of sticking to one or two search providers on the Internet, Gartner expects loyalty on the mobile phone to be shared between a few search providers that have unique technologies for mobile search.

...busca móvel. a razão é simples: pense em todos os celulares [ou um grande número deles] na internet, no meio da rua e do tempo. celulares na web vão ter o mesmo efeito, em relação a PCs na rede, que voz móvel teve em relação to telefone físico, em casa ou no trabalho. as teles que o digam. ninguém quer falar com o telefone de alguém, mas com o tal alguém, razão pela qual quase ninguém mais liga para o telefone da casa das pessoas, mas sim, diretamente, pra pessoa. e as linhas físicas vão se tornando, no processo, relíquias da era de graham bell. até porque parece claro que toda a voz que circulará entre pontos fixos, na rede, vai rolar sobre o protocolo IP. isso, por acaso, já é verdade dentro das teles; ocorre que elas nos vendem voz, aqui fora, como se tempo –e não pacote- fosse.

agora se imagine na web, com banda acima do razoável [alguns megabit por segundo] e uma conta que não vá levar seu saldo para o vermelho só porque você usa a rede intensamente enquanto está se movendo. vai demorar um pouco, mas é questão de tempo. pouco. segundo o gartner, em 2012 já vai ser o suficiente para busca móvel ser muito importante como impacto nas tecnologias usadas para busca [como um todo] e nas receitas da indústria e, muito provavelmente, a ponto dos hábitos de busca móvel contaminarem o uso dos sistemas fixos de busca. na prática, como passamos muito mais tempo usando celulares do que laptops ou desktops, os primeiros vão acabar definindo meus modos de uso da web muito mais do que os segundos.

não dá pra precisar daqui a quanto tempo isso vai acontecer, mas que vai, é certo. 2012 pode ser cedo em mercados como o brasil, mas europa, ásia [coréia, japão...] podem estar no ponto

ou já com serviços consolidados. o modelo padrão de navegação a partir de busca atende pelo nome de **SFO**, que vem a ser o código do aeroporto de san francisco e também a sigla para Search-Find-Obtain, ou procurar-encontrar-obter. no modo móvel, teríamos **mSFO**, onde o problema e as soluções ficam bem mais interessantes e, certas horas, complexas. tudo depende do que o “S” e as outras letras [e os sistemas que as realizam, na nuvem...] sabem sobre você.

se você estiver num grande aeroporto que acaba de fechar por causa da chuva [meu caso em CGH, ainda agora] e perguntar por “café”, um modo **mSFO** bem feito não só diria onde estão os cafés do aeroporto [tudo bem que em congonhas não é difícil achar] mas, dependendo do “S” a quem você perguntou, poderia ser o caso de haver *vouchers* de desconto pra você [e sua rede social...] se encontrarem num certo café. e este, claro, é só um exemplo, baseado no uso pessoal de serviços móveis.

seu carro e o “GPS” -na verdade, a inteligência embarcada no veículo- podem fazer coisas do outro mundo usando o mesmo modelo, como achar, automaticamente [dependendo da escassez de combustível no tanque...] dentre todos os postos de gasolina que estão perto da rota entre pontos A e B pela qual você trafega agora, aqueles onde vai ser mais barato abastecer ou onde, em função de conhecimento sobre suas preferências, você será melhor atendido. e dirigir você pra lá, precedendo a ação com o anúncio de que você vai ficar no seco, na rua, se não for direto para o posto P que se anuncia na tela.

mSFO vai ser muito importante para a internet das pessoas. e pode vir a ser, em prazo não muito longo, ainda mais importante para a internet das coisas, que está vindo por aí. é esperar pra ver.

[mobilidade: dez tendências para 2012 \[4\]](#)

26.11.09

o terceiro texto da série discutiu a previsão do gartner sobre a oportunidade de mercado para [busca móvel em 2012](#); o [segundo texto desta série](#) tratou da previsão do gartner group de que localização em mobilidade vai ser o segundo mais importante entre os serviços móveis em 2012. o primeiro, [de que tratamos no primeiro post da série](#), é celular-como-dinheiro, a transferência generalizada de valores entre quaisquer celulares e não só de pessoas físicas [nós] para jurídicas [lojas, etc.].

[segundo a galera do gartner](#), a quarta maior oportunidade de negócios móveis em 2012 vai ser...

4: Mobile Browsing

Mobile browsing is a widely available technology present on more than 60 percent of handsets shipped in 2009, a percentage Gartner expects to rise to approximately 80 percent in 2013. Gartner has ranked mobile browsing No. 4 because of its broad appeal to all businesses. Mobile Web systems have the potential to offer a good return on investment. They involve much lower development costs than native code, reuse many existing skills and tools, and can be agile — both delivered and updated quickly. Therefore, the mobile Web will be a key part of most corporate business-to-consumer (B2C) mobile strategies.

...*browsing móvel*. aqui a gente não precisa discutir muito: em mais ou menos tempo, todos os celulares vão ter um *browser*, e um *browser* capaz de navegar competentemente na rede. hoje, 60% dos celulares já vêm com um browser; em 2013, a previsão é de 80%. por tudo que falamos nesta série, que envolve cada vez mais pessoas usando cada vez mais seus celulares para –literalmente- tudo, *browsing móvel* é um achado óbvio.

mas só é óbvio mesmo **se** houver **modelos** de uso –e pagamento- pelo uso da web, no celular, que façam sentido para aqueles 60% de celulares que têm *browser*. quer ver se faz sentido? vá em qualquer operadora móvel e procure um plano sem limite de download e veja quanto você pagaria por ele. difícil de achar, por aqui. descendo a escada das expectativas, pense que parcela da população, em um país como o brasil, teria renda livre para pagar cento e cinquenta reais por mês por duzentos mega de tráfego, mais um e cinquenta por cada megabyte adicional. muito pouca, muito pouca gente.

e isso é o que vai definir, em mercados periféricos como o nosso, o *browsing móvel*. podemos ter muitos anos de espera, por aqui, até que a conjunção de fatores regulatórios, tecnológicos, de mercado e renda pessoal habilitem o uso intenso de internet móvel. pode chegar aqui em 2012? sim, já está aqui, mas pra muito pouca gente; gente que já tem seus droids, dext e iPhone. mas por enquanto, por aqui, este povo é tão pouca gente que não vai mover o mundo. pelo menos não agora e certamente não o mundo móvel.

outra coisa que vai pegar, no negócio de *mobile browsing*, é a mudança das aplicações para dentro do browser, como software provido como serviço, para todos os usos e em todas as coisas. visto desta ótica, o painel de um carro é um *browser* e parte do que mostra é gerado pelos instrumentos no veículo; outra parte é uma combinação de informação local e global. generalize e você vai ver que muita coisa móvel, que precisa mostrar informação a seus usuários, poderia estar atrás de um browser.

isso por um lado; por outro, tudo o que se chamou de *browsing* [e *applets*, dentro deles], acima, pode acabar sendo [widgets](#) rodando diretamente na interface do celular. ainda por outro lado, o celular, como um todo [e sua interface “direta”], pode ser um *browser*... e por aí vai

se a [previsão do gartner](#), de que *mobile browsing* vai ser a quarta maior oportunidade de negócios móveis em 2012, vai se tornar verdadeira ou não, não sabemos. a chance de dar certo na finlândia, neste prazo, é muito maior do que em pernambuco. mas uma coisa é certa: quem quiser ser visto, no longo prazo, na rede, tem que pensar seriamente em como ser visto – e como chamar a atenção- de quem está na web móvel.

[mobilidade: dez tendências para 2012 \[5\]](#)

27.11.09

este blog está publicando uma série de dez textos sobre as [previsões do gartner group](#), sobre as maiores oportunidades de negócio em mobilidade em 2012. quer dizer, logo ali: temos meros dois anos até o começo de 2012; dando um monte de crédito ao gartner, a futurologia do grupo tem 1.000 dias pra se concretizar. ou não.

já falamos de quatro negócios que estão no [topo da lista do gartner](#). hoje é hora do quinto, que é...

5: Mobile Health Monitoring

Mobile health monitoring is the use of IT and mobile telecommunications to monitor patients remotely, and could help governments, care delivery organizations (CDOs) and healthcare payers reduce costs related to chronic diseases and improve the quality of life of their patients. In developing markets, the mobility aspect is key as mobile network coverage is superior to fixed network in the majority of developing countries. Currently, mobile health monitoring is at an early stage of market maturity and implementation, and project rollouts have so far been limited to pilot projects. In the future, the industry will be able to monetize the service by offering mobile healthcare monitoring products, services and solutions to CDOs.



...*monitoração [móvel] de saúde*. a idéia geral é muito simples: ao invés de ter os pacientes no hospital, na clínica, frequentemente, só para coletar uns poucos dados por vez, instrumenta-se quem deveria estar sendo monitorado por causa de uma ou mais condições de saúde e conecta-se o sistema [e através dele, a pessoa] na web. no começo, trata-se de capturar dados muito simples como pressão,

temperatura, batimento cardíaco, coisas parecidas com as que são capturadas [em modo “batch”] pelo que também se chama “[router](#)” no meio médico. se fosse no futuro do gartner,

um conjunto de sensores, algum hardware e software adicional, conectados à web, dariam conta do caso.

segundo o gartner, monitoração [móvel] de saúde ainda está no estágio inicial de desenho de produtos e serviços. sua oferta em escala, como a maioria das ofertas associadas a projetos-piloto, deve levar algum tempo. em três anos, espera o gartner, deve haver no mercado um número de serviços que poderiam melhorar a qualidade de vida de pacientes crônicos.

um tipo de paciente crônico de alto risco é quem sofre de problemas cardíacos graves. para alguns, a solução passa por um transplante, talvez antecedido pelo implante de um coração artificial temporário enquanto o doador não se torna disponível. clique na imagem ao lado pra ver do que estamos falando. a imagem leva para um texto sobre [pacientes que receberam um TAH-t](#) [total artificial heart, temporary, ou coração artificial total, temporário] coisas que, hoje, ainda não estão na web, muito menos na web móvel. abaixo, um paciente que recebeu um deles em 2007, na university of pennsylvania, [enquanto esperava por um doador](#).



mas pense em algumas das possibilidades futuras de sistemas de computação e controle em rede, como as que descrevo no texto a seguir, publicado em 29 de setembro de 2000 na extinta revista eletrônica **noponto**. a história é sobre a relação entre um sujeito ranzinza e uma

galerinha de um mega condomínio no futuro. leia. e assuste-se (ou não)... um dia vai ser verdade e está nove anos mais perto...

OS INVASORES

Um dia, teve uma dor de matar, aliás de quase. Acordou no hospital sentindo o peito e tendo um médico à cabeceira, perguntando, pausadamente, se estava a se sentir bem. O sim, meio trêmulo, demorou. Mas saiu. Recuperado, aprendeu que tinham reconstruído seu coração, agora composto, em parte, por um dos novos modelos IntelliBeat, que já incorporava um pequeníssimo servidor web para monitoração, avaliação e controle cardíaco. E isso há três anos.

Depois que se acostumou, a vida ficou normal, ou quase. Pouco se lembrava que seu corpo recebia (às vezes) comandos de um servidor, em algum hospital, e enviava (sempre) bio-dados para a rede. O femto-server instalado no seu coração e a antena pico-cel mais próxima faziam às vezes de sua ligação com a vida, o mantinham no ar, o tempo todo. Como se fosse um rádio na rede. Como a fonte de energia tinha deixado de ser um problema, os novos IntelliBeat eram um sucesso fenomenal: a manutenção e evolução do software podia ser feita, remotamente, sem qualquer tipo de intervenção local, muito menos cirúrgica. Você nem sentia nada quando mudava de versão.

Fruto do casamento de várias tecnologias, as novas próteses inteligentes eram naturalmente ligadas à rede. Houve uma oposição muito forte, no início, mas as vantagens eram tantas, e as penalidades pelo uso indevido dos dados, inclusive de localização, tão severas, que ninguém nem se lembrava, mais, que estava em rede. Ou questionava se ia ficar, quando, por alguma razão, tinha que receber uma delas.

Nas primeiras semanas, redivivo ao sair do hospital, tinha se tornado mais ouvinte, mais paciente e cordato. Mais simpático. Apesar de biônico, mais humano. Durante algum tempo, agüentava até choro de bebê com dor de ouvido no avião, sorrindo e compartilhando a agonia da mãe desesperada. Mas com o tempo foi se achando imortal, principalmente quando analisava na rede os dados do IntelliBeat, seu coração de mais que leão. Indomável.

A irritação voltou, reacesa na chama da suficiência. Fechou a cara pra todos, emburrava-se com tudo, do trip-hop do vizinho do lado, desorganizando seu sono, até o cantarolar da garota de baixo, aspirante a estrela de rede-pop. Seus limites, porém, eram dizimados mesmo pelo pestinha do 7L2S, o hiper-ativo cabelo espetado que parecia nunca dormir ou cansar, sempre observando, perguntando, gritando, correndo pra todo lado com o filhote Akita, terraplanando a paz do condomínio. E sempre muito mais perto do que deveria estar.

Um fim de dia, irritado da vida, incendiado pelas perdas no mercado e pelo trânsito, trombou com o diabo e o cão, ao ignorar o elevador e subir a rampa entre os 5L e 6L.

Ficou acuado, quase descompensado entre latidos, reclamações e o alumplast repicando no chão, talvez destruindo os C3. Como os C3? A peste também tem um? Por que e para que teria um dos novos clientes de comunicação, computação e controle? Entre tantos ruídos, ouviu-se dando um bicudo no Akita, transformando a ameaça em ganidos, em fuga, de dor. E lançando o pivete numa série interminável de palavrões, entremeados por você-vai-ver e não-perde-por-esperar.

Um menino, com um C3... prá que? Só se fizesse parte (mas naquela idade?!...) de um bando de... invasores! Será? E esta mensagem no C3, agora, de Ran... junto com a listagem dos seus bio-dados no visor, sem ter pedido? Desorganizada, sua rede de pensamentos se torna cada vez mais aleatória, à medida em que o IntelliBeat enlouquece e sai, quase instantaneamente, de 80 para 120 para 160 para 40bpm, várias e várias vezes, até que, oscilando ao redor de 80, permite que o canto do olho enxergue, desesperado, os comandos que estão sendo executados no femto-server.

O penúltimo encerrou, definitivamente, o processo que ouve os comandos do servidor do hospital. O último está parando, de vez, o gerador do IntelliBeat... Depois, a assinatura da galera que invadiu seu coração, detonou o femto-server e está determinando seu fim. Ran. O nome do Akita. Os pivetes do condomínio. Se pudesse... mas é muito...

...que vai haver uma web móvel para saúde, vai. será primária em 2012. mas vai crescer, muito, por muito tempo, principalmente porque a população do mundo –e do brasil- envelhece rapidamente e demandará mais cuidados do que hoje. e a economia da saúde exigirá soluções como os intelliBeat. e sempre haverá hackers. e nenhum sistema online é completamente seguro. e talvez seja você que venha a ter um dos intelliBeat do texto acima bem no meio do seu peito. e?... pense. pense. [o futuro nunca se engana](#). e é cheio de surpresas...

[ps: os primeiros quatro textos da série estão... [aqui](#), [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#).]

[mobilidade: dez tendências para 2012 \[6\]](#)

01.12.09

o sexto candidato a ser uma das maiores oportunidades de negócios em mobilidade em 2012, nesta nossa série de comentários a um [exercício de futurologia do gartner group](#) é...

6: Mobile Payment

Mobile payment usually serves three purposes. First, it is a way of making payment when few alternatives are available. Second, it is an extension of online payment for easy access and convenience. Third, it is an additional factor of authentication for enhanced security. Mobile payment made Gartner's top 10 list because of the number of parties it affects — including mobile carriers, banks, merchants, device vendors, regulators and consumers — and the rising interest from both developing and developed markets. Because of the many choices of technologies and business models, as well as regulatory requirements and local conditions, mobile payment will be a highly fragmented market. There will not be standard practices of deployment, so parties will need to find a working solution on a case-by-case basis.

...pagamentos móveis, ou transações financeiras através de celulares. isso não é a mesma coisa que o dinheiro móvel que apareceu aqui no [primeiro texto da série](#): este permite a transferência de recursos entre quaisquer dois usuários do sistema celular [normalmente dentro da mesma operadora], ao invés de servir apenas como meio de pagamento entre um cliente ou usuário e um estabelecimento comercial, como é o caso de pagamentos móveis.

falando de dinheiro móvel, como diz um [comentário de Fábio Mesquita](#) [que trabalha numa operadora celular no kenya]...

...a maior facilidade encontrada aqui pela safaricom é que eles têm 85% do mercado de celulares; porém, negociações através do M-pesa podem ser feitas apenas entre safaricom e safaricom...não existe transferência de uma operadora para outra... [e] obviamente quase não existe regulação sobre negociações financeiras usando celular...o que tornou a entrada desses serviços no kenya muito mais fácil...

...uma das causas de seu sucesso na África é exatamente a falta de regulação. aqui, num mercado de serviços financeiros muito sofisticado e bem estruturado, é preciso passar pelo crivo da regulação do sistema para criar um serviço financeiro qualquer.

transferência de dinheiro pelo celular só vai rolar no Brasil quando o Banco Central decidir, em algum futuro próximo, que devemos ter mais este nível de virtualização do dinheiro. dinheiro que, aliás, já é um virtual, dado que abstrai poder de compra. de contas e metais preciosos para moedas, notas e depois cartões de pagamento e crédito, dinheiro vem se virtualizando há muito tempo. daí pra se tornar só e somente transações eletrônicas é um pulo.

mas o pulo depende da universalização de sistemas de informação, tanto do ponto de vista de disponibilidade como amplo entendimento e aceite social, que permita a transformação de poder de compra em meros *clicks* [ou *touches*]. a experiência brasileira em usar celulares como meios de pagamento é [recente e não tem penetração significativa](#). talvez o maior sistema de pagamentos móvel do país seja o [oi paggo](#), que está em oito estados, nos quais atende cerca de 21 municípios.

mas um número de outras iniciativas está em curso, e deve-se prestar atenção ao payPass, um cartão de pagamentos baseado em NFC [*near field communications*, ou comunicação a curta distância] e marca internacional da masterCard. payPass pode ser acoplado a celulares [\[como está sendo testado no Canadá](#), com a RIM] para criar um sistema de pagamentos móvel, sem cartão, baseado no celular e pontos para captura de transações. há dois anos, [em dezembro de 2007](#), payPass estava em 20 países, era aceito por 80.000 lojas e tinha 20 milhões de usuários. hoje, o número de assinantes passa dos 70 milhões.

a visa, por acaso, não está esperando e testa [payWave](#), com o mesmo objetivo: prover um ambiente móvel de pagamentos onde, para pequenas transações [micropagamentos], como uma passagem de metro, basta passar o celular perto de um sistema de captura baseado em NFC. para compras de maior valor, vai ser necessário inserir, na aplicação que reside no fone e faz as transações, uma senha. como já é o caso, e há tempos, do sistema DCMX operado pelos japoneses da docomo.



o “osaifu-keitai”, ou celular equipado com carteira, já foi tratado neste blog no começo deste ano, [em março](#). vá lá ver; a conversa tratava, de fato, da decisão da febraban de criar padrões nacionais para pagamentos móveis seguros até o fim de 2010. [o texto começa assim](#):

os cento e trinta bancos associados à febraban, gente grande e que sabe que dinheiro é coisa séria, decidiram tratar em conjunto a oportunidade de usar os celulares como meio de pagamento. o banco central foi avisado da intenção e a meta é começar até o fim de 2010.

pra coisa dar certo, algumas constelações têm que se alinhar. além dos bancos todos querendo fazer a mesma coisa, o que parece já ser o caso, pois concordaram em [lançar](#)

[uma plataforma unificada para transações financeiras móveis até o final de 2010](#), o banco central tem que deixá-los fazer, porque o espaço é regulado. estes dois itens não são maior problema. há coisas mais complicadas.

os bancos estão se mexendo porque a oportunidade é gigantesca. [segundo a juniper research](#), o montante de transações baseadas em NFC já passa dos US\$8B anuais, no mundo, e deve chegar a US\$30B em 2012. o povo da gartner deve ter lido [este relatório](#). e a “carteira eletrônica móvel”, claro, não é só carteira: segundo [howard wilcox](#), autor do estudo da juniper...

*"Many people focus on the use of NFC for payments **but in fact it is poised to revolutionise the way many people shop too**. The ability to tap smart posters and receive coupons and product information also presents new channels to market for merchants. Whilst vendors see widespread availability of NFC phones in future, the jury is out as whether interim solutions will attract users or actually have a detrimental effect."*

como os celulares podem receber e transmitir informação usando redes variadas, eles podem acabar sendo usados como veículos de mídia e marketing, para tentar mudar a forma das pessoas comprarem.

dinheiro vai acabar sendo –no futuro- **só mais uma aplicação sobre plataformas móveis** [como câmeras, hoje]. esta aplicação há de se relacionar com muitas outras que também estão compartilhando a plataforma móvel e certamente com muitas outras mais que residem na nuvem. o problema é que o futuro ainda é um lugar distante; resta saber se soluções intermediárias [como o oi paggo] vão atrair clientes em quantidade [e rentabilidade] suficiente para serem portadoras do tal futuro. é esperar pra ver.

[mobilidade: dez tendências para 2012 \[7\]](#)

05.12.09

um [exercício de futurologia do gartner group](#) identificou as dez principais tendências do mercado de mobilidade para 2012, que é logo ali. nesta série, estamos dando conta de cada uma das indicações do gartner e hoje é dia da sétima:

7: Near Field Communication Services

Near field communication (NFC) allows contactless data transfer between compatible devices by placing them close to each other, within ten centimeters. The technology can be used, for example, for retail purchases, transportation, personal identification and loyalty cards. NFC is ranked No. 7 in Gartner's top ten because it can increase user loyalty for all service providers, and it will have a big impact on carriers' business models. However, its biggest challenge is reaching business agreement between mobile carriers and service providers, such as banks and transportation companies. Gartner expects to see large-scale deployments starting from late 2010, when NFC phones are likely to ship in volume, with Asia leading deployments followed by Europe and North America.

[NFC](#) permite troca de informação entre dispositivos em um raio pequeno [tipicamente 10cm] e é uma extensão da tecnologia por trás de RFID e dos cartões de transação sem contato. desde o princípio, o padrão foi pensado para estender a gama de transações usando telefones celulares. as transações usando NFC, claro, não passam pela mesma infraestrutura de dados da operadora, a menos [e os casos são muitos] que ela opere, também, a infra de NFC.



o gartner incorporou NFC em sua lista até porque alguns dos outros serviços de grande perspectiva de negócios no futuro próximo também listados têm a ver com ou dependem [pelo menos em parte] de NFC, como [pagamentos móveis](#), [serviços baseados em localidade](#) e [monitoramento pessoal](#) e de serviços associados à saúde, como a embalagem de comprimidos que “conversa” com o celular na figura abaixo.



mas a utilização de NFC ultrapassa em muito tais limites: pense em qualquer tipo de identificação, desde a chave da porta de sua casa ao cartão de embarque do próximo vôo [veja abaixo], passando pelo crachá da empresa e cartões de acesso a todos os tipos de serviço que, por trás, você poderá estar usando, em breve, algum tipo de sistema que depende de NFC.



e o melhor é que pode ser, para todos os serviços, o mesmo chip, embutido no celular que já anda com você o tempo todo. busque o filme, escolha a sala, depois a cadeira, compre o ticket, que ficará depositado no celular e que, depois de lido no totem da entrada do cinema, vai lhe dar acesso à diversão. processos equivalentes podem ser pensados para quase tudo onde, hoje, precisamos obter alguma espécie de ticket para conseguir algum tipo de produto ou serviço.

se você está pensando que já existe algo parecido no seu celular, que atende pelo nome de bluetooth. existe mesmo. só que o tempo para estabelecer uma conexão bluetooth [$>5s$] é muito maior que o de NFC [$<0.1s$], apesar do primeiro ser cinco vezes mais rápido e ter um alcance cinquenta vezes maior. o tempo quase imediato de estabelecimento da conexão e o alcance muito limitado são vantagens essenciais para NFC.

imagine que você programou a aplicação que usa NFC para realizar, automaticamente, transações de pequeno valor, tipicamente as associadas a sistemas de acesso a transportes públicos [ou a máquinas de venda de refrigerantes, por exemplo]. isso é muito legal e economiza tempo quando se usa NFC, porque você tem que estar a 10cm da catraca de entrada do metro –o que quer dizer **na** catraca- para que o dinheiro saia da sua carteira eletrônica para o metrô. e aí não é preciso senhas, biometria, nada. é só chegar perto. usando bluetooth, tudo o que estiver num raio de dez metros pode querer conversar com –e tirar dinheiro de- seu celular, o que torna a coisa muito mais lenta, complicada e arriscada.

mas NFC não será usado apenas para pagamentos, identificação ou monitoramento. imagine um canal bidirecional de comunicação de centenas de kilobit por segundo no seu celular [ou qualquer tipo de dispositivo que possa prover ou consumir informação, como uma TV, um display, poster, mapa, ônibus...] e pense nas possibilidades, de jogos a P2P, incluindo hacking, que é uma [possibilidade muito séria](#), por sinal. o mundo, claro, não é perfeito. na verdade, nunca será, mesmo que vá ficando, para muitas coisas, muito mais fácil de ser usado.

claro que NFC não funciona só para quem tem celular. a tecnologia está embutida em cartões de todos os tipos e, em cingapura [por exemplo] já há [seis milhões de cartões do tipo “contactless”](#) [como o mostrado na figura abaixo] em circulação.



o governo de lá resolver investir pesadamente nos sistemas de captura de transação baseados em NFC, talvez para tornar a ilha-cidade-estado o primeiro lugar do planeta a prescindir de dinheiro em sua forma física, além de reduzir os custos de transação, para as lojas, de 15 a 50%, o que não é pouco.

mas é muito mais provável que o casamento que dê certo, muito certo, no longo prazo, seja mesmo celular e NFC, como demonstra o caso dos celulares [“osaifu-keitai”](#) habilitados com tecnologias do tipo [felica](#), no japon. é esperar pra ver.

[mobilidade: dez tendências para 2012 \[8\]](#)

09.12.09

o gartner group fez um [conjunto de dez previsões](#) para o mercado de mobilidade em 2012, entre as quais está uma para propaganda móvel, que é...

8: Mobile Advertising

Mobile advertising in all regions is continuing to grow through the economic downturn, driven by interest from advertisers in this new opportunity and by the increased use of smartphones and the wireless Internet. Total spending on mobile advertising in 2008 was \$530.2 million, which Gartner expects to will grow to \$7.5 billion in 2012. Mobile advertising makes the top 10 list because it will be an important way to monetize content on the mobile Internet, offering free applications and services to end users. The mobile channel will be used as part of larger advertising campaigns in various media, including TV, radio, print and outdoors.

...de multiplicação do investimento em *mobile advertising* por um fator de 15 nos próximos três anos, de meio bilhão de dólares em 2008 para sete e meio bilhões em 2012. segundo o gartner, isso vai acontecer porque é preciso monetizar as ofertas de conteúdo móvel, que já estão e estarão sendo entregues, em volume muito maior, na internet móvel.

faz sentido: conecte propaganda móvel a [serviços baseados em localização](#), [busca móvel](#), [navegação idem](#), [serviços financeiros](#) e [NFC](#) [ou comunicação a curta distância], que também fazem parte das dez previsões do gartner que estamos tratando neste blog, e você vai começar a ver a articulação entre muitas e importantes cadeias de valor em mobilidade. junte a isso a outras previsões, como a da [strategy analytics](#) de 84% de todo o tráfego da internet, em 2013, será na web móvel. se for verdade [parece muito, para daqui a tão pouco tempo], teremos boa parte de tudo o que rola na web fixa de hoje na web móvel de amanhã, incluindo propaganda. mas pode ser... basta termos bem mais, muito mais *smartphones* na mão de todo mundo.

isso porque os números americanos já mostram que os celulares da classe iPhone, de telas grandes e boa usabilidade, associados a contas de dados de volume ilimitado, são uma mão na roda para propaganda online, como mostra o gráfico ao lado:

US Mobile Phone Users and iPhone Users Who Recall Viewing Mobile Advertising, by Type, Q1 2009 (% of respondents in each group)

	iPhone users	Non-iPhone users
Mobile Web	28.4%	10.7%
SMS	22.5%	17.6%
Social network	19.6%	7.3%
MMS	17.1%	7.1%
Location-based services	15.4%	4.3%
TV/video	14.8%	5.2%
Mobile radio	9.3%	3.6%
Game	7.1%	3.7%
Any	59.3%	38.2%

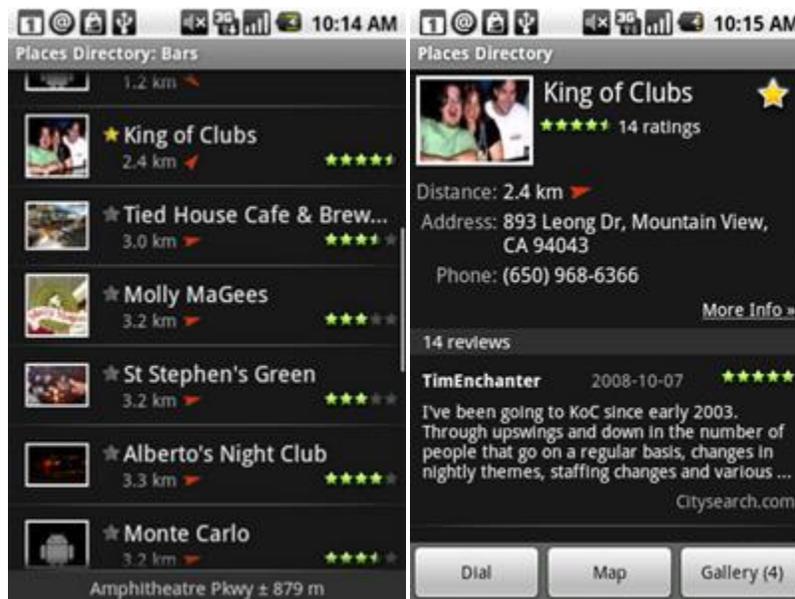
Note: ages 18+
Source: Brightkite, Inc. and GfK NOP Research, "Mobile Advertising Report: 1st Quarter 2009," provided to eMarketer, May 14, 2009

103962

www.eMarketer.com

na web móvel, a porcentagem de usuários de iPhone que se lembra de ter visto um anúncio é quase três vezes a dos outros celulares e, no caso de anúncios em serviços baseados em localização, quase quatro vezes.

mas não só: como um número muito grande de serviços para o iPhone e os celulares android já mostra hoje, entregar propaganda [e conteúdo dirigido] baseada em localização junto com conteúdos e resultados pode ser um ponto de partida para muitos negócios ao redor de mobilidade. quer ver um exemplo? tente [places directory for android](#), pra começar a entender as possibilidades, em parte mostradas nas imagens abaixo..

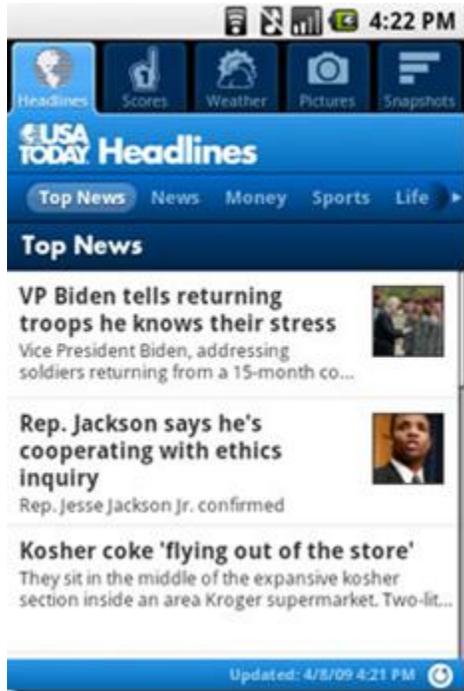


a coisa é simples e [nem original pretende ser](#). mas você nem precisa perguntar nada: trata-se de abrir a aplicação e selecionar, de um menu, o que pode estar perto de você, de bares e restaurantes a hotéis, postos de gasolina, estacionamentos, pontos de táxi e hospitais, tudo comentado e mapeado, direto com as instruções de como sair de onde você está para chegar lá.

junte com marketing, propaganda e, eventualmente, ofertas: se você tem o cartão X, o restaurante Y, ali na esquina, oferece P% de desconto em um dos pratos do dia, se você reservar pela aplicação... para dentro dos próximos 45min. afinal de contas, você está perto e sabe disso. e o restaurante, depois que você clicar, também. e o prato do dia está pronto ou quase. presto.

as possibilidades são gigantescas. [e a conversa é antiga](#). mas só agora, com o aumento muito significativo do número de contas de dados móveis a preços pagáveis [mas ainda não razoáveis] é que o mercado começa de fato a ser formado. meu celular [[um droid, novinho](#)] está associado a uma conta de dados de 600kbps de volume ilimitado, pela qual pago R\$89 mais o custo de

voz, SMS, roaming e por aí vai. ainda não se pode chamar de barato, mas é muito melhor do que trinta centavos por megabyte. isso vai cair de preço; todos os celulares do futuro próximo estarão na internet, porque é lá que tudo está, e não num portal qualquer de alguma tele, debaixo de algum protocolo que não seja IP.



já se disse no blog, mais de uma vez, que num mundo totalmente IP tudo será aplicações sobre um conjunto padrão de infraestruturas e serviços básicos. o tudo inclui fixo –que já está todo sobre IP- e móvel, que ainda tem muita coisa peculiar, controlada integralmente pela operadora.

mas o mercado começa a ficar interessante, como mostra a *app* do usaToday aí ao lado, que entrega notícias e previsão do tempo localizadas nos EUA. e propaganda idem. e o melhor é que qualquer jornal, site ou TV pode fazer o seu, independentemente da operadora, se o celular está na internet.

voz também vai passar pelo mesmo processo, se tornando uma simples aplicação. e vai haver serviços de voz gratuitos: limitados, certamente, patrocinados por um tempo, por alguém. propaganda móvel vai estar em

todo canto simplesmente porque os celulares já estão em todo canto. é só esperar pra ver –e ler e ouvir- no seu, também.

neste mundo onde tudo se torna aplicação [fixa ou móvel, tanto faz] na internet... perguntaríamos você e eu: qual é o papel das operadoras? provedoras, por excelência, da infraestrutura e parte dos serviços de e para conectividade total, fixa e móvel? ainda não se sabe. mas uma resposta tentativa pode muito bem ser... *as que conseguirem sobreviver, sim.*

[mobilidade: dez tendências para 2012 \[9\]](#)

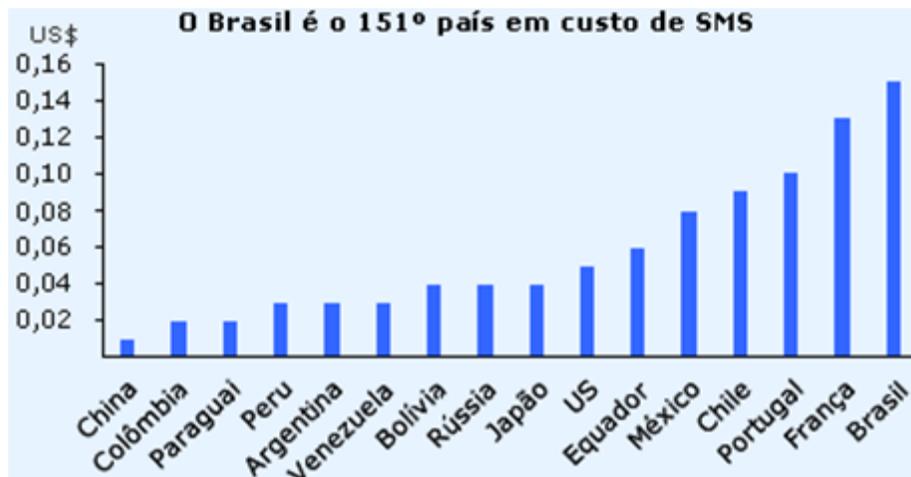
10.12.09

este é o penúltimo de uma série de posts comentando uma lista de [dez previsões do gartner group](#) para o mercado de mobilidade daqui a três anos. já falamos de um monte de coisas, incluindo [serviços baseados em localização](#), [busca móvel](#), [navegação idem](#), [serviços financeiros](#) e [NFC](#) [ou comunicação a curta distância] e hoje é o dia de...

9: Mobile Instant Messaging

Price and usability problems have historically held back adoption of mobile instant messaging (IM), while commercial barriers and uncertain business models have precluded widespread carrier deployment and promotion. Mobile IM is on Gartner's top 10 list because of latent user demand and market conditions that are conducive to its future adoption. It has a particular appeal to users in developing markets that may rely on mobile phones as their only connectivity device. Mobile IM presents an opportunity for mobile advertising and social networking, which have been built into some of the more advanced mobile IM clients.

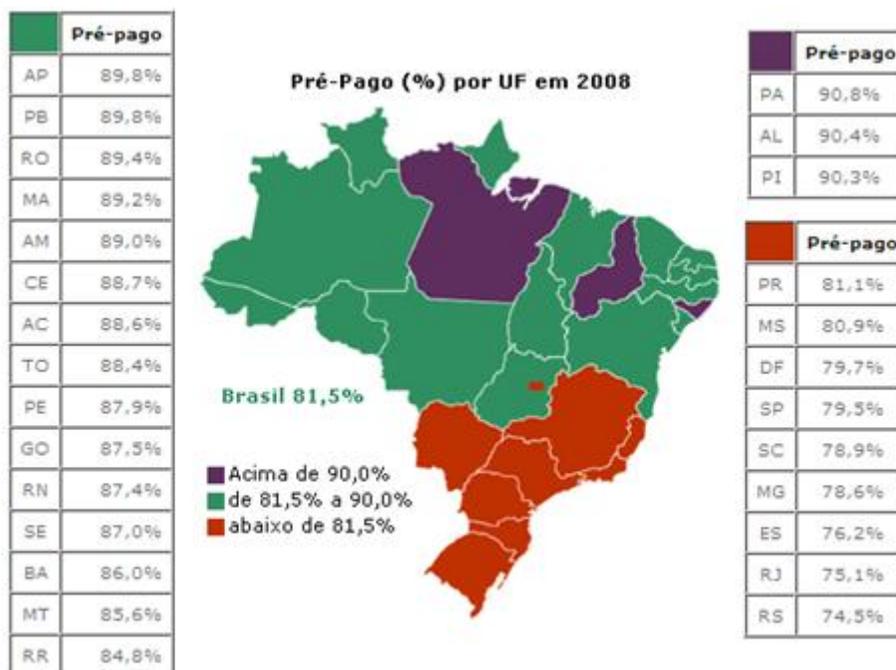
...*chat no celular*, que é pra que seria usada uma infraestrutura móvel e interoperável de mensagens instantâneas. *mobile instant messaging*, ou **MiM**, é o futuro do que hoje, na quase totalidade dos celulares, é feito usando SMS. quem só tem SMS [e não internet e uma conta de dados] o transforma em *emeio* e **iM** e gasta uma fortuna ao fazer isso, pois o brasil tem um dos SMS mais caros do planeta, como mostra o gráfico abaixo.



o título do histograma [[da consultoria teleco](#)] não reflete os dados; melhor seria “**brasil tem um dos SMS mais caros do mundo**”. mas será que, com preços tão altos, as operadoras brasileiras ganham muito com dados? **não**. na venezuela [SMS a US\$0.03], dados são 31% do negócio; no brasil, [SMS a US\$0.15 e mais], dados representam apenas 14% do faturamento. alguma coisa está errada no reino das nossas operadoras. já falamos deste assunto aqui, e em passado

recente, [neste link](#), onde se dava conta que a renda média por usuário nas operadoras celulares brasileiras estava na média da renda da América Latina, isso num país que tem a metade da economia da região.

tudo bem que a distribuição de renda, por aqui, tem consequências; veja o mapa do Brasil, abaixo, mostrando a distribuição de pré-pagos por estado da federação, no fim de 2008.



de lá pra cá, a porcentagem de pré-pagos aumentou, como mostra a tabela abaixo, da consultoria teleco [clique na figura para ir ao texto sobre o assunto].

	Out/08	Dez/08	Set/09	Out/09
Celulares	144.795.618	150.641.403	166.120.788	168.037.030
Pré-pago	81,24%	81,47%	82,21%	82,27%
Densidade	76,22	79,17	86,67	87,60
Crescimento Mês	4.007.056	3.589.006	1.581.771	1.916.242
	2,8%	2,4%	1,0%	1,2%
Crescimento Ano	23.815.515	29.661.300	15.479.385	17.395.627
	19,69%	24,52%	10,28%	11,55%
Crescimento em 1 ano	30.105.314	29.661.300	25.332.226	23.241.412
	26,25%	24,52%	17,99%	16,05%

Nota: celulares ativos na operadora. Densidade calculada com a projeção de população do IBGE para o mês respectivo.

tentando montar o quebra-cabeças, é mais ou menos óbvio que 1] as operadoras deveriam oferecer serviços de conectividade e interatividade baseados em dados [e não em voz] mais

interessantes e a preços mais razoáveis e 2] que estes serviços deveriam considerar os mais de 82% dos celulares pré-pagos de forma criativa e inovadora, principalmente nas regiões verde e azul do mapa.

mas cadê que alguma operadora aparece com um serviço de **iM** barato [tipo de custo mensal fixo...], sempre ligado, nem que seja entre seus próprios celulares? tecnologia não é problema: dá pra embutir isso, hoje, em quase qualquer celular. a demanda existe: quem não iria querer conversar mais, via **iM**, pagando menos, num universo de quase 170 milhões de celulares, 82% dos quais pré-pagos?...

como se não bastasse, as vantagens são reais para as operadoras: como todas oferecem os mesmos serviços, um número cada vez maior de pessoas se beneficia da portabilidade e troca de operadora como quem troca de camisa. um serviço **iM** de baixo custo entre números de uma mesma operadora [por exemplo, e claro que não é o ideal] seria parte fundamental de um cardápio de ofertas para aumentar a fidelização. mas isso é inovação, e inovação dá trabalho, tem risco, precisa de investimento.



resultado? meu [droid](#) roda [nimbuzz](#), um cliente de IM genérico que agrega minhas contas [skype, gtalk...] e me mantém em contato com colegas, familiares e alunos quase 24h por dia. e de onde eu posso falar com pedro, em casa, quando estou

longe mesmo, sem passar por nenhuma operadora.

explico: nimbuzz e clientes **MiM** similares usam a conta de dados para se conectar a servidores na rede. ou redes sem fio, se seu celular tiver wi-fi. mas você tem que ter cuidado: um amigo passou uma semana no chile com um iPhone ligado, usando tudo o que tinha direito, sobre o *data roaming* nas operadoras de lá. a conta? mais de cinco mil reais em seis dias!... segundo ele, pra nunca mais: a conta do celular saiu mais cara do que toda a viagem, passagens e diárias e restaurantes incluídos.

por isso que meu celular, quando sai do brasil, ganha um chip pré-pago do lugar onde estou, que assim mesmo só é usado pra receber ligações; o resto eu faço de redes sem fio, disponíveis em todo canto, boa parte das quais abertas. é delas que navego, verifico e-mail, acerto contas, transfiro arquivos... e falo com pedro, no brasil, via nimbuzz. no afã de levar todo meu dinheiro, a operadora não leva nenhum.

é neste cenário, para quem tem celulares pré ou pós-pagos, que **MiM** vai ser uma revolução, quando começar a ser entregue pelas primeiras operadoras que investirem na inovação nem tão complexa por trás de sua introdução. e isso sem usar contas de dados de forma generalizada.



no brasil, quem sabe não começa numa das MVNO [*mobile virtual network operator*, operadora virtual de telefonia móvel] que está pra chegar, aparecendo

justamente com ofertas deste tipo, para se diferenciar da geléia geral? ou, quem sabe, justamente por causa da ameaça das **MVNO**, que vão comprar banda comoditizada das operadoras existentes e, sobre isso, agregar suas diferenças, as incumbentes não decidem fazer o que já deveriam estar fazendo há anos?...

uma coisa é certa: coisas como nimbuzz deveriam ser, elas próprias, *commodities* instaladas em todos os mais de 180 milhões de celulares brasileiros. talvez, mais do que banda larga fixa em todo canto, isso seja mais inovador e revolucionário, porque incluiria todos, em todo lugar e verdadeiramente o tempo todo. tomara que chegue antes do [2012 do gartner](#)...

[mobilidade: dez tendências para 2012 \[10\]](#)

11.12.09

já faz um tempo que estamos falando sobre o que pode vir a ser o mercado de mobilidade daqui a mil dias, a partir do que o pessoal do gartner group, renomada casa de estudos dos mercados de TICs chamou de... *Gartner Identifies the Top 10 Consumer Mobile Applications for 2012*, relatório cujo press-release [está neste link](#) e que, se você quiser ler na íntegra, pode comprar [neste outro aqui](#) [pela bagatela de dois mil e quinhentos dólares].

nas últimas nove edições o blog resumiu os achados do gartner com nossa opinião sobre cada uma das seguintes aplicações, na ordem de importância [como mercado] que lhes foi atribuída no relatório citado acima:

1. [transferência de dinheiro usando SMS](#);
2. [serviços baseados em localização](#);
3. [busca móvel](#);
4. [navegação móvel](#);
5. [monitoração móvel de saúde](#);
6. [pagamentos móveis](#);
7. [serviços baseados em comunicação a curta distância](#);
8. [marketing e propaganda móvel](#) e
9. [mensagens instantâneas móveis, ou MiM](#).

pra fechar a série, tratamos hoje da última previsão do gartner, que é...

10: Mobile Music

Mobile music so far has been disappointing — except for ring tones and ring-back tones, which have turned into a multibillion-dollar service. On the other hand, it is unfair to dismiss the value of mobile music, as consumers want music on their phones and to carry it around. We see efforts by various players in coming up with innovative models, such as device or service bundles, to address pricing and usability issues. iTunes makes people pay for music, which shows that a superior user experience does make a difference.

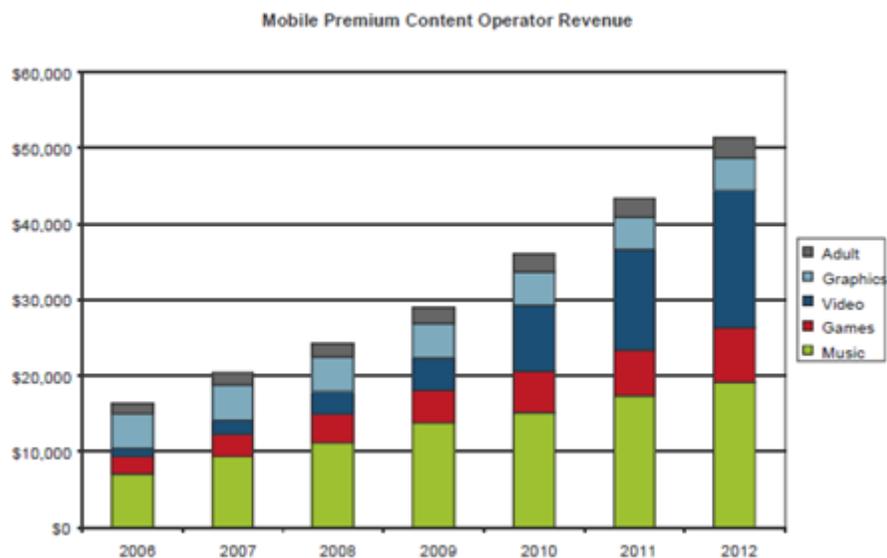
...*música móvel*. e o gartner já começa dizendo o óbvio: que tal mercado, até agora, não deu em muito exceto por *ringtones*, os tons que fazem seu celular parecer diferente de outro igualzinho a ele. este mercado vale bilhões, mas talvez não por muito mais tempo; ele já começa a desaquecer, apesar de ser um dos mais ativos entre as categorias de *infotainment* nos últimos tempos.

também é óbvio que tudo o que transportamos conosco e que puder ser inserido em um celular terá o telemóvel [como dizem os portugueses] como destino. a [vídeo]câmera já foi pra lá, o gravador e o tocador de áudio... o que puder ir vai. e isso vai depender da capacidade do celular, mas não só. disponibilidade dos serviços é um dos condicionantes, assim como [entre

outros] a energia disponível para o celular “rodar” tantas coisas. meu celular poderá tudo e mais [mas menos do que eu ainda –sempre- vou querer]; em compensação, vai precisar de uma itaipu portátil pra funcionar... e aí, claro, não dá.

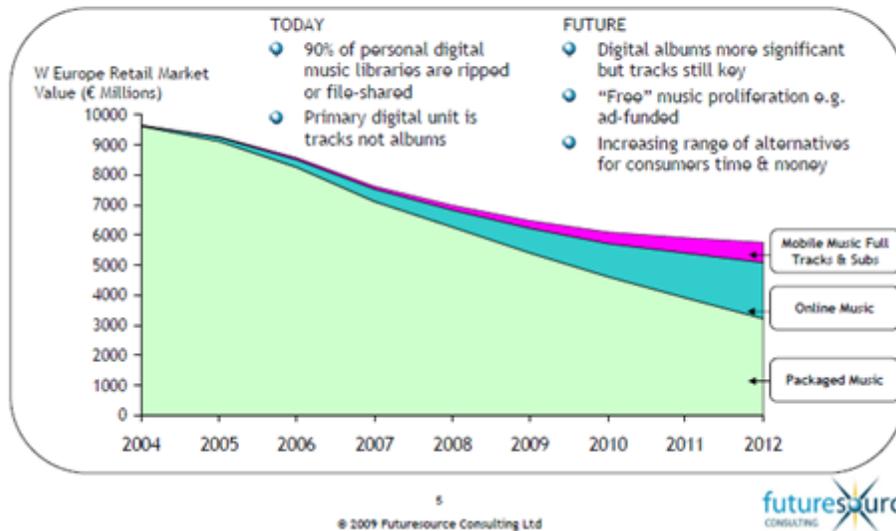
mas vamos ficar, por enquanto, na oportunidade de música móvel que o gartner vê. sobre ela, diriam uns... “já é realidade, é o iTunes”. não, não é. iTunes é parte de um sistema fechado, totalmente controlado pela apple, que consegue extrair uma renda grande e lucrativa no hardware de iPhones e iPods, suficiente para [subsidiar um mercado de conteúdo deficitário](#) desde o começo. e isso é um ponto fora da curva, mas tão fora que a apple tem o único mercado sustentado [e não necessariamente sustentável] de música na rede móvel [ou fixa]. por quanto tempo? não se sabe.

mas dá pra prever que a empresa de cupertino não vai perder dez centavos de dólar por música se perder as margens oriundas de seus dispositivos atuais para um novo entrante, o que sempre acontece. o mercado de música intermediado pelas operadoras móveis, no entanto, não é pequeno, como mostra o gráfico abaixo, da [iSuppli](#):



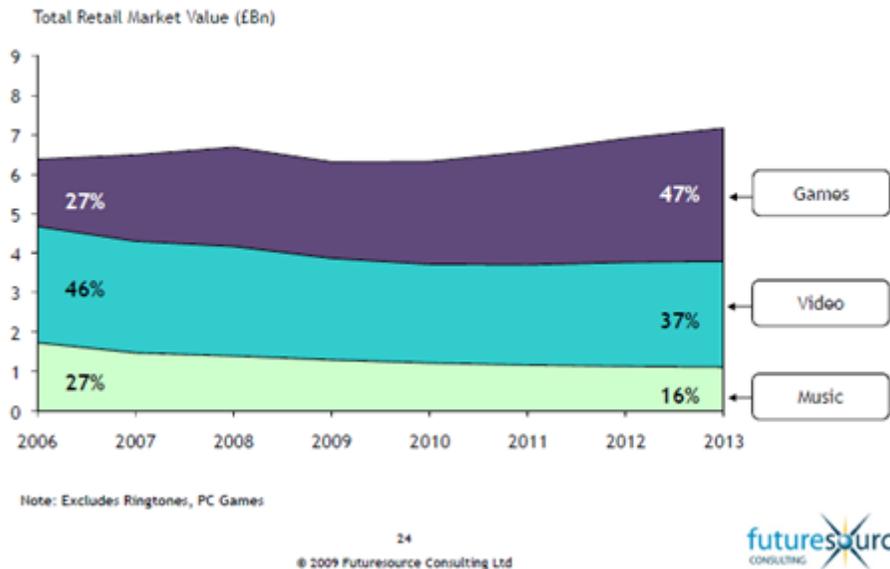
música é a parte verde dos números; comparando com os mais de dez bilhões de dólares de 2008, haveria um crescimento de quase 100% até 2012, o que dá algum suporte adicional à previsão do gartner, mesmo no cenário mostrado pelo gráfico abaixo, que aponta a diminuição da renda total do mercado de música na europa ocidental, feito pela [futureSource](#)...

Total Music Spend Still in Decline, But Digital is Starting to Fill Gap



...que leva a números ainda menos alvissareiros [quando se compara com vídeo e games no mercado inglês](#), um dos mais sofisticados espaços de entretenimento do mundo, que pode ser usado como uma previsão de futuro, guardadas as devidas proporções, para o resto do planeta.

Competitive Spend for Music Pound Increasing

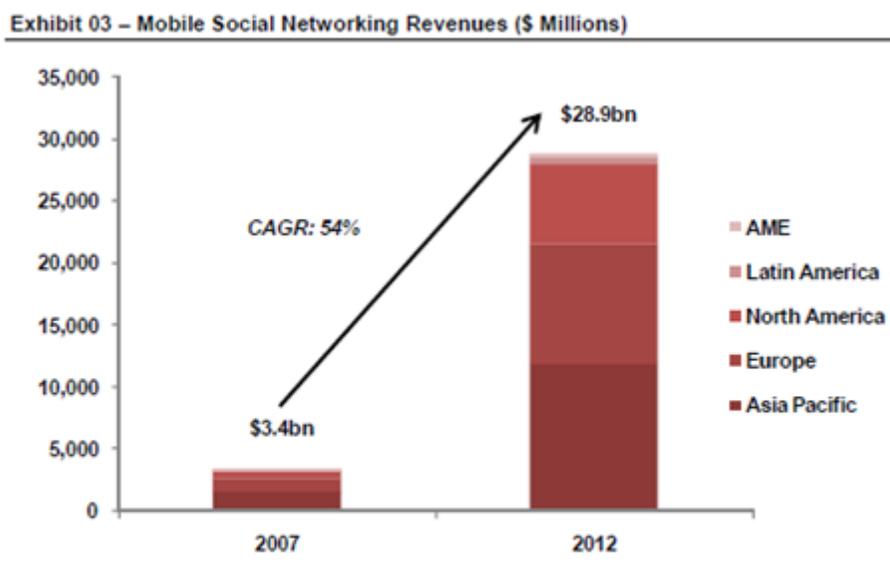


o ecossistema de mobilidade é muito complexo e dá sinais de se tornar ainda mais, como você pode ver neste [relatório da adobe](#); neste contexto, o mercado de música tem suas próprias

complexidades, ainda mais quando se leva em conta os legados de modelo de negócios e tecnologias. pra ter uma idéia da confusão ao redor da remuneração de copyright nos EUA, [clique neste link](#). é de arrepiar.

mas o resumo da conversa, até aqui, é o seguinte: dentro dos próximos três anos, o mercado de música digital vai dobrar de tamanho e uma parte muito significativa deste crescimento pode ser capturada em mobilidade, especialmente se as operadoras cooperarem, inclusive na construção de [modelos sustentáveis de negócio para coisas como spotify](#), que enfrentam obstáculos de licenciamento de catálogo e fluxos para certas regiões geográficas, como o brasil.

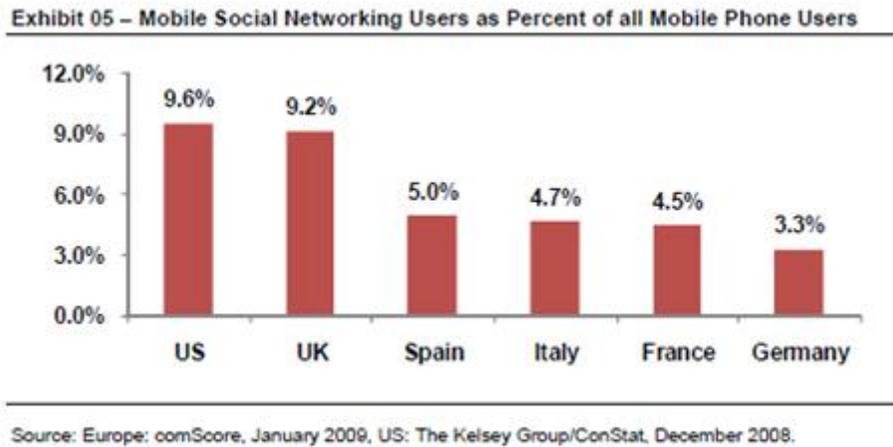
mas o gartner, por melhor que seja, não é o oráculo de delfos; nem tudo está no seu radar e em nem tudo acerta, quando fala do futuro. o que é apenas normal. quer ver uma coisa que pode ser muito importante no futuro próximo [cortesia de planos de dados a preço fixo por mês]? redes sociais móveis. olhe pro gráfico abaixo...



Source: Informa Telecoms and Media, February 2008.

...de um [relatório recente da gpBullhound](#), que prevê um **crescimento do mercado de redes sociais móveis a mais de 50% por ano** até o 2012 do gartner. eu aposto muito mais neste nicho de mercado do que [por exemplo] no de música móvel, neste prazo tão curto. pela simples razão de que redes sociais ainda são [mesmo na web fixa] um mercado à procura de suas fontes de renda, que começam a aparecer aqui e ali, ao contrário de música, onde ainda estamos vivendo a transição [dolorosa] do suporte físico para o fluxo [de dados, música como serviço], enquanto estagiamos no download dos arquivos. e pode levar bem mais do que os mil dias até 2012 para completarmos esta transição.

no caso de redes sociais, ainda estamos perto ou abaixo de 10% dos usuários de celulares usando redes sociais, como mostra o histograma abaixo [para EUA e europa], também da [gpBullhound](#).



o espaço para crescer é claramente imenso; e boa parte do crescimento vai ser natural, simplesmente por haver cada vez mais gente usando contas de dados de preço fixo no curto e médio prazos. agora... que redes sociais móveis podem ter um monte de coisas a ver com coisas móveis [música, clips, rádios...], isso tem. é esperar pra ver.

convergência, teles e PL29

13.12.09



pra quem não sabe, está tramitando na câmara um projeto de lei que visa **ordenar a convergência** digital. trata-se do o [PL29/2007](#), ou simplesmente [PL29](#), que “*dispõe sobre a organização e exploração das atividades de comunicação social eletrônica e dá outras providências*”. este blog tratou do assunto num [longo e detalhado post há cerca de um mês](#). se você quiser mesmo entender este texto, [vá lá ver o artigo original](#) e [clique](#) em alguns links.

semana passada o [PL29](#) foi aprovado pela CCTI e enviado à

CCJ da câmara; a proposição original tem tantos remendos [\[veja aqui\]](#) e tão poucos acordos que pode ficar que nem alma penada, vagando pelas casas legislativas anos a fio. e olha que já está na câmara há quase três anos.

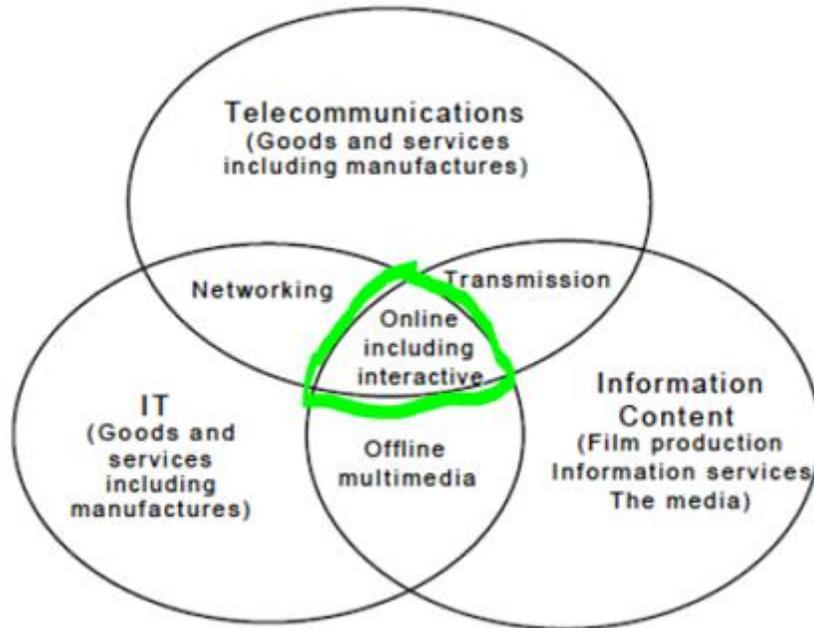
nossa curta conversa de hoje é sobre a declaração de José Fernandes Pauletti, presidente da abraFix, a associação das teles fixas, ao [comentar](#) a passagem do PL29 pela CCTI: *a aprovação é positiva, mas não resolve o problema das teles.*



[segundo pauletti...](#) as prestadoras precisam de alternativas de geração de renda usando suas redes, o que seria possível nos termos do PL29; mas as mesmas teles, pelos termos atuais do PL29, ficarão proibidas de produzir conteúdos ou comprar grandes eventos nacionais. na opinião de pauletti, *conteúdo é o mercado do futuro*, daí sua insatisfação com os termos da passagem do projeto pela CCTI.

o PL29 ainda deve ficar algum tempo no congresso. e talvez seja preciso que fique mesmo. pois assim como tem quem só pense no que é melhor pras teles, tem outra [e grande] galera defendendo o que é melhor pras TVs [e rádios, produtoras,

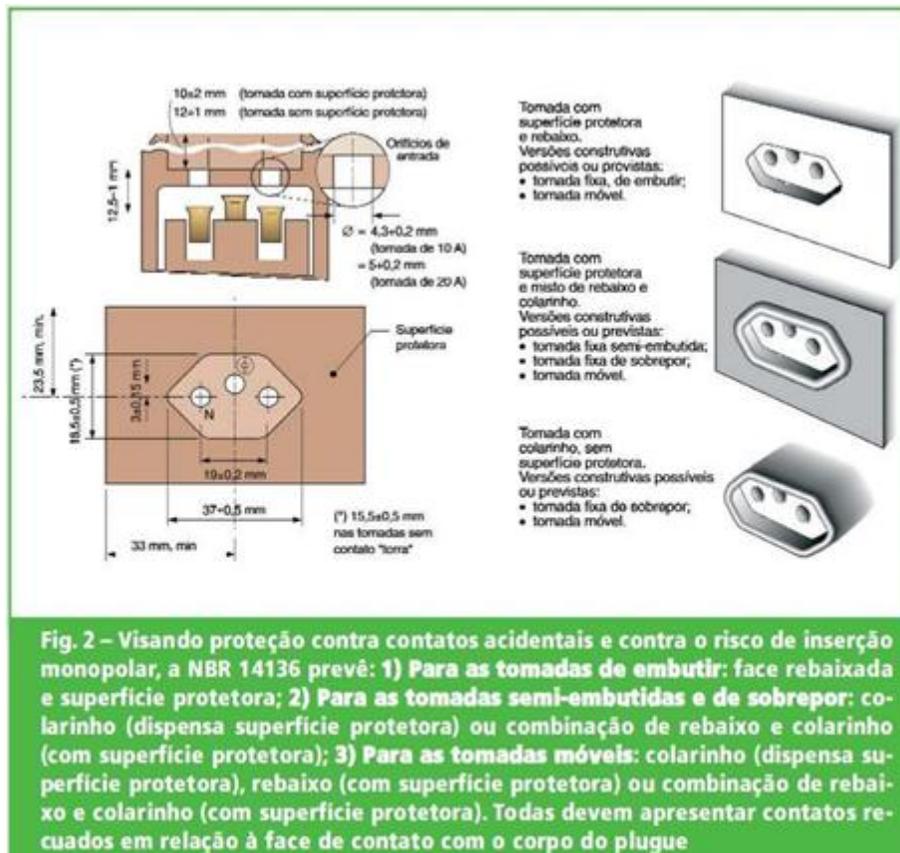
jornais...]. mas o que [não se vê](#) claramente, no meio da multidão, é quem esteja defendendo o interesse das comunidades de espectadores e usuários. que deveriam, aliás, ser justamente o foco da discussão, da regulamentação ou da falta ou desnecessidade dela.



Source: Pattinson Consulting Group, 2003, p.9

do jeito que está indo, o PL29 corre o risco de [revogar a convergência digital](#) [mostrada, por exemplo, na imagem acima], como este blog comentou há pouco tempo. e como isso é mais difícil de controlar –porque virtual e disperso pela rede- do que a “[jabuticaba elétrica](#)”, a genial tomada que só existe no brasil... é muito provável que um PL29 em sua forma atual *não pegue*. pelo menos na internet. já o pessoal de cabo e satélite vai comer o pão que o congresso amassou. e sua audiência idem.

segundo os maldosos, é nisso que dá deixar comitês e comissões tomarem decisões importantes, que podem ser relevantes pra todos. pra ver no que deu no caso da jabuticaba elétrica, clique abaixo pra saber porque você vai ter que trocar todas as suas tomadas e plugs nos próximos dez anos, e como um simples comitê criou um mercado do nada, desnecessariamente.

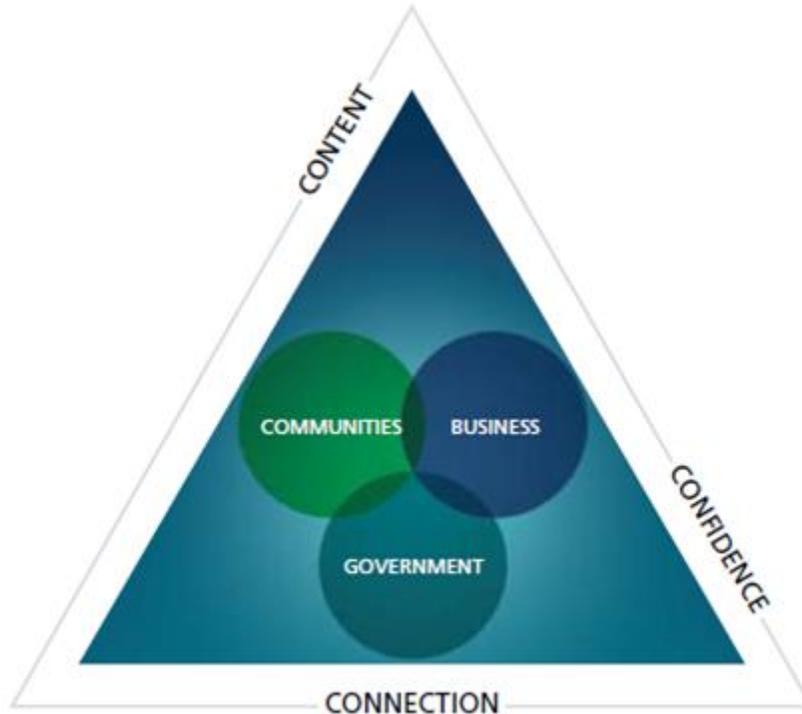


à exceção do diagrama acima, todas as outras imagens deste texto saíram de um [documento neozelandês equivalente ao PL29](#); lá no meio do texto deles, se lê que...

For New Zealand content to be visible and widely used by New Zealanders, it needs to be more relevant, important and easily accessible to New Zealanders than overseas content, and well enough designed by way of metadata and other descriptors so that it can surface among the masses of international content.

*...para o [conteúdo neozelandês](#) se tornar visível e largamente usado por neozelandeses, ele **precisa ser mais relevante, importante e facilmente acessível** aos neozelandeses do que o conteúdo internacional e seu desenho deve ser bom o suficiente para fazê-lo aparecer no meio da enxurrada de conteúdo internacional.*

threatened as the audience and market fragments. Traditional content distinctions based solely on the delivery mechanism are becoming less relevant, as more content is being made for multiple channels of delivery and income generation.



...e, depois disso, partiram pra transformar a nova zelândia em um dos pontos focais da economia criativa no mundo, levando em conta as **responsabilidades** do **governo**, as **necessidades** das **comunidades** e os **interesses** dos **negócios** [e não qualquer outra combinação das mesmas palavras]. e nós não.

vai ver que é por falta de tais definições, aqui, que todos os setores da economia de mídia e conteúdo estão disputando nacos do PL29 às tapas: é porque nós não conseguimos, ainda, encontrar um conjunto de **propósitos** verdadeiramente **brasileiros**, de **classe mundial** e, a partir daí, uma **estratégia** para realizar o que queremos. sem isso, nem pauletti nem ninguém será atendido, seja lá quando e qual PL29 for aprovado.

[mobilidade: as previsões](#)

16.12.09

a próxima fronteira do uso de nossa capacidade pessoal e móvel de comunicação, comunicação e controle [C3] são as aplicações que podem funcionar no celular ou serem acionadas por ele. tal mercado de mobilidade vai de sistemas baseados em localização a aplicações baseadas em comunicação a curta distância e pagamentos móveis.

este blog publicou uma longa série sobre o assunto entre os dias 21 de novembro e 11 de dezembro de 2009 e [este material está reunido em um texto integral que está neste link](#) e que, de quebra, o conjunto inclui dois textos recentes sobre a tramitação do PL29 e o mercado de convergência digital no brasil.



o PL29 [quando -ou se- virar lei] pode ser um dos condicionantes de tudo o que pode acontecer -ou não- no seu celular, porque interfere [ou vai interferir] em tudo o que tenha a ver com conteúdo, mídia e rede. talvez valha a pena ler sobre o PL29 para você mesmo fazer suas previsões -fixas ou móveis- para 2012.

[pegue o pdf](#). boa [leitura](#). e faça suas próprias [previsões](#). e vá atrás [delas](#).

de e-gov para... gov

17.12.09

estive esta semana em porto alegre para um [seminário de inovação em governo eletrônico](#) promovido pela secretaria do planejamento e gestão do rio grande do sul.

um número muito grande de ações de governo já é realizado, hoje, sobre suporte eletrônico. lá no rio grande, o [portal de serviços de governo](#) lista mais de 700 serviços de interesse de cidadãos e empresas, de nota fiscal *eletrônica* à localização das lombadas *eletrônicas* nas ruas de porto alegre e seus limites de velocidade.

o que nos leva a perguntar: é possível, hoje, governar sem uma infraestrutura de *hardware*, *software*, *serviços* e *aplicações* que dê suporte aos *processos de negócios* que costumamos chamar de governo? não, não mais.

só pra dar um exemplo, é impensável trazer de volta para o papel e para a conferência e análise manual todo o processo associado ao imposto de renda de pessoa física. imagine o caos. o que é preciso, por outro lado, é evoluir o processo do IRPF pra gente só declarar alguma coisa se achar que deve [ou tem contas a ajustar com a receita]. mas voltar atrás, ao papel, jamais.

todo governo, o “gov” de tudo, começa a ser “e-gov”. e bem mais cedo do que se pensa vamos prescindir do “e-” e voltar a chamar o governo de “gov”, simplesmente.



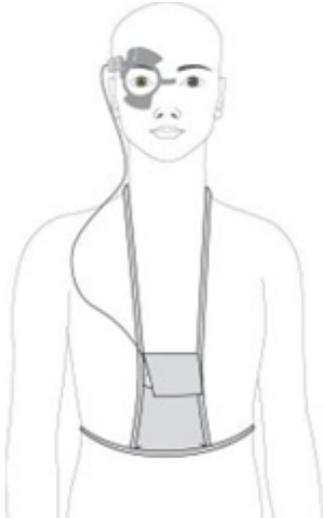
o mesmo deve ter acontecido quando os egípcios começaram a usar matemática para medir áreas com precisão e melhorar a cobrança do imposto territorial há mais de 3.500 anos. no começo, o processo provavelmente tinha um nome parecido com “m-gov”, para “governo usando matemática”. com o passar do tempo, com todo mundo entendendo como usar e usando a nova ferramenta dentro e fora do governo, o “m-” tornou-se não apenas natural mas lugar comum e, presente em todo canto, desapareceu.

é o destino do “e-gov”: presente e essencial em todas ações de governo, vai se tornar, de volta, “gov”. os slides da minha apresentação? [neste link](#).



um [novo] olhar eletrônico

19.12.09

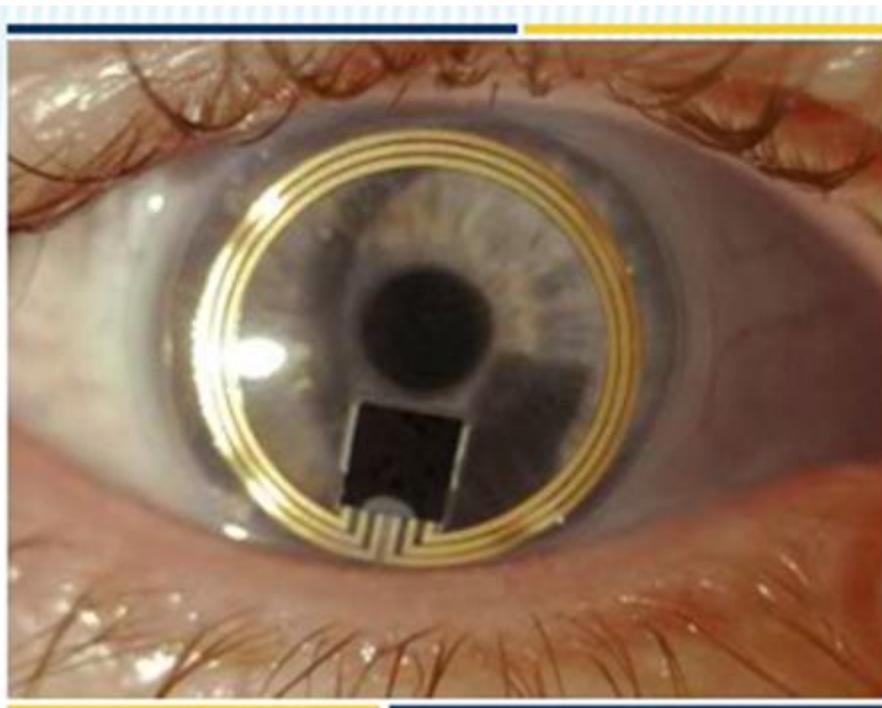


a [sensimed](#), da suíça, lançou um sistema que permite acompanhar pacientes de glaucoma vinte e quatro horas por dia. pra quem não sabe, o glaucoma é uma doença insidiosa: acomete 4% da população mundial acima de 40 anos, é assintomático, progressivo e, não tratado, implica em perda total de visão.

o tratamento adequado da doença pode exigir de monitoramento contínuo da pressão intraocular, o que o sistema [triggerfish](#) faz. o desenho ao lado mostra o esquema da coisa, composta por 1} uma lente de contato que tem um sensor [MEMS](#) e um processador de [telemetria](#) embutido; 2} uma antena [colada ao redor do olho] e cabo de dados, que conecta a antena ao 3} gravador digital carregado pelo paciente e, por fim [e que não aparece no diagrama] 4} software que captura, processa e diagnostica a

informação armazenada no gravador.

deixando todo o resto de lado, por enquanto, a parte revolucionária do sistema é a lente de contato com os sensores e processadores embutidos, mostrada na figura abaixo, que não é simulação: trata-se de uma lente real, num olho verdadeiro, destes que eu e o leitor temos.



esqueça por um momento que a lente que você vê acima é um instrumento médico e imagine as possibilidades de uma lente de contato com hardware e software dentro... que –claro- você pode levar **para qualquer lugar**, no seu olho.

as possibilidades são imensas, começando pelas mais triviais: que tal gravar tudo que você vê e ouve? em cada olho, uma lente-câmera *little brother* capaz de causar arrudagates que fariam o próprio parecer o jardim de infância dos escândalos. [na distopia de orwell](#), haveria um *big brother* capaz de ver, ouvir e controlar tudo, até cada pensamento. no cenário *little brother*, cada um de nós seria capaz de, pelos seus próprios meios, testemunhar, em muitos casos para sempre, o que ocorre ao nosso redor, de uma onda perfeita a representantes do povo enchendo malas, bolsos, cuecas e meias de dinheiro.

mas isso é pouco: imagine as possibilidades de uma mera lente, em seu olho, ser seu ponto de contato com a web: a lente acima está conectada a um gravador da mesma forma que poderia estar conectada à rede. agora, pense nas possibilidades.

e se... você pudesse fazer perguntas, via lente [pela qual receberia respostas] direto às máquinas de buscas, sistemas de informação e repositórios que estão na rede, mais ou menos num piscar de olhos?...

isso seria o fim da “decoreba”!... ao invés de decorar coisas, a gente ia aprender, na escola, como encontrar respostas [em primeiro lugar] e, depois e mais importante, como descobrir perguntas.

vá pensando. estique os limites. imagine... será que sua lente, no futuro, poderia incluir as funcionalidades que hoje estão, por exemplo, nos celulares mais sofisticados?... por que não? nos quarenta anos entre 1965 e 2005, a capacidade computacional pelo mesmo preço cresceu um bilhão de vezes; outro bilhão de vezes de multiplicação da capacidade, pelo mesmo preço está acontecendo entre 2005 e 2030. estamos bem no meio de um processo de aceleração gigantesca da capacidade de processamento, partindo de um patamar que não era nem tão trivial assim.

imagine. a lente é só um exemplo. mais lá na frente pode ser seu olho, todo. partes do seu ouvido. e muito mais. por enquanto, é só um novo olhar. eletrônico.

[nicolau, basílio e os armazéns de papai noel](#)

21.12.09



a [lenda do papai-noel](#) é antiga. data pelo menos do séc. IV e talvez da generosidade de [são nicolau](#) [Άγιος Νικόλαος, à esquerda, na imagem] de [myra](#), bispo do que hoje é a cidade de demre, na turquia.

o bispo de myra tem feitos muitos a seu crédito, incluindo ressurreição de crianças assassinadas por um açougueiro, retalhadas e postas num barril para charquear, além de outros milagres menos votados.

nicolau gostava de distribuir moedas aos pobres e tinha a reputação para dar presentes em segredo, o que o ajudou a ser o ponto de partida para o mito de “santa”, em inglês, e de [papai-noel](#) aqui pra nós.

coisa parecida se deve a [são basílio](#) de cesaréia [Άγιος Βασίλειος ο Μέγας], também no séc. IV e também na turquia [hoje, [kayseri](#)]. os santos turcos da época, parece, se pareciam. e gostavam de dar presentes...

daí pra fábrica de brinquedos, trenó e renas voadoras, elfos, cartas para o papai-noel [entregues pelos correios, com resposta e presentes depois...] não foi exatamente um pulo, mas a tradição de natal que conhecemos foi sendo construída ano a ano, reforçada pelo comércio, publicidade... até que noel e natal se tornaram um grande negócio.

mas não só. o espírito de natal ainda existe em muitos e provoca o ressurgimento do melhor que os seres humanos têm, uns para os outros [e para todos], no mundo inteiro. capaz do planeta ser mesmo um lugar onde quase todos queremos viver em harmonia e paz. a tal da paz que parece pairar sobre a terra entre natal e ano novo, quando a esperança pessoal e coletiva se renova no fim do ciclo anual, a despeito de nossas fraquezas e fracassos do ano anterior e das incertezas do ano que vem.



o comércio espera [e ajuda, com propaganda, para] que a gente se lembre de tudo isso e, para replicar um nicolau ou basílio, vá às compras, parte da esperança das fábricas e lojas de ter um “bom ano”. será que, quando a história dos natais for contada num blog daqui a cem anos, as fábricas de presentes de papai-noel terão sido substituídas por uma rede de lojas online que inclui a amazon, americanas [será?] e umas poucas outras?...



pra ter uma ideia da atividade incessante destas novas operações natalinas, dê uma [passeada pelos sites que mostram como funciona, hoje, o varejo online](#), clicando nas fotos mostradas neste post. na foto acima, uma panorâmica interna de um centro de distribuição; abaixo, montanhas de cópias e mais cópias de um dos livros da série harry potter.



será que a [lenda de papai-noel](#) vai mudar? na inglaterra, a semana que antecede o natal representa compras online de setenta milhões de reais por hora, boa parte das quais passa pelo gigantesco armazém da amazon em milton keynes. a foto abaixo, em maior tamanho e resolução, é impressionante. [clique pra ver](#).



será que a fabriqueta de brinquedos está sendo substituída pela china, combinada com armazéns de distribuição onde a montagem dos pacotes para envio é feito por gigantescas máquinas *crisplant* [como a mostrada abaixo] que custam mais de quarenta milhões de reais cada?...



se eu fosse você, clicava na imagem acima; ela leva a uma série de 12 fotos sobre um dos mais de dez armazéns da amazon.

será que o trenó de noel, puxado por suas renas mágicas, desaparecerá em prol da modernidade de muitos milhares de aviões de carga que entregam de um tudo pelo mundo afora? clique na foto abaixo, do pátio de aviões da fedex em memphis, pra ter uma idéia do tamanho e complexidade da operação de entrega dos presentes do papai-noel em nossos tempos...



mais radicalmente, será que o varejo online [\[como previsto aqui\]](#) vai acabar com as lojas de tijolo? sobre noel e a história do natal, não sei; é provável que muita coisa mude no longo prazo. mas o imaginário humano parece precisar de lendas como as de nicolau, basílio e do natal. sobre o fim das lojas de tijolo, acho que uma boa parte delas vai desaparecer mesmo. quais? por causa de que outras?... pense, procure ao redor...

enquanto isso, aproveite o fim do ano, o natal e as festas. imagine-se um papai-noel de esperanças, capaz de distribuir parte de sua felicidade para todos os outros, perto e longe de você. lembre-se de que por trás de todos os presentes e suas operações mundiais de fabricação, venda e distribuição, está o natal, pra muitos um natal verdadeiro.

deste blog para você, um feliz natal. pra sempre, enquanto dure...



mídia antiga: anúncios [continuam] sumindo...

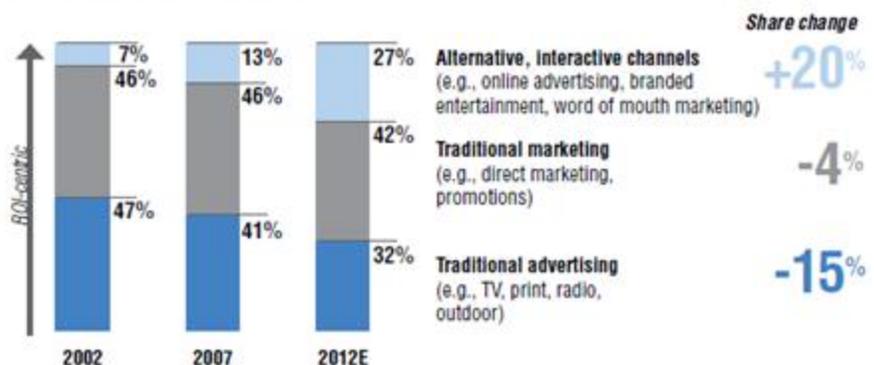
23.12.09

a figura abaixo é de um [estudo recente da IBM](#), *Beyond advertising: Choosing a strategic path to the digital consumer*. segundo o relatório, nos dez anos entre 2002 e 2012, 20% do mercado de propaganda e marketing se mudaria de seu estado antigo [na TV, jornal, rádio...] para as mais variadas formas de redes, sociais inclusive.

pode parecer muito; mas pode ser que a IBM esteja atrasada em suas previsões. no meio

[ainda] da crise americana e no terceiro trimestre deste ano, a receita de anúncios [online caiu 5.4%](#) em relação ao ano passado, o que é um nada perto da [TV aberta, que caiu 22.6%](#) no mesmo período. nos primeiros três trimestres do ano, a TV aberta teve uma perda de anúncios de [15.7%](#), [revistas caíram 19.7%](#), [os jornais 22.8%](#) e [o rádio idem](#). outra medida que é importante notar é a [queda em anúncios em mídias locais](#), de 23.7% no período.

U.S. advertising and marketing share (2002 – 2012E).

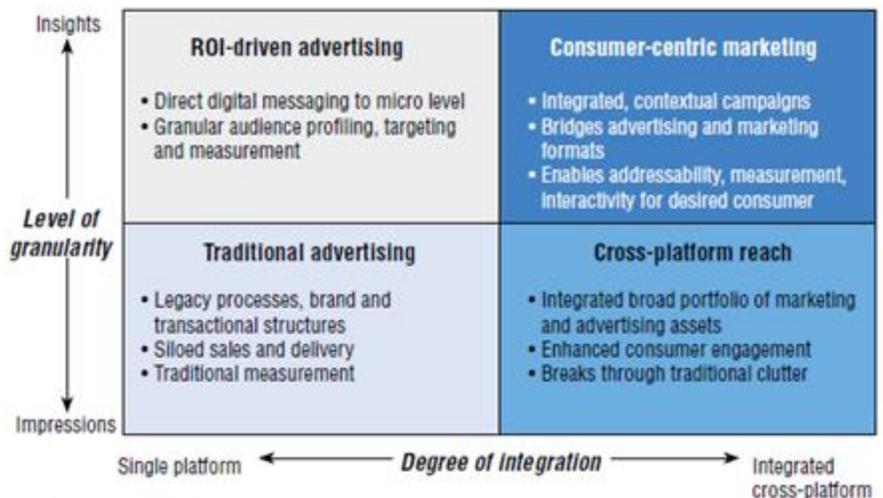


Source: Veronis Suhler 2008 Communications Forecast; IBM analysis.

o gráfico ao lado é sobre isso: *Beyond advertising: a evolução dos modelos de negócio...*

pra quem está no negócio, ou pensando em entrar, o quadrante a ser atingido é o de *consumer-centric marketing*, que está diretamente associado a **conectividade para interação [e comunidades]**, versus o *tradicional*, onde a conversa é sobre **comunicação para disseminação [ou audiência]**.

Beyond advertising: Evolution of business models.



Source: IBM Institute for Business Value.

o texto do relatório [só mais um a focar neste tema] é simples, claro, direto: **audiência já era;** vamos todos **pras comunidades**. isso tá acontecendo muito rápido e este blog chuta que tal velocidade só vai aumentar, à medida que todo mundo vai passar pra web móvel, com smartphones e contas de dados de preço fixo. é só uma questão de tempo, pouco tempo, mesmo no brasil.

duvida? pergunte-se, então, porque google [estava](#) [ou [está?](#)] [tentando](#) comprar [yelp](#)... que não caiu no canto das sereias [de [meio bilhão de dólares](#)] do googleplex e pensa em [fazer um IPO](#)... que poderia ser o primeiro de uma longa série de empresas do negócio de mobilidade e arredores.

[a mobilidade que vem por aí, segundo a morgan-stanley](#)

26.12.09

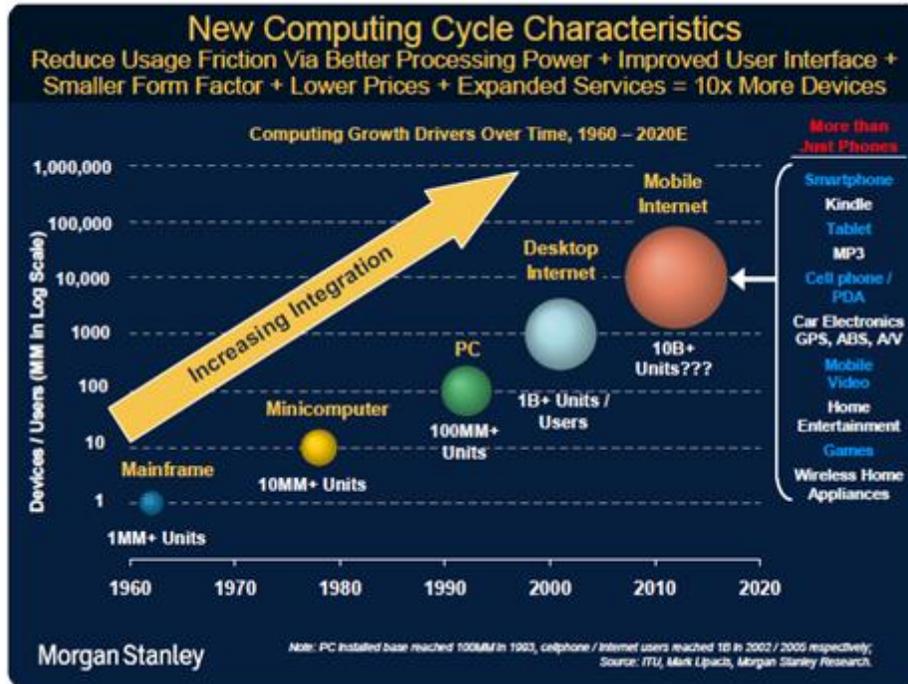
não faz muito tempo, o blog escreveu umas 40 páginas sobre oportunidades de negócio em mobilidade, quase todas centradas em internet móvel, até 2012. [você pode pegar a conversa aqui](#), pra ler no feriado.

mas você pode querer ler muito mais, algo como o megarelatório da morgan-stanley que está na rede em três formatos:

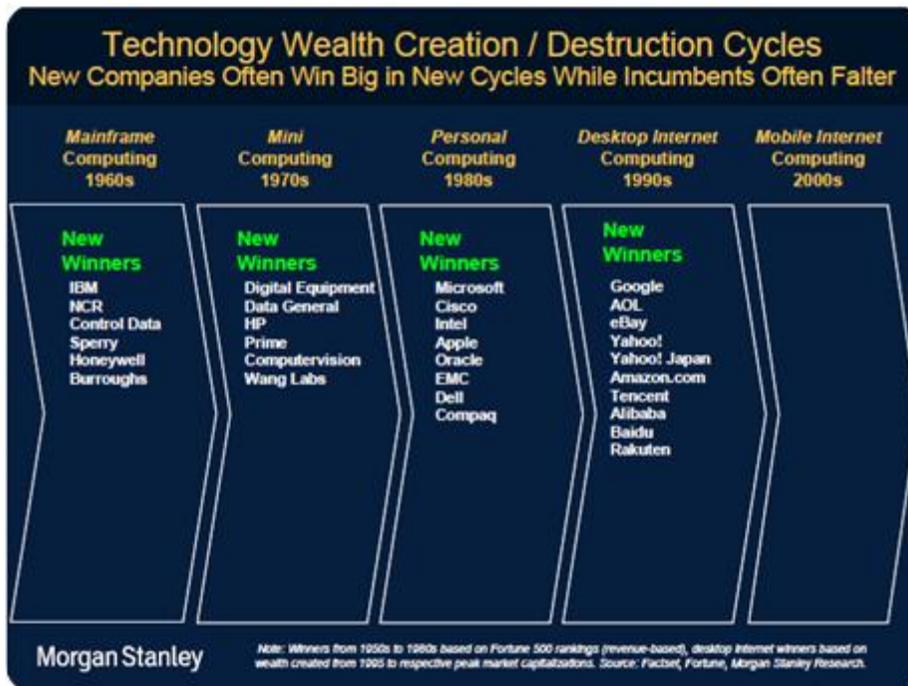
- 1) [“The Mobile Internet Report Setup”](#), 92 slides sobre os principais temas do relatório do item 3;
- 2) [“The Mobile Internet Report Key Themes”](#), nada menos de 659 slides detalhando o tal relatório, em nada menos que 40MB e...
- 3) [“The Mobile Internet Report”](#), um relatório de 424 páginas sobre oito temas escolhidos e incluindo 1 & 2; nada menos que 50MB pra você baixar. pra quem estiver mesmo afim, é leitura e reflexão para o natal, ano novo, festa de reis... até o carnaval e talvez páscoa e são joão.



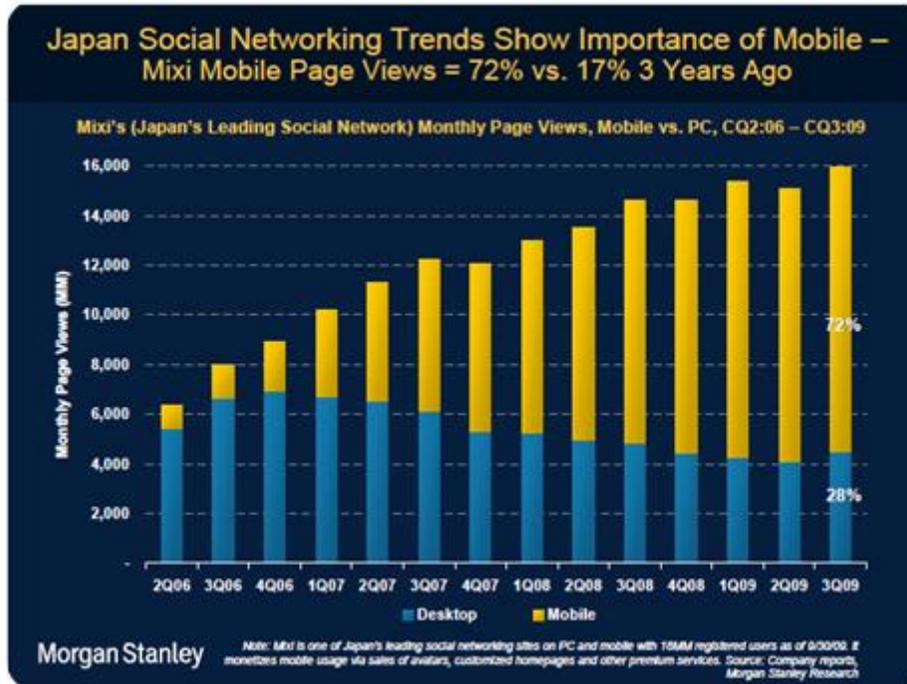
a questão é... vale a pena ler? a resposta é curta: sim. principalmente se você estiver próximo do negócio de mobilidade ou tiver que entender mobilidade para seu negócio, seja lá qual for. vá lá, pegue e, pelo menos, folheie do começo ao fim.



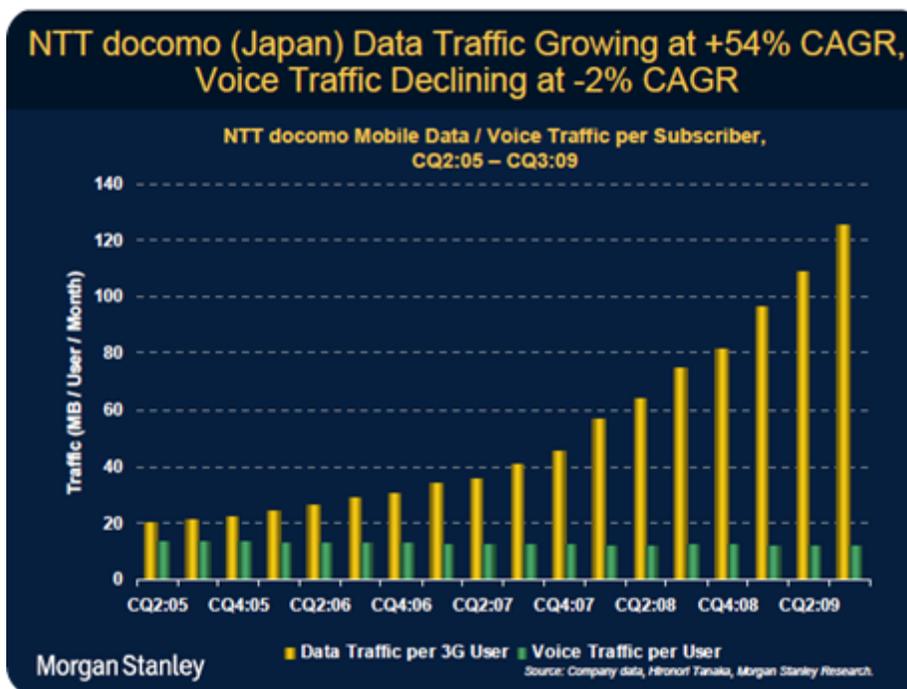
a sistematização da MS é interessante, as observações e sínteses do relatório são relevantes, seja lá o que você quiser fazer, pensar, empreender ou usar de tecnologias de informação e comunicação. móveis.



mas esse “detalhe” pouco importa: móvel, quase tudo vai ser. daqui a pouco TICs vai ser o mesmo, ou quase, que TICs móveis e, aí, vai ser só TICs.

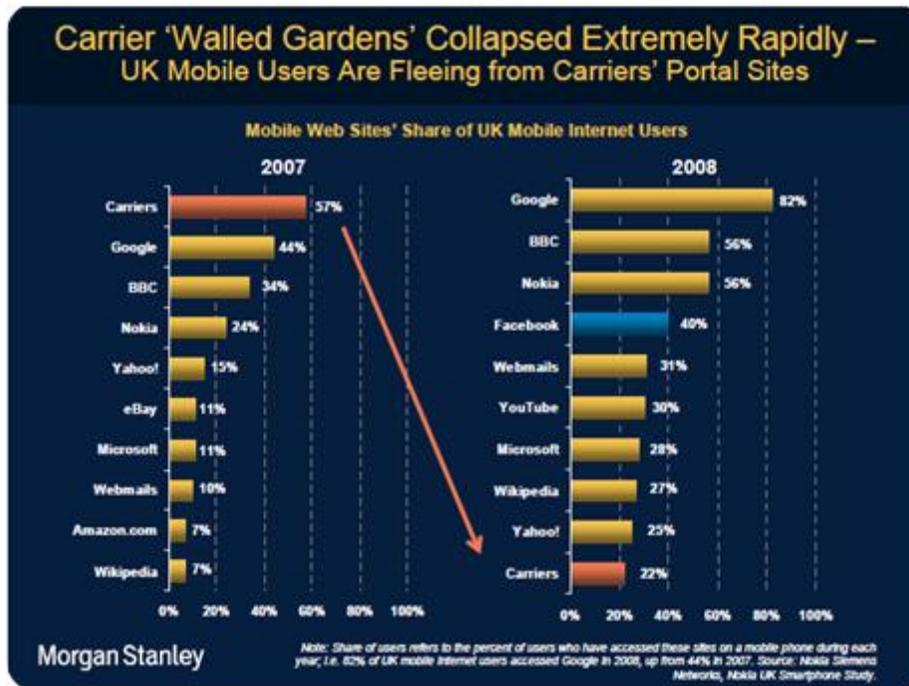


no japão [que seria um lugar que já parece com aquele em que todos estaremos, no futuro móvel], a rede social prevalente já tem mais de 70% de acessos a partir de celulares, contra menos de 30% de *desk* e *laptops*. é o óbvio, confirmado pela M-S: estamos o tempo todo com nossos celulares, e a vida rola o tempo todo, também. nada mais normal do que estarmos nas redes [sociais] em tempo real, dos nossos celulares. vai rolar a mesma coisa aqui, cedo ou tarde.

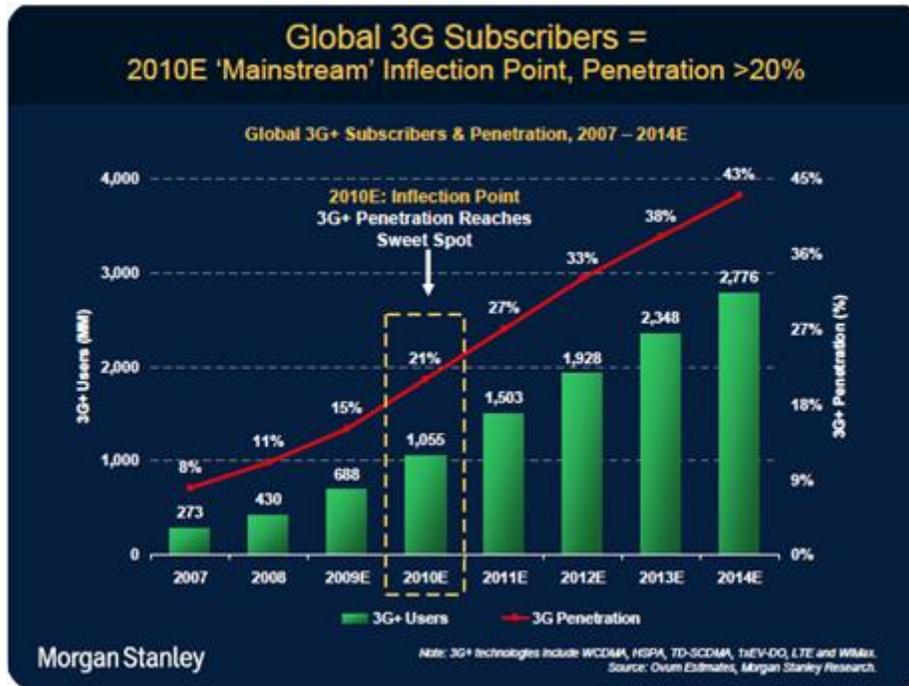


é só olhar o histograma acima, da evolução do tráfego na rede da docomo, no japão: dados cresce mais de 50% por ano, enquanto voz cai 2% por ano. hoje, lá, dados já é dez vezes mais do que voz, e isso não vai ficar assim. lá, voz vai cair ainda mais; e a tendência vai se espalhar mundo afora.

ao mesmo tempo, como a internet móvel é livre, não temos mais que nos prender aos sites das operadoras, como era o caso dos modelos anteriores de acesso à rede, nos quais elas nos faziam passar pelas suas operações *à la minitel*, de serviços que... bem, deixa pra lá. deixe o público escolher e... veja o gráfico abaixo, sobre o acesso à rede, pela internet móvel, na Inglaterra, em 2007 e 2009: as operadoras perderam quase dois terços do tráfego em meros dois anos...



e vai rolar pra todo mundo, é só –como se espera- uma questão de tempo: ano que vem os assinantes de 3G, no mundo, vão passar de 1/5 do total, a caminho de mais de 2/5 em 2014. breve, todo mundo na web: móvel.

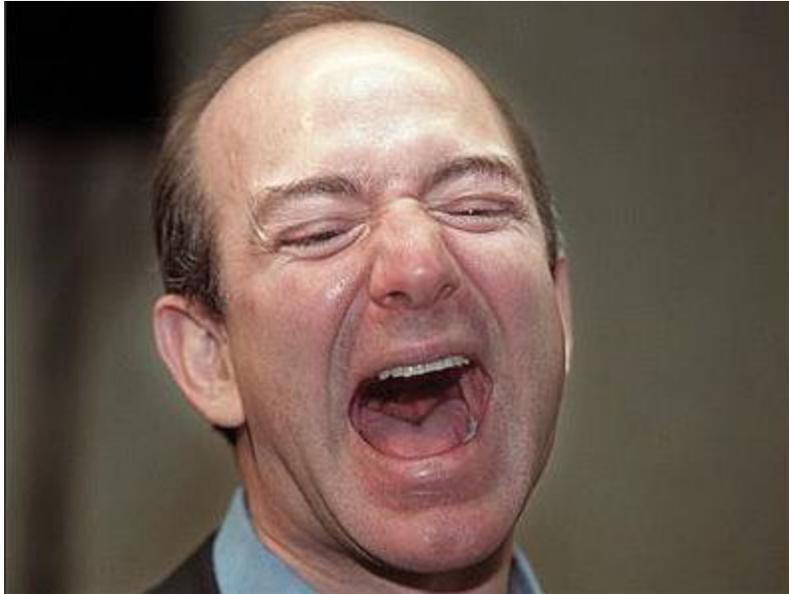


e, você diria, pra que serve, neste cenário, o plano nacional de banda larga? o plano tá atrasado, e muito. e não só no tempo, mas conceitualmente. no topo disso, provavelmente vai levar meia década ou mais pra agregar um “móvel” ao nome. aí vai ser tarde, de novo, pra nós.

o futuro não vem do passado, do que os outros fizeram, mas de dar, junto ou antes deles, os saltos para o próprio futuro. enquanto não soubermos fazer isso, estaremos sempre atrasados... muito atrasados...

kindle: e-books > books

28.12.09

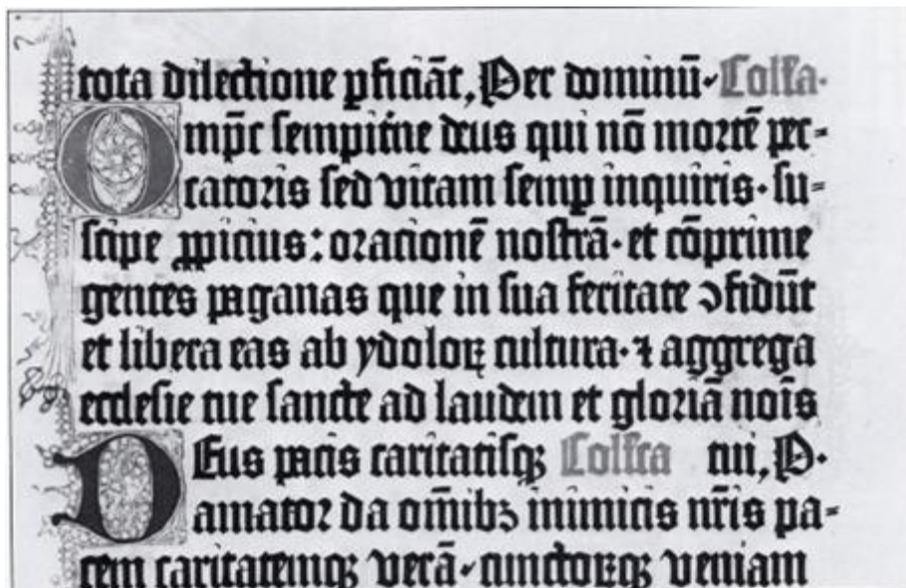


o cara da foto é jeff bezos, da amazon. o que você acha que ele está comemorando?... uma pista é que [a amazon está vendendo, neste fim de ano, mais livros eletrônicos do que de papel.](#)

por que? porque um monte de gente comprou e ganhou kindles no natal e, ato contínuo, resolveu testar se a coisa compra [e traz] livros pela rede, e se os tais e-livros são livros mesmo, destes que a gente lê e coisa e tal.

bem... nem tudo, os livros “e-“ de hoje em dia não chegam nem perto do que serão os e-livros do futuro; pra se ter uma idéia, ainda não há uma rede social, por trás do kindle, pra gente compartilhar nossas anotações de pé e lado de página com as nossas comunidades. mas isso não vai demorar muito a acontecer.

mas... mesmo assim, e até por isso, o kindle é apenas o começo de uma revolução que vai ter um impacto tão grande, nos nossos tempos, como gutemberg e sua galera tiveram no séc. XIV. pena, como diriam os apressados, que demorou tanto.



seu carro, um hotspot

30.12.09

pra quem nao sabe, um hotspot é um lugar onde há acesso à internet via uma rede local sem fio. mais vagamente, é um ponto qualquer onde se tem [acesso a uma rede wiFi](#), da qual se espera uma conexão com a internet.

se depender da ford, wiFi e internet vão ser argumentos para você comprar veículos da marca. por que? basta [conectar seu modem 3G aos carros ford equipados com a tecnologia SYNC](#) e pronto: seu carro inteiro se torna um hotspot wiFi e suas crianças poderão fazer seus deveres de casa já a caminho de casa. e muito mais.



o pessoal do banco de trás vai poder navegar no engarrafamento, você vai ter copilotos muitos com mapas e navegadores de todos os tipos para todos os tipos de trânsito, vai poder fazer a feira de dentro do seu carro... e tudo mais que já pensava em fazer se tivesse conectividade e computação móveis, porque tempo, em trânsitos como o de são paulo, você já tem.

se o pessoal que regula o trânsito estava preocupado com meros celulares e nós, motoristas, falando neles, pode começar a pensar no desafio de regular o uso de conectividade, computação e controle nos carros. e isso pra começar a conversa. porque coisas como SYNC irão muito mais longe: que tal painéis LCD puros [e simples, como o [datasense do nissan GTR](#), abaixo, onde todos os instrumentos são virtuais e programáveis], em todos os carros, em conexão direta com a fábrica, a revenda e **outros carros?**...

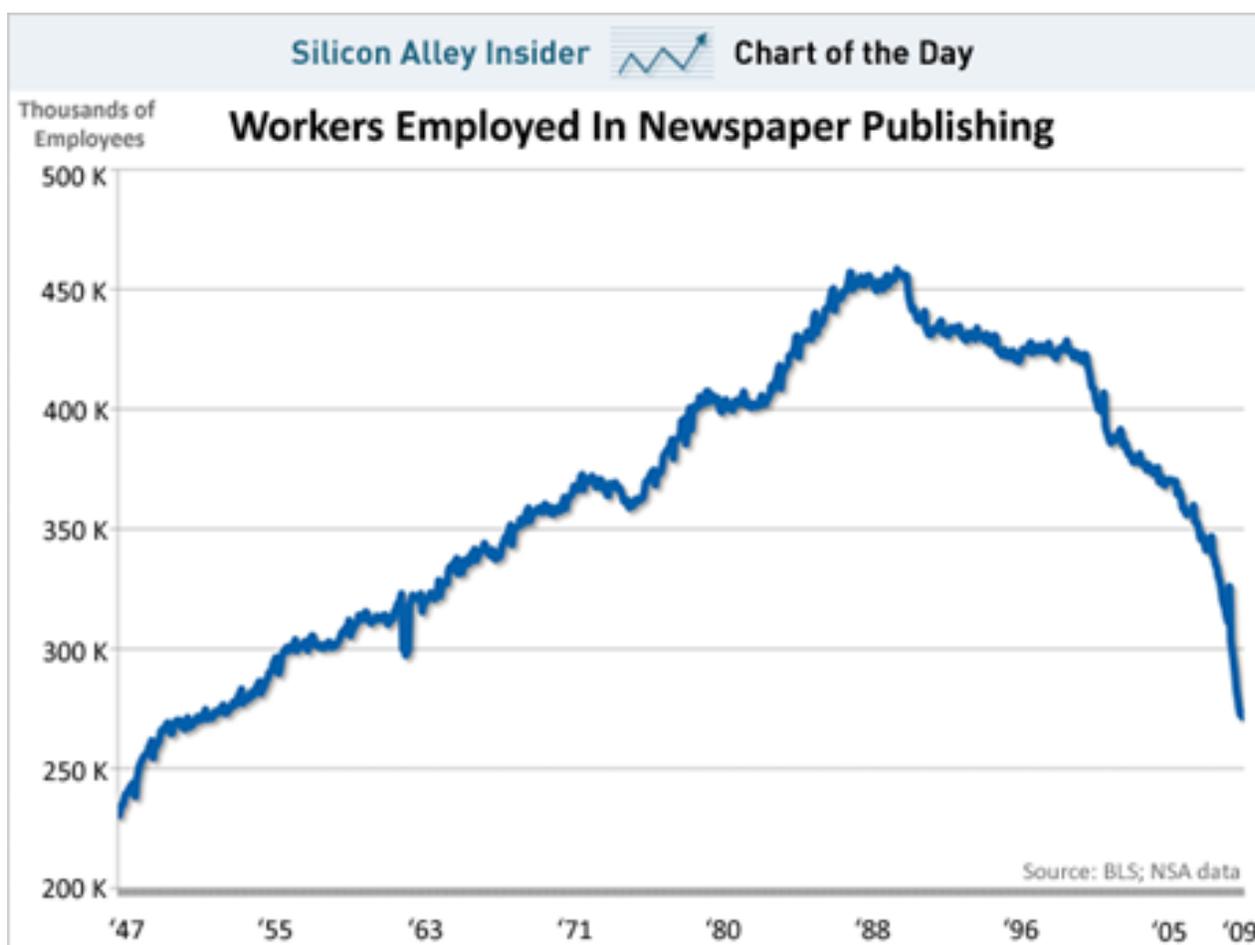


SYNC é por enquanto, uma resposta à pergunta *como manter meus passageiros online no trânsito?*... mas vai acontecer muita coisa até que a pergunta mais geral... *o que eu posso fazer com/num/para veículos online, instrumentados, controláveis e georeferenciados?*... tenha respostas criativas e inovadoras, ao nosso alcance, sem que seja preciso estar ao volante de um GTR. um dia, aliás, vou ter um...

o fim do ano e dos jornais...

31.12.09

warren buffet, aquele que tem um toque de midas para investimentos, já foi um grande fã da indústria da notícia e botou seu dinheiro [e de seus investidores] em jornais. mas isso foi há muito tempo. recentemente, [o oráculo de omaha](#) disse que [não investiria em nenhum jornal](#), seja lá a que preço fosse. pra ter uma ideia do contexto de tal declaração, veja o gráfico abaixo, do [SAI](#).



o emprego, nos jornais americanos, regrediu meio século, para menos da metade do seu auge na década de 80. o gráfico acima mostra dados de ninguém menos que o BLS, o *bureau of labor statistics*, responsável oficial pelos números de emprego nos estados unidos.

no brasil, [estamos pra reviver o diploma obrigatório](#) para o emprego [não necessariamente o trabalho] de jornalista. imagina-se que haverá muitos concursos e vagas na mídia oficial, porque o mercado do que se costumava chamar de mídia, especialmente jornais, não parece lá estas coisas.

para se ter uma idéia do futuro do jornalismo, e descartando a possibilidade de patrocínio, as [contas do marketWatch](#) apontam para uma renda média de US\$0.02 por *pageview*, dos quais se acredita que 25% seja overhead. sem levar em conta os custos de infraestrutura para [disseminação e conectividade](#), um jornalista que espere ter uma renda de US\$40K por ano teria que ter 11.000 *pageviews* por dia de trabalho [ao redor de 250 por ano].

a conta não fecha nem em jornais de renome mundial como o new york times, segundo o marketWatch: o NYT teve 145M *pageviews* em novembro, o que dá menos de 4.000 *pageviews* por dia para cada um de seus 1.250 jornalistas. nos EUA, US\$40K não é um grande salário; mesmo assim, se nem o pessoal do NYT chega perto de 11.000 *pageviews* por dia, lá, imagine aqui, onde nem banda pra isso temos, ainda.

no longo prazo, a menos que alguma coisa muito diferente esteja para acontecer, vai valer o [princípio de pareto](#), a conhecida lei dos 80-20: 20% dos noticiários em rede terão 80% da [disseminação e conectividade](#) e 20% dos textos terão 80% dos *pageviews*. o resto irá para a lata de lixo da história, será escrito de graça, terá patrocínio de alguma forma... mas deverá estar fora do centro da economia da rede.

o que não significa que não será feito: um grande número de boas [e independentes] fontes de informação começa a ser financiado por grupos de interesse que querem ver certos pontos de vista debatidos abertamente. este é o caso de www.oeco.com.br, talvez o melhor conteúdo ambiental brasileiro, inicialmente patrocinado pela fundação avina e hoje pela fundação hewlett.

mas oEco não é um jornal, nem quer ser; tampouco é mídia oficial, nem cobra diploma de jornalista pra quem colabora com o site. oEco está situado [depois da crise da imprensa escrita, falada e televisada](#). e pode ser um dos bons laboratórios pra se entender o futuro dos noticiários brasileiros.

pra fechar o ano, um jornal muito antigo: abaixo, o facsimile da primeira página do primeiro diário de pernambuco, de 1825, primeiro jornal da américa do sul e ainda imprimindo, diariamente, na assaz populosa cidade do recife. clique na imagem para vê-la em alta definição; vale a pena. e note que, lá no começo, se tratava de um “diario de anuncios” ... exatamente o que vem sendo transferido, dia após dia, para a internet.

DIARIO DE PERNAMBUCO

HOJE SEGUNDA FEIRA 7 DE NOVEMBRO E 311 DIAS
DO ANNO DE 1825

S. FLORENCIO. B.

INTRODUÇÃO

Faltando nesta cidade assaz populosa um Diario de Annuncios, por meio do qual se facilitassem as transacções, e se communicassem ao publico noticias, que a cada um em particular podem interessar, o administrador da Typographia de Miranda e Compenhia se propoz a publicar todos os dias da semana excepto os Domingos somente o presente Diario, no qual debaixo dos titulos de -Compras-Vendas-Leilões-Alugueis--Arrendamentos--Aforamento--Roubos--Perdas--Achados-Fugidas e Apprehensões de escravos--Viagens-Afretamentos-Amas de leite etc., tudo quanto disser respeito a taes artigos; para o que tem convidado a todas as pessoas, que houverem de fazer estes ou outros quaesquer annuncios, aos levarem a mesma Typographia que lhes serão impressos gratis, devendo ir assignados.

Tambem se publicarão todos os dias as entradas e sahidas das embarcações do dia antecedente, portos de onde vierão, dias de viagem, passageiros, cargas, e noticias, que trouxerão. Além disto todas as sema-

nas se darão os preços correntes dos generos de importação e exportação com um attestado de dois negociantes desta praça.

E porque para muitas pessoas seria incommudo dirigir-se a Typographia, para entregarem os seus annuncios, se tem prevenido este inconveniente restando se no Recife no Bolequim da Praça; em S. Antonio na Loja da Gazeta rua de Rosario, e na Boa Vista na Baltea de João Ferreira da Cunha no largo da Matriz taes annuncios, em cujas casas se recebem igualmente assignaturas e se vende este Diario pelo preço de 10 rs. cada folha.

COMPRAS

1. Quem tiver alguma casa terrea nesta Cidade, que não seja de alto preço, dirija-se a rua dos Martirios casa n. D 5 onde achará quem pretende comprar huma tal propriedade.

VENDAS

2. Vende-se, ou afreta-se o Brigue Escuna Americano Abbas de 133 toneladas, em muito bom estado, e prompto de todo o necessario e muito veleiro; quem o quizer comprar ou afre-

silvio lemos meira

www.cin.ufpe.br

www.cesar.org.br

twitter.com/srlm

smeira.blog.terra.com.br

silvio@meira.com